Universidade Técnica de Lisboa
Faculdade de Arquitetura
Curso de Doutoramento em Design

Doutorando:
João Pardal Monteiro

Volume II
Lisboa, dezembro 2012

Pesidente do Júri
Reitor da Universidade Técnica de Lisboa

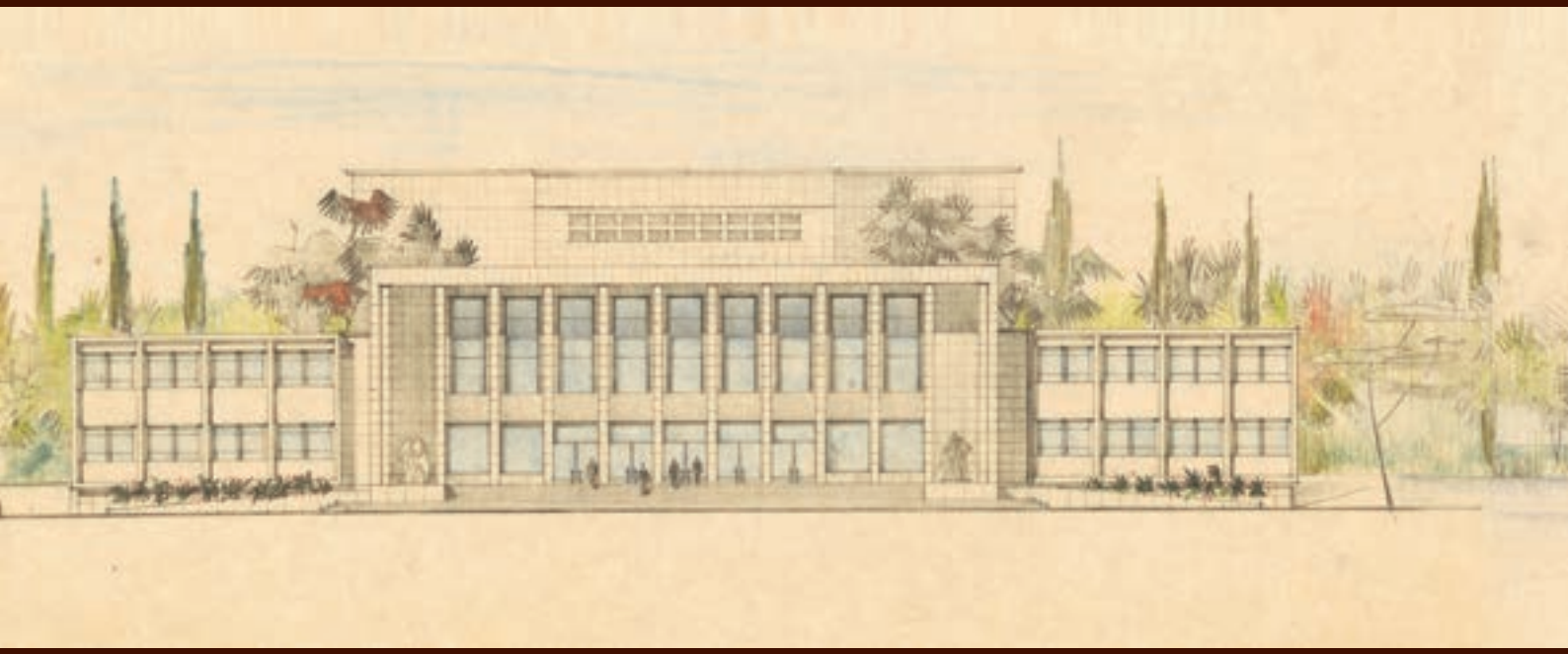
Vogais
Doutor José Manuel da Cruz Fernandes
Professor catedrático
Faculdade de Arquitetura da Universidade Técnica de Lisboa

Coorientador: Doutora Maria Helena Duarte Souto Nunes
Professora associadar
Escola Superior de Design do Instituto de Artes Visuais, Design e Marketing

Doutor Fernando José Carneiro Moreira da Silva
Professor associado com agregação
Faculdade de Arquitetura da Universidade Técnica de Lisboa

Orientador: Doutor António José Morais
Professor associador
Faculdade de Arquitetura da Universidade Técnica de Lisboa

Doutora Sandra Maria Fonseca Leandro
Professora auxiliar
Universidade de Évora



PARA O PROJETO GLOBAL – NOVE DÉCADAS DE OBRA
Arte, Design e Técnica na Arquitetura do atelier Pardal Monteiro

Para o projeto global – nove décadas de obra

Arte, Design e Técnica na Arquitetura do atelier Pardal Monteiro

Faculdade de Arquitetura
Universidade Técnica de Lisboa
Curso de Doutoramento em Design

Dissertação para Obtenção do grau de Doutor em Design
João Pardal Monteiro

Presidente do Júri:
Reitor da Universidade Técnica de Lisboa

Vogais:
Doutor José Manuel da Cruz Fernandes
Professor catedrático
Faculdade de Arquitetura da Universidade Técnica de Lisboa

Doutora Maria Helena Duarte Souto Nunes
Professora associada
Escola Superior de Design do Instituto de Artes Visuais, Design e Marketing (IADE)

Doutor Fernando José Carneiro Moreira da Silva
Professor associado com agregação
Faculdade de Arquitetura da Universidade Técnica de Lisboa

Doutor António José Morais
Professor associado
Faculdade de Arquitetura da Universidade Técnica de Lisboa

Doutora Sandra Maria Fonseca Leandro
Professora auxiliar
Universidade de Évora

Orientador:
Doutor António José Morais
Professor associado - orientador
Faculdade de Arquitetura da Universidade Técnica de Lisboa

Coorientador:
Doutora Maria Helena Duarte Souto Nunes
Professora associada
Escola Superior de Design do Instituto de Artes Visuais, Design e Marketing (IADE)

Lisboa, 5 de Dezembro 2012

Volume II

Anexos – Documentação

Volume II

Índice Volume II
Anexos – Documentação

[Doc.11.01].Lista de Disciplinas e Professores de PPM e APM 5
[Doc.22.01] PPM - Caderno de Encargos do Projeto do Edifício Rau. 7
[Doc.22.02] PPM - Carta ao Sr. Luiz Rau. 11
[Doc.25.01] CML - Carta com parecer sobre a Entrega do Prémio Valmor ao Edificio Rau 12
[Doc.31.01] SOCIEDADE ESTORIL PLAGE - Carta a Porfírio Pardal Monteiro. 14
[Doc.31.02] PPM - Memória Descritiva dos trabalhos do Estoril Plage. 18
[Doc.32.01] PPM - Carta a Luiz sobre honorários do Casino. 24
[Doc.32.02] PPM – Memória Descritiva do projecto do Seminário dos Olivais. 27
[Doc.32.03] PPM- Carta a Duarte Pacheco sobre Casas Económicas 28
[Doc.32.04] PPM- Texto sobre Casas Económicas. 31
[Doc.32.05] PPM- Nota a Carlos Pires sobre Estoril Plage. 40
[Doc.33.01] Texto sobre Funicular entre Lisboa e Almada. 41
[Doc.33.02] CORTEZ, José -Ante projecto para o Monumento em Sagres. 45
[Doc.34.01] NEGREIROS, Almada- *Carta a Porfírio Pardal Monteiro.* 47
[Doc.34.02] PPM - Telas do Projecto da Igreja da Nossa Senhora de Fátima em Lisboa. 51
[Doc.35.01] -. Revista Sudoeste nº2 71
[Doc.35.02] PPM - Espírito Clássico. Revista Sudoeste nº3. 74
[Doc.35.03] NEGREIROS, Almada- *Recibo.* 78
[Doc.35.04] PPM – P*edido de verbas para os trabalho de Almada Negreiros* 79
[Doc.35.05] PPM - *Lista de Obras desde 1922* até 1935. 80
[Doc.35.06] PPM - *Lista de Obras desde 1922* até 1935. 84
[Doc.35.07] PPM - O que conheço sobre Instalações Bancárias. 93
[Doc.35.08] PPM - Memória descritiva do Ante Projecto do Banco de Portugal. 111
[Doc.35.09] RAMOS, Carlos – Representação 35. 138
[Doc.36.01] PPM – memória descritiva do Projecto do Esplêndido Hotel 148
[Doc.37.01] PPM - Caderno de Projectos e honorários. 177
[Doc.38.01] NEGREIROS, Almada – Carta a PPM sobre Entrega de Vitrais da INSF 187
[Doc.38.03] JOURD - Carta A PPM sobre a homenagem a Porfírio Pardal Monteiro. 189
[Doc.38.04] PPM – Discurso proferido por ocasião da sessão de homenagem. 192
[Doc.38. 05] CAMPOS, Dr. Agostinho - *Palestra proferida na Emissora Nacional.* 209
[Doc.39.01] NEGREIROS, Almada - Carta a PPM 212
[Doc.39.02] BADOVICI, Jean - “Harmonies” Intérieurs de Ruhlmann- Document D’Architecture. 213
[Doc.40.01] PPM - Carta a Duarte Pacheco. 239
[Doc.40.02] PPM - Carta presumivelmente a Salazar. 252
[Doc.40.03] PPM – O problema Arquitectural do IST. 269

[Doc.40.04] IST – Relatório sobre PPM 277
[Doc.40.05] IST – Identificação de PPM 281
[Doc.40.06] PPM – A Colaboração de Arquitectos e Engenheiros na Arquitectura Moderna. 282
[Doc.41.01] PPM – Arquitectura e a Indústria. Conferência no Rotary Club 294
[Doc.42.01] PPM – Homenagem ao Mestre Monteiro 299
[Doc.43.01] PPM – Parecer sobre as Obras de Decoração do Instituto Nacional de Estatística. 308
[Doc.44.01] PPM – Tema II. A habitação modesta nos grandes núcleos urbanos. 309
[Doc.45.01] PPM – Caderno de Projectos com números de processos camarários. 316
[Doc.46.01] NEGREIROS, Almada – Carta com a Indicação de que vai elaborar os frescos da Gare da Rocha do Conde de Óbidos. 342
[Doc.46.02] PPM - Parecer acerca dos painéis pintados por Almada Negreiros 343
[Doc.48.01] PPM – Indicação de honorários relativos aos projectos do IST 347
[Doc.48.02] PPM – Nota fornecida a Luiz Teixeira sobre a Exposição das Obras Públicas. 351
[Doc.48.03] PPM – CIPC. Memória Descritiva do conjunto e do Edifício “Limpeza e Moagem”. 354
[Doc.49.01] PPM – Parecer sobre os Frescos de Almada Negreiros 358
[Doc.52.01] PPM - Algumas notas acerca dos programas, estudos e projectos para os Edifícios Universitários de Lisboa. 361
[Doc.53.01] PPM – Memória Descritiva do Ante - Projecto da Biblioteca Nacional. 371
[Doc.54.01] PPM - Memória Descritiva do Ante - Projecto da Faculdade de Direito. 403
[Doc.54.02] PPM - Memória Descritiva do Projecto da Faculdade de Direito. 429
[Doc.54.03] PPM - Memória Descritiva do Ante - Projecto do Ritz. 449
[Doc.54.04] TORRES, Alfredo Torres - *Cartão de parabéns a PPM.* 510
[Doc.55.01] OLIVEIRA, Arantes e - Visita ás Obras da Cidade Universitária de Lisboa por parte dos Senhores Ministros. 511
[Doc.55.02] CANEU - Despacho sobre as observações feitas á visita feita ás obras da Cidade Universitária. 512
[Doc.55.03] PPM – Estudo das alterações ao Projecto da Reitoria, 513
[Doc.56.01] PPM - Memória Descritiva do Projecto para o edifício da Reitoria da Universidade Clássica. 516
[Doc.56.02] APM - Memória Descritiva do projecto para a “Nova Fábrica de Massas e Bolachas”. 537
[Doc.56.03] PPM – Memória Descritiva do Projecto da Biblioteca Nacional. 544
[Doc.57.01] MINISTÉRIO DAS OBRAS PÚBLICAS – O Novo Edifício da faculdade de

Direito na Cidade Universitária. 569
[Doc.58.01] MONTEIRO, Mª Luisa Kopke Pardal – Nota sobre quadro deixado em testamento de PPM ao SNA. 590
[Doc.58.02] LEMOS, Reitor Victor Hugo de – *Algumas observações acerca do projecto do edifício da Reitoria da Universidade de Lisboa*. 593
[Doc.58.03] MINISTÉRIO DAS OBRAS PÚBLICAS – O Novo Edifício da faculdade de Letras na Cidade Universitária. 598
[Doc.59.01] APM – Memória Descritiva do Projecto de Alterações edifício da Reitoria. 617
[Doc.59.02] APM – Nota dos Trabalhos de carácter artístico do edifício da Reitoria. 644
[Doc.59.03] APM – Lista de obras de arte a suprimir na Reitoria 649
[Doc.60.01] APM – Memória Descritiva do Projecto da Ferreira e Filhos 651
[Doc.61.01] APM – Notas sobre o Mobiliário da Sala de Professores, Ante-Sala, Sala de Conferências e Gabinete Conferente. 672
[Doc.61.02] FARINHA, José – memória Descritiva das Grades da Escadaria 675
[Doc.61.03] MINISTÉRIO DAS OBRAS PÚBLICAS – O Novo Edifício da Reitoria da Universidade de Lisboa. 678
[Doc.63.01] APM – Memória Descritiva do Projecto do prédio Eugénio de Sousa. 723
[Doc.67.01] APM – Memória Descritiva da PHILIPS. Fábrica de Matrizes. 727
[Doc.90.01] APM – Texto sobre a Faculdade de Letras e a reitoria da Universidade. 735

Documento 11.01

REFORMA de 1911 (1911-31) - Professores de Porfírio Pardal Monteiro

Diretor	José Luís Monteiro (1912-1929)
Geometria Descritiva	José Alexandre Soares (1903-1929)
02 Desenho e Modelação de Ornato	José Alexandre Soares (1907-1929)
03 Desenho Figura de Relevo	José Simões de Almeida (1915-)
04 Desenho de Figura de Estátua e Modelações	Luciano Freire (1896-1933)
05 Arquitectura Civil	José Luís Monteiro (1912-1929)
06 Pintura	José Veloso Salgado (1895-34)
06 Pintura	José Veloso Salgado (1895-34)
08 Pintura	Carlos Reis (1896-1933)
09 Gravura Artística	J. J. Cabral de Lacerda
10 Escultura	José Simões de Almeida
11 Anatomia	Henrique de Vilhena
12 Geografia	D. José Pessanha
13 História de Arte	João Barreira (1901-1930)
14 História de Arte Moderna	D. José Pessanha
15 Matemática	João Martins Lemos
16 Resistência e Construções	Virgílio Lemos

REFORMA de 1931 (1946-57) - Professores de António Pardal Monteiro

Director	Luís Alexandre Cunha (- 1949) Paulino Montez (1949-67) Subdirector entre (1946-49)
<u>Cadeiras:</u>	<u>Professor:</u>
01 Geometria Descritiva e Estereotomia	Victor Manuel Piloto (anos 30-anos 60)
02 Ornamentação, Estilização e Composição Ornamental	João António Piloto (1929-1950) Victor Manuel Piloto (1950-1957)
03 Desenho de Figura do Antigo e de Modelo Vivo (Desenho de Figura, Cabeça e Torsos de relevo)	Leopoldo de Almeida (1934-1957)
04 Arquitectura	Luís Cristino da Silva (1934-1966)
05 Pintura Luís	Varela Aldemira (anos 40-1965)
06 Pintura	Luís Varela Aldemira (anos 40-1965)
07 Escultura	João Simões de Almeida (-1950) Leopoldo de Almeida (1934-1963)
08 Desenho Arquitetónico e de Construção e de Salubridade das Edificações	Luís Alexandre Cunha (1936-52 e 1953-67) Manuel Rocha Casquilho (1952-53)
09 História Geral da Arte	Joaquim Macedo Mendes (1930-1958)
10 Arqueologia Artística Geral e Portuguesa	Joaquim Macedo Mendes (1930-1958)
11 História, Geografia Histórica e Etnografia	Joaquim Macedo Mendes (1930-1958)
12 Anatomia Artística	João Jaures Ramos Dias
13 Álgebra, Geometria Analítica e Trigonometria Plana. Elementos de cálculo integral e diferencial. Mecânica. (Mecânica, Resistência dos Materiais, Construções Civis)	João Pereira Martins de Lemos
14 Estática Gráfica, resistência dos materiais, Construções metálicas, betão armado e Topografia	Virgílio César Antunes Lemos (-1952) João Pereira Martins de Lemos (1952-53) Eduardo Cansado de Carvalho (1953-57)
15 Urbanologia (1945)	Paulino António Pereira Montez (1946-67)
16 Projectos e Obras de Urbanização (1945)	Paulino António Pereira Montez (1946-67) Alberto José Pessoa (1951-03-02, 1955)

Documento 22.01

MONTEIRO, Porfírio Pardal - Caderno de Encargos do Projecto do Edifício Rau. Lisboa: [Documento dactilografado do Espólio PMA], Março de1922.

PARDAL MONTEIRO
ARQUITECTO

CADERNO DE ENCARGOS

para a execução por empreitada dos trabalhos de pintura para a obra do Sr Luiz Rau, na Avenida da Republica, nº 49.

1º

Os trabalhos de pintura a executar nesta obra são os seguintes: de toda a obra de latoaria; de serralharia; de carpintaria, excepto soalhos; de toda a fachada principal nas partes estucadas.

2º

As portas e grades de ferro da fachada principal serão pintadas no tom do bronze velho.

A serralharia da fachada posterior será pintada a cinzento escuro, excepto a caixilharia de ferro dos jardins de inverno que será pintada a verde.

Os tubos de queda dos algerozes serão pintados no tom das paredes a que encistam.

A grade da escada principal e portas do ascensor serão pintadas a negro em tom que deverá ser escolhido na ocasião.

A claraboia será pintada interiormente a claro e exteriormente a negro.

Todo o trabalho de zinco da fachada principal será pintado a cinzenro escuro, assim como o topo da empena na mansarda.

3º

Na escada prindipal, todas as portas de patins e oguardavento serão pintados a imitar castanho.

4º

As portas interiores das salas da frente e guarnecimentos serão pintadas e pattinadas no tom de marfim velho.

As portas interiores, do corredor e de comunicação entre os quartos serão pintadas a marfim.

As pilastras e arco das ante camaras das casas de jantar, as portas ao fundo das mesmas antecamaras, os guarda vento das corredores em frente das antecamaras serão pintadas a imitar castanho, do tom do das portas das casas de jantar.

As portas da cosinha para a copa, para o corredor e do pequeno quarto junto á cosinha, as vistas interiores das portas da copa e as portadas dos vãos para os terraços, serão pintadas a imitar o castanho claro.

As portas das retretes de creados, lava-roupas e jardim de inverno serão pintadas em cor lisa a dois tons.

Os caixilhos da fachada posterior e laternes serão pintados a branco e as portadas serão pintadas no tom das portas do corredor.

As portas envidraçadas dos vestibulos privativos serão pintadas no tom do castanho na face interna e na outra face serão pintadas no tom que vae indicado para as salas e corredor.

A caixilharia da fachada principal sera pintada a branco.

As portas do ultimo andar serão pintadas em cor lisa a dois tons e as reguas das cosinhas na cor das portas.

59

A fachada principal será pintada a oleo imitando cantaria da cor e qualidade da que está empregada no enbasamento do predio.

Antes de pintar será imitado o aparelho de picola e as juntas das pedras serão acusadas com a maior semelhança de modo a conseguir-se uma perfeita imitação da pedra.

6º

O empreiteiro obriga-se a executar todos os trabalhos com a maior perfeição, podendo o arquitecto mandar modificar ou renovar ~~xxx~~ qualquer trabalho que não satisfaça pela qualidade dos materiaes empregados ou pelo aspecto obtido.

7º

Em toda a obra de madeira a pintar, o empreiteiro queimará todos os nós até tirar toda a rezina e barrando-os a massa de oleo fervido

Dará uma demão de aparelho que depois de bem seca será passada a lixa ou pedra pomes tomando com massa de oleo todas as juntas, fendas ou buracos.

Nenhum limpo poderá ser pintado com menos de trez demãos dobre o aparelho, não podendo dar qualquer demão sem que a precedente esteja bem seca. Na primeira demão a tinta será mais fluida do que nas seguintes.

O oleo a empregar será o de linhaça de 1ª qualidade.

Nas pinturas exteriores será aplicado o oleo de linhaça fervido

Nos trabalhos interiores será empregado o verniz Flatting.

O empreiteiro empregará materiaes da melhor qualidade, obrigando-se a renovar o trabalho todas as vezes que a sua execução não tenha sido a mais perfeita.

8º

Na pintura dos trabalhos de serralharia serão dadas pelo menos trez demãos

9º

A pintura sobre o zinco só poderá ser dada depois de o zinco ter sido decapado pelo menos com 24 horas de antecedencia por meio

PARDAL MONTEIRO
ARQUITECTO

de uma solução em agua de: cloreto de cobre, nitrato de cobre, sal amoniaco e acido cloridrico, em porções eguaes.

10º

O empreiteiro sempre que tenha qualquer duvida sobre a execução de algum trabalho, expô-la-há ao arquitecto, tendo este o direito de mandar refazer sempre que se não tenham cumprido as suas indicações

11º

O proprietario em todos os pagamentos que fizer ao empreiteiro, fará um desconto de 10% como deposito de garantia que será restituido 30 dias depois da conclusão de todos os trabalhos constantes desta empreitada, caso não haja quaesquer deduções a fazer por falta de cumprimento do que é determinado por estas condições, ou do que o arquitecto determinar durante a execução dos trabalhos.

12º

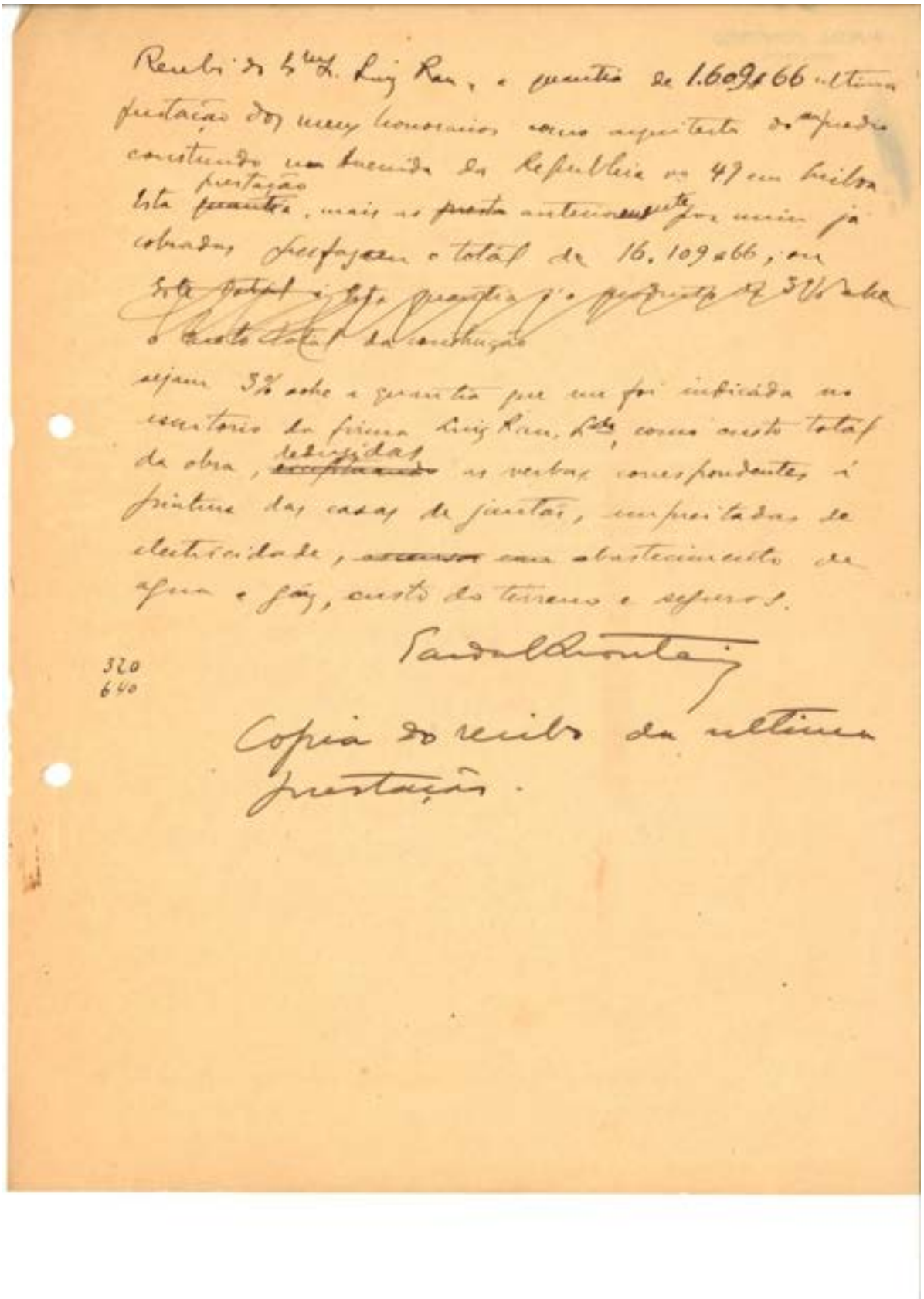
Estas deduções serão eguaes ao custo das reparações, caso o empreiteiro se recuse a faze-las por conta do seu orçamento.

o arquitecto:

22-3-22

Documento 22.02

MONTEIRO, Porfírio Pardal – Carta de Porfirio Pardal Monteiro ao Sr. Luiz Rau. Lisboa: [Documento manuscrito do Espólio PMA], 1922.



Recebi do Snr. Luiz Rau, a quantia de 1.609$66 ultima prestação dos meus honorarios como arquitecto da Empreza constructora da Avenida da Republica no 47 em Lisboa. Esta prestação, mais as prestações anteriormente por mim já cobradas perfazem o total de 16.109$66; ou seja 3% sobre a quantia em que foi orçada o custo total da construção

sejam 3% sobre a quantia em que foi orçada as despezas do custo total da obra, deduzidas as verbas correspondentes á pintura das casas de jantar, empreitadas de electricidade, abastecimento de agua e gás, custo do terreno e seguros.

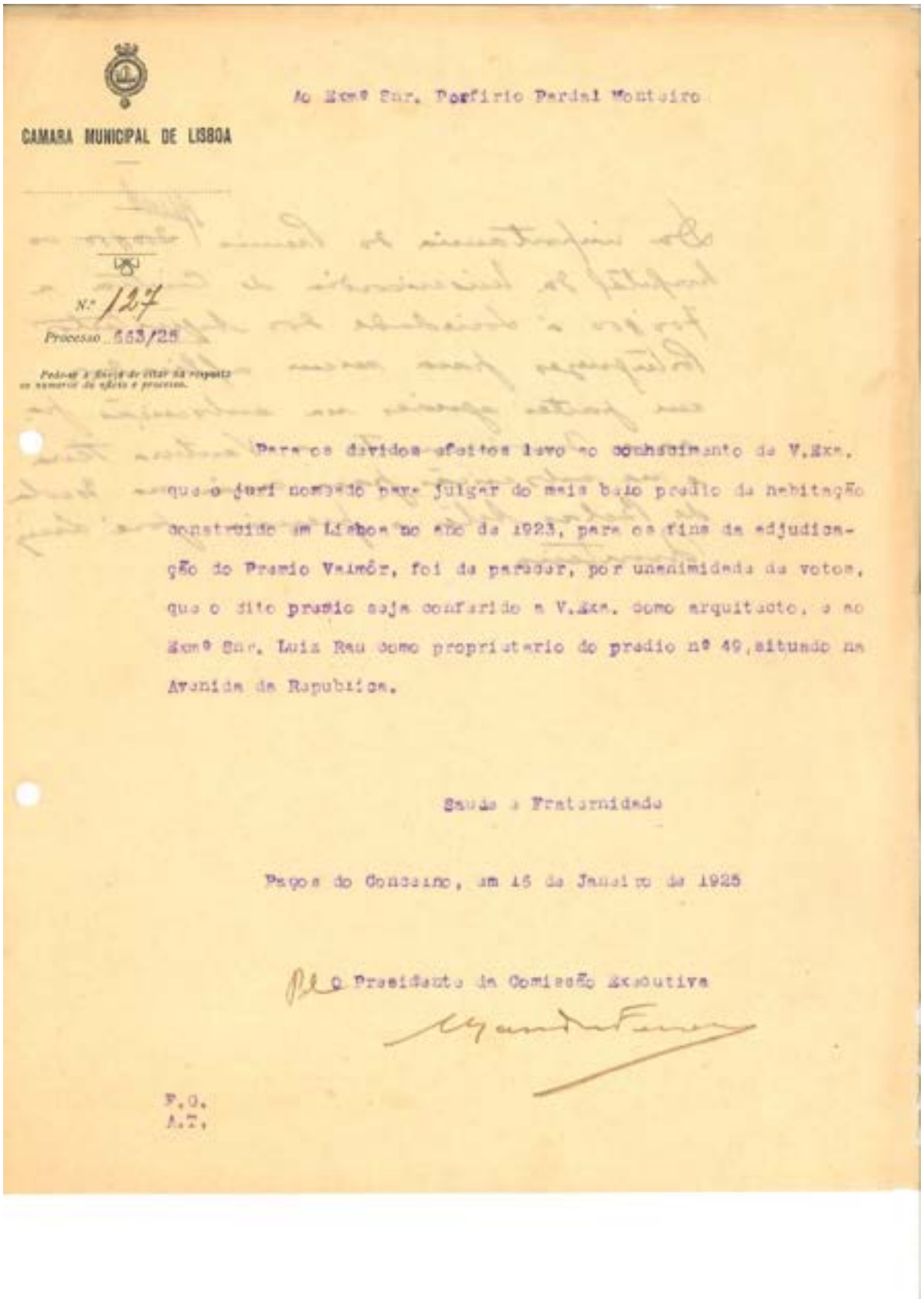
Pardal Monteiro

320
640

Copia do recibo da ultima prestação.

Documento 25.01

CML - Carta com parecer sobre a Entrega do Prémio Valmor ao Edificio Rau. Lisboa : [Documento datilografado do Espólio PMA], Janeiro de 1925.



CAMARA MUNICIPAL DE LISBOA

Ao Exmº Snr. Porfirio Pardal Monteiro

N.º 127
Processo 663/25

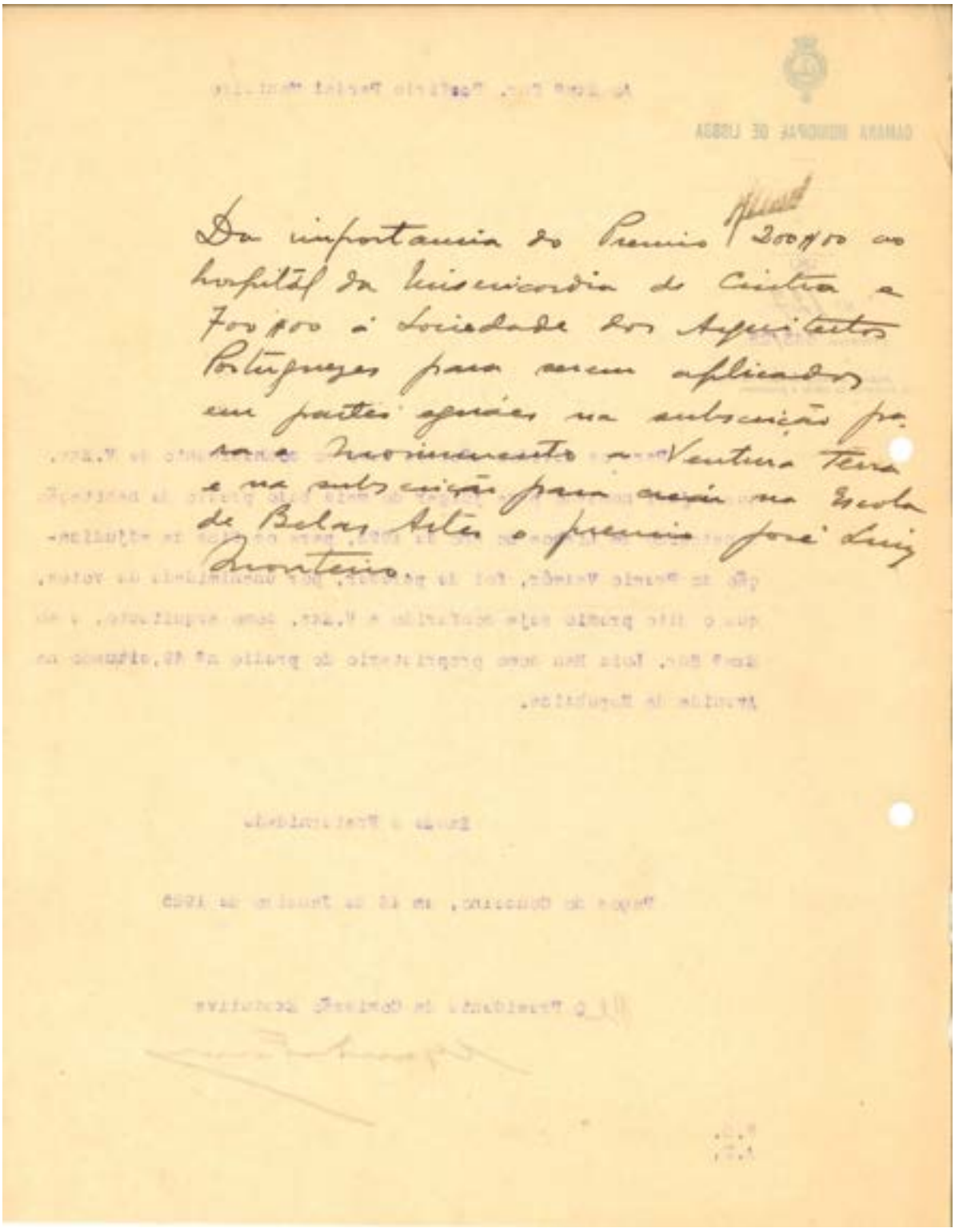
Para os devidos efeitos levo ao conhecimento de V.Exª. que o juri nomeado para julgar do mais belo predio de habitação construido em Lisboa no ano de 1923, para os fins de adjudicação do Premio Valmôr, foi de parecer, por unanimidade de votos, que o dito premio seja conferido a V.Exª. como arquitecto, e ao Exmº Snr. Luiz Rau como proprietario do predio nº 49, situado na Avenida da Republica.

Saude e Fraternidade

Paços do Concelho, em 15 de Janeiro de 1925

O Presidente da Comissão Executiva

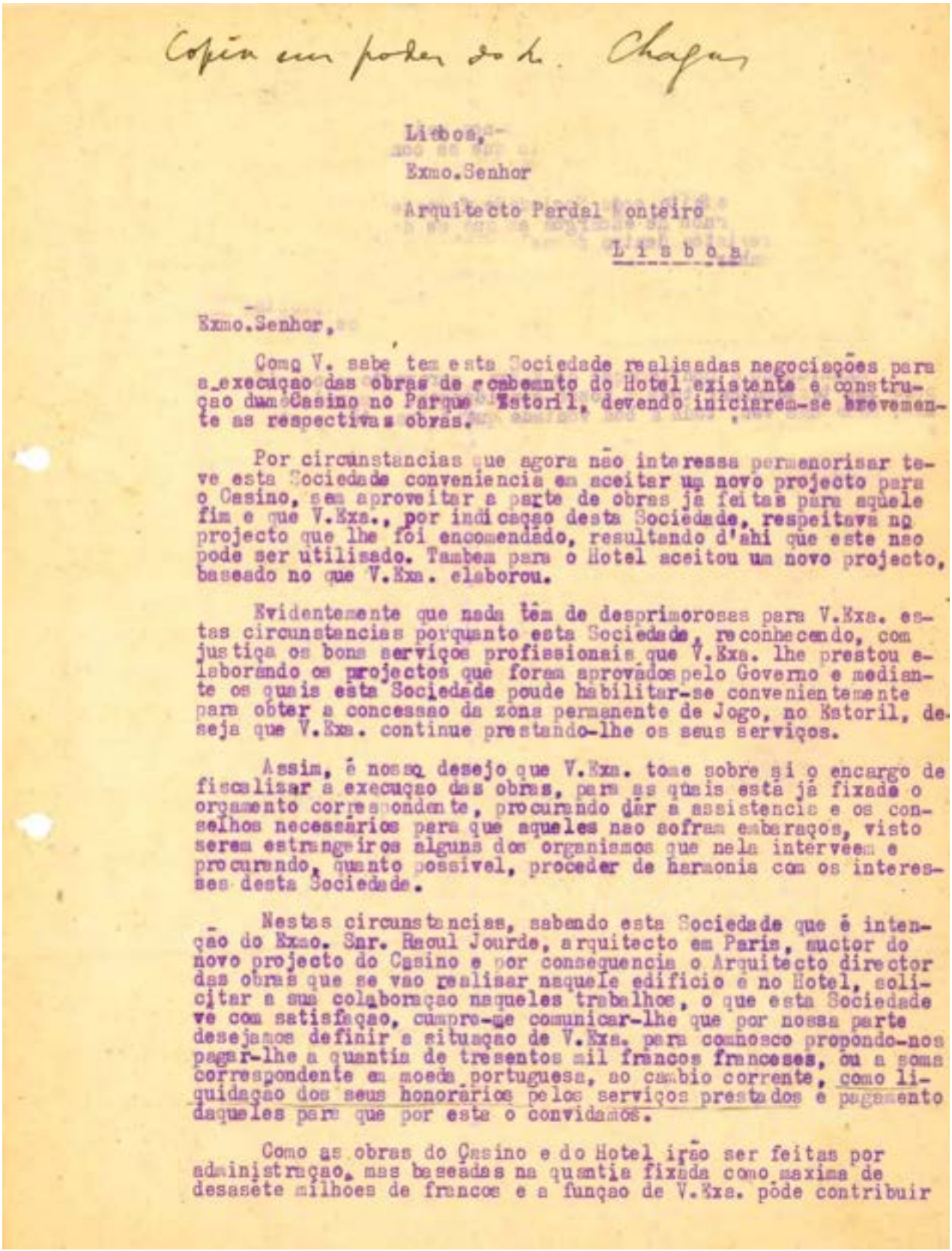
P.O.
A.F.



Da importancia do Premio 200$00 ao hospital da Misericordia de Cintra a Sociedade dos Arquitectos Portugueses para serem aplicados em partes iguais na subscrição para o Monumento a Ventura Terra e na subscrição para custeio na Escola de Belas Artes o premio José Luiz Monteiro.

Documento 31.01

SOCIEDADE ESTORIL PLAGE - Carta a Porfírio Pardal Monteiro Lisboa : [Documento datilografado do Espólio PMA], [s.d.].



Copia em poder do h. Chagas

Lisboa,-

Exmo.Senhor

Arquitecto Pardal Monteiro

L i s b o a.

Exmo.Senhor,

Como V. sabe tem esta Sociedade realisadas negociações para a execução das obras de melhoramento do Hotel existente e construção dum Casino no Parque Estoril, devendo iniciarem-se brevemente as respectivas obras.

Por circunstancias que agora não interessa pormenorisar teve esta Sociedade conveniencia em aceitar um novo projecto para o Casino, sem aproveitar a parte de obras já feitas para aquele fim e que V.Exa., por indicação desta Sociedade, respeitava no projecto que lhe foi encomendado, resultando d'ahi que este nao pode ser utilisado. Tambem para o Hotel aceitou um novo projecto, baseado no que V.Exa. elaborou.

Evidentemente que nada têm de desprimorosas para V.Exa. estas circunstancias porquanto esta Sociedade, reconhecendo, com justiça os bons serviços profissionais que V.Exa. lhe prestou elaborando os projectos que foram aprovados pelo Governo e mediante os quais esta Sociedade poude habilitar-se convenientemente para obter a concessão da zona permanente de Jogo, no Estoril, deseja que V.Exa. continue prestando-lhe os seus serviços.

Assim, é nosso desejo que V.Exa. tome sobre si o encargo de fiscalizar a execução das obras, para as quais está já fixada o orçamento correspondente, procurando dar a assistencia e os conselhos necessários para que aqueles nao sofram embaraços, visto serem estrangeiros alguns dos organismos que nela intervêem e procurando, quanto possivel, proceder de harmonia com os interesses desta Sociedade.

Nestas circunstancias, sabendo esta Sociedade que é intenção do Exmo. Snr. Raoul Jourde, arquitecto em Paris, auctor do novo projecto do Casino e por consequencia o Arquitecto director das obras que se vão realisar naquele edificio e no Hotel, solicitar a sua colaboração naqueles trabalhos, o que esta Sociedade vê com satisfação, cumpre-me comunicar-lhe que por nossa parte desejamos definir a situação de V.Exa. para comnosco propondo-nos pagar-lhe a quantia de tresentos mil francos francezes, ou a soma correspondente em moeda portuguesa, ao cambio corrente, como liquidação dos seus honorarios pelos serviços prestados e pagamento daqueles para que por esta o convidamos.

Como as obras do Casino e do Hotel irão ser feitas por administração, mas baseadas na quantia fixada como maxima de desasete milhões de francos e a função de V.Exa. póde contribuir

para atenuar aquela despesa, propomo-nos mais interessar V. Exa. em vinte por cento da economia que se conseguir fazer sobre aquela importancia.

Para este efeito esta Sociedade fornecerá a V.Exa. um exemplar dos cadernos de encargos em que se descriminam quais os trabalhos previstos dentro daquela verba, a fim de V.Exa. os poder acompanhar.

A quantia atráz referida ser-lhe-há pága em prestações durante o corrente ano e a percentagem sobre as economias, apoz o seu apuramento.

Aguardando a confirmação de V.Exa. aproveito a ocasião para lhe testemunhar toda a nossa consideração e agradecer-lhe, mais uma vez, toda a boa vontade que V.Exa. tem posto ao nosso serviço.

ROL DE TESTEMUNHAS

do arquitecto Porfirio Pardal Monteiro

da elaboração dos projectos:

1) Antonio Maria Veloso Reis Camelo
Arquitecto
Travessa de André Valente, 28 ■ 3º. LISBOA

2) Miguel Jacobetty Rosa
Arquitecto
Largo da Sé, 15 - PORTALEGRE

3) Carlos Florencio Dias
Arquitecto
Rua Saraiva de Carvalho, 2I6, 3º. Dtº. LISBOA

4) Francisco dos Santos
Arquitecto
Estrada de Benfica, 485 - 1º. LISBOA

5) Raul Rodrigues Lima
Arquitecto
Rua de Infantaria 16 - 88 - 1º. LISBOA

6) Odorico José Salvado
Desenhador
Caixa Geral de Depositos, Secção de Contencioso-CALHARIZ

7) Pedro Bernardino da Graça
Desenhador
Aquario Vasco da Gama, DAPUNDO

8) ~~Antonio [illegible] Alexandre~~ ~~José Dias~~
Desenhador
~~Rua do Guarda-Mor, 40 - 1º. Esq. LISBOA~~

da realisação das obras

1) Julio Ferry Borges
Industrial
Avenidad da Liberdade, 73 - 4º.Esq. LISBOA

2) Evelio Sampaio Batista
Engenheiro
Rua Almeida e Souza, 61 - 2º.Esq. LISBOA

3) Edmundo Ernesto da Silva Martins
Engenheiro
Rua dos Correeiros, 113 - 1º. LISBOA

4) João José Mendes da Silva Soares
Industrial
Rua João Crisostomo, 16 -c3º.Esq. LISBOA

5) Eugéne Labat
Industrial
Rua do Alecrim, 48 - LISBOA

6) Antonio Duarte da Silva e Souza
Industrial
Rua Augusta, 176 - 2º. - LISBOA

7) Luiz Ribeiro Carvalhosa Cristino da Silva
Arquitecto
Rua Angelina Vidal, 60 - 1º. - LISBOA

8) António do Nascimento Jr.
R. de Santa Catarina
Grandes Armazens Nascimento Porto

de emprestimos particulares

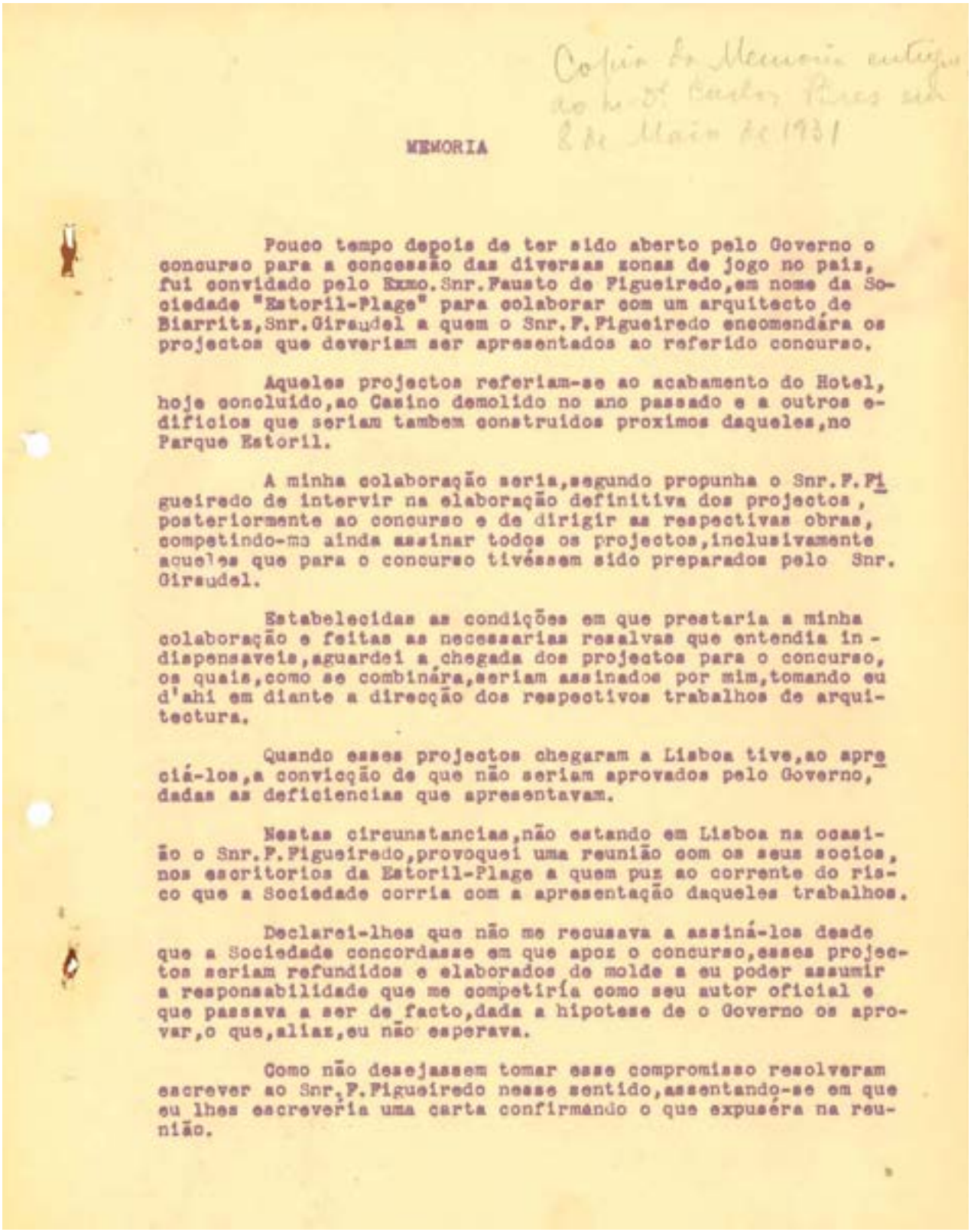
1) Dr. Antonio Morais David
Medico
Calçada do Marquez de Abrantes 48-4º.Dtº. LISBOA

2) Isidoro Sampaio de Oliveira
~~Medico~~ Comerciante
Avenida da Republica, 54 - LISBOA

3) Alvaro Ribeiro Lopes
Comerciante
Avenida do Cinco de Outubro F.R.L. - 1º. LISBOA

Documento 31.02

MONTEIRO, Porfirio Pardal - .Memória Descritiva dos trabalhos do Estoril Plage Lisboa : [Documento datilografado do Espólio PMA], Maio de 1931



Copia da Memoria entregue ao Snr. Conde Penha Garcia em 2 de Maio de 1931

MEMORIA

Pouco tempo depois de ter sido aberto pelo Governo o concurso para a concessão das diversas zonas de jogo no pais, fui convidado pelo Exmo. Snr. Fausto de Figueiredo, em nome da Sociedade "Estoril-Plage" para colaborar com um arquitecto de Biarritz, Snr. Giraudel a quem o Snr. F. Figueiredo encomendára os projectos que deveriam ser apresentados ao referido concurso.

Aqueles projectos referiam-se ao acabamento do Hotel, hoje concluido, ao Casino demolido no ano passado e a outros edificios que seriam tambem construidos proximos daqueles, no Parque Estoril.

A minha colaboração seria, segundo propunha o Snr. F. Figueiredo de intervir na elaboração definitiva dos projectos, posteriormente ao concurso e de dirigir as respectivas obras, competindo-me ainda assinar todos os projectos, inclusivamente aqueles que para o concurso tivéssem sido preparados pelo Snr. Giraudel.

Estabelecidas as condições em que prestaria a minha colaboração e feitas as necessarias ressalvas que entendia indispensaveis, aguardei a chegada dos projectos para o concurso, os quais, como se combinára, seriam assinados por mim, tomando eu d'ahi em diante a direcção dos respectivos trabalhos de arquitectura.

Quando esses projectos chegaram a Lisboa tive, ao apreciá-los, a convicção de que não seriam aprovados pelo Governo, dadas as deficiencias que apresentavam.

Nestas circunstancias, não estando em Lisboa na ocasião o Snr. F. Figueiredo, provoquei uma reunião com os seus socios, nos escritorios da Estoril-Plage a quem puz ao corrente do risco que a Sociedade corria com a apresentação daqueles trabalhos.

Declarei-lhes que não me recusava a assiná-los desde que a Sociedade concordasse em que apoz o concurso, esses projectos seriam refundidos e elaborados de molde a eu poder assumir a responsabilidade que me competiría como seu autor oficial e que passava a ser de facto, dada a hipotese de o Governo os aprovar, o que, aliaz, eu não esperava.

Como não desejassem tomar esse compromisso resolveram escrever ao Snr. F. Figueiredo nesse sentido, assentando-se em que eu lhes escreveria uma carta confirmando o que expuséra na reunião.

Essa carta,de 21 de Março de 1928,(doc.nº.1) suponho que foi enviada pela Sociedade na ocasião ao Snr.P.Figueiredo que se encontrava em Pau ou em Biarritz.

Não me respondeu a Sociedade por escrito porquanto poucos dias depois chegava a Lisboa o Snr.P.Figueiredo a quem puz ao corrente da situação,tendo aquele Snr.concordado com o que eu propunha,pedindo insistentemente que me não recusasse a assinar os projectos porquanto isso corresponderia a não se poder apresentar a Sociedade ao concurso nas condições que desejava.

Foram portanto apresentados ao concurso os projectos do Snr.Girandel,assinados por mim como seu futuro colaborador.

Deu-se,porém,o que eu previra.O Governo não aprovou integralmente os projectos,tendo alguns sido completamente regeitados e os outros sugeitos a tais alterações que pouco menos era do que a regeição.

Apos o concurso foi-me dada pela Sociedade Estoril-Plage uma copia do "Parecer" do Conselho de Administração dos Jogos (doc.nº.2) que elucida perfeitamente qual foi a apreciação daquele Conselho sobre os projectos.

Pouco tempo depois o Exmo.Snr.Alvaro Pinheiro Chagas informava-me no escritorio da Sociedade que o Snr.P.Figueiredo,em vista do resultado do concurso,resolvera liquidar contas com o arquitecto Snr.Girandel e desejava que eu me encarregasse de elaborar os novos que deveriam ser apresentados ao Governo no praso de 40 dias a contar da assinatura do contráto.

Respondi ao Snr.A.P.Chagas que não me encarregaría desses projectos enquanto a Sociedade não me confirmasse por escrito qual a situação do Snr.Girandel e ainda assim só quando a respectiva encomenda me fosse feita por escrito.

Insistiu o Snr.A.P.Chagas em que deveria aceitar desde já como firme a encomenda pois que todas essas cartas me seriam escritas logo que ele conseguisse obtê-las do Snr.P.Figueiredo,porquanto ele por si nada mais podia fazer do que transmitir-me verbalmente a incumbencia que lhe passara aquele senhor.

Aguardei algum tempo a confirmação escrita e como demorasse escreví então á Estoril a minha carta de 19 de Junho de 1928 (doc.nº.3).

A 28 de Junho não tinha obtido resposta e lia nos jornais que fôra assinado na vespera o contráto entre o Governo e a Sociedade Estoril-Plage para a concessão da zona de jogo dos Estoris,

o que me levou a escrever a minha carta de 28 de Junho de 1928 (doc.nº.4).

Passa-se bastante tempo até que um dia o Snr.F.Figueiredo pessoalmente pede-me para me avistar com ele nos escritorios da Sociedade o que fiz.

Disse-me então que desejava encarregar-me de elaborar novos projectos para apresentar ao Governo,mas projectos que não merecessem reparos,perguntando-me se eu me podia comprometer a elabora-los no prazo curtissimo que o Governo lhe dáva.

Que confiáva na minha amisáde,na minha boa vontade,nas diversas provas profissionais que já déra etc.

Respondi-lhe que em vista de se ter perdido muito tempo se entretanto conseguisse até ao dia seguinte de manhã recrutar os elementos de que carecía para me auxiliar,lhe garantia que teria os projectos prontos na data necessaria,tanto mais que como portuguez queria dar-lhe uma demonstração de que não éra necessario recorrer a arquitectos estrangeiros para trabalhos desta naturesa.

Abraçou-me na ocasião o Snr.F.Figueiredo,assegurando-me que me daría todo o seu apoio e que se porventura tivésse necessidade de dinheiro para pagar as minhas despesas,teria á minha ordem todo o que necessitasse,pois não desejava por forma nenhuma perder o direito ao contráto que fizéra com o Governo.

Dei-lhe no dia seguinte a resposta afirmativa e o facto é que durante trinta e tantos dias se trabalhou no meu atelier por uma forma tal que todos aqueles que apreciaram os projectos que elaborei não puderam deixar de reconhecer o esforço excepcional que fiz.

Tive que empregar durante esse tempo muitos auxiliares, entre os quais varios arquitectos e muitos desenhadores a quem não só paguei largamente os serviços que me prestaram,como gratifiquei com quantias elevadas que préviamente combinára afim de me assegurar da sua colaboração até ao fim.

Do meu esforço teve o Snr.F.Figueiredo conhecimento e tanto assim que durante muito tempo o disse a muitissimas pessoas,referindo-o com elogios.

Só em 7 de Agosto de 1928 recebía a carta da Sociedade (doc.nº.5) respondendo ás minhas de 19 e 28 de Junho (doc.nº.3 e 4) e em 14 de Agosto já quando estava em plena elaboração dos projectos recebía a da encomenda dos novos projectos (doc.nº.6).

Os projectos que então elaborei foram:

edificio da Ala Sul do Palace Hotel;(remodelação do edificio começado e hoje concluido com o titulo de Estoril Palacio Hotel;

edificio do Corpo Central do Palace Hotel;(remodelação do Estabelecimento Termal existente)

edificio da Ala Norte do Palace-Hotel (completamente novo)

edificio do Grande Casino (remodelação do edificio começado,o qual éra quasi completamente aproveitado. - Este edificio foi demolido e substituido pelo atual Casino).

edificio para um Estabelecimento de Banhos de Mar,na praia do Estoril (completamente novo).

edificio para o Club do Golf (completamente novo).

Cada um destes projectos éra constituido pelas suas plantas dos diversos andares,fachadas principais e cortes do edificio.

Todos estes projectos foram apresentados ao Governo em devido tempo e felizmente aprovados sem qualquer restrição e com palavras oficiais de elogio.

Na elaboração desses projectos gastei todas as economias de que dispunha e algum dinheiro emprestado,porquanto a Sociedade pouco dinheiro me abonára por conta.

De vez em quando insistia com o Snr.F.Figueiredo e com os administradores da Sociedade,sendo-me sempre respondido que esperasse porquanto a Sociedade estáva em vias de realisar um contráto para a adjudicação das obras etc.e nessa ocasião me seriam pagos os meus honorarios.

Entretanto segundo as ideias de momento do Snr.F.Figueiredo elaborava novos desenhos de alteração dos projectos,outros de complemento para a execução das obras,cadernos de encargos,realisava conferencias com empreiteiros que o Snr.F.Figueiredo indicáva e mantinha o meu atelier com pessoal extraordinario porquanto o Snr.F.Figueiredo insistia em que me aguentasse ~~porquanto~~ d'um momento para o outro as obras deviam começar (doc.nº.7 e 8).

Tudo isto me custou muito dinheiro e me causou diversos prejuisos por confiár nas promessas do Snr.F.Figueiredo.

Em ocasião que não posso agóra precisár provoquei uma con-

versa com o Snr.F.Figueiredo para que se tomassem resoluções concretas que me permitissem ordenar a minha vida,porquanto creára compromissos que me atormentávam e o Snr.F.Figueiredo anunciou-me então que estava em negociações com uma empresa francesa a "Societé Technique et Industrielle d'Entreprises" de Paris e que nessas negociações ele fizéra já incluir nos calculos dos orçamentos gerais a quantia de 600.000 francos para pagamento dos meus honorarios.

De facto algum tempo depois aparecía em Lisboa o Snr. Gustave Bonnel como delegado daquela Sociedade,pessoa a quem, como arquitecto da Estoril-Plage fui encarregado de acompa - nhar e dar todos os esclarecimentos para elaborarem os orça - mentos necessarios.

A proposito desta empreza francesa tive que escrever á Estoril-Plage a minha carta de 16 de Março de 1929 (doc.numero 9) que demonstra a natureza da minha intervenção.

Como sempre a Estoril-Plage ráramente respondia ás minhas cartas dando sempre respostas verbais.

Diversas ideias teve a Sociedade,antes de iniciar as obras,sobre a forma como seriam feitas:ora uma empreza estrangeira,ora uma firma portuguesa e tudo isto obrigava á preparação de elementos que são sempre necessários para o estudo dos calculos em que haviam de se basear as diversas negociações.

Entre as diversas soluções apresentou-se em determinada altura a d'um novo grupo francez de que fazia parte um arquitecto de Paris,Snr.Raoul Jourde e um empreiteiro Snr.Leonce Reynés.

Foram estes senhores quem na realidade conseguiram realisár negociações definitivas com a Estoril-Plage para a execução das obras,ou pelo menos de parte delas.

Nessas negociações propoz aquele grupo á Estoril-Plage a substituição do meu projecto para o Casino por um outro,mais modesto e que se harmonisasse mais com certas conveniencias da exploração que aqueles senhores se propunham fazer em sociedade com aqueles a quem a Estoril-Plage arrendára a exploração do Jogo.

Pediu-me o Snr.F.Figueiredo para consentir na na substituição e para assinar o projecto do Snr.Jourde,ao que lhe objectei que só o faría desde que a Estoril-Plage,d'uma vez para sempre concretisásse por escrito quais as suas intenções a respeito do pagamento dos meus honorarios e definísse o seu montante.

te.

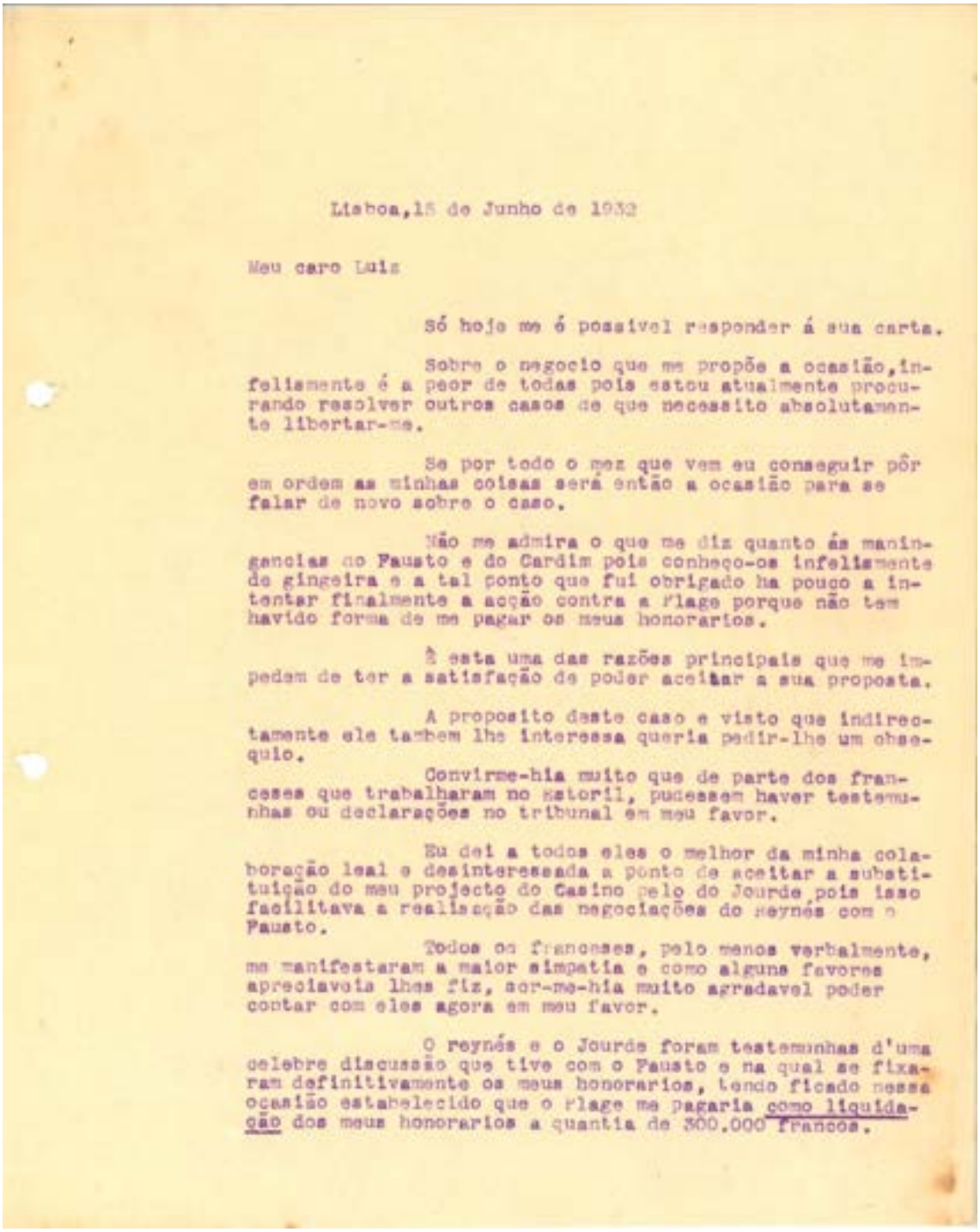
Diversas discussões tive a este respeito com o Snr.F.Pigueiredo,tendo-se por fim estabelecido o acordo que consta da carta daquela Sociedade de 1 de Março de 1930 (doc.nº.10) e da minha de 9 do mesmo mez (doc.nº.11).

Até hoje ainda a Sociedade Estoril-Plage não cumpriu o pagamento da liquidação de 300.000 frcs.francezes que ao cambio medio de $87 perfazem a quantia de 261.000$00,dos quais apenas recebí por conta da liquidação 50.000$00 faltando-me receber 211.000$00,os juros das quantias em atraso e a percentagem de 20 % sobre as economias efectuadas que a Sociedade até hoje me diz não ter apurado mas que se podem conhecer consultando o empreiteiro Snr.Leonce Reynes.

Lisboa,8 de Maio de 1931

Documento 32.01

MONTEIRO, Porfírio Pardal - Carta a Luiz sobre honorários do Casino. . Lisboa: [Documento dactilografado do Espólio PMA], Junho de 1932.



Lisboa, 15 de Junho de 1932

Meu caro Luiz

Só hoje me é possivel responder á sua carta.

Sobre o negocio que me propõe a ocasião, infelismente é a peor de todas pois estou atualmente procurando resolver outros casos de que necessito absolutamente libertar-me.

Se por todo o mez que vem eu conseguir pôr em ordem as minhas coisas será então a ocasião para se falar de novo sobre o caso.

Não me admira o que me diz quanto ás manigancias do Fausto e do Cardim pois conheço-os infelismente de gingeira e a tal ponto que fui obrigado ha pouco a intentar finalmente a acção contra a Plage porque não tem havido forma de me pagar os meus honorarios.

É esta uma das razões principais que me impedem de ter a satisfação de poder aceitar a sua proposta.

A proposito deste caso e visto que indirectamente ele tambem lhe interessa queria pedir-lhe um obsequio.

Convirme-hia muito que de parte dos franceses que trabalharam no Estoril, pudessem haver testemunhas ou declarações no tribunal em meu favor.

Eu dei a todos eles o melhor da minha colaboração leal e desinteressada a ponto de aceitar a substituição do meu projecto do Casino pelo do Jourde pois isso facilitava a realisação das negociações do Reynés com o Fausto.

Todos os franceses, pelo menos verbalmente, me manifestaram a maior simpatia e como alguns favores apreciaveis lhes fiz, ser-me-hia muito agradavel poder contar com eles agora em meu favor.

O reynés e o Jourde foram testemunhas d'uma celebre discussão que tive com o Fausto e na qual se fixaram definitivamente os meus honorarios, tendo ficado nessa ocasião estabelecido que o Plage me pagaria como liquidação dos meus honorarios a quantia de 300.000 francos.

O termos liquidação vem a proposito de a Plage já me ter pago antes algum dinheiro. Este acordo foi confirmado por uma tróca de cartas entre mim e a Plage, em que se diz precisamente que esta me pagaria até ao fim do ano de 1930 aquela quantia como liquidação etc.

O Pausto agora, ou antes o idiota do Campos Figueira pretende que naqueles 300.000 frs. estão incluidas as verbas que eu recebi antes do acordo, o que não corresponde á verdade, ou então não era necessario a palavra liquidação.

Por outro lado é possivel que não podendo contestar a doutrina daquele acordo, pretendam alegar que eu não lhes prestei bons serviços, inventando testemunhas compradas, o que alias é costume corrente daqueles cavalheiros.

Contra este argumento tenho eu um atestado da Plage, passado já em 1931, quando o casino estava prestes a ficar concluido, em que ela declara que lhe prestei bons serviços, declarando-se satisfeita comigo.

No entanto todos os documentos que eu possa apresentar em reforço dos meus direitos serão-me-hão muito vantajosos no tribunal.

Por isso, muito grato lhe fico se o Luiz puder procurar ahi em Paris o Reynés, Jourde e Pitté que são os que principalmente me interessam.

As moradas são:

Reynés : 40bis Cité Trévise
Jourde : 4, Villa Mont'Calm.
Pitté : 19, Rue Palguière.

Não conviria escrever-lhes, como calculos, mas falar-lhes, pedindo-lhe então para caso queiram fazer-me esse favor, fazerem uma carta ou declaração que eu possa apresentar.

É claro que as despesas que porventura o Luiz tiver com estas deligencias serão todas de minha conta, pedindo-lhe o favor de não exitar em mandar-me dizer quanto gastar.
Todos estes francezes teem a obrigação moram de vir agora em meu auxilio pois se não fosse eu muitos embaraços teriam tido aqui.

Creia o Luiz que lhe fico muito grato por tudo quanto possa fazer e que como digo, melhor poderá facilitar a solução do seu assunto.

Pedindo-lhe desculpa da maçada, creia-me muito grato e

amigo certo.

Documento 32.02
MONTEIRO, Porfírio Pardal - Memória Descritiva do projecto do Seminário dos Olivais. Lisboa: [Documento dactilografado do Espólio PMA], Outubro de 1932.



MEMORIA DESCRITIVA

do projecto para a Ala Norte do Seminário Patriarcal a construir na Quinta do Cabeço, Moscavide, concelho de LOURES

:-:-:-:-:-:-:-:-:-:-:-:

O projecto para esta Ala, constituindo uma parte do conjunto que se pretende edificar, consta de catorze folhas desenhadas e indicando a composição do edificio e os detalhes-tipo, de alguns elementos de maior importancia.

A planta das fundações, indicando ao mesmo tempo a composição das caves, estabelece o principio da fundação geral, a qual no entanto será feita de harmonia com a natureza do terreno que for encontrado nas excavações e construida com todo o cuidado e segurança.

As plantas dos diversos andares, assim como os alçados, cortes e detalhes dão a indicação minuciosa de toda a composição e da construção que será feita segundo os melhores processos e com o emprego de materiais de 1ª. qualidade.

O edificio que se compõe de pequenas caves, rez-do-chão, primeiro, segundo, terceiro, andar e uma parte de quarto andar, correspondente ao corpo elevado do Norte, é destinado a um grupo de salas de estudo, dependencias de serviços gerais e internato de professores e alunos.

Todas as instalações são providas dos mais modernos aperfeiçoamentos sobre o ponto de vista higienico, tecnico e pedegógico, obedecendo á aplicação dos sistemas experimentados noutros países.

A construção do edificio é feita longe da via publica, dentro da quinta denominada do Cabeço, em Moscavide, e portanto livre por todos os lados.

Todos os trabalhos serão feitos de harmonia com as disposições municipais, e nos termos da lei.

O ARQUITECTO

Documento 32.03

MONTEIRO, Porfírio Pardal - Carta a Duarte Pacheco sobre Casas Económicas. Lisboa: [Documento dactilografado do Espólio PMA], Dezembro de 1932.

Lisbôa, 30 de Dezembro de 1932

Exmº.Snr..Engº.Duarte Pacheco

Digmº.Ministro das Obras Publicas

e Meu presado Amigo

Quando V.Exª. me deu a honra de me incumbir, em comissão particular,com os engºs. Abrantes e Pontoura de elaborar as bases tecnicas para a tentativa de resolução do problema das cásas economicas, entre nós,deu-me a entender que desejaria que lhe fornecessemos ao mesmo tempo um projecto de tipo de casa barata, de moradia independente, susceptivel mesmo de, segundo condições especiais a estabelecer, se tornar propriedade do locatario.

Sabe Vª.Exª. pelas provas que lhe tenho dádo, que nunca poderei ter satisfação maiór do que a de lhe ser pessoalmente util naquilo que estiver dentro das minhas aptidões.

Compreende, no entanto, quanto me repugna, ser incoerente nas minhas atitudes e d'ahi a razão das minhas explicações e do acto que pratico neste momento.

Sabe o meu amigo o interésse, por muitas vezes termos conversado, que me mereceu sempre o problema da construção de casas económicas, problema dos mais importantes sôbre o ponto de vista sociál,e a satisfação que tive em poder intervir, meio oficialmente, no assunto quando me convidou.

Aconteceu, como éra naturál, que as pessôas que comigo trabalharam no estudo do caso, tivéssem observado e apreciádo a vastidão do problema e que o tenham encarádo com o interésse que a sua excepcionál importancia impunham.

Expoz a comissão, no relatorio que apresentou quais os seus pontos de vista e as directrises que lhe pareceram convenientes para o ataque do problema.

Ficou no entanto,talvez, fóra do caso que especialmente interéssava V.Exª. de momento que éra o da elaboração d'um projecto tipo para ser imediátamente posto em execução.

Sabe Vª.Exª. que seria principalmente a mim que caberia a maiór parte desse trabalho e que portanto nunca eu me recusaria a ir ao encontro desse desejo.

A comissão mediu e ponderou os perigos que adviriam da apresentação d'um projecto de tipo de casa, que se tornaria oficiál e que fatalmente, por essa mesma circunstancia, estaria sujeito a toda a cásta de ataques, porque, por maiór que fôsse a perfeição do nosso estudo, sabe Vª.Exª. que dentro do mesmo programa e quási com os mesmos dádos pódem variár ao infinito as soluções,já porque um viu ou julgou ver melhor certo detalhe, já pelo despeito,já porque realmente a directriz positiva e nitida do Estádo é sempre objecto de criticas menos imparciais, e enfim por este feitio natural da humanidade,de nunca se considerar satisfeita com o que tem.

Portanto a orientação geral, mais do que a indicação materiál do caso, pareceu á comissão, ser a sua melhor função.

No entanto eu é que se fiquei satisfeito por poder estabelecer quasi oficialmente doutrina, consequente da minha observação nos paizes da Europa que mais se teem dedicado ao assunto, e portanto coerente com os pontos de vista que sempre defendi, não me considerei satisfeito, como pessôa particular e seu amigo,de lhe não fornecer qualquer coisa positiva, nitida, não como solução oficial, mas como solução que eu como autor e responsavel, assumisse a responsabilidade da respectiva defesa e justificação.

Repugnou-me sempre fazer qualquer coisa com o intuito de "epatter le bourgeois" e por isso entendi que só um estudo consciencioso dos nossos recursos tecnicos mais correntes,das nossas condições de vida etc, seriam importantes na solução do meu problema.

E assim procurei estudár o tipo de casa que lhe prometi que me pareceu mais justificado e apropriádo,para o fim que Vª.Exª. pretendia.

Fazer um tipo de casa susceptivel de se tornár propriedáde do locatario, quer dizer que ficaria para sempre patrimonio da familia,não é tão simples como parece, nem se pode encarar com ligeiresa.

É preciso que essa casa não seja demasiádo mesqui

nha e falha de condições de vida agradavel, para merecer o sacrificio do pequeno burguez que a pretende,adquirir.

A função educativa dessa casa é enorme. E se é certo que o individuo na ancia de possuir uma casinha aceita precipitadamente qualquer coisa, é gráve que essa coisa, passádo o primeiro entusiasmo se verifique não satisfazer, nem agradár.

O capital gasto representa muitos anos de economias conseguidas por vezes á custa de toda a especie de sacrificios e não há o direito de crear descontentamento sério onde houve o intuito de dár satisfação e alegria.

Assim, concebi o tipo de casa de casal com filhos de ambos os sexos, dentro dos moldes que para esse tipo de casa me pareceram mais defensaveis, projecto que tenho o enorme prazer de lhe oferecer,como testemunho da minha amisáde, da minha gratidão e do apreço em que tenho as suas qualidades de homem superior e trabalhador infatigavel.

Seu amigo certo e dedicado.

Documento 32.04

MONTEIRO, Porfírio Pardal - Texto sobre Casas Económicas. Lisboa: [Documento dactilografado do Espólio PMA], Dezembro de 1932.

A solução que apresento é baseada no caso mais geral da casa para o casal com filhos de ambos os sexos.

Com cinco pequenas dependencias, programa minimo para a boa solução dos casos desta natureza, consegue-se compor uma moradia independente, comportando tudo quanto é essencial e necessario á vida domestica, encarada sob um ponto de vista de higiene e de conforto, inseparaveis da solução pratica do programa.

Em meu entender, a construção das casas baratas, mas simplesmente baratas em absoluto, sob o ponto de vista do emprego minimo de capital e satisfazendo apenas a necessidade primária de dar um abrigo a uma familia, é prejudicial e não é solução que mereça, a meu ver o apoio sério do Estado.

Os maus exemplos frutificam e enraizam por forma tal que no dia em que se queiram combater, as dificuldades são enormes e tanto mais serias quanto maior e mais autoridade tiver tido a entidade que as originou.

De boas intenções, costuma-se dizer está o Inferno cheio e portanto não demos por agora mais trabalho ao Diabo, a quem seguramente a Crise não tocou ainda.

O tipo de casa, seja ela para a casa isolada seja para a casa-bloco deveria comportar não só o numero de dependencias adequado a cada tipo de familia como ainda aquela quantidade de acessorios, indispensaveis em todas as casas, mas fornecidos por um preço minimo, no custo da propria habitação.

Se se estuda o problema da casa, procurando economisar o espaço, dispondo cada peça n'um logar apropriado, é indispensavel não prejudicar a ideia da composição, deixando ao criterio, muitas vezes errado, do morador a compra desses acessorios, quasi sempre desproporcionados com o espaço que se lhe reservou e prejudiciais ao aproveitamento racional da casa.

Ao estudar-se uma planta de casa economica, não pode o arquitecto deixar de observar e atender a todos os movimentos naturais que nessa casa hão-de ter as pessoas que nela habitam. E nesse caso a disposição dum movel não é

indiferentes ao espaço de que se dispõe e muito menos o são as suas proporções e dimensões normais.

Se uma casa é prevista para seis pessôas, é indispensavel que o espaço de que se disponha para os acessórios comuns e utilisaveis simultaneamente comporte com facilidade mas sem desperdicio de espaço essas seis pessoas.

Ponhamos o caso d'uma maneira mais concreta. Por exemplo:

N'Uma casa para seis pessôas, prevê-se que a cosinha e casa de jantar sejam dispostas na mesma peça.

É indiscutivelmente uma solução economica, mas que tem seu quê de desélegante se não for a composição estudáda de modo a evitár dár á peça apenas o ár de uma grande cosinha, desproporcionáda com o volume da casa em si.

Sacrificar tambem a parte da cosinha por uma questão de aspecto decorativo a pontos de a tornár praticamente insuficiente, seria ainda mais prejudicial. Neste caso o problema complica-se porque há fatalmente que atender ás duas funções desta peça sem que uma prejudique a outra.

Evidentemente que o problema tem solução, a questão é procurá-la com inteligencia, com bôa vontade e considerár o arquitecto que seria ele o individuo a quem esta casa seria destináda.

Encontráda a solução para dár á parcela - cosinha o espaço e a composição apropriados aos serviços que nela se passam e a sua posição em relação ao conjunto da peça, resta analisár o espaço disponivel e prevêr de que elementos deve ser composto para dár a cada um, um bom local e a disposição que não prejudique a sua racional utilisação.

Esta parte do problema é extraordinariamente grave, porque todo o desperdicio de espaço, toda a dimensão falseáda conduzirão fatalmente a soluções incómodas, prejudiciais á bôa arrumação das coisas e portanto á função da casa.

Há coisas que se arrumam á vista outras que se arrumam, já por conveniencia de ordem higienica, já por razões que interéssam á economia do lár, em armarios.

Há, portanto, que prevêr umas e outras e os espaços que se lhes reservam.

Nesse caso convirá quanto possivel que para certos moveis se prevejam as suas dimensões proporcionais ao numero de pessoas de familia, com um pouco de folga, porque uma ou outra visita, um ou outro convidádo podem de vez em quando

vir aumentar o numero corrente e é indispensavel que a ordem e a disposição da casa não sofra, nem o praser de uma festa de gente simples e pobre se transforme n'um aborrecimento e n'uma infernoira, principalmente para a dona da casa.

Há que descer e estes detalhes se se quizer fazer obra mais proxima da perfeição.

No entanto estas circunstancias excepcionais, não devem de modo algum influir no espirito do arquitecto no sentido de dár ás peças umas dimensões baseádas no facto pouco frequente de receber convidados. Há simplesmente que prever o espaço para mais algumas cadeiras do que as necessarias para todos os dias, cadeiras que se distribuem pelos diversos quartos e há que apertar-se tudo um bocadinho mais nos dias de festa, quando se reunam á roda da mesa.

Para crear no individuo o amor pelo lár, é preciso que esse lár o atráia mas para isso é indispensavel que tenha os atractivos de conforto, de comodidade, e de bem estár que se não podem conseguir com uma arrumação é tôa, daquilo que é essenciál á vida em todos os dias.

Se há creanças e que o inverno ou a falta de saude impedem de ir brincar para o ar livre é necessario que essa peça comum tenha condições para que as creanças brinquem sob as vistas da mãe enquanto ela se ocupa do arranjo da casa e da comida.

Se as filhas já crescidas ajudam a mãe nos arranjos da casa, na costura ou no arranjo das roupas, é necessario que o possam fazer nessa peça comum.

Essa peça é o living-room dos ingleses é a nossa casa de fóra das casas de provincia é portanto a casa onde principalmente as mulheres e as creanças fazem uma vida mais demoráda. É ainda a peça onde ainda á noite,se pode juntar toda a familia, ao serão e portanto tem de ser relativamente espaçósa, alegre, confortavel e atraente.

E ainda por cima de tudo isto é o português tão pouco exigente que não é dificil contentá-lo com pouca coisa,contanto que essa coisa não seja mesquinha nem ridicula.

O que se diz para a casa comum servindo de cosinha - casa de jantar, ou mais propriamente cosinha - casa de estar diz-se para qualquer das outras dependencias,com a diferença de que o raciocinio deve ser feito por egual para a função de cada uma.

A retrete e casa de banho, deve ser arejada,bem iluminada e ter as dimensões suficientes para conter um lavatorio,um bacia de retrete e uma pequena tina de semicupio.

Os quartos de cama devem poder comportar sempre,

Pelo menos duas camas, o seu armario para roupas etc.

É certo que o nosso clima impõe que o pé direito das casas seja relativamente grande, mas nenhum inconveniente há em descer até cerca de 2,70, desde que se protejam as casas, contra as grandes variações de temperatura, para o que já dispomos hoje de alguns materiais artificiais, de fabricação nacional, baratos e de resultados excelentes.

Das fachadas não direi senão que devem ser a tradução exata e logica do interior e rigorosamente subordinadas ao que este impuser, sem quaesquer outras preocupações de ordem estética que não sejam a de bôas proporções, alegria, simplicidade e honestas na sua composição.

Todos os barrabiques pretenciosos e amaneirádos, feitos é certo quasi sempre na melhor das intenções, devem ser rigorosamente banidos e até prohibidos, sem o que cairiamos na repetição dos bairros dos suburbios de Lisbôa e até mesmo de Lisbôa em que uma errada e prejudicial noção de patriotismo e de nacionalismo e uma ainda mais falsa noção da beleza se ostentam sem que até hoje se tenha feito o seu indispensavel saneamento.

O exemplo dado pelo o Estado é sempre de todos o mais importante e precisamente o que tem maiores responsabilidades, por isso mesmo deve ser dádo com inteligencia e com elevação, sob pena de ser inutil e até prejudicial.

x x

x

O projecto que tenho a honra de oferecer foi concebido, inteiramente dentro desta ordem de ideias, embora possa falhar na sua tradução.

Mas, fica dado o primeiro paço para que outros vão mais longe, melhorando os planos e barateando mais ainda a respectiva construção.

O processo que previ foi o da utilisação dos nossos meios usuais, com os quais tanto os nossos operarios, como os nossos industriais, estão mais familiarisados, o que portanto permitiria um avanço mais rapido n'uma primeira etapa de trabalhos que serão como sempre, fatalmente, por mais que se pretenda negár, de experiencia.

x x

x

A composição destas casas está prevista portanto, caso por caso, atendendo á função de cada uma, vista é claro,

atravez do meu modo pessoal de ver, consequente do estudo que directamente tenho feito em varios paises da Europa, onde o problema está hoje num estado de progresso absolutamente desconhecido, pela pratica,entre nós, mas foi interpretada segundo aquilo que me parece mais viavel para o nosso feitio, para os nossos defeitos e para as nossas virtudes, procurando corrigir uns e aproveitar outros e tirar de todos o melhor partido que n'um estudo rapido, me foi possivel.

Passo portanto a descrever a minha composição procurando justificar as soluções que adoptei, soluções que o meu sentimento compreende mas que a minha prósa dificilmente transmitirá.

x x

x

COSINHA - CASA DE ESTAR - O recanto da cosinha, tem todas as peças necessarias a uma pequena cosinha de gente modesta, em que os apetrechos e utensilios não são numerosos, mas os suficientes para as necessidades e usos constantes. A um canto a lareira, composta por um taboleiro, ou lage, de pedra ou de cimento armado, formando propriamente o "lar" da chaminé.

Esta lareira concebo-a diferente do tipo corrente em Lisbôa, suprimindo portanto a gaiola de lancil de cantaria uzualmente empregada, que julgo não só inutil neste caso, como dispendiosa e complicada. Uma simples,lage, apoiada nas duas paredes perpendiculares e quando muito suportáda por uma pequena lage de pedra, ou cimento armado, no canto exterior. Nenhuma hombreira nem verga.

Como apanha fumo uma peça construida de chapa de ferro, ou de um estrutura de cantoneiras e chapas de fibrocimento, estrutura que liga ás duas paredes. É portanto o proprio "pano de apanhar" que ficará á vista.

Desde que o rebordo deste pano seja suficientemente largo,póde servir de prateleira para os utensilios de uso constante, caixas de temperos, almotolias,garrafas etc. Alguns ganchos de ferro servirão para pendurar outros utensilios da lareira.

O "lar" tem 1,00 x 0,70, medidas suficientes para um pequeno fogão de coke ou de lenha, ou para um pequeno fogão de gáz e para um fogareiro vulgar.

Debaixo da chaminé é o espaço aproveitado para uma pequena tulha de combustivel, com portinholas de madeira.

Ao lado da chaminé o espaço para os contadores da agua e do gáz, se o houver. Este pode perfeitamente instalar-

se debaixo do pequeno deposito de agua onde a leitura do consumo é facil.

O contador da agua é colocado sobre o deposito,com um ramal ou torneira de ligação para ele.

No lado oposto á lareira existe um armario composto de dois corpos: o interior dividido em duas partes e o superior composto d'uma serie de prateleiras e servindo de dispensa.

Os dois corpos do armario são separados de modo a que sobre o inferior se possa aproveitar como mesa para colocar alguidares em serviço,travessas ou tachos com a comida preparada etc.

O corpo inferior é dividio em duas partes e ambas fechadas com portilhola. A parte da direita oculta uma pia para despejos de aguas da cosinha,prateleira para esfregões,sabão,escovas de esfregar etc.

A da esquerda é disposta para guardar alguidares,tachos grandes,panelas pesadas etc.

O corpo superior serve para guarda dos utensilios da cosinha,garrafas,generos alimenticios etc.

Nestas condições a dona da casa tem ao seu alcance junto da lareira tudo quanto é necessario para o serviço da cosinha.

Uma porta,com parte envidraçada,dá directamente para o exterior,onde,em qualquer local,mas proximo da retrete, poderia haver como complemento um pequeno lava-roupa,não indicado na planta por poder constituir acessorio complementar. Um bom alguidar pode servir para substituir o lava-roupa.

A parte restante da casa de estar está prevista para completar uma mesa servindo normalmente para seis pessoas, mas com condições para receber até dose, excepcionalmente.

Mais dois armarios,um dos quais de canto,poderia ser feito com a construção da casa,completam,alem das cadeiras o mobiliario desta casa.

A mesa,as cadeiras e um dos armarios não fariam parte da construção.

O recanto da cosinha seria separado do resto da casa apenas por um cortinado simples que permitisse ocultar aquele recanto quando tal se pretenda.

As paredes, na parte da cosinha são revestidas de

azulejo liso e o pavimento de mosaico hidraulico, ou de uma betonilha de cimento. A parte inferior das paredes e o této são simplesmente caiádos sobre o rebouco bem desempenado e afagádo.

Na casa de estar as paredes e tétos serão tambem caiádos sobre o rebouco liso e o pavimento de mosaico hidraulico ou de cortiça que hoje já se pode obter, colocádo a menos de trinta escudos por metro quadrádo.

Um pequeno rodapé de pinho, com perfil arredondado e com cerca de 0,05 de espessura e de altura serve de remate entre a parede e o pavimento e de protecção das paredes no encosto dos moveis.

O armario de canto é construido com prateleiras e uma frente de casquinha, pintáda, servindo-lhe de fundo as proprias paredes bem afagádas.

A parte inferior deste armário compõe-se de prateleiras e gavetas e a parte superior de prateleiras, servindo uma e outra para guarda de loiça, roupas de mesa e talheres.

A luz para a casa de estár é dada para uma porta com grande postigo envidraá do e por uma janela.

A porta tem por sua vez um pequeno caixilho no postigo, por detraz do qual uma portáda de madeira cobre completamente a luz e isola a casa do exterior.

Esta portáda trabalha por meio de dobradiças inferiores, sendo portanto de cair.

A janela ao lado da porta tem caixilho, d'um só batente, ligado ao qual estão duas meias portadas de madeira, dobrando uma sobre a outra.

Junto da lareira, outra porta identica á anterior dá luz directa sobre a chaminé.

CASA DE BANHO - Os acessorios que compõem esta casa são uma bacia de retrete, com autoclismo, uma tina de semicupio fixa, ou movel; um lavatorio e um pequeno armario para guarda de utensilios de banho, na parte superior e para guarda de vassouras, espanadores etc, na parte inferior.

A tina de semicupio serve ao mesmo tempo de recipiente, com rálo, para receber as aguas dos banhos de chuveiro, seguramente os mais usuais.

Uma larga janela ilumina e ventila esta casa, cujo espaço está aproveitado até ao limite possivel.

O pavimento da casa de banho é de mosaico hidraulico e as paredes revestidas até cerca de dois metros de altura

com azulejo liso. A parte superior das paredes, assim como o têto são caiádos sobre o rebouco.

QUARTOS DE CAMA:- Cada quarto pode comportar á vontade, mas com economia de espaço, duas camas, uma mesa de cabeceira e um armario. Estes em alguns casos estão previstos ligados á propria construção, fazendo portanto de divisoria entres os quartos.

A sua construção é tudo quanto há de mais simples, podendo inclusivamente as respectivas almofadas e costas serem construidas em fibro-cimento, com couceiras de casquinha, ou mesmo de pinho escolhido.

O pavimento dos quartos será revestido com mosaico de cortiça e as paredes e têtos simplesmente caiádos sobre o rebouco.

As portas de todos os quartos são feitas com couceiras largas de casquinha e uma ou duas grandes almofadas de fibro-cimento.

As janelas dos quartos são compostas de caixilho simples e portada construida tá como as portas interiores.

Em cada casa pode haver uma lampeda electrica, devendo o respectivo contador ser colocado no recanto da cosinha, junto do armario - dispensa.

-:-:-:-:-

Não preconiso a construção destas casas com caixas d'ar, não só pela altura que é indispensavel para se obter um bom resultado, sob o ponto de vista higienico, como pelos incovenientes que apresenta quando há excessiva humidade.

As caixas d'ar são na maior parte dos casos verdadeiros ninhos de ratos e caixotes de lixo, impossiveis de limpar e constituem muitas vezes o mais perigoso agente para o desenvolvimento de doenças infecciosas.

Julgo preferivel impermeabilisar o chão com um bom massame hidraulico, sobre o qual se deveria colar directamente o materiál que ficár á vista como revestimento do piso.

A construção das paredes exteriores pode para este caso fazer-se nas melhores condições economicas (menos de setenta escudos por metro cubico) em alvenaria ordinária, sendo os seus paramentos simplesmente rebocados e caiádos.

As paredes interiores são construidas quer a tijo-

lo furado, a meia vez, ou a blocos de cimento, jorra e areia nas das casas de banho e nas que ajudam a encurtar o vão do vigamento do têto e a simples tabique fasquiado nas restantes.

A cobertura pode fazer-se da maneira mais economica, com chapa ondulada de fibro-cimento, vermelha, por ser dos materiais mais leves a permitir o emprego de madeiramentos de fracas secções.

As aguas do telhado correm para algeirozes, á vista, constituindo o coroamento da fachada, sem qualquer outro acessorio de feição decorativa.

A chaminé, de pequena secção, mas a suficiente para dar saida facil aos fumos da lareira, é construida a tijolo.

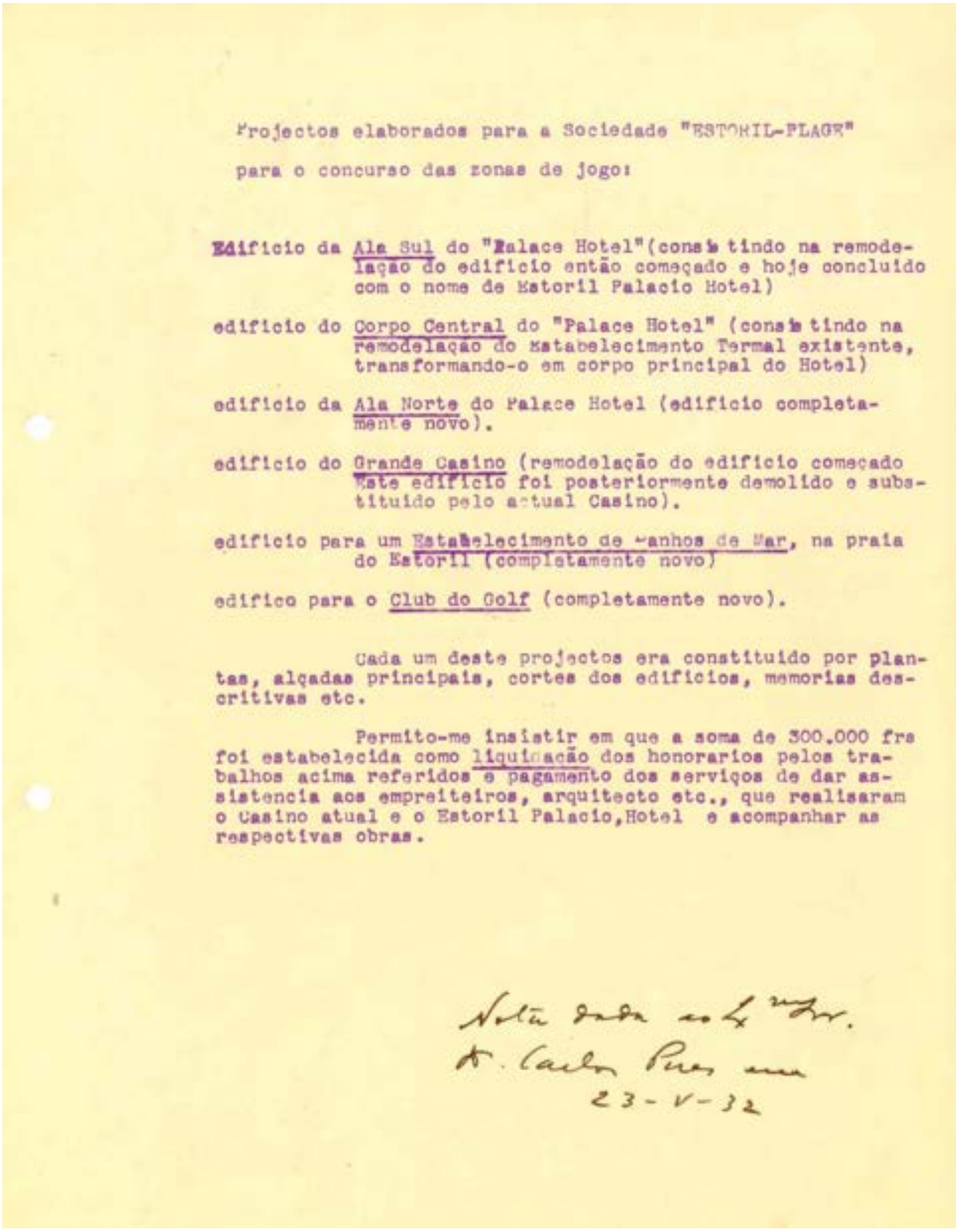
Ferragens simples, de ferro, punhos e moletas de loiça ou ferro esmaltado, torneiras de latão ou de metal branco, sifões visitaveis e á vista, bocas de limpeza nas canalisações, ralos nos despejos, para evitar entupimentos e d'uma maneira geral, uma construção solida, simples e barata, mas completa e conscienciosamente estudada.

Lisbôa, 29 de Dezembro de 1932

O ARQUITECTO

Documento 32.05

MONTEIRO, Porfírio Pardal - Nota a Carlos Pires sobre Estoril Plage. Lisboa: [Documento dactilografado do Espólio PMA],Maio de 1932.



Projectos elaborados para a Sociedade "ESTORIL-PLAGE"

para o concurso das zonas de jogo:

Edificio da Ala Sul do "Palace Hotel"(consistindo na remodelação do edificio então começado e hoje concluido com o nome de Estoril Palacio Hotel)

edificio do Corpo Central do "Palace Hotel" (consistindo na remodelação do Estabelecimento Termal existente, transformando-o em corpo principal do Hotel)

edificio da Ala Norte do Palace Hotel (edificio completamente novo).

edificio do Grande Casino (remodelação do edificio começado Este edificio foi posteriormente demolido e substituido pelo actual Casino).

edificio para um Estabelecimento de Banhos de Mar, na praia do Estoril (completamente novo)

edifico para o Club do Golf (completamente novo).

Cada um deste projectos era constituido por plantas, alçadas principais, cortes dos edificios, memorias descritivas etc.

Permito-me insistir em que a soma de 300.000 frs foi estabelecida como liquidação dos honorarios pelos trabalhos acima referidos e pagamento dos serviços de dar assistencia aos empreiteiros, arquitecto etc., que realisaram o Casino atual e o Estoril Palacio,Hotel e acompanhar as respectivas obras.

Nota dada ao Sr. Dr. A. Carlos Pires em 23-V-32

Documento 33.01

Texto sobre Funicular entre Lisboa e Almada. [Texto em papel de copia feita com papel químico simultaneamente com a datilografia, emendada manualmente, do Espólio PMA]. [s.d.].

FUNICULAR AÉREO

ENTRE LISBOA E ALMADA

Nos esboços anexos indica-se o traçado dêste funicular, que além de constituir uma excelente via de comunicação, oferece um especial interêsse turístico pelas excepcionais vistas panorâmicas que se proporciona aos passageiros, e ao público em geral que sobe ao alto das tôrres metálicas, de apoio dos cabos.

COMO VIA DE COMUNICAÇÃO

Tem 3,240 metros de comprimento e liga Almada com Lisboa, por um bairro populoso, servido por electricos que passam pela Rua de Buenos Aires.

Com 6 vagonetas, espaçadas de 1.080 metros, em horizontal, com movimento sempre no mesmo sentido, podia sair uma vagoneta cada 5 minutos, de tôdas as estações, tanto as terminais, como as intermédias, pois que estas estações (tôrres) também estão separadas exactamente de 1.080 metros. Com uma capacidade de 35 passageiros por vagoneta, a capacidade horária seria de 420 passageiros, e 5.040 em 12 horas, em cada um dos dois sentidos.

A duração da viagem de ida seria de 13 minutos e meio (não incluimos as paragens nas estações terminais.- Êste tempo poderia reduzir-se, naturalmente, aumentando a velocidade de translação, que temos previsto de 4 metros por segundo).

Dos gastos de exploração são mínimos, - e especialmente o do fluido electrico - devido ao traçado sensivelmente horizontal.

A exploração não estaria exposta a interrupções por causa de nevoeiros, como sucede com o transporte marítimo. A freqüência da saída, ao ritmo de 5 minutos ofereceriam grande comodi-

dade aos passageiros. Durante a noite o serviço poderia reduzir-se, mas não interromper-se; o qual constitue também uma vantagem apreciável para o ulterior desenvolvimento urbanístico da zôna de Almada.

COMO ATRACÇÃO TURÍSTICA E CENTRO DESPORTIVO ESPECTACULAR

É desnecessário fazer notar a sua qualidade de atracção para quem deseje contemplar um maravilhoso panorama cambiante de Lisboa e seu estuário.

Mas há mais: as suas duas tôrres metálicas de 115 metros, e especialmente a flutuante, oferecem interêsse com os seus miradouros, seus restaurantes elevados, e suas varandas de contôrno. Em particular a tôrre flutuante, presta-se magnificamente para conter um conjunto de atracções e espectaculos, e também um centro desportivo, único no seu genero.

Com efeito: a doca interior que se forma na base dessa tôrre, poderia converter-se num pequeno porto desportivo, para desportos náuticos. Ali poderiam instalar-se os clubes náuticos, e ali poderiam realizar-se magnificas festas aquáticas por baixo da tôrre, iluminada de noite.

Ainda, em harmonia com o ambiente, a base desta tôrre poderia manter uma exposição permanente da História Náutica Portuguesa, com diomamas e modelos de naus.

Durante o verão, essa tôrre, com suas atracções aquáticas, seus miradouros, seus restaurantes e cafés, seus desportos náuticos e suas festas luminosas, podiam constituir um excepcional centro de diversões, fresco e arejado, único no seu genero.

DIFICULDADES TÉCNICAS

Os únicos problemas complexos, apresentam-se na tôrre flutuante.

Cremos havê-los resolvido, com um tipo de flutuador praticamente insensível à oscilação das ondas, devido à combinação da sua forma com a profundidade a que se submerge, o que poderiamos chamar: quilha. À profundidade de 17,50 metros, as ondas de 2 metros de altura, só transmitem uma oscilação de uns 25 centímetros de altura. Todavia, a oscilação exercer-se-ia sôbre uma aresta viva. Uma vez passada esta aresta, quere dizer: já dentro da doca a oscilação vai perdendo ràpidamente amplitude, pelo natural amortecimento. Assim, pois, a acção vertical que podia exercer a oscilação da água seria imperceptível, e sempre perfeitamente compensável com a acção de acima-abaixo que a pressão suplementar da onda possa exercer simultâneamente, sôbre o contado exterior do flutuador, a êste efeito ligeiramente inclinado com respeito à vertical. (A determinação exacta dessa inclinação deve efectuar-se com um ensaio sôbre um modêlo reduzido).

A pressão do vento, suposta de 300 quilogramas por metro quadrado, não chegaria a deslocar 3 metros no vértice superior da tôrre.

O problema das amarras, resolver-se-ia com pesados blocos de cimento semi-armado, que se deixariam afundar na camada de lôdo do fundo do rio. A disposição geral vai indicada, esquemàticamente, nos esboços anexos.

CUSTO

Não estamos todavia em condições de efectuar um orçamento.

A título de comparação citaremos o caso do funicular aéreo sôbre o porto de Barcelona, que projectámos em 1928 e se inaugurou em 1931. - Êste funicular percorre um trajecto de 1.400 metros. Apoia-se numa tôrre metálica de 115 metros, e outra terminal de 84 metros. O outro extremo assenta directamente, sem tôrre, na montanha de Montjuich.

O número de vagonetas é de 4. Nas tôrres há 3 restaurantes. O seu custo foi de quási 3 milhões de pesetas.

No nosso caso, se a tôrre flutuante se apoiasse sôbre um cais como em Barcelona, o volume da nossa obra não chegaria a sero dobro da de Barcelona.

Nesta hipótese, e com preços normais, o custo total não seria superior a 14 milhões de escudos.

Tam pouco nos parece que a quantidade que se deve aumentar pelo facto de ser flutuante uma das tôrres, seja superior a 10 milhões.

Admitamos por prudência, um custo de 25 milhões, com preços normais.

———oOo———

RENDIMENTO

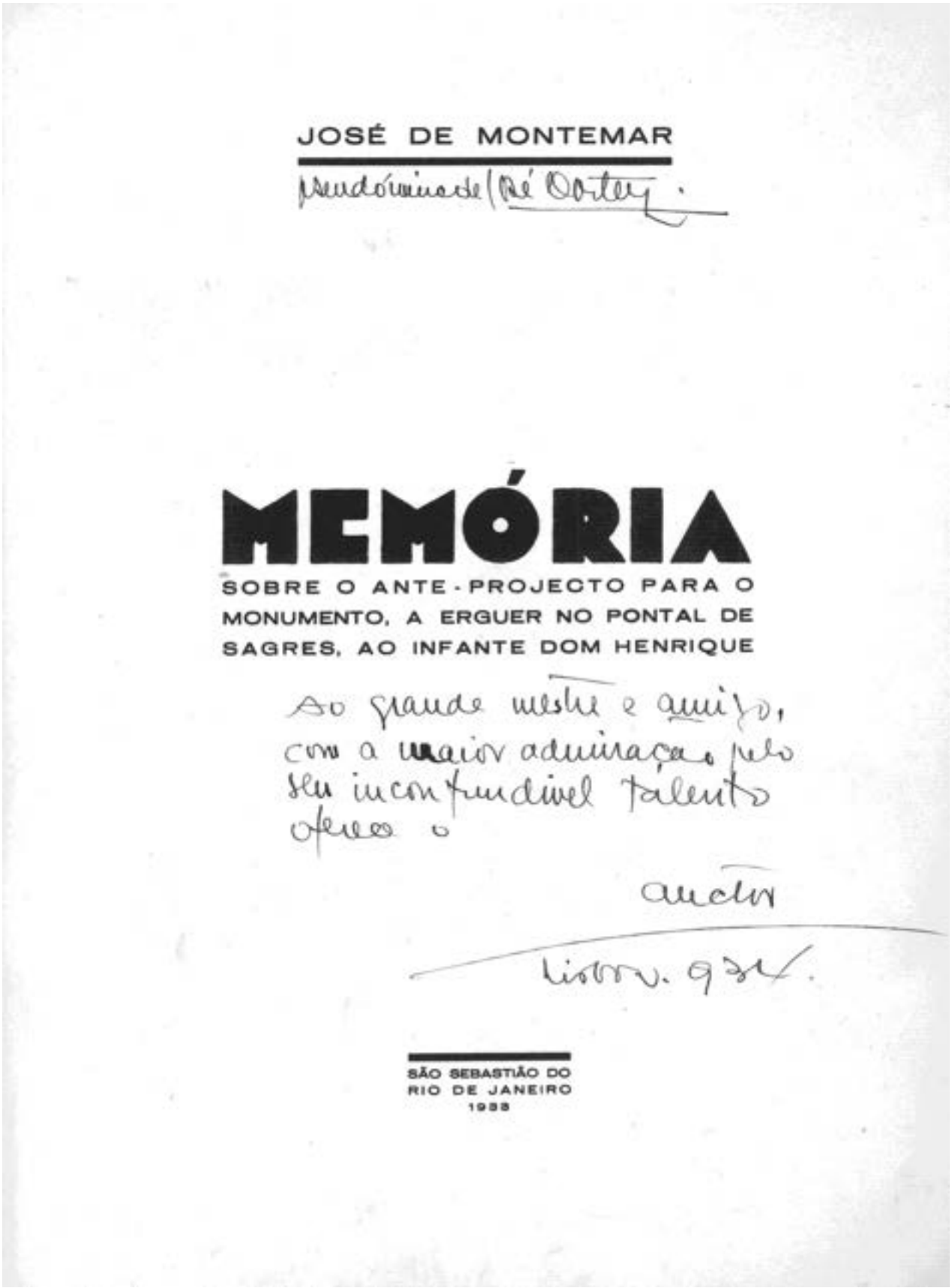
De momento o rendimento seria insuficiente. Mas com o tempo, com o futuro desenvolvimento de Almada e Cacilhas, podemos admitir um volume anual de um milhão de viajantes num sentido e noutro, que a $80 totalizariam 1.600.000$00 por ano.

Não é exagerado calcular em 400.000$00 anuais as outras receitas por exploração de ambas as tôrres, especialmente a flutuante, na sua qualidade de centro de diversões.

Com gastos de exploração, avaliados nos seus 25 %, teriamos um lucro liquido anual de 1.500.000$00 o que significa um juro de 6 %, para uma obra de interêsse público.

Documento 33.02

CORTES, José - -Ante projecto para o Monumento em Sagres. [Espólio PMA], 1933.



JOSÉ DE MONTEMAR

pseudónimo de José Cortes.

MEMÓRIA

SOBRE O ANTE-PROJECTO PARA O MONUMENTO, A ERGUER NO PONTAL DE SAGRES, AO INFANTE DOM HENRIQUE

Ao grande mestre e amigo, com a maior admiração pelo seu inconfundível talento ofereço o

autor

Lisboa. 933.

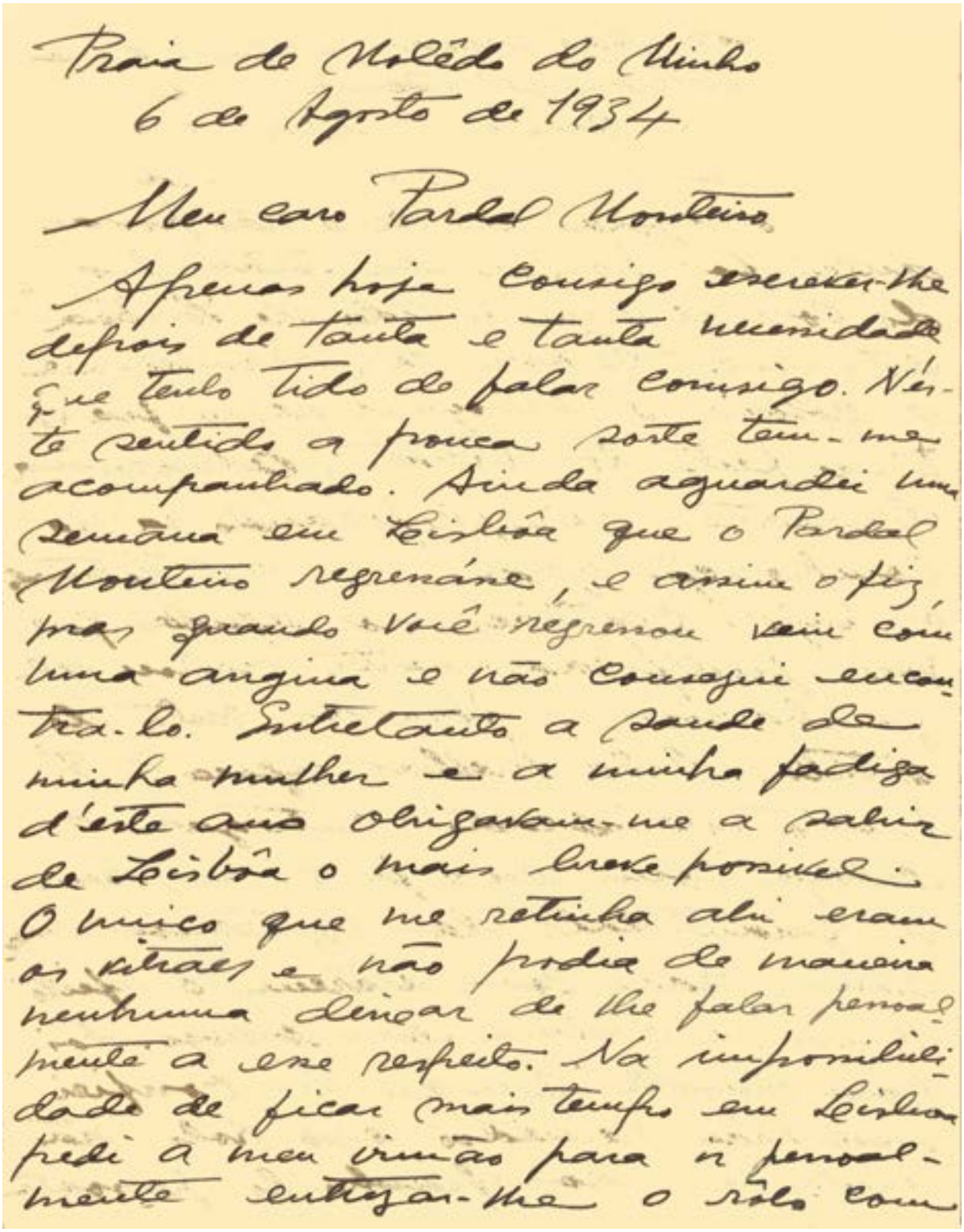
SÃO SEBASTIÃO DO RIO DE JANEIRO
1933

ORÇAMENTO

foi posteriormente alterado de acordo com as exigências do edital do Concurso, e com os preços da mão de obra e material de Portugal.

Documento 34.01

NEGREIROS, Almada- *Carta a Porfírio Pardal Monteiro* [Texto manuscrito do Espólio PMA].Praia do Moledo do Minho: 6 de agosto de 1934.



Praia de Moledo do Minho
6 de Agosto de 1934

Meu caro Pardal Monteiro

Apenas hoje consigo escrever-lhe depois de tanta e tanta preocupação que tenho tido de falar consigo. Néste sentido a pouca sorte tem-me acompanhado. Ainda aguardei uma semana em Lisboa que o Pardal Monteiro regressasse, e assim o fiz, mas quando você regressou veio com uma angina e não consegui encontra-lo. Entretanto a saude da minha mulher e a minha fadiga d'este ano obrigaram-me a sahir de Lisboa o mais breve possivel. O unico que me retinha ali eram os vinhos e não podia de maneira nenhuma deixar de lhe falar pessoalmente a esse respeito. Na impossibilidade de ficar mais tempo em Lisboa pedi a meu irmão para ir pessoalmente entregar-lhe o rôlo com

os estudos. Não escrevi porque o meu grande interesse foi sempre o de encontrar-me comsigo pessoalmente para explicar-lhe os meus trabalhos. Faço-o agora e se o não pude antes foi porque eu estava prostrado com a minha vida de Lisboa este ano. Como vê, limitei-me a colorir o esboço a negro que eu tinha feito dos vitraes, aproximadamente, simplificando lá'na composição geral, e substituindo os anjos centraes por aquelles que você justificadamente achou algo barroco e fóra do resto do estilo. Acha melhor agora? É' muito arriscado entregar o esboço como eu o fiz a lápis, sem a quantidade das explicações necessarias para completarem o effeito a que se destina esse esboço. Foi com desgosto que eu lhe confiei sem mais remedio esse rôlo não podendo acompanha-lo pessoal-

mente. Assim é que, como você (?
vê, eu fiz acompanhar a composi
ção geral colorida de um outro
esboço com três grandes anjos apena
para toda a superfície do vitral.
Isto significa que atraiu do
meu trabalho para os vitrais en
ii-me subjugado pela acumulação
de figuras na composição (o que
não é defeito senão no presente
caso, em que uma perspectiva forço
sa me impedia a intenção de perso-
nalizar perfeitamente cada anjo de
per si no conjuncto). Resolvi então
vêr a personalidade de cada anjo
e fiz para isso três que me enchiam
absolutamente toda a superfície.
No sentido moderno parece-me
preferivel a composição d'estes
três anjos, e a sua factura mais
substancial que a do outro con-
juncto. Comtudo, se agradar a
primeira composição, podemos di-
minuir o numero de anjos sem
destruir as rodas da apotheose do

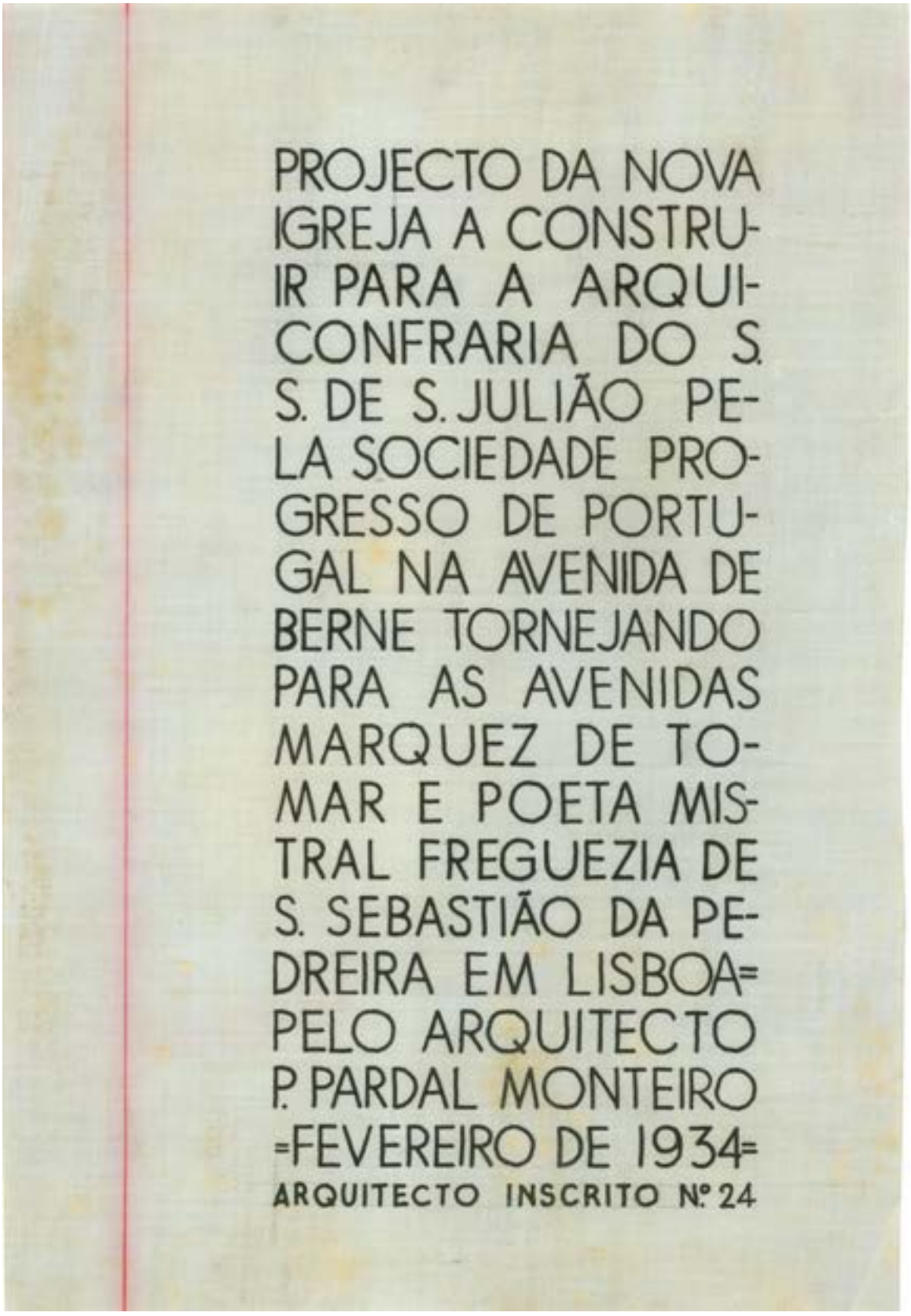
"Gloria in excelsis Deo" e conseguindo mais independencia ainda e mais personalidade cada figura. É esta afinal tambem a minha opinião, e o motivo da segunda Composição tem por consequinte esta explicação.

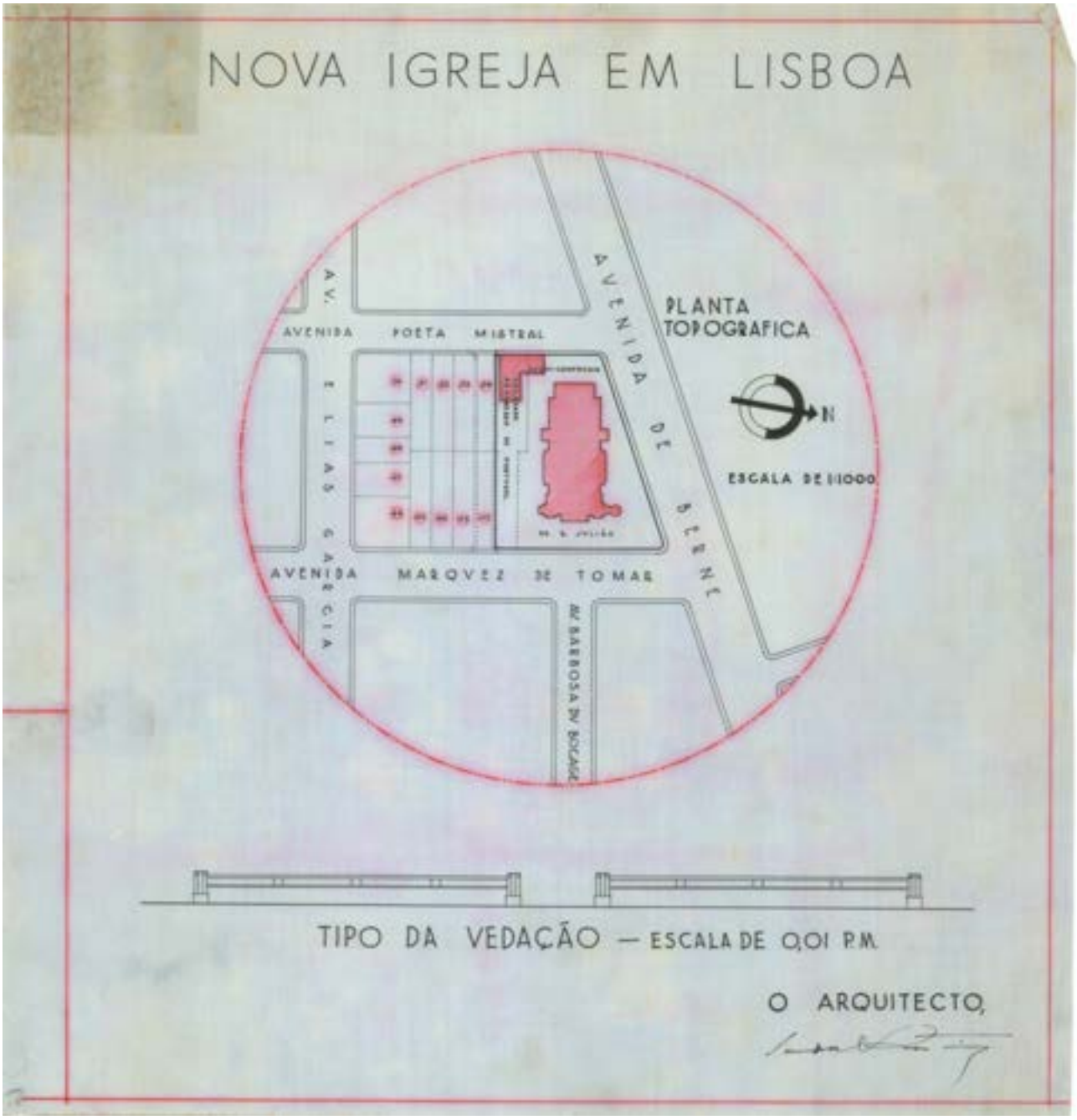
Repare você que desde o primeiro esboço (o pequeno a lapis), passando depois pelo grande a negro até ao mesmo colorido, foi-me inevitavel uma simplificação sobretudo no numero de anjos, e a final será maior quanto mais apurada fôr sendo a composição. Quanto ao colorido não é necessario recordar o longe que fica o contraste ou matiz final da mancha do esquisso.

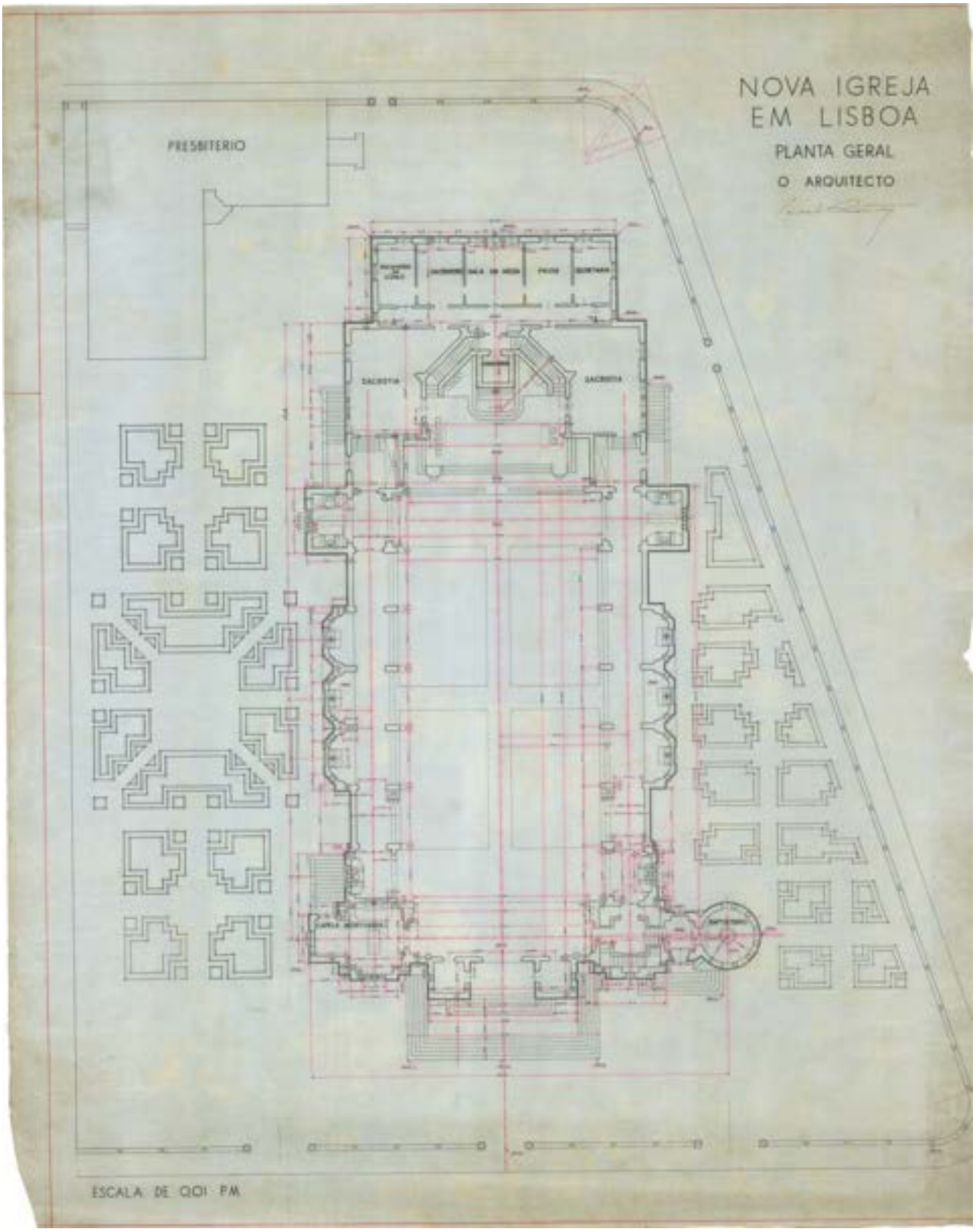
E agora sobre o que lhe quer aqui fico aguardando as suas ordens na certeza de que espero que essas vitrais sejam o meu chef-d'oeuvre dentro e fóra de Portugal.

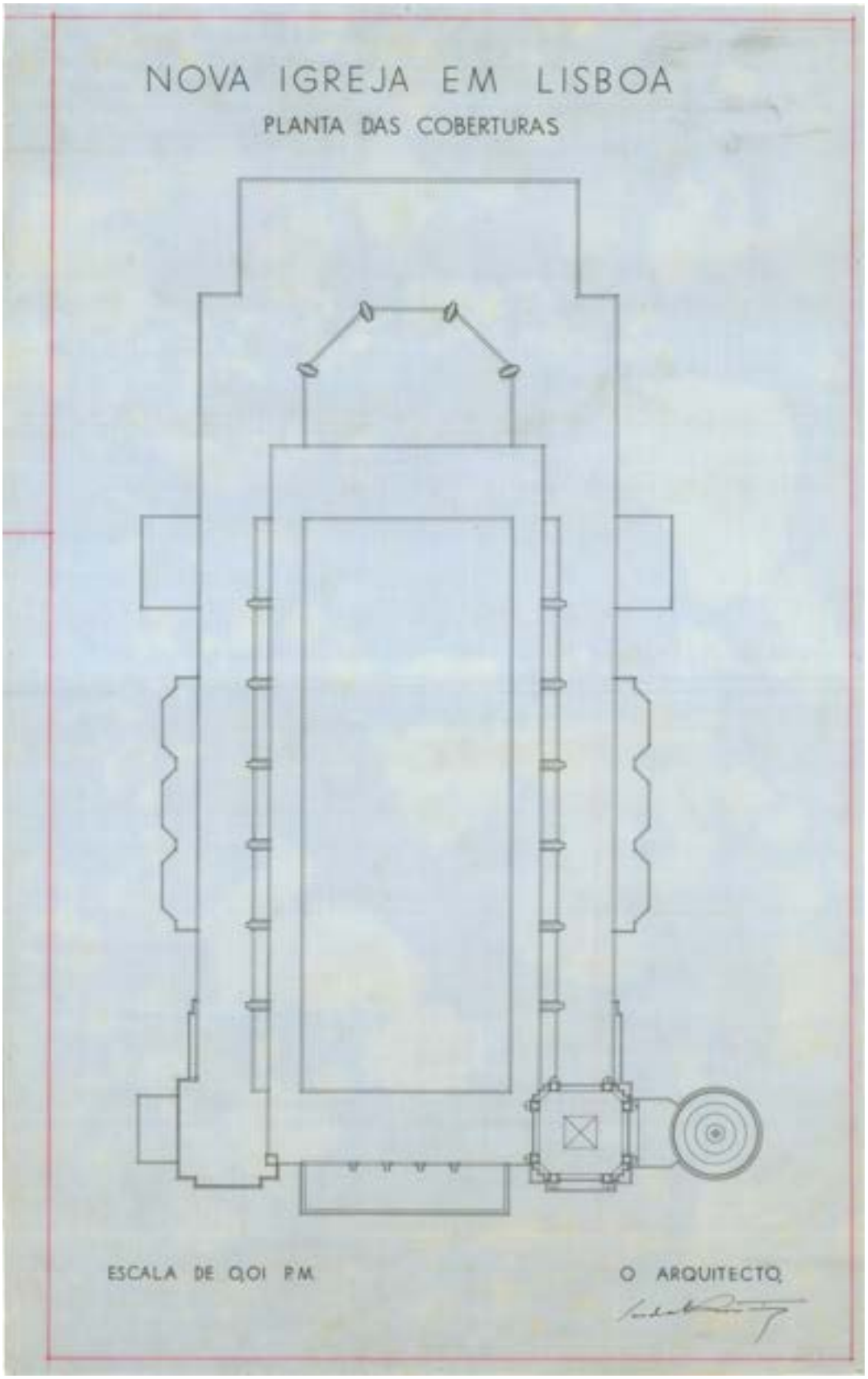
Desculpe você a parte que me toca nos nossos desencontros e queira-me já completamente restabelecido para começar com fôrça os nossos queridos vitraes! Cumprimentos para si de minha mulher e um bom abraço do seu Camarada e amigo Almada

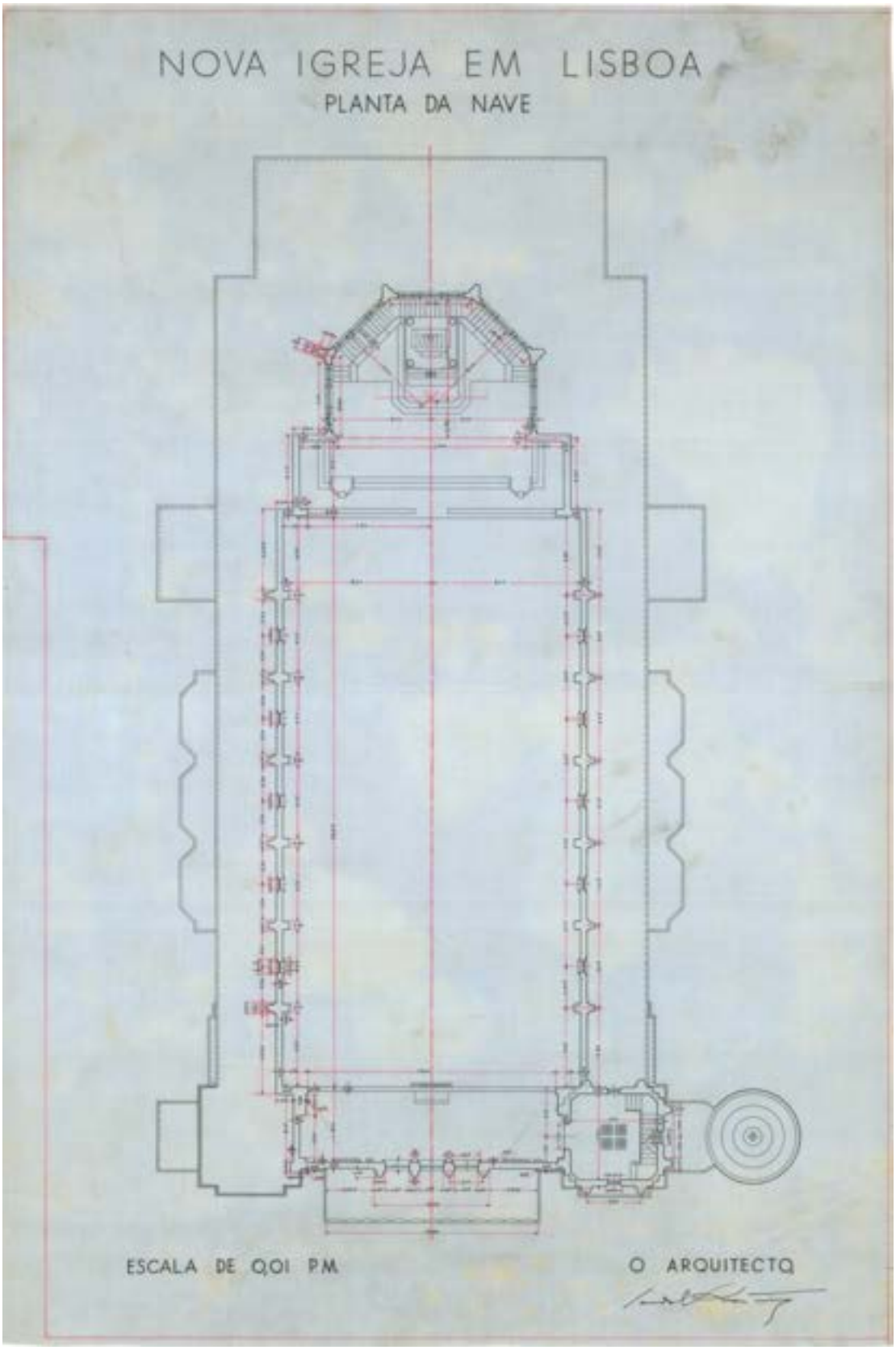
Documento 34.02
MONTEIRO, Porfirio Pardal – Telas do projecto da Igreja da Nossa Senhora de Fátima em Lisboa. Lisboa: 1934.




NOVA IGREJA EM LISBOA
AVENIDA POETA MISTRAL
AVENIDA ELIAS GARCIA
AVENIDA MARQUEZ DE TOMAR
AVENIDA DE ROMA
PLANTA TOPOGRAFICA
N
ESCALA DE 1:1000
TIPO DA VEDAÇÃO — ESCALA DE 0,01 P.M.
O ARQUITECTO,

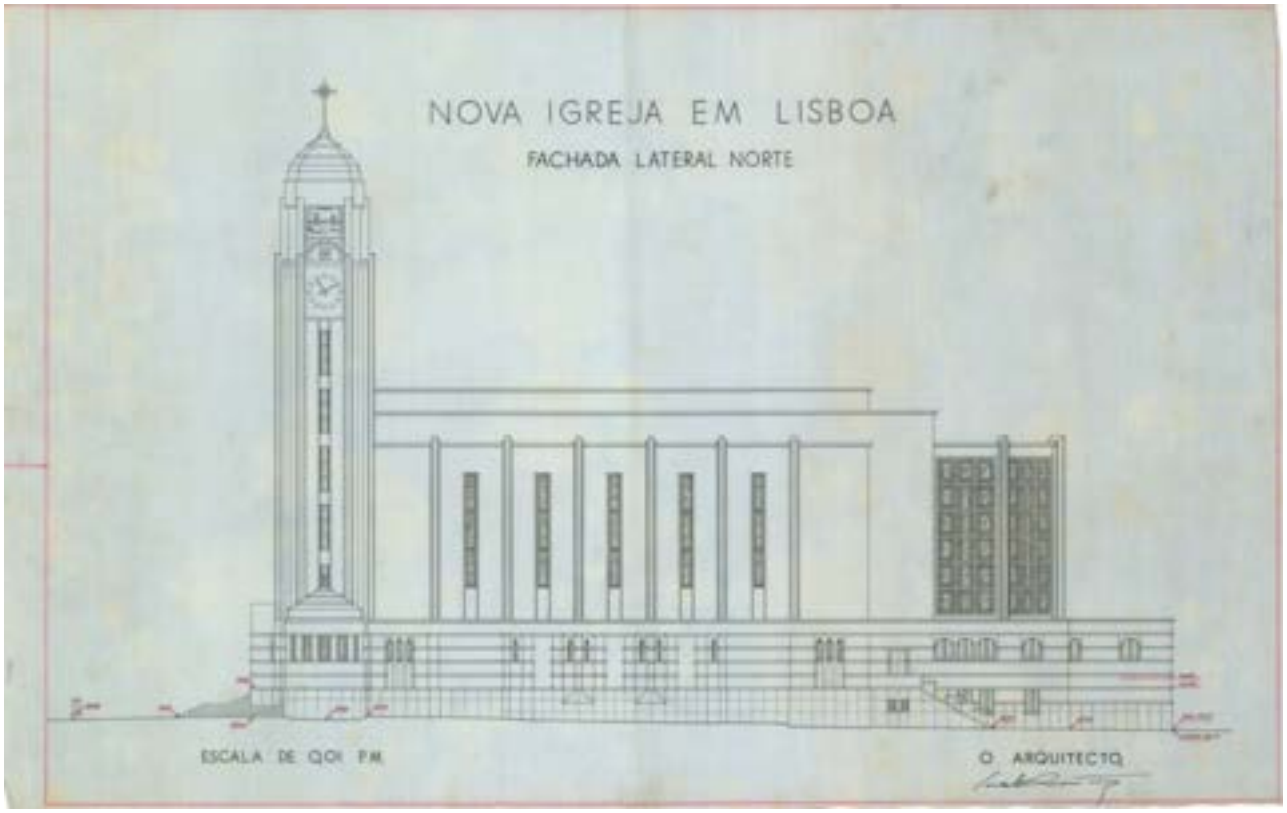

NOVA IGREJA
EM LISBOA
PLANTA GERAL
O ARQUITECTO
PRESBITERIO
SACRISTIA
SACRISTIA
ESCALA DE 0,01 P.M.


NOVA IGREJA EM LISBOA
PLANTA DAS COBERTURAS
ESCALA DE 0,01 P.M.
O ARQUITECTO


NOVA IGREJA EM LISBOA
PLANTA DA NAVE
ESCALA DE 0,01 P.M.
O ARQUITECTO


NOVA IGREJA EM LISBOA
FACHADA PRINCIPAL
ESCALA DE 0,01 P.M.
O ARQUITECTO,

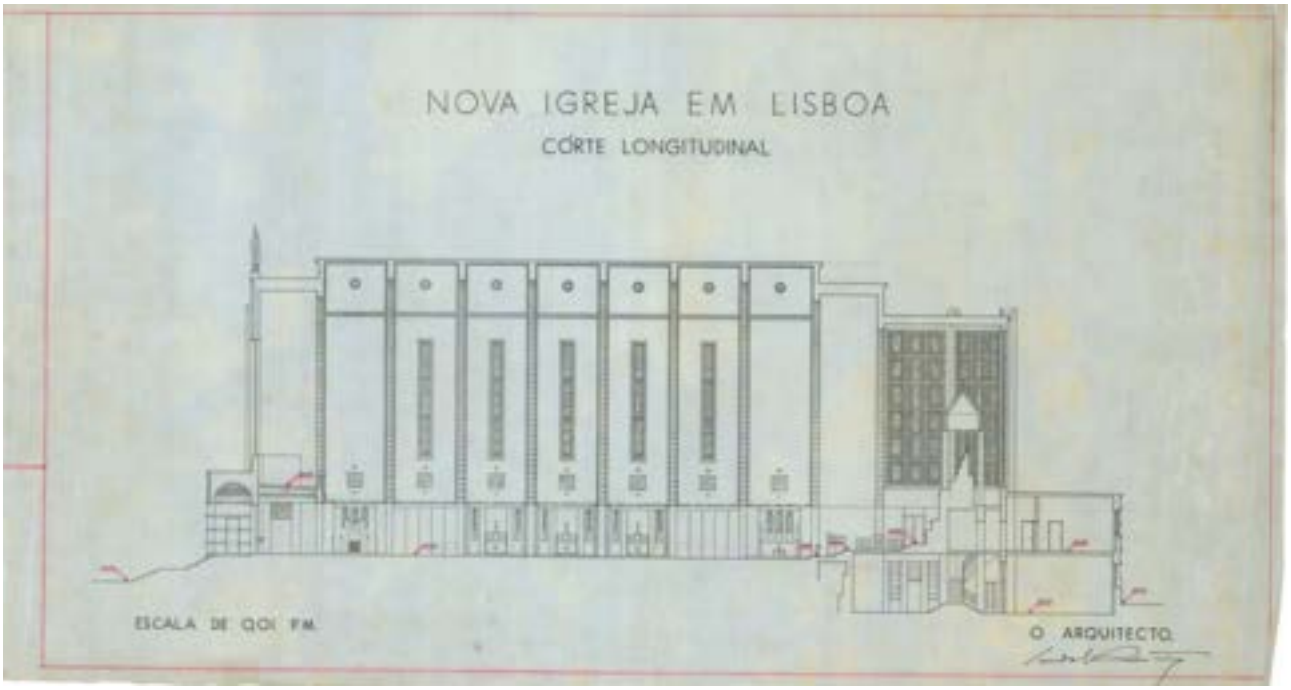

NOVA IGREJA EM LISBOA
FACHADA POSTERIOR
ESCALA DE 0,01 P.M.
O ARQUITECTO

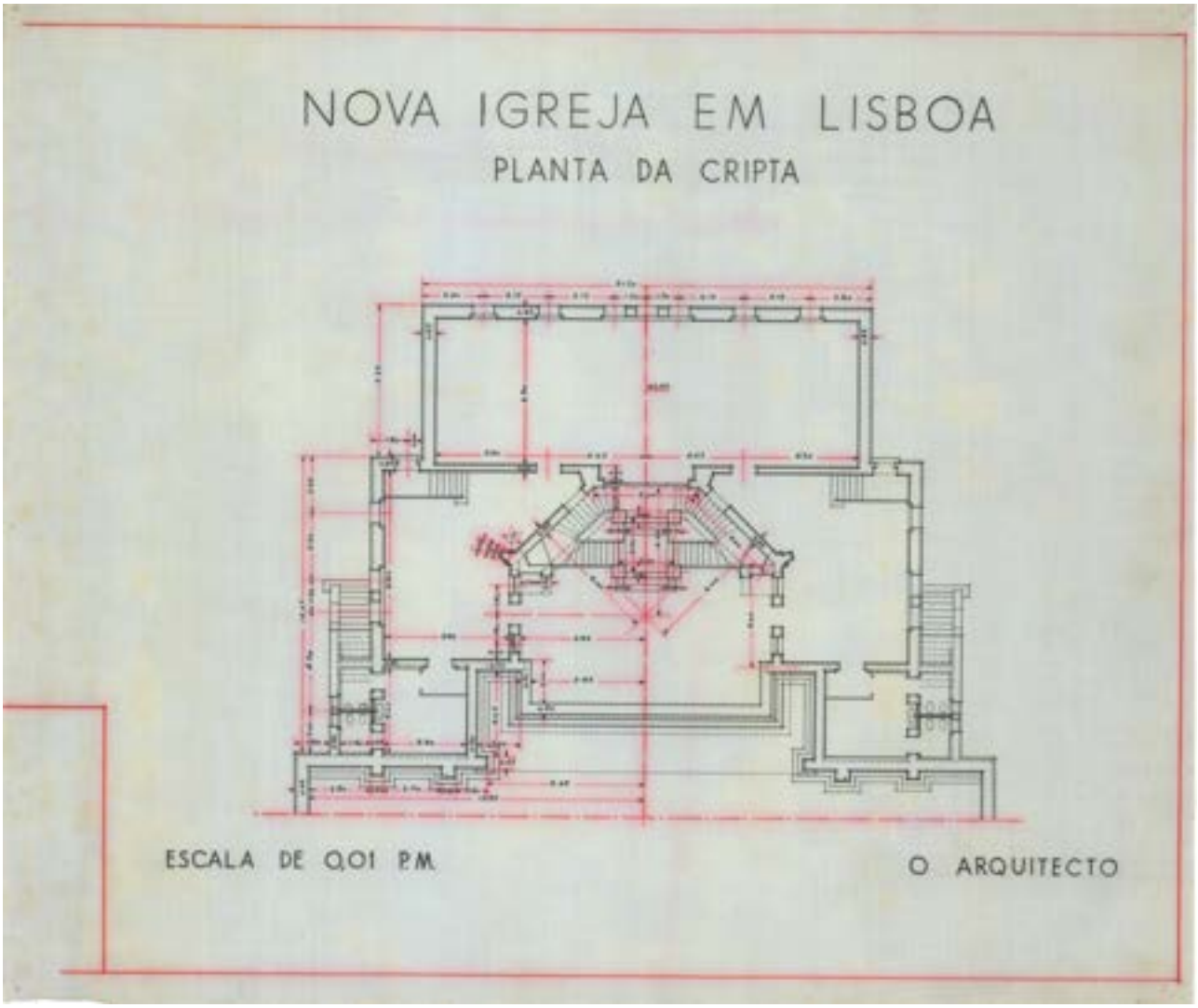

NOVA IGREJA EM LISBOA
FACHADA LATERAL NORTE
ESCALA DE 0,01 P.M.
O ARQUITECTO

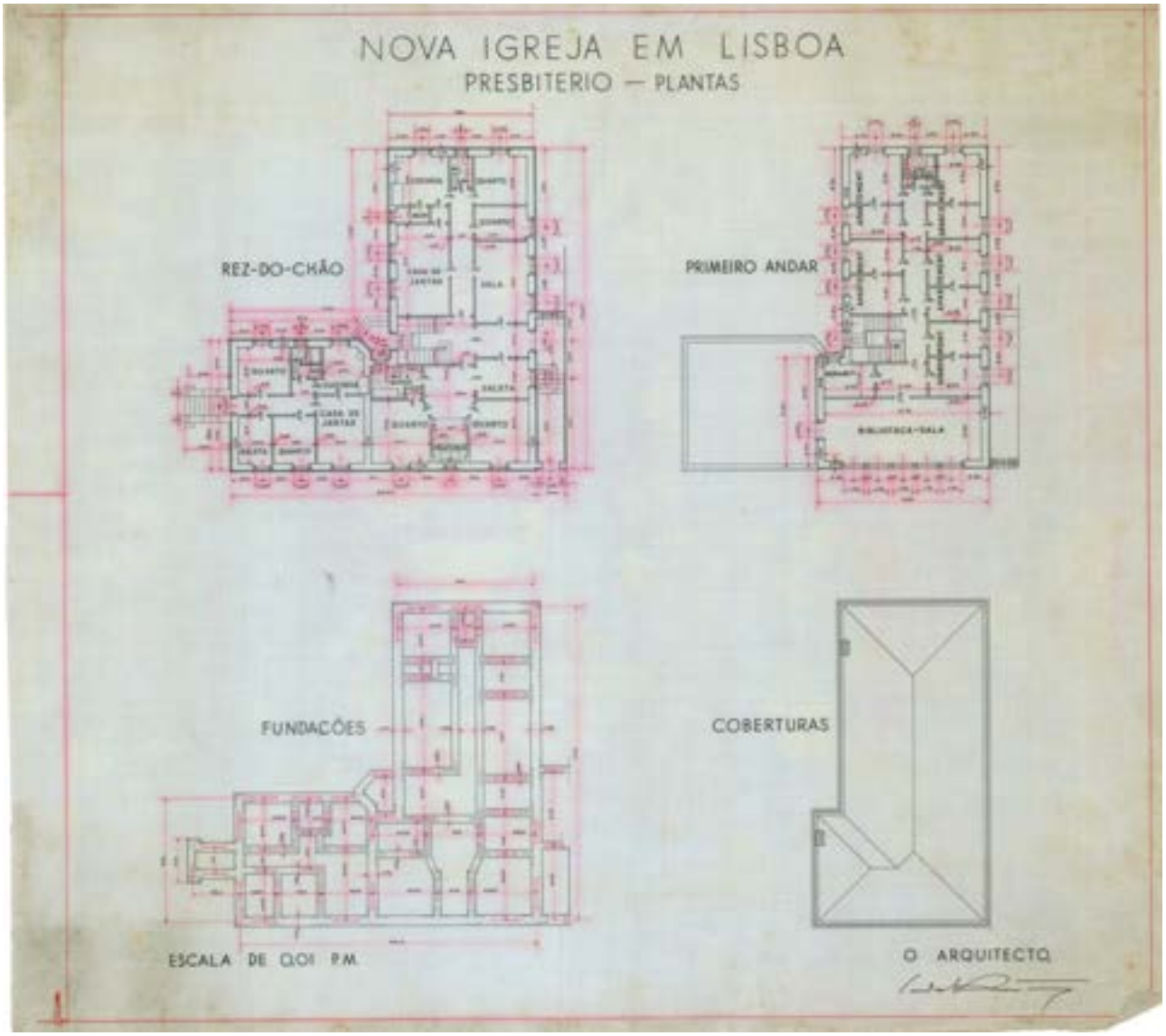

NOVA IGREJA EM LISBOA
FACHADA LATERAL SUL
ESCALA DE 0,01 P.M.
O ARQUITECTO

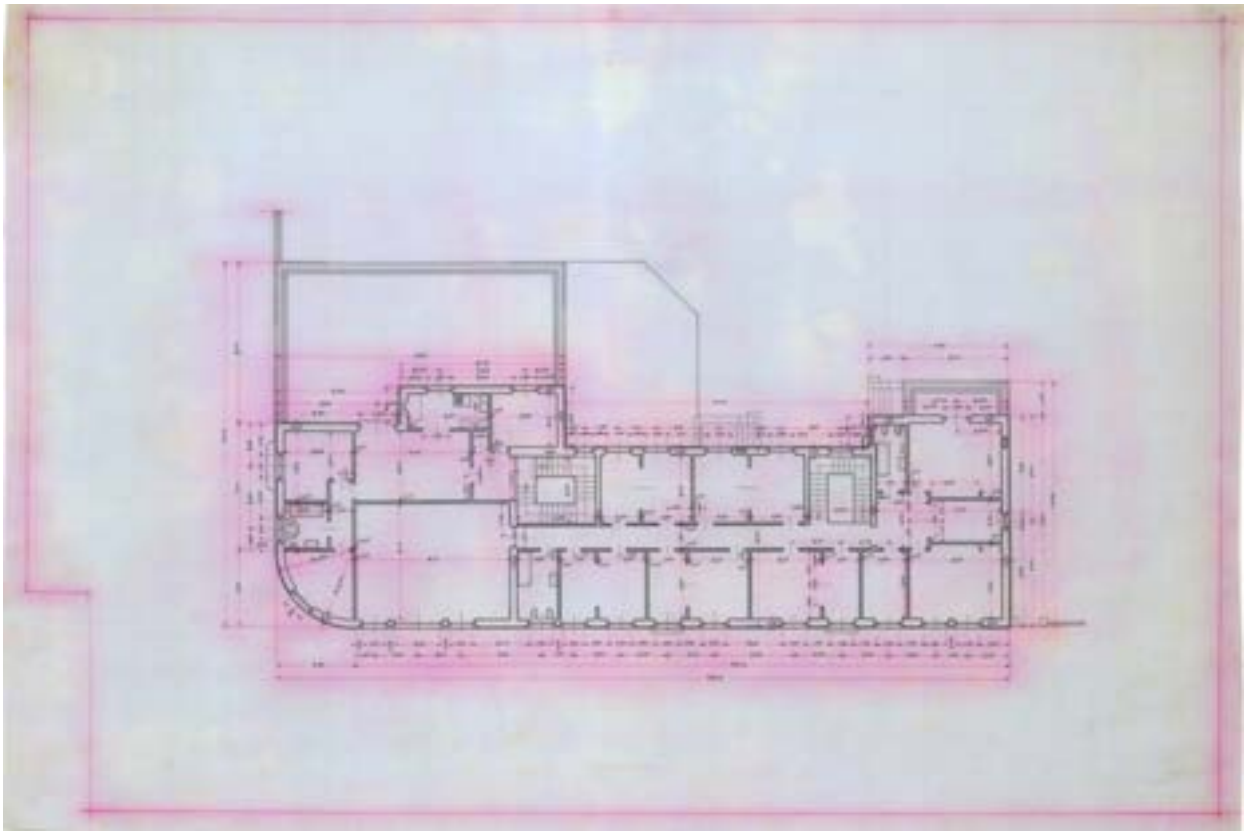

NOVA IGREJA EM LISBOA
CÓRTE TRANSVERSAL PELA TORRE
ESCALA DE 0,01 P.M.
O ARQUITECTO,

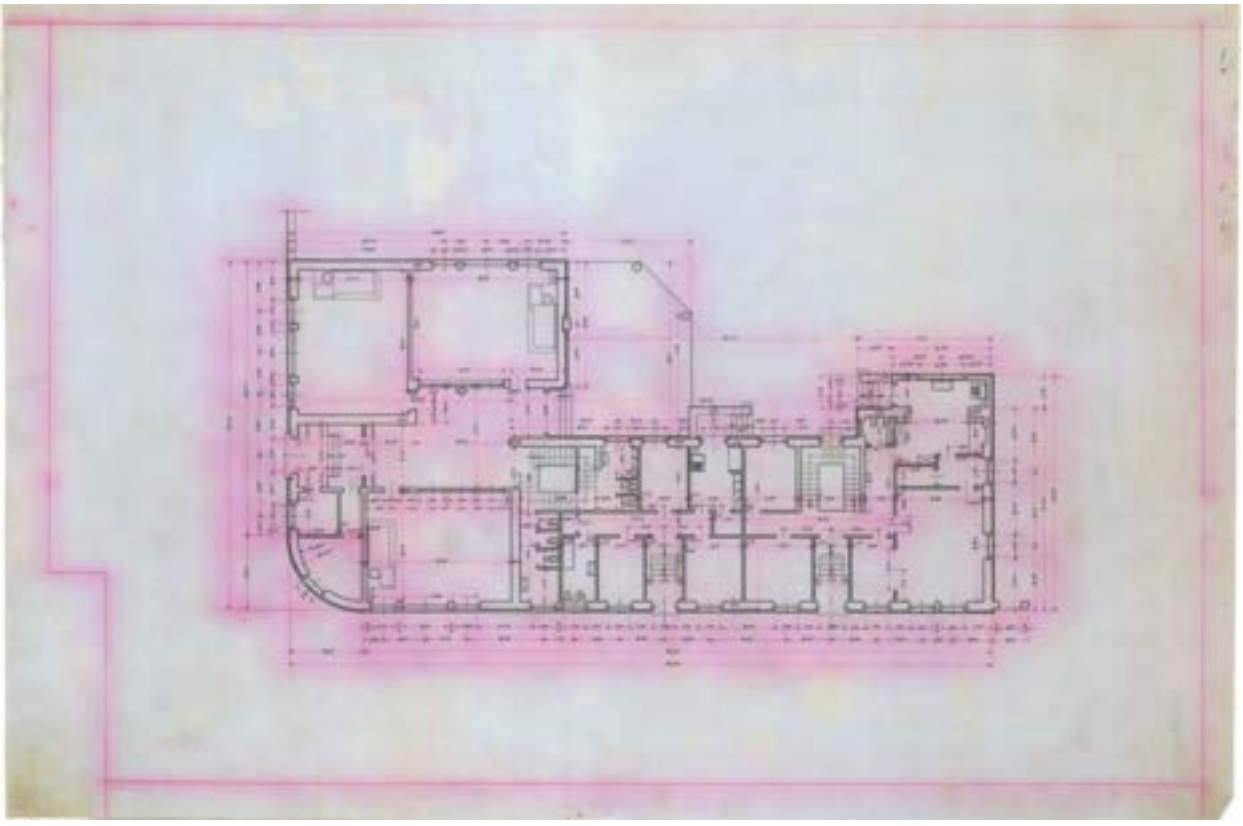

NOVA IGREJA EM LISBOA
CÓRTE TRANSVERSAL
ESCALA DE 0,01 P.M.
O ARQUITECTO,

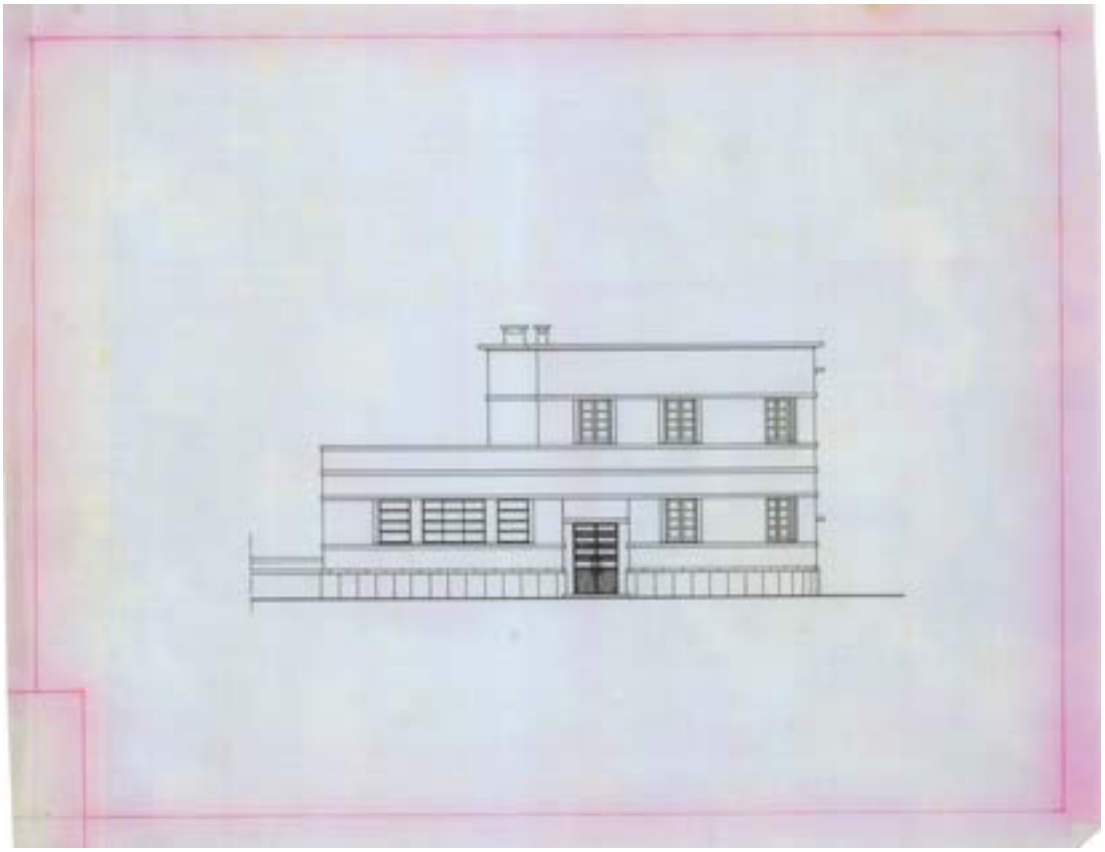

NOVA IGREJA EM LISBOA
CÓRTE LONGITUDINAL
ESCALA DE 0,01 P.M.
O ARQUITECTO

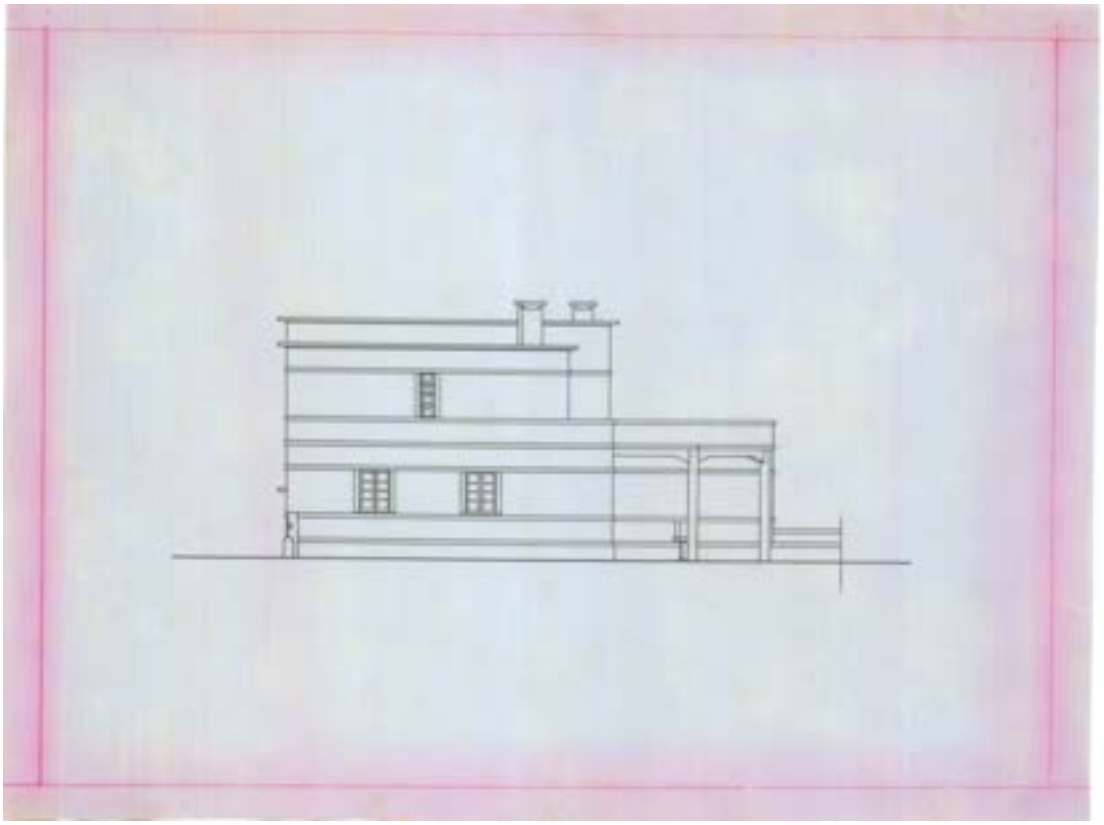

NOVA IGREJA EM LISBOA
PLANTA DA CRIPTA
ESCALA DE 0,01 P.M.
O ARQUITECTO

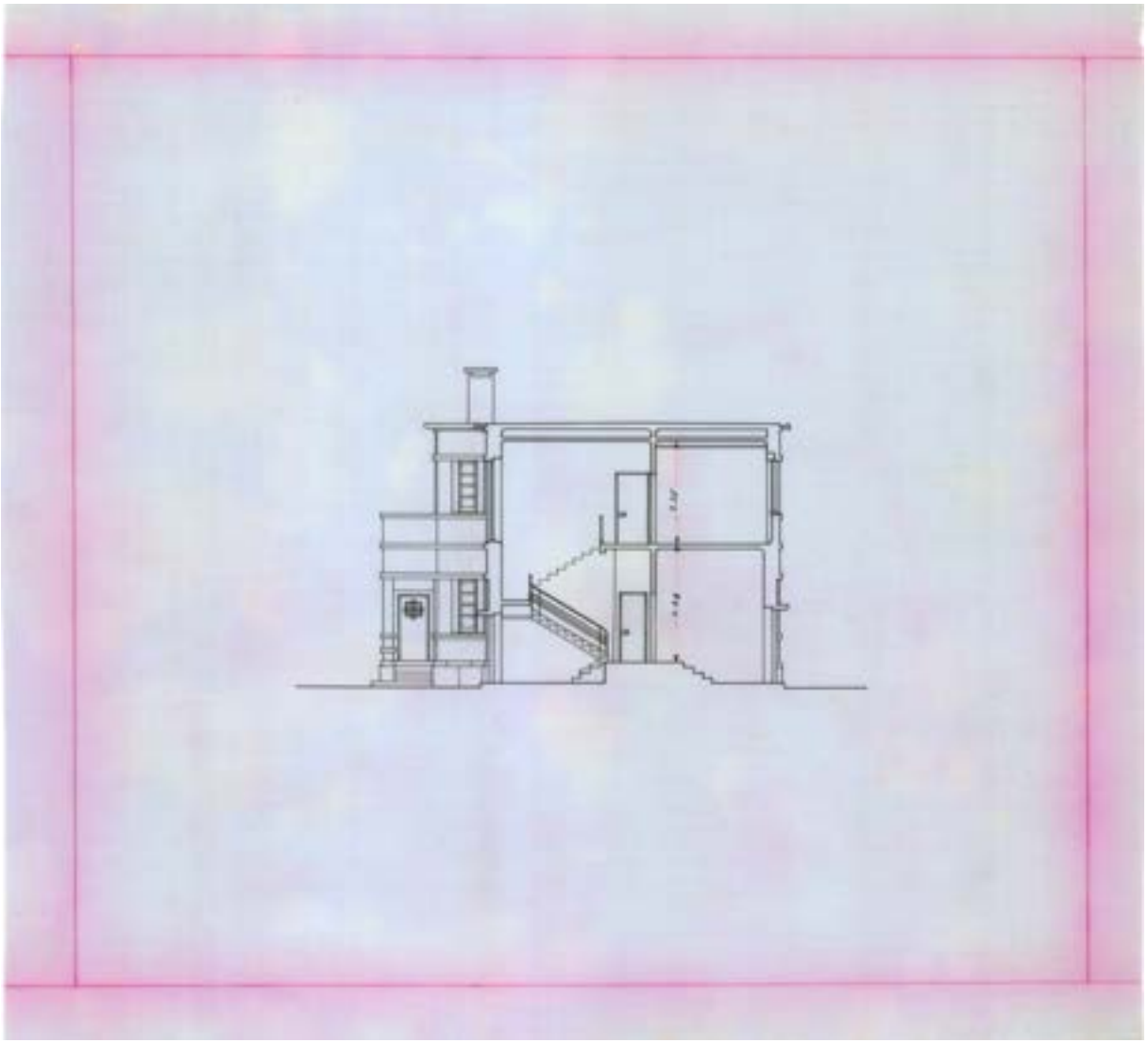

NOVA IGREJA EM LISBOA
PRESBITERIO — PLANTAS
REZ-DO-CHÃO
PRIMEIRO ANDAR
FUNDAÇÕES
COBERTURAS
ESCALA DE 0,01 P.M.
O ARQUITECTO

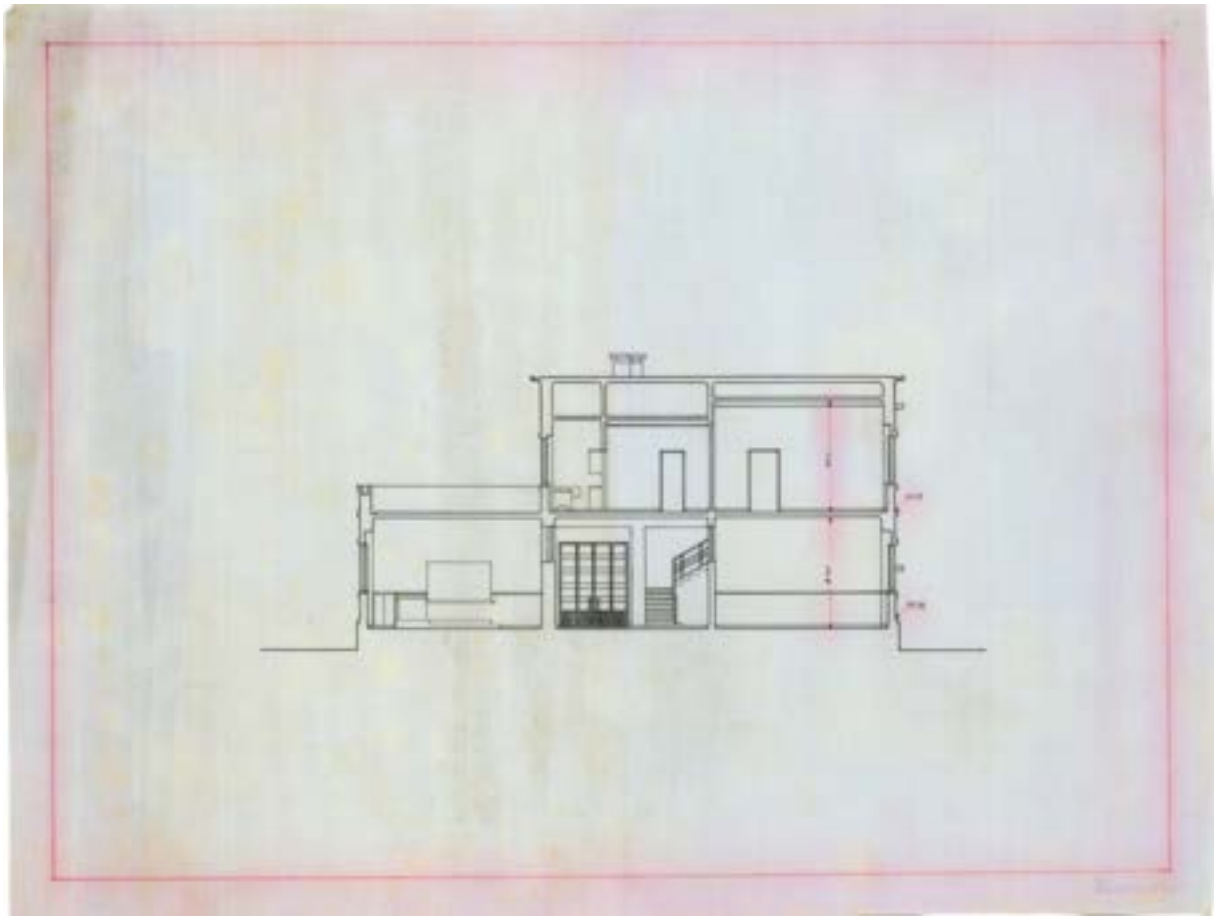


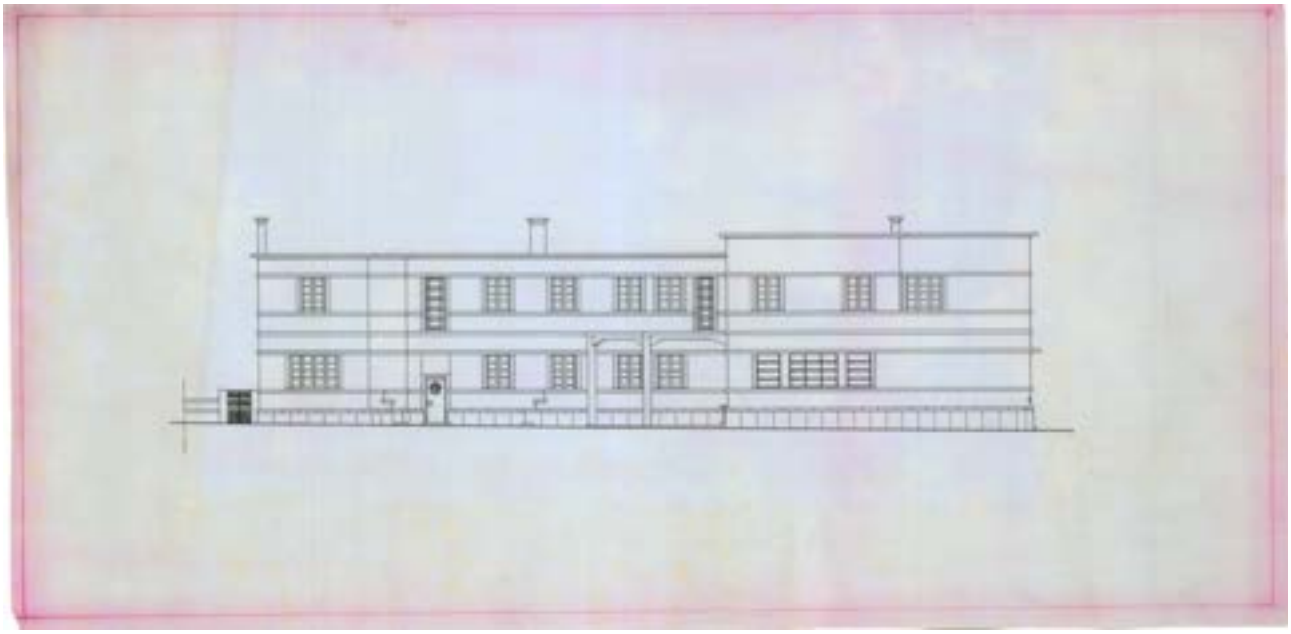


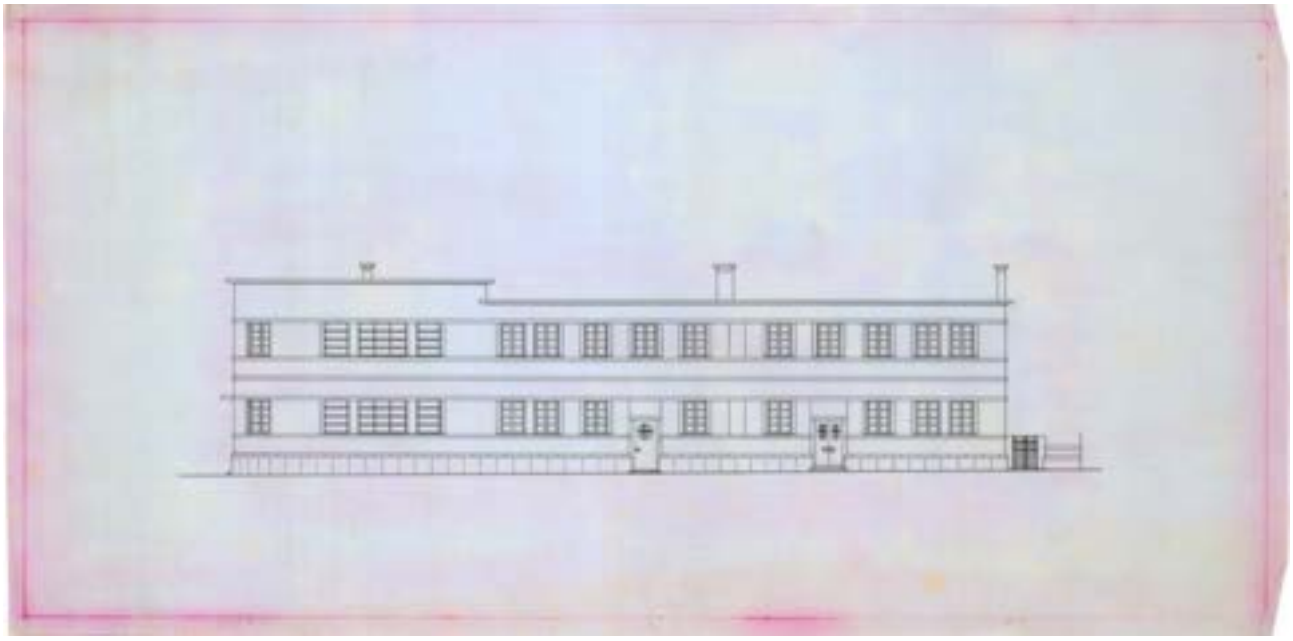


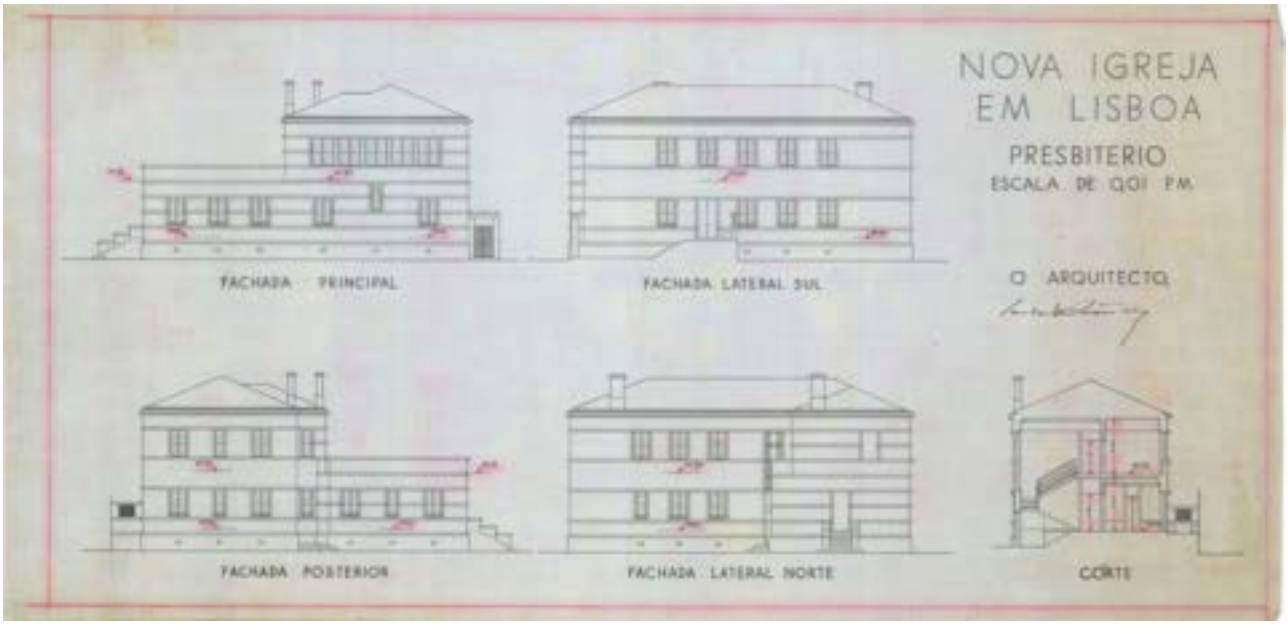


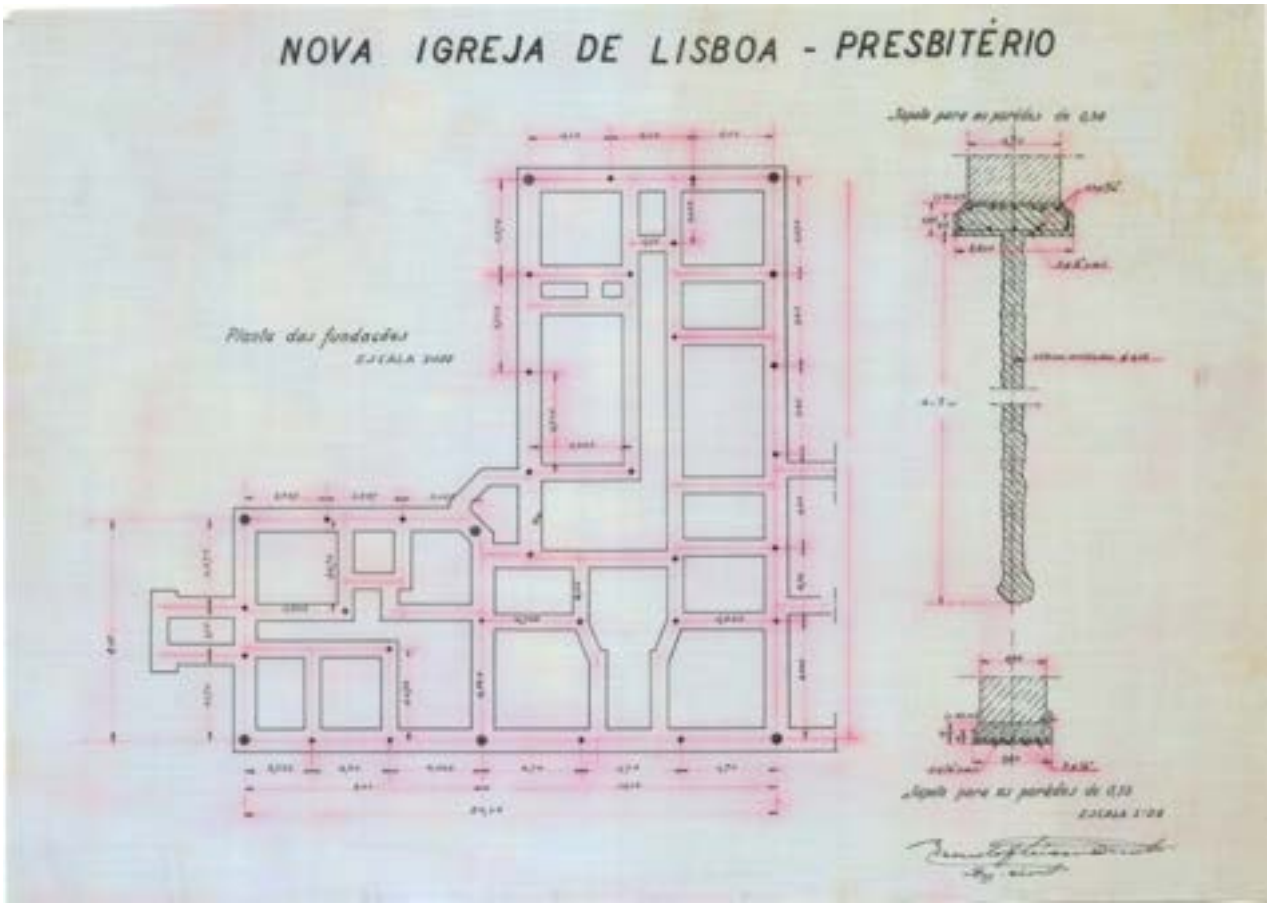


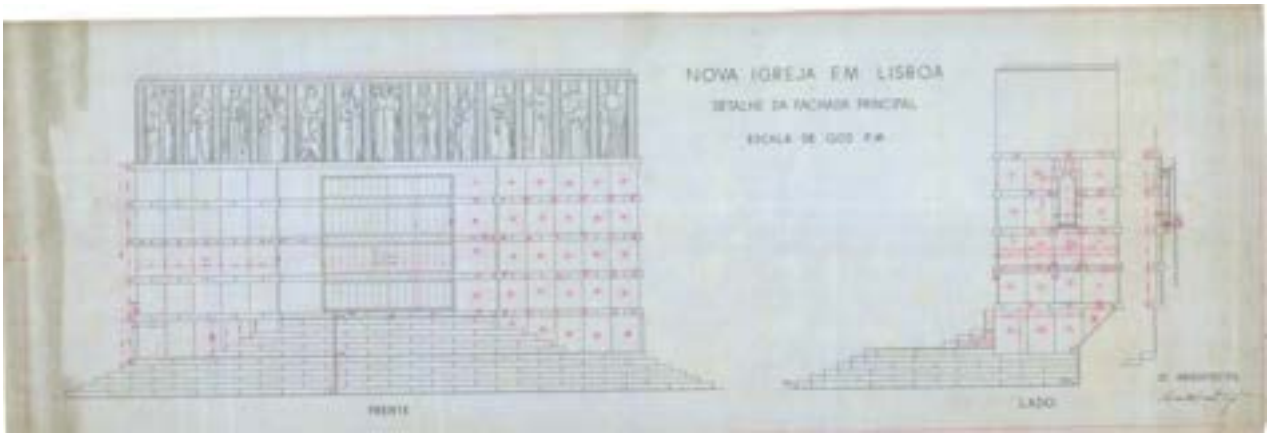


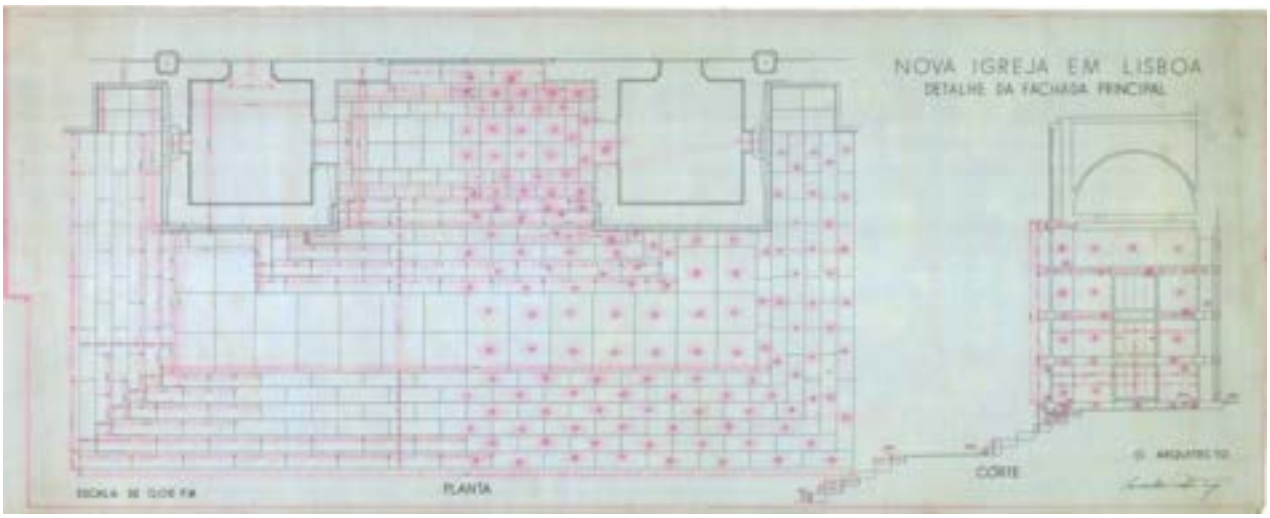




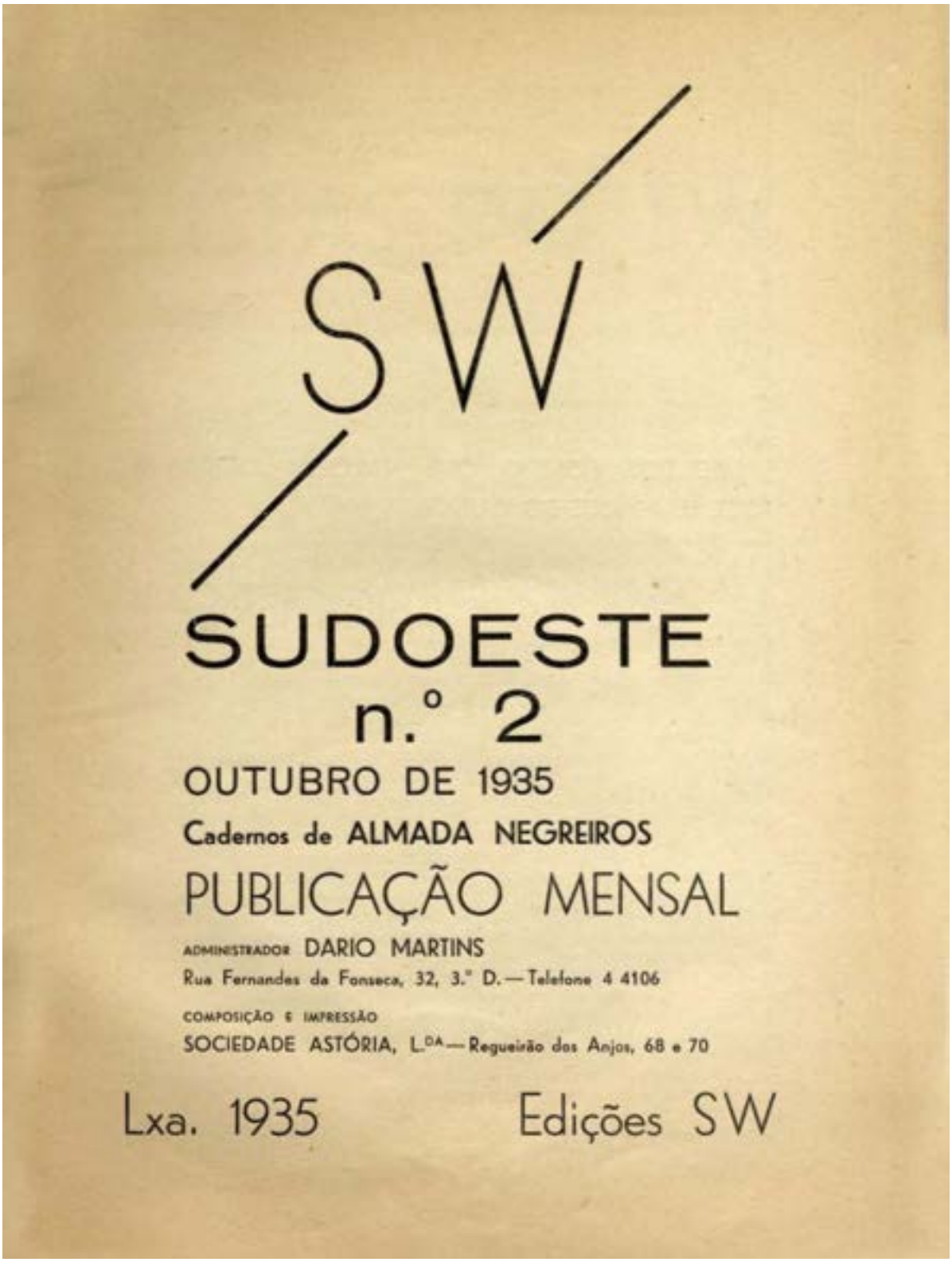

NOVA IGREJA
EM LISBOA
PRESBITERIO
ESCALA DE 0,01 P.M.
O ARQUITECTO
FACHADA PRINCIPAL
FACHADA LATERAL SUL
FACHADA POSTERIOR
FACHADA LATERAL NORTE
CORTE


NOVA IGREJA DE LISBOA - PRESBITÉRIO
Planta das fundações


NOVA IGREJA EM LISBOA
DETALHE DA FACHADA PRINCIPAL
FRENTE
LADO


NOVA IGREJA EM LISBOA
DETALHE DA FACHADA PRINCIPAL
PLANTA
CORTE

Documento 35.01
Revista Sudoeste. Lisboa: Edições SW Sociedade Astória, nº2 (1935).



vêem-se melhor com os olhos da memória do que com os olhos mortais. E nós somos dos mortais, dos que ainda havemos de morrer, dos que ainda temos vida dentro de nós!



Eu, português, conheço pelo menos dois Portugais: um o dos portugueses, e outro o das portuguesadas. E creio firmemente que pretender servir Portugal com portuguesadas é a mesmissima coisa do que meter-lhe capilé p'rás veias. Portuguesadas são excelentes para fins de festa e não para festas que tenham outro fim que não seja o de acabar com a festa.

Não há maior inimigo do português do que as portuguesadas. As varinas estilizadas, as minhotas de chás de caridade, os poveiros de turismo e os campinos das marcas registadas, pertencem ao Portugal das portuguesadas. E isto ainda seria o menos, se ficássemos pelas pequenas portuguesadas: mas atrás das pequenas vêm as grandes e algumas destas chegam a ser do tamanho da Volta de Portugal.

Quando António Nobre escreveu

¿qué dos pintores do meu Portugal?
¿qué d'elles que o não veem pintar?

houve logo quem nêstes versos visse uma apologia da paisagem pintada, e quem logo fundasse escolas ao ar livre! E bem poucos foram aqueles que não traduziram êstes versos de Nobre por parecidos de paisagem ou de modos de vestir. Rarissimos foram os que ouviram exactamente o chamamento do poeta português. António Nobre queria dizer lá com a sua, muita outra coisa bem diversa daquela por que lha tomaram. Rogava para que surgissem os artistas da nossa luz, do clima do nosso sentir, do prazer do nosso entendimento, da visualidade própria de serras nossas e beira-mar português e nos quais, ausente o parecido, estivesse bem subentendido pelo expressar de cá.

Quando o extraordinário pintor português Amadeu de Sousa Cardoso apresentava em público as suas telas, os nossos compatriotas traduziam êstes dois versos de António Nobre por portuguesadas e tinham afinal a iris fechada à legitima luz de Portugal!

Por mais esmerado que um poeta o diga, por mais devotamente que um português o oiça, entendem-no sempre fora da *mouche*. Ora o que interessa ao atirador não é acertar no alvo mas na *mouche*. A *mouche* é que é! A *mouche* é o português, o alvo a portuguesada. A portuguesada é uma tremenda falta de pontaria no português.

E por êste andar o nosso querido Portugal irá sistemàticamente sendo substituido pelo das portuguesadas.

O monumento ao Marquês de Pombal o que é senão uma grandessissima portuguesada com todos os seus matadores? Aquilo afinal resume-se a contendas de Loja e Sacristia! Da história do Marquês está lá tudo em pedra, bronze e leão; mas qual é o português que aprenderá alguma coisa da história do Marquês porque lho tenha ensinado aquele monumento?! Nem patavina!

Um forasteiro das festas da cidade de Lisboa em 1934, teve de prolongar a sua estadia na capital depois de terminado o programa dos festejos. E o pobre provinciano andava intrigadissimo pela facto da C. M. L. não ter ainda

mandado apiar *aquilo* da Rotunda, se as festas já tinham acabado há tanto tempo!

Com mil raios, é esta a melhor crítica, a mais justa que temos ouvido sôbre êste monumental monumento!

E a maquete aprovada para o monumento ao Infante D. Henrique, o que é também senão uma grandessissima portuguesada, uma portuguesada modernista, modernistissima, feita de aposta para ultrapassar avançados!?

Então admite-se lá que para dar ideia da direcção que toma um monumento que se o incline nessa direcção?! Então não existem processos elementaríssimos para dar um sentido único e inconfundível às quatro faces de uma massa arquitectónica que obedeça à verticalidade material e visual?!

A enormidade dêste projecto é a de estar errado na alma. Parte de uma ideia impossível em material de arquitecto. É uma ideia para almofada regionalista ou para quadra popular, ou até para emblema de falange, mas nunca para rocha e cimento. E tanto isto é verdade que, se os autores do projecto não teimassem em levar ao fim essa ideia literária teriam encontrado muito naturalmente a expressão que por si-própria lhes exigia a construção do monumento para alçar bem nítida a Cruz de Cristo: a Cruz de Cristo ao alto da face vertical de um tronco de pirâmide quadrangular, era a solução. Não é necessário um esquema para ver êste efeito, basta qualquer fotografia dêste mesmo projecto visto de face. A diferença entre o projecto visto de frente ou dos lados ou pela rectaguarda é tamanha que se descobre o errado da ideia inicial. Visto de frente, na fotografia, não se supõe a inclinação do monumento e parece que a Cruz de Cristo se apoia na face vertical. Parece exactamente que no alto do tronco da pirâmide assenta serena a Cruz de Cristo na face principal da construção e perpendicular à linha de terra. Mas parece-nos apenas. Os autores forçaram até à última o seu êrro de início, teimaram em levar ao fim em arquitectura uma ideia puramente literária, de modo que às linhas de fôrça que exige o bloco ascencional houve de invertê-las: invertê-las não em matéria mas em expressão, porque a ideia do monumento faz do bloco não um suporte mas uma sombra produzida pela Cruz de Cristo no ar! E tanto assim é que o corte do tronco de pirâmide arremeda, embora com dificuldade, o próprio contorno da Cruz de Cristo.

Se a alguém êste projecto lhe não pareça de pernas para o ar, é porque talvez ignore que a ideia faz parte integrante da realização de um monumento, e só com habilidades é possível pôr direito uma edificação com a ideia ao contrário.

Enfim, o projecto de que falamos, está quási certo. E precisamente por estar quási certo é que ficou completamente errado.

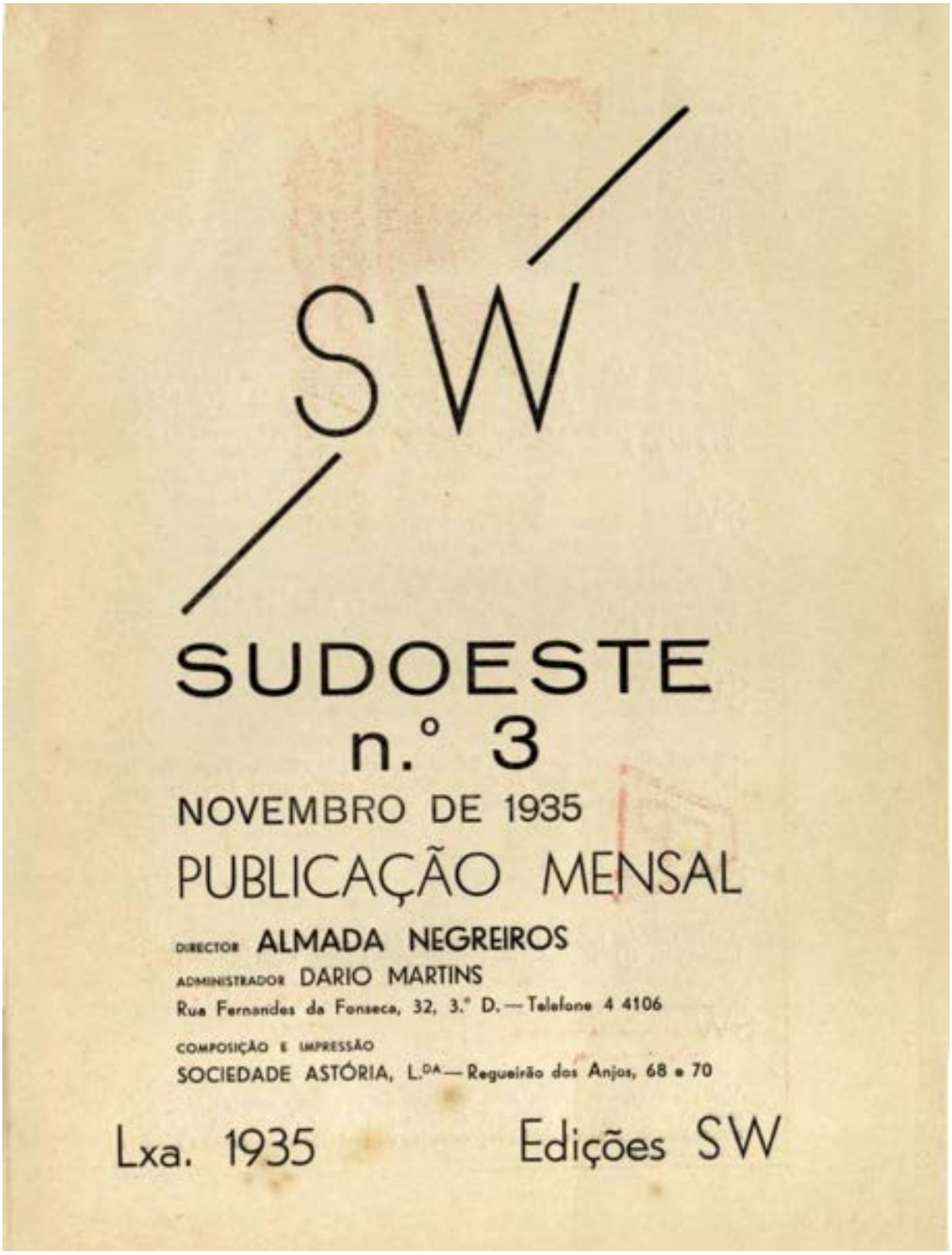
Ora acontece agora uma coisa extraordinária: é que precisamente onde êste projecto não soube acertar, isto é, de ter partido da ideia justa que permitisse uma realização de arquitectura, outro projecto apresentado também a êste mesmo concurso para o monumento ao Infante D. Henrique, acerta pelo menos na ideia justa, isto mesmo em que erraram por terem quási acertado os autores do primeiro prémio!

O arquitecto autor do projecto a que me refiro é Pardal Monteiro. A ideia do seu projecto tem afinal todas as emendas que aqui se propõem ao do primeiro classificado para ficar completamente certo. O que prova que Pardal Monteiro partiu de uma ideia que o levava directamente à arquitectura.

Como não desejo tornar pública a minha opinião como foram resolvidas as ideias dos vários projectos, mas simplesmente as próprias ideias donde partiu cada projecto, aqui termino.

Documento 35.02

MONTEIRO, Porfirio Pardal – Espírito Clássico. Revista Sudoeste. Lisboa: Edições SW Sociedade Astória, nº3 (1935).


SW

SUDOESTE

n.º 3

NOVEMBRO DE 1935

PUBLICAÇÃO MENSAL

DIRECTOR ALMADA NEGREIROS

ADMINISTRADOR DARIO MARTINS

Rua Fernandes da Fonseca, 32, 3.º D. — Telefone 4 4106

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO

SOCIEDADE ASTÓRIA, L.DA — Regueirão dos Anjos, 68 a 70

Lxa. 1935 Edições SW

ESPIRITO CLASSICO

Trecho da conferência realisada pelo arquitecto Pardal Monteiro na Sociedade Nacional de Belas Artes

Se aceitarmos, sem grande esfôrço, que o arquitecto é o artista que se dedica à resolução dos problemas da Arquitectura e que esta Arte, por ser de todas a mais imediatamente necessária ao homem, não pode deixar de dar satisfação material e espiritual a esta coisa séria que é a Vida, implicitamente aceitamos que não faz sentido que o ensino dos futuros arquitectos se faça à margem das realidades, como se o homem fôsse um puro espírito e neste caso, ainda assim, plenamente satisfeito com as suas conquistas, sem ânsia de melhorar ou de variar.

Admitido sem repugnância, o arquitecto, há que definir exactamente o seu papel na Sociedade. Mas, para bem abordar o problema é necessário definir perfeitamente qual a verdadeira função social do arquitecto; estudar em que condições técnicas e culturais deve ser realizada a sua formação; quais as armas que a Sociedade, que êle deve servir, lhe põe nas mãos, para desempenhar eficazmente o seu papel e quais são, também, as razões e os obstáculos que se opõem, continuamente, à perfeita realização dêste programa.

O arquitecto é, antes de tudo, um organizador de espaços e um criador de ordem. Esta função, cumprida à custa de todos os factores técnicos, económicos e sociológicos, deve ser regulada, para que seja completa, pela aptidão natural de criar beleza, não por formas abstratas, incompatíveis com a essência das realizações, mas, pelo contrário, concretas, que sejam a expressão exacta das múltiplas necessidades, inteira e normalmente satisfeitas. Ao arquitecto põem-se diàriamente problemas variados, múltiplos, complexos, mas constantemente em contacto directo com a vida. Que digam respeito à saúde pública, à higine, ao ensino, ao trabalho, à distracção ou ao espírito, é sempre com a vida, e o seu desenvolvimento natural que o arquitecto tem, constantemente, que se entender.

Por todas as manifestações de todos os factos e das suas repercussões na sociedade e no indivíduo, o arquitecto é conduzido à observação e ao estudo que hão-de influir sèriamente na interpretação dos problemas que é chamado a resolver, de modo a dar-lhes plena satisfação. Mas, o seu poder de realização e de interpretação, muitas vezes esclarecedor e comentador, é tanto maior quanto mais profundamente o arquitecto tiver estudado os problemas resolvidos por outras sociedades anteriores e compreendido, na apreciação das realizações materiais contidas neste imenso museu que é o Mundo, as condições políticas, religiosas, biológicas e económicas cujos ideais se exprimiram, indelèvelmente, em manifestações de espírito artístico. E, destas manifestações, a Arquitectura é, ainda, a que melhor transporta até nós o pensamento e o modo de ser das sociedades anteriores.

Da sua análise conclue-se que ela, a Arte Máxima, é afinal uma e sempre a mesma, por mais diversas que sejam as suas materializações. O seu espírito é hoje o mesmo que dominou os arquitectos da Antiguidade e da Idade Média e dá aos arquitectos de hoje a fé que os há-de conduzir a realizar, forçosamente, a obra que melhor se adapte ao nosso tempo, e que será perfeita se fôr inteligentemente encarada, desde a Escola.

Por isso, comprendem V. Ex.as quanto o estudo dos problemas que se relacionam com o ensino da arquitectura apresenta uma séria oportunidade de

discussão que não é para desprezar. E quando falo de ensino não quero, apenas, referir-me ao das Escolas de Belas Artes, mas também àquele que nelas, ou fora, se fez e se há-de fazer cada vez mais, quer durante, quer após o curso oficial.

Se me atrevo a falar neste assunto, não suponham V. Ex.as que o faça porque me julgue mais apto do que qualquer outro a ensinar. Faço-o porque julgo que é oportuno tratá-lo perante os estudantes da Escola de Belas Artes, dando, com prazer, a minha contribuição para ajudar a esclarecer o seu espírito ancioso de saber, e ainda porque nenhum arquitecto de hoje tem o direito de ficar indiferente quanto à preparação dos arquitectos de amanhã.

* * *

Direi, para iniciar a exposição dos meus pontos de vista, que entendo que se para ser arquitecto é necessário possuir *cultura* e *vocação* de arquitecto, uma primeira obrigação se impõe a quem ensina arquitectura: *melhorar essa cultura e educar essa vocação.*

Para isso é, porém, indispensável que entre o discípulo e o mestre exista aquele natural acôrdo que permite atingir, pela arquitectura, o ideal a que aspiramos.

Essa concordância íntima entre o espírito do mestre e o do discípulo, a afinidade necessária que conduzirá à formação completa da mentalidade do futuro arquitecto, são a condição essencial para o bom resultado do ensino. Mas, ainda assim, quando a afinidade não fôr completa, o ensino pode, ainda, ser eficaz, desde que o mestre tenha o espírito largo e aberto à compreensão da sensibilidade dos discípulos, e se fôr capaz de sugeitar-se a ela para que se desenvolva em tôda a sua fôrça e não procurando submetê-la à sua, muito pessoal e respeitável, mas própria e intransmissível.

Neste ramo de ensino a diferença entre o professor de Arquitectura e o das outras matérias acessórias consiste em que aquele deve condensar ou fazer uma série crítica da aplicação de todos os conhecimentos dispersos do aluno, crítica objectiva, racional e filosófica, com o fim de obter, pela inteligência e a alma do aluno, a compreensão da harmonia e do equilíbrio nas novas concepções. E êsse ensino será seguramente eficaz se os mestres de todas as outras disciplinas se não esquecerem nunca de que o arquitecto é essencialmente um «compositor», que tem, como tal, uma missão social, importantíssima, a desempenhar. Tal como na própria Arquitectura, no seu ensino há uma escala a respeitar.

O fim primordial da escola é o de familiarizar o aluno com problemas variados e o de habituá-lo a traduzir os programas mais diversos, mas que devem ser sempre claros e de texto curto, para deixar ao aluno tôda a liberdade de expressão. A Escola deve tender a desenvolver as faculdades de imaginação e de crítica do futuro compositor, tendo sempre em vista que o arquitecto ao conceber o seu plano procede do geral para o particular, do conjunto para o pormenor, e que por isso na acção do mestre junto do aluno, aquele nunca deve esquecer que o arquitecto só pode criar em liberdade de consciência, sem peias de ordem artística, ou regulamentar, ao seu talento. O que não quer dizer, porém, que o ensino se faça sem obediência a regras. Ensinar sem princípios, nem directrizes, não é possível. Mas, êsses princípios e directrizes devem servir, neste caso, mais ao mestre do que ao discípulo. O perigo está, apenas, em não haver, as mais das vezes, convicção na solidez dêsses princípios e em aceitar, sem grande anciedade de compreensão, teorias e regras cujo espírito é quási sempre o melhor, mas cuja interpretação não nos chega a procupar.

E a má interpretação duma boa regra, conduzir-nos-há sempre a resultados opostos dos que pretendemos.

Assim, por exemplo, é corrente ouvir-se dizer que sem a base dos estudos clássicos não será nunca possível a um arquitecto ser perfeito na solução dos problemas contemporâneos. Eis uma afirmação respeitável à volta da qual se tem estabelecido, no entanto, uma enorme confusão que convém esclarecer, e a que dão origem diversas causas: A principal é a da errada interpretação do que é, na verdade, clássico, confundindo-o quási sempre, senão sempre, com aquilo a que se chama académico. O espírito clássico, aquele que ressalta da essência das soluções da antiguidade, é coisa mal compreendida quási sempre quer pelos que o defendem quer pelos que o atacam. Fala-se, supondo tratar-se daquele, doutra coisa que mais respeita à forma, ou às formas resultantes das realizações clássicas, ou seja à expressão material e decorativa do estilo.

Em vez de análise dos diversos estilos, da interpretação filosófica das suas soluções, da observação das suas características técnicas e artísticas que conduziriam à explicação natural do espírito de cada nova arquitectura, — análise, interpretação e observação difíceis — cometeu-se em certa altura o erro de, por comodismo, levar a Arquitectura para um campo que já não era o da Arte, impondo o conhecimento — quási de memória — dum determinado alfabeto cujos caracteres fôssem colunas, entablamentos, frontões, pórticos, nichos, — imagens, em suma — formas cujo espírito se não cuidava de compreender e que constituiam a base de tôda a composição arquitectónica. Era com elas que, não há ainda muitos anos, o arquitecto se treinava no exercício de conseguir «efeitos» arquitectónicos, resolvendo, com maior ou menor «habilidade», os mais variados «puzzles».

O arquitecto indiferente ou apaixonado por essas belas formas era então considerado mais ou menos artista segundo a riqueza do seu abcedário e a conseqüente facilidade de conjugação fôsse maior ou menor.

Espírito clássico, no bom sentido, razão de ser, justificação dos motivos ou dos elementos, esclarecimento da forma e da função, sentimento arquitectónico integral, não mereciam as honras de ser considerados. Dir-se-ia serem coisas estranhas à Arte. O academismo, impulsionador de diversas escolas que fizeram furor nas últimas gerações de arquitectos, deu-nos, assim, um formalismo de arquitectura que negava o próprio classicismo em que pretendia basear-se. É que aquilo a que chamavam, erradamente, espírito clássico, afinal não residia na essência da composição, no seu equilíbrio real, no racionalismo e na lógica do partido ou na concordância dos seus elementos, mas nos efeitos obtidos à custa de formas consideradas pelo seu lado convencional e mèramente decorativo, inspiradas num original que foi uma criação autêntica e aplicadas como desenho, como pintura e, quantas vezes, como máscara, no arranjo duma composição, cujo espírito era por via de regra, a antítese daquele em que ilusòriamente se inspirava.

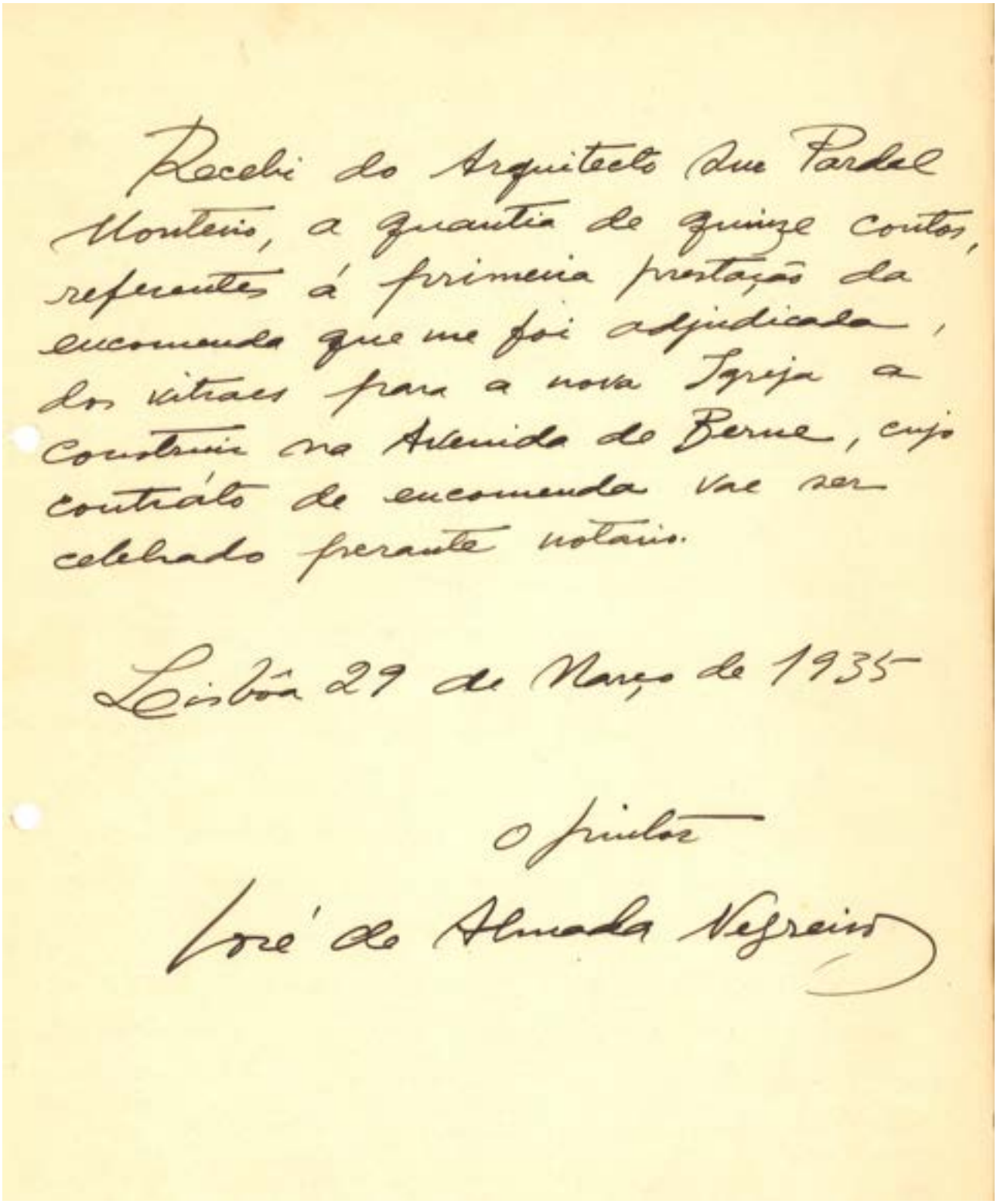
Aquele formalismo conduziu os arquitectos para um idealismo artístico-decorativo, em que os elementos essenciais da Arquitectura chegavam a ser conjugados como simples ornamentos. E assim a arquitectura não podia deixar de cair em soluções deploráveis, que haviam de provocar a necessária reacção.

(Continua)

PARDAL MONTEIRO
Arquitecto

Documento 35.03

NEGREIROS, Almada – Recibo sobre a primeira prestação da adjudicação dos vitrais da Igreja da Nossa Senhora de Fátima. Lisboa: [Documento manuscrito do Espólio PMA], Março de1935.



Recebi do Arquitecto Jose Pardal Monteiro, a quantia de quinze contos, referentes á primeira prestação da encomenda que me foi adjudicada, dos vitraes para a nova Igreja a Construir na Avenida de Berne, cujo contráto de encomenda vae ser celebrado perante notario.

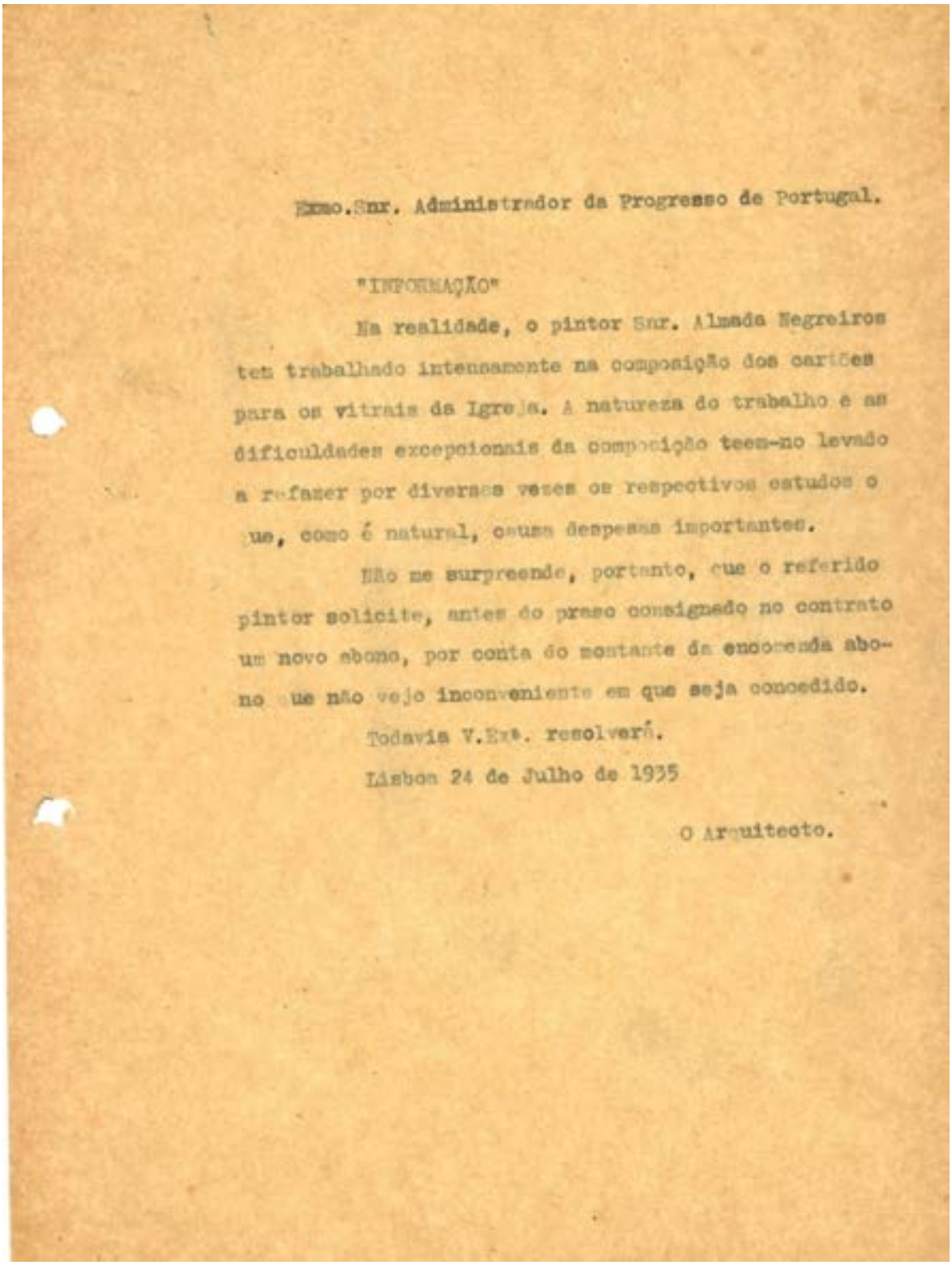
Lisboa 29 de Março de 1935

O Artista

José de Almada Negreiros

Documento 35.04

MONTEIRO, Porfírio Pardal Pedido de verbas para os trabalhos de Almada Negreiros. Lisboa: [Documento dactilografado do Espólio PMA], Julho de 1935.



Exmo.Snr. Administrador da Progresso de Portugal.

"INFORMAÇÃO"

Na realidade, o pintor Snr. Almada Negreiros tem trabalhado intensamente na composição dos cartões para os vitrais da Igreja. A natureza do trabalho e as dificuldades excepcionais da composição teem-no levado a refazer por diversas vezes os respectivos estudos o que, como é natural, causa despesas importantes.

Não me surpreende, portanto, que o referido pintor solicite, antes do prazo consignado no contrato um novo abono, por conta do montante da encomenda abono que não vejo inconveniente em que seja concedido.

Todavia V.Exª. resolverá.

Lisboa 24 de Julho de 1935

O Arquitecto.

Documento 35.05

MONTEIRO, Porfírio Pardal - *Lista de Obras desde 1922* até 1935.. Lisboa: [Documento dactilografado do Espólio PMA], 1935.

1922 - Edificio Rau - Prémio Valmôr.

1924 - Edificio da Missão Portuguesa dos Adventistas, em Lisboa.

1924-28 - Edificio da Filial da Caixa Geral dos Depositos, no Porto.

1926-27 - Edificio da Estação do Caes do Sodré, compreendendo todas as instalações da estação, os escritórios da séde da Sociedade "Estoril", os da Sociedade "Estoril-Plage" e os da Firma "Figueiredo & Souza".

Este edificio, bastante modesto de arquitectura, veio substituir o velho barracão, ainda na memória de todos, e teve como parte mais interessante do problema a resolver, a satisfação dum programa vastissimo dentro duma verba muito acanhada. A sua arquitectura é o reflexo dessa circunstancia.

1927-28 - Edificio da Sociedade Agricola Valflôr, em Lisboa. Prémio Valmôr.

1927-31 - Projectos para a Sociedade "Estoril-Plage", com os quais esta ganhou o concurso da concessão da zona de jogo do Estoril - Compreendem 2 Hoteis, Casino, Estabelecimentos de Banhos de Mar, Pavilhão de Golf e Remodelação do Estabelecimento Thermal. Os primeiros projectos apresentados ao concurso, elaborados por um arquitecto estrangeiro, foram regeitados pelo Governo. Os projectos que então elaborei, em substituição daqueles, foram aprovados e algumas das obras

correspondentes chegaram a ser realizadas, mas a maioria apenas iniciadas. Posteriormente foram acabadas algumas segundo projectos dos empreiteiros franceses que contrataram a sua realisação.

Todas as obras realizadas no Hotel e no Casino foram feitas sob a minha direcção como arquitecto da "Sociedade Estoril-Plage".

1928-29 - Edificio F. Ribeiro Lopes - Prêmio Valmôr

1929-30 - Edifico I. Sampaio de Oliveira - Prêmio Valmôr

1929-30 - Edificio da Sociedade "Ford Lusitana", filial da "Ford Motor Company, U.S.A."

Escritorios, oficinas diversas, salões de vendas e de exposição, estação de serviço Ford.

(Esta obra tem sido publicada em revistas estrangeiras da especialidade).

1929-35 - Grande conjunto de edificios do Instituto Superior Técnico, em Lisboa.

Este conjunto compõe-se de serviços gerais de ensino e administrativos e de grande numero de laboratórios (maquinas , electrotécnia, quimica, fisica, minas, hidraulica, ensaio de materiais, etc.), de museus, oficinas, instalações sportivas e culturais para estudantes, etc.

Para o estudo deste projecto visitei as melhores escolas de engenharia da França, Belgica, Italia, Suissa, Austria, Hungria, Tcheco-Eslovaquia, Alemanha, Dinamarca e Holanda.

É, actualmente, a mais moderna escola de engenharia da Europa, e tem merecido a honra de visitas especiais de tecnicos estrangeiros (arquitectos, engenheiros e professores

do ensino superior)

(Tem sido publicada em revistas estrangeiras da especialidade).

1931-34 - Instituto Nacional de Estatistica, em Lisboa.

Escritorios e repartições, arquivos, gabinetes, biblioteca, salas de maquinas, etc. respeitantes aos serviços nacionais de estatistica.

1933- Seminário Patriarcal de Lisboa, nos Olivais

1934 - Monumento ao Dr. Antonio José d'Almeida. -1º. Prémio do concurso publico aberto entre os artistas nacionais.

1935 - Seminário Patriarcal em Almada.

OBRAS INTEIRAMENTE PROJECTADAS AGUARDANDO EXECUÇÃO

Hotel para 50 quartos e 50 "appartements", para a Sociedade da Agua do Luso.

Gare Maritima para passageiros, em Alcantara.

Gare Maritima para passageiros, na Rocha do Conde de Obidos.

Urbanisação do Porto de Lisboa - Trecho entre Santos e a Dôca de Santo Amaro.

Palacio para o Ministerio das Finanças. - a construir no local onde actualmente está a Alfandega de Lisboa. Neste edificio ficam instalados todos os serviços dependentes do Ministério das Finanças, com excepção da Caixa Geral dos Depositos e do Instituto Nacional de Estatistica.

Cidade Universitaria de Lisboa, compreendendo na sua fase inicial, o Palacio da Reitoria, a Faculdade de Direito, a Faculdade de Letras e as instalações sportivas e culturais para estudantes.

OBRAS EM ESTUDOS

Edifício para a Sêde do Banco de Portugal

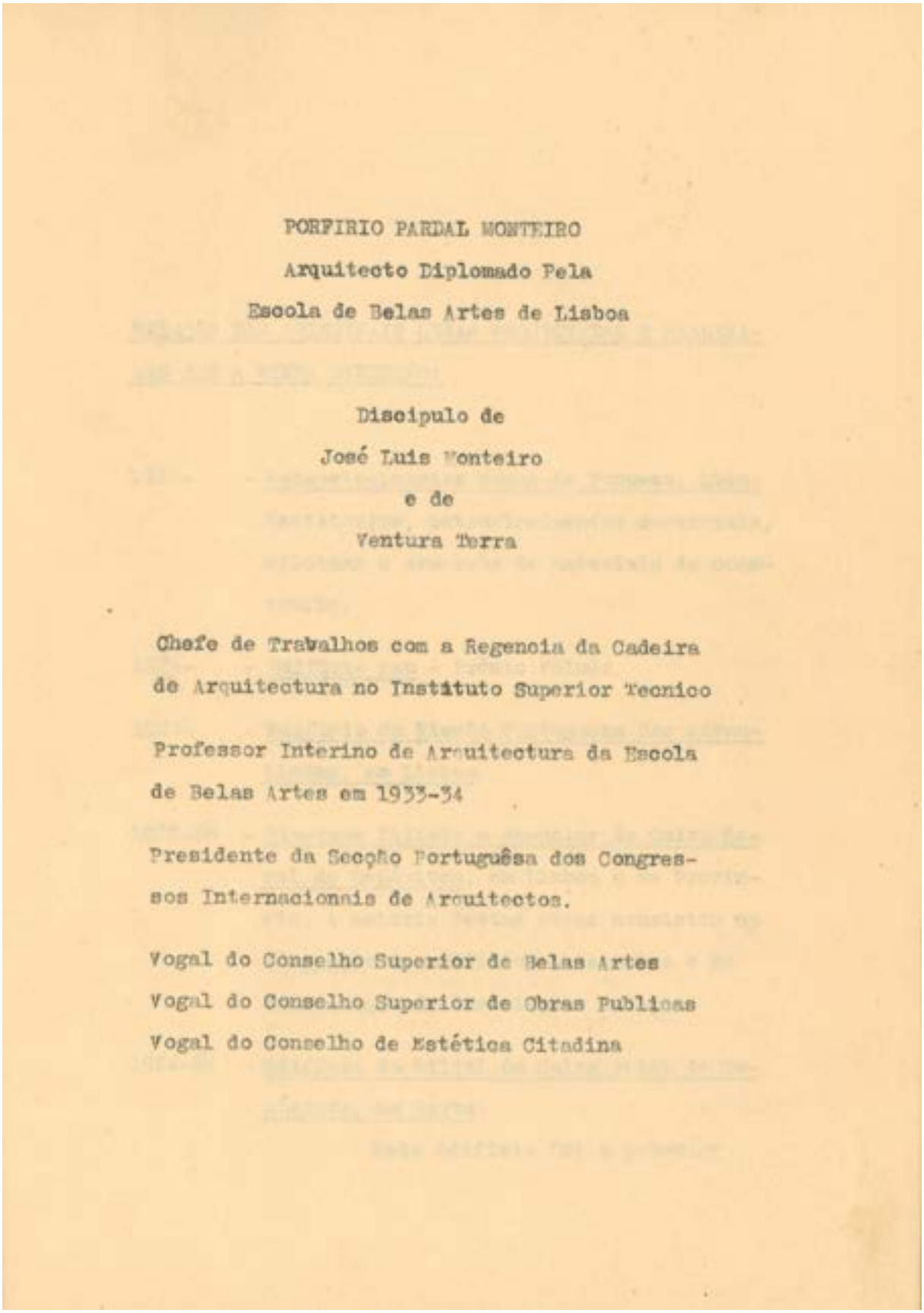
OBRAS EM EXECUÇÃO

Edificio para a Empresa Nacional de Publicidade

"Diario de Noticias".

Documento 35.06

MONTEIRO, Porfírio Pardal - *Lista de Obras desde 1922* até 1935, entregue juntamente com o Ante-Projecto para o Banco de Portugal. Lisboa: [Documento dactilografado do Espólio PMA], 1935.



PORFIRIO PARDAL MONTEIRO

Arquitecto Diplomado Pela

Escola de Belas Artes de Lisboa

Discipulo de

José Luis Monteiro

e de

Ventura Terra

Chefe de Trabalhos com a Regencia da Cadeira de Arquitectura no Instituto Superior Tecnico

Professor Interino de Arquitectura da Escola de Belas Artes em 1933-34

Presidente da Secção Portuguêsa dos Congressos Internacionais de Arquitectos.

Vogal do Conselho Superior de Belas Artes

Vogal do Conselho Superior de Obras Publicas

Vogal do Conselho de Estética Citadina

RELAÇÃO DAS PRINCIPAIS OBRAS PROJECTADAS E REALISADAS SOB A MINHA DIRECÇÃO:

1922- - Estabelecimentos Roque da Fonseca, Ltda. Escritorios, estabelecimentos comerciais, oficinas e armazehs de materiais de construção.

1923- - Edificio Rau - Prémio Valmôr.

1924- - Edificio da Missão Portuguesa dos Adventistas, em Lisboa.

1922-28 - Diversas filiais e agencias da Caixa Geral de Depósitos, em Lisboa e na Provincia. A maioria destas obras consistiu na adaptação de edificios existentes e na remodelação de instalações antigas.

1924-28 - Edificio da Filial da Caixa Geral de Depósitos, no Porto.

Este edificio foi a primeira

grande obra que realisei e a proposito da qual escrevi o Memorial que junto.

1926-27 - Edificio da Estação do Caes do Sodré, compreendendo todas as instalações da estação, os escritórios da séde da Sociedade "Estoril", os da Sociedade "Estoril-Plage" e os da firma "Figueiredo & Souza".

Este edificio, bastante modesto de arquitectura, veio substituir o velho barracão, ainda na memória de todos, e teve como parte mais interessante do problema a resolver, a satisfação dum programa vastissimo dentro duma verba muito acanhada. A sua arquitectura é o refléxo dessa circunstancia.

1927-28 - Edificio da Sociedade Agricola Valflor, em Lisboa - Prémio Valmôr.

1927-31 - Projectos para a Sociedade "Estoril-Plage" com os quais esta ganhou o concurso da concessão da zona de jogo do Estoril - Compreendem 2 Hoteis, Casino, Estabelecimento de Banhos de Már, Pavilhão de Golf e Remodelação do Estabelecimento Thermal. Os primei-

ros projectos apresentados ao concurso, elaborados por um arquitecto estrangeiro, foram regeitados pelo Governo. Os projectos que então, elaborei, em substituição daqueles, foram aprovados e algumas das obras correspondentes chegaram a ser realisadas, mas a maioria apenas iniciadas. Posteriormente foram acabadas algumas segundo projectos dos empreiteiros franceses que contrataram a sua realisação.

Todas as obras realisadas no Hotel e no Casino foram feitas sob a minha direcção como arquitecto da Sociedade "Estoril-Plage".

1928-29 .- Edificio F. Ribeiro Lopes - Prémio Valmôr

1929-30 - Edificio I. Sampaio de Oliveira - Prémio Valmôr.

1929-30 - Edificio da Sociedade "Ford Lusitana", filial da "Ford Motor Company, U.S.A."

Escritórios, oficinas diversas, salões de venda e de exposição, estação de serviço Ford.

(Esta obra tem sido publicada em revistas estrangeiras da especialidade).

1929-35 - Grande conjunto de edificios do Instituto Superior Técnico, em Lisboa.

Este conjunto compõe-se de serviços gerais de ensino e administrativos, e de grande numero de laboratórios (maquinas, electrotécnia, quimica, fisica, minas, hidraulica, ensaios de materiais, etc), de museus, oficinas, instalações sportivas e culturais para estudantes, etc.

Para o estudo deste projecto visitei as melhores escolas de engenharia de Franca, Bélgica, Itália, Suissa, Austria, Hungria, Tcheco-Slovaquia, Alemanha, Dinamarca e Holanda.

É, atualmente, a mais moderna escola de engenharia da Europa, e tem merecido já a honra de visitas especiais de técnicos estrangeiros (arquitectos, engenheiros e professores do ensino superior)

(Tem sido publicada em revistas estrangeiras da especialidade).

1931-34 - Instituto Nacional de Estatistica.

Escritórios e repartições, arquivos, gabinetes, biblioteca, salas de maquinas etc, respeitantes aos serviços nacionais de estatistica.

(Deve ser publicáda brévemente em diversas revistas da especialidade).

1933- - Seminário Patriarcal de Lisboa - nos Olivais, do qual está construido, já o primeiro corpo, com as suas aulas e com todas as dependencias proprias do internato.

(Tem sido publicado em revistas estrangeiras).

1933-34 - Estabelecimento Thermal e serviços electroterápicos de Luso - Transformação e ampliação das antigas instalações.

1934-35 - Igreja para a Arquiconfraria da Irmandade do S.S. de S. Julião. - em construção na Avenida de Berne em Lisboa.

(Tem sido publicada em revistas da especialidade).

1934- - Monumento ao Dr. António José d'Almeida - 1º prémio do concurso publico aberto entre os artistas nacionais.

1935- - Seminário Patriarcal em Almada, - remodelação.

NOTA- - Dos numerosos predios de moradia propria e de rendimento, projectados e realisados, apenas faço referencia áqueles que foram classificados com o "Prémio Valmôr".

OBRAS INTEIRAMENTE PROJECTADAS E EM VIAS DE IMEDIATA REALISAÇÃO:

Hotel para 50 quartos e 50 "appartements", para a Sociedade da Agua de Luso.

Grande Piscina com praia e vagas artificiais para a Sociedade da Agua de Luso.

Gare Maritima para passageiros, em Alcantara.
Gare Maritima para passageiros, na Rocha do Conde de Óbidos.

Urbanisação do Porto de Lisboa - Trecho entre Santos e a Dóca de Santo Amáro.

PROJECTOS ATUALMENTE EM ESTUDO:

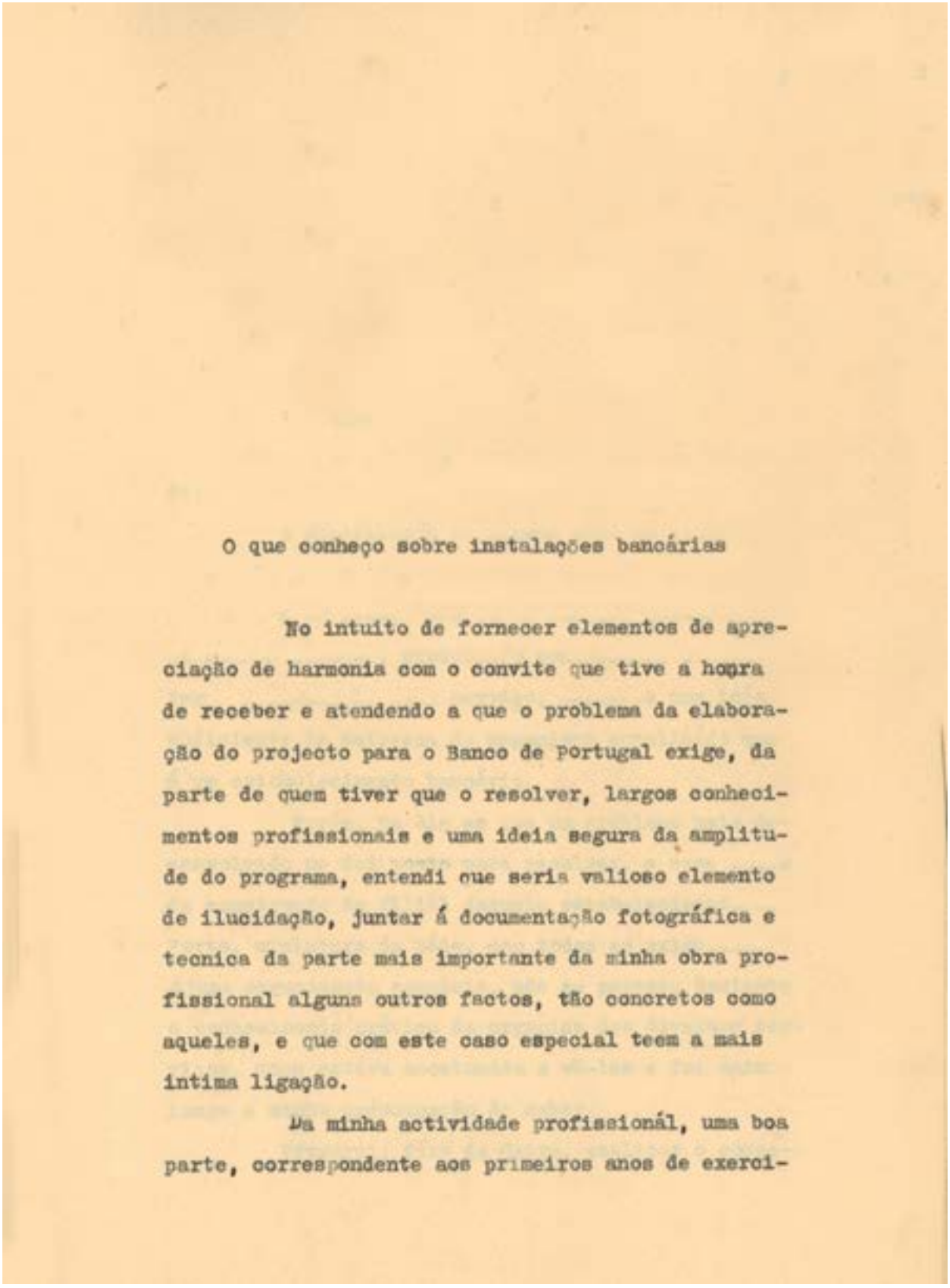
Palacio para o Ministério das Finanças - a construir no local onde atualmente está a Alfandega de Lisboa. Neste edificio ficam instalados

todos os serviços dependentes do Ministério das Finanças, com exceppão da Caixa Geral de Depósitos e do Instituto Nacional de Estatistica.

Cidade Universitária de Lisboa- compreendendo, na sua fase inicial, o Palacio da Reitoria, a Faculdade de Direito, a Faculdade de Letras e as Instalações sportivas e culturais para estudantes.

Documento 35.07

MONTEIRO, Porfírio Pardal - O que conheço sobre Instalações Bancárias, entregue juntamente com o Ante-Projecto do Banco de Portugal. Lisboa: [Documento dactilografado do Espólio PMA], 1935.



O que conheço sobre instalações bancárias

No intuito de fornecer elementos de apreciação de harmonia com o convite que tive a honra de receber e atendendo a que o problema da elaboração do projecto para o Banco de Portugal exige, da parte de quem tiver que o resolver, largos conhecimentos profissionais e uma ideia segura da amplitude do programa, entendi que seria valioso elemento de ilucidação, juntar á documentação fotográfica e tecnica da parte mais importante da minha obra profissional alguns outros factos, tão concretos como aqueles, e que com este caso especial teem a mais intima ligação.

Da minha actividade profissionál, uma boa parte, correspondente aos primeiros anos de exerci-

cio da profissão, limita-se precisamente ao estudo de instalações de caractér bancário construidas para a Caixa Geral de Depósitos.

Ao empreender o estudo desses edificios tive, então, ocasião de verificar quanto as suas caracteristicas são complexas e de quantos cuidados o arquitecto tem que se rodear para dar boa conta do encargo que tem sob a sua responsabilidade.

A experiencia de alguns anos em contacto constante com a Administração da C.G.D. e com seu pessoal, e um grande desejo de cumprir cabalmente as minhas funções, procurando compreender o caracter e a função de cada serviço, déram-me uma idéa suficiente da natureza do organismo complicádo que é um estabelecimento bancário.

Porém, no dia em que um problema mais desenvolvido me foi posto para resolver, e esse foi o da construção da filiál daquele estabelecimento no Porto, miniatura da Séde, com todas as exigencias d'uma organisação completa, não me pareceu bastante o conhecimento prático da organica dos diversos serviços, como estáva acostumado a vê-los e foi mais longe a minha preocupação de saber.

Procurei, fóra da Caixa, analisar e compa-

rár como é que serviços identicos funcionavam noutros estabelecimentos mas, infelismente, foi pobre de ensinamentos a colheita no,nosso meio.

Reconheci, então, que para poder atacár com segurança a resolução d'um problema de tanta responsabilidade para a minha fraca experiencia profissionál, só o conseguiria á custa dum estudo aturádo e cuidadoso de instalações perfeitas, que éra necessário visitar estivéssem onde estivéssem.

E assim, em 1923 fiz a primeira viagem de estudo ao estrangeiro e desde esse ano até 1927 fiz sucessivas viagens à Espanha, à Itália, à Prança,à Alemanha,à Bélgica,à Holanda,à Suissa,à Austria, à Tcheco-Slovaquia e à Polónia, etc, com o fim principál de visitár os melhores estabelecimentos bancários onde pudesse observár a estrutura dessas instituições e a que espirito obedecia a distribuição e arrumação dos seus diversos e numerosos serviços.

Visitei, então, os mais importantes bancos europeus e pude assim, documentar-me suficientemente sobre o assunto e vencer muitas das grandes dificuldades que uma instalação desta natureza apresenta.

Na maioria dos bancos que tive ocasião de estudár visitando-os demorádamente,acompanhando por vezes em cada serviço a marcha d'um documento ou duma

operação, encontrei de facto grandes afinidades em certas instalações e as maiores diferenças noutras.

Em muitos raros casos encontrei organisações financeiras cuja função fôsse identica á da C. G.D. Pelo contrário, o que mais vi, prècisamente, foram Bancos nos quais tive ocasião de analisar a função de cada serviço, profundando mais esta analise, evidentemente, naqueles que mais afinidades tinham com os da Caixa, mas não deixando, por isso, de estudár os outros que, no fundo, viviam com aqueles intimamente ligádos.

Os serviços especiais respeitantes ao publico, os méramente internos, referentes ao pessoal, os da direcção e de Administração, os de casas fortes, os de tesouro, e todos os serviços gerais de inter-comunicações, de defesa, de vigilancia, de ventilação, etc, estudei-os em pormenor, comparando as soluções de cada estabelecimento e chegando a conclusões que me permitiram marchar com relativa segurança no estudo das soluções que especialmente interessávam á C.G.D.

O edificio da Filial que construi no Porto, segundo o projecto que elaborei entre 1923 e 1924 tem, certamente, defeitos consequentes de causas muito diversas, uns da minha exclusiva responsabilidade, ou-

tros filhos dum inveterádo espirito de rotina que não consegui vencer por completo. Com todos os seus defeitos, porém, o edificio da C.G.D. no Porto representou, para o momento em que foi feito um relativo progresso até na técnica, então corrente, dos serviços daquele estabelecimento.

Mal me ficaria referir o que tem de bom este edificio, porque poderia parecer para quem me não conheça, falta de modestia o referi-lo, mas a alguns casos devo fazer referencia porque foram resolvidos com o escrupuloso cuidado de lhes dar perfeita concordancia com a correspondente função. O principál é o que diz respeito ao rendimento do trabalho, estudádo não só no que se refere ás condições higiénicas dos locais, mas sobretudo á disposição de todos os elementos da composição, pela forma mais racional e mais prática.

A ligação entre os diversos serviços e a sua posição relativa não foram ordenadas arbitrariamente, nem em obediencia a habitos viciosos, mas sim em absoluta concordancia com a marcha natural de qualquer das operações efectuádas no estabelecimento, evitando perdas de tempo e embaraços.

A observação do que tive ocasião de vêr nas boas instalações bancárias estrangeiras, levou-me a

conseguir esta possibilidade de primacial importancia para um organismo desta natureza: dispor os serviços de modo que uma operação qualquer pudesse ser realisada no minimo espaço de tempo, com o minimo de esforço, mas simultaneamente sujeita aos maximos cuidados, assegurando para o pessoal e para a direcção as maiores garantias de defesa contra os descuidos.

Esta tarefa não é facil para um arquitecto, mas é indiscutivelmente uma das mais interessantes do programa dum estabelecimento desta natureza e se não fôr inteligentemente resolvida nenhum mérito tem a obra realisáda, por mais grandiosa que seja.

A comodidade do publico, a facilidade com que este possa ser esclarecido quanto ao local a que déve dirigir-se para obter satisfação do que pretende-se são outros pontos que muito me preocupáram por os ter considerado desde o primeiro momento como dos mais importantes a resolver.

A fiscalisação do publico, a possibilidade de defesa contra qualquer tentativa de roubo, a vigilancia do pessoal, etc, foram sériamente consideradas no estudo desses projecto e a tál ponto que, apesar do atual desenvolvimento dos serviços da Caixa, as instalações ainda conservam intactas as caracteristicas essenciais.

A economia e o bom aproveitamento do espaço, tanto do publico, como dos empregados de balcão, as condições de conforto em que apesar disso o trabalho se desenvolva e de que tão pouco caso se tem feito no nosso meio, representam, quanto a mim, a maior garantia do bom rendimento duma instalação e essa preocupação nunca me abandonou, desde o lançar ao papel a idéa geral da composição, até ao estudo da mais insignificante peça de mobiliário ou do mínimo elemento de trabalho.

A vigilancia e a defesa das casas fortes apresentaram-se-me desde o inicio como sendo dos casos mais graves a considerár no estudo do projecto E neste caso especial do edificio da C.G.D. no Porto, tanto este como os casos referidos anteriormente foram cuidadosamente estudádos, servindo-me para isso do muito que aprendi no estrangeiro, não só visitando e analisando pormenorisadamente as melhores instalações do genero, mas frequentando as fabricas e laborátorios dos mais afamados fabricantes de materiál especial, assistindo á sua fabricação e ás experiencias de demonstração das suas qualidades,

Como elemento elucidativo e comprovativo do interésse com que me dediquei ao estudo deste

problema, permito-me juntar uma carta da casa francesa "Fichet" na qual se relata o que foi o objectivo d'uma das varias viagens que com este fim realisei no estrangeiro, por incumbencia da Caixa Geral de Depósitos.

O estudo dos estabelecimentos bancários mais importantes da Europa, levou-me muitos dias consecutivos de permanencia nesses estabelecimentos, bastando-me citar, por exemplo, que para visitar a Séde da Société Generále em Paris e do seu anexo denominado "Le Tresor" foram-me necessários seis dias. Nas mesmas condições estudei as instalações do Banco de Bruxelas, do Banco de França, do Credit Lyonnais, do Banco de Roma, do Banco de Napoles, do Banco Comercial Italiano, do Deutch Bank, do Banco de Espanha, do Banco de Bilbao, do Banco espanhol del Rio de La Plata, do Banco Gospodarstwa de Varzóvia, que é a mais moderna e perfeita obra no genero etc. Além destes visitei outros pequenos bancos, com instalações mais modernas para poder chegar, com consciencia, a conclusões que me habilitassem a conhecer um pouco o que é, sob o ponto de vista arquitectónico, uma instalação bancária.

O estudo da distribuição dos diversos serviços dum banco, o seu encadeamento, desde os mais.

importantes aos mais insignificantes, as caracteristicas de cada um por vezes bem distintas das dos outros, mas tendo ue viver harmoniosamente dentro do conjunto complexo que é um banco, é dos problemas que exigem um grande treino de resolução de problemas dificeis, por parte do arquitecto que tiver sobre si o encargo de o resolver e que queira ligar o seu nome e a sua responsabilidade a essa obra.

A lógica da arrumação de cada elemento e o intuito de realisar, acima de tudo, uma obra perfeita sob todos os pontos de vista, oriam, por vezes, situações por tál forma incompativeis entre a arte e a técnica que obrigam o arquitecto ao mais aturado estudo de toda a óbra. E isso só se consegue quando o ar uitecto se impõe a obrigação de se não deixar vencer pelas dificuldades, mas sim, a de as vencer.

O desconhecimento ou mesmo simplesmente a má compreensão da organica dum determinado serviço, pode ser muitas vezes a causa d'uma dificuldade permanente que obrigue á modificação de tudo ou ao prejuiso constante do rendimento dos serviços.

Nunca me poderei esquecer do caso mais tipico que vi e que é o da Société Generále, em Paris: o arquitecto que o projectou, aliás dos mais distintos do seu tempo, concebeu para o hall uma disposição

nóva e cuja caracteristica principal consistia em rodear o espaço destinado ao pessoal pelo espaço para o publico. Aconteceu que, desenvolvendo-se extraordinariamente, no decorrer de poucos anos, os serviços deste banco se reconheceu que o espaço do pessoál éra já acanhado para o movimento do banco. O alargamento desse espaço éra praticamente impossivel porque iria reduzir o destinádo ao publico e desse defeito de origem nasceu a solução atual do conhecido hall da Société Generále: a sub-divisão dos serviços por diversos locais separados uns dos outros por enormes distancias, ligádos então, por uma desenvolvida rêde de tubos pneumáticos. Mas é a tal ponto desenvolvida esta instalação que exige, no centro do hall e portanto na parte reservada ao pessoal, uns poucos de empregados que se ocupam exclusivamente do envio e do recebimento dos transportadores de documentos, dinheiro etc. A instalação pneumática da Société Generále é a mais desenvolvida que conheço, mas o seu grande desenvolvimento é consequencia, principalmente, da deficiente disposição dos seus serviços.

No Banco de França, no Credit Lyonnais e noutros grandes bancos esta instalação existe mas com muito menos desenvolvimento, certamente porque a disposição dos seus serviços é mais lógica.

Na Caisse de Depots et Consignations, em Paris, por ememplo, existe, nas novas instalações feitas pelo arquitecto Paure-Dujárric que me acompanha sempre nas visitas que habitualmente faço ás suas instalações perfeitissimas, um sistema automático de comunicações por meio de tubos pneumáticos que é a mais simples e mais racional que conheço em toda a Europa. Contudo há que reconhecer que esta facilidade de intercomunicações é um facto, não apenas por que o sistema de instalação é, mecanicamente, mais perfeito, mas por que os serviços estão tão bem distribuidos que nunca se dá a possibilidade de um atraso ou de um cruzamento, e isto só foi praticamente possivel porque o arquitecto se integrou completamente no espirito de cada serviço e os distribuiu de modo a que o seu resultado sejaó melhor.

Os factos que cito servem apenas para me permitirem esclarecer os pontos de vista a que cheguei, pelo estudo e pela observação, quanto á composição dum edificio bancário.

Há contudo a par dos serviços de movimento bancário, um outro que julgo indispensável referir, porque muito me interessou quando estudei as instalações para a C.G.D. e que é o que se refére á construção e disposição de casas fortes.

Os diversos sistemas conhecidos até hoje e que variam muito segundo a data da sua realisação, tendem a desaparecer na sua grande maioria para darem ocasião a um unico, resolvido segundo as soluções mais diferentes, mas obedecendo todos á mesma idea principal: a da resistencia aos mais variádos e aperfeiçoádos generos de ataque.

Para fazer uma idéa das condições a que déve satisfazer, uma casa forte destinada a guardar valores, é indispensável conhecer não só os varios sistemas de defesa, como os processos de que os gatunos se teem servido para os vencer. Em Portugal ainda se não deu até hoje, um ataque em fórma a qualquer casa forte, de modo que a lição nacional apenas nos serve para constatar que, salvo rarissimas excepções, as instalações que possuimos estão na razão directa da audacia dos nossos "cambrioleurs". Contudo ninguem sabe o que se poderá passar amanhã e o exemplo do estrangeiro déve servir-nos de referencia. Julgo por isso interessante referir o que conheço por ter visto e observado directamente nos seus mais insignificantes pormenores.

O primitivo processo de defesa das casas fortes por meio da infiltração da areia nas zonas susceptiveis de serem as escolhidas pelos gatunos

para o ataque, bem como o de inundação e o das correntes electricas de grande voltagem, podem considerar-se de há muito postos de parte pelos graves inconvenientes que demonstráram. Devo mesmo confessar que já não cheguei e encontrar, em nenhum dos muitos bancos que visitei, qualquer desses sistemas.

Nos nossos dias o problema tem sido encarado debaixo dos seguintes pontos de vista principais: grandes condições de resistencia ao ataque, pelo emprego dos materiais e aglomerados mais resistentes; facilidade de vigilancia directa e indirecta.

As melhores instalações do genero existem na América, e são de tál qualidade que praticamente se podem considerar inexpugnáveis. Prova-o a táctica especial dos gatunos americanos preferindo correr todos os riscos do ataque á mão armada e em pleno dia, á tentativa, fatalmente frustrada, do arrombamento das casas fortes.

Nunca tive ocasião de visitár nenhum banco da América, mas conheço um pouco o que os seus construtores chegam a fazer neste capitulo, por descripções feitas pelas proprias casas europêas da especialidade, as quais confessam a sua impossibilidade de fazer o mesmo na Europa, por não haver, por assim dizer, dizem elas, clientela para isso.

Existem, porem, em muitos bancos europeus, sistemas de defesa muito perfeitos e alguns dos quais eu tive ocasião de estudár.

Pondo de parte certas instalações especiais de alguns bancos emissores, como o Banco de França, por exemplo, nas quais em principio nenhuma visita é admitida e de que suspeito apenas por intuição de que natureza devem ser, a avaliar por aquilo que se pode visitar, a mais importante obra de defesa de valores que conheço é a do chamado "Le Trésor" da Société Générále, em Paris, junto ao Trocadero.

Nesse edificio enorme, onde aquele banco guarda todos os valores que estão á sua guarda e creio que parte das suas reservas, a peça mais importante é aquela em que se guardam os titulos. Essa formidavel dependencia, de forma circular, construida acima da terra e onde trabalham durante o dia muitas dezenas de empregádos, constitue o caso mais perfeito que existe na Europa em instalações desta ordem. Dentro dela os empregados podem trabalhar com luz natural, luz que entra pela cobertura constituida por espessissimas lages movediças de cimento armado sobre as quais cairam algumas granadas quando dos bombardeamentos de Paris pelos Alemães e que nada sofreram:

A unica entráda é protegida por varias

portas seguidas umas ás outras, das quais só uma pesa cerca de 400 toneladas e que não há forças humanas que consigam mover. Essa porta desloca-se lateralmente por meio de maquinismos accionados electricamente e bloqueia herméticamente a entráda.

As lages da cobertura que se deslocam tambem para deixar entrar a luz natural na casa forte, são tambem movidas por processos semelhantes. Esta construção, com todas estas caracteristicas e que é um mixto de casa forte, fortissima, e de repartição onde os empregados trabalham todo o dia distribuidos por varios andares de galerias, mas á vista dum unico fiscal, é das obras mais extraordinárias que se tem concebido em estabelecimentos bancários.

Os tipos mais correntes de casas fortes instaladas em subterraneos, melhor ou peor defendidos, assemelhando-se bastante nas linhas gerais das suas caracteristicas, variando porém, quasi de banco para banco, nos seus pormenores sobretudo no que se refére aos sis emas de vigilancia e de defesa.

Independentemente do maior ou menor isolamento das camaras protegidas, são inumeros os recursos de que os construtores especialistas teem tirádo partido: Alarmes que disparam automaticamen-

te se determinadas manobras se não fazem segundo uma ordem préviamente estabelecida; aparelhos invisiveis que assinálam a passagem de todas as pessoas que cruzarem determinados pontos; microfones que reprodusem n'um ou em varios compartimentos distantes todos os ruidos que se passem nas imediações ou dentro das casas fortes; comando automático e até a distancia das fechaduras; rondas forçádas; ligações automáticamente periodicas com determinados postos de policia, etc.

Os mais celebres ataques feitos a bancos europeus levaram os fabricantes de materiais para casas fortes e as direcções dos bancos a pensar sériamente nas defesas reforçádas que chegam a corresponder afinál, á construção de pequenas casas fortes dentro das próprias casas fortes, uma e outras construidas com os melhores materiais.

Os arrombamentos célebres feitos num banco de Genova e noutro de Varzóvia e três, quasi consecutivos, em diversos bancos de Berlim, todos entre 1924 e 1929 confirmaram a vantagem de proteger os valores guardados em casas fortes com verdadeiras pequenas camaras fortes para o arrombamento das quais, seja qual fôr o processo conhecido de ataque se torne necessario, pelo menos, o espaço de um dia.

Quem se dedica ao estudo dum banco não pode

deixar de conhecer os diversos processos de ataque que por todo o mundo teem sido postos em prática, para se precaver quanto possivel, contra eles.

Um outro problema importantissimo na construção das casa fortes é o da sua absoluta estanquecidade e da ventilação constante de todos os locais que não podem receber o ar directamente do exterior. Em muitos desses locais não só se guardam valores que são susceptiveis de deterioração em consequencia da humidade como, por vezes, trabalham empregados que não podem viver numa atmosfera insalubre.

No entanto há que ter grande prudencia e ser engenhoso no modo de provocar a renovação do ar, natural ou artificialmente, por quanto essa imperiósa necessidade dá ocasião, muitas vezes, á existencia de pontos vulneráveis que é necessário evitár ou defender eficazmente, custe o que custar.

Com os modernos processos de trabalho a maioria destes inconvenientes podém evitar-se desde que o arquitecto tenha a necessaria experiencia profissional e o espirito inventivo suficiente para poder inteligentemente vencer as inevitaveis dificuldades.

Além dos casos principais que a largos traços referi, outros de menor importancia, mas que

dévem ser conscienciósamente estudádos, há que ter em consideração.

Para não fatigar limitar-me-ei a referir o que se relaciona com o numero, disposição e modo de abrir das portas; o da disposição de sinais de alarme; o da independencia dos serviços de administração e de direcção; o da iluminação de socorro; o do contrôle dos documentos; o das rondas de vigilancia; o da protecção das "caixas"; o das entrádas, ponto, vestiários, refeitórios e instalações do pessoal; etc.

Tratando-se dum banco emissor, o serviço das "notas", sua emissão e inutilisação, tambem impõem ao arquitecto cuidádos que se não podem considerár de menor vulto.

Sobre qualquer dos assuntos referidos poderia fazer um largo desenvolvimento, mas para não ser demasiádo longo e fastidioso, limito-me apenas a fazer-lhes referencia, acentuando um pouco mais um ou outro caso fundamental, como demonstração de que assuntos desta natureza não os conheço apenas em teoria, mas sim na pratica por os ter já estudado devidamente.

Lisboa, Dezembro de 1935

Documento 35.08

MONTEIRO, Porfírio Pardal - Memória descritiva do Ante Projecto do Banco de Portugal.. Lisboa: [Documento dactilografado do Espólio PMA], 1935.

BANCO DE PORTUGAL

MEMORIA DESCRITIVA E JUSTIFICATIVA

das soluções adoptadas e definidas
no Ante-Projecto da edificação

I - Do Ante-Projecto

O Ante-Projecto do edificio da séde do Banco de Portugal é constituido pelas peças essenciaes para definirem dum modo geral o partido da composição. Acusa-se pois no Ante-Projecto,não só a distribuição geral de toda a instalação,como a interpretação plastica,quer das partes mais importantes,quer do conjunto,nas suas massas dominantes.

O estudo destas peças,baseado não só no programa fornecido pelo Banco como nas correcções escritas e verbais derivadas da apreciação dos varios esbocetos que sucessivamente foram submetidos ao exame do digno Governo do Banco, foi,como é natural,demorado,dáda a quantidade e a natureza dos serviços que havia a considerar.

As peças que constituem o Ante-Projecto não são, pois, o primeiro estudo do problema posto pelo Banco, mas a solução que em principio e dum modo geral se reputou como dando satisfação ás necessidades de ordem funcional dum estabelecimento desta natureza e conseguida á custa de aturado e demorado estudo de todas as partes, para cujo resultado muito contribuiu a amavel e preciosa assistencia com que me honrou a Exmª. Administração do Banco de Portugal.

Antes da preparação dos elementos que agora tenho a honra de apresentar e que constituem o Ante-Projecto da nova edificação para o Banco de Portugal, tive a honra de preparar e apresentar á critica do Governo e da Administração do Banco numerosos estudos de composição, os quais foram sucessivamente corrigidos e melhorados. Isto não quere no entanto dizer que do Ante-Projecto ao Projecto definitivo e até deste á execução não haja ainda correcções e melhorias a introduzir.

Simplesmente com o Ante-Projecto, no qual se definem com suficiente clareza todas as partes essenciaes da composição, conseguir-se-há estabelecer as bases para os estudos definitivos não só da composição arquitectural, como de todas as obras de especialidade, que num conjunto tão importante tomam apreciavel desenvolvimento.

E' a partir do Ante-Projecto que os estudos de tais obras se devem fazer de modo que a sua adaptação ao Projecto definitivo se faça, como convem, antes deste concluido e

a par e passo com a sua elaboração.

Os estudos especiaes da construção das casas fortes, da obra de fundações, do problema de estrutura geral e das variadissimas rêdes, pode e deve ser feito com base no Ante-Projecto, uma vez que este mereça a necessaria aprovação.

Para essa aprovação procurei preparar, como consequencias das apreciações feitas pelo Exmº. Governo e Administração do Banco sobre os meus estudos anteriores, as peças apropriadas a um Ante-Projecto, isto é, uma coleção de desenhos onde todas as partes essenciaes do conjunto estejam definidas de modo a habilitarem o Exmº. Governo do Banco a pronunciar-se sobre a marcha dos trabalhos.

O Ante-Projecto que tenho a honra de apresentar e a que se refere esta memoria, compõe-se das seguintes peças:

1) - Planta do Subterraneo
2) - " da Cave
3) - " do Rez-do-chão
4) - " " Primeiro Andar
5) - " " Segundo "
6) - " " Terceiro "
7) - " " Quarto "
8) - Alçados em perspectiva das fachadas sobre a Rua do Comercio e sobre a Rua do Ouro.
9) - Alçado em perspectiva sobre o Largo

de S. Julião,tirado dum ponto real do
largo do Municipio.

10)- Corte pelo eixo menor

11)- Perspectiva do "Hall" da Tesouraria.

A apresentação das fachadas é feita em perspectiva por ser não só a representação mais proxima da realidade e mais susceptivel de exprimir o espirito plastico da composição,como por ser mais apropriado aos fins que um Ante-Projecto procura atingir.

Evidentemente que para a preparação duma perspectiva, houve não só que fazer antecipadamente os correspondentes desenhos em ortogonal,como estudá-los e permenorisá-los de modo a fornecerem todos os dados para a elaboração dos desenhos em perspectiva.

II - Do Programa

O programa que me foi fornecido inicialmente pelo Banco compreendia a descrição sumaria de todas as dependencias a considerar na composição. Em função dele foram preparados os primeiros estudos das plantas,pelos quais uma primeira verificação se poude fazer das possibilidades de se dar satisfação a todas as exigencias dos serviços.

Esses estudos e as consequentes verificações e apreciações por parte do Exmº. Governo e Administração do Banco

conduziram a sucessivas correcções do programa,as quaes se foram traduzindo nas diversas series de estudos,para o Ante-Projecto,que tive a honra de apresentar.

Hoje pode dizer-se que o verdadeiro programa se encontra expresso nos desenhos que constituem o Ante-Projecto, visto que,embora tenha havido muitas indicações escritas sobre alterações a introduzir no programa inicial,tambem por vezes simples indicações verbais foram dadas e devidamente consideradas,nos estudos respectivos e já referidos.

A preparação do Ante-Projecto foi feita em constante contacto com o Exmº. Governo e Administração do Banco,e muitas vezes tambem com os seus serviços tecnicos. Por diversas vezes tive ocasião de verificar com os respectivos chefes o funcionamento de varios serviços do Banco,donde resultou sempre uma compreensão mais segura da sua importancia dentro do conjunto e das relações entre cada um deles.

Pode pois dizer-se que o programa inicial está para aquele que agora poderia ser elaborado,se porventura tal fosse necessario,como os primeiros estudos estão para o Ante-Projecto que agora tenho a honra de apresentar.

O programa inicial foi a base segura para a preparação dos primeiros esbocetos e se o comparassemos com o que resultaria da leitura do Ante-Projecto,verificariamos no entanto não haver entre um e outro nenhuma diferença issencial.

E'por consequencia em virtude do cuidado que houve na preparação do programa que o estudo do Ante-Projecto poude desde o inicio ser conduzido num ritmo constante de melhoria duma ideia inicial,cujo partido é,nas grandes linhas,o mesmo que acusa o Ante-Projecto.

Previa o programa a distribuição do edificio em seis andares principais,a saber: cave,res-do-chão e mais quatro pavimentos uteis. O proprio programa esclarecia quaes os serviços que deveriam ficar instalados em cada andar.

Com o programa escrito foram fornecidos,tambem,esquemas da organisação dos serviços do Banco,pelos quais se podia fazer uma ideia das relações existentes entre eles.

Dada porem a natureza do estabelecimento,a feição muito particular de varios serviços cujas caracteristicas não são comuns ás de qualquer outro Banco,houve,necessariamente,da minha parte,que estudar dentro dos proprios serviços o seu funcionamento.

E,assim,com os elementos escritos,com a apreciação directa por meio de visitas,e com os esclarecimentos verbais que amavelmente me foram fornecidos quer pela Exmª. Administração do Banco,quer pelo Exmº.Snr.Engenheiro Director dos Serviços Tecnicos,quer,ainda,pelos Exmºs. Chefes dos Serviços,foi possivel chegar a um resultado que procura dar satisfação a todos os dados do programa.

III - Do Partido

Estabelecido e compreendido o programa das instalações, havia que escolher um partido geral para a composição. Como sempre,em qualquer obra de arquitectura,a composição só é susceptivel de ser definida partindo do geral para o particular,mas depois de se conhecer quais as exigencias de cada parte do conjunto. O estudo de cada uma das partes foi feito á custa do programa inicial e das visitas de observação do funcionamento de todas elas,estudo suficientemente desenvolvido para ajuizar por um lado da importancia relativa de cada elemento e por outro das suas relações com os restantes.

Para estabelecer um partido não é nunca tambem,indiferente a configuração do terreno de que se dispõe nem os acessos,nem ainda a situação do edificio no conjunto urbano para o qual ele se destina.

O caso particular do Banco de Portugal apresenta sob todos estes aspectos excepcionais dificuldades,o que é dito não para tentar valorizar o meu trabalho,mas porque corresponde a uma realidade de facil verificação,mesmo por quem não tenha pratica de resolver problemas de arquitectura.

A configuração do terreno,embora sensivelmente regular - (um rectangulo) - é a menos favoravel á composição ideal dum Banco. A forma deste terreno,em que a largura é de cerca de um terço do comprimento,obriga fatalmente á

distribuição dos serviços não em volta dum nucleo central e principal,relativamente aquidistante de todos,mas em extensão e em continuidade por vezes.

Os acessos são iguais á maioria dos dos outros edificios da Baixa,isto é,estreitos e todos correspondendo mais ou menos a arterias de grande movimento. A situação real e que a força das circunstancias impõe,é,pois,a do aproveitamento dos locais que hoje pertencem ao Banco e a da proximidade do centro de negocios,havendo portanto que a encarar como inevitavel.

Era pois dentro de todos estes dados que a solução do problema devia ser encontrada metendo-me,como arquitecto,dentro das realidades por menos favoraveis que estas fossem á composição da obra ideal que como artista desejaria realisar.

O edificio do Banco de Portugal,segundo os pontos de vista da Exmª. Administração do Banco e pela força das circunstancias,tem que viver no local delimitado pela Rua do Comercio,pelo Largo e Rua de S. Julião e pela Rua do Ouro. Em peores,mas muito peores circunstancias vivem os grandes Bancos de Londres,pois muitos deles são servidos por ruas que pouco mais teem do que metade da largura das da nossa Baixa. Contudo,nunca os inglezes deixaram de construir grandes e monumentais edificios que por não poderem expandir-se em superficie,vão ganhando em altura o espaço de que carecem para o seu bom funcionamento.

Em pleno coração da City, o Banco de Inglaterra é hoje dos mais altos edificios de Londres,o que prova que o tradicionalismo ingles não se prende apenas com uma mera questão de altura dos edificios,mas com outros motivos mais atendiveis para o bem da Inglaterra e dos inglezes. E a City de Londres,com as suas ruas estreitas,com os seus bêcos,com os seus corredores e passadiços e com os seus enormes edificios é ainda hoje o bairro mais tipico da capital ingleza, apezar da variedade dos estilos,desde os de formas classicas até aos de expressão mais moderna.

Em Lisboa não há propriamente um bairro que corresponda á City de Londres mas pode dizer-se que a instalação dum edificio bancario de grande importancia não deverá fazer-se fora da zona delimitada a Norte pela Rua de S. Nicolau; a Sul pelo Terreiro do Paço;a Leste pela Rua dos Fanqueiros e a Oeste pelo Largo do Corpo Santo.

O Banco de Portugal embora não ocupe o centro de gravidade desta zona,como Banco Central que é,não é natural que possa ser construido fora dela.

O terreno que o Banco possue,hoje ocupado pela sua séde e pela antiga Igreja de S. Julião,tem a vantagem de estar num bom ponto desta zona e de ser cercado por quatro ruas. A sua proximidade do Terreiro do Paço,representa ainda uma vantagem excepcional.

Embora não me caiba qualquer honra na escolha do local para as novas instalações do Banco de Portugal, não

quis no entanto deixar de observar a sua localisação para ajuizar da importancia e da expressão do edificio dentro do trecho da cidade que o envolve,primeiramente para chegar a conclusões quanto ao partido de acessos ao interior do edificio,depois para avaliar do desenvolvimento que a construção poderia tomar para dar satisfação ao programa e,depois,ainda,para estabelecer a escala e a expressão geral do conjunto.

Ao programa se deve em grande parte a distribuição dos serviços pelos diversos andares,mas só do partido geral da composição depende a sua posição relativa,tornando-se necessario dar alguns esclarecimentos sobre o partido que foi adoptado.

Embora um Banco,como grande estabelecimento essencialmente comercial,não possa funcionar capazmente sem que os seus serviços estejam logicamente distribuidos, dando a cada um as caracteristicas apropriadas á sua função,tambem é certo que não é apenas a arrumação resultante do exame das suas exigencias sob o ponto de vista funcional que permitirá imprimir ao edificio a dignidade adequada. Há que,sem prejuiso do bom funcionamento ou da boa arrumação de cada parte,procurar adoptar uma disciplina geral,dentro da qual caiba em boas condições tudo quanto é necessario e de que resulte a harmonia indispensavel a toda a obra de arte.

O partido geral que adoptei consiste na distribuição dos serviços principaes , dos quaes hão-de resultar as principaes massas de construção , em zonas

susceptiveis de assegurar ao conjunto arquitectonico o equilibrio indispensavel e de permitir a melhor utilisação possivel de todas as partes.

Numa composição desta natureza há que prever zonas susceptiveis de grande frequencia de publico e zonas mais ou menos reservadas. Quando ás primeiras há toda a vantagem em dispô-las no res-do-chão distribuindo-se as restantes,conforme as necessidades especiaes de cada uma,pelos diversos andares.

Das partes acessiveis ao publico há ainda que distinguir entre elas se dêvem ser agrupadas numa unica grande dependencia,ou se devem destacar-se francamente aquelas,que,por assim dizer,teem vida quasi independente.

Quér pelo estudo do programa,quer pela observação dos diversos serviços,se conclue que há vantagem em separár alguns serviços muito frequentados pelo publico e em agrupar outros. Assim,a concentração dos serviços de Operações com os da Tesouraria num unico "hall" oferece grandes vantagens quer para o publico,quer para os serviços evitando-se assim grandes deslocações,como acontece hoje com as velhas instalações. A separação dos serviços de Tesouro de modo a que os que deles se utilisam não frequentem o mesmo "hall" nem tenham as mesmas serventias da clientela corrente do Banco, oferece tambem vantagens. Dos serviços dependentes da Tesouraria,a separação da secção de Trocos para local independente do "hall",tambem corresponde a um maior desafogo dos serviços. Simplesmente a separação destes diversos serviços (Tesouraria,Tesouro e Trocos) só interessava no que dizia

respeito ao publico,convindo que o que respeita a pessoal, pelo menos na parte do que é dependente do Tesoureiro do Banco,pudesse ter rapida e facil ligação interna.

O serviço de Operações,devendo viver em conjunto com os da Tesouraria no mesmo "hall",por serem ambos frequentados pela mesma clientela do Banco e por terem entre si muitas relações,tem no entanto exigencias especiaes de ligação com outros serviços já de caracter privado,e não podia ser disposto em qualquer local que dificultasse a comunicação imediata com esses serviços.

Para todas estas exigencias havia pois que procurar uma solução que as resolvesse satisfatoriamente.

Os serviços internos,isto é aqueles que não são frequentados pelo publico e que sem prejuizo se podiam distribuir pelos diversos andares deviam tambem ser dispostos de modo a assegurar a ligação que entre muitos deles é indispensavel.

Do atento exame de todas estas e outras exigencias e do aturado estudo do problema resultou a composição do edificio com o seguinte partido geral:

No Rez-do-chão

Na zona central e dispóstos á volta do "hall" principal,instalaram-se os serviços de Tesouraria e das Operações,os quais são separados do publico pelo balcão dotado das protecções apropriadas e que pormenorisadamente serão estudadas quando fôr oportuno.

No topo Oeste,os serviços do Tesouro e os dos Trocos.

No topo Leste,serviços varios do Banco,frequentados ainda por pessoas estranhas aos serviços constantes das repartições do Banco,mas que com este teem relações especiaes.

O acesso ao "hall" da Tesouraria e Operações é feito pela Rua do Comercio,ao centro do edificio. Junto do respectivo vestibulo estão dispostas as instalações para um Gerente e para o serviço das Cartas de Credito.

O Tesouro tem a entrada do publico pelo eixo do Largo de S. Julião,ficando instalados, junto, os Serviços de Recebimento de Contas de Tesouro e o dos Trocos. Estes ultimos,embora por conveniencia de serviço tenham como o de Recebimento comunicação directa com o "hall" do Tesouro,teem no entanto entrada privativa pela Rua de S. Julião.

Ao eixo do topo Leste (Rua do Ouro) previu-se a entrada do Governo e Administração do Banco,entrada que serve tambem para o Serviço de Fiscalisação das Agencias e Delegações, Dividendos e Caixa de Aposentações.

O Serviço de Carteiras faz parte deste corpo,mas está directamente ligado ao serviço de Operações.

Pela Rua de S. Julião fazem-se as entradas de serviço do pessoal do Banco,junto das quais estão previstas as necessarias escadas e elevadores.

Deste modo os Senhores Governadores e Administradores, o publico e o pessoal do Banco teem zonas de entrada inteiramente distintas,como convem a um estabelecimento desta natureza.

No 1º. Andar

Os principais serviços instalados neste andar são os da Administração e aqueles que necessitam de mais rapida ligação com o rez-do-chão.

Nos primeiros estão compreendidos: 9 gabinetes de Administradores;1 gabinete para um Vice-Governador;a Sala de Trabalho; a Sala da Comissão de Desconto;varios gabinetes de recepção.

Os segundos abrangem os serviços de Informações e Responsabilidades,Correspondencia,Tesouro Publico,Obras e Valores.

Nem todos os serviços instalados neste andar teem forçosa ligação com os do rez-do-chão. Alguns,foram aqui dispostos,por serem as suas exigencias de superficie mais compativeis com as disponiveis neste andar,não resultando prejuiso, antes pelo contrario,da sua inclusão neste conjunto.

No 2º. Andar

Tambem os serviços são de naturezas diferentes.

Assim,parte da frente com a Rua do Comercio e toda a frente sobre a Rua do Ouro,são ocupadas com as instalações para o Governo do Banco,Salas do Conselho Geral,Conselho Fiscal e Relações com o Estado e ainda diversas salas para recepção.

Na restante superficie do andar os serviços instalados são: Contencioso,Contabilidade,Estudos Economicos e Biblioteca.

No 3º. Andar

A parte dos serviços que podemos considerar ainda incluida no quadro de caracter administrativo,limita-se neste andar á séla das Assembleias Gerais. Grande parte deste andar é ocupado com o serviço de notas,compreendendo o Deposito e Verificação, a Fiscalisação e Escolha, á Amortisação e as casas fortes de trabalho privativas de cada um destes serviços. Alem destes estão ainda instalados neste andar os seguintes serviços: Despacho de Notas,Contabilidade Fabril,Deposito de Artigos de Escritorio e Deposito de Impressos.

No 4º. Andar

A parte respeitante á preparação industrial das notas ocupa parte do andar e abrange,conforme o programa,as seguintes dependencias: Gravura,Aposição do Texto,Sala de Trabalho, Corte,Serralharia,Galvanoplastia e Gabinete Fotografico.

Neste andar está tambem prevista a oficina de Carpintaria,o Armazem de Material e o Deposito de Moveis.

As restantes dependencias destinam-se a um pequeno posto de socorros,designado Posto Medico e a diversos refeitorios para o pessoal.

Estes refeitorios,em numero de cinco,teem cada um uma pequena cosinha,onde o pessoal possa aquecer alimentos e fazer preparar ligeiros cosinhados.

Em todos os andares estão dispostos grupos numerosos de instalações sanitarias e vestiarios para o pessoal.

Caves

Segundo o partido geral adoptado, e, de acordo com os pontos de vista em que se assentou, a cave é ocupada pelas Casas Fortes gerais, pelos Arquives, e pelas Centrais diversas;

A planta deste andar indica a existencia de dois grupos de Centrais. Contudo na realidade não existirá senão um. Simplesmente, como a construção do edificio não se poderá fazer num só escalão, mas antes terá que ser feita em dois, ou mesmo tres, houve que prever, alem da instalação definitiva das Centrais a sua instalação provisoria.

Como bom partido de solução convem absolutamente que a zona das Centrais não fique instalada na vizinhança das Casas Fortes. Assim, estas ficam desde já instaladas no Cunhal do Largo de S. Julião e Rua do Comercio, ao passo que aquelas, no definitivo ocuparão a zona do cunhal da Rua do Comercio com a Rua do Ouro. O espaço entre estes dois grupos de instalações é ocupado pelos arquivos do Banco, reservando-se uma extensa zona, ao longo da Rua de S. Julião para a instalação de Vestiarios, a qual será convenientemente compartimentada logo que se faça o estudo pormenorisado da lotação de cada um.

As Centrais provisorias que se instalam na zona vizinha das Casas Fortes serão apenas as que sem prejuizo da sua futura instalação definitiva sejam por agora indispensaveis

para o funcionamento da primeira parte do edificio. Tanto a zona ocupada provisoriamente com as centrais com todas as superficies sobrantes deste andar serão ocupadas por arquivos.

Na cave geral as Casas Fortes são essencialmente tres: a Casa Forte Geral dividida em duas partes,uma para Notas e outra para Titulos;a Casa Forte do Serviço de Amortisação de Notas e a Casa Forte da Tesouraria.

As duas primeiras ligam com os outros andares por meio de elevadores e de monta-cargas e de uma pequena escada de socorro. A Casa Forte da Tesouraria liga directamente ao Gabinete do Tesoureiro,sem qualquer outra communicação.

A grande profundidade prevê-se a construção duma grande Casa Forte destinada ao Tesouro,a qual será construida á prova de bombardeamentos. O acesso a este subterraneo é dado por meio de dois poços,ambos dotados de elevadores e um dos quais terá ainda uma escada de socorro. Os dois poços são abertos nas extremidades duma galeria de ligação existente ao nivel duma primeira sob-cave e que se repete ao nivel da Sala do Tesouro.

IV- Das Circulações e Communicações

A ligação rapida e facil entre todos os serviços é da maior importancia num estabelecimento desta natureza.

Os serviços do publico,sempre mais ou menos desafogados,como podem em geral viver num andar terreo,não apresentam,em regra,dificuldades extraordinarias quanto aos acessos destinados á clientela. Já o mesmo não acontece quanto á li-

gação entre os proprios serviços.

O publico em geral deseja encontrar facilmente o local onde pode ser atendido e ser servido sem grandes perdas de tempo. Para o conseguir é necessario depois de estabelecer a relação existente entre os varios serviços,encontrar a solução pratica que contribua para o melhor rendimento do trabalho.

Assim,serviços que tenham entre si constante contacto e dos quais dependa a rapidez das operações não só não podem ser dispostos a grande distancia um do outro,como quando perto,não devem ser dispostos de qualquer modo. Há sempre que assegurar a maxima facilidade de ligação.

A solução "em continuidade" nem sempre é possivel,pois nem sempre se dispõe de suficiente espaço para o conseguir. Nestas circunstancias a solução "em cascata" apesar dos inconvenientes da comunicação vertical,resolve grande parte das dificuldades.

No Ante-Projecto do edificio para o Banco de Portugal, ambas as soluções foram adoptadas,agrupando-se os diversos serviços de harmonia com as superficies aproveitaveis do terreno,mas condições mais favoraveis que foi possivel.

Em continuidade,foram dispostos todos os serviços de Tesouraria,estes com os das Operações,o de Carteiras com estas ultimas,quando no rez-do-chão.

No primeiro andar estão ainda ligados em continuidade: Informações e Responsabilidades com Correspondencia;Adminis-

tração e Comissão do Desconto.

Em cascata ligam os serviços de Informações e Responsabilidades com Carteiras, instaladas no res-do-chão; tambem os da Administração ligam para o res-do-chão com a Gerencia e para o segundo andar com o Governo do Banco.

A Repartição de Valores liga tambem em cascata com o "hall" da Tesouraria e das Operações.

No segundo andar ligam em continuidade as instalações do Governo com as salas do Conselho Geral, Conselho Fiscal e Relações com o Estado e em cascata as do Governo com a Administração e com a Gerencia.

No terceiro andar as ligações em continuidade teem menores exigencias. Em cascata ligam todos os serviços de Notas com os outros andares e com as Casas Fortes. Os Serviços de Verificação de Notas ligam especialmente em cascata com os da Sala de Trabalho das Notas, no 4º. andar.

Evidentemente que o sistema de ligações entre os diversos serviços quer em continuidade quer em cascata é facilitado por um lado pelas circulações gerais (galerias, escadas e elevadores) e por outro pelas comunicações mecanicas de que hoje se dipõe com facilidade. As comunicações por meio de tubos pneumaticos e de monta-papeis, permitem a rapida transmissão de documentos de serviço para serviço sem necessidade de deslocações de pessoal, encurtando-se portanto extraordinariamente as distancias e abreviando o trabalho. As comunicações verbais serão feitas telefonicamente.

Instalações Diversas

Alem das já referidas instalações pneumaticas e telefonicas comportará o edificio instalação geral de aquecimento e de ventilação,ou de condicionamento do ar,conforme os locais,instalação electrica e de socorro,prevendo-se para cada uma a respectiva central.

O estudo destas instalações deverá ser feito imediatamente apos a apreciação do Ante-Projecto,como já anteriormente foi dito,a-fim-de no estudo do projecto definitivo se preverem,com a necessaria exactidão,não só os espaços necessarios para as respectivas centrais e suas reservas,como,sobretudo,para a passagem e disposição das numerosas conductas, que em muitos casos tomam consideravel desenvolvimento.

Tambem os estudo das Casas Fortes deverá ser feito imediatamente apos a aprovação do Ante-Projecto,pois a sua construção implicará com a das fundações e em parte com a estrutura geral do edificio,convindo tambem que o projecto definitivo seja elaborado em obediencia ás soluções que forem preferidas e em perfeita concordancia de todas as partes para não haver prejuizo para a necessaria harmonia funcional do conjunto

V - Da Estrutura e dos Materiais

A não ser a parte respeitante ás fundações e á construção das Casas Fortes e das caves em geral,toda a restante estrutura do edificio deverá ser essencialmente consti-

tuida por esqueleto geral d'aço e pavimentos de betão armado.

Este sistema permitirá maior aproveitamento de superficies do que a simples estrutura geral de betão armado.Alem desta vantagem apresenta ainda a de permitir no futuro introdusir quaesquer modificações,o que no estado actual dos conhecimentos da obra de betão armado,não é,ainda,facilmente realisavel com este material. O enximento dos diversos membros e outros macissos da construção previstos no projecto será feito por meio de alvenarias de pedra e tijolo,devendo todo o revestimento das fachadas ser feito por meio de cantaria de liós,branco,de primeira escolha. Os interiores serão revestidos com materiaes de diversas qualidades,conforme os locais,limitando-se o emprego dos materiaes de luxo apenas ás peças mais importantes. Só,porem, o estudo de detalhe consequente do projecto poderá permitir estabelecer para cada caso quais os materiaes mais apropriados.

VI - Da expressão geral do edificio

E'este ponto um dos mais melindrosos do meu trabalho.

Contudo,porque não foi de animo leve,nem sem uma forte vontade de acertar que me dediquei ao estudo deste problema,julgo do meu dever dizer tambem algumas palavras justificativas do partido estético adoptado.

Em poucas palavras posso resumir assim o programa que estabeleci como disciplina que regulasse todo o estudo que

fiz com afinco deste caso especialissimo:

Primeiro procurei resolver o problema dum Banco;segundo que este Banco fosse para Lisboa,isto é,para a nossa escala de possibilidades;terceiro que embora para Lisboa este Banco fosse para a Baixa e finalmente que o conjunto apresentasse as condições de dignidade e de monumentalidade,proprios de nosso primeiro Banco emissor e do monumento historico em que é construido.

Mais desenvolvidamente direi que quanto ao primeiro ponto a principal subordinação foi evidentemente a do programa estabelecido e sucessivamente corrigido pelo Banco, ao qual havia que dar satisfação. Os anteriores capitulos esclarecem como o problema foi resolvido.

O encadeado dos serviços,embora apresentando extraordinarias dificuldades,pelos motivos que já foram apontados,constituia no entanto um motivo de atracção para enfrentar a solução deste problema de composição arquitectural,o mais dificil que até hoje me foi dado resolver.

Portanto a minha primeira preocupação foi a de encontrar,por meio de sucessivos e numerosos estudos,uma solução para o partido geral do problema.

Mas o encontrar uma boa solução não era tudo. O que se tornava necessario era encontrar uma solução que não conduzisse a resultados desproporcionados com a escala geral de Lisboa.

A escála lisboeta é,no geral,baixa,sob o ponto de vista artistico. Lisboa não possue grandes edificios mo-

mumentaes. Os raros que existem correspondem a epocas excepcionaes da historia nacional.

Os ultimos seculos pouco nos deram em edificios francamente monumentaes e a tal ponto que a nossa gente se desabituou de os construir e até de os apreciar. Quando hoje, mercê tambem de circunstancias excepcionais, se constrôe um edificio um pouco mais cuidado e que acuse certo desejo de melhoria e de identidade com os tempos presentes, a nossa gente chega a escandalisar-se julgando ver luxo onde só vê asseio, estudo serio do problema economico, e, porque não dizê-lo, um bocadinho de vontade de marcar uma data diferente das anteriores.

O edificio do Banco de Portugal, não pode deixar de acusar uma certa monumentalidade de linhas, mas uma monumentalidade que caiba dentro da escála de Lisboa.

O Banco emissor duma cidade monumental, se se pretendesse que dentro dessa monumentalidade marcasse um ponto brilhante nunca poderia ter a expressão que pode ter em Lisboa.

A nossa monumentalidade tem que ser diferente.

Contudo, apesar do baixo nivel na arquitectura lisboeta, seria censuravel que se não tentasse melhorar esse nivel dotando Lisboa dum edificio que para a nossa escála suba um pouco acima da bitóla corrente e abra o caminho á propria iniciativa particular para ser um pouco mais exigente na expressão arquitectural das suas realisações.

O edificio que projectei para o Banco de Portugal, não se afastando em excesso da bitóla lisboeta, tenta contudo marcar um ponto mais elevado na escála geral da arquitectura da cidade.

Não se pode no entanto ter esta aspiração sem olhar seriamente para o local onde o Banco deve ser construido.

Se o edificio do Banco fosse construido nas Avenidas Novas ou em qualquer outro bairro da cidade a sua expressão arquitectural nunca poderia ser a mesma que deve apresentar quando construido na Baixa. Aqui há varios casos a atender: a estreiteza das ruas; um resto de expressão pombalina em alguns dos edificios proximos; a visinhança com o Terreiro do Paço e até com a incaracteristica arquitectura da Camara Municipal.

Nunca esquecendo a importancia particular do edificio que se pretende construir, havia no entanto que ter em consideração todas as circunstancias anteriormente apontadas.

Tentar construir um edificio rigorosamente dentro dos moldes pombalinos, verificou-se ser completamente impossivel: primeiro porque o edificio existente e que vae ser demolido já constitue por si, uma demonstração da inviabilidade do respeito pelas dimensões e proporções da obra pombalina da Baixa, segundo porque conforme tive ocasião de demonstrar largamente perante o Exmº. Governo do Banco, por meio da minha exposição de 7 de Janeiro de 1937, as alturas pombalinas, são incompativeis com aquelas que as

necessidades materiaes da nova instalação impõem;terceira porque a reprodução fria e arqueologica da obra pombalina, falsa portanto,pobre como a de todos os predios da Baixa, não corresponde de modo nenhum ás mesmas razões que num dado momento impuseram esse padrão de construção e as que impõem a construção do novo Banco,e,finalmente,porque o momento historico que temos a felicidade de viver não pode admitir que se construa um edificio tão importante sem que se tente deixar acusada,sem necessidade de inscrições lapidares,que o novo Banco de Portugal é obra dos homens da epoca de Salazar.

O Ante-Projecto do edificio do Banco de Portugal procura,pelo intencional desejo de o conseguir,o espirito da arquitectura pombalina e da arquitectura classica. Pelas proporções geraes,pelos motivos arquitectonicos e construtivos que o compõem,o edificio liga-se á expressão daquelas arquitecturas. Pelo arranjo geral,pela expressão do pormenores procurei no entanto realisar obra monumental harmonica com aquelas arquitecturas do passado,mas sem deixar de exprimir as tendencias do presente.

Não vão os tempos favoraveis á construção de edificios francamente monumentais,razão porque a arquitectura contemporanea não definiu neste campo uma expressão nitida. As tendencias actuais são de simplicação,de redução dos elementos da composição ao estrictamente indispensavel para dar satisfação ás varias necessidades,dentro da maior economia possivel. Essa tendencia no entanto,se trouxe certos

beneficios para a Arquitectura,porque a libertou duma sobrecarga superflua e prejudicial de ornamentações que muitas vezes a abafavam e desvirtuavam,não pôde no entanto conduzir á esterilisação artistica da Arquitectura,nem á mistica da pobreza.Descoberta de novo a virtude do simples, do claro e do honesto dentro da Arquitectura,compreendido de novo que a estrutura dum edificio é susceptivel de ter maior merito artistico do que uma pêle rica,mas postiça e pretenciosa,a Arquitectura há-de poder enriquecer-se de novo com o apoio da decoração,embora duma decoração discreta e apropriada ás formas necessarias e uteis de cada peça, como acontece em todos os bons periodos da arte.

O Renascimento Português correspondendo á recuperação ou á nova construção dum equilibrio que se perdera, não poderá,por menos que se queira,deixar de acusar na Arquitectura a mesma expressão de equilibrio.

Por isso,em vez de procurar imitar servilmente a arquitectura de qualquer epoca passada ou de seguir a corrente de certas tendencias de arquitectura contemporanea,procurei antes uma solução no sentido de tentar fazer á custa das conquistas anteriores uma integração da arquitectura actual no espirito da arquitectura classica.

Nós não sabemos como o futuro classificará a arquitectura do nosso tempo,mas temos o dever de procurar realizar uma arquitectura que pela sua sobriedade,pela seriedade da sua expressão plastica,pelo equilibrio das suas

proporções e pela harmonia da composição geral,traduza e possa vir a ser interpretada como a expressão da epoca historica em que vivemos.

Esta aspiração é a minha,como arquitecto. Simplesmente o que me sobra em vontade e sincero desejo de atingir este ideal,falta-me em capacidade para o conseguir.

O Arquitecto.

Documento 35.09

RAMOS, Carlos - *Representação 35*. *Apud* ALMEIDA, Pedro Vieira de - *A Arquitectura no Estado Novo uma Leitura Critica.* Lisboa: Livros Horizonte, 2002.

MOTIVO DESTA REPRESENTAÇÃO'

Excelência

Um grupo de homens que, acima de tudo, prezam o *bem da Nação e a sua grondeza espiritual, vem representar a V Exa para que* o *monumento* ao *Infante D. Henrique, em Sagres, venha a ser digno dos Descobrimentos que deve consagrar, digno do poder de criação da nossa era de renovação nacional, digno enfim da Nação e da Arte.*
*Filha de um dever, procuraremos que esta exposição seja clara, verdadeira, completa, oferecendo, a quem afirmou uma politica de verdade, tôda a verdade, mes*mo *que ela possa desagradar* a *alguém.*
Partimos de um princípio - aceitar a boa fé de todas as opiniões.
Pode, no entanto, a boa fé enganar-se. E enganou-se de facto quem escolheu, para o *monumento de Sagres,* o *projecto aprovado pelo júri.*
A nós cumpre-nos mostrar esse erro, mas não por ataque à *decisão de um júri ou as suas condições de voto.*
Aceite a *boa fé de tôdas as opiniões, de todos* os *votos. mas reconhecido que este representa um* enu *cujos motivos procuraremos compreendere mostrar,* o *nosso fim* é *outro* e *mais alto e nobre.*
O *nosso fim* é *mostrarmos que não pode a nossa época consagrar os Descobrimentos e* a *grandeza da Raça e do Infante, em Sagres - terra sagrada - por um montlmento que não* é *uma obra de arte, que não tem valor de criação de arte, nem poder de religiosa* e *simbólica comoção.*
O *nosso fim* é *ainda mais – reconhecida a impossibilidade da realização da obra aprovada pelo júri por todos os motivos técnicos e materiais, mas também, e sobretudo. sentimentais, espirituais e artísticos - mostrar que* o *concurso deu a V Exa os elementos necessários para poder fazer com que se realize uma obra de arte digna do Infante, digna dos Descobrimentos, digna de Sagres e também digna de perpetuar* o *poder criador da nossa época3•*
Nós cumprimos um dever definindo uma verdade e afirmando uma realidade.
Poderíamos limitar-nos a *afirmar* a *Vexa* o *nosso sentimento. Mas isso não seria* o *que desejamos - trazer uma verdade, que soubemos ver, ao conhecimento de VExa, com aquela clareza, aquela segurança, aquela prova que a torne uma realidade.*
Vimos mostrar a V Exa uma grande realidade espiritual. V Exa a tornará, assim o *esperamos, uma realidade material.*

A AFIRMAÇÃO DE UMA REALIDADEDA ARTE

A realização do monumento aprovado pelo júri daria, pelos séculos fora, a impressãode que a nossa época - tão grande em tudo, tão cheia de valor na *políticae* no *espírito - não teria tido nenhum poder criador em Arte. A realização doprojecto aprovado seria* um *formidável desastre artístico.5*
E êsse desastre seria também uma mentira, uma tristíssima mentira imposta pelo êrro que não soube ver a consoladora realidade fornecida pelo concurso.
Definiremos lealmente, totalmente, a nossa afirmação.
Primeiro que tudo cremos necessário definir o *verdadeiro significado de* um *monumento,* de *uma criação arquitectónica.*
Um monumento, qualquer que seja a *ideia que presidiu* à *sua realização, qual*quer *que seja a ideia, divina* ou *humana, que se destina a lembrar* e a *comemorar entre* os *homens, tem de ser sempre, essencialmente, uma realização de arte uma realização arquitectónica."*
Foram-no sempre Igrejas e *Catedrais invocação de uma grande ideia, mas essencialmente também obras de arquitectura.*
Uma imensa Cruz, gigantesca, não teria o valor de expressão de uma Catedral, produto da mesma fé, mas realizada em arquitectura.
O *Cristo do Corcovado não tem o valor imenso de expressão da fé humana, de invocação de ideia religiosa, da realização de arte de uma catedral.*
Outra comparação ainda: a *gigantesca estátua da Liberdade, à entrada de Nova York, simbolização da liberdade da Nação Americana e das suas aspirações, não tem o valor de expressão do monumento da Batalha, em que, numa obra rquitectónica, se exprimiram e simbolizaram a independência da Nação Portuguesa e as suas aspirações de fé, de glória e de dominio.*
E, agora, o supremo exemplo do passado na comemoração dos descobrimentos, para servir de comparação à desejada consagração presente dos mesmos descobrimentos.
Quando os homens do grande momento de expansão portuguesa, no passado, quiseram exprimir e simbolizar os escobrimentos, realizaram uma obra de arquitectura, única no i\1undo, sim, mas obra de arquitectura e *de arte.*
Os *grandes artístas criadores do passado mostram-nos o verdadeiro caminho de simbolização de uma ideia na arte da arquitectura* - a *criação de um monumento que fala por si, sem necessidade de conhecimento prévio da ideia que quizeram representar,* a *transposição da ideia em forma que* a *represente, mas que exista Como forma.*

Foi assim, sempre que as ideias, os sentimentos, as invocações eram realidades vividas, tão profundamente vividas que naturalmente se transformavam em obra de arte.
Mas um grande século de transição, de hesitações espirituais, sem uma fé segura, o século XIX. esqueceu as realidades por sentimentalismos em vez da reaI o e de arte criou a alegoria de arte.
Erro profundo, que fez do século XIX um século morto para a arquitectura. Nêle ainda o que há de grande é uma .repetição do passado o recurso às realizações da fôrça criadora de outras eras Êste subterfúgio de construir, como agora uma arte piando o passado, o que serve de alegoria, não de realidades.
Alegorias, com ou sem talento, as estatuas de que o século XIX encheu as praças das cidades.
Alegorias - prodigiosa de engenharia, mas sem o poder de expressão que da realização viva da arte - a estátua da Liberdade em *Nova York.*
Alegoria não realização de arte, na obra real de a'rquitectura, o projecto que o Júri do concurso do monumento ao *Infante,* em *Sagres, indicou* a V.. *Exa como devendo ser realizado.* "
A reacção espiritual da nossa época é, principalmente, uma afirmação de realidades e de vida contra os sentimentalismos alheios á realidade.
Em *arte esta reacção opõe,* ao *espírito alegórico e ás cópias do passad*o a, a*bra* que seja *expressão directa da Vida, quer no sentimento e na fé que transportem para* a *sua simbolização, quer numa aceitação do seu tempo e dos novos meios da técnica. 8.*

O *NOSSO VOTO A FAVOR* DE *UMA CRIAÇÃO REAL* DE *ARTE*

O *voto que trazemos* a V. *Exa, de acordo com esta grande reacção do humano e real do do espiritual e profundo, é o voto pela arte viva contra o sentimentalismo retórico da arte alegórica.*
Se queremos viver voltados para o futuro, aceitando todo o impulso do passado, compreendendo-o e amando-o como força que nos impulsione para a criação em face de nós, se, como cremos, a Nação reviveu para a grandeza, então que se atenda à verdade do que afirmamos dentro de uma realização necessária, que marcará, ao *lado de outras,* o *início, no presente, de uma era de criação viva e forte no espírito, na arte, na política, na grandeza da acção nacional.*
E porque cremos que é êste o *espírito dos verdadeiros portugueses de hoje, dos novos, dos que enfrentam* a *realidade com confiança na sua própria força e a esperança de uma grande realização, porque cremos que é este* o *espírito de VExa, porque cremos que é este* o *intúito da realização do monumento* ao *Infante, em Sagres, vimos afirmar como consoladora realidade a existência de uma grande criação de arte.*
Tristíssimo seria que essa criação de arte não tivesse a sua realização e que, em vez dela, o *nosso tempo repetisse* o *sinal de morte, que seria* um *monumento-alegoria e não uma obra de arquitectura.*
Não tem V Exa que respeitar a autoridade de opiniões, a nossa ou *a oposta. Tem* o *direito de exigir de nós, como dos outros, a razão da nossa afirmação. E a afirmação que fôr justificada, essa certamente V Exa escolherá, paro base do sua* decisão.
Vamos. por isso, ainda que nos pese' alongarmo-nos, mostrar em quê e como, mercê de um *encontro providencial de sentimentos e qualidades, surgiu, neste concurso,* um *projecto que é, na verdade,* a *obra de arquitectura que na nossa época, com* o *nosso sonho, com* o *sentimento do passado como impulso e não como espêlho, representa a realização viva de arquitectura que merece ser realizada.*
Essa grande, essa altíssima obra de arquitectura é o *projecto de Pardal Monteiro.*
Mas porque a *consagração do monumento,* a *realizar em Sagres, é superior não nos limitamos* a *querer* o *bom e queremos* o *melhor; acrescentaremos que a admirável criação arquitectónica de Pardal Monteiro, única e grande já de si, deve ser, ainda, engrandecida com* a *colaboração de uma outra grande criação de arte, esta de arquitectura interior, que é* o *projecto de José Cortez.*
Porque não servimos interêsses de ninguém, mas sómente os sagrados interesses da Nação e da Arte, perguntamos não será possível, com estes elementos fornecidos pelo concurso, chegar-se à realização da suprema obra de arte que exige a *consagração dos Descobrimentos, em Sagres?*
Cremos que sim.
E porque o *cremos, vimos cumprir* um *dever, afirmando a necessidade de se realizar* o *monumento de Sagres com as maiores criações de arte a que* o *concurso deu lugar.*
Procuraremos mostrar a *beleza das criações que julgamos dever colaborar no monumento de Sagres. E só por dever ainda, para opor ao voto do júri e habilitar V Exa* a *uma decisão que* a *ele seja superior, mostraremos que* o *projecto aprovado não tem nenhum dos elementos, nem espirituais, nem materiais, para ser realizado* o *monumento da nossa época, consagrando* o *Infante* e *os Descobrimentos.*
A nossa afirmação é *sincera, leal, sem intuitos pessoais. E feita porque, acima de tudo, está a necessidade de bem servimos* a *Nação.*
Diremos por isso tôda a *verdade.*

MOTIVOS QUE EXPLICAM A GRANDE CRIAÇÃO DE ARTE ARQUITECTONICA QUE É A OBRA DE *PARDAL MONTEIRO*

A obra de arte é filha do talento pessoal do seu criador, mas também produto de circunstâncias várias que nela concorrem. Se o *valor pessoal e essas circunstâncias coincidem* a *obra de arte eleva-se àquela grandeza que parece transcender* o p*róprio criador.*

Nós não queremos afirmar a *superioridade do valor criador de Pardal Monteiro, como artista, como arquitecto, sôbre todos* os *outros. Afirmamos apenas* o *seu grande valor.*
Mas respeitamos o *valor alheio. não* só o *dos autores dos cinco projectos escolhidos para segunda prova do concurso, como também,* o *que seria injustiça esquecer,* o *dos autores de projectos não escolhidos. Falam por si* a *grandeza de concepção,* o *idealismo, a beleza de ideia ou de símbolo, de outros projectos, como* o *de* ***Cotinelli Telmo*** e o *de* ***Raul Lino.***
Afirmamos até que este concurso foi, no *seu conjunto, uma singular afirmação da existência de uma pleiade de arquitectos portugueses.*
Mas o *valor pessoal não basta para* a *realização de um grande monumento arquitectónico.*
É preciso que a concorrência de várias fôrças determine essa grande criação nova.
Sem ofensa para ninguém, sem menos cabo dos talentos, confirmados ou revelados no *concurso, cumpre-nos afirmar que êle deu lugar* a *uma grande* e *nova criação de arquitectura* - o ***projecto*** **de** ***Pardal Monteiro.***
As razões principais dessa criação filiam-se no grande movimento da arquitectura moderna e serão sentidas, pelo menos instintivamente, por quem conhece a formidável aspiração dessa arquitectura à *formação de um grande estilo, simples, sólido. clássico* no *grande sentido da palavra, mas anti-académico* e *anti-alegórico, na linha das grandes tradições da arquitectura, abandonadas pelo século XIX, como mostrámos, mos anti-tradicionalista no sentido de repetição ou submissão* às *grandes obras do passado.*
Quem sentir êsse grande movimento, dominador de todos os *arquitectos verdadeiramente novos, compreende* a *força de aspiração de arte que êle pode representar na alma de um artista que* o *viva sinceramente.*
Ninguém negará a Pardal Monteiro o *valor de ser um dos arquitectos que, no Mundo, mais luta por essa realização de arte da moderna arquitectura. Que se concorde ou discorde dessa sua grande aspiração, esse valôr não lhe pode ser negado de boa fé por ninguém.*
Mas dêste seu valor poderiam resultar obras que fossem - embora grandiosas e belas - a *manifestação desta grande aspiração, não* a *criação mais alta de um estilo novo.*
Uma providencial conjugação de circunstâncias pôde, porém, dar lugar à *grande criação de uma obra de arquitectura realizadora do estilo* a *que* a *arte moderna aspirava* e - o *que é imenso, para nós, portugueses* - à *criação de um estilo português dessa moderna arquitectura.*
Fàctores dessa síntese espiritual, de que resultou a *grande criação* - a *aspiração, forte, de realizar uma arquitectura nova e* o *motivo espiritual, imenso de beleza, que pretendia exprimir com* a *sua nova obra, Razão dessa criação* - a *síntese das suas aspirações,* as *de arte e* as *de expressão do grande ideal nacional, vividas com igual e profunda intensidade.*
Para sermos coerentes connosco próprios e *dizermos tôda* a *verdade, não nos furtaremos* a *afirmar que esta obra verdadeiramente genial, não podia realiza-la Pardal Monteiro, se não tivesse sido iluminado pela fôrça espiritual imensa do motivo da sua obra. A grandiosidade da ideia* a *exprimir fê-lo transcender-se* a *si próprio. E iluminado pela grandeza do motivo, vivendo com paixão e fé* o *formidável impulso do passado na sua crença nacionalista - força viva e nõo morto tradicionalismo - e ao mesmo tempo pondo, sem um desfalecimento ou uma transigência* a *aspiração da sua crença de artista, conseguiu criar uma obra que* é *já* um *novo estilo da arquitectura moderna e um estilo português.*
Nõo seria isto possível, não foi possível, em quem não levava para esta obra a *dupla aspiração de uma arte moderna, de uma verdadeira arquitectura nova* e *de um ideal* a *exprimir.*

VALOR DA CRIAÇÃO DE ARTE DO *PROJECTO DE PARDAL MONTEIR0*

Faremos a *análise do valor arquitectónico, do valor de arte, como criação nova e forte, do projecto de Pardal Monteiro. A análise será clara e quanto possível completa.*
O *motivo espíritual* a *exprimir no monumento* em *forma arquitectónica levou Pardal Monteiro, com profunda e perfeita noção do símbolo mais alto dos descobrimentos,* a *pensar no padrão como motivo do seu monumento.*
Como enquadrar o *padrão num edifício moderno, com* a *grandiosidade que lhe mantivesse* o *símbolo, sem o tornar motivo decorativo e sem que se lhe desse* o *caracter de mera alegoria?*
Foi a *solução deste probema de arte* a *maior,* a *mais fecunda, criação de Pardal Monteiro neste seu projecto.*
Razão tínhamos ao afirmar que o motivo espiritual a *exprimir foi* a *circunstância que permitiu* a *grandeza da sua criação arquitectónica.*
O *motivo do padrão, simbolo supremo dos descobrimentos, era também o único que continha* a *base, o eixo de um grande motivo de arquitectura.*
Motivo arquitectónico não é, *para nós, uma decoração ou uma alegoria, sobre- postas* a *uma arquitectura com base em outras elementos. Motivo arquitectónico, é para nós, o próprio elemento vital e fundamental de* um *edifício.*
É *como* a *coluna para o templo grego, como* a *cruz para o templo cristão.*
Pois bem. Alguma coisa nos legou o passado em que se reune o símbolo religioso da cruz ao símbolo da acção dos descobrimentos e do domínio das nossas terras: é o padrão.
Só *no padrão* se *transforma em símbolo de Império e de domínio humano, espiritual e material, o grande símbolo da Cruz. Esta enorme criação portuguesa – síntese do pelourinho, símbolo da autoridade política e da cruz, símbolo da fé religiosa - é de facto* a *simbolização, única, de síntese, da Fé e do Império.*
Por outro lado, o padrão, como construção que é, *tem em si* a *possibilidade, directa, de ser* um *motivo arquitectónico real, e não meramente alegórico, nem apenas simbólico, de uma grande arquitectura.*
O *padrão é já de si uma construção en (sic) pedra,* 10 *susceptível de ser o elemento arquitectónico de* um *edifício.*
O *padrão, já o sentiam alguns de nós, tinha em si, bem compreendido como motivo arquitectónico,* a *possibilidade da criação de* um *estilo português.*

Que essa realização teria de ser feita com um *estilo novo, moderno, da arquitectura, sentiamo-lo também.*
A nossa satisfação profunda foi vêr essa criação realizada por Pardal Monteiro no seu projecto do monumento de Sagres.
O *padrão* é a *coluna espiritualizada pelo cristianismo. aumentada, engrandecida pela raça que fez os descobrimentos. Ter compreendido como* o *padrão poderia ser o motivo dominante da nova arquitectura e ter realizado êsse novo estilo, em que domina o motivo do padrão, eis* a *grande obra de Pardal Monteiro.*
A formidável criação de arte que isto representação será compreendida? Não dará o *Estado Português as possibilidades de realizar esta enorme criação de arte?*
Como realizou Pardal Monteiro, neste seu projecto, o *motivo arquitectónico do padrão?*
O *padrão, por sua natureza único determinou-lhe tôda a forma do edifício.*
Com uma grandiosidade que não será demais louvar, não só o *enquadrou na fachada como, para justificar esse motivo imenso, lhe deu toda a fôrça na construção do edifício e realizou êste todo inteiro, por êle dominado. '*
Assim, a fachada resultou um enquadramento perfeito do padrão numa grande sup~rfície. *Assim,* o *edifício elevado pelo motivo do padrão foi pensado em altura.*
Assim, tôda a parte baixa do edifíco se *alargou com solidez perfeita, como soco e base do padrão gigantesco.*
O *enquadramento da superfície curva do padrão na superfície plana da fachada é de uma admirável harmonia, tão inteligentemente realizada que, para dar razão de ser ao edifício, as paredes da superfície plana sobem além do elemento curvo do padrão.*
A linha inclinada da parte posterior indicando a direcção do monumento, direcção não indiferente, porque teria de ser a direcção da rota dos descobrimentos, como que indicando o *seu início pelo padrão gigantesco, foi realizada sem que* o *edifício perdesse valor arquitectónico nessa parte posterior, como, fatalmente, perderia com uma simples superfície inclinada, sem um coroamento visível sobre* o *plano inclinado, que* o *justificasse. E essa realização admirável de arquitectura foi achada com* o *cavado da parte posterior.*
O *edifício faz corpo com a terra – condição essencial de toda a arquitectura.*
A solidez grandiosa da parte baixa do edifício, com equilíbrio semelhante ao *dos templos egípcios, em grandes volumes e superfícies unidas* e *planas, é tão bem realizada que a massa da elevadíssima e larga* ***torre*** *sobe dela como de um soco natural.*
A inclinação da parte posterior, não mera fantasia ou simples motivo de *alegoria, mas grande e realizada ideia arquitectónica, como que facilita* a *ligação natural da base horizontal* do *edifício à sua enor*me *elevação.*
Também lateralmente o *edifício se eleva com naturalidade, sem esmagamento da parte baixa do edifício e com real interêsse.*
O *todo* do *edifício realiza, com a simplicidade requerida pela arquitectura, a síntese plástica de um grande mastro, àlidamente plantado no edifício baixo,* e *da linha geral* de *uma vela dada pela parte posterior.*
Lateralmente a síntese dêsse movimento é perfeita, não nos admirando nós se o *seu autor nos dissesse que a primeira ideia* do *movimento de linhas do edifício, necessário para enquadrar* o *padrão gigantesco, a tinha tido lembrando-se da forma admirável de beleza das fragatas do Tejo, mastro altíssimo e linha ascendente da vela, a subir para* o *alto do mastro.*
Assim, todo o *símbolo do mar e dos descobrimentos pôde ser expresso em arquitectura.*
Não lembrado, em alegoria, nem diminuido como decoração de um edifício, a cujo plano presidisse outro motivo arquitectónico; realizado directamente com os *princípios eternos da arquitectura, com* a *aspiração da arquitectura moderna e a sua técnica e possibilidades de grandeza.*
Resultado admirável - a criação de um *estilo novo de arquitectura. Resultado imenso* - a *criação de de um estilo português de arquitectura moderna pelo predomínio do motivo do padrão.*
Somos daqueles que. acreditando na *nossa grandeza. não precisam do exemplo do estrangeiro.*
Mas não ficará mal lembrar, aqui a *tentativa de da moderna Itália de realizar uma arquitectura sobre* o *motivo do fúscio dos litores. tomado também como símbolo da Itália rediviva. Quem conhece* os *edificios da Itália moderna sabe* a *grandeza que esse motivo lhes imprimiu.*
Mas verifica também que o *motivo do fascio conduziu* a *uma insensível semelhan*ça *com* a *arquitectura romana. Eassim não pôde* a *Itália realizar* a *novidade de estilo* a *que* a *arquitectura moderna aspira.*
Pôde dar essa novidade o *motivo arquitectónico do padrão e pela primeira vez surge, com estilo, uma arquitectura moderna e também portuguesa. Grande pelo impulso tradicional, sem tradicionalismos de cópia ou repetição. Grande pelo modernismo. mas realizada. Grande porque* é *arquitectura e não mera alegoria ou simples ideia literária que* a *realização amesquinhará.*

VALOR SIMBÓLICO DA CRIAÇÃO DE PARDAL MONTEIROI

Queremos ainda dizer quanto este monumento é *harmónico e verdadeiramente realizado.*
A grande estátua do Infante. Verdadeira figura de prôa da linha geral do monumento, entra tão harmónicamente nêle, pelo exacto ritmo de proporções e de medidas. pela distância a *que está colocada da massa principal do monumento, que pode* ao *mesmo tempo ser isolada e* se *enquadra com perfeição* na *linha de fundo do edifício.*
A simplicidade dos planos exteriores. sem escultura, com grandes e simples baixos relevos, corresponde à *grandeza de solidez e simplicidade do monumento.*
Outras razões de arte e de técnica teríamos ainda para apoiar o *nosso desejo de ver realizada esta criação admirável de arte. As que damos bastam.*
Porque. fundamentalmente. o *que nós desejamos* é *mostrar como êste projecto, mercê de circunstâncias especiais e do valor pessoal do seu realizador, representa de facto uma criação nova da arquitectura e* a *criação de um moderno estilo português.*

O *interêsse que tem para* a *Nação* o *realizar-se esta criação de arte sobrepuja* o *próprio sentimento da comemoração* a *realizar. Porque, na verdade.* só *sendo grandes na criação presente nós nos mostramos dignos da imensa criação do passado. A criação de arte viva realiza* os *símbolos do passado* e *do presente.*
O *poder de simbolização monumental, expressa em perfeita forma de arquitectura, do projecto de Pardal Monteiro* é *completo.* O *padrão elevado, imenso,* no *ponto inicial dos descobrimentos, como que ecoará, pelo Mundo fora, nos inúme*ros *padrões que, dali partidos. foram* assi*nalando* os *caminhos dos descobrimentos e* os *limites do domínio do mar e* as *fronteiras dos Impérios.*
A forma geral do monumento dará, com perfeição de arquitectura, uma perfeita simbolização da energia que realizou os *descobrimentos, acto de energia e da vontade, firme e equilibrada. persistente e segura. que* os *realizou. E para completar esta simbolização* a *estátua do Infante mostrará* o *pensamento do herói que sintetizou* a *aspiração de uma raça e* a *impulsionou para* o *grande caminho do mar.*
A Cruz de Cristo ao *alto, simbolizará uma fé, tão grande e heróica que pôde abraçar* o *Mundo* - a *nossa fé portuguesa.*
Os *motivos espirituais não ficarão isolados.*
Juntam-se neste monumento numa harmonia espiritual tão grande como a *sua harmonia de proporções* na *forma arquitectónica.*
O *monumento de Pardal Monteiro é* a *perfeita.* a *grande simbolização. mas em arte, em forma de arte equilibrada. de tudo quanto foi energia e vontade nos descobrimentos.*
Como compete a *uma forma monumental e externa,* o *seu monumento é uma simbolização de energia.* É, ain*da por esse motivo. uma simbolização de acordo com* a *nossa era e* o *nosso momento português, em que* o *passado não deve ser saudade. mas incentivo com que devemos acordar e realizar tôdas* as *energias numa grande criação nova.*
O *monumento de Pardal Monteiro será bem* a *obra de arte de energia e de equilíbrio que exprima* a *energia eterna de Portugal.*

MOTWOS DE UMA MAIOR CONCEPÇÃO DO *INTERIOR* DO *MONUMENTO:*
O *PROJECTO DE JOSÉ CORTEZ*

Entregue à sua concepção monumental, não realizou Pardal Monteiro a maior *criação espiritual* e *arquitectónica do* in*terior.*
O *interior do monumento.* o *seu poder de invocação e representação espiritual.*
não foi por Pardal Monteiro concebido com o *genial poder com que* o *foi* a *forma monumental e externa do seu monumento. Porque não se trata de fazer triunfar um artista. mas de conseguir* a *mais alta.* A mais *nobre.* a *mais completa obra de arte para perpetuar* a *nossa era e memorar* a *nossa grandeza histórica, em Sagres. Procuramos aumentar* a *sua grande obra de arte com outra admirável concepção de arte* a *que deu lugar êste concurso.*
Sem subterfúgios, que não comporta o *dever que nos obriga* a *fazer esta representação, digamos* a *verdade, incontestável, para todos os que têm estudado* os *projectos.não com* o fim *de* discutir o *voto do júri mas com* o *fim,* mais *alto,* e *sagrado mesmo, de conseguir que seja realizada em Sagres* a *obra de arte perfeita e grande. digna do passado e digna do presente. E esta verdade, incontestável. é que* a maior *realização do exterior monumental é a de Pardal Monteiro.* a maior *concepção e realização de arte do interior do monumento é* a *de José Cortez.*
O *que Pardal* Monteiro *concebeu* em *energia e ritmo de proporções grandiosas deu* o *monumento exterior.* O *que José Cortez concebeu em religiosidade interiorizada deu* a *Capela Sepulcral do Infante.*
Efoi de tal modo. êste espírito de interiorização e religiosidade dominante em José Cortez, que a *admirável concepção do interior se lhe impôs. por forma* a *nãolhe permitir a concepção externa, monumental, que êle requeria.*
Todo o *projecto de José Cortez é* domi*nado pela* ideia *da Capela Sepulcral.*
É *esta concepção que representa* o *motivo fundamental,* o eixo *espiritual do monumento. E domina-o tão exclusivamente. que* a *forma exterior não lhe corresponde. Como à monumental* e *bela forma exterior do monumento de Pardal Monteiro não corresponde* a *sua concepção e realização interior.*
Tão opostas eram as qualidades e *as dominantes espirituais que levaram* a *uma e outra concepção, que se percebe que* a *realização de uma impedisse* a *realização da outra.*
José Cortez levou para estudo do seu projecto, não como Pardal Monteiro a *formidável aspiração de toda* a *arquitectura moderna, mas um* imenso *poder de sentimento e religiosidade.*
*Conceberia, por*isso, o *seu monumento não como um enorme problema de arquitectura, mas como um não menor proble*ma *de representação simbólica e religiosa.*
Um arquitecto, Pardal Monteiro, fez do seu monumento a *resolução de um grande problema pela energia criadora.*
Outro, José Cortez, concebeu o seu monumento com profundo sentimento interiorizado, com religiosidade insuperável.
Tôdas as ideias condutoras do monumento expressas por José Cortez o revelam.
Concebeu o monumento como um *"relicário" das navegações e conquistas, como "Templo Espiritual* e *Tumular", como "invocação* à *história tràgico-marítima".*
Estas ideias dominantes determinaram todo o seu monumento, levaram à *sua forma exterior demasiado espiritualizada e simbólica. E dizemos demasiado porque* a *arquitectura exprime o espírito e realiza o símbolo, mas é sobretudo for*ma *monumental, harmonia de proporções, arte de construção. E todo o projecto de José Cortez é feito de simbolismo e espiritualidade.*
Daqui uma resultante - a *forma exterior do seu monumento, bela simbólicamente, mas que não aceitamos como* a *realização arquitectónica e monumental que requere o monumento de Sagres. Mas também uma outra resultante,* a *concepção admirável de regiosidade, única e grande, de arquitectura interior do edifício* - a *concepção que desejariamos ver, realizada, da Capela Sepulcral.*

Esta concepção da Capela é de um admirável poder de símbolo interiorizado. Não é símbolo expresso em *forma monumental que possa animar* a *forma exterior de um monumento.*
É símbolo interiorizado que deve animar o seu interior - o seu relicário.

A CAPELA SEPULCRAL NECESSÁRIA

Queremos ver em *Sagres, no monumento da energia dos Descobrimentos, realizado por Pardal Monteiro, uma capela religiosa, uma capela sepulcral,* o *templo espiritual e tumular dos descobrimentos.*
Não deverá ela ser a capela sepulcral do Infante D. *Henrique. Não* é *possível trasladar* os *seus ossos da Batalha, da Capela do Fundador, onde* se *integra* no *grande sonho de uma família unida* na *grandeza com que lutou pela maior glória de Portugal. Não será possível nem desejável.*
Mas esta correcção não tira o *sentido à necessária capela sepulcral de* Sagres.
Nela cabe a *invocação à história trágico-marítima - indispensável,* na *verdade.*
Porque a *epopeia não* se *fez* só *de energia* e *glória, mas também de morte* e *dor:*
Nela cabe a *ideia de Deus* e *da religião que dominou a alma dos descobridores no altar católico que* a *encime. Nela cabe a simbolização das Cinco Quinas – motiva de religiosidade interior, e não de exterior realização arquitectónica, como* o *padrão.*
Nela cabe a *invocação escultural ou pictural antes, talvez, de todos* os *grandes descobridores portugueses.*
Mas sôbre que invocação profunda, se *não é possivel, nem histórica nem sentimentalmente, colocar nessa capela* as *sagrados despojos do Infante* D. *Henrique?*
Lembremo-nos da necessária invocação da história trágico-marítima. Lembremo-nos do necessário preito religioso a *prestar aos inumeros mortos do mar, aos ignorados portugueses,* a *todos* os *portugueses que, levados no sonho da energia, morreram* na *tragédia dos naufrágios, por longes plagas, ondas de mar distantes* e *terras que arrancavam* ao *desconhecido para* o *mundo cristão.*
Façamos no interior do monumento à energia dos Descobrimentos a *Capela Sepulcral dedicada aos mortos do mar.*
Não terá de haver ossadas nesta Capela Sepulcral, mas um túmulo uma laje, de profundo poder poder simbólico e religioso, com a *invocação de todos os homens dos descobrimentos mortos no mar sem sepultura.*
Assim daremos ao Templo da *Energia e* da *Vontade dos Descobrimentos,* a *sua alma mais profunda,* a *sua invocação religiosa e funerária mais nobre.*
Realçamos a *Capela Sepulcral dos Mortos dos Descobrimentos, que nem poderam vir repousar na terra que tanto amavam e junto dos mortos do seu sangue.*
Seja, como afirmação da nossa redenção nacional, paga esta dívida sagrada aos mortos do mar.
Entre os pescadores da Costa Portuguesa, diz-se que traz desgraça deixar os mortos no mar sem sepultura. Aceitemos a *comovedora superstição. Criemos em Sagres,* a *sepultura sagrada sob o olhar de Deus, onde todos os mortos do mar venham* a *ser consagrados. Seja* a *Capela*
Sepulcral dos Mortos no Mar o sinal de que terminou a *desgraça com que comprámos* a *glória* e a *grandeza.*
Seja essa Capela no interior do monumento a *consagração de uma religiosa lembrança dos homens de hoje* a *todos os que morreram* e *jazem sem sepultura, sob as águas de todos os mares do Globo.*
Assim reunida a *simbolização da energia à simbolização religiosa e funerária, assim compreeendido* em *tôda* a *sua grandeza* o *monumento de Sagres, ele será* a *obra suprema de arte que deve exigir-se para êsse monumento.*
Será mais, será como poder espiritual e *como realização de arte uma obra única no Mundo.*
Será ela possível? Ousamos dizer desde já que sim.
Mas lembremo-nos que a *esta realização necessária e grandiosa se opõe* um *obstáculo* - o *projecto sem valor espiritual* ou *artístico, aprovado pelo júri e indicado* a *VExa. E, porque é necessário, mostremos* a *Vexa que esse obstáculo deve ser afastado do caminho dêste grande sentimento colectivo que pede* a *realização de uma obra de arte suprema, em Sagres.*

MOTIVOS QUEIMPEDEMA REAUZAÇÃO DO *PROJECTO APROVADO PELO JURI*

Não tinha o *júri do concurso* a *liberdade que nós temos para aconselhar tudo o que fôsse necessário para que* o *monumento de Sagres fôsse* a *obra de arte total que nós desejamos ver ali erigida.*
Não tinha a *liberdade que tem VExa, como Chefe do Govêrno, e mais alto representante do poder criador da Nação, para escolher* a *realização perfeita e integral, necessária em Sagres, ainda quando não pertença só* a um *artista concorrente.*
Tinha de avaliar projectos apresentados a um *concurso.*
Para uma obra de tanta grandiosidade não nos parece que seja suficiente a *decisão de um concurso. Parece-nos que, acima dêle, está* o *sentimento colectivo que exige uma grande, uma suprema realização de arte em Sagres.*
Parece-nos que, acima dele está a *vontade do Governo* a *quem cumpre estudados todos os elementos, determinar* a *realização mais digna de Sagres e do poder criador da nossa época.*
Tinha o juri apenas que apreciar provas de concurso.
Mas o *seu voto, qualquer que seja* o *respeito, e* é *muito, que nos merece quem o possa ter votado, pois se diz que êle não foi unânime, não está certo e constitui um êrro grave de apreciação de arte.*
Embora os têrmos exactos do concurso, expressos por um decreto-lei, definissem a *exigência de uma criação de arte real, verdadeira e não de simples alegoria, uma parte dos membros do júri deve ter-se deixado dominar pela simples imagem literária* da *ideia* a *comemorar.*

Levavam os *membros do juri para* o *julgamento do concurso, com* o *seu espírito eminentemente literário - no melhor sentido da palavra* - o *sonho de uma grande imagem interior* a *que procuravam correspondência.*
Levavam assim o *espírito preparado para admitir uma alegoria, ainda que ela não fosse nada como realização de arte.*
Alguns não sentiriam a *grandeza da arte arquitectónica moderna.*
Assim por estas ou outras razões, não importa, foi escolhida a *alegoria e recusou-se* a *criação de arte.*
São autores do projecto aprovado pelo júri dois distintos arquitectos tradicionalistas.
Como tal deveriam ter pensado o *monumento sem discordância consigo próprios.*
E para o *realizar desprezaram* a *arquitectura e as suas leis imutáveis de solidez de linhas, de harmonia de planos e de equilíbrio de construção e ritmo de proporções. Saltaram por cima da arte moderna e procuraram* a *engenharia.*
E então assistimos a *esta incongruência:*
- recusaríamos a *realização equilibrada da arquitectura, mesmo* a *mais modernista, para recorrer-mos* a *uma pretensa expressão artística, dada pela engenharia, para executar uma alegoria meramente sentimental, uma ideia apenas retórica.*
E há uma invasão da competência dos engenheiros para quê? Para se negar, por êste projecto aprovado, o *próprio sentido da engenharia que é* a *aplicação dessa técnica* ao *concreto e útil.*
O *recurso* à *técnica de engenharia – arte do útil- seria feito para realizar um prodígio perfeitamente inútil e sem beleza, nem aplicação.*
Porque, de facto, se pusermos de parte imagens literárias - sempre fáceis, aliás - em vão perguntaremos o *que é* o *projecto aprovado como símbolo e realização arquitectónica.*
Porque é que, arquitectànicamente, aquele grande pilone, nú, sem interêsse de arte, é inclinado?
Ninguém o *poderá dizer.*
É inclinado por alegoria ou por simples vontade de espantar pela dificuldade.
Porque é que, arquitectànicamente, aquela massa vertical imensa se inclina toda ela, na *mais horrenda impressão arquitectànica que jamais* se *viu? Porque, alegàricamente, era preciso indicar* o *Sul e* a *rota dos Descobrimentos?*
Mas qual é a *expressão arquitectónica real de arte, desta idéia?*
Nenhuma, em verdade.
Basta compará-la com a *simples, clara e lógica expressão desta idéia nas linhas inclinadas* da *parte posterior do projecto de Pardal Monteiro, para se ver* a *diferença entre uma expressão real de arte,* a *dêste, e uma imagem retórica não realizada em arte,* a *do projecto aprovado. Imagem literária* a *da rosa dos ventos, de que surge aquela mole enorme e sem interesse arquitectónico. Imagem literária, alegoria de uma suprema infelicidade como realização de arte. - Na verdade,* a *indicação da rosa dos ventos aumenta* a *fragilidade da base em que assenta* a *mole elevada, como um pilone liso, sem beleza própria.*
E tanto essa indicação da rosa dos ventos, como as indicações dos pontos cardeais, só têm valor de alegoria e só se vêm no projecto.
Não poderiam ver-se no *monumento, quando realizado, senão do* ar.
Não é êsse o *ponto de vista mais natural e mais comum para um edifício.*
As indicações dos pontos cardeais dariam, no terreno, ao *observador, que fatalmente as teria de ver isoladas, e para* o *qual seriam altos edifícios,* a *impressão de ruinas, de muros de pedra sem sentido.*
Se referimos êste pormenor é para mostrar quanto a arquitectura carece de fugir à *alegoria. E, na verdade, a alegoria opõe-se* à *verdadeira arte,* à *arte viva e real.*

DEFICIÊNCIAS TÊCNICAS E ESPIRITUAIS DO *PROJECTO APROVADO*

Tôdas as já apontadas ofensas ao espírito da arquitectura e ao seu poder de criação artística não são ainda nada ante os *erros mais graves do projecto aprovado.*
Êrro gravíssimo a oposição, na parte anterior e posterior do monumento de dois corpos de edIfício, destacados do todo arquitectónico, sem razão dentro dêle.
A massa geral não os explica, nem os requere, antes os repele. O *da parte anterior, que dá, e daria realizado,* a *sensação de pequenez mesquinha, pela proporção do seu tamanho com* o *do grande pilone, aumenta ainda esta sensação de pequenez com êste prodigioso êrro arquitectónico de ser todo esculpido.*
Onde se viu, jàmais em arquitectura, um edifício sem planos lisos, todo esculpido em figuras, como se fosse um cofre cinzelado?
Não é, sequer, esta ideia uma realização de escultura. São três quadros em *pedra, embora belos como valorescultórico, mas mal colocados ali e* só *próprios de uma parede interior. Bem* o *compreendeu* o *projecto de Pardal Monteiro para as suas esculturas dos homens do Infante.*
A sensação do edifício da parte posterior ainda é mais desagradável.
A parte posterior do grande pilone, com a sua inclinação, lembra uma pirâmide - embora sem o *seu lógico coroamento.*
Como admitir aquele templozinho (é esta a sensação) encostado a uma pirâmide?
Lateralmente não há um único motivo de interêsse arquitectónico.
Certo é que só *lateralmente* o *sentido procurado com a inclinação do grande pilone se pode sentir.*
Na verdade, de frente, o *pilone dará* a *sensação de se elevar verticalmente, perpendicularmente.*
Dá-a mesmo no projecto.
E, assim, mesmo a *alegoria ficará sem realização do lado do mar. Pela parte detrás, tão grande é* a *massa unida do plano inclinado, que a mesma indicação de inclinação do edifício desaparece.*
Quem vê o *edifício por detrás apenas vê um plano inclinado, não uma inclinação geral do edifício.*

Dos lados, o *sentido de inclinação pode perceber-se, mas não tem beleza. Projectada como imagem planificada no horizonte, só dará a impressão de um imenso canhão.*
E *para que não possa ter sentido, nem de frente, nem por detrás, e dê esta impressão lateral se criaria êste problema de técnica, cuja solidez mesmo se* os *números* o *mostrarem, do que duvidamos, fica para nós sempre sujeita* a *caução,* em *país de sismos como o nosso.*
Não se *trata, aliás,* só *de solidez material.*
A arte é, sobretudo, sensação no observador.
Se o *edifício der a impressão de cair; a sensação será,* ou *a de perigo, ou* a *de admiração pelo prodígio da técnica.*
Mas a sensação de equilíbrio, de serenidade, de harmonia, de ritmo de proporções, sem a qual não há arte, não poderá nunca sentir-se.
E *êsse sentimento no observador anulará fatalmente* o *poder de alegoria procurado neste projecto.*
A sensação de angústia provocada por aquela inclinação, anti-natural, criará, sim, uma outra alegoria, mas essa tristíssima: - a *de uma perpétua sensação de queda de toda a nossa grandeza nacional. Será uma alegoria de decadência. Uma alegoria da angústia portuguesa, o sofrimento ante a grandeza do passado, a angústia de o não poder repetir.*
Será uma alegoria de angústia e de queda.
Não será, nem como alegoria e muito menos como símbolo, a *expressão de firmeza, de solidez, de equilíbrio do espírito e da vontade. de harmonia, reunião do espírito e da fôrça, que fez os descobrimentos e que vive ainda na Nação.*
É alegoria, mas além disso ***má*** *alegoria. E o desejo de alegoria foi tão forte que se desprezou* a *técnica das matérias com que se trabalhava.*
A verdade e a *segurança técnica do projecto de Pardal Monteiro ressalta, com* a *maior evidência, da sua própria obra.*
Não é *possível apontar-lhe um êrro de técnica, uma fantasia, uma tentativa de expressão que não seja admissível dentro da técnica que a pode realizar.*
No projecto de Pardal Monteiro a *Cruz de Cristo deve ser vista iluminada,* na *noite,* a *grande distância? Técnicamente deve haver, pois, e há, uma iluminação interior poderosa, um foco de grandes projectores.*
Técnica da iluminação, da vidraria, das condições de visibilidade - tudo respeitado.
O *monumento assinala um ponto da costa, mas está perto de um poderoso farol - o do cabo de* S. *Vicente? Resolveu-se técnicamente,* no *projecto de Pardal Monteiro, o problema com o foco de luz vertical, sinalização, mas não inutil confusão com o farol.*
E assim, cremos até aos mais pequenos pormenores.
Sente-se isso da própria solidez. do próprio equilíbrio do edificio criado por Pardal Monteiro.
Ao contrário, no *projecto aprovado não se sente o domínio da técnica exigida por tão imensa construção e pelo seu carácter.*
Dominados por imagens retóricas a *exprimir alegoricamente. os autores do projecto aprovado desprezaram os princípios da arquitectura monumental e* a *técnica de que ela carece.*
Muitos erros poderíamos aqui, desde já, e poderemos sempre, apontar ao *projecto dos irmãos Rebelo de Andrade.*
Erros quanto aos princípios da Arte que dominam a *arquitectura monumental; erros quanto* ao *pormenor; êrro na solução de embasamento da enorme mole vertical, fraco arremedo de um embasamenta arquitectónico; êrro do apoio da construção de pedra em plano inclinado sem elegimentos ou base horizontal (sic) que exige, fatalmente,* a *construção de pedra sôbre pedra, para não resultar apenas um artifício técnico, verdadeira negação da arquitectura; erros de estética e de construção na ligação das estruturas de pedra e de cimento armado, de expressão tão diferente; êrro na solução que não parece estudada das necessidades que* o *monumento terá como farol; êrro na solução do sistema de iluminação, tôda exterior, dificilmente acessível e sujeita* a *deterioração constante; erro de cálculo do poder iluminante, com aquela iluminação razante dos focos com* a *superfície, que não pode assegurar, de modo nenhum,* a *reflexão da luz que* os *desenhos indicam.*
Poderíamos analisar estes e outros erros e deficiências materiais do projecto, para demonstrar que as *soluções técnicas não foram,* no *projecto aprovado, encaradas de frente com* o *cuidado que requeriam, que não foram estudadas com* a *segurança que garanta* a *realização verdadeira do que se mostra planeado.*
Seria justo mas não seria, talvez, humano. E exigia uma larga explicação, mesmo, dos motivos que arrastaram dois arquitectos, notáveis dentro do seu campo, limitado, da arquitectura tradicionalista, a *cometer erros tão graves.*
Nós não vimos destruir valores, nem mesmo os dos autores do projecto que recusamos.
Dentro do seu campo de acção, são valores autênticos e *são aproveitáveis pela Nação.*
Mas é *sempre* um *êrro gravíssimo* o *que leva* um *artista a sair das suas possibilidades* e *a tentar, sem preparação para tal, uma obra que não* é o *produto da sua fé real e* um *sonho de arte vivido* e *profundo.*
É sempre um *perigo, para quem prepa*rou a *sua técnica para* um *fim determinado, querer, apenas por vontade* e *não sinceramente, adoptar outra técnica requerida por outra concepção de Arte.*
E dêste êrro fundamental resultaram cremos, em *grande parte os erros apontados* e *outros que nos dispensamos de analisar.*
Há apenas um *erro que* é *necessário definir, porque dele resulta, também, toda* a *inutilização do poder comemorativo do monumento projectado.*
E êste êrro é *a falta de estudo da visibilidade do baixo relêvo apôsto na fachada.*
Uma simples verificação geométrica, considerando a altura da penedia em *que* é *construido* e *a distância a que se acha da crista dessa penedia, demonstra que* o *baixo relêvo, no seu todo, só é visível do mar além de dois quilómetros. E* a *esta distância já* a *escultura não pode ver-se.*
A menos de quatrocentos metros do promontório e, portanto, a *seiscentos metros do monumento, não se consegue entrever, sequer, uma parte do baixo relêvo.*
E lembremos, para frisar bem êste erro que tôda a *navegação vinda do Mediterrâneo passa, normalmente,* a *cêrca de duzentos ou trezentos metros do Promontório.*

Quere isto dizer que, com o *baixo relevo porque nêle se quis integrar* a *figura do Infante,* a *grande figura do Herói supremo dos Descobrimentos,* a *simbolizar no monumento, nunca será visível do mar Compare-se esta dolorosa deficiência espiritual com a admirável* e *bem realizada concepção do projecto de Pardal Monteiro. Neste,* a *figura do Infante, visível sempre, no seu relêvo de escultura monumental, altíssima, é visível na sua totalidade, do mar. E de noite, iluminada, em relêvo também, sôbre* o *escuro do edifício e encimada* a *grande altura pela Cruz de Cristo (não, como no projecto aprovado, fracamente iluminada no meio da iluminação geral do monumento e dêle não destacada, mas destacando no escuro do edifício* e *da noite), será visível também, marcada apenas por uma grande irradiação de luz vertical, como um halo sagrado, e pela Cruz de Cristo, visível* a *muitas milhas, assinalando, verdadeiro cruz lusitana, todo* o *céu de Portugal.*

UMA OBRA DE ARTE COLECTIVA

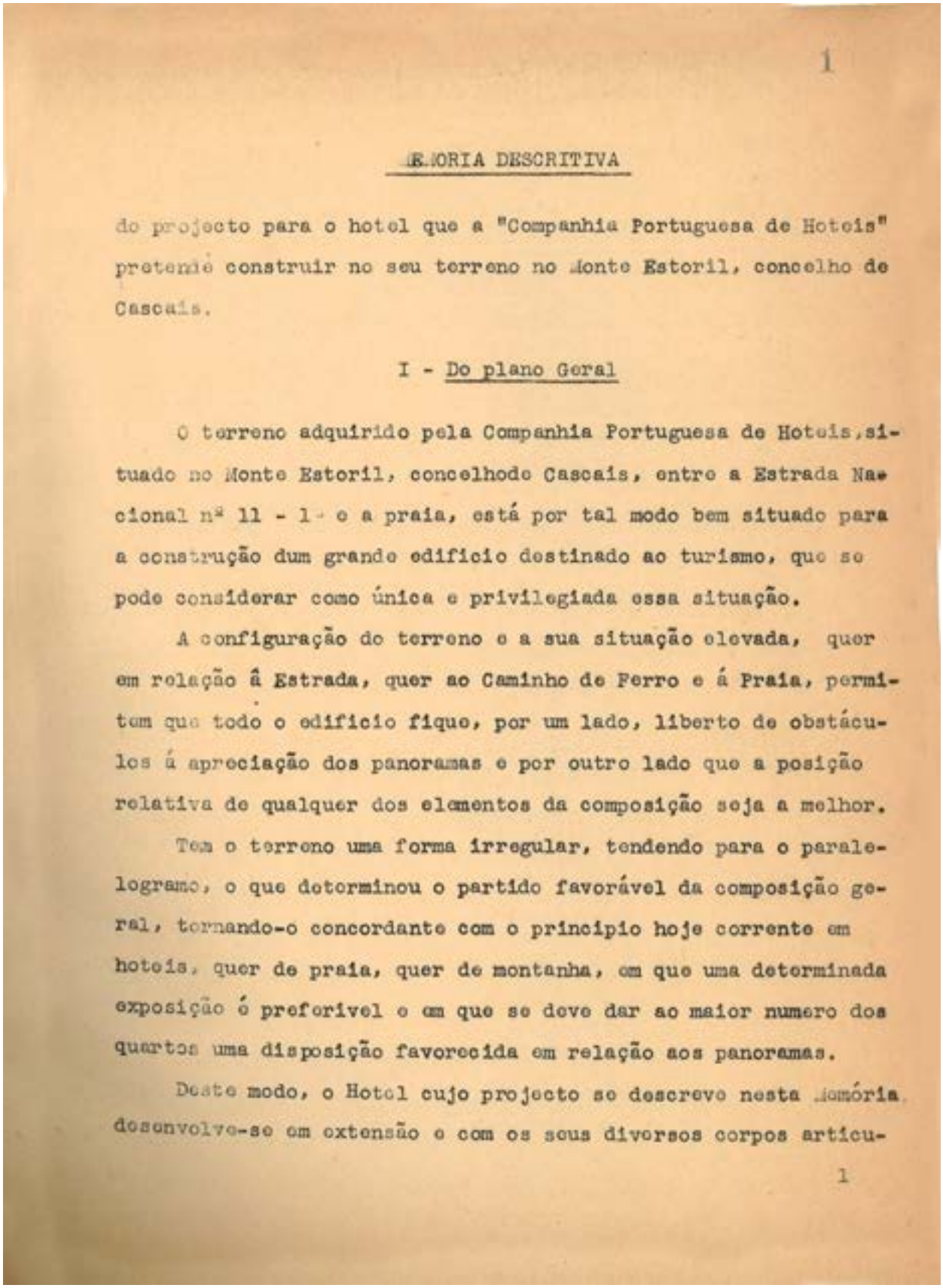
Assim, a *alegoria do projecto aprovado, como necessàriamente deveria suceder a uma alegoria, que* a *arquitectura não comporta, mostra-se má, sem poder de símbolo, sem grandeza espiritual, nem beleza de O1te.*
A esta má *alegoria opusemos* a *análise segura de uma obra de arte de arquitectura monumental,* o *projecto de Pardal Monteiro, e de uma grande concepção de arquitectura de interiol;* o *projecto da Capela Sepulcral, de José Cortez.*
Não quisemos apenas destruir. Quisemos mostr01; sobretudo, as possibilidades de realização de uma grande obra de arte o *projecto de Pardal Monteiro, tornado ainda* maiol; mais *belo, mais espiritualizado, pela adopção para* o *seu interior, da Capela Sepulcral, projecto de José Cortez, engrandecida e tornada mais necessária esta Capela, ou verdadeira Igreja, pela invocação dos mortos no mar.*
Será possível que, em vez do prodígio de engenharia, se realize a *suprema obra de arte que por esta síntese pode ser criada?*
É possível a *colaboração dos dois grandes arquitectos?*
É-o sem dúvida, porque certamente um e outro põem, acima de tudo, o *amor da sua Raça, da Nação e da Arte.*

*Com essa colaboração desejariam*os *ver também* a *dos escultores Francisco Fran*co e *Leopoldo de Almeida, - precisamente os dois cooperadores dos projectos de Pardal Monteiro e José Cortez – acrescentada com* a *colaboração do escultor Rui Carneiro.*
Leopoldo de Almeida, um novo, é já um dos maiores escultores portugueses. Ninguém com mais sentimento e arte e *com melhor técnica poderá realizar baixos relevos decorativos do exterior ou do interior do monumento.*
Mas reconhecemos em *Francisco F}nnco, grande entre os maiores, pelo seu espírito* e *qualidades,* o *artista capaz de fazer* a *estátua monumental do Infante D. Henrique.*
Quanto a *Rui Cameiro, consideramos também necessária a sua colaboração na obra de arte colectiva, na obra pezfeita do nosso tempo, que desejamos seja* o *monumento de Sagres.*
o *nosso intuito de procurarmos todos os valores, reais, grandes e nobres, que possam colaborar no monumento de Sagres, levo-nos o afirmar o necessidade de ali se aproveitar o extraordinário revelação de pleno forço criadora, de grande arte que foi o contribuição do escultor Rui Gameiro neste concurso.*
Os *seus baixos relevos - admiráveis na verdade - são o única coisa boa do projecto aprovado pelo júri. No monumento em que se acham colocados não ressaltam quanto o merece* o *seu enorme valor.*
A má arquitectura do projecto aprovado mata a *expressão admirável dos baixos relevos de Rui Gameiro. Impedirá* a *sua visibilidade. Amesquinha-los-á.*
Cremos necessário arrancar esta grande obra escultórica à má *arquitectura do projecto aprovado, que nem soube compreender* o *seu valor de modo o integra-lo e valorizá-lo como merece.*
Poderá ela integrar-se com vantagem no obra colectiva que sonhamos. O *monumento é grande bastante para permitir mais esta colaboração.*
Ninguém poderá negar a *esta colaboração procurada de cinco grandes artistas a virtude de escolher* o *melhor entre* o *bom.*
É *êste* o *nosso voto e* a *nossa conclusão.*
Mas é nossa o conclusão?
Deve ser nossa?
Na verdade ela deve ser de VExa.
Nos afirmamos por êste estudo, sincero e leal, por esta representação. a possibilidade de se realizar em Sagres a *grande obra de arte da nossa época.*
Representamos, tornado consciente e estudado em todos os seus motivos. o *grande anseio de arte colectivo de onde nascem as grandes criações das épocas de fé.*
A ninguém pode êste anseio desagradar ou *ofender.*
Estamos certos que o *júri. se assim tivesse podido. livremente, falar a V Exa, chegaria à mesma conclusão.*
Há *nele grandes valores morais e mentais, e qualquer que seja* a *sua concepção pessoal da arte, todos êles sentirão* a *admirável e profunda realidade desta criação. que é dos artistas que* a *firmam mas de nós todos também, da ânsia e da fé de todos os portugueses.*
Os próprios membros do júri, ante a solução grandioso que entrevimos, darão a V. *Exa* o *mesmo voto que* o *nosso.*
Mas há um *voto do júri, como entidade colectiva?*
E quem falará do voto oficial de um *júri passados séculos?*
Dir-se-á apenas que se fez uma grande obra de arte ou *que* a *nossa época* a *não soube realizar; que os governantes, existindo* a *obra de arte criada. quizeram* ou *não realizà-Ia.*
E o *que importa é que a nossa época se exprima numa grande obra de arte.*
O *que importa é que* o *Chefe do Govêrno saiba escolher* o *que mais e melhor pode engrandecer* a *Nação.*

O *concurso é nulo porque* o *projecto aprovado não pode ser realizado dentro da verbo fixada, com condições de segurança que os números não poderão garantir?*
Tanto mais fácil será a *solução.*
Não o *é? Em nome da Arte* e a *bem da Nação anulado deve ser.*
Deu o *concurso algumas admiráveis criações de arte.*
Aqui ficam analisadas.
Deu o *concurso* a *V. Exa elementos para fazer com que* se *realize uma perfeita criação de arte e de beleza espiritual.*
Reuna V. Exa êsses artistas que foram mais alto, cada um na sua realização.
Ponha-os, sob uma única direcção espiritual, a *trabalhar em conjunto.*
Trabalhem êles, unidas as *suas qualidades e aspirações já reveladas, na mesma fé profunda e impulsionadora do seu nacionalismo - visto em energia e em religiosidade - visto e sentido totalmente.*
E a *grande e nova consagração dos Descobrimentos será perfeita* e *eterna.*

CONCLUSÕES
1.°O*projecto aprovado pelo júri não possui* as *qualidades que* a *Nação requere num monumento que tem de ser* a *supre*ma *expressão da sua alma colectiva. Não* é *arquitectura.*
A sua forma é *a vitória do desiquilíbrio.*
Em vez de a *glória, simboliza* a *queda.*
A parte escultórica que pretende completá- lo - e é *simplesmente admirável fica invisível do mar.*
2.° O *projecto de Pardal Monteiro exprime, em forma contemporânea, o símbolo heróico e tão nacional dos nossos antigos padrões. Êsse projecto representa, na sua parte externa,* o *mais alto pensamento nacional* e *corresponde* à *grandeza do Herói que se pretende glorificar.*
3.° O *templo consagrado* ao *Infante e* à *epopeia dos Descobrimentos, no projecto de José Cortez, completaria de maneira felicíssima a expressão espiritual do monumento de Sagres.*
4.° Os escultores Francisco Franco, Leopoldo de Almeida e *Rui Carneiro, tendo-se afirmado os maiores'2 valores da escultura nacional, seriam encarregados da parte escultórica do monumento, suficientemente vasta para justificar* a *intervenção dêstes três grandes artistas.*
5.° A Nação confia no alto critério do Covêrno Português. 13

Documento 36.01
MONTEIRO, Porfírio Pardal - Memória descritiva do Ante Projeto do Banco de Portugal. Lisboa: [Documento dactilografado do Espólio PMA], Agosto de 1936.



1

MEMORIA DESCRITIVA

do projecto para o hotel que a "Companhia Portuguesa de Hoteis" pretende construir no seu terreno no Monte Estoril, concelho de Cascais.

I - Do plano Geral

O terreno adquirido pela Companhia Portuguesa de Hoteis, situado no Monte Estoril, concelhode Cascais, entre a Estrada Nacional nº 11 - 1 - e a praia, está por tal modo bem situado para a construção dum grande edificio destinado ao turismo, que se pode considerar como única e privilegiada essa situação.

A configuração do terreno e a sua situação elevada, quer em relação â Estrada, quer ao Caminho de Ferro e á Praia, permitem que todo o edificio fique, por um lado, liberto de obstáculos á apreciação dos panoramas e por outro lado que a posição relativa de qualquer dos elementos da composição seja a melhor.

Tem o terreno uma forma irregular, tendendo para o paralelogramo, o que determinou o partido favorável da composição geral, tornando-o concordante com o principio hoje corrente em hoteis, quer de praia, quer de montanha, em que uma determinada exposição é preferivel e em que se deve dar ao maior numero dos quartos uma disposição favorecida em relação aos panoramas.

Deste modo, o Hotel cujo projecto se descreve nesta Memória desenvolve-se em extensão e com os seus diversos corpos articu-

1

lados de forma tal que não só permite que quasi todos os quartos tenham vista de mar, como ainda sejam banhados de sol. A percentagem de quartos nestas circunstâncias é das maiores, senão a maior que até hoje se conseguiu em hoteis da beira-mar.

A composição abrange, no entanto, não só o edificio do hotel propriamente dito, como todos os anexos hoje indispensaveis a um estabelecimento desta natureza. Assim, além do edificio principal, ou hotel, compreende o conjunto uma "garage" para recolha dos automoveis dos hospedes, piscina ao ar livre, passagem subterrânea para a praia, jardins e logradoiros diversos.

A circunstância de passar actualmente, no terreno adquirido, um antigo ribeiro hoje canalisado que é aproveitado como esgoto da povoação logo que estejam terminados os importantes trabalhos de saneamento levados a efeito pela Administração Geral dos Serviços Hidráulicos (Divisão Hidráulica do Tejo), trabalhos que estão próximos da sua conclusão, representa uma vantagem de que houve que tirar partido para fazer convergir a êsse colector todos os esgôtos do hotel e seus anexos.

O partido geral da composição foi, por consequência, definido pela situação do terreno, sua orientação, sua configuração geométrica e seu relevo natural, adaptando-se o estabelecimento projectado a todas essas caracteristicas, resultando, portanto, daí a sua forma geral que não é o produto duma preocupação de originalidade, mas o da necessária concordância com todos os elementos que houve que ter em consideração.

É esta a única forma lógica de se resolverem os diversos problemas da arquitectura e pela qual se pode, sempre, chegar ás soluções mais apropriadas, sem preocupações de efeitos preconcebidos que adulteram sempre a função dos diversos elementos essenciais ao funcionamento de qualquer instalação.

II - Do Programa

Consideradas as diversas razões naturais que condicionavam imediatamente tôda e qualquer solução, houve que entrar em linha de conta com o programa estabelecido pela Companhia Portuguesa de Hoteis, que desejava construir naquele terreno um hotel de luxo, dotado de todos os aperfeiçoamentos modernos, que desse satisfação, pelo seu conforto, á clientela internacional que frequenta a Costa do Sol e que representasse, portanto, um progresso apreciável nesta industria tão ligada ao turismo.

Assim, deveria o hotel comportar um elevado numero de quartos (todos com casa de banho), salões de restaurante, salões de festas, de música, de jogos, de conversação, de leitura, de correspondência, de recreio para crianças, "bar", esplanadas, etc., além de todos os serviços gerais convenientes os quais, no entanto, deveriam obedecer ás melhores regras de instalação.

A posição relativa de cada serviço, a facilidade do trabalho e a sua fiscalisação, a boa ventilação e as condições higiénicas dos diversos locais, a defeza contra os cheiros e contra os ruidos internos e externos, etc., tudo devia ser considerado para que o estabelecimento resultasse tão perfeito quanto possivel.

A todos êstes casos obedeceu a elaboração do projecto que representa apenas um grande esfôrço dum arquitecto português que muito preza essa dupla qualidade e que procurou realizar obra progressiva, actual, portuguesa, porque pelo seu sentimento de português foi concebida e que marque um avanço, ainda que ligeiro, na técnica nacional.

O projecto que a Companhia Portuguesa de Hoteis mandou executar e que nesta memória se descreve, foi elaborado depois de estudo muito aturado e consciencioso, de viagens ao estrangeiro onde o autor procurou documentar-se visitando os mais modernos hoteis da Europa, de consultas aos melhores instaladores especialistas que á industria hoteleira se dedicam quasi exclusivamente, apreciando o que de melhor se tem feito e procurando orientar-se sôbre a tendência mais actual da técnica dum hotel.

Consultas especiais a especialistas da técnica da ventilação, da climatisação e da acústica, aos fabricantes de aparelhagem própria, etc. fizeram-se as necessárias para que a instalação que se projecta possa resultar aceitável.

Não deve, porém, ser perfeita a obra que se projecta, não só porque é obra humana, mas ainda porque tem evolucionado por tal forma a técnica, no nosso tempo, que ao terminar a construção é possivel que muitos elementos já tenham melhorado na sua aplicação e rendimento. Contudo no que se apresenta procurou-se, dentro dos recursos actuais fazer o melhor possivel.

Como solução do programa posto, foi a respectiva composi-

ção orientadas no sentido de dar satisfação ás seguintes grandes linhas gerais:

Devendo a chegada dos hóspedes fazer-se normalmente pelo lado da estrada, previu-se a entrada dos automóveis dentro do recinto do hotel, os quais circulando em sentido único conduzem os hóspedes até á porta principal abrigada do sol e da chuv Os automóveis saem, depois do seu serviço, retomando a estrada, sem nunca se cruzarem ou, se se trata de automóvel pertencente ao próprio hóspede, recolhe á garage privativa do hotel.

No edificio principal (Hotel) estão concentradas tôdas as instalações que adiante pormenorisadamente se descrevem.

Quando o hóspede pretenda atingir a praia, ou regresse desta ao hotel, tem acesso directo da esplanada marginal,por duas passagens subterrâneas, as quais conduzem a um dos terraços dos jardins, ás diversas dependências destinadas aos hóspedes ou a quaisquer outros clientes do hotel, pois, por uma destas passagens é feita, também, a serventia do público para a Piscina, para o Tennis e para o "Bar".

Portanto considerou-se que a entrada no Hotel deve poder ser feita por ambos os lados, mas, como se poderá ver pelo projecto, a convergência faz-se sempre ao "Hall" e ao Vestíbulo, de modo a assegurar a fiscalisação.

Na parte baixa do terreno dispoz-se a piscina, acessivel aos hóspedes e á clientela não hospedada, tendo-se também colocado numa parte baixa a garage, oculta o mais possivel á vista

dos hóspedes e sôbre a qual se constroi o campo de tennis, com a orientação mais favorável a êste desporto. No extremo oposto do terreno prevê-se um jardim privativo para as crianças, isolando-as assim da vizinhança do "Bar" e da Piscina, jardim que liga directamente com a "Nursery".

São estas as grandes linhas da composição geral e da tradução, as grandes massas, do programa posto.

III - Do Hotel

O edificio do Hotel compõe-se de caves, rez-do-chão, sobreloja, 1º, 2º, 3º, 4º andares e esplanada superior em terraço.

ENTRADAS - As suas entradas são apenas duas, completamente independentes, sendo uma para os hóspedes e outra para o pessoal. A entrada dos hóspedes é feita pela parte central do edificio e a do pessoal pelo extremo leste, próximo ao escritório do Economato.

Junto de qualquer das entradas estão dispostos os serviços do pessoal a quem compete a respectiva vigilância. Não quere isto dizer que só pela entrada principal os hóspedes ou outros clientes possam entrar, o que, neste caso especial, não conviria. Assim, pode-se entrar no hotel também pelo lado voltado ao mar, isto é, o lado da grande esplanada, mas, em todo o caso, esta entrada faz-se também pelo Hall de modo que a vigilância é sempre feita pelo pessoal da porta principal.

É indispensável assegurar esta segunda entrada, visto que

durante o dia o hóspede entrará principalmente por êsse lado por onde se faz a mais directa ligação do hotel com a praia.

Dêste modo, apezar das entradas dos hóspedes serem duas, podem considerar-se como uma única, visto ambas convergirem para o local onde estão concentrados os acessos aos diversos andares.

DISTRIBUIÇÃO DOS SERVIÇOS DOS HOSPEDES - Posta de parte a entrada pelo lado da esplanada, porquanto servirá apenas para o hóspede que já está instalado, vejamos como foram distribuidos os diversos serviços e qual a sua posição relativa, tomando como referência o caso do hóspede que chega.

A entrada principal, do lado da Estrada, é abrigada por um largo alpendre que tem por função permitir que os hóspedes se apeiem dos automóveis e assistam á descarga da sua bagagem sem serem incomodados pela chuva ou pelo sol. Neste local o pessoal do hotel toma conta do hóspede e da sua bagagem, o que hoje nos hoteis que têm os seus serviços aperfeiçoados acontece com a entrega de um pequeno talão com um numero correspondente ao que as bagagens recebem e no qual se indica o número de volumes. O hóspede entra então no Vestíbulo do Hotel, onde estão instalados todos os serviços de "Porta" e de "Recepção", enquanto as bagagens seguem para o respectivo hall, onde o pessoal aguarda as indicações necessárias para as conduzir aos aposentos que o hóspede tiver escolhido.

Uma vez entrado no Vestibulo, encontra o hóspede, dum la-

do os serviços do Porteiro, do outro. os da Recepção. É a êste que o hóspede é conduzido, onde escolhe o seu "appartement" e preenche os documentos usuais. Imediatamente é comunicado ao porteiro, á vista do hóspede, qual o número do aposento que lhe foi atribuido, pelo que o porteiro dá ordem para o hall das bagagens para que estas sigam para o aposento indicado.

O hóspede toma então um dos elevadores e dirige-se, acompanhado dum empregado da Recepção, para o seu quarto, onde com êste procede á inspecção que habitualmente se faz de todo o recheio, verificando-se na ocasião se o aposento contém tudo quanto o hóspede necessita.

Nos bons hoteis, e neste é de esperar que também aconteça, quando o hóspede chega ao seu quarto tem já êste aberto e á sua espera o creado e a creada de quarto, para os primeiros serviços de instalação.

Ao mesmo tempo que o hóspede chega ao seu quarto, chegam as bagagens, porquanto, logo que do porteiro foi dada a indicação do número respectivo, as bagagens já então colocadas num pequeno carrinho, com rodas de borracha, do tipo dos que se usam nas estações de Caminho de Ferro, são metidas no monta-cargas e o bagageiro segue com elas para o seu destino.

Estes primeiros passos do hóspede dentro do hotel e esta primeira demonstração de ordem nos serviços tem imediatamente uma influência excepcional no espírito do hóspede, pelo que devem ser escrupulosamente cuidados por parte do pessoal.

Contudo esta perfeição de serviço só é possivel quando o projecto a teve em consideração.

Ao chegar ao seu appartement o hóspede encontra tudo quanto é essencial para lhe garantir o necessário conforto durante a sua permanência.

APPARTAMENTS - Cada appartement compõe-se, em regra, duma pequena ante-câmara que isola por completo as restantes instalações do corredor do hotel, ao lado da qual se encontra uma pequena dependência denominada "penderie" onde o hóspede pode fazer guardar as suas malas esvasiadas, os sacos com os acessórios do "golf", os casacões, etc. Segue-se a esta ante-câmara um pequeno corredor que liga directamente com o quarto de cama e com a casa de banho. No quarto tem o hóspede, além da cama ou das camas com colchoaria da melhor, do tipo americano, um grande armário, metido na parede, mesas de noite, de escrever e de "toilette", divan, cadeiras, fauteils, etc., além de todos os aparelhos de comunicação com o pessoal e com o exterior.

A casa de banho, intercalada entre a galeria geral e o quarto, tem tôda a aparelhagem necessária, da melhor qualidade, e escolhida nos seus tipos e acessórios de modo a conseguir-se a sua boa conservação mesmo com o uso pouco cuidado por parte do hóspede.

A seguir ao quarto, do lado exterior, existe uma larga varanda onde cabem, largamente, duas cadeiras de repouso e onde o hóspede pode estar á vontade sem ser visto pelos vizinhos.

A divisória entre as varandas de cada quarto é constituida por um elemento da construcção formado por duas paredes, formando um pequeno compartimento, no qual se guardam as cadeiras, quer quando o quarto não está ocupado, quer quando o hóspede não necessita delas. O resguardo exterior das varandas é constituido por uma cortina dupla, servindo de floreira, e que, não só dá mais alegria ao quarto, como impede por completo que do exterior isto é, do mar ou da praia, se possam ver as pessoas tomando o seu banho de sol.

Se o estudo geral do hotel mereceu do seu autob o maior cuidado para que o conjunto resulte tão perfeito quanto possível, o estudo de cada "appartement" mereceu cuidados especialíssimos, devendo afirmar-se que só esta peça aparentemente tão simples foi objecto de estudos aturadíssimos durante mais de três mêses, e só assim foi possivel chegar á solução que se apresenta e que o seu autor póde assegurar que não existe igual, nem tão completa, em qualquer outro hotel.

Se se analizar bem qualquer "appartement" verifica-se que êle se compõe de um bom numero de peças, umas maiores, outras menores, mas tôdas indispensáveis e com as dimensões apropriadas a cada caso.

A composição de cada "appartement", cujo arranjo é de capital importância para a categoria e para a fama do hotel, foi estudada no sentido de meter no espaço minimo tudo quanto é necessário. Contudo êste espaco minimo não poderia nunca ser

considerado o absoluto seu perigo de tornar inaproveitável o hotel e, portanto, inutil todo o esfôrço dos proprietários e do arquitecto.

Procurou-se dar a cada casa as dimensões e os espaços mais apropriados para que o hóspede se sinta bem, sem que os objectos estorvem os movimentos, nem se amontoem, deixando-se os espaços livres necessários para dar a indispensável sensação de largueza, mas sem desperdicios de espaço.

Êste um dos pontos capitais da solução do problema dum hotel e dele depende, em grande parte, o seu bom êxito comercial.

Além do problema do aproveitamento racional do espaço, no sentido de se conseguir um bom tipo de appartement que se vai multiplicar por um numero elevado de vezes, muitos outros pontos se prendem com êste e que são, também, de excepcional importância como por exemplo, o das canalisações de alimentação e de esgôto, o da ventilação e o de isolamento acústico. Todos êles foram considerados, como se pode observar pelo exame do projecto, seus detalhes e peças escritas.

Quanto ás canalisações, previu-se uma "courette" ou chaminé visitável onde todas as canalisações são concentradas de modo que sempre que haja uma reparação a fazer não seja necessário entrar no appartement. Além disso, consegue-se dêste modo deixar as canalisações aparentes o que representa para todos os efeitos uma excepcional vantagem, e, por assim dizer, o ideal na construção. As únicas partes encorporadas na construção são

as que existem já dentro da própria casa de banho.

A ventilação que se faz também pelas mesmas courettes é assegurada independentemente para cada casa de banho, por meio de condutas ligadas a fortes aspiradores colocados no andar da cobertura, assegurando-se assim uma renovação constante do ar e o estabelecimento da corrente de circulação do ar no sentido do quarto para a casa de banho e nunca em sentido inverso.

O problema da acustica impunha-se também como fundamental por diversas razões e entre elas a de combater o principal inconveniente da proximidade dos quartos de cama. Nada há de mais incómodo para quem deseja descansar ou estar á sua vontade do que ser importunado pelo que se passa para lá da parede do seu quarto.

Num bom hotel é indispensável que cada quarto constitua uma célula completamente estanque á recepção e á emissão dos sons ou de vibrações de qualquer natureza, pois nestes estabelecimentos são tantas as fontes de ruido que vale a pena fazer o sacrificio de uma despesa um pouco maior para evitar ao hóspede o mal estar motivado por todas essas fontes: hóspedes que recolhem tarde e que fazem barulho quando os outros descansam, outros que assobiam ou cantam sem se importarem com o vizinho, móveis ou malas que se arrastam sem cuidado, conversas telefónicas por aparelhos que funcionam mal, disputas entre casais, torneiras e canalisações que vibram, condutas de som constituidas pelas caixas das escadas e dos elevadores e que espa-

lhes por todo o hotel o barulho dos salões e do hall, máquinas que transmitem vibrações á construção, etc., uma infinidade de fontes de incómodo que se devem combater para garantir ao hóspede, pelo menos quando recolhido no seu quarto a maior tranquilidade e o necessário isolamento.

O arquitecto não garante que tôdas estas causas venham a ser inteiramente combatidas, mas assegura que estudou profundamente o problema da defeza contra os ruidos, consultando os melhores especialistas europeus, lendo quási tudo quanto sôbre a matéria se tem publicado e inspeccionando muitos dos materiais que com melhor resultado se têm aplicado para êste fim.

Lamenta que não tenha o nosso país ainda a sua industria em condições de lhe fornecer êsses materiais e que dificuldades de ordem económica possam impedir de se recorrer a tudo quanto hoje, embora por vezes empiricamente, se recomenda para o caso.

No entanto, na construção prever-se-á o máximo que for possivel para tentar conseguir um bom resultado.

CIRCULAÇÕES - Instalado o hóspede no seu "appartement" procurará conhecer todo o hotel onde vai viver durante uns dias. Uma larga sinalisação luminosa indica-lhe todos os corpos das galerias e corredores o local da escada principal, das escadas de serviço e socorro e dos ascensores.

Admitamos portanto que o hóspede desce ao rez-do-chão, que neste caso é o andar nobre do edificio e onde se encon-

tras os principais salões do hotel. Ao chegar ao piso do rés-do-chão, quer pela escada, quer pelos ascensores, encontra-se praticamente dentro do Grande Hall desde o qual avista não só os outros salões como as esplanadas e o mar.

No Grande Hall prevêem-se, além do grande número de fauteuils, sofás e mesas, alguns recessos onde os hóspedes podem repousar gosando a vista sôbre a esplanada e o mar.

À direita do Hall desenvolve-se a Sala de Visitas, o Salão de Festas e a Sala de Música, formando uma "suite" de salões que em dias de grandes recepções estarão ligados entre si formando o maior conjunto de salões existente em Portugal.

À esquerda do Hall encontra-se uma Sala de Estar e de Fumo, à qual se segue o Salão de Restaurant e o Salão de Jantar, peças que formam também uma suite não menos importante do que a primeira, embora seja diferente o seu arranjo e carácter decorativo.

O Salão de Restaurante e o Salão de Jantar são ligados entre si mas têm relativa independência como convém. Tanto os hóspedes como outros clientes que venham tomar refeições ao hotel, devem ser servidos no mesmo Salão de Jantar, mas, como é frequente acontecer que fora das horas normais do serviço do Salão de Jantar apareçam clientes para tomar refeições, convirá então, nesses casos, que o serviço seja feito no Salão de Restaurante para que, quer a luz, quer os aparelhos de condicionamento do ar não necessitem de ser postos

ca marcha senão na sala mais pequena. De resto, o Salão de Restaurante servirá normalmente como tal quando convenha separar os hóspedes dos clientes de passagem. A circunstância de se poderem servir refeições a qualquer hora também impõe a conveniência de prever o Salão de Restaurante independente do Salão de Jantar.

Próximo destas dependências, que não só são ligadas entre si como têm acesso independente pela galeria de circulação, encontram-se ainda diversos serviços para os hóspedes, tais como Vestiário, Toilettes para Senhores e Toilettes para Senhoras, bem como uma das escadas de serviço e de socorro, as quais podem também servir para os hóspedes.

Nesta ala do edifício são estas as dependências privativas dos hóspedes. Além destas, porém, prevê-se ainda o Hall das Bagagens, onde os hóspedes só em caso de necessidade terão o acesso pela galeria, visto que este se fará normalmente pelo Vestíbulo.

Junto do Vestíbulo existe ainda do lado do porteiro o local para o aparelho da central telefónica e duas cabines para os hóspedes. Este serviço, por necessitar de constante fiscalização está assim situado junto do porteiro, a quem compete anotar todas as chamadas que os hóspedes façam. Pelo pequeno corredor das cabines telefónicas têm os hóspedes acesso ao Hall das Bagagens, para poderem fácilmente verificá-las à chegada ou à partida e evitar trocas eventuais.

No lado direito do vestíbulo encontram-se, além dos Serviços de Recepção, de que já se falou, os escritórios do hotel, junto dos quais e por detraz da caixa dos ascensores ficam os cofres de aluguer sob a fiscalisação da Direcção do Hotel. Próximo também do escritório provê-se um W. C. para êste pessoal.

Aos escritórios do Hotel seguem-se o gabinete do Director e o da Administração, separados por uma ante-câmara, um vestiário e um toilette, privativos.

Seguindo sempre na direcção oeste, encontram-se, dum lado e doutro duma das escadas secundárias, o Cabeleireiro de Senhoras e o Barbeiro, peças que foram colocadas neste local para ser fácil o seu acesso dos diversos andares sem ter que se forçar os hóspedes e sobretudo as senhoras a atravessarem o Hall ou outros salões para irem ao Cabeleireiro.

Já no corpo saliente, voltado ao Norte, mas com luz e ar do lado Nascente, provêem-se os salões de correspondência, leitura e jogos de vasa, os quais estão previstos neste local por ser seguramente dos mais tranquilos do edificio. O Corpo que acompanha êstes salões, pelo lado Poente é já ocupado pelos primeiros "appartements", visto que a consequência da grande diferença de nivel do terreno praticamente esta parte representa já, em relação ao exterior, um primeiro andar.

No topo da galeria Poente existe uma escada que conduz á cave onde se encontra a "Nursery", peça que se preferiu

17

isolar, assim, do resto do hotel, não só para dar ás crianças maior liberdade, como para as afastar da permanência nos salões, onde não só a natural vivacidade das crianças se poderia tornar incómoda a certos hóspedes, como a riqueza das decorações e dos móveis poderiam correr risco constante de deterioração.

Assim, a "Nursery" instalada neste local que é apenas em titulo convencional, de cave, tem a vantagem de ficar de nivel com o terreno exterior, cuja zona correspondente a este socalco é ajardinada e exclusivamente destinada ao recreio, ao ar livre, das crianças.

O lado oposto á "Nursery", entre o Salão de Restaurante e o Salão de Jantar existe uma escada interior que dá, também, acesso á cave, a outra dependência privativa dos hóspedes, o "Bar". Este, embora tambem esteja num andar que convencionalmente se denomina de cave, está praticamente ao rez-do-chão, porque o seu pavimento é sensivelmente de nivel com o terreno exterior.

Tôdas as outras dependências do rez-do-chão e da cave são exclusivamente destinadas ao serviço interno do hotel, ou seja ao pessoal, pelo que se descrevem mais adiante.

Continuando na descrição das peças que são privativas dos hóspedes, encontramos na sobre-loja o primeiro Salão de Estar correspondente ao Vestibulo do rez-do-chão, o qual liga directamente com a escada principal, com os ascensores e com as galerias de circulação.

Neste andar prevê-se entre o Salão de Jantar e o do Restaurant o local para os musicos, o qual é acompanhado duma ante-câmara para vestiário e guarda dos instrumentos e duma dependência para repouso dos musicos. Independentemente dos "appartements" que neste andar existem e que se destinam a hóspedes e a "courriers", tôdas as outras dependências dêste andar são consideradas como de "Serviço", por isso tambem se descrevem adeante.

Nos diversos andares superiores, cujo arranjo é igual em cada um, pode considerar-se que quasi tudo é exclusivamente destinado aos hóspedes.

Em cada andar prevêm-se os diversos tipos de "appartements":

Tipo A - Quatro em cada andar principal, constituidos por Ante-câmara, Penderie, Casa de Banho, Corredor, Quarto de Cama, Sala de Jantar, Salão e Varandas.

Tipo B - Quatro em cada andar, compostos de duas Penderies, Ante-câmara, Corredor, Casa de Banho, Quarto de Cama e Varanda.

Tipo C - Vinte e seis em cada andar, compostos de Ante-câmara, Penderie, Corredor, Casa de Banho, Quarto de Cama e Varanda.

Tipo D - Dois em cada andar, compostos de Ante-câmara, Corredor, Casa de Banho, Quarto de Cama e Varanda.

Tipo E - Um em cada andar, compostos de Ante-câmara,

Casa de Banho. de Duche, Quarto de Cama, Salão ou segundo quarto.

Tipo F - Quatorze em cada andar, compostos de Ante-câmara, Casa de Banho de Duche e Quarto de Cama.

Tipo G - Seis no rez-do-chão, compostos de Ante-Câmara, Penderie, Corredor, Casa de Banho e Quarto de Cama.

Como se vê não há um só quarto de cama que não tenha casa de banho, mesmo os dos "courriers" e que quando necessário podem tambem servir para hóspedes que paguem menores diárias.

A diferença consiste em que nos quartos principais, que são o maior numero, a Casa de Banho compõe-se de tina de banho de imersão, chuveiro, bacia, bidet, lavatório e todos os acessórios necessários, ao passo que nos quartos do tipo E e F a casa de Banho se compõe de tina de banho de duche, bacia, bidet, lavatório e todos os demais acessórios. Para êstes quartos preveem-se em todos os andares grupos de casas de banho de imersão, separadas para homens e para senhoras.

A experiência e a prática da industria hoteleira dizem-nos hoje que são preferidos os quartos com casa de banho aos quartos simples, principalmente por terem retrete independente, mais do que por causa do próprio banho. Na Alemanha e na América a maioria dos hoteis recentes têm sido dotados de quartos de toilette, todos com retrete, mas em que a tina é quasi completamente suprimida, prevendo-se nestes casos grupos especiais de casas de banho. Contudo, num ho-

tel de repouso como será êste, a existência de casas de banho completas junto de cada quarto é indispensável, tanto mais que a maioria dos clientes o prefere.

Como dependências comuns, preveem-se no eixo do edifício salões de Estar, para os hospedes e onde estes podem receber visitas fora do seu quarto.

A cobertura do edifico é aproveitada como logradoiro para os hóspedes, pois está disposta em terraço e quasi totalmente utilisavel. A sua disposição foi estudada de modo a dar o maior conforto, pois alem de se considerarem algumas dependências fechadas, onde os hóspedes podem estar sem que o estado do tempo os incomode, se dispuzeram os necessários abrigos do lado do Norte, ou seja do lado dos ventos dominantes no Monte Estoril. No terraço da cobertura preveem-se: um "Bar"; Toilettes para homens e para senhoras; arrecadações de cadeiras e mesas; Cabines para os grandes ventiladores gerais, etc.. A escada principal, bem como os ascensores e as escadas de serviço vão todas até este terraço.

Consideradas tôdas estas instalações, que são, por assim dizer, exclusivamente privativas dos hóspedes, há que considerar agora tôdas as que são propriamente de "Serviço" e por assim dizer ocultas aos hóspedes, mas que estão encorporadas no mesmo edificio.

Na sua descrição seguir-se-á um critério análogo ao da parte dos hóspedes.

A entrada, unica, como se disse, faz-se no piso do andar da cave que no entanto é de nível com o terreno exterior, constituindo, portanto, verdadeiro rez-do-chão. Junto da entrada encontra-se o pequeno escritório do Ecónomo, onde está a balança e onde se faz a fiscalisação de todo o movimento de entrada e saída.

É tambem próximo desta entrada que se encontram os alçapões para a entrada do carvão, o qual é depositado em reservas situadas num piso inferior. Dessas reservas o carvão é distribuido diariamente por meio de um monta-cargas, ás cozinhas. O mesmo monta-cargas, construido especialmente para êste fim, serve para conduzir ás cozinhas todo o material pesado.

Ao escritório segue-se o Economato, com as suas reservas especiais de "Argenterie" e outros materiais que precisem de maior resguardo, constituindo aquela uma pequena casa forte bem defendida.

O Economato com as suas dependências tem também uma unica entrada pelo que a sua fiscalisação se torna facílima.

Ao tôpo da Entrada de Serviço prevê-se a escada que conduz aos serviços do rez-do-chão e da sobre-loja, todos privativos do pessoal.

Na cave estão, ainda, distribuidos os seguintes serviços: W.C.; Lavabos gerais; Vestiário e Toilette dos Cozinheiros; idem dos moços de cozinha; Instalações de duches

para pessoal, separadas para homens e para mulheres; Office do Bar; Pôsto de transformação e Quadro Geral; Adega e engarrafamento; Frasqueira; Reserva Geral de Camas; Reserva de Bagagens; Instalações diversas para a Ventilação e Condicionamento do Ar; "Chaufferie; Dormitórios e Quartos para pessoal; Casa para separação da roupa suja, ligada aos diversos andares por um pequeno elevador e monta-cargas; Quarto da Governante; Engomadaria; Rouparia Geral; Reserva Geral, etc.

.·.

No res-do-chão, ou seja ao nivel do andar nobre, ficam todos os serviços propriamente de Cozinha e outros que são, por assim dizer, intimamente ligados entre si, mas que não são acessiveis aos hóspedes.

Todos êstes serviços estão, porém, fortemente ligados aos dos hóspedes, principalmente a Sala de Jantar e ao Restaurante, aos "Offices" de andar, ao "Bar" do terraço e ao Grande "Bar" da cave.

O serviço das cozinhas dum hotel é dos de maior responsabilidade dentro dum estabelecimento desta natureza, porquanto da sua boa arrumação depende, em grande parte, não só o seu rendimento como até a comodidade dos hóspedes e do pessoal.

Do mesmo modo que para o estudo dos serviços já descritos procurei estudar no estrangeiro o que há de melhor, o mesmo fiz quanto ás cozinhas, apreciando as melhores e mais recentes instalações, ouvindo os instaladores da especialida-

de e muitos Chefes de Cozinha e de Mesa, cujas críticas ás instalações em que trabalham não são para desprezar.

Assim, pode-se afirmar com segurança que é hoje inaceitável a colocação das cozinhas num andar diferente do das Salas de Restaurante, o que só se pode admitir quando o espaço seja insuficiente para instalar tudo no mesmo nivel.

Para que o serviço seja rápido é necessário que os creados de mesa possam circular com facilidade entre a Sala de Jantar e as Cozinhas sem nunca se cruzarem, nem darem passos desnecessários.

Os diversos serviços devem portanto ser dispostos de modo que os creados vão encontrando sucessivamente no seu caminho tudo quanto lhes é necessário para o serviço da mesa, de modo a não haver perda de tempo. Por outro lado, a instalação de cada serviço deve ser feita de modo que o pessoal interno encontre á mão tudo quanto é necessário para o seu trabalho e ainda que a ligação duns serviços com os outros se faça com facilidade.

Cada serviço, com a sua relativa independência, contribui no entanto por tal forma para o resultado do conjunto, que é o de bem servir o hóspede, que nada se pode descurar no seu estudo.

A vizinhança, hoje quasi que forçosa, de todos os serviços de cozinha da Sala de Jantar, embora seja na realidade duma grande vantagem para o serviço, constitui no entan-

to um perigo constante para o conforto que ao hóspede deve ser garantido.

O barulho da cozinha e dos compartimentos de lavagem, as ordens dadas em voz alta, os cheiros e fumos, os descuidos dos moços que transportam as loiças, etc., tudo são inconvenientes inevitáveis e a que é necessário atender na medida do possivel, prevendo antecipadamente o máximo de defezas contra êles e corrigindo-os mesmo durante a construção e a exploração, até, para que o resultado seja bom.

Não há ainda hoje regras absolutamente seguras para combater êstes inconvenientes, pois só admitindo a absoluta separação entre as dependências de serviço e as dos hóspedes, isso seria possivel, o que é, praticamente, inviável.

Contudo, neste caso especial, foram considerados com a maior atenção todos os factores que podem contribuir para melhorar o conjunto, procurando-se, quanto possivel, combater ao máximo os maiores inconvenientes.

O problema dos ruidos pode combater-se, em grande parte, não só procurando estabelecer câmaras de isolamento entre as diversas dependências, quanto possível protegidas por portas duplas, como isolando as próprias paredes com materiais apropriados que absorvam os sons e as vibrações e impeçam portanto a sua transmissão dum lado para outro.

O que não se pode evitar são os descuidos do pessoal que muitas vezes em vez de deixarem as portas trabalhar livremente as calçam só para não terem o incómodo de as abrir constantemente. E digo apenas "abrirem" porque tôdas devem fechar automáticamente.

O problema dos cheiros e do calor das cozinhas consegue hoje em grande parte combater-se dotando os serviços de instalações apropriadas de ventilação e mesmo de condicionamento do ar, de modo que estabelecendo-se uma depressão forçada nas cozinhas e uma injeção constante do ar nas Salas, a corrente do ar estabelece-se entre estas e aquelas, de modo que os cheiros não podem incomodar.

Desde que a corrente do ar circule sempre entre as salas e a cozinha, não há receio de que os cheiros se notem nos salões.

Neste caso particular prevê-se não só uma forte ventilação nas cozinhas, feita por aspiração forçada, como a injeção do ar nos principais salões, sendo de prever que os inconvenientes maiores de alguns dos hoteis nacionais e estrangeiros não existam neste hotel.

Os diversos serviços de ligação com a Mesa estão neste caso previstos com a seguinte disposição: Entre a Sala de Jantar e as Cozinhas fica a "Copa" cuja ligação com a Sala de Jantar, quer á entrada, quer á saída dos creados, é sempre feita por meio de duas portas. No espaço correspondente

a esta comunicação fica o serviço da "Caixa" a um nivel um pouco elevado, para ser fácil o "controle" do serviço.

Na Copa estão dispostos os serviços de lavagem de "Loiças" e "Metais" com separação dos objectos pequenos e dos grandes. Aqui os creados depositam a loiça suja e retiram a lavada.

Do lado oposto ás"Lavagens" está a "Cafetaria" e a "Cave do Dia", de modo que o pessoal pode perfeitamente utilisar êste serviço constantemente sem necessidade de invadir o corredor de serviço das Cozinhas. O serviço de cafés, licores, frutas, vinhos, etc., é feito simplesmente em ligação com a Copa, pelo que esta está disposta para êsse efeito nas condições mais favoráveis.

Na Copa estão ainda previstos os monta-pratos, em numero de quatro, podendo assim, durante as horas de maior serviço ser utilisado um para cada andar, o que facilita extraordinariamente o serviço. Êstes monta-pratos trabalham principalmente de manhã para o serviço dos pequenos almoços e durante o dia servem o "Bar" do Terraço e o "Bar" da Cave, servindo ainda ás horas próprias as Salas de Jantar dos Courriers e do Pessoal.

Independentemente das comunicações directas com a Sala de Jantar tem ainda a Copa ligação directa a uma das escadas de serviço para qualquer caso de urgência e para o serviço dos poucos appartements do rez-do-chão.

A seguir á Copa encontra-se a "Cozinha" ou seja a Cozinha principal, na qual está completamente separado o pessoal da Cozinha do pessoal da Mesa. A separação é constituida por uma pequena parte envidraçada e pela mesa quente, dentro da qual estão depositados os objectos de serviço e sôbre a qual os cozinheiros colocam o material e os alimentos a servir.

Dentro da cozinha, além do grande fogão e das mesas de trabalho; prevê-se ainda um fogão especial para os assados e outro para os grelhados. As lavagens próprias das loiças e da bataria da cozinha encontram-se ainda instaladas dentro da mesma para facilidade do serviço.

Em ligação com esta, mas separado convenientemente, está o local de preparação dos alimentos, sobretudo da carne e do peixe, denominado "Garde-Manger", com tôda a sua aparelhagem e em ligação directa com as geleiras e frigoríficos. Além da mesa de trabalho, tem o "Garde-Manger" ainda as suas lavagens próprias, caixas para peixe, viveiro para trutas e lagostas, etc.

As câmaras frigoríficas, apetrechadas com o material próprio para a conservação de peixe, carne, legumes, etc., com compartimentos de ar frio e geleiras, são completamente isoladas das outras peças e têm aparelho próprio de produção de frio.

Ao lado das câmaras frigoríficas, encontra-se a casa de preparação dos legumes "Legumier", com as suas mesas,

lavadoiros, prateleiras e tulhas necessárias, bem como ainda a aparelhagem apropriada a um serviço perfeito é rápido.

Outras pequenas cozinhas, quasi independentes, acompanham a grande e são: A Cozinha do Pessoal, a Pastelaria, a Cozinha dos Gelados e a Cafetaria.

Cada uma destas cozinhas, embora dependendo do mesmo chefe de cozinha, cujo gabinete está situado em local que lhe permite fiscalizar todos os serviços, tem as instalações próprias para o serviço proporcional á lotação do hotel e em condições de poder servir rapidamente.

Se se observar a planta respectiva, constata-se imediatamente que os creados de mesa ao entrarem nas cozinhas e circulando sempre no mesmo sentido, vão encontrando sucessivamente, quer as mesas quentes, quer os guichets de cada uma das cozinhas, pelo que o serviço se torna cómodo e fácil.

A entrada e a saída da cozinha faz-se por portas completamente distintas e dispostas de modo a que nunca haja possibilidade de confusões. Além disso, para que o serviço se faça obrigatoriamente segundo um trajecto conveniente e nunca haja o perigo de um creado ou um moço tentar sair por uma porta de entrada, estas são construidas de modo que só podem abrir para um lado. Tambem, para evitar embaraços, tôdas as portas abrem sempre á direita, de modo que os creados as podem abrir com os pés e contar imediatamente com o movimento que a porta fará. Molas de pressão fe-

cham-nas automaticamente e sem ruído, após a passagem.

Para cada movimento está calculado o espaço necessário de modo que não há perdas de qualquer natureza nem escassez prejudicial.

.˙.

Na sobre-loja estão dispostos diversos serviços do pessoal, todos mais ou menos concentrados na mesma zona dos anteriormente descritos e que são:

Os toilettes para chefes de serviço, para creados de mesa e para moços de mesa; Sala de Jantar para "courriers", Salas de Jantar para o Pessoal, W.C., etc.

Além dêstes diversos serviços prevê-se ainda um "office" de andar, para os quartos dos hóspedes, o qual funciona junto dos monta-pratos e serve simultaneamente para as diversas Salas de Jantar dêste andar.

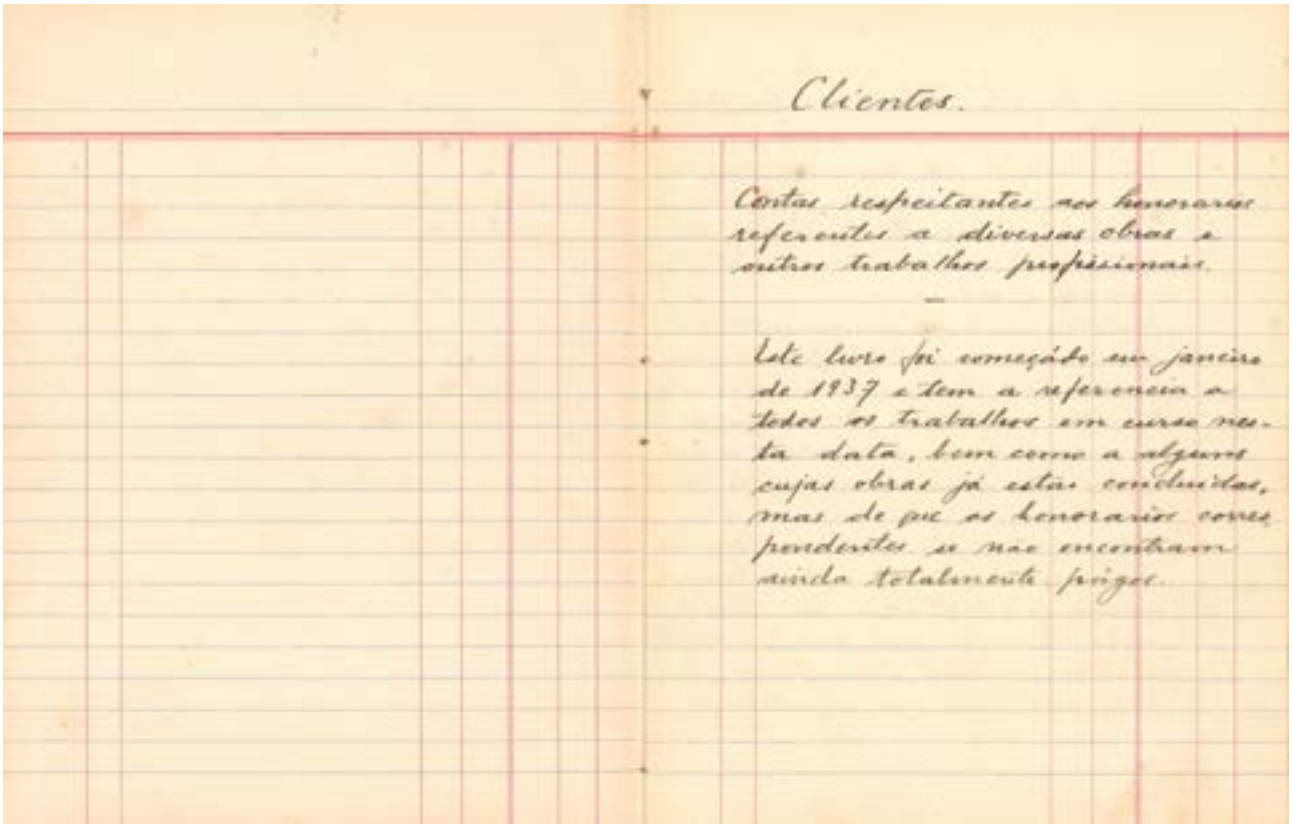
.˙.

Em cada andar, como serviço comum, preveem-se duas instalações completas de pessoal, uma para cada ala do edificio, compostas de "office" para o creado e para a creada de quarto, no qual está concentrada a sinalisação e onde se guardam as roupas e os artigos de limpesa de cada grupo, e ainda um "office" de creado de mesa. Êste "office" do creado de mesa do lado Nascente liga com as cozinhas por meio do grupo de monta-pratos.

Outro elemento previsto para o conjunto é o grande re-

Documento 37.01

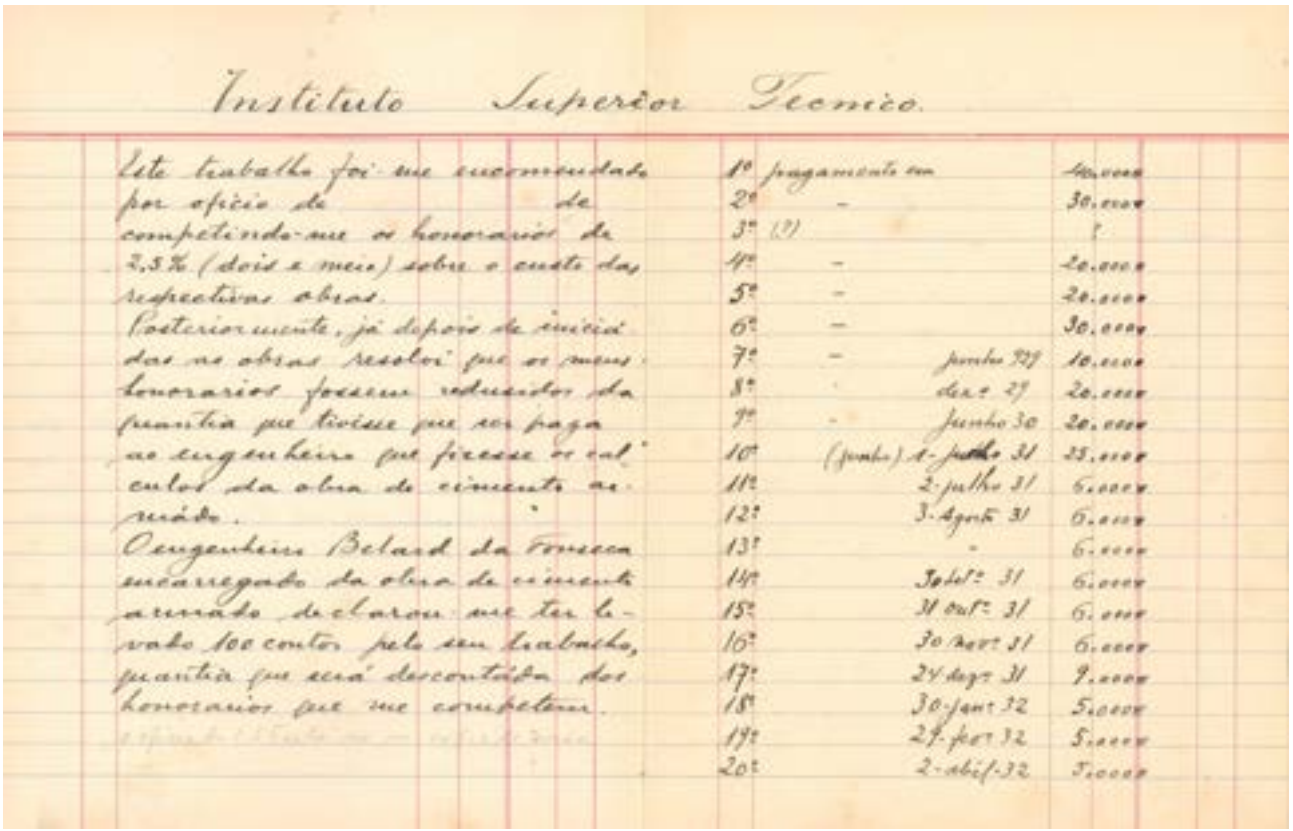
MONTEIRO, Porfírio Pardal - Caderno de Projectos e honorários.. Lisboa: [Documento manuscrito do Espólio PMA], Iniciado em 1937.



Clientes.

Contas respeitantes aos honorarios referentes a diversas obras e outros trabalhos profissionais.

Este livro foi começado em janeiro de 1937 e tem a referencia a todos os trabalhos em curso nesta data, bem como a alguns cujas obras já estão concluidas, mas de que os honorarios correspondentes se não encontram ainda totalmente pagos.



Instituto Superior Tecnico.

Este trabalho foi me encomendado por ofício de de competindo-me os honorarios de 2,5% (dois e meio) sobre o custo das respectivas obras.
Posteriormente, já depois de iniciadas as obras resolvi que os meus honorarios fossem reduzidos da quantia que tivesse que ser paga ao engenheiro que fizesse os calculos da obra de cimento armado.
O engenheiro Belard da Fonseca encarregado da obra de cimento armado declarou-me ter levado 100 contos pelo seu trabalho, quantia que será descontada dos honorarios que me competem.

1º	pagamento em		40.0000
2º	-		30.0000
3º	(?)		?
4º	-		20.0000
5º	-		20.0000
6º	-		30.0000
7º	-	junho 29	10.0000
8º	-	dez. 29	20.0000
9º	-	junho 30	20.0000
10º	(junho)	1-julho 31	25.0000
11º		2-julho 31	6.0000
12º		3-Agosto 31	6.0000
13º		-	6.0000
14º		30 Set.º 31	6.0000
15º		31 Out.º 31	6.0000
16º		30 Nov.º 31	6.0000
17º		24 Dez.º 31	9.0000
18º		30-Jan.º 32	5.0000
19º		29-fev.º 32	5.0000
20º		2-abril-32	5.0000

Instituto Superior Tecnico.

21º	pagamento	30-abril-32	6.000$
22º	"	31-maio-32	6.000$
23º	"	30-junho-32	6.000$

Avenida Palace Hotel - Cª Nacional de Hoteis

Por esta Companhia fui incumbido de fazer um projecto de remodelação geral do Avenida Palace Hotel, do qual se completou o respectivo ante-projecto.
Simultaneamente fiz alguns projectos de pequenas obras de transformação e arranjo de novos apparelhamento, salas etc.
Honorarios combinados: 6% (seis) sobre o custo das respectivas obras, conforme m. carta de 11 de junho de 1931 a que o C. C. H. respondeu por carta de 17 do mesmo.

1º pag.to	3-julho-31		6.000$
2º "	fev.º-32		10.000$
3º "	[illegible]-32		15.000$

Sociedade Progresso de Portugal

- Seminario Patriarcal dos Olivais -

honorarios ajustados 4% (quatro) sobre o custo total das obras e de reclame.

Elaborei o ante-projecto geral do Seminário que foi aprovado por S. E. bem como as condições da convenção que regula a minha prestação de serviços, tendo como base da fixação de 27 de junho de 1932.

Para regular a execução das obras e dos respectivos projectos definitivos por escalões e dividir o pagamento dos respectivos honorarios foi tomada como base a minha nota de honorarios apresentada em 30 de Novembro de 1932.

Esta nota de honorarios de 30 de Novembro foi substituida pela nota de 13 de dezembro de 1932, na qual fiz um desconto de 3.630$47 em benefício das obras.

Em 30 de Março de 1932 a Sociedade Progresso de Portugal mandou-me uma carta de confirmação sobre as condições de pagamentos e a prestação dos meus serviços.

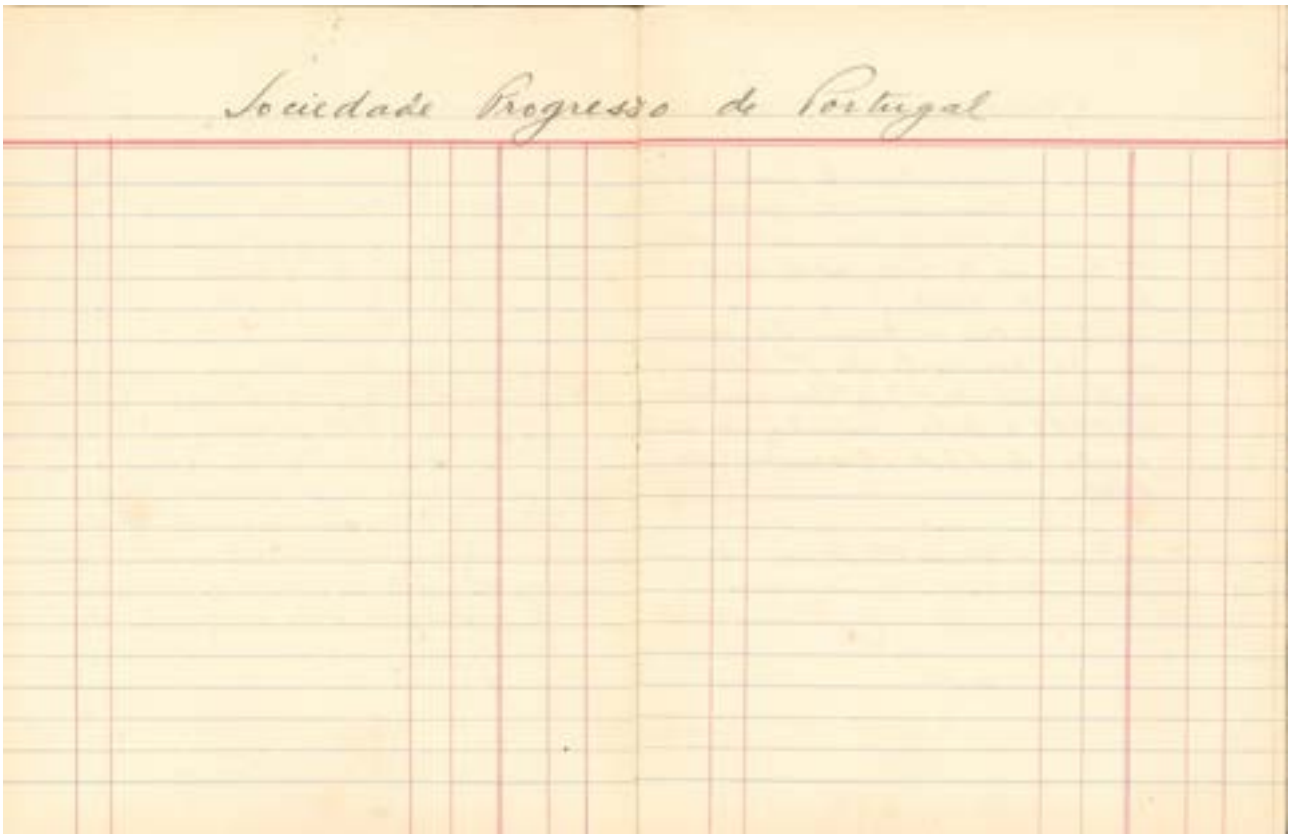
Na data da elaboração destas notas está elaborado o ante-projecto geral, o projecto definitivo da Ala Norte, o do Refeitorio; está em elaboração o projecto definitivo da Ala Sul e estão realisadas as obras da Ala Norte, com excepção do corpo do Refeitorio.

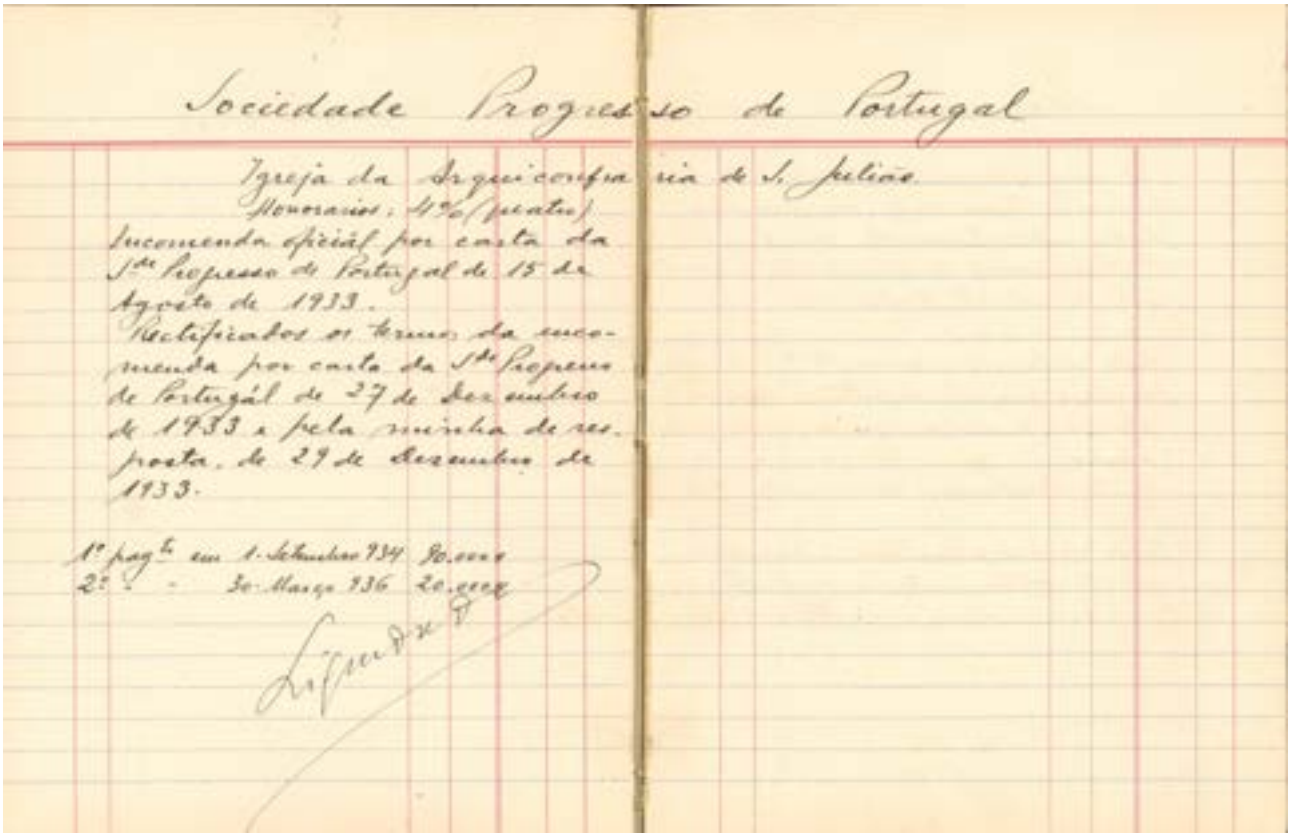
(25 janeiro 1937)

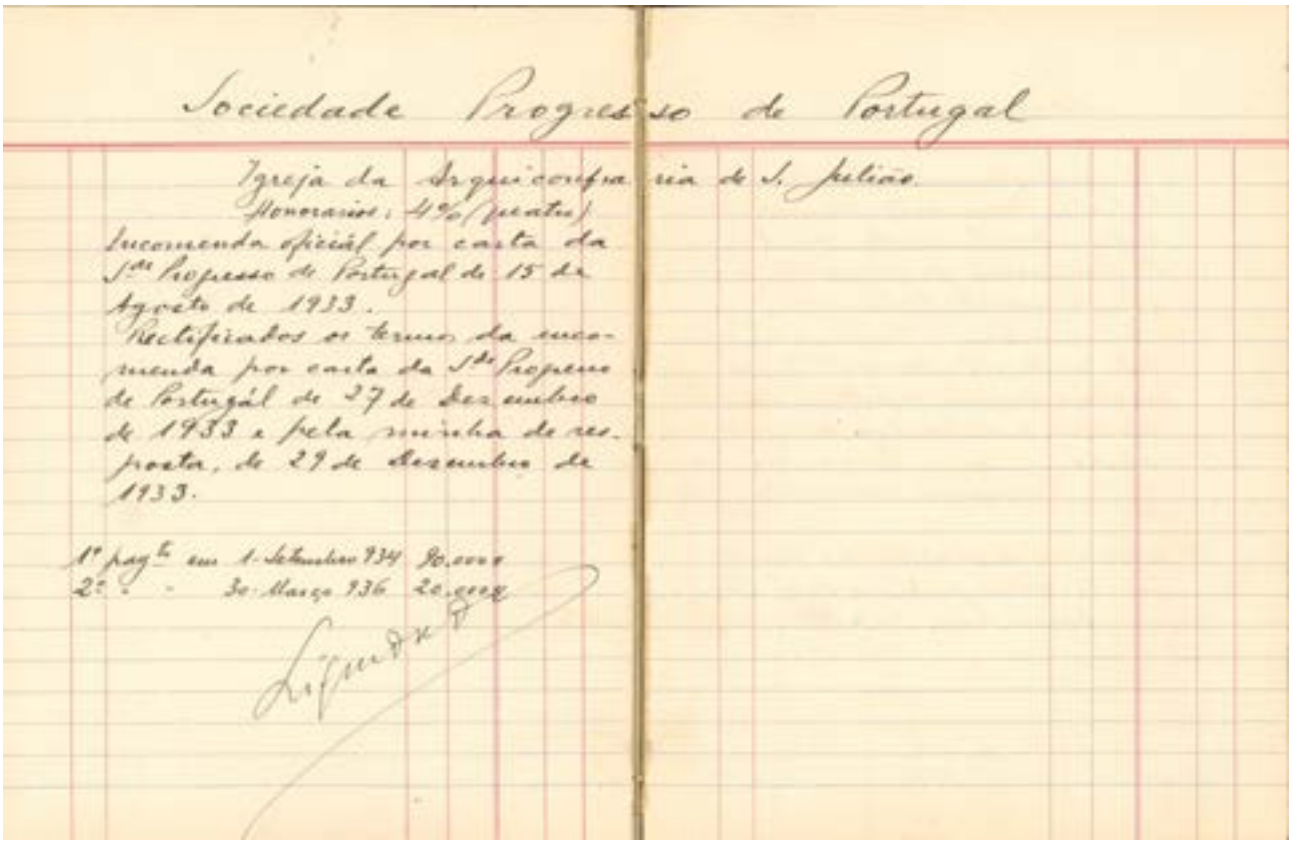
Sociedade Progresso de Portugal

1ª pagto	28 junho 932	40.000$
2º "	19 dez 932	53.630$47
3º	28 março 933	5.000$
4º	28 abril 933	5.000$
5º	29 maio 933	5.000$
6º	28 junho 933	5.000$
7º	28 julho 933	5.000$
8º	21 dez 933	10.000$
9º	30 julho 934	7.725$32

Com este 9º pagamento por conta dos meus honorarios foi saldada a minha nota de honorarios de 5 de julho de 1934, correspondente ao ante-projecto geral, projecto da Ala Norte e direcção das obras desta ala.


Sociedade Progresso de Portugal

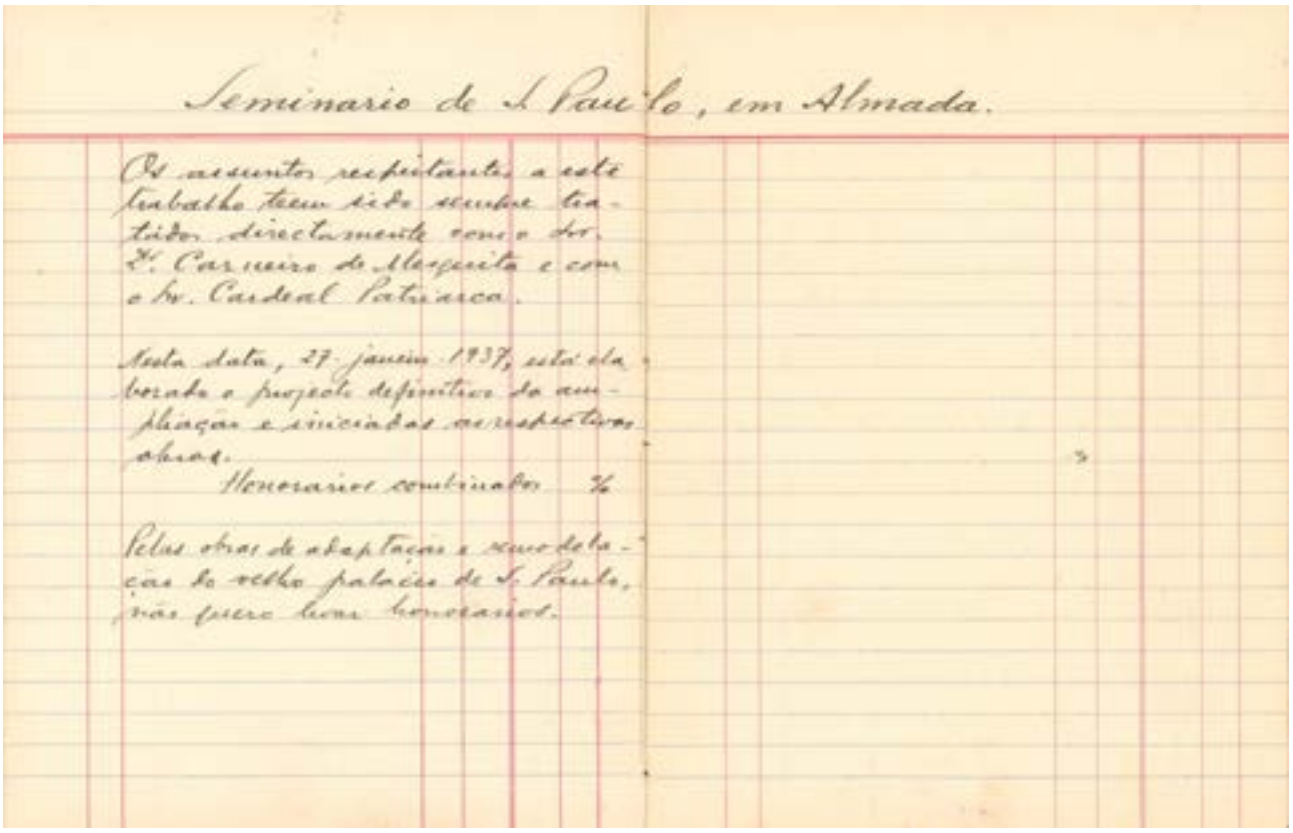

Sociedade Progresso de Portugal
Igreja da Arquiconfraria de S. Julião.
Honorarios: 4% (quatro)
Incomenda oficial por conta da Sté Progresso de Portugal de 15 de Agosto de 1933.
Rectificados os termos da encomenda por conta da Sté Progresso de Portugal de 27 de dezembro de 1933 e pela minha de resposta de 29 de dezembro de 1933.
1º pagto em 1 Setembro 934 80.000$
2º " - 30 Março 936 20.000$



Sociedade Progresso de Portugal

Igreja da Arquiconfraria de S. Julião.
Honorários: 4% (quatro)
Incomenda oficial por carta da Sª Progresso de Portugal de 15 de Agosto de 1933.
Rectificados os termos da incomenda por carta da Sª Progresso de Portugal de 27 de dezembro de 1933 e pela minha de resposta, de 29 de dezembro de 1933.

1ª pagª em 1 Setembro 934 20.000$
2ª " - 30 Março 936 20.000$



Seminario de S. Paulo, em Almada.

Os assuntos respeitantes a este trabalho teem sido sempre tratados directamente com o Snr. Dr. Carneiro de Mesquita e com o Snr. Cardeal Patriarca.

Nesta data, 27 Janeiro 1937, está elaborado o projecto definitivo de ampliação e iniciadas as respectivas obras.

Honorarios combinados 7%

Pelas obras de adaptação e renovação das velhas palacios de S. Paulo, não quero nem honorarios.

Sociedade da Agua de Luso.

Transformação do velho Balneario, de lavamãtórios e novas instalações da Fisioterapia sobre o Engarrafamento.

Honorarios combinados 5% (cinco) mais as despesas de viagem. Encomenda verbal em principios de 1931.

Ha no dossier diversa correspondencia trocada por occasião da encommenda e os honorarios (M. carta de 19 dezembro de 1933 e resposta da S. Adm. de 23 do mesmo mez acompanhando o cheque do 1º pagamento.

1º pagto em 23 dezembro 1933 10.000$00
2º " - 5 janeiro 1935 4.347$75

Construção duma Piscina, Hotel e Novo Balneario.

Encommenda verbal feita pelo engenheiro Snr. Ernesto Navarro confirmada por diversa correspondencia trocada (Vide dossier) Honorarios 5% (cinco) mais as despesas de viagens, com a faculdade de pagar 50% em acções da Sociedade. Conferiram verbalmente estas condições os Administradores da Sociedade Snr. Messias e engº Augusto Seguro Pereira.

1º pagto - 30 janeiro 936 15.000$00
(Nesta data encontravam-se concluidos os projectos da Piscina, do Balneario novo, o plano geral da urbanização e o anteprojecto do hotel). (26-1-37)
2º pagto - 16 março 937 15.000$00
Foram liquidados todos os custos em Setembro de 938

Ministerio das Obras Publicas - Juntas Maritimas -

Encomenda pelo officio de 27 de janeiro de 1934 da Direcção geral dos Edificios e Monumentos Nacionaes acompanhando copia da proposta apresentada por aquela Direcção geral a S. Exª o Ministro das O. P. e Comunicações com data de 23 de janeiro de 1934.
- Esclarecimentos pedidos por carta minha de 20 de janeiro de 1934 ao Director geral dos E. e M. N. sobre os m. honorarios.
Resposta á minha carta de 20-2-934. pelo officio do Director geral dos E. e M. N de 3 de março de 1934.
Os diversos pagamentos teem sido efectuados por meio de guias do M. O. P. e C. como tarefas.
Honorarios: 3% (três) sobre o custo das obras sem qualquer desconto pelo menos de custos Technicos.

1º pagto 30.000$00
2º " 16 janeiro 936 25.000$00
3º " 5 janeiro 937 100.000$00

Ministério das Obras Públicas –

Encomenda por ofício de 6 de fevereiro de 1934, da Direcção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais, acompanhando cópia da proposta apresentada por aquela Direcção Geral a S. Ex.ª o Ministro das O. P. e Comunicações, com data de 23 de janeiro de 1934.
Esclarecimentos pedidos por mi. carta de 20 de fevereiro de 1934 ao Director Geral dos E. e M. N. a que este respondeu com o ofício de 3 de Março de 1934.
– Honorários: 1,5% (um e meio) sobre o custo total das obras, livres de encargos com outros técnicos.
(V. boletim de fase de elaboração).

Os pagamentos foram feitos por meio de guias do M. O. P. e C. como tarefas.

Ministério das Finanças –

1º pag.to			50.0000
2º "	4 Abril 935		25.0000
3º "	10 Jan.º 936		25.0000
4º "	5 Jan.º 937		50.0000
5º	Out.º Nov.º - 937		50.0000
6º	27 Dez.º 937		6.0000

M. Fonseca
p. recibo nas pastas

Ministério das Obras Públicas

Encomenda respeitante aos edifícios da Reitoria, Faculdade de Direito, Faculdade de Letras e instalações gerais para estudantes, feita por carta de 22 de Outubro de 1935 emanada da Comissão Administrativa dos Novos Edifícios Universitários, assinada pelo presidente Ex.mo Sr. Alexandre Alberto de Sousa Pinto, e pelo engenheiro Administrador-Delegado Sr. Eduardo Evangelista do Carvalhal.
Resposta minha de concordancia com data de 24 de Outubro de 1935.

Honorários: 2% (dois) sobre o custo total das obras, competindo-me o pagamento dos honorários dos engenheiros especialistas, com excepção do de cimento armado que fica a cargo da

Edifícios Universitários de Lisboa

Comissão Administrativa, não podendo os meus encargos com aquelas especialidades exceder 25 contos. Se esses honorários forem superiores o excedente é pago pela Comissão Administrativa.

V. Fonseca	1º p.	20.0000
V. Fonseca	2º p.	30.0000

Ministérios das Obras Públicas

Urbanização junto à Boca de Alcantara

Incomenda por ofício da D.G.E e M.N. emanado da Repartição de Estudos de Edifícios, com data de 11 de Março de 1936, assinado pelo então chefe D. Eduardo Rodrigues de Carvalho. Acompanha aquele ofício cópia da proposta daquele engenheiro ao Director geral dos E. e M.N. com data de 29 de fevereiro de 1936.

Honorários:
- pelo arranjo geral dos terrenos, nada;
- Edifícios diversos 3% (Três)
  Galeria das Casas (apenas uma troço junto de cada casa - 3% (Três)
- Armazens - por cada tipo 1.5 % (um e meio)

Companhia Portuguesa de Hoteis - Hotel do Monte-Estoril

Incomenda por carta do Administrador-Delegado, de

Resposta de conformidade de

Honorarios: 4% (quatro) sobre o custo das obras.

1º pagto	2-Abril 1936	20.000$
2º "	1-Agosto 1936	50.000$
3º "	31-Agosto 1936	40.000$
4º "	6-Novembro 1936	20.000$

Liquidado

Fez-se a conta de honorários de custos, entregue ao Exmo. Snr. Administrador-Delegado, tendo sido pagos em Junho de 1938.

Empresa Nacional de Publicidade "Diario de Noticias"

Encomenda verbal feita em reunião do Conselho de Administração da Companhia Industrial de Portugal e Colonias, a que assisti.

Honorarios:

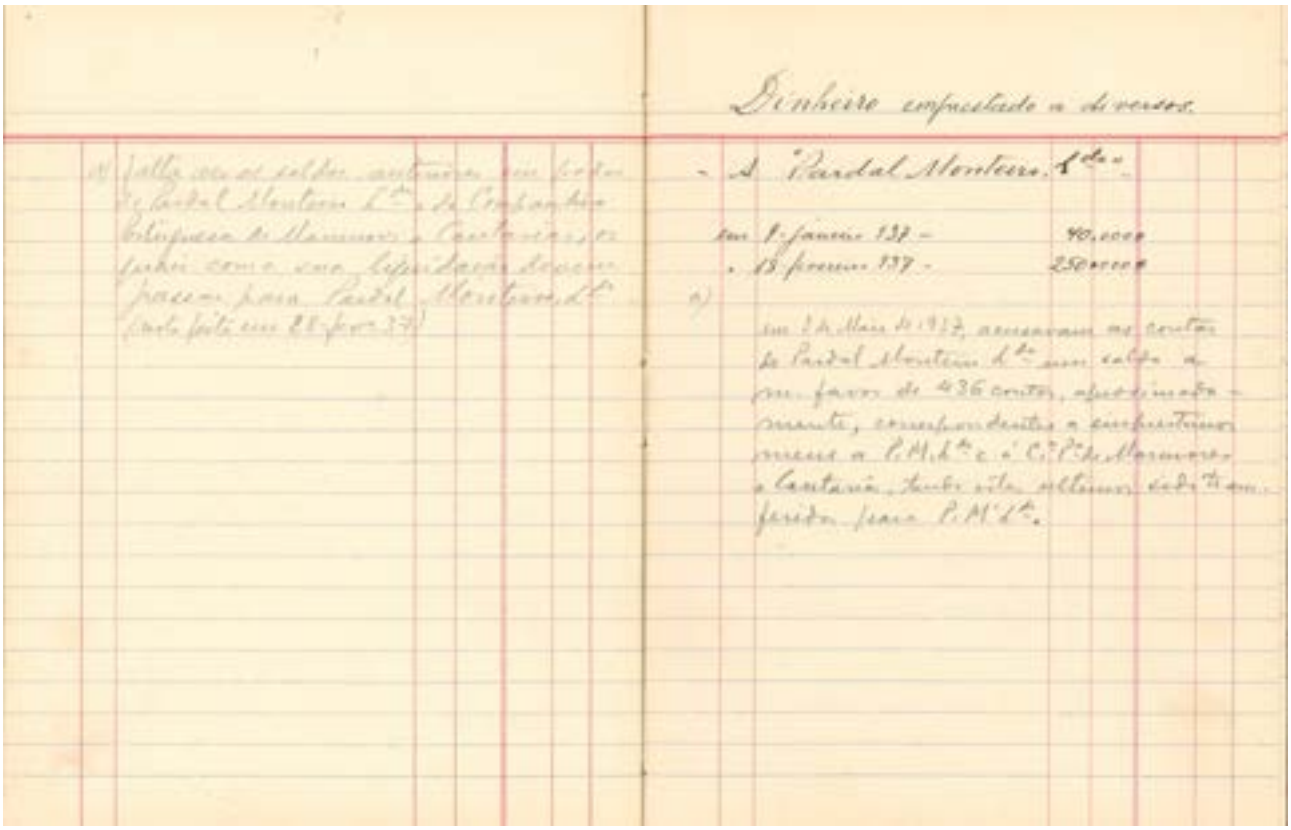
1º pagto	31- Março 1936	10.000$
2º "	30- janeiro 1937	100.000$
3º "	1- junho 1937	10.000$
4º "	30- " "	10.000$
5º "	31- julho "	10.000$

"Banco de Portugal" Novas instalações.

Encomenda por meio de escritura publica realizada pelo notario Tavares de Carvalho, em 17 de junho 1936, em que outorgou por parte do Banco o seu Governador Sr. Inocencio Cardoso Rodrigues. (fls 38 a 38 do Liv. 200 C)

Honorarios estabelecidos: 4% (quatro) até 20.000 contos; 2½ (dois) de 20.000 contos para cima.

1º pagto	6-2-37 (comp. jan.)	10.000$
2º "	4-3-37 " fev.	10.000$
3º "	7-37 (comp. Mar.)	10.000$
4º "	5-37 (" Abril)	10.000$
5º "	6-37 (" Maio)	10.000$
6º "	7-37 (" junho)	10.000$
7º "	" julho)	10.000$



Dinheiro emprestado a diversos.

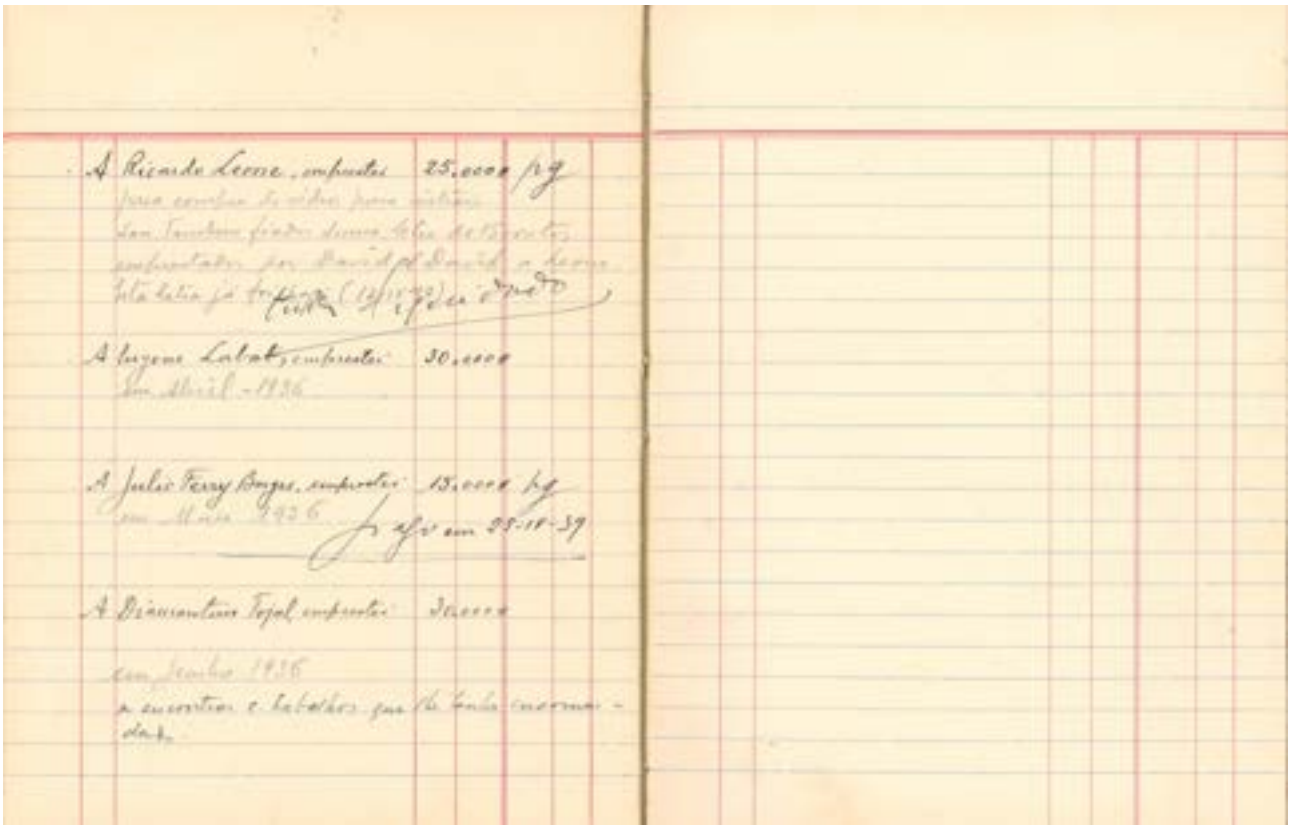
a) Falta ver os saldos anteriores em todas as Caixas Monteiro L.da e da Companhia Colonizadora de Mamanguape e Cantanhede, e fazer como uma liquidação de empréstimos para Pardal Monteiro, L.da (Data feita em 28-fev-37)

- A Pardal Monteiro, L.da

em 1-janeiro 937 - 40.0000
" 13 fevereiro 937 - 250.0000

a)

em 2 de Maio de 1917, acreditavam-se contas de Pardal Monteiro L.da um saldo a seu favor de 436 contos, aproximadamente, correspondentes a empréstimos nesse ano à C.a C.P.de Mamanguape e Cantanhede. Tendo sido ultimamente liquidado pela P.M.L.da



A Ricardo Leone, empreiteiro 25.0000 p/g
para construção de vidro para cobrir
dois tanques findos dum lote de trabalhos
empreitados por David de David & Leone
Está feita já transferência (19-11-37) e fez o mesmo

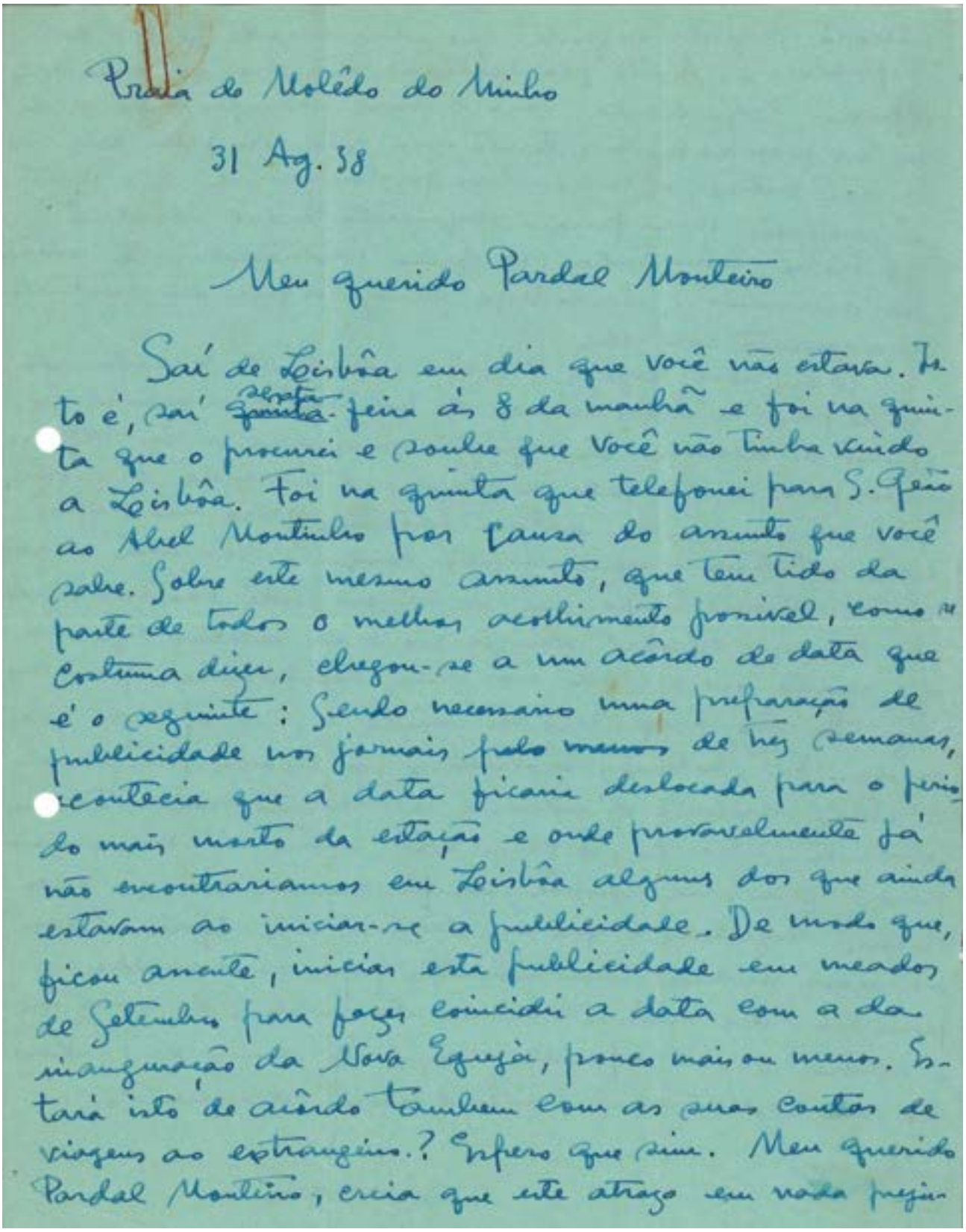
A Eugene Labat, empreiteiro 30.0000
em Abril - 1936

A Julio Ferry Borges, empreiteiro 15.0000 p/g
em Maio 1936
p/g feito em 23-11-37

A Diamantino Tojal empreiteiro 30.0000
em Junho 1936
a encontrar e trabalhos para lhe serem normalizados

Documento 38.01

NEGREIROS, Almada - Carta a PPM sobre Entrega de Vitrais da INSF. Lisboa: [Documento do Espólio PMA], Agosto de 1938.



Praia do Molêdo do Minho

31 Ag. 38

Meu querido Pardal Monteiro

Saí de Lisbôa em dia que você não estava. Isto é, saí ~~quinta~~ sexta-feira às 8 da manhã e foi na quinta que o procurei e soube que você não tinha vindo a Lisbôa. Foi na quinta que telefonei para S. Gião ao Abel Manta por causa do assunto que você sabe. Sobre este mesmo assunto, que tem tido da parte de todos o melhor acolhimento possível, como é costume dizer, chegou-se a um acôrdo de data que é o seguinte: Sendo necessário uma preparação de publicidade nos jornais pelo menos de três semanas, sucedia que a data ficaria deslocada para o período mais morto da estação e onde provavelmente já não encontraríamos em Lisbôa alguns dos que ainda estavam ao iniciar-se a publicidade. De modo que, ficou assente, iniciar esta publicidade em meados de Setembro para fazer coincidir a data com a da inauguração da Nova Egreja, pouco mais ou menos. Estará isto de acôrdo também com as suas contas de viagens ao estrangeiro? Espero que sim. Meu querido Pardal Monteiro, creia que este atraso em nada preju-

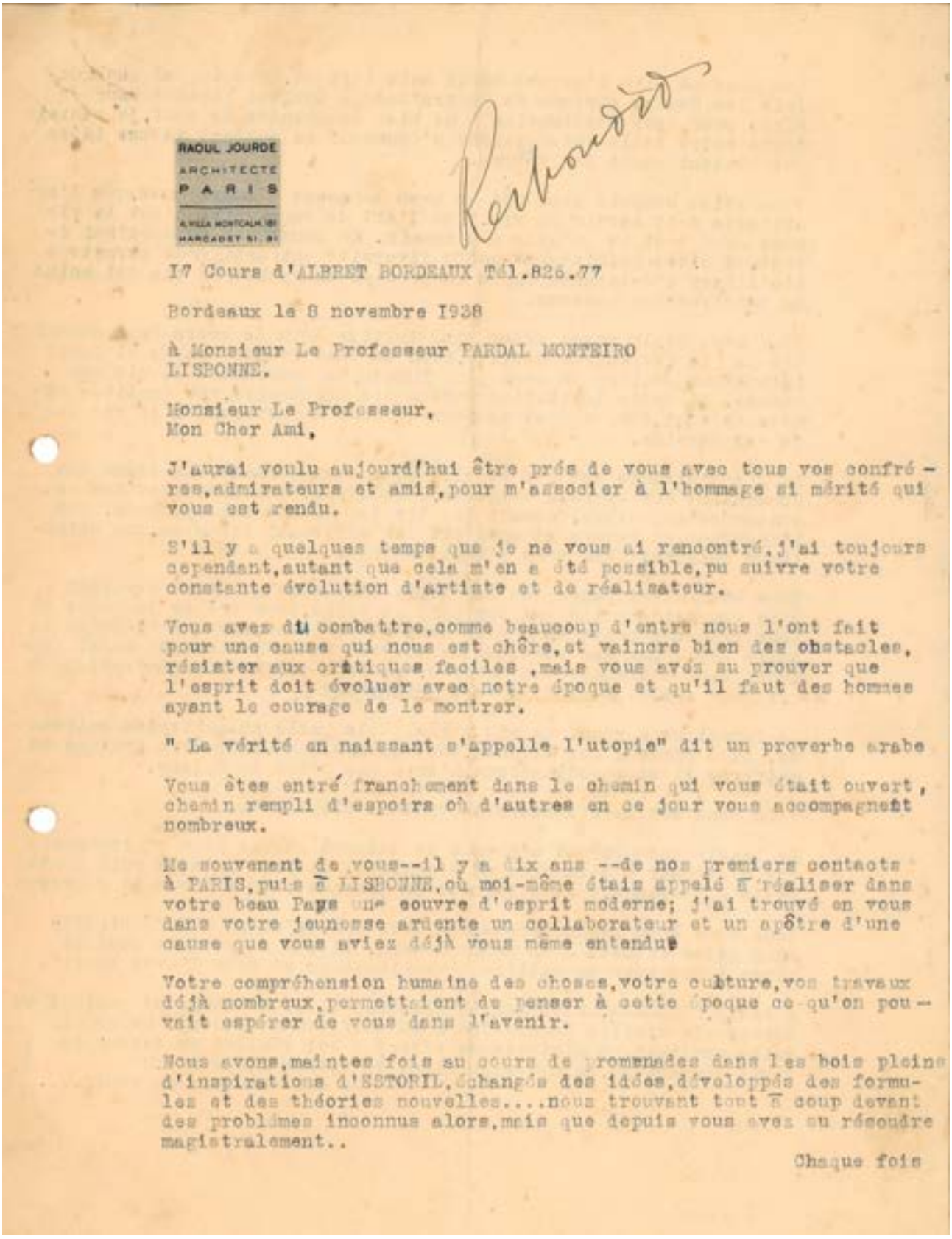
dicará aquela resposta que seria urgente para o da "Republica". Antes pelo contrario, não ha-de perder pela demora. Prejudicada seria a nova intenção com a data no periodo morto, tanto mais que ao falar com um e com outros, a nova ideia prolongou-se e o resto é surpresa nova para o arquitecto Pardal Monteiro. Já tratei com todos a quem primeiramente interessa o assunto e desde hoje começo a ficar em contacto permanente com eles.

E a nova Egreja? Hoje mando-lhe o cartão do vitral para a ante-camara do baptisterio e amanhã seguem os desenhos dos quatro escudos e o dos relógios para o Gonçalo e depois d'amanhã os motivos para os fundos dos altares laterais. Você não supõe como eu estava e aqui cheguei cançado. Não estou doente, já ha bastante tempo que eu não me sinto tão bem, mas um cançaço especial obrigou-me a vir acabar aqui o que ainda me faltava nos meus compromissos para comsigo. Por isso, porque não sei ainda a sua opinião sobre os meus três ultimos trabalhos na Egreja (tecto sobre o coro, abóbada d'entrada e baptisterio) necessitava em absoluto salvá-los, e claro está, estou ás suas ordens para seguir para Lisboa sempre que eu aí seja necessario. Aguardo o que me diga a este respeito. Com os meus melhores cumprimentos para sua mulher e para si, lhe envio saudade da Sarah, do velho Zé e minhas e um especial abraço de amizade 1st class do seu admirador, muito e muito reconhecido

Almada

Documento 38.03

JOURD - Carta A PPM sobre a homenagem a Porfírio Pardal Monteiro. Lisboa: [Documento dactilografado do Espólio PMA], Novembro de 1938.



RAOUL JOURDE
ARCHITECTE
P A R I S
6 VILLA MONTCALM (XVI)
MARGAUX 51-81

17 Cours d'ALBRET BORDEAUX Tél.826.77

Bordeaux le 8 novembre 1938

À Monsieur Le Professeur PARDAL MONTEIRO
LISBONNE.

Monsieur Le Professeur,
Mon Cher Ami,

J'aurai voulu aujourd'hui être près de vous avec tous vos confrères, admirateurs et amis, pour m'associer à l'hommage si mérité qui vous est rendu.

S'il y a quelques temps que je ne vous ai rencontré, j'ai toujours cependant, autant que cela m'en a été possible, pu suivre votre constante évolution d'artiste et de réalisateur.

Vous avez dû combattre, comme beaucoup d'entre nous l'ont fait pour une cause qui nous est chère, et vaincre bien des obstacles, résister aux critiques faciles, mais vous avez su prouver que l'esprit doit évoluer avec notre époque et qu'il faut des hommes ayant le courage de le montrer.

"La vérité en naissant s'appelle l'utopie" dit un proverbe arabe

Vous êtes entré franchement dans le chemin qui vous était ouvert, chemin rempli d'espoirs où d'autres en ce jour vous accompagnent nombreux.

Me souvenant de vous--il y a dix ans --de nos premiers contacts à PARIS, puis à LISBONNE, où moi-même étais appelé à réaliser dans votre beau Pays une oeuvre d'esprit moderne; j'ai trouvé en vous dans votre jeunesse ardente un collaborateur et un apôtre d'une cause que vous aviez déjà vous même entendue

Votre compréhension humaine des choses, votre culture, vos travaux déjà nombreux, permettaient de penser à cette époque ce qu'on pouvait espérer de vous dans l'avenir.

Nous avons, maintes fois au cours de promenades dans les bois pleins d'inspirations d'ESTORIL, échangés des idées, développés des formules et des théories nouvelles....nous trouvant tout à coup devant des problèmes inconnus alors, mais que depuis vous avez su résoudre magistralement..

Chaque fois

que dans un élan d'exposé hardi mais logique, dans lequel quelquefois les émules périmés de "notre" PASCAL étaient traités sans égards pour leur obstination à ne rien comprendre de neuf, je sentais toute votre belle intelligence s'épanouir au contact de mes idées qui étaient aussi les vôtres.

Vous aviez compris avec moi et avec beaucoup d'entre nous, que l'architecte doit servir la vie. Que l'art de construire c'est la vie même dans tout ce qu'elle a d'humain. On construit aujourd'hui de tout, et c'est précisément cette diversité qui doit nous permettre d'utiliser d'éclatante façon le prodigieux rythme de vie qui anime la construction moderne.

Vous avez voulu aussi, aller vous initier loin de votre Pays, connaître la vie des autres peuples, afin de vous rendre compte si leurs intentions avaient un sens plus humain de comprendre la vie des hommes. Si cette initiation vous a été nécessaire, vos qualités innées se sont développées de jour en jour au contact de la vie et de ses besoins.

La ligne vivante est née et elle déjà tout conquis. La ligne nue commandant aux espaces calculés, établissant des masses et des résistances nouvelles, faisant jaillir des effets insoupçonnés, bref inaugurant, en dehors et en dépit des anciennes formules, une esthétique entière. Cela vous l'avez compris.

Vous avez aussi pensé que les Chefs d'Oeuvres du passé devaient être respectés ; ils ont eus dans le temps, leur âge de jeunesse et leur présence parmi nous nous sert de jallonnement à l'histoire de notre Art. Dans des siècles nos oeuvres actuelles seront aussi rentrées dans l'histoire et honorés, espérons-le, par les générations à qui nous aurons montré la voie triomphale

Le fanatisme a vécu. La vie parle. Elle parle en maitresse exigeante. Elle parle à des vivants, dont la mystique, pour être évaluée en chiffres et en aérodynamisme, n'en a pas moins de valeur.

" Le beau est la splendeur du vrai" a dit Platon.

La beauté aujourd'hui n'a plus de temps a perdre pour se reconnaitre, s'étonner d'elle même et s'admirer. Il faut qu'elle soit toute prête a l'avance, pour s'imposer au passage : la vitesse la gouverne

Vous vous êtes rendu compte, Mon Cher Ami, qu'entre MOSCOU et NEW-YORK pôles actuels d'un monde désaxé, il y a sans doute quelque chose à préciser en matière d'architecture et vous l'avez montré.

A PARIS, LISBONNE, AMSTERDAM, BERLIN, PRAGUE.... ailleurs et partout en Europe- la vieille Europe- on a su voir grand et neuf. Malgré la crise mondiale, un gigantesque effort y est réalisé en faveur de la ligne souveraine, la nouvelle ligne de rythme et de vie.

Je suis heureux de venir....

RAOUL JOURDE
ARCHITECTE
P A R I S
A VILLA MONTCALM (IIe)
MARCADET 51-81

aujourd'hui avec tous ceux qui vous honorent et qui pensent comme vous, vous féliciter très cordialement pour avoir réalisé un ensemble d'oeuvres aussi précises de votre esprit moderne, expression exacte de la pensée de notre siècle.

Et dans votre belle église (que je verrai certainement bientôt) les prières y seront dites avec encore plus de foi que par le passé, car notre existence tourmentée nous impose malgré nous au recueillement si nécessaire pour puiser les forces nouvelles, pour poursuivre l'effort du lendemain et ajouter toujours quelque chose de nouveau au passé.

Je vous prie de croire, Mon Cher Ami, à mes sentiments très cordiaux et dévoués.

Documento 38.04

MONTEIRO, Porfírio Pardal - Discurso proferido por ocasião da sessão de homenagem. Lisboa: [Documento dactilografado do Espólio PMA], Novembro de 1948.

Obrigaram-me alguns amigos, colaboradores e colegas, a consentir na realisação desta festa que me colocou na posição de alvejado pela simpatia de V. Ex^as.. Contrariado, porque o meu temperamento não é dos mais adequados a manifestações desta natureza, acabei por aceita-la, porque não me era mais possivel resistir á pressão dos meus amigos. E ao aceita-la reconheço que embora os meus méritos a não justifiquem, ela torna V. Ex^as. credores do meu reconhecimento. E é assim porque ainda que a presença de V. Ex^as. não significásse concordancia com a minha idiologia profissional, posta infatigavelmente em pratica no desejo de ser util á nossa terra, significa, com certeza, compreensão da sinceridade com que a tenho desenvolvido. Esta convicção em que estou compensa-me largamente de tantos maus bocados que a luta pela defesa do direito que os artistas de hoje teem de viver o seu tempo me tem feito passar.

Por isso, a todos, à Comissão que tomou a iniciativa desta festa, aos que me honraram tomando parte nela por qualquer forma, eu exprimo o meu reconhecimento.

Que todos guardem consigo a certeza da minha gratidão.

Para corresponder á vossa generosidade e à ternura com que me acompanham neste momento procurei o modo de lhes exprimir o meu reconhecimento, e, confesso, não encontrei outro que não seja esta obstinação que me acompanha desde menino: A Arquitectura.

A Arquitectura é a minha paixão; a sua expressão contemporânea, digna, viva, concordante com as possibilidades e as aspirações da sociedade dos nossos dias, é, todos o sabem, a causa que queima todas as minhas energias.

Julgo que já não merece discussão, e que é um facto por todos verificado, até mesmo pelos que mais se obstinam em querer negá-lo, que o mundo está hoje seguindo em quási todos os campos rumos que não são apenas diferentes dos passados, mas que são inteiramente novos.

Seja no campo material, seja no moral, os homens de hoje na sua ancia natural de melhorar e de aperfeiçoar, criam processos novos de trabalho, doutrinas novas que os iluminam, que os entusiasmam e os arrastam até ao sacrificio.

A renovação é um facto de tal evidencia que hoje quasi é mais facil apontar o que não foi ainda atingido, do que aquilo que se move ou que vive animado de espirito novo.

Necessariamente que uma revolução tão extensa, porque se não faz sem que alguem sofra, provoca reacções, quando não justificadas por interesses feridos ou pela comodidade perdida, o são às vezes apenas pela dificuldade de adaptação de alguns à nova ordem das coisas.

No entanto essas reacções, essas dificuldades de adaptação e os naturais embaraços que se opõem por via de regra à marcha das idéas novas, quasi se podem explicar do mesmo modo, seja qual fôr o campo onde elas se desenvolvem.

Um exemplo, bem português e bem recente, talvez baste para confirmar o meu modo de vêr.

Há bem poucos dias ainda, Salazar, numa entrevista concedida a Antonio Ferro, definia com estas palavras as causas das dificuldades e dos obstaculos que o Governo tem encontrado na aplicação das leis corporativas, basilares do regime actual:

" Todos os regimes novos, sem experiencia, ou até sem tradição, são de construção lenta, laboriosa. Aplicar prin-

cipios originais, diferentes, a velhas sociedades habituadas a viver com outras engrenagens, e sobretudo com outro espirito, é tarefa bem dificil, que chega a parecer irrealisavel aos apressados, aos febris, aos que exigem o dia de amanhã no dia de hoje ".

As palavras do Chefe, tão simples, tão claras e tão exactas podem ser repetidas para explicar as causas das dificuldades e dos obstaculos que se opõem muitas vezes à marcha natural da arquitectura contemporânea.

Nos nossos dias novos sistemas de construção foram creados, inteiramente concordantes com as condições da vida actual, dos quais derivaram para a arquitectura formas novas, diferentes das variadissimas que o passado nos legou.

No campo da arquitectura o nosso tempo caracterisa-se por um facto tão extraordinario na historia da construção que talvez só encontre parceiro na invenção da abobada gótica e de todo o sistema de equilibrio que dela deriva: O da invenção ou da descoberta do betão armado, material novo, diferente em tudo, de todos os que o mundo conheceu anteriormente ao seculo XX.

Paralelamente a esta extraordinaria victoria dos homens sobre a materia, a reacção contra a arquitectura dos fingidos, das cópias e das estilisações, e contra a tendencia pictural da arquitectura, restos dum romantismo incompativel com o estado de espirito, com as aspirações, e, até com as condições economicas e sociais dos nossos dias, atiravam os melhores arquitectos de todo o mundo para uma nova interpretação dos problemas. Esta nova interpretação era, mercê dos novos recursos da technica, um grito de revolta contra os vicios da cultura arqueologico-artis-

tica do seculo XIX que levava os artistas para a contemplação estática da obra dos nossos maiores.

Os artistas, seguindo a mais pura tradição, queriam viver creando.

Pelo mundo inteiro, e como consequencia destes factos dominantes, surgiu, apos a grande guerra, sobretudo, uma tendencia nova na Arquitectura, cuja expressão plastica, era, logicamente, consequente dos novos processos de construção e do desejo de traduzir com mais clareza, mais pureza e mais simplicidade os programas do nosso tempo.

Em todos os paises, mais ou menos, aqueles que não compreendiam a causa da nova expressão, os que só viam arte onde houvesse demonstração de habilidades ornamentais e decorativas e entre esses até alguns arquitectos a quem o meio e a educação, ou a conveniencia, faziam esquecer a finalidade máxima e fundamental da arquitectura, abriam um côro de protestos contra a arquitectura nova.

Por falta de argumentos convincentes, aproveitavam os protestantes o estado de espirito dos povos para a sua especulação oportunista.

Assim, em França dava resultado chamarem-lhe " boche "; na Alemanha alcunhavam-na de " bolchevista "; na Russia sovietica combatiam-na como " burguêsa "; em Portugal, primeiro, chamaram-lhe apenas " estrangeira " e mais tarde " internacionalista e bolchevisante " .

Argumentos seguros, rasoaveis, fundamentados, apoiados no resultado de exame serio da questão, nunca apareceram..

Para nós, latinos e portuguêses, vale a pena conhecer como é que um dos maiores estadistas do nosso tempo e precisamente o

chefe do primeiro Estado nacionalista que surgiu na Europa, procedeu a respeito da arquitectura moderna.

Mussolini, quando na Italia se levantou a polémica da arte moderna e a da arte chamada tradicionalista, que lá como cá andava à volta do " Barroco ", depois de deixar que a questão fosse debatida publicamente e até depois do Parlamento se terem ocupado largamente do assunto, resolveu estudar o problema e encerrou definitivamente a polémica chamando ao Palacio da Praça de Veneza os autores dos mais modernos edificios da Italia, a quem disse isto, que no dia seguinte era do conhecimento de todos os italianos:

" Chamei-os porque, depois do que foi dito nas duas Câmaras, não quero que haja a minima duvida sobre o meu modo de pensar. Quero precisar, de modo formal, que sou pela arquitectura moderna, pela arquitectura da nossa época.

Seria absurdo pensar que hoje não somos capazes de ter o nosso estilo de arquitectura; seria absurdo não querer uma arquitectura racional e funcional da nossa época.

A cada grande época correspondeu sempre uma arquitectura funcional, os monumentos de Roma que vamos pondo á vista respondiam às suas funções. Digam aos novos arquitectos que estão ainda na escola, que façam sua a minha divisa: " Não ter medo de ter coragem ". Não se trata de refazer o antigo, nem de copiá-lo. Eu darei ordem a todas as organizações, a todos os ministerios, a todas as repartições, para que só se façam construções da nossa época. Não quero ver casas dos Balilas ou do Fáscio com arquitectura do tempo de Dépetris. Digam-no e façam-no saber a todos ".

E a Italia de hoje, no capitulo de arquitectura, já dá, de novo, lições a todo o mundo.

A palavra do Duce conduziu a Italia, neste campo, ao bom caminho.

Em Portugal, tambem, se todos o quisermos não será dificil atingir, nos nossos dias, resultados satisfatorios, porque tenho medo de dizer brilhantes, não só no campo da Arquitectura como no da Arte em geral.

Simplesmente para o conseguir será necessario ter em consideração certas realidades.

Algumas, foram focadas com tal clareza por S. Exª. o Senhor Presidente do Conselho que vale a pena referi-las com as suas proprias palavras:

" Na transformação das condições economicas e sociais a que assistimos, o empobrecimento sucessivo das grandes familias de origem e tradição rural, ricas, estaveis, cultas, protectoras, por sentimento e necessidade, das elevadas creações do espirito, e cuja acção não pode ser substituida pela dos milionarios enriquecidos á pressa e empobrecidos outra vez por audaciosos jogos de bôlsa, só o Estado se nos apresenta com meios para substituir, ainda que deficientemente, os antigos Mecenas ou até os reis de outros tempos".

E, mais adeante diz ainda SALAZAR:

" As grandes obras constroem-se no silencio, e a nossa época é barulhenta, terrivelmente indiscreta; Hoje não se erguem catedrais, constroem-se estadios. Não se fazem teatros, multiplicam-se cinemas. Não se fazem obras, fazem-se

livros. Não se procuram idéas, procuram-se imagens. Por outro lado, os meios mecanicos - o fonografo, a telefonia, etc.,etc. - matam a produção, congelam-na. A vida é,assim, toda exterior, toda artificial. Por isso, entre artistas, só os arquitectos e os urbanistas teem cada vez mais que fazer ".

Destas palavras outra realidade resulta e essa diz principalmente respeito aos arquitectos, porque precisamente é da sua acção, e da sua interpretação do papel da arquitectura nos tempos de agora que tem forçosamente resultar a solução do nosso problema artistico.

Se, assim como se constroem edificios, nos quais as obras de arte quási não entram, considerarmos, como é logico, que elas são tão indispensaveis á Arquitectura, como os mais essenciais elementos da estrutura, se nos dispuzermos a reconhecer que a pintura, a escultura, as artes decorativas em suma, são os mais valiosos elementos da valorisação da obra de arte que é no fundo a obra util de Arquitectura, teremos conseguido reatar o verdadeiro caminho da Arte e a verdadeira tradição portuguêsa, neste campo.

Se todos os que seriamente nos preocupamos com estes problemas contribuirmos com o nosso esforço, com o nosso brio e com a nossa fé para a necessaria compreensão dos destinos a que a tendencia contemporânea da arquitectura poderá conduzir a Arte Nacional, teremos cumprido honradamente o nosso devêr de portuguêses, sem desmerecer das grandes ligões dos nossos antepassados, nem recear demasiado o julgamento dos nossos vindouros.

Permitam-me agora V. Exªs. que não termine estas importunas considerações sem lhes tirar alguns momentos, falando-lhes um pouco do caso que justifica a nossa reunião, hoje, aqui: a minha Igreja de Nossa Senhora de Fátima.

Como Português tenho um grande orgulho em poder afirmar que a sua realisação é obra exclusiva de portuguêses e que dentro das possibilidades da nossa industria e do nosso solo foi construida quasi só com materiais nacionais.

Todos ou quasi todos os presentes conhecem mais ou menos a historia desta obra e recordam-se ainda dos ataques que ela desencadeou durante o drama da sua construção. Todos sabem onde pretendiam chegar aqueles que sob o rotulo dum puritanismo catolico ou dum puritanismo artistico punham demasiado à mostra as suas intenções.

Alguns houve que me combateram de boa fé e a esses é com satisfação que no fim da jornada lhes estendo sem reservas a minha mão. Manda a boa moral cristã que a estenda tambem aos que me combateram deslealmente e de má fé.

A todos respondo que só lamento ter que verificar que nunca de nenhum veio a mais insignificante colaboração util para a solução do problema de que eu era o responsavel.

A colaboração, a boa, aquela que excedeu tudo quanto eu esperava e quanto no meu desejo de bem servir aspirava, veio dos que deram um esforço efectivo para a realisação da obra, dos que procuraram meter-se dentro da idéa e com a sua inteligencia e o seu talento e a sua boa-vontade procuraram honestamente aperfeiçoa-la, ajudando-me a levá-la até ao fim.

Quanto a esses não poderia eu deixar de lhes manifestar a minha gratidão, porque lhes devo o melhor da minha obra que eles

com razão e por direito proprio devem tambem considerar a sua.

O primeiro, por todos os titulos, foi Sua Eminencia o Senhor Cardeal Patriarca de Lisboa que com o seu espirito largo, a sua enternecedora bondade, a sua excepcional inteligencia e a sua incontestavel coragem, foi o principal obreiro da primeira tentativa de renascimento da arte religiosa em Portugal.

Sua Eminencia merece de V. Ex^as. os mais calorosos aplausos desta noite.

Durante a preparação do projecto foi, meu precioso colaborador instruindo-me sobre o programa de ordem liturgica o unico estrangeiro que interveio de modo efectivo na realisação da nova Igreja.

Pelo coração este estrangeiro é quasi português. O seu valor como artista ultrapassa os limites do seu convento e espalha-se por todo o mundo catolico e artistico. Pelo muito que o seu nome tem sido falado em Portugal, já todos sabem quem é Dom Martin, por isso julgo desnecessario fazer a sua apresentação.

Por tudo quanto fez em prol do levantamento da arte religiosa moderna em Portugal, Dom Martin é credor dos nossos aplausos.

Quanto a dados de ordem liturgica ajudou-me ainda com a sua vasta cultura religiosa e o seu espirito decididamente aberto á arte moderna um dos espiritos mais elegantes e delicados de padre e de português que tenho conhecido até hoje e a quem eu testemunho neste momento a minha gratidão : Monsenhor Pereira dos Reis.

Na preparação do projecto não posso deixar de destacar aquele que em muitas circunstancias tem sido o meu mais precioso e leal colaborador e a quem eu não posso nunca referir-me sem uma grande ternura pelo muito que admiro o seu talento de artista e as suas

invulgares qualidades de caracter. Este, porem, está demasiado ligado á minha pessoa para que possa referir-me a ele mais largamente sem me tornar suspeito aos olhos de V. Exªs.. Limito-me a focá-lo à vossa simpatia com a simples indicação do seu nome: o Arquitecto Rodrigues Lima.

Trabalharam tambem no projecto da minha igreja, então ainda alunos da Escola de Belas Artes e hoje arquitectos que começam a dár provas do seu real valor: João Faria da Costa, arquitecto-urbanista; Antonio Martins e Fernando Batalha, actualmente em Luanda.

Durante a construção, muitos foram os meus colaboradores entre tecnicos, artistas, industriais e operarios, dos quais não posso deixar de destacar alguns.

E' justo pôr à cabeça aquele que desde o inicio mais me auxiliou e que acompanhou todas as obras até final. À sua leal cooperação, à sua honestidade, à sua competencia, ao entusiasmo que sempre demonstrou e soube transmitir aos outros e ao espirito de sacrificio de que deu provas eu presto as justas homenagens de que é absolutamente merecedor. Dos tecnicos que sob a minha direcção trabalharam ele ocupa o primeiro lugar no meu reconhecimento. Só lhe peço que me perdôe alguns maus bocados que por minha culpa tenha passado. Dele não posso deixar de dizer que foi em todo o sentido o construtor, o mestre das obras e o verdadeiro coordenador do trabalho dos fornecedores e operarios. Pelo que fez é bem merecedor do meu elogio o construtor Diamantino Tojal.

Na parte tecnica de caracter superior e especial dois nomes tenho o dever de destacar: o do engenheiro que calculou e construiu as

fundações em tão mau terreno e das quais depende a principal segurança de todo o sistema da construção, e, o do engenheiro que calculou e construiu toda a obra de estrutura geral de cimento armado da qual depende a duração da nova igreja. São qualquer deles dois mestres e dois nomes de primeiro plano na engenharia portuguêsa. O primeiro, verdadeiro monge da sua especialidade, a quem o nosso país muito deve no campo da tecnica, é o engenheiro Ricardo Teixeira Duarte; o outro o engenheiro José Belard da Fonseca.

Entre os industriais e fornecedores que colaboraram nesta obra devo salientar alguns nomes que merecem ser considerados entre os mais representativos na industria nacional.

Um, o do mestre vidreiro que executou toda a obra de vitral que decora as numerosas aberturas da igreja. Este homem modesto, acanhado, beneditino da sua profissão, que lucta heroicamente para manter a continuidade desta tradição gloriosa que é a de pintar com a luz, merece que o Estado olhe para o seu esforço e que não deixe fechar essa exemplarissima escola de artisanato que é a sua oficina. O Estado por um lado e os arquitectos por outro devem procurar evitar a bem da Arte e da Nação, que por falta de trabalho desapareça a ultima verdadeira oficina de vidreiro existente no Mundo e que Portugal tem a gloria de possuir. Esse artista-industrial que executou brilhantemente toda a obra de vitral e de mosaico da minha igreja é o mestre Ricardo Leone.

Outro nome de industrial que eu tenho o dever de apontar à simpatia de V. Ex^as. é o daquele que nas suas oficinas fez toda a obra de metal espalhada pela igreja. Obra de cobre, obra de aluminio, de aço inoxidavel e de ferro forjado que se pode colocar sem receio ao

lado da que tem feito a fama universal dalguns ferreiros franceses e espanhoes. Quem tiver tido o necessario espirito de observação para apreciar durante alguns minutos as lampadas de cobre do altar mór ou a porta de ferro do Baptistério é instintivamente levado a reconhecer que tem na sua presença obras que constituem titulos de orgulho profissional para quem as executou e de honra para a industria nacional. Devem-se esses e outros trabalhos da igreja ao industrial snr. Julio Ferry Borges.

Toda a obra de estuque, verdadeira arte portuguesa, ou em que os portugueses são ainda hoje os primeiros em todo o mundo foi executada sob a direcção do mestre de estucadores Osorio Soeiro.

A pintura industrial, primorosamente executada e que tanto me ajudou a defender e a valorisar a minha obra constitue um justo titulo de competencia e de saber profissional do mestre Domingos Souto.

Outra obra importante e que largamente contribue para a valorisação da igreja é a do trabalho de pedra. Uma das partes mais belas é sem duvida o friso dos Apostolos sobre a entrada principal. Este trabalho primoroso foi feito numa das mais antigas oficinas de Lisboa, pela qual teem passado todos os nossos melhores estatuários. Não há um artista que não fale com respeito do homem que é verdadeiramente mestre nessa oficina, o snr. Antonio Maximo Ribeiro.

Todos os revestimentos de marmore e uma parte da obra de escultura foi trabalhada nas oficinas duma empresa que já não existe e da qual faziam parte, com alguns amigos, pessoas da minha familia e foi continuada e concluida precisamente por esses mesmos pessoas. Permitam-me, pois V. Ex^as. que passem em claro os seus nomes e que apenas diga que considero ainda toda essa obra como consequencia

feliz do impulso dado à industria nacional da pedra pelo espirito empreendedor dum modesto operario para quem vae toda a minha ternura de filho.

Permitam agora V. Ex^as. que diga algumas palavras sobre os artistas que me dêram a sua preciosa colaboração.

Ninguem estranhará decerto que comece por aquele cuja colaboração foi mais extensa. No vitral, no mosaico, na pintura mural e até no ferro, o seu talento produziu obras que o colocam definitivamente no primeiro plano dos renovadores e dos impulsionadores da arte nacional. Já disse publicamente que esse artista foi nesta obra o meu colaborador numero um. Repito-o sem hesitações. Pela colaboração que me deu, pelo muito que enobreceu e valorisou a minha obra, eu testemunho mais uma vez a minha admiração e o meu reconhecimento àquele a quem o meu colega Cottinelli Telmo chamou o mais arquitecto dos pintores portugueses, o pintor Almada Negreiros.

Na pintura, dois artistas, ainda, contribuiram com obras magnificas, que os colocam em lugar de honra no culto da pintura mural. Um, mestre consagrado, professor, autor dessa dramatica Via Sacra que liturgica, espiritual e artisticamente dá mais expressiva religiosidade cristã à minha igreja. Pintor de fresco como o foram os grandes mestres da Idade Média, é bem o " mestre " de que o nosso tempo necessitava, para que os discipulos enriqueçam o pais com a mais arquitectural das manifestações da pintura. Quasi seria desnecessario pronunciar perante V. Ex^as. o nome do pintor Henrique Franco.

Outro, dos mais novos da nossa terra, pode, pela obra que fez, ser sem receio colocado no grupo dos precursores do renascimento da pintura mural no nosso Pais. Nunca poderei esquecer o entusiasmo, a

probidade, e o cuidado com que executou a obra de pintura que em boa hora lhe foi confiada e com a qual conquistou pelo seu talento justos direitos à consagração. E' credor da minha gratidão por tão preciosa colaboração o pintor Lino Antonio.

Nos escultores, de cuja colaboração eu ainda necessito para concluir a minha igreja, figuram nomes dos mais ilustres da nossa terra e alguns que ultrapassam as nossas fronteiras. Sem favor, nem injustiça, há um que não posso deixar de colocar á cabeça do grupo. A obra que realisou e de cujo resultado eu tinha a certeza antecipada, figurará para todo o sempre no grupo das mais belas realisações da escultura portuguêsa. A obra de maior responsabilidade dentro do conjunto tinha que lhe ser necessariamente confiada, e ela, logo á entrada da igreja, dominando toda a fachada e atraindo-nos pelo seu vigor, pelo seu ritmo, pela sua escála, pela sua expressão e pela sua beleza é o mais valioso elemento arquitectónico de toda a minha composição. Esse friso dos Apostolos que há-de dar que fazer aos estudiosos das Belas Artes, é obra do escultor incomparavel que é Francisco Franco.

Na fachada da igreja, isolada num cunhal e destacando-se simbolicamente no ceu, mas dirigindo-se para a terra, para os homens, a imagem de Nossa Senhora de Fátima, constitue o motivo indispensavel na composição para caracterisar a invocação da igreja. Essa estatua simples, arquitectural, demonstra o poder de concepção do artista que a creou e a sua perfeita compreensão do espirito da arquitectura, compreensão de que só vamos encontrar exemplos perfeitos no gótico. E' seu autor o escultor Antonio da Costa.

No interior da Igreja, a Imagem de Nossa Senhora de Fátima, o retabulo da Capela Mortuaria e a Imagem de S. João Baptista, sobre

a pia baptismal, constituem outra admiravel demonstração do valor dos nossos escultores. Estas tres obras, correspondem a outras tantas preciosidades artisticas que hão-de figurar no catalogo das obras primas nacionais e à cabeça delas, como joia e obra que há-de emparceirar com as mais afamadas na arte portuguesa, a da estatua de S. João Baptista. E' seu autor o meu mais assiduo colaborador a quem admiro desde os primeiros anos na Escola de Belas Artes, o escultor e professor Leopoldo de Almeida.

Obras mais modestas pelo seu volume, mas preciosas pelo seu valor artistico são ainda algumas outras que passam mais desapercebidas aos visitantes e que por isso mesmo merecem especial referencia.

O crucifixo do altar mór, admirável na sua significação e cheio daquele espirito que constitue o mais honroso titulo dos artistas dos primeiros tempos da Idade Média é obra do escultor Barata Feio.

A porta do Sacrário, bem como a Imagem de Santa Teresinha, na respectiva capela do lado da Epistola são duas obras em que o seu autor se apresenta como uma das esperanças da nossa escultura e que lhe impõem já pela sua qualidade, já pelo nome que usa, o dever de não deixar de confirmar. São obra do escultor Anjos Teixeira, filho.

A Imagem de Santo Antonio, numa das capelas do lado do Evangelho é mais uma manifestação do talento do seu autor. Obra d'arte de tal pureza que se diria ter sido executada com o mosaico que lhe serve de fundo e com a arquitectura que a enquadra, duma só peça ou por um unico artista. O caracter tão religioso e a expressão tão portuguesa desta imagem, dificilmente encontrariam quem melhor as

traduzisse. Na sua humildade e na sua modestia excessiva mostrou com a sua obra, mais uma vez, quanto é grande, o estatuário que a fez, o escultor Raul Xavier.

No campo puramente artistico, nou poude, infelizmente, ser maior o numero dos meus colaboradores.

Há contudo um grupo de homens que merecem ainda especial referencia, pelo valor profissional que demonstraram. Simples operarios, trabalhadores manuais, desconhecidos, verdadeiros Cirineus que guardam na sua alma o entusiasmo dos artifices doutros tempos, nunca eu poderia deixar de lhes significar o meu reconhecimento e a minha admiração.

A obra da minha Igreja deu-me mais uma vez ocasião de verificar o valor do nosso operario, pelo contacto que durante uns poucos de anos tive com eles mais directamente do que eles proprios poderiam supôr.

Vitralistas, mosaistas, canteiros, serralheiros, pedreiros, carpinteiros e marceneiros, estucadores, pintores, electricistas e tantos outros distinguiram-se como operarios de primeira categoria e dos melhores do mundo, a quem com justiça são devidas as nossas melhores homenagens.

Como exemplo do valor profissional, a seguir pelos que ao abraçar um oficio aspirem a ser mais alguma coisa do que um simples orgão automatico e impessoal, cito alguns dos que mais se destacaram e cujos nomes devian ficar gravados nas paredes da minha igreja:

João Fortunato	encarregado geral
Mario Costa	pintor-vidreiro
Augusto Leone	mosaista-vidreiro
João Afonso	carpinteiro

Antonio Pereira	serralheiro
Joaquim Tormenta	serralheiro
Antonio Moreira	canteiro ponteador
José Raimundo	canteiro ponteador

Cumprido este dever de salientar os nomes dos meus principais colaboradores não tenho o direito de tirar nem mais um minuto a V. Ex^as. e por isso, só me resta afirmar-lhes os meus sinceros agradecimentos, pela oportunidade que me deram de prestar justiça a quem merece.

Sem eles eu nada poderia fazer.

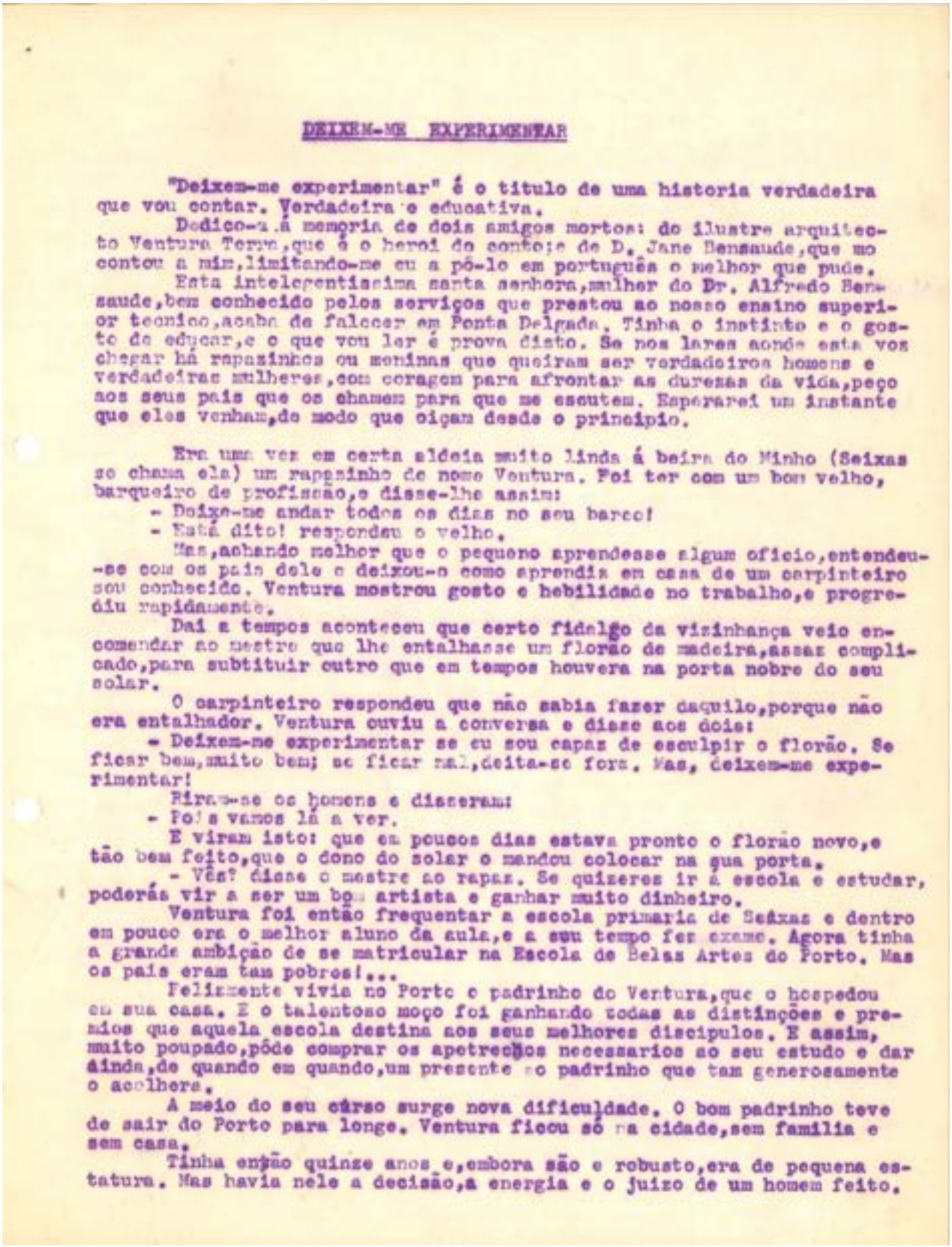
Por mim sinto-me feliz por ter chegado ao fim da jornada com a consciencia tranquila e a convicção de ter cumprido o meu dever de arquitecto e de português. E quem cumpre o seu dever não merece homenagens.

Contudo, quem as promoveu e nelas participou merece ainda que eu cumpra este dever de lhes testemunhar o meu reconhecimento pelo prazer que me deram de os sentir hoje á minha volta e pelo consolo que me deram de apreciar a vossa amizade, a vossa simpatia e a vossa generosidade para comigo.

Por isso termino pedindo a todos que guardem a certeza do meu agradecimento que eu só posso exprimir com estas palavras tão portuguesas : Obrigado, muito obrigado.

Documento 38.05

CAMPOS, Dr. Agostinho - Palestra proferida na Emissora Nacional. Lisboa: [Documento dactilografado do Espólio PMA], Maio de 1938.



DEIXEM-ME EXPERIMENTAR

"Deixem-me experimentar" é o titulo de uma historia verdadeira que vou contar. Verdadeira e educativa.

Dedico-a á memoria de dois amigos mortos: do ilustre arquitecto Ventura Terra, que é o heroi do conto; e de D. Jane Bensaude, que mo contou a mim, limitando-me eu a pô-lo em portuguêa o melhor que pude.

Esta intelegentissima santa senhora, mulher do Dr. Alfredo Bensaude, bem conhecido pelos serviços que prestou ao nosso ensino superior tecnico, acaba de falecer em Ponta Delgada. Tinha o instinto e o gosto de educar, e o que vou ler é prova disto. Se nos lares aonde esta voz chegar há rapazinhos ou meninas que queiram ser verdadeiros homens e verdadeiras mulheres, com coragem para afrontar as durezas da vida, peço aos seus pais que os chamem para que me escutem. Esperarei um instante que eles venham, de modo que oiçam desde o principio.

Era uma vez em certa aldeia muito linda á beira do Minho (Seixas se chama ela) um rapazinho de nome Ventura. Foi ter com um bom velho, barqueiro de profissão, e disse-lhe assim:

- Deixe-me andar todos os dias no seu barco!

- Está dito! respondeu o velho.

Mas, achando melhor que o pequeno aprendesse algum oficio, entendeu-se com os pais dele e deixou-o como aprendiz em casa de um carpinteiro seu conhecido. Ventura mostrou gosto e hebilidade no trabalho, e progrediu rapidamente.

Dai a tempos aconteceu que certo fidalgo da vizinhança veio encomendar ao mestre que lhe entalhasse um florão de madeira, assaz complicado, para subtituir outro que em tempos houvera na porta nobre do seu solar.

O carpinteiro respondeu que não sabia fazer daquilo, porque não era entalhador. Ventura ouviu a conversa e disse aos dois:

- Deixem-me experimentar se eu sou capaz de esculpir o florão. Se ficar bem, muito bem; se ficar mal, deita-se fora. Mas, deixem-me experimentar!

Riram-se os homens e disseram:

- Pois vamos lá a ver.

E viram isto: que em poucos dias estava pronto o florão novo, e tão bem feito, que o dono do solar o mandou colocar na sua porta.

- Vês? disse o mestre ao rapaz. Se quiseres ir á escola e estudar, poderás vir a ser um bom artista e ganhar muito dinheiro.

Ventura foi então frequentar a escola primaria de Seixas e dentro em pouco era o melhor aluno da aula, e a seu tempo fez exame. Agora tinha a grande ambição de se matricular na Escola de Belas Artes do Porto. Mas os pais eram tam pobres!...

Felizmente vivia no Porto o padrinho do Ventura, que o hospedou em sua casa. E o talentoso moço foi ganhando todas as distinções e premios que aquela escola destina aos seus melhores discipulos. E assim, muito poupado, pôde comprar os apetrechos necessarios ao seu estudo e dar ainda, de quando em quando, um presente ao padrinho que tam generosamente o acolhera.

A meio do seu curso surge nova dificuldade. O bom padrinho teve de sair do Porto para longe. Ventura ficou só na cidade, sem familia e sem casa.

Tinha então quinze anos e, embora são e robusto, era de pequena estatura. Mas havia nele a decisão, a energia e o juizo de um homem feito.

Sabendo que em certo colegio vagara o lugar de professor de desenho ofereceu-se por carta. O director do colegio pediu informações ao da Escola de Belas Artes:

- É dos melhores alunos que tenho tido - foi a resposta.

Mas quando o director do colegio viu diante de si o pretendente ficou admirado do seu aspecto quasi infantil.

- Como quere você,com essa idade,esse corpo e essa cara de criança dar lições a rapazes da sua idade ou pouco menos? Não pode ser. Tenha paciencia.

- Deixe-me experimentar! implorou Ventura,sem se lembrar talvez de ter dito essas mesmas palavras,anos antes,quando vieram encomendar ao seu mestre carpinteiro o florão de madeira.

- Mas os seus discipulos vão jogar a bola com o mestre....

- Deixe-me experimentar,um dia só que seja! insistiu o pobre rapaz.

O director comovido cedeu. No dia seguinte,á hora exacta,entrava o aflito Ventura Terra a dar aula pela primeira vez.

Grande tourada com previra o director.

- Que vem ca cheirar este miudo? berravam os alunos maiores.

Mas o miudo era um homem e respondeu-lhes assim:

- Meus amigos,não venho hoje para vos dar lição. Quero apenas contar-vos uma historia. Ouvi-me primeiro e depois falareis.

Com aquela voz calma e firme que conservou até á morte,Ventura expôs a sua situação. Se aqueles rapazes o não aceitassem para mestre , força-lo-iam a pôr de parte a carreira começada. Queria ser arquitecto e da vontade deles dependeria a sua vida futura. Se lhe não ouvissem as lições perderia anos de esfôrço e voltaria a ser carpinteiro.

Os rapazes afinal não eram maus. Escutaram. Compreenderam. Prometeram. E deixaram-no experimentar.

O seguimento foi o melhor que se possa imaginar. Mestre e alunos entenderam-se e estimaram-se. Uns poucos de anos ensinou Ventura Terra naquele colegio e assim foi completando o seu curso.

Um belo dia abriu-se concurso para uma bolsa de estudo de arquitectura em Paris. Ventura disse decerto lá consigo:

- Deixa-me experimentar!

Era o melhor aluno da escola. A sua prova teve a mais alta classificação. E o moço arquitecto lá partiu para França. Á estação foram os seus antigos alunos despedi-lo:

- Boa viagem,Ventura! Boa viagem,Ventura!...

A locomotiva apitou. Acenando o adeus,os lenços brancos dos rapazes diziam:

- Deixem-no experimentar!...

Três anos depois recebia o moço português o seu diploma de arquitecto do Governo francês;e o seu professor de Paris,o ilustre Laloux, disse-lhe assim:

- Meu amigo:naturalize-se francês,e eu consiguirei obetr-lhe o premio de Roma.

O premio de Roma dá-se em França apenas aos melhores dos melhores. Quem o alcança vai viver em Roma uns poucos de anos,num palacio historico,rodeado de jardins magnificos e ali sem preocupações de dinheiro,completa e aperfeiçoa a sua educação,vendo e estudando as maravilhas de arte classica,de que está cheia a capital latina.

A oferta do arquitecto Laloux ao seu aluno português era tentadora; e alguns do qque estao ouvindo esta historia verdadeira pensam já ter adivinhado que Ventura Terra disse consigo.

- Deixa-me experimentar ...

Mas o que êle disse consigo e repetiu a Laloux foi muito melhor do que isso,e foi tal e qual o que ides ouvir!

- Querido mestre:se eu me naturalizar francês,deixo de ser português. Se obtiver o prémio de Roma,ao voltar de Itália terei de ficar em França. Ora,eu vim para França graças a uma pensão do Govêrno Português. Fui beneficiado e pago para servir Portugal.

A França é Nação grande e rica,onde as artes florescem mais do que em muita outra parte. Se eu aqui ficasse,dentro em pouco seria riquíssimo. Mas eu contraí para com a minha Pátria uma dívida sagrada, e tenho de satisfazê-la honradamente.

Voltando para Portugal,o jovem arquitecto cumpriu o seu dever, trabalhou dignamente,serviu e honrou a sua terra. Segundo planos seus e sob a sua direcção,começou a reconstruir-se em Lisboa o edifício do Parlamento,que se havia incendiado. Dois dos edifícios liceais de capital - o de Camões e de Pedro Nunes - são também obras suas. Por todo o País se encontram palácios,hotéis,residências cujos planos se devem à sua perícia.

Assim trabalhando sempre e amoroso da sua arte,Ventura Terra chegou à abastança. Morreu cêdo,com pouco mais de 50 anos,e o seu testamento foi digno da sua nobre vida. Legou bens importantes à Nação, para se enviarem a estudar fora dela alunos pobres distintos das Belas Artes. Lembrou-se antes de morrer,do que êle próprio sofrera para estudar. Foi óptimo artista e cidadão excelente.

Como principiou a sua carreira?

Como podem começá-la todos os que,tendo vontade de progredir e confiança no próprio amor do trabalho e na própria energia,saibam dizer a tempo e horas:

- Deixem-me experimentar!

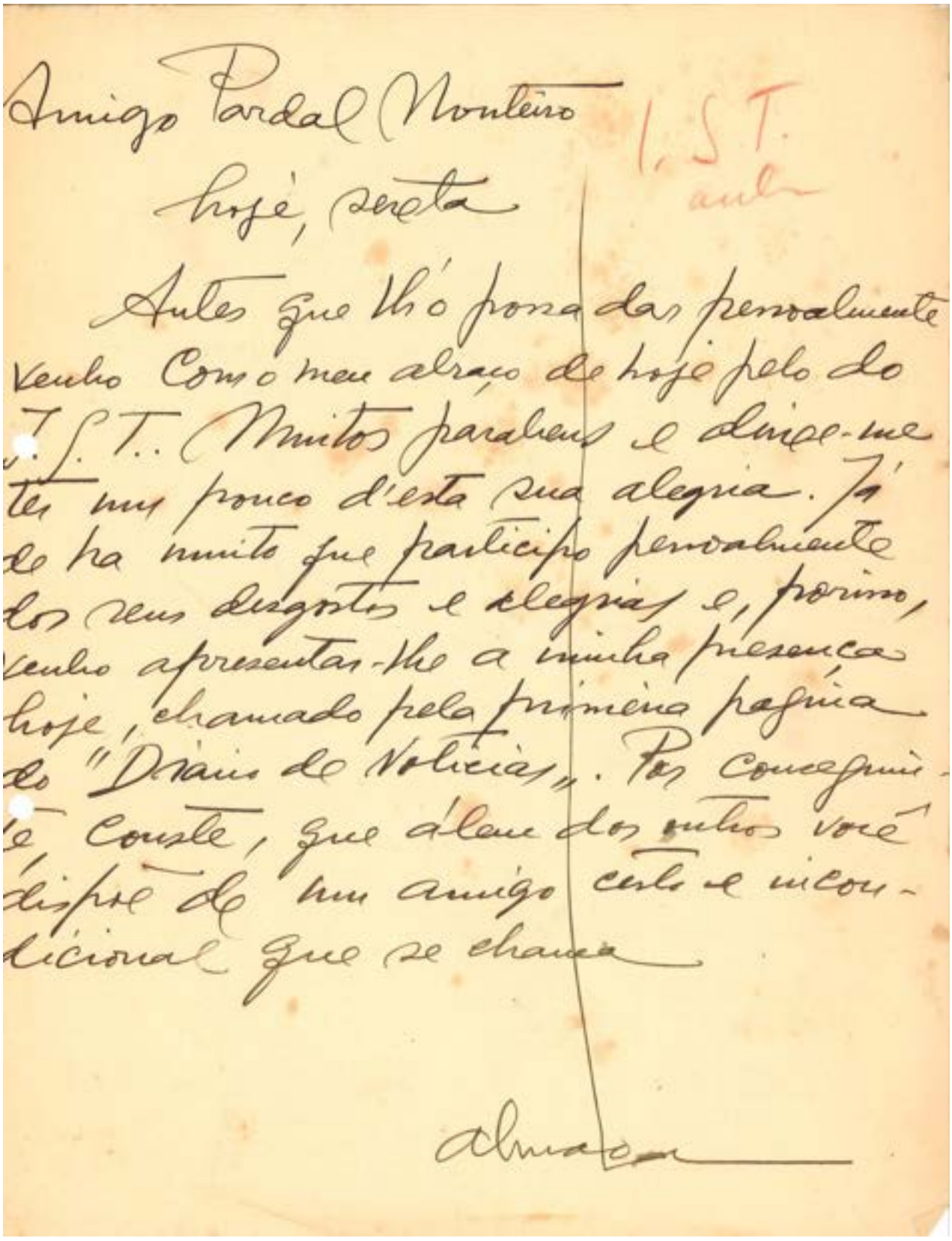
Palestra proferida no dia 19 de Maio de 1938

Pelo Exmº Snr. Dr. Agostinho de Campos,ao

microfone da Emissora Nacional

Documento 39.01

NEGREIROS, Almada - Carta a PPM. Lisboa: [Documento do Espólio PMA], [193?].



Amigo Pardal Monteiro

I. S. T.

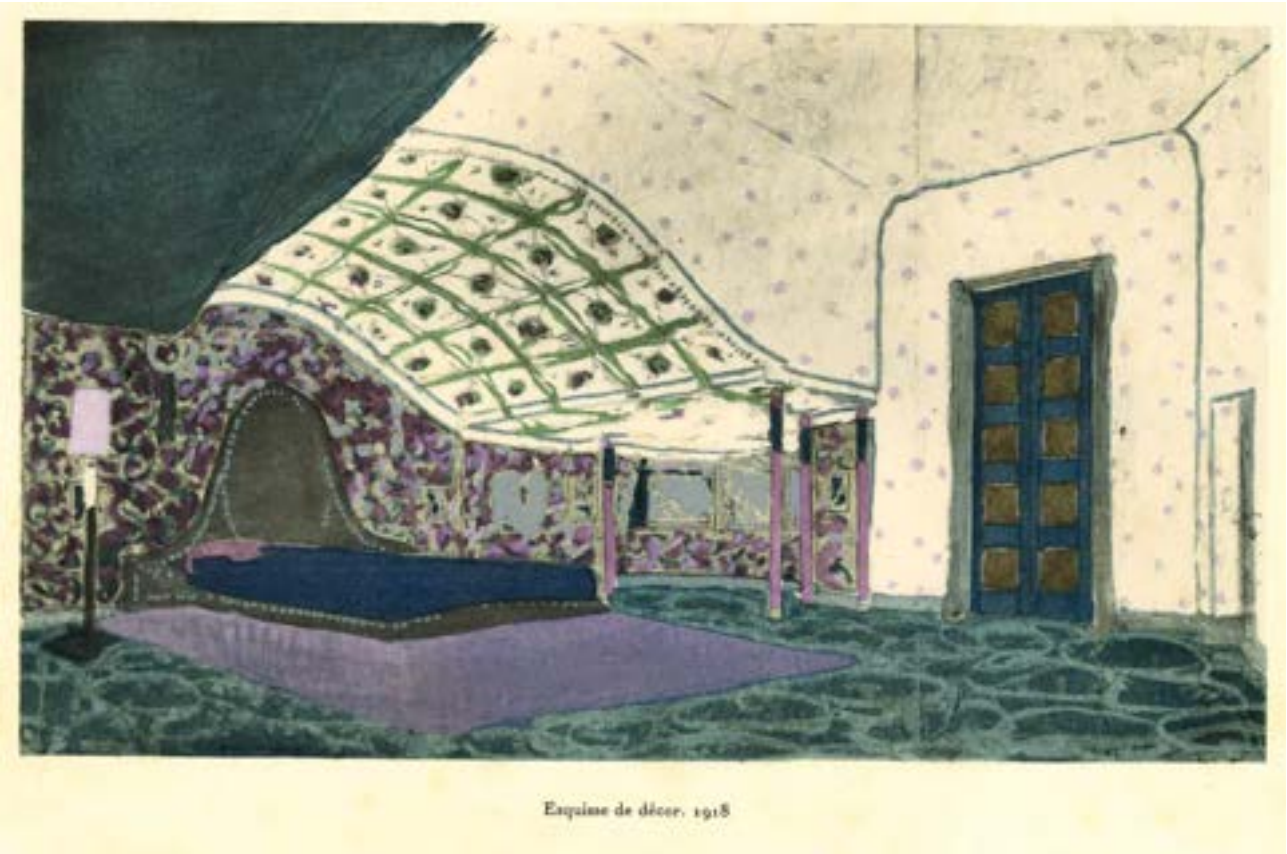
Hoje, certa

Antes que lhe ponha as pensamentes
venho com o meu abraço de hoje pelo do
I. S. T.. Muitos parabens e dizer-me
tem um pouco d'esta sua alegria. Já
de ha muito que participo pensamente
dos seus desgostos e alegrias e, porimo,
venho apresentar-lhe a minha presença
hoje, chamado pela primeira pagina
do "Diario de Noticias". Por conseguinte
é certo, que além dos outros você
dispõe de um amigo certo e incon-
dicional que se chama

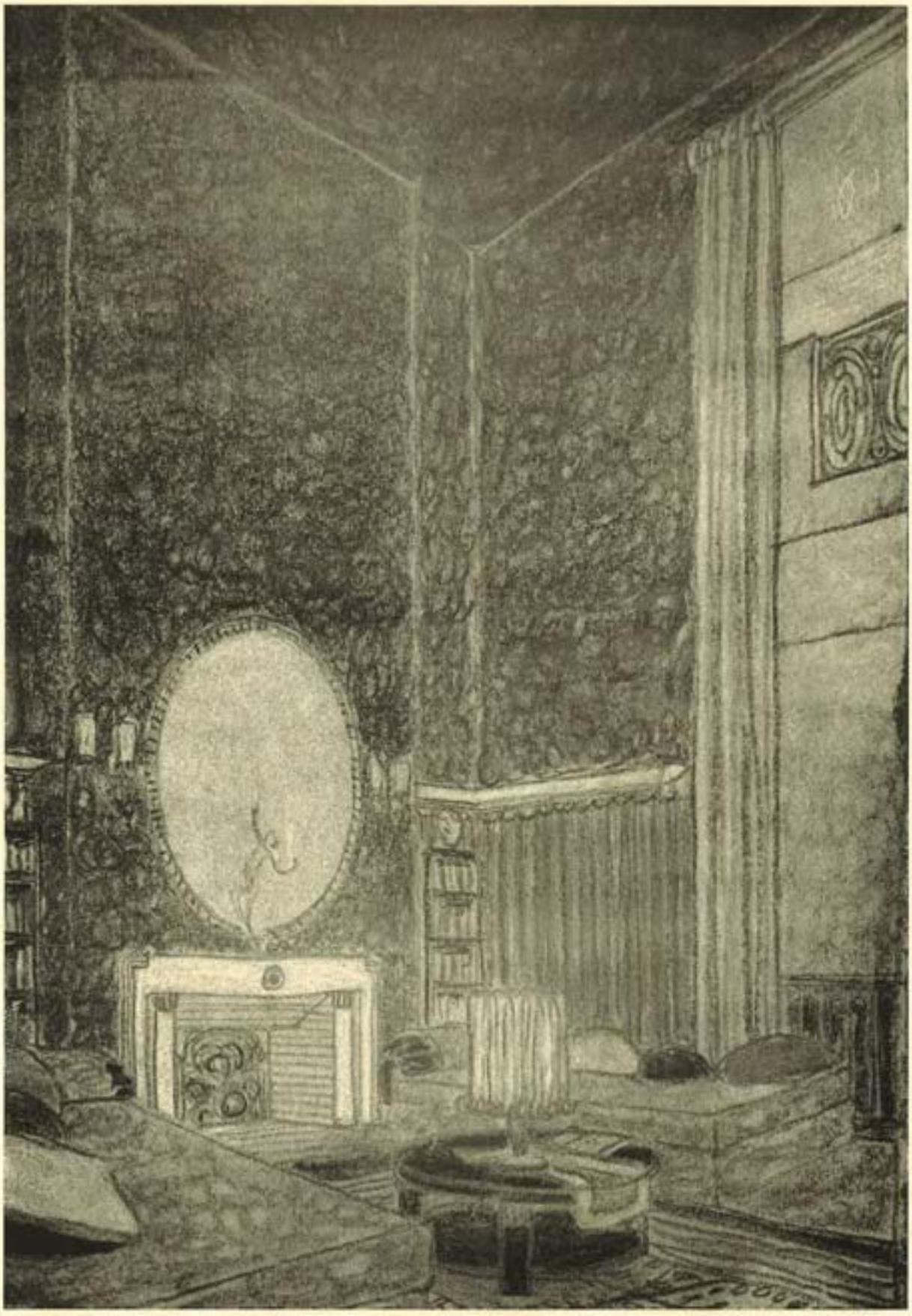
Almada

Documento 39.02

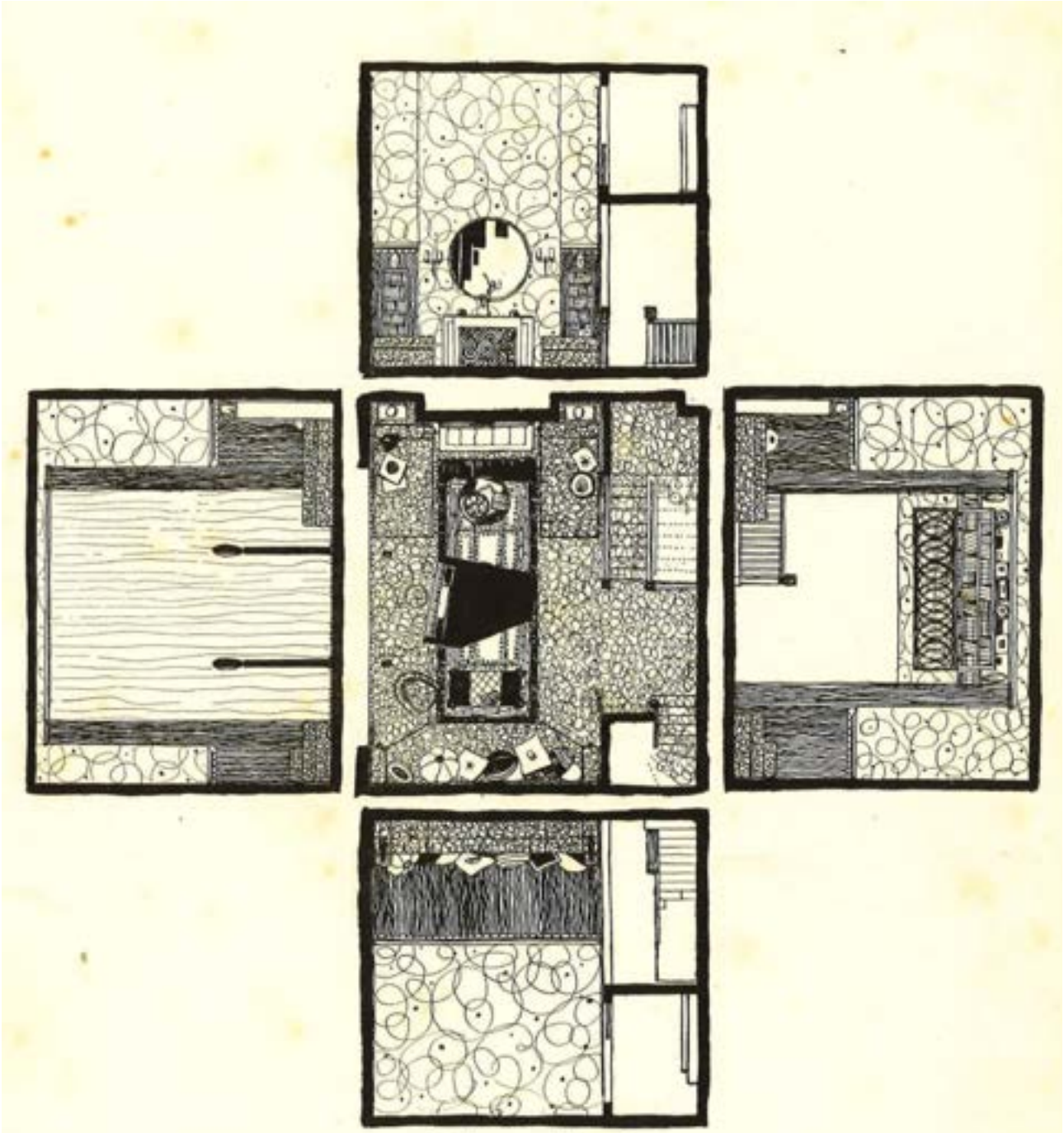
BADOVICI, Jean - “Harmonies” Intérieurs de Ruhlmann- Documentd D’Architecture. Paris: Éditions Albert Morancé, [193?].



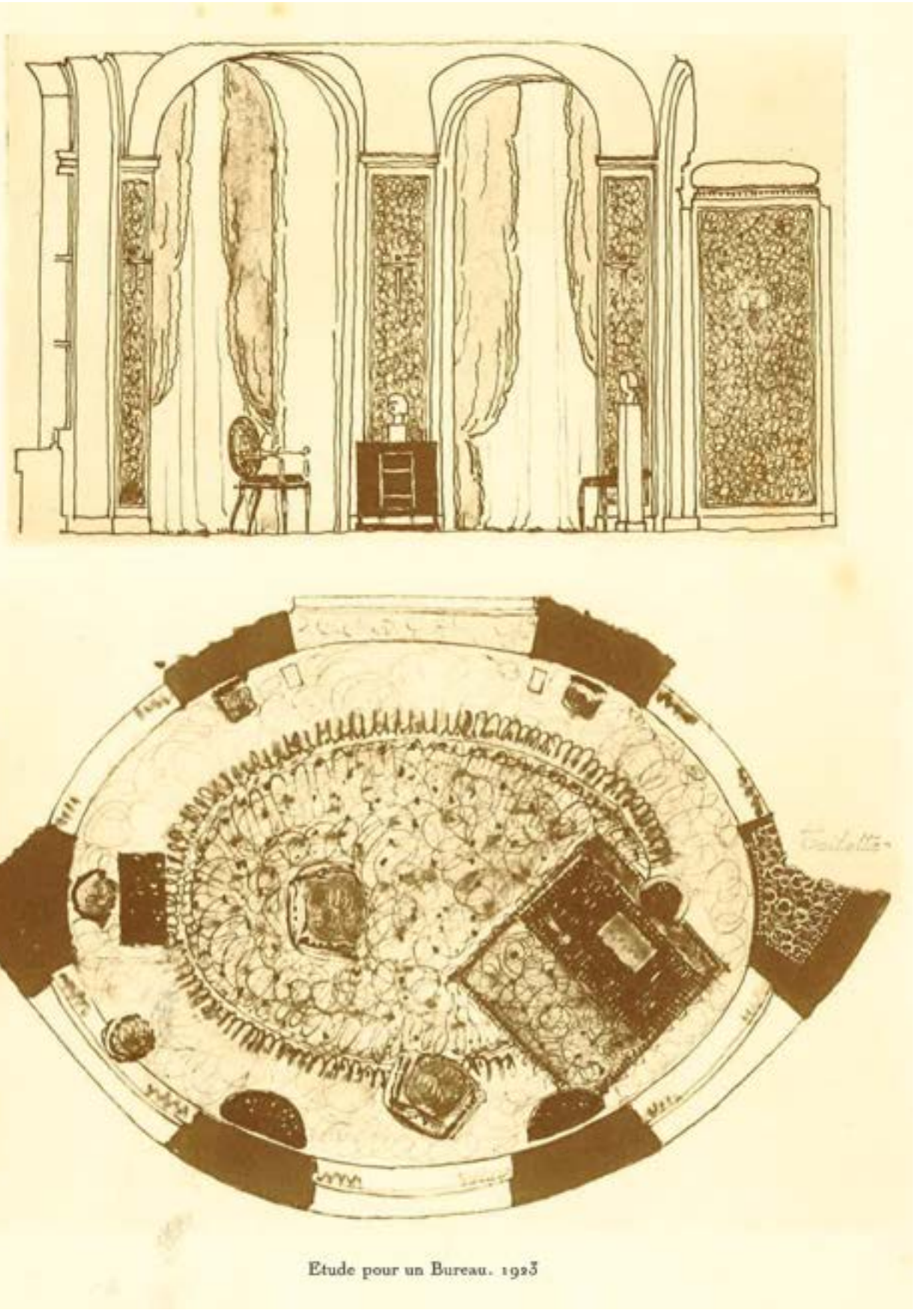
Esquisse de décor. 1918



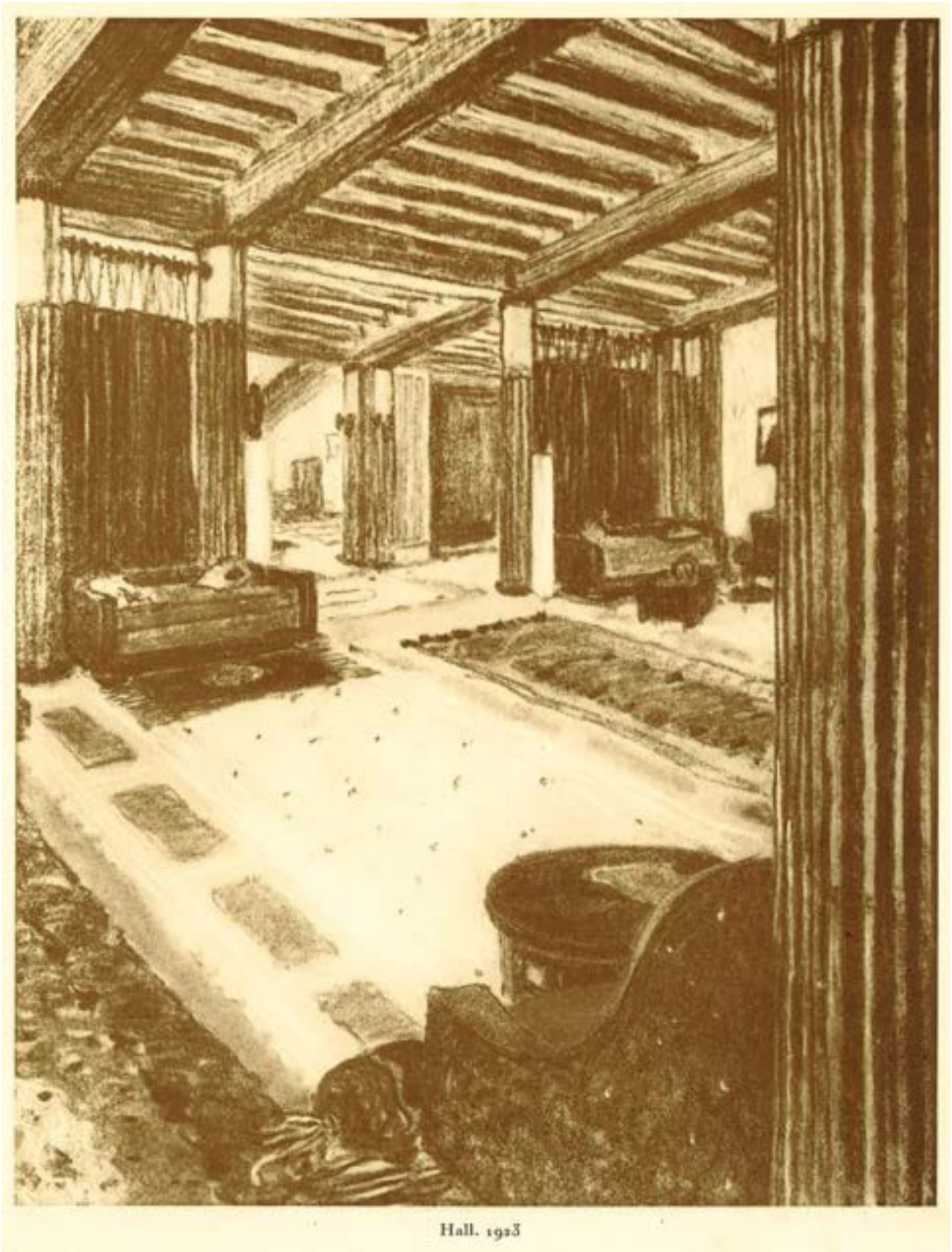
Hall. 1923



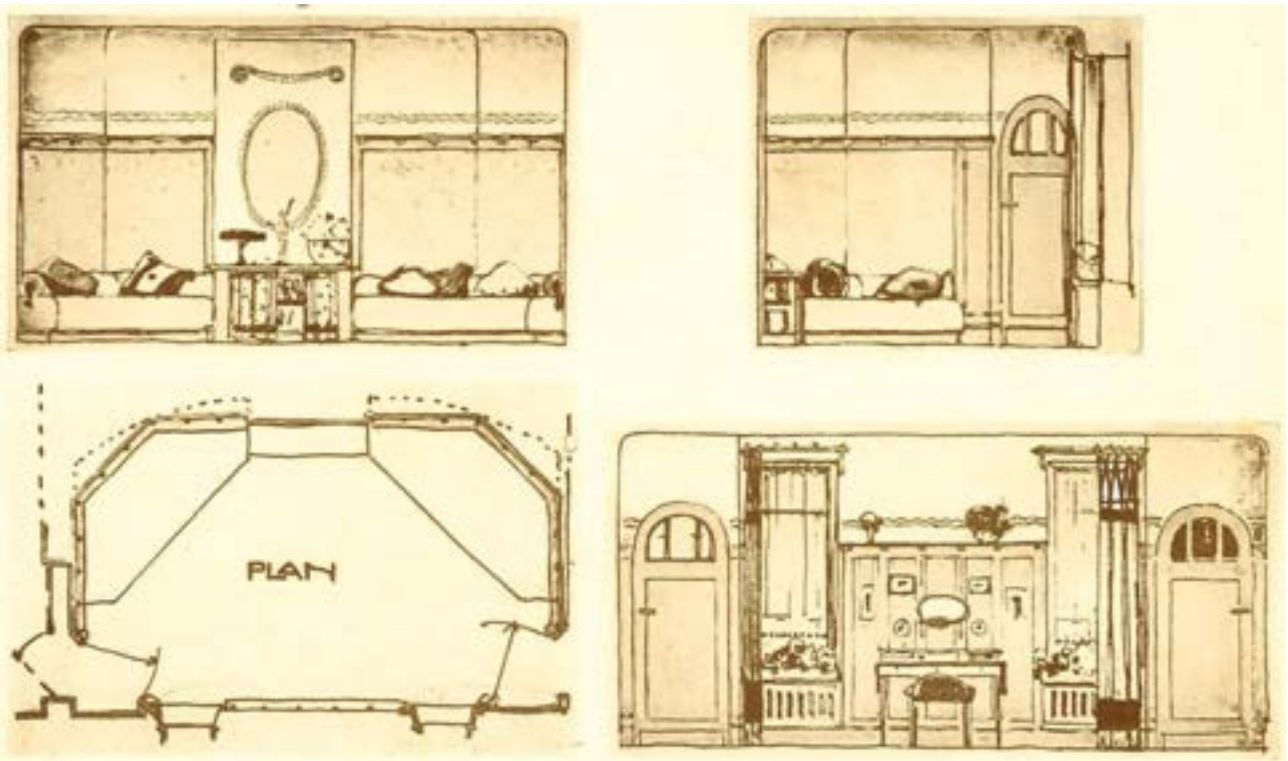
Étude pour un hall. 1923



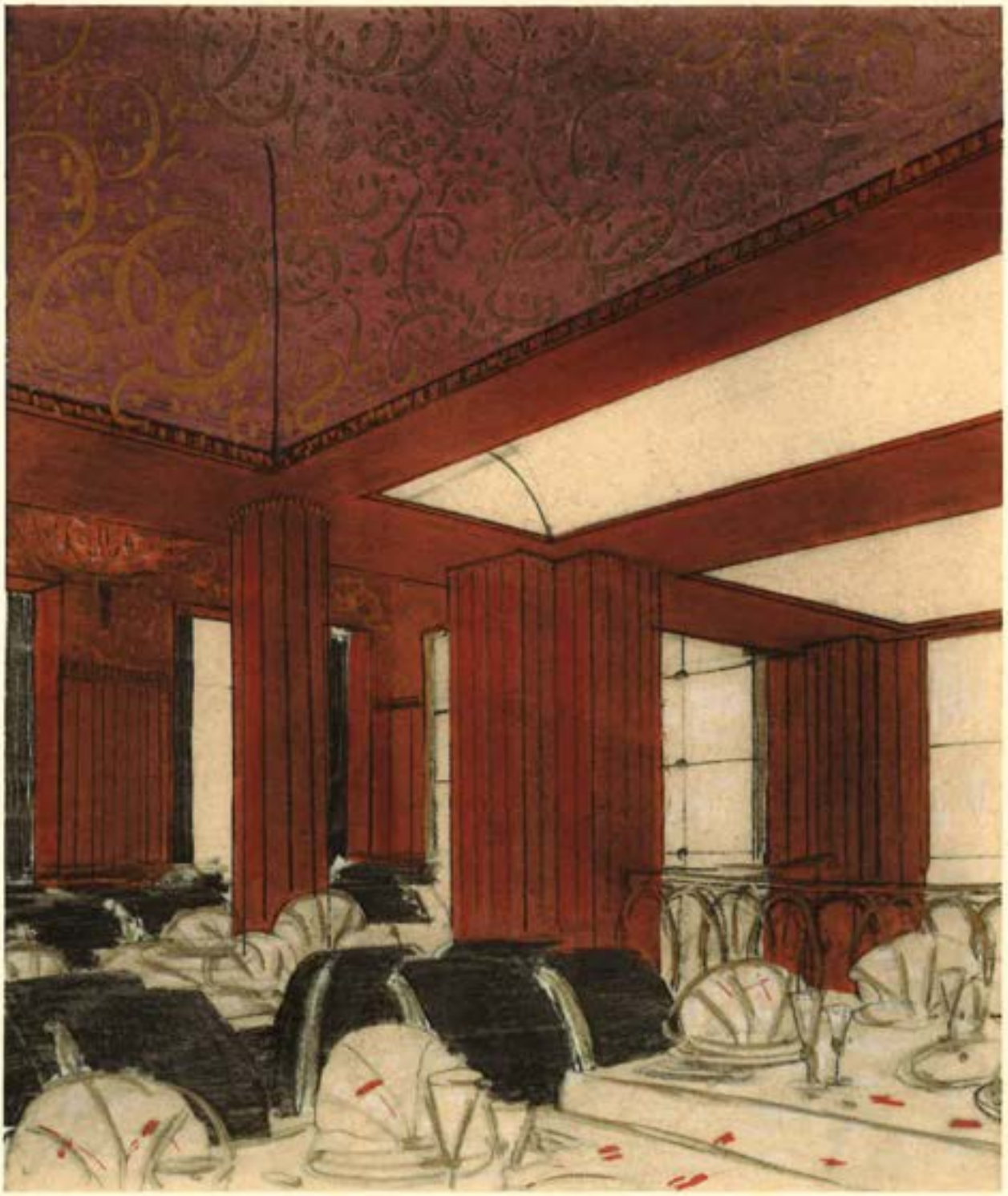
Etude pour un Bureau. 1923



Hall. 1923



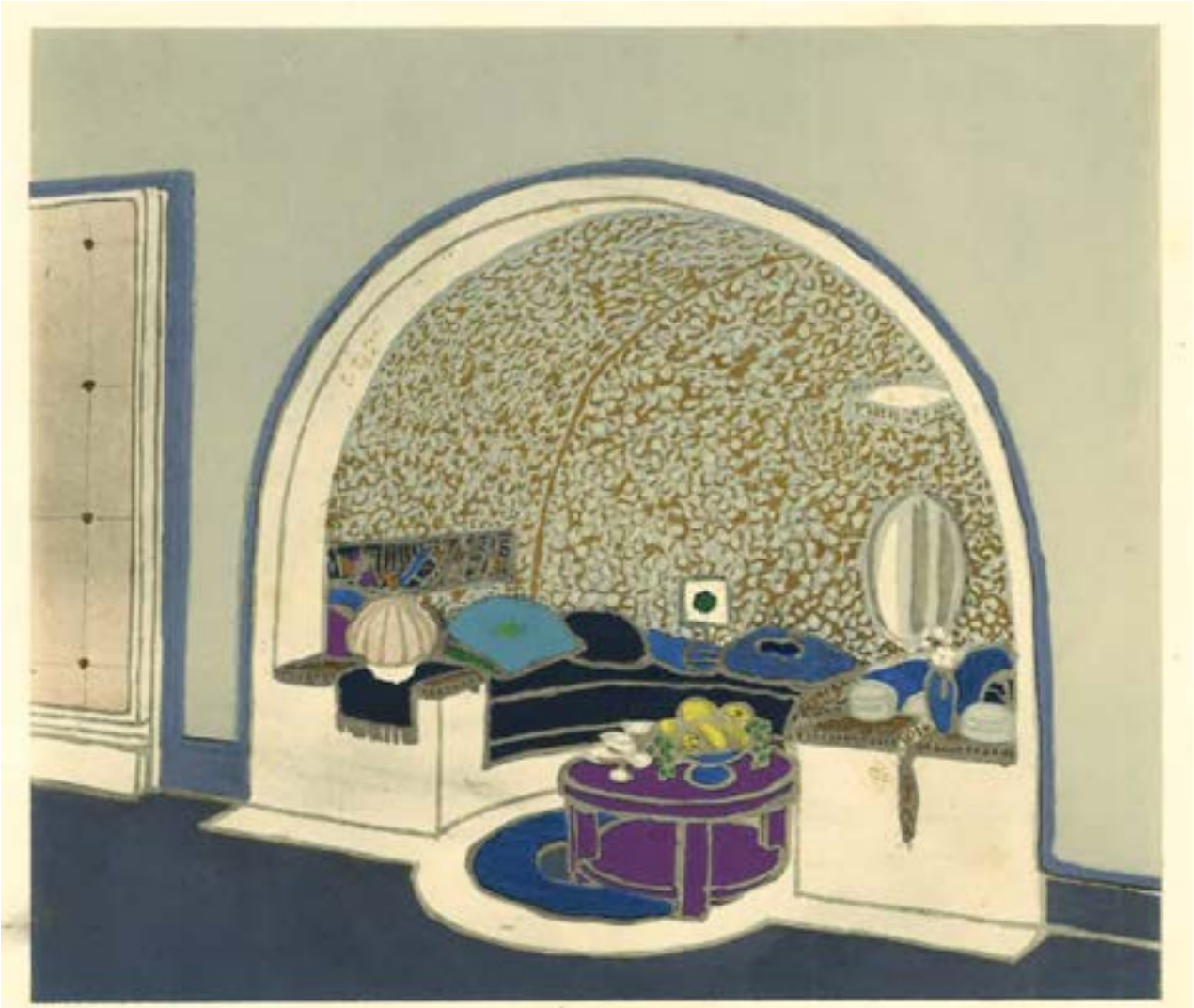
Étude pour un Boudoir. 1913



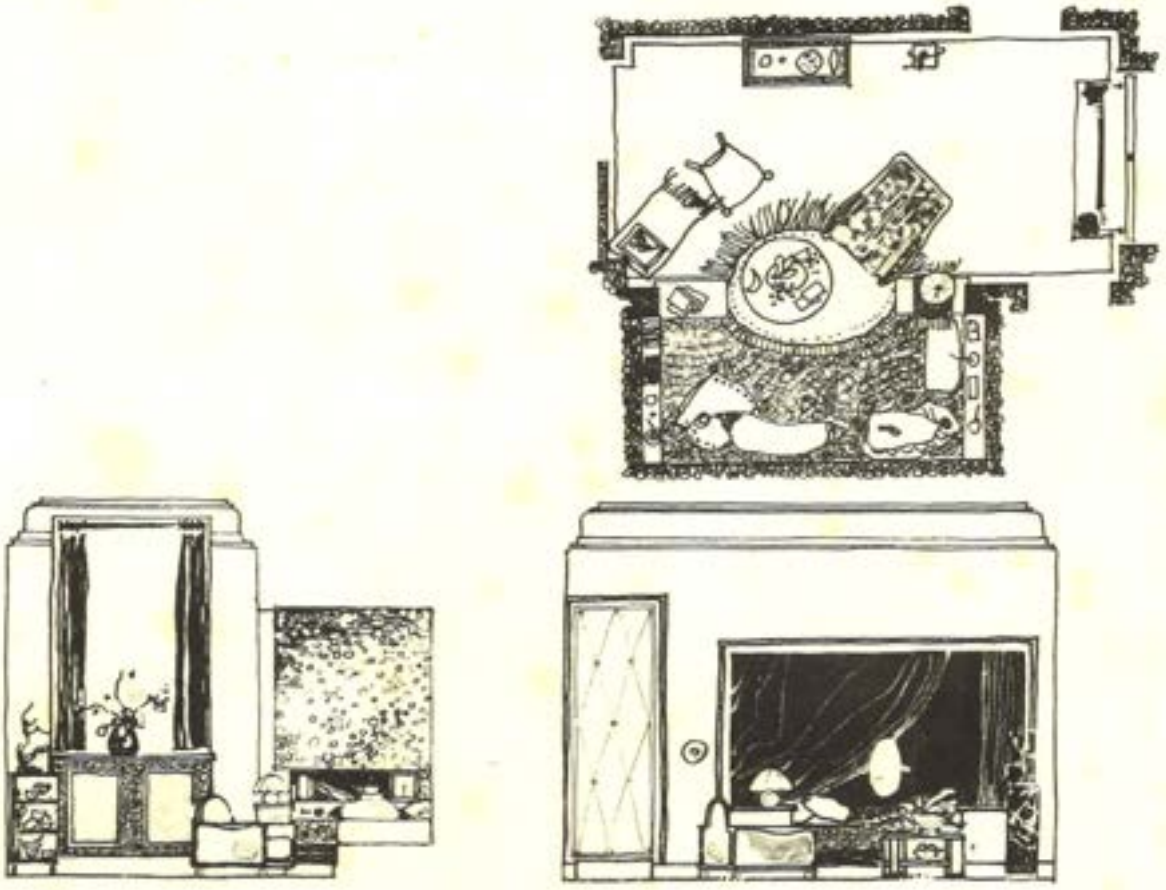
Restaurant. 1924



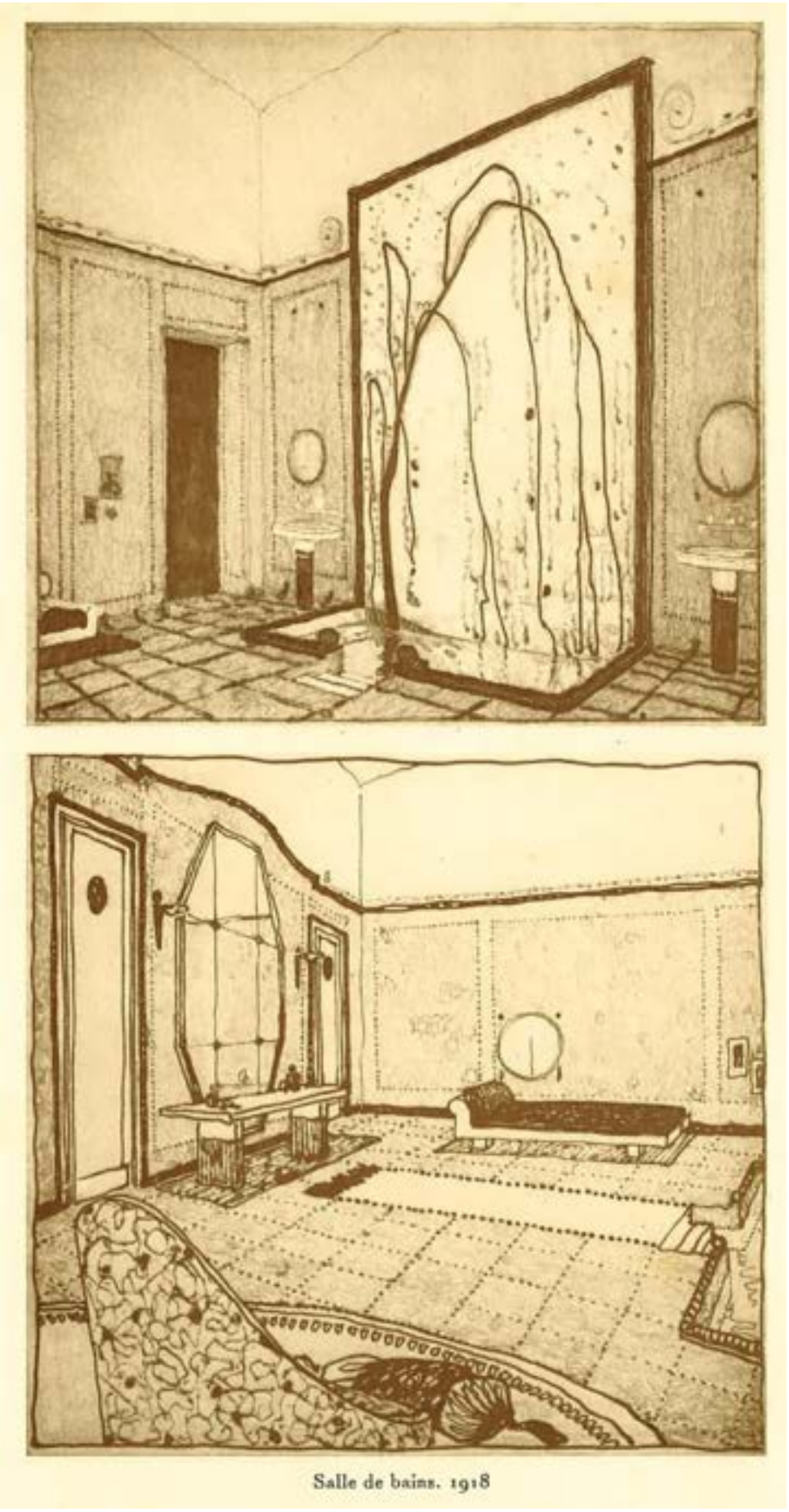
Hall-Bibliothèque. 1922



Niche. 1918



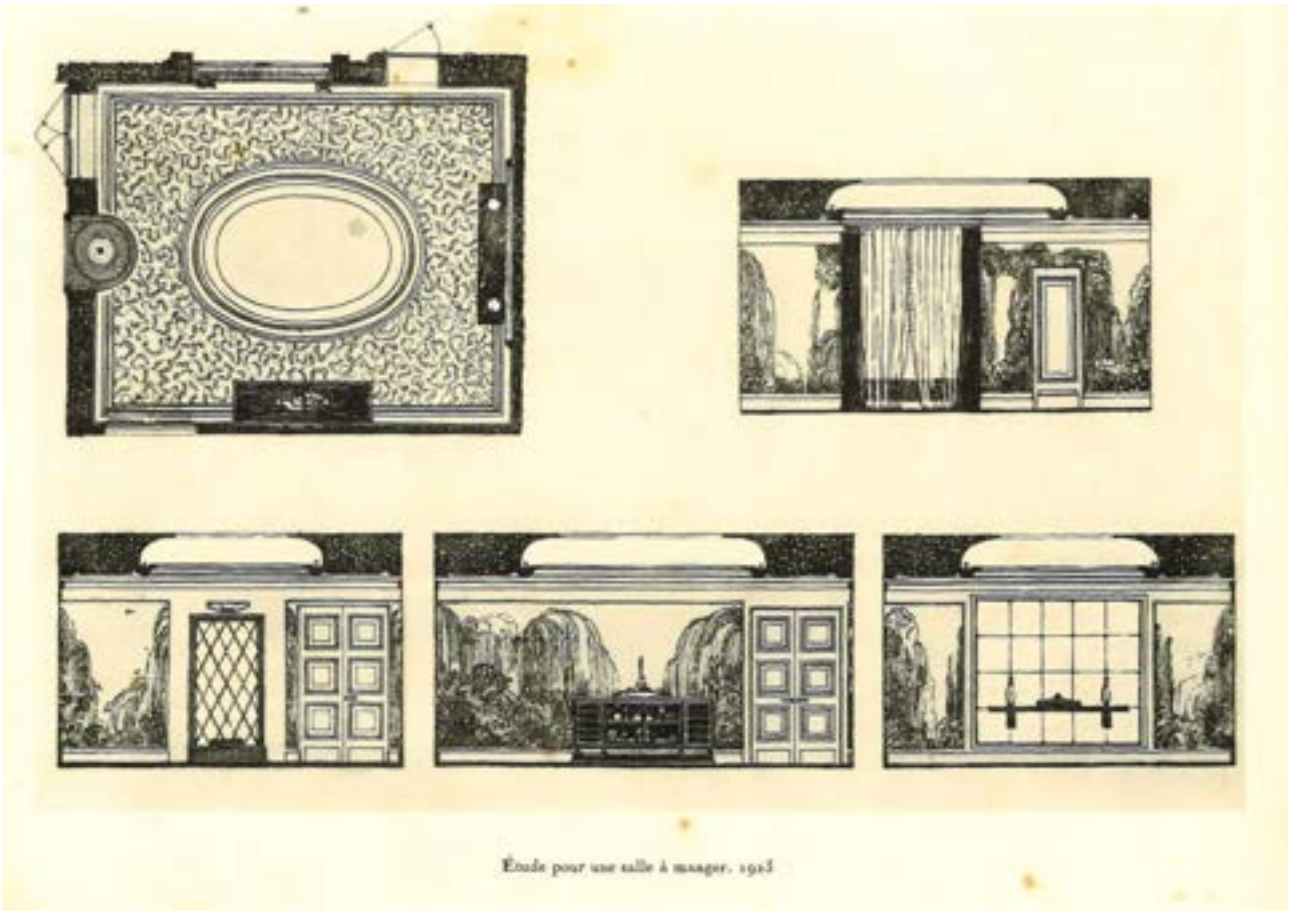
Étude pour une niche. 1918



Salle de bains. 1918



Salle à manger. 1911

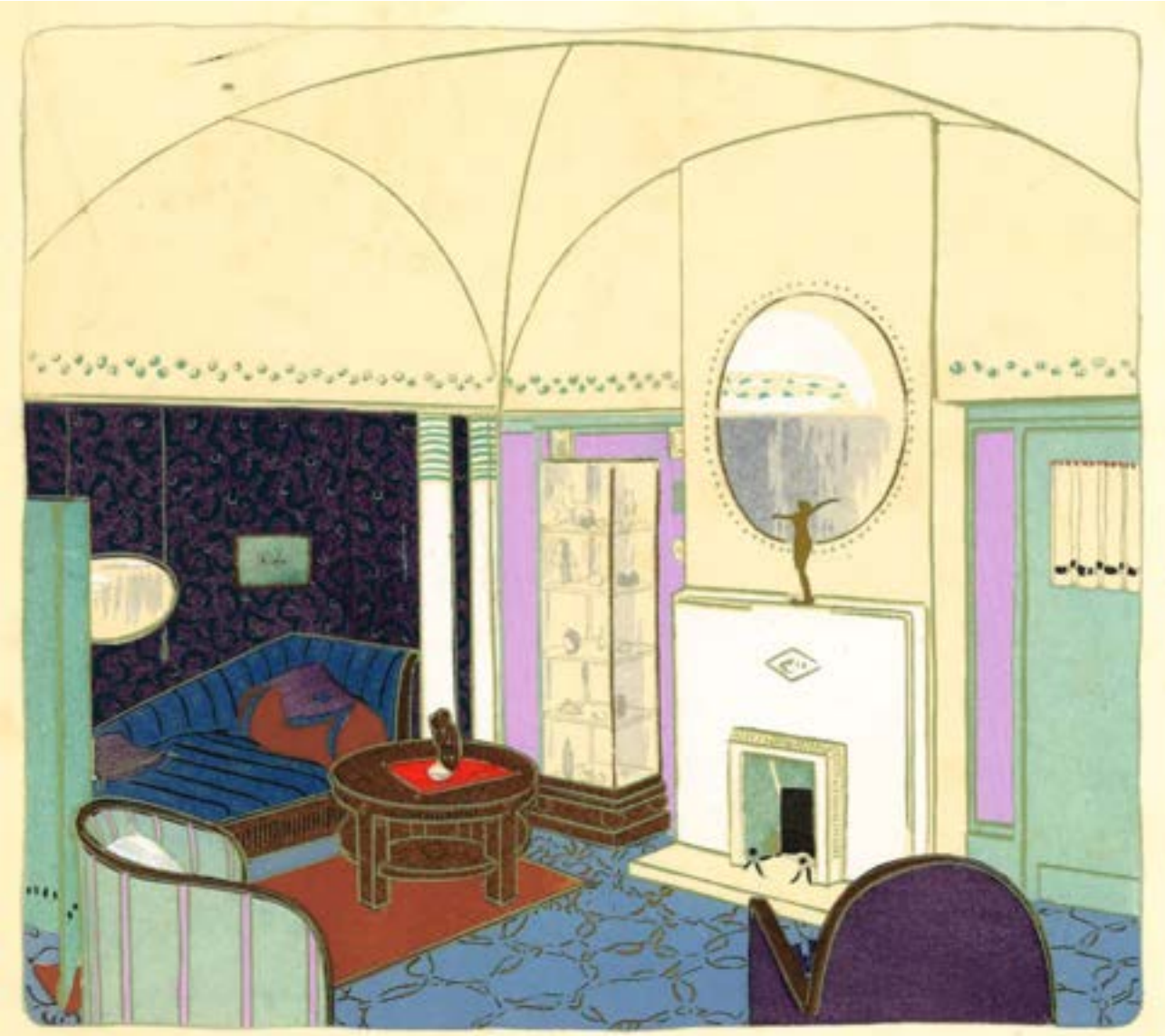


Étude pour une salle à manger. 1913

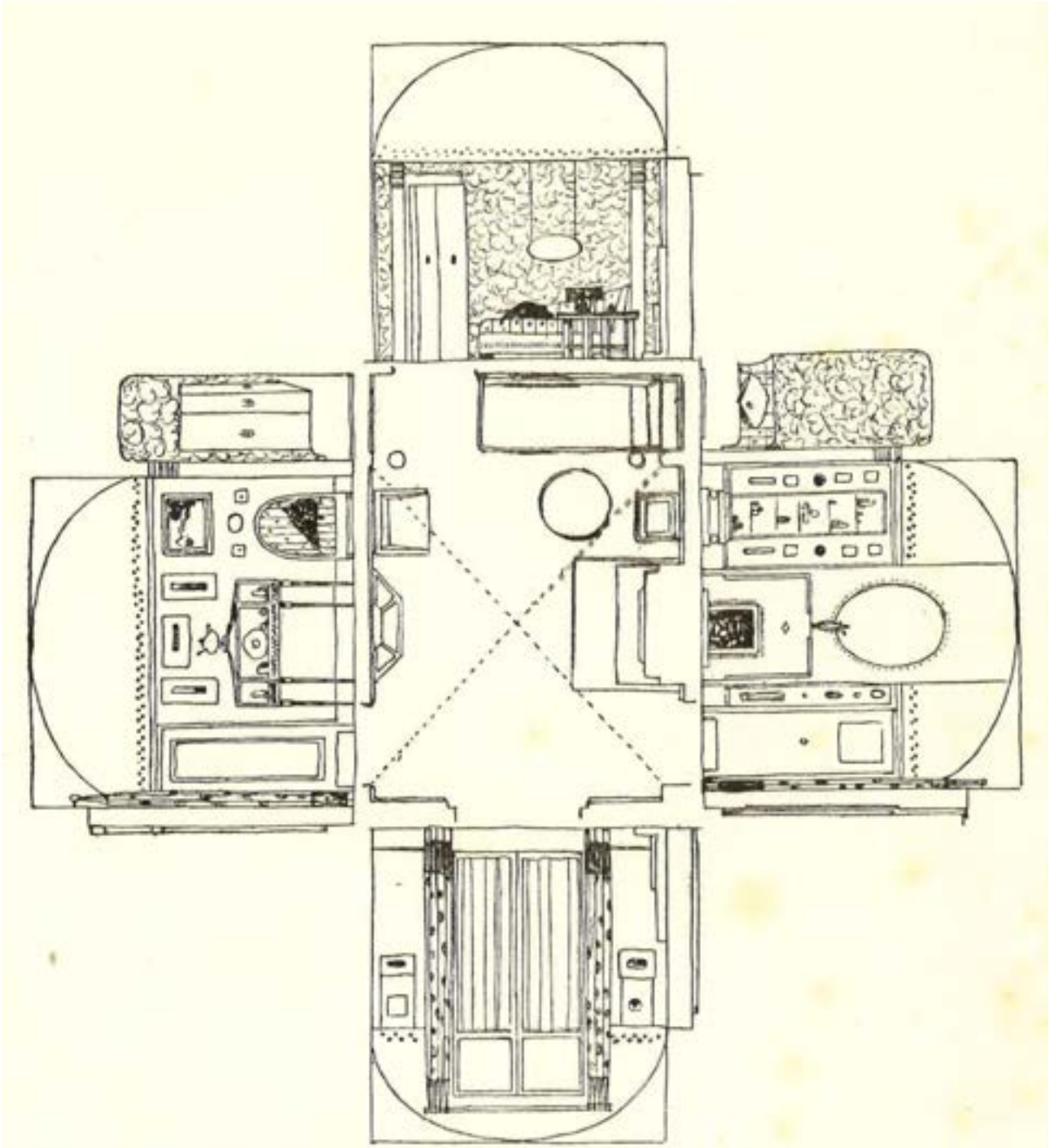


Détail d'un boudoir. 1922

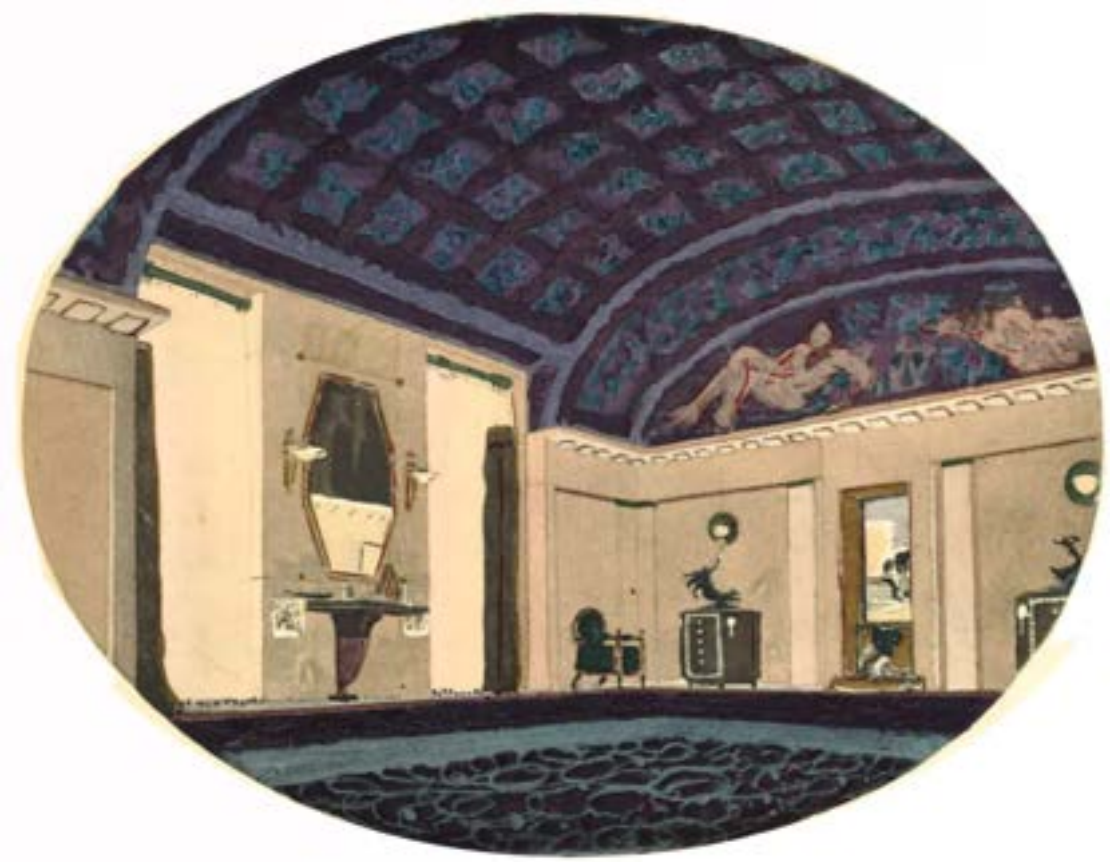




Studio. 1918



Étude pour un studio. 1918



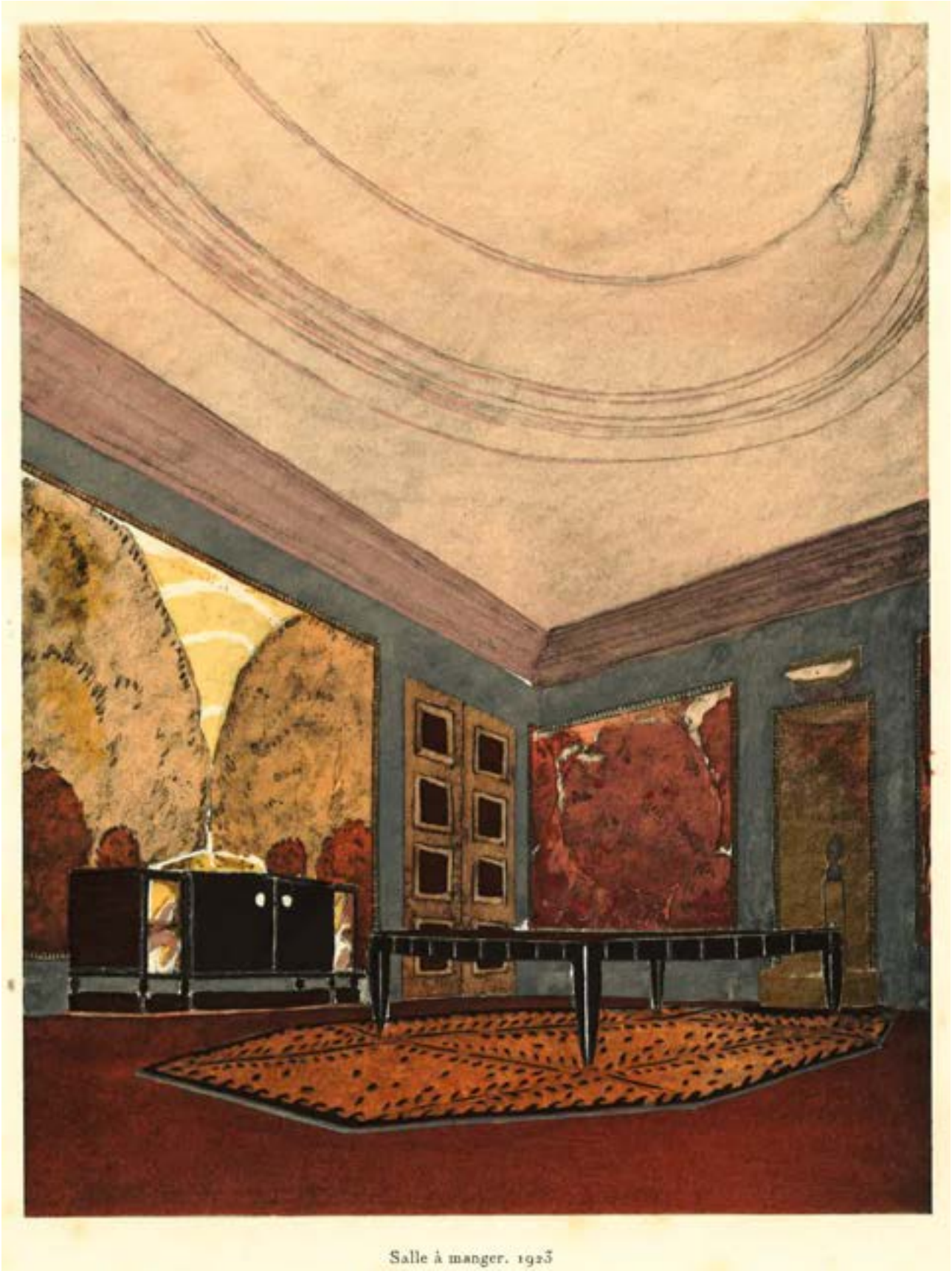
Salle à manger. 1910



Salle de bains. 1914



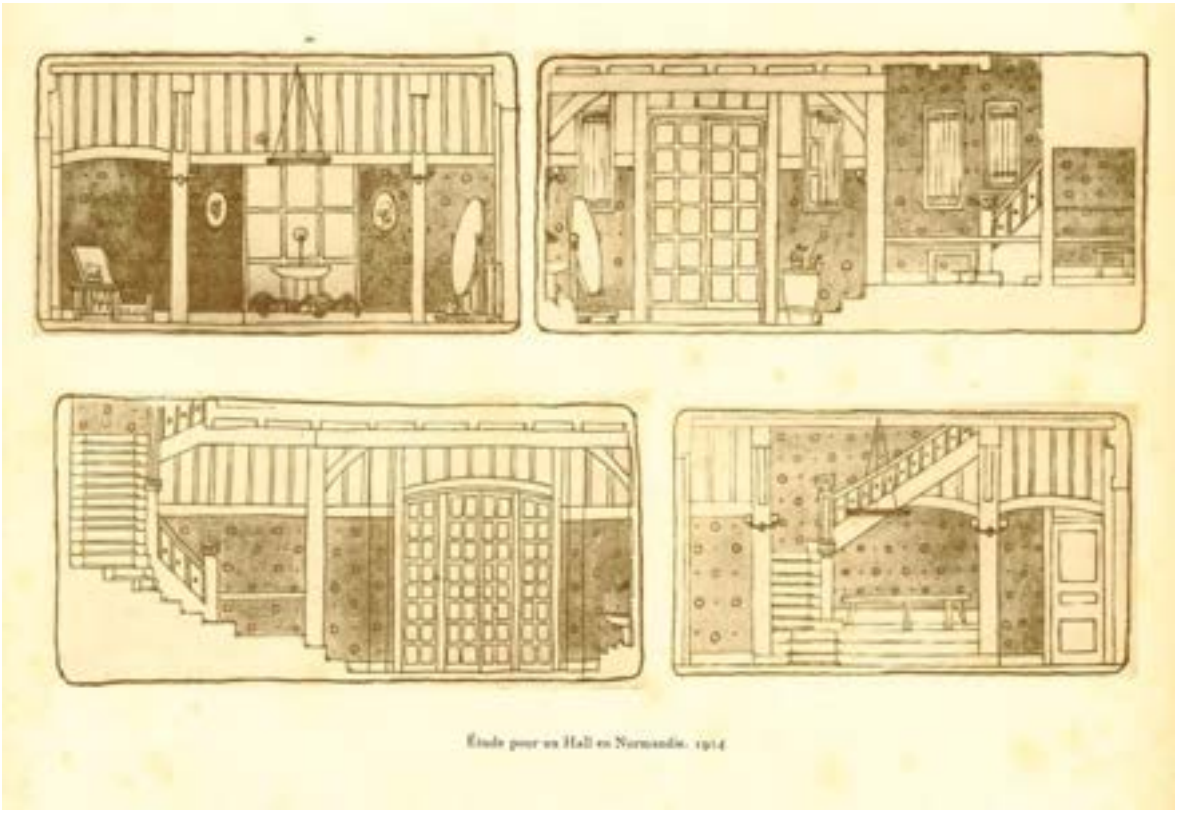
Hall en Normandie. 1914



Salle à manger. 1923



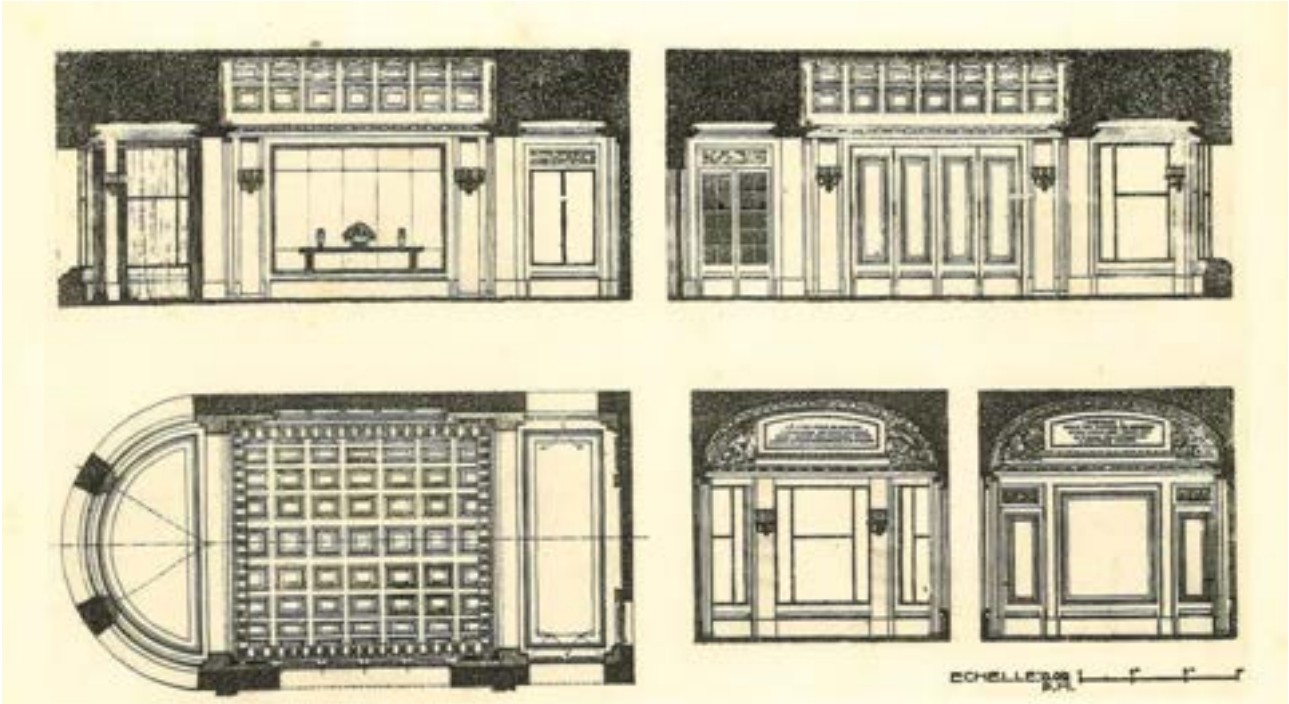
Hall en Normandie. 1914



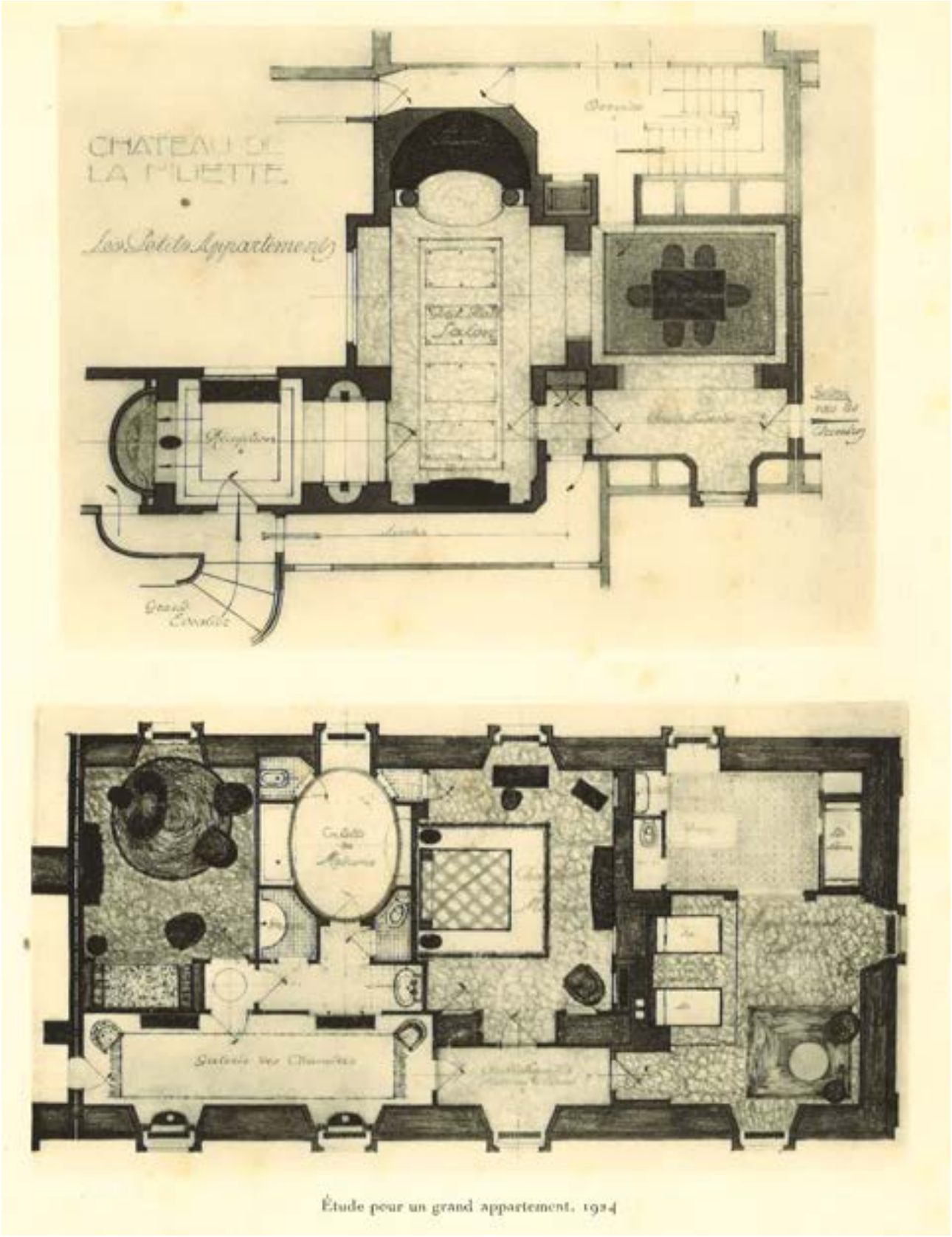
Étude pour un Hall en Normandie. 1914



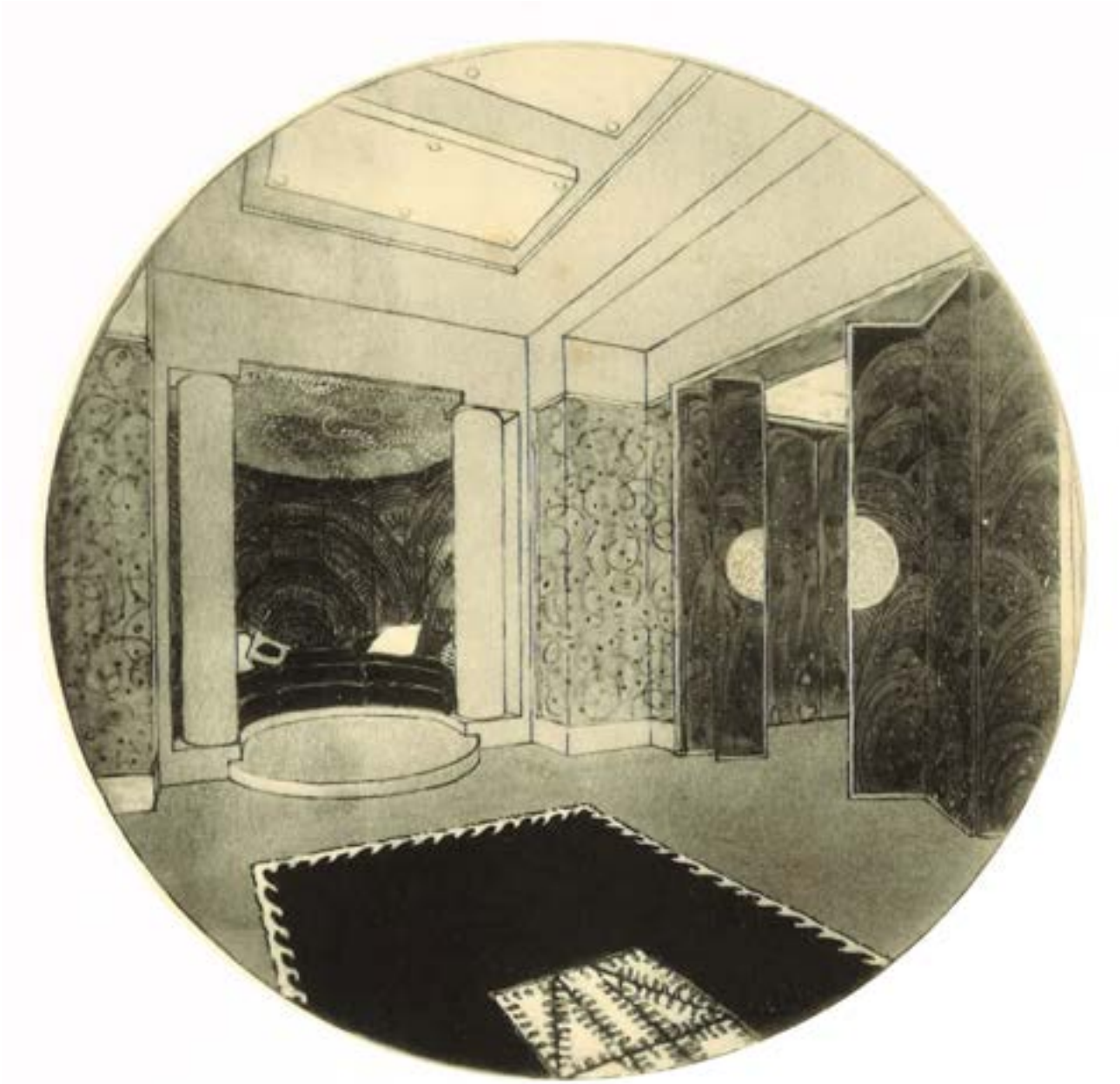
Salle à manger. 1923

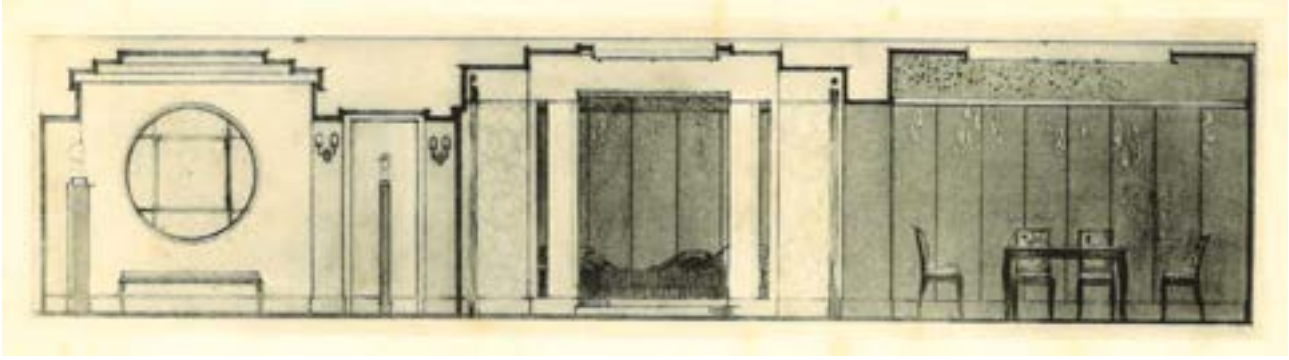


Étude pour une salle à manger
1902



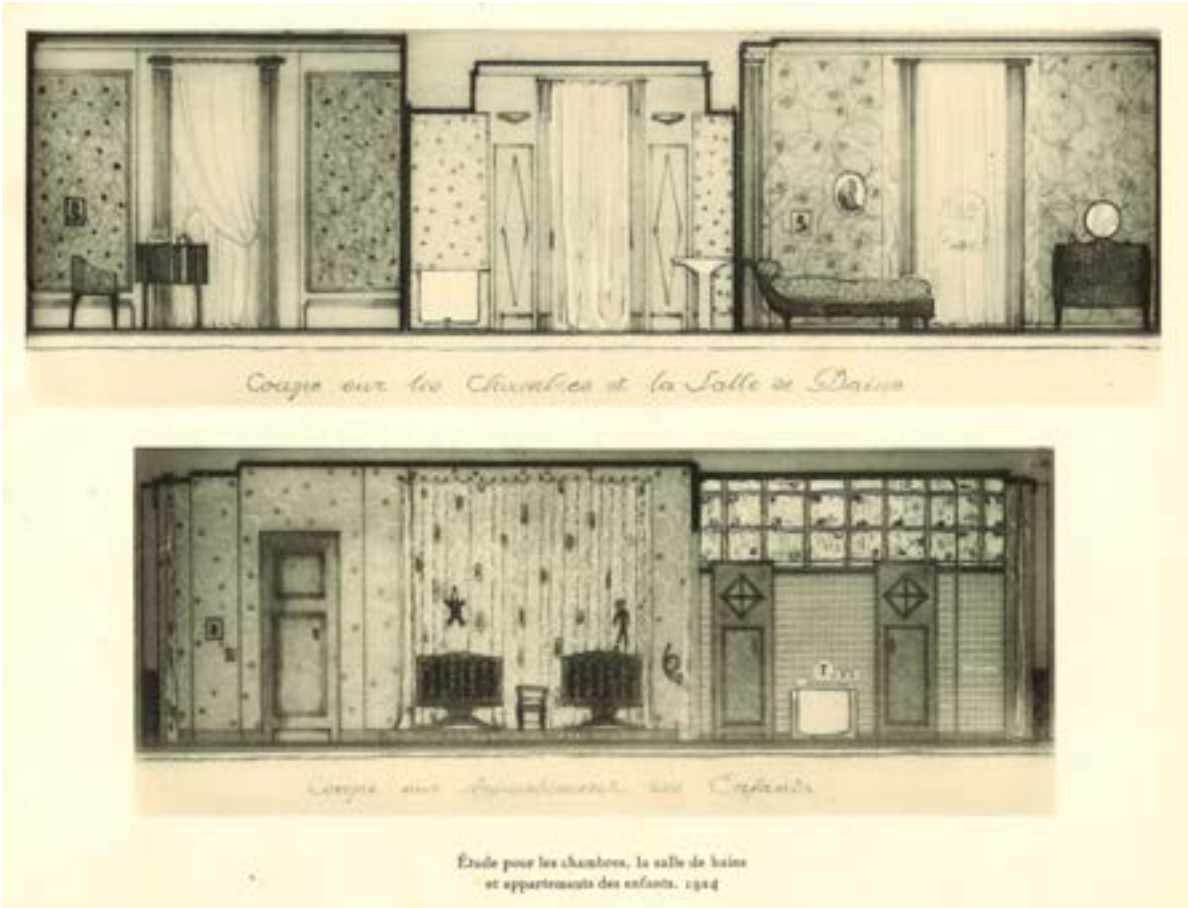
Étude pour un grand appartement, 1924







Étude pour un Hall-Salon et Salle à manger, 1924
Pespective de l'Entrée



Étude pour les chambres, la salle de bains
et appartements des enfants. 1924



Hall-Salon. 1924

Documento 40.01

MONTEIRO, Porfírio Pardal - Carta a Duarte Pacheco. Lisboa: [Documento dactilografado do Espólio PMA], [194?].

PARDAL MONTEIRO
ARQUITECTO
LARGO DO DIRECTÓRIO, 4, 2.º, D. / LISBOA
TELEFONE 2 5059

Meu caro amigo

Forçam-me as circunstancias a usar deste meio para comunicar consigo.

Ancioso de falar consigo, vendo as oportunidades fugirem-me, decidi escrever-lhe.

De resto, como tenho algumas declarações serias a fazer-lhe e palavras são palavras, prefiro escrevê-las e pôr-lhes a minha assinatura, como garantia de que assumo perante si a responsabilidade de as confirmar definitivamente.

Peço-lhe portanto, por um momento, que esqueça as suas altas funções de Ministro das Obras Publicas, pois é ao amigo que me dirijo.

Quasi uma dezena d'anos de contacto, numa luta em que sempre me encontrou, sem reservas, a seu lado, supunha eu que seria bastante para lhe ter dado a possibilidade de me julgar não apenas como artista, mas, sobretudo como amigo.

Julgo que assim não sucede e que, pelo contrario, tudo parece confirmar que, a dar credito ao que vejo, ao que sei e ao que sinto, devo figurar no grupo dos que considéra seus inimigos.

E' absurdo, mas creio que assim desejam que pareça, pelo menos.

Óra, porque quem não déve não téme, e porque considéro que seria uma vergonhosa indignidáde deixar apenas que o tempo demonstre quanto de injusto e de infame há em tudo o que se tem

feito para provocar entre nós um afastamento, senão um corte de relações pessoais, entendo, precisamente porque compreendo claramente onde pretendem chegar os que fazem a provocação, que tenho a obrigação moral de vir ao encontro das responsabilidades que porventura me queiram atribuir e de, sem hesitações, lhe dizer que o que se tem tramado contra mim é uma infâmia.

Espero que ao **menos** em consideração por aquela amisade de que, julgo, até há pouco não duvidáva, me permita que me explique e que tenha a paciencia de me ler até ao fim.

Não vale a pena estar agora a relatar tudo o que até mim tem chegado e que me tem revoltado pela maldáde que representa. De resto a um ou outro ponto mais importante terei que me referir mais adeante.

Solenemente lhe afirmo que não preciso de fazer exame de consciencia para procurar qualquer ponto, remoto ou proximo, que pudesse levar-me a reconhecer que, ao menos aparentemente, a razão podia estar contra mim. Não existe e julgo que não me será dificil confirmar-lho, embora isso me penalise, porque chega a ser ridiculo ter que o fazer.

Contudo, prefiro antes trazer-lhe esta explicação do que contribuir com o meu silencio - que aliáz, o meu desgosto justificaria - do que,deixar que por mais tempo se possa supor,sequer, que existe algum fundamento na intrigalhada de que tanto o meu amigo como eu estamos sendo vitimas.

Deixe-me que trate primeiro do caso que diz respeito a um amigo comum, o Rodrigues de Carvalho, pelo muito que o estimo e

admiro.

Sob minha palavra de honra e tomando desta afirmação toda a responsabilidade, a ponto de me pôr á sua disposição para todas as provas que quizér, afirmo que é absolutamente falsa a afirmação que lhe fizeram. Conheço-a já e acho-a tão miseravel, tão idiota e tão pulha que me chega a impressionar que o meu amigo lhe tenha dado crédito.

Então, para o seu juiso, não lhe servirá de nada o seu proprio testemunho ?

Não tem o meu amigo, por si, meios suficientes para imediatamente repudiár uma calunia dessa ordem ?

Chega a causar-me mais desgosto o facto do meu amigo ter dado crédito a uma infâmia desta ordem, do que a propria infâmia em si, porque esta está abaixo de tudo. E entristece-me e desgosta-me porque não me parece dificil que o meu amigo obtivésse a rapida confirmação de que se trata duma vergonhosa mentira. Bastará que quem lha levou se disponha perante si a confirmar-lha na minha presença e na das pessoas que porventura a tenham " ouvido ". Tratando-se demais a mais duma afirmação , segundo me consta, feita numa reunião de arquitectos, com certeza que tal reunião não seria apenas formada por mim e pelo seu " dedicado " informador. Afirmação tão grave, pelo que tem de insultuosa, a ter sido feita, não podia ter deixado de impressionar todos os que a tivessem ouvido pronunciár.

Agradeço-lhe que não hesite em fazer a experiencia, quanto mais não seja para se certificar de quem quer servi-lo e de quem se quer servir de si.

PARDAL MONTEIRO, ARQUITECTO

Repito-lhe, sob minha palavra de honra, que quem lhe disse que eu declarára que quem " inventou " (que estupidez !) O R. de C. como engenheiro fui eu, inventou inteiramente a afirmação e abusou da sua confiança. Repito tambem que tomo toda a responsabilidade desta afirmação.

Desculpe-me, meu amigo, mas ainda me custa a crêr que tenha chegado a admiti-la no seu espirito.

Não o julgo de fraca memória; Pelo contrário. No entanto sempre lhe peço para que se recorde dalgumas conversas que consigo tive sobre o R. de Carvalho quando o snr. ainda mal o conhecia e já eu sabía do mérito que tinha.

Não será verdade ter-lhe eu feito sempre do R. de C., sem que nem o meu amigo nem ninguem sonhasse sequer do papel que ele poderia vir um dia a desempenhar junto de si, que o considerava " o melhor " de todos os engenheiros que tivéra como colaborador ?.

Não cheguei mesmo um dia a agradecer-lhe o ter-me dado como colaborador um homem da força profissional do R. de C. ?.

Não lhe falei muitas vezes no seu valor a ponto de lhe dizer que o consideráva como o professor ideal de Construções Civis, no Instituto ?.

Não falámos tantas vezes a seu respeito com admiração ?.

Não cheguei, muitas vezes a dizer-lhe, quando se punha o problema do ensino, no Instituto, que se poderia melhorár a preparação dos engenheiros civis desde que entre a cadeira dele e a minha se pudésse estabelecer continuidáde ?.

Ou, será mentira ?.

Por amor de Deus, meu amigo, chego a crêr que é preciso estar predisposto contra mim para admitir, sem repúdio, que eu

tivésse dito uma parvoiçáda de tal quilate.

Mas, se ainda não chegar isto que, de resto se passou consigo unicamente e de que o meu amigo é testemunha, não seria justo ouvir alguns daqueles que mais tenham privádo comigo e que melhor possam conhecer as minhas opiniões sobre os outros para obter confirmação de tão idiôta afirmação ?.

Condenar sem próvas não é proprio dum homem da sua categoria.

Desculpe-me, meu amigo, mas de toda a gente eu podía admitir uma duvida a tal respeito, mas de si, nunca a podería esperar.

E não, porque não só o meu amigo sabia como poucos o que eu pensava do R. de C. como tinha á mão todos os meios de obter a confirmação.

Quasi todos os arquitectos hoje lidam consigo. Entre esses há os que não sabem ocultar o seu ciume por mim; há os que o sabem disfarçár e há os que o não teem.

Porque não ouvir uns e outros, sobretudo aqueles que habitualmente frequentam reuniões de arquitectos, aqueles, portanto, que mais probabilidades podiam oferecer de dar uma certeza ?.

Quem nos diz que quem lhe tenha dado tão estupida informação terá assistido a alguma reunião de arquitectos ?

Repito que o meu amigo, se quizer ser justo, tem nas suas mãos os meios de se certificár da informação que lhe déram.

Lamento não saber quem foi, não só para que o meu amigo conhecesse a lealdade dos que se aproximam de si, mas sobretudo para evitar que recaia sobre inocentes a suspeita.

Apesar de tudo o que tenho feito pela minha classe, tenho nela inimigos.

PARDAL MONTEIRO, ARQUITECTO

Não porque lhes tivesse feito mal, mas simplesmente porque lhes fiz sombra e porque lhes agradaria ver por terra um concorrente que não receia os combates profissionais.

Dos que não me conseguem bater profissionalmente, alguns há que desejariam ver-me derrotádo. E já que não são capazes dum combate leal, com as mesmas armas, servem-se da perfídia e da intriga para me vencerem. Teem feito tantas ! ...

Desta vez jogaram uma cartada perigósa mas que resultou,parêce. E' simplesmente nojento ! ...

Impressiona-me no entanto que o meu amigo lhe possa ter dádo ouvidos.

O senhor, que tem sido vitima das intrigas mais abjectas, que sofreu como eu sei que sofreu, porque sofri consigo, o maior desgosto que um homem honesto e de ideas firmes póde sofrer, por ver completamente deturpádas as suas intenções, podia, por experiencia propria ter a generosidade de pôr um bocadinho de molho as intrigas que junto de si fizessem contra outros.

E eu ainda lhe posso garantir que o merecia um pouco.

A si, fizeram-lhe um dia justiça e não houve um amigo ou um admirador seu que não rejubilasse com isso. Tenho a certeza de que tambem me há-de acontecer, um dia, o mesmo, mas lamento que só o tempo trága essa justiça.

Outro caso de que me acusam, parece, é de ser inimigo dos engenheiros.

Porquê ?. Com que fundamento ?. Quais as razões que justificam a afirmação ?.

Seria justo conhecê-las.

Que infâmia ! ...

PARDAL MONTEIRO, ARQUITECTO

Não tenho eu sido o paladino da colaboração dos arquitectos e engenheiros ?.

Não dei suficientes provas disso, desde que comecei, há vinte anos, a exercer a minha profissão ?.

Não são disso testemunhas, arquitectos e engenheiros ?.

Onde, quando,em que circunstancias alguem me ouviu uma palavra sequer que não fosse obsolutamente concordante com a minha doutrina de sempre, ainda muito antes de o conhecer a si ?.

Cooperação, colaboração, justa atribuição de funções; será isto ser contra alguem ?.

Não será prova bem evidente a de nunca ter tido até hoje o minimo conflito com um engenheiro meu colaborador ?. E não teem sido poucos.

Desde o engenheiro Vicente Ferreira até aos irmãos Arantes passaram muitos engenheiros pelos meus trabalhos e, que diabo (!) não se arranjará ao menos um que venha dizer que foi menos considerado por mim ?.

Se o simples facto de lutar pela compreensão, justissima, das funções de cada um é bastante para conquistar inimigos, nunca o poderei considerar neste numero porque me tem dado largas provas de concordancia com os meus pontos de vista.

O meu amor á nossa Terra, o meu desejo de bem servir,sabe-o o meu amigo como poucos, nunca se limitaram á minha obra profissional, mas vão até procurar defender e valorisár o saber de todos para que todos possam ser, com mais vantagem, aproveitados. E nesse sentido, na luta pelo esclarecimento das coisas, muitas vezes contra veleidades dos meus proprios colegas, tenho queimado

uma parte das minhas energias.

Ao seu lado, lealmente, como um soldado que não queria ter outra glória senão a de bem servir, dei muitas vezes provas do que afirmo.

Esta acusação que me fazem, tem tanto de estupida como de mal intencionáda.

Nego, firmemente, sob minha palavra de honra, que tenha o menor fundamento. E' falsa como a própria falsidade.

Ao Alexandre Herculano atribui-se uma frase que nunca no meu espirito tomou tanto volume: " Isto dá vontade de morrer... " e, realmente, assim é.

Porque não me combatem de cara a cara, como eu faço ?. Porque se servem da calunia para me combaterem ?.

Que miséria de gente.

Antes de terminár deixe-me que lhe fale um pouco de nós, visto que é contra nós, ou antes contra as nossas relações de amisade que os meus inimigos e que não são seus amigos, se levantam.

Para mim é ponto de fé que todas as intrigalhadas que se fazem contra mim, só teem um objectivo: afastarem-nos.

Com que fim ?. O de lhe prestarem a si um serviço ?. O de o defenderem dum mau amigo ?. Que dedicados...

A resposta, infelizmente está dáda.

Mas já que sou atacado, seja-me permitido ao menos o direito de defeza e para isso vejo-me obrigado a fazer aquilo que nunca supuz ter que fazer.

Seja qual for a sua opinião actual sobre mim, eu não me perdoaria se não falasse abertamente consigo.

PARDAL MONTEIRO, ARQUITECTO

Não lhe vou dizer que sou seu amigo e que o tenho sido, porque considero isso simplesmente vergonhoso. Amisades não se pedem, nem se procuram; nem se apregoam; conquistam-se pelos factos.

Se são sinceras e boas valem tudo; se o não são, não interessam.

E nisto de amisades só o tempo, os factos e sobretudo a adversidade as comprovam.

Pouco portanto lhe digo a tal respeito.

Contudo informe-se o meu amigo junto das boas fontes, daquelas que por menos susceptiveis de se deixarem influenciar lhe podem dar informações seguras e depois julgue-me.

Só lhe digo que um dos momentos mais tragicos da minha vida, foi passado precisamente porque a minha amisade e a minha admiração por si a ele me conduziram.

Não lhe posso dizer o que foi nem como foi.

Digo-lhe apenas que conscientemente, sobretudo sabendo perfeitamente que as desvantagens seriam todas contra mim, mas que o espirito de justiça me obrigava a proceder assim, me levaram, num momento em que contra si se levantava muita gente, em que precisamente a calunia se levantava contra si, em que todos, até alguns dos que de mais perto o serviam fugiam a defendê-lo, sentindo a mais violenta revolta contra os que tão injustamente o tratavam, saí sózinho ao combate, no campo dos seus inimigos, directamente, dizendo com mais autoridade do que muitos quem o senhor éra, quanto o senhor valía e quanto éra merecedor do respeito e admiração dos que infamemente o atacavam. Julgo que a minha sinceridade supriu a falta de eloquencia, porque acabei por ser ouvido.

PARDAL MONTEIRO, ARQUITECTO

E isto passou-se num momento em que mais perigoso era fazê-lo, porque quando a multidão grita que o cão está danádo todos lhe atiram e é perigoso fazer frente á multidão.

Por uma questão de escrupulo não serei quem lhe conte o que se passou, mas se quizer sabê-lo, tem entre os seus amigos alguns que lhe podem contar. Cito-lhe dois dos raros que conhecem o caso, o Acacio e o Leote, a quem desde já desobrigo do segredo que lhes pedí. Envergonho-me de ter que lhe dár esta referencia, e faço-o apenas porque alguem mal intencionado pretende fazer-me passar aos seus olhos como menos seu amigo. Que miséria !...

E que tristeza que me faz, mesmo sómente ter a impressão de que o meu amigo possa tê-lo admitido.

Então, tantas questões por sua causa, tantos inimigos arranjados só por defendê-lo, até cênas de pancadaría, que detesto, factos, aliás, que tanta gente conhece, não dirão coisa nenhuma que valha um pouco mais do que uma simples intriga ?.

Se passar em revista todas as minhas atitudes para consigo não encontrará ao menos algumas que lhe sirvam de abonadoras de qualquer coisa mais do que simples cooperação profissional ?.

Apesar de sentir ás vezes desgosto ao ver que nem sempre o meu amigo tem sido justo comigo, faço-lhe a justiça de acreditar que a sua actuação nas altas esferas da politica e que o estudo dos problemas mais aridos e materiais da administração não lhe hão-de ter destruido por completo a sensibilidade a ponto de perder a faculdade de avaliár a sinceridade, a dedicação, a lealdade e o desejo de lhe serem uteis aos que pela força das circunstancias se aproximam de si.

PARDAL MONTEIRO, ARQUITECTO

Não lhe terá dito nada o facto, que parece ter-lhe passado desapercebido, de desde que o meu amigo foi para a Camara eu quasi ter deixado de lhe aparecer, só porque nesta malfadada Lisboa, os que lhe queriam mal se preocuparem demais com as nossas relações de amisade ?.

Quantas vezes lhe apareci eu para tratar de assuntos propriamente do meu interesse? . E, em compensação quantas lhe apareci sómente para o servir, sem que d'aí resultasse para mim senão a satisfação de lhe poder ter sido util ?.

Reparou o meu amigo neste facto ?. Creio que se o não fez antes, não deixará de o fazer agóra.

Desde que o meu amigo voltou para as Obras Publicas quantas vezes lhe apareci eu, a não ser no dia da sua posse, que não fosse chamado por si ?.

Sabe bem que nem uma, sequér.

E' que eu sentia bem que os outros, sobretudo os invejosos, se preocupavam demais consigo e comigo.

Sacrifiquei-me de boa vontade, voluntariamente, por amisade, e contudo, a dár crédito ao que até mim chega e que tantas coisas parecem confirmar, de nada serviu para si.

Paciencia. Não me acusa a consciencia de nem um momento, nem sequér neste em que sinto que tudo, do seu lado, é contra mim, ter deixado de lhe ser dedicado e reconhecido.

Mendigar-lhe a sua amisade, pedir-lhe que seja para comigo o mesmo que éra dantes, sabe bem que não desço a fazê-lo, por consideração por si e por mim, pois tudo isto ainda me parece mentira. Mas, assegurar-lhe a minha, afirmar-lhe que nem um momento ela

deixou de ser a mesma de sempre, isso faço-o porque não lhe faço nenhum favor e, antes, cumpro um dever.

Não quero maça-lo mais, a focar pequenos casos que aparentemente justificariam qualquer atitude de frieza de si para comigo se fossem verdadeiros.

Conheço-os já quasi todos e dou-lhe a minha palavra de honra que nem um sequér corresponde á verdade, por mais que aos seus olhos se possam apresentar como tal. Gostaria de lhe poder explicar todas as coisas que a meu respeito lhe possam ter levado e não tenho duvida em fazê-lo, se quizer, na presença dos meus acusadores.

Revolta-me tanto tudo isto que estou decidido a tudo para que a verdade se esclareça.

Sabe que eu nunca fui de intrigas e que mesmo dos meus inimigos nunca lhe dei uma opinião parciál.

Contudo, deve ter partido deles o ataque contra mim e já agóra valerá a pena que eu deixe de ser tôlo duma vez para sempre e que diga como é que eles o considéram. Simplesmente não terei duvidas em fazê-lo na presença deles.

E' vergonhoso tudo isto, mas a vida por mais que a gente a queira levar com um poucochinho de elevação obriga-nos a pisár a porcaría.

E eu quero limpar aquela que me salpica e espero que não me recuse esse direito, porque lhe afirmo com segurança que lho mereço.

Se quizer fazer alguma prova, disponha de mim como entender porque de bom grádo me sujeito a éla.

Entretanto asseguro-lhe pelo que mais quero neste mundo, os meus filhos, que é absolutamente falso tudo o que se tem maquinado

contra mim e que nem por actos nem por palavras dei, em qualquer ocasião, pretexto a justificar, sequér na aparencia, qualquer modificação nas suas atitudes para comigo.

Desculpe-me ter sido tão extenso, mas não tive maneira de ser mais bréve.

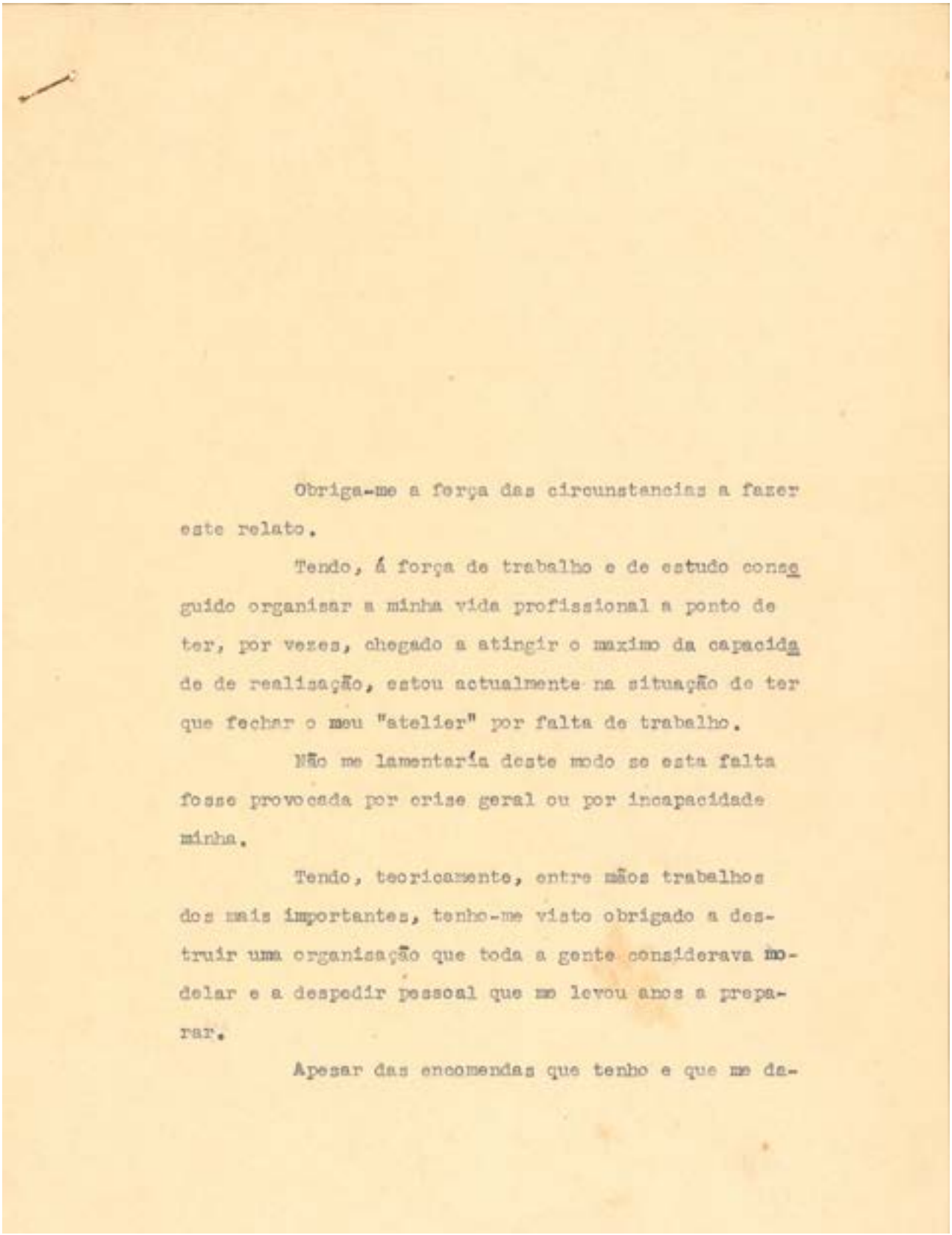
Creia, apesar de tudo, na estima, na dedicação e na muita consideração que por si tem o que confessa, como sempre,

Seu amigo e admirador

PARDAL MONTEIRO, ARQUITECTO

Documento 40.02

MONTEIRO, Porfírio Pardal - Carta presumivelmente, a Salazar. Lisboa: [Documento dactilografado do Espólio PMA], [194?].



Obriga-me a força das circunstancias a fazer este relato.

Tendo, á força de trabalho e de estudo conseguido organisar a minha vida profissional a ponto de ter, por vezes, chegado a atingir o maximo da capacidade de realisação, estou actualmente na situação de ter que fechar o meu "atelier" por falta de trabalho.

Não me lamentaria deste modo se esta falta fosse provocada por crise geral ou por incapacidade minha.

Tendo, teoricamente, entre mãos trabalhos dos mais importantes, tenho-me visto obrigado a destruir uma organisação que toda a gente considerava modelar e a despedir pessoal que me levou anos a preparar.

Apesar das encomendas que tenho e que me da-

riam trabalho e aos meus colaboradores para alguns anos, é como se nada tivésse, porque todos estão parados e dependentes apenas duma unica pessoa que não desconhece a situação que criou e que, não sei porque motivos, a agrá va conscientemente dia a dia.

Para simplificar direi que os trabalhos que me foram encomendados e que não marcham, são os seguintes:

Ministerio das Finanças

Edificios Universitarios

Urbanisação da Doca de Alcantara

Monumento a D. João IV, em Vila Viçoza

Banco de Portugal

Companhia das Aguas de Lisboa.

Parece-me indispensavel fazer uma rápida resenha do que se passa com cada um destes trabalhos.

MINISTERIO DAS FINANÇAS

Foi-me feita a encomenda do projecto, oficialmente, em 6 de Fevereiro de 1934.

Em 4 de Abril de 1935 éra entregue no Ministério das Obras Publicas e Comunicações o ante-projecto

oficial, baseado nos numerosos estudos cuja elaboração foi acompanhada por S. Exª. o Ministro das Obras Publicas e Comunicações. Em 29 de Outubro de 1936 comunicava ao Ministerio das Obras Publicas e Comunicações que estavam concluidos todos os estudos do projecto, podendo-se começar com os estudos definitivos da parte de engenharia. Finalmente, em 30 de Agosto de 1937 fazia entrega no Ministerio das Obras Publicas e Comunicações do projecto definitivo, cuja elaboração fora acompanhada pelo delegado do Ministerio das Obras Publicas.

Pelos prazos decorridos entre as varias fases do trabalho se pode avaliar das dificuldades que oferecia a preparação deste projecto, a ponto de ter dado ocasião á intervenção assidua de S. Exª. o Ministro.

Tratava-se, segundo o desejo frequentemente manifestado por S. Exª. de construir o melhor Ministerio, aproveitando, no que fosse possivel, a ala dos edificios pombalinos do Terreiro do Paço, onde então funcionava a Alfandega.

Reconheceu-se durante a preparação do ante-projecto que para atingir tal objectivo haveria que sacrificar grande parte da construção existente, cujo estado de conservação éra pessimo e cujas condições de adaptação ao novo destino eram das peores, o que não é para admirar, pois tratava-se dum edificio concebido para compor-

tar enormes armazens e que agora deveria receber um grande numero de dependencias, algumas muito pequenas.

Com o acordo de S. Exª. o Ministro que apreciou demoradamente os sucessivos estudos de ante-projecto e de projecto e nos quais S. Exª. colaborou dando sugestões e indicando directrizes, se preparou a solução que, como a S. Exª. foi observado, acabava por ser uma autentica "sopa de pedra".

Desde os primeiros dias fiz notar que a verba que se destinára ás obras era insuficiente e que seria necessario, pelo menos, o dobro. Apesar disso S. Exª. insistia em que se não mudasse de orientação, pois o Ministerio destinado a S. Exª. o Presidente do Conselho não podia ter instalações peores do que as dos outros ministerios.

Cheguei a sugerir a solução radical de se demolir tudo e fazer um edificio novo pois sairía mais barato. Nunca foi aceite esta orientação.

E assim o problema teve a solução preferida e preconisada por quem de direito.

Quando os engenheiros terminaram os seus estudos especiais e prepararam o orçamento da obra, confirmou-se aquilo que eu afirmara desde os primeiros momentos: o edificio custaría seguramente cerca do dobro da verba que lhe fôra destinada.

Entretanto dêra-se a mudança de Ministro na pasta das Obras Publicas e por este, ou outro motivo que desconheço, o problema da construção ficou em suspenso.

Mais tarde, e já depois de ter regressado á pasta das Obras Publicas o antigo Ministro voltou o assunto a ser tratado. Por alturas de Maio ou Junho de 1939 êra convidado para uma conferencia na Camara Municipal, á qual assistiu S. Exª. o Ministro e onde me foi dado conhecimento de que se resolvera agora dár nova orientação ao aproveitamento da Alfandega.

Em vez de se construir um novo Ministerio com a orientação anterior, far-se-ía agora o aproveitamento máximo da construção existente, ainda que á custa do sacrificio das instalações e de soluções menos perfeitas, pois êra necessario que as obras se fizessem com a verba prevista.

Era a solução que podia ter sido proferida de inicio, mas que fôra regeitada por não dár satisfação ao desejo de se fazer o melhor Ministerio.

Todo o trabalho de mais de trez anos e que custára centenas de contos êra posto de parte, pois a orientação de agora êra incompativel com o anterior projecto.

Discutiram-se as condições de execução do novo projecto e por brío profissional, para que não se confir-

masse a ameaça que me foi feita de sofrer o vexame de vêr outro arquitecto a tratar dum problema que me fôra confiá do, aceitei, com a certeza antecipada, de sérios prejuízos, as condições impostas por S. Exª. o Ministro. Foi-me garantido no entanto que os trabalhos seguiriam sem interrupção para que os meus prejuizos fossem reduzidos ao mínimo.

No entanto, tal promessa não foi cumprida, pois tendo eu entregue as novas plantas do aproveitamento do edificio em 10 de Outubro de 1939, nunca mais foi dáda qualquer ordem do Ministerio das Obras Publicas e Comunicações para prosseguir nos **trabalhos.** Isto deu em resultado ter que manter um grupo de colaboradores (arquitectos e desenhadores) durante uns poucos de mezes sem trabalho e a ganhar os seus ordenados, o que representava uma despeza de alguns contos por mez, absolutamente improdutiva. Em Janeiro de 1940 como do Ministerio das Obras Publicas me fosse dito que não havia sobre o assunto qualquer resposta de S. Exª. o Ministro, nem se sabía quando viría, tive que despedir esse pessoal, por não têr trabalho para lhe dár, nem poder suportar os respectivos encargos.

Assim fiquei privado de bons colaboradores que procuraram colocação noutro lado e com os quais já não posso contar quando viér, se viér, ordem de prosseguir.

EDIFICIOS UNIVERSITARIOS

Em Julho ou Agosto de 1935 fui convidado directamente por S. Exª. o Ministro das Obras Publicas para elaborar o projecto para os edificios universitarios de Lisboa. Em 22 de Outubro de 1935 era-me confirmada oficialmente a encomenda.

O programa então existente abrangia um grande numero de instalações que faziam prever um custo de cerca de 20 a 25 mil contos. Fôra-me, no entanto dito que a verba destinada éra de 15.000 contos. Fiz vêr a S. Exª. a impossibilidade de se fazer tão grande obra com tão pequena verba e que seria necessario reduzir o que éra exigido no programa ou aumentar a verba.

Numa reunião efectuada no gabinete de S. Exª. o Ministro e a que assistiu o actual Ministro da Educação Nacional e os directores das faculdades foi discutida a localisação e o programa, o qual sofreu algumas reduções apreciaveis.

Entretanto, porque o problema do local levara tempo a resolver e mais tarde se déra a mudança de titular na pasta das Obras Publicas, só em principios de 1937 re-

cebi ordens para começar com os estudos da Reitoria. Esses estudos foram entregues em maio ou Junho de 1937 e em Julho a Comissão Tecnica das obras dava-lhes, em principio, aprovação e pedia para se iniciarem os estudos das Faculdades de Direito e Letras, o que até então se não pudera fazer por falta do plano de urbanisação a cargo daquela Comissão.

Em Março de 1938 após uma serie de estudos era-me pedido pela Comissão para reduzir mais a area dos edificios propondo-se a redução de algumas dependencias, visto ser necessario tentar a todo o custo reduzir a despeza com a construção da Reitoria e das duas Faculdades a cerca de 15.000 contos.

Dado, ainda, o desenvolvimento do programa e receando não ser possivel dár satisfação completa, propuz expontaneamente uma alteração ás condições de pagamento dos meus honorários pela qual estes eram reduzidos ao bastante para compensar despezas, desde que apos os estudos se verificasse não ser possivel construir os edificios com aquela verba, ficando assim o Estado livre dos encargos dum ante-projecto, se tivésse que desistir da construção.

Foi aceite, como éra natural, a minha proposta e fiz então novos estudos, que levavam á conclusão de ser

necessaria uma verba superior aos 15.000 contos.

Em Setembro de 1938, depois desses estudos apresentados a S. Exª. o Ministro, éra-me pedido para fazer novos estudos, sempre com o mesmo objectivo. Quiz a Providencia que encontrasse uma nova solução, inteiramente diferente de todas as anteriores e pur de parte todo o trabalho de muitos mezes, para desenvolver essa solução, pela qual foi possivel obter a confirmação da viabilidade da construção á volta dos 15.000 contos.

Em Março de 1939 entregava o primeiro grupo de estudos dentro desta nova solução e em Junho do mesmo ano éra-me comunicado que tinha merecido aprovação, em principio, por parte de S. Exª. o Ministro. Pediam-me no entanto, algumas correcções, cujos estudos foram feitos e entregues já com desenvolvimento de ante-projecto em Outubro de 1939.

Até hoje não recebi qualquer indicação que me permitisse prosseguir com os trabalhos pelo que tive que manter o respectivo grupo de colaboradores sem trabalho até Janeiro de 1940, altura em que me vi obrigado a despedi-los por não poder suportar os respectivos encargos, nem ter trabalho para lhes dár.

URBANISAÇÃO DA DOCA DE ALCANTARA

Em Janeiro de 1934 fui encarregado de fazer os projectos para as Estações Maritimas de Lisboa. Com o estudo desses projectos surgiu a idéa de se fazer o estudo da urbanisação dos terrenos á volta da Doca de Alcantara. Desse estudo resultou estabelecer-se a arrumação dos varios edificios que a Administração do Porto de Lisboa julgava necessarios no local.

Em Março de 1936 êra-me oficialmente feita a encomenda do plano definitivo e dos projectos para os diversos edificios previstos nesse plano, encómenda baseada em despacho de S. Exª. o Ministro.

Por dificuldades varias respeitantes a divergencias de pontos de vista entre varias entidades quanto ao Posto Maritimo de Desinfecção, traçado de linhas de caminho de ferro, tipo de Armazens e aproveitamento duma grande galeria entre as estações de Alcantara e da Rocha do Conde de Obidos, os estudos dos projectos dos edificios não se puderam iniciar logo, tendo-me sido pedido para esperar.

Não me causava transtorno porque entretanto tinha outros trabalhos entre mãos, o que fez com que se

passasse muito tempo sem o assunto ter andamento.

Chegado porem a esta fase da minha vida profissional em que comecei a sentir manifesta falta de trabalho lembrei ao Ministerio das Obras Publicas em Maio de 1939 (tres anos passados) a encomenda que me fôra feita e pedia para me serem definitivamente fornecidos os respectivos programas, caso não houvesse dificuldade, para seguir com esses trabalhos e dár assim que fazer ao numeroso pessoal que então ainda mantinha.

Com grande surpreza minha foi-me respondido por oficio do Ministerio das Obras Publicas e Comunicações que S. Exª. o Ministro em resposta ao assunto despachára que eu " apenas fôra encarregado da elaboração dum estudo de arranjo da zona do Porto de Lisboa abrangida pelas Estações Maritimas ... sem compromisso algum de encomendas futuras ". Este despacho não corresponde á verdade pois a encomenda foi-me passada em função de despacho de S. Exª. o Ministro de 9 de Maio de 1936 em virtude do qual a Direcção Geral dos Edificios e Monumentos Nacionais me encarregou oficialmente de elaborar os projectos para os seguintes edificios, todos á volta da Doca de Alcantara: Posto Maritimo de Desinfecção, Quartel da Guarda Fiscal; Estabelecimentos comerciais na rotunda em frente da Gare de Alcantara; Armazens e oficinas da

Administração Geral do Porto de Lisboa; Pavilhões e corpos de edificios para serviços diversos da Alfandega e da Administração Geral do Porto de Lisboa; Armazens em toda a Doca.

Convencido, ainda de que trataría dum lapso de S. Exª. mandei em 26 de Junho de 1939 cópia de toda a documentação oficial sobre o assunto ao Ministerio das Obras Publicas e Comunicações, mas, apesar de passados oito mezes não foi dada resposta.

E assim continuo privádo de trabalhar nas encomendas que me foram oficial, e decerto, não levianamente, feitas.

MONUMENTO A D. JOAO IV, EM VILA VIÇOZA

Por portaria de 10 de Setembro de 1938 fui, com o escultor Francisco Franco, encarregado dos trabalhos respeitantes ao monumento a D. João IV, a erguer em Vila Viçoza por ocasião das comemorações centenarias.

Por não haver já muito tempo para a preparação do projecto, trabalho do escultor e construção do monumento, estabeleceu S. Exª. o Ministro prazos apertados para a entrega dos diversos estudos.

O primeiro trabalho seria o estudo do arranjo geral do Terreiro e deveria ser entregue até 20 de Novembro de 1938. Seguir-se-íam depois, o ante-projecto da urbanisação, o ante-projecto do monumento, o projecto definitivo da urbanização, o projecto do monumento, maquette do pedestal, etc., devendo o meu ultimo trabalho ser entregue em 5 de Maio de 1939 para que assim houvesse tempo de abrir o concurso para a construção e erguer-se o monumento, no local destinado, na data marcada no programa das comemorações centenarias.

Sucedé porem que desde 17 de Novembro de 1938, data em que entreguei pessoalmente a S. Exª. o Ministro os primeiros estudos, dos quais tudo o mais dependia, S. Exª. não deu andamento ao assunto, por mais que eu tenha insistido no perigo da perda de tempo. No entanto o escultor Francisco Franco tem a sua estatua bastante adeantada, mas nada está feito para a receber no proximo dia 6 de Novembro como está determinado no programa das comemorações.

Na altura em que estamos é fóra de duvida que já não é possivel inaugurar o monumento a D. João IV naquela data, pois nem sequer está escolhido o local exacto para o pedestal, nem este está feito, por S. Exª. não ter dado andamento ao assunto, desde Novembro de 1938.

BANCO DE PORTUGAL

Por deliberação do Conselho do Banco, fui classificado em primeiro lugar no concurso organizado para a escolha do arquitecto que deveria elaborar o projecto das novas instalações do Banco. Por escritura de 17 de Junho de 1936 foi-me passada definitivamente a encomenda do projecto.

Em 1 de Agosto de 1936 fazia entrega ao Banco, oficialmente, do ante-projecto, completo.

Como houvéra anteriormente negociações entre o Banco e a Camara Municipal quanto a alturas e outras caracteristicas do edificio, foi o ante-projecto entregue á Camara para se pronunciar.

Até hoje não se dignou a Camara dár andamento ao caso pelo que tive tambem, há mezes que dispensar os colaboradores que comigo trabalhavam nesse projecto.

COMPANHIA DAS AGUAS DE LISBOA

Necessitando a Companhia das Aguas de ampliár o edificio da Séde, na Avenida da Liberdade, fui encarregado de fazer o respectivo projecto, o qual foi entre

gue áquela Companhia em 15 de Agosto de 1938.

Não se iniciaram ainda as obras porque S. Exª. o Ministro a quem foi entregue o projecto, não deu até hoje despacho sobre o assunto, sobre o qual, melhor do que eu, sabe informar o Digno Director Delegado daquela Companhia Exmº. Snr. Carlos Pereira.

OUTROS CASOS SECUNDÁRIOS

Logo pouco depois da posse do cargo de Presidente da Camara pelo Exmº. Snr. Engenheiro Duarte Pacheco convidava-me este e ao arquitecto Paulino Montez para elaborarmos em colaboração o estudo da remodelação de Alfama.

Aceitamos, mas pouco depois o arquitecto Paulino Montez desistia. Mantive a aceitação e ficou combinado que me seriam fornecidas pela Camara plantas daquele bairro para fazer os estudos.

Por motivos que ignóro nunca a Camara me forneceu esses elementos tendo mais tarde, sem me dár qualquer satisfação, encarregado outro arquitecto desse estudo.

Pela mesma altura fui encarregado pela Camara de fazer o estudo da remodelação da Praça do Brazil e sua ligação aos bairros proximos. Apresentei o respectivo ante-projecto, mas até hoje não foi dáda qualquer ordem para prosseguir nos estudos.

CLIENTELA PARTICULAR

Assim como ao receber a encomenda de qualquer trabalho procuro fazer com os meus clientes saibam, antes de fazer as obras, quanto vão gastar, agóra, dáda a atitude de manifesta hostilidáde contra mim por parte de quem superintende na aprovação de projectos tenho-me visto obrigado a confessar aos raros clientes particulares que me procuram o que se passa e o receio de que os seus assuntos sejam prejudicados desde que sejam por mim tratados, o que faço por defeza propria e dos interesses dos meus clientes, mas que dá como resultado como é natural, muitos desistirem de me confiár as suas encomendas.

Em resumo: Encontro-me actualmente na situação de ter que fechar o meu "atelier", que foi durante muitos anos o mais completo e importante do paiz, e dos mais completos da Europa, por não ter trabalho para dár ao pessoal

que tinha e que está reduzido, até vêr, a um colaborador.

Obrigam-me as circunstancias a uma forçada reforma aos 43 anos e ao suicidio profissional, suicidio, que por ser imposto tem mais o caracter dum assassinato, contra o qual não posso deixar de me insurgir.

Felizmente, porque enquanto tive trabalho fui economico e pensei no futuro, tenho esperanças de não me vêr obrigado a mendigar um emprego para sustentar os meus filhos, mas custa-me muito ter tido que despedir colaboradores que me levaram muitos anos a preparar e desgota-me profundamente ter que fechar o meu "atelier", não por falta de trabalho, mas porque alguem que dizendo-se meu amigo mostra a sua amisade não me deixando trabalhar.

Neste combate, tinha necessariamente que ser derrotado.

É desconsolador verificar que tendo encomendas que atingem 80.000 contos, pelo menos, e que me dariam trabalho e a todos os meus colaboradores durante alguns anos tenho que abandonar o exercicio da minha profissão, não sei por quanto tempo, sem haver o mais insignificante motivo que justifique a perseguição de que sou vitima.

Documento 40.03

MONTEIRO, Porfírio Pardal – *O problema Arquitectural do IST*. Lisboa: [documento dactilografado do Espólio PMA] , 1940.

O Problema Arquitectural do I.S.T.

Programa tão vasto e completo como o das novas instalações do I.S.T. nunca me fôra dado anteriormente resolver.

Se na Escola de Belas Artes, no curso de arquitectura, a realização de grandes composições me tentára sempre - em consequência da emulação que havia entre os melhores alunos de curso - as suas possibilidades na vida prática nunca me pareceram viáveis, dada a "apagada e vil tristeza" em que no nosso meio se viveu durante tanto tempo.

Mudaram, porém, as coisas em Portugal tendo-me cabido a honra de ser encarregado de realizar a mais vasta composição arquitectural de edifícios escolares, feita entre nós nos últimos séculos.

Dificuldades de tôda a casta se levantaram, contra as quais só uma grande fé e um grande desejo de corresponder á confiança que em mim fôra depositada poderiam vencer.

Se a complicação e vastidão do programa eram de molde a entusiasmar um arquitecto para quem a composição dum tão largo plano era tentadora, as naturais condições de subordinação económica constituiam o ducha que fazia arrefecer todos os entusiasmos.

A comparação do programa com o custo inevitavel das obras correspondentes chegou a afigurar-se ao meu espírito como bastante para tornar inviavel a realização da obra. Devo mesmo confessar que me convenci, de entrada,

que mais uma grandiosa idéa brotára em cérebro de portugueses para ter que vir a ser arrumada, passados os primeiros impetos, na prateleira das aspirações, o que, aliás, seria preferivel ao espectáculo, já tão conhecido entre nós, de iniciar obras que pouco tempo depois eram suspensas para prosseguirem de longe em longe, já sem entusiasmo, quasi sem plano e sem data, se porventura se chegavam um dia a concluir.

Contudo, alguém, a seu lado, dotado duma fé e duma fôrça de vontade que até então não conhecera em ninguém; alguém para quem a palavra dificuldade parecia constituir precisamente um incentivo para vencer, queria, exigia quasi que, se necessário fôsse, se inventasse a solução pela qual a obra se tornasse realizavel.

Esse alguém, o engenheiro Duarte Pacheco, que só via diante de si o seu Novo Instituto, não podia admitir que o seu sonho não se transformasse em realidade.

Grave e tremenda situação a minha, numa altura em que a experiência e a prática profissional não me ajudavam a ver de entrada as possibilidades de conciliar todos os dados do problema.

A falta, no nosso meio, de casos idênticos para comparação e estudo, pelos quais pudesse mais rapidamente assentar idéas, levou-me a realizar, antes de atacar o estudo do problema, uma viagem de estudo pela Europa, em visita a algumas das melhores e mais afamadas escolas de engenharia.

Ao mesmo tempo que me fui, assim, familiari-

zando com instalações para mim até então desconhecidas, comparava os sistemas de construção de cada uma e de outros grandes edifícios, nos diversos países que percorria e a pouco e pouco reconhecia que se iam desanuviando do meu espírito as maiores dificuldades ou que pelo menos iam deixando de se apresentar com a importância inicial.

O que vira levára-me a tirar algumas conclusões. Decerto, o que acontecia em Portugal com o caso do I.S.T. devia acontecer nos outros países com casos idênticos. Eu via por tôda a parte que os arquitectos realizavam tentativas de tôda a espécie no sentido de tornar mais barata a construção recorrendo ao emprêgo racional dos mais diversos materiais, e procuravam dar solução aos problemas á custa da simplificação da arquitectura, afastando das suas realizações tôda a preocupação de fórmulas arquitecturais anteriores e buscavam uma nova expressão acentuadamente baseada na satisfação das diversas necessidades dos programas.

Por vezes chocavam-me as soluções que via, pois a educação profissional que recebera, baseada exclusivamente nos moldes clássicos, ou antes, naquilo a que afinal impropriamente se chamava a arquitectura clássica e que não era mais do que a imitação da arquitectura francesa e italiana do Sec. XIX; uma certa paixão pela beleza de determinados aspectos monumentais da arquitectura; o hábito de manejar conhecidos elementos arquitectónicos com os quais não era difícil che-

gar a resultados mais ou menos aceitáveis, e muitas outras razões, impediam-me de ver na arquitectura contemporânea o casas, para só ver o efeito.

Poucas ocasiões tivera, já no exercício da profissão, de avaliar quanto o lado económico e técnico influíam profundamente na arquitectura, se bem que a experiência me tivesse conduzido por vezes a soluções cuja expressão traduzia essa influência.

Ao atacar, porém, a solução do problema do I.S.T. tive que reconhecer que, se não procurasse subordinar a arquitectura às realidades, o caso não teria solução ou conduzir-nos-ia, fatalmente, a resultados opostos dos que eram de desejar.

Entre o pretender realizar obra rica, cuja expressão decorativa e ornamental impressionasse e deleitasse a vista dos passantes, correndo-se, para mais, todos os riscos de nunca se completar, e procurar realizar uma obra que atendesse antes de tudo às exigências dum programa claramente definido, satisfazendo em cada caso à sua função primordial, procurando na solução lógica e na simplificação de cada coisa a possibilidade de realizar o máximo possível, tornando assim viável a realização, como a experiência de outros países o demonstrava, parece-me que não havia que hesitar.

No primeiro caso corria-se o risco de ficarmos a meio e principalmente o de cometer uma indignidade sacrificando a honesta tradução do programa a uma expressão estética que fôsse mais compreensível pela "opinião

pública" mas que não poderia satisfazer á função que o programa lhe estabelecia.

No segundo havia que contar com a esperança de se dar, segundo as possibilidades da época, realização a uma obra concordante com o programa, com os recursos da técnica contemporânea e com as possibilidades económicas.

Por isso me decidi abertamente pelo caminho da solução racional tirando partido dos elementos essenciais da arquitectura mas não deixando de imprimir ao conjunto um equilíbrio quasi absoluto, baseado no mais puro espírito clássico.

De resto, devendo compôr o projecto duma grande escola de engenheiros, cujo caracter arquitectónico devia traduzir essa função, e não podendo, nem devendo, cair em preocupações de ordem ornamental á custa de prejuizo da perfeição técnica do conjunto, ataquei decididamente a solução do problema procurando tirar partido das grandes massas e do equilíbrio da composição, tentando dar a êsse conjunto uma expressão de harmonia, de calma e de sobriedade que me conduzisse a obter um efeito de grandiosidade arquitectural simplesmente á custa dos volumes da construção, o que é sempre incomparavelmente mais difícil de que tentá-lo á custa de riqueza decorativa e ornamental.

A par dêste equilíbrio clássico da composição e da sua sucessa decoração, procurei contudo dar a cada elemento da grande composição as proporções que segundo o meu sentimento mais se ajustam á sua função,

jogando para isso quasi exclusivamente com a forma e o claro-escuro, reduzindo neste caso todos os pormenores á proporção imposta pela escala do conjunto, ao que o material logicamente admitia e á sua função prática.

A adaptação de obra tão vasta a um terreno cuja forma e perfis não eram os mais favoraveis apresentava tambem dificuldades enormes que só á custa de aturado estudo e de inúmeras tentativas foi possivel vencer. A preocupação de conseguir uma distribuição geral que compensasse, em parte, a forçosa necessidade de simplificar tudo, avolumava excepcionalmente as dificuldades do problema.

Tomado, porém, um partido de composição geral, segundo o qual os diversos edificios fôssem arrumados no local mais apropriado, definido quer pela natureza dos seus serviços especiais quer pela relação entre êles, mais facil se tornava então o estudo de cada um, em pormenor, até chegar á solução que para cada caso desse satisfação ás exigências do programa.

É que em arquitectura, quando ela é seriamente encarada, parte-se do geral para o especial, da planta para a fachada, e por isso todo o pormenor e todo o efeito decorativo estão condicionados pelo programa e pelas possibilidades de solução prática. O efeito decorativo duma obra de arquitectura, sobretudo de arquitectura utilitária, deve ser sempre consequente daquelas causas. Quando se partir do efeito para a função, corre-se sempre o risco de prejudicar a realização e

de sacrificar a pureza da arquitectura.

Pela noção que tenho da arquitectura nunca poderia agir doutra maneira, embora no nosso meio seja corrente vêr-se apreciá-la ás avessas até por alguns que em assuntos de arte pontificam e, por isso mesmo, têm obrigação de conhecer as causas da sua expressão em cada época.

Todas os períodos de decadência se caracterizaram por uma franca tendência para a exuberância decorativa e no nosso tempo ainda há muita gente responsavel pela decadência de que viemos de nos libertar e que quer á viva fôrça transmitir-nos os seus defeitos,aos quais a coureça da nova fé resiste e a nossa vontade vai definitivamente vencendo.

O I.S.T. é obra dessa nova fé, de gente nova, de espirito contemporâneo e o reflexo da vontade dos homens de hoje que corajosamente lutam pela dignificação da cultura nacional.

O I.S.T. não foi realizado á tôa. É a consequência dum programa seriamente estudado e tem uma finalidade.

Se a sua solução arquitectónica dá ou não satisfação ás múltiplas exigências dêsse programa, o futuro, justo e imparcial o dirá.

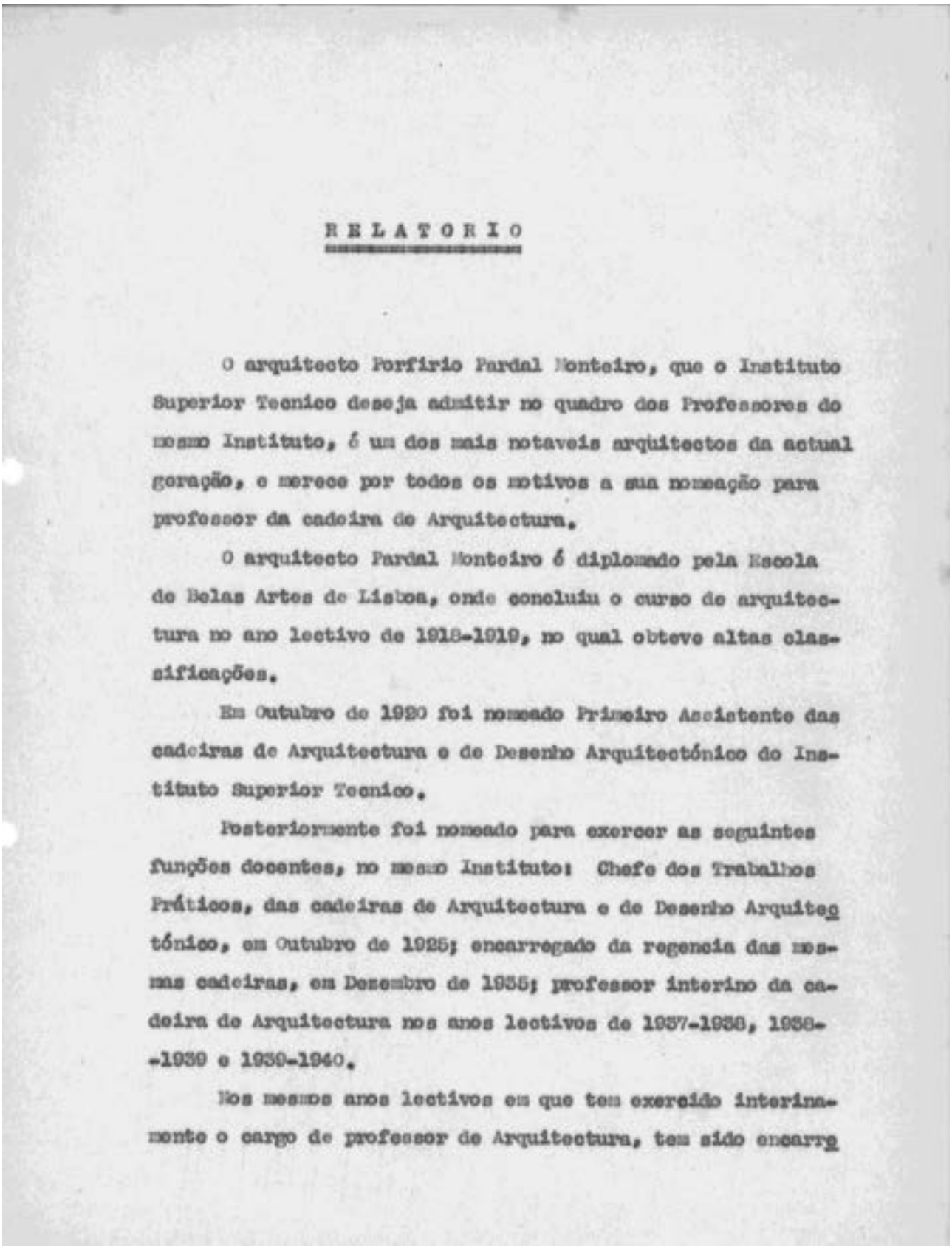
Por agora ainda que nos esqueçamos de ser ao menos generosos para com os que procuraram realizar uma obra que sintetizasse as aspirações duma geração e que nos não envergonhasse no resultado da comparação com as suas similares estranjeiras, não esqueçamos ao menos de

reconhecer quanto devemos a quem, pela sua tenacidade e pelas suas excepcionais faculdades de inteligência e de trabalho, foi a "alma" da nova escola de engenharia que veio substituir os velhos casarões da Boa Vista.

Ao seu realizador, o engenheiro Duarte Pacheco, fica o País e a engenharia portuguesa devendo e possuir finalmente uma nova escola de engenharia para cuja realização procurei, quanto em minhas fôrças coube, encontrar solução apropriada.

Documento 40.04

IST – Relatório sobre PPM. Lisboa: [documento dactilografado do Espólio PMA] , 1940..



RELATORIO

O arquitecto Porfirio Pardal Monteiro, que o Instituto Superior Tecnico deseja admitir no quadro dos Professores do mesmo Instituto, é um dos mais notaveis arquitectos da actual geração, e merece por todos os motivos a sua nomeação para professor da cadeira de Arquitectura.

O arquitecto Pardal Monteiro é diplomado pela Escola de Belas Artes de Lisboa, onde concluiu o curso de arquitectura no ano lectivo de 1918-1919, no qual obteve altas classificações.

Em Outubro de 1920 foi nomeado Primeiro Assistente das cadeiras de Arquitectura e de Desenho Arquitectónico do Instituto Superior Tecnico.

Posteriormente foi nomeado para exercer as seguintes funções docentes, no mesmo Instituto: Chefe dos Trabalhos Práticos, das cadeiras de Arquitectura e de Desenho Arquitectónico, em Outubro de 1925; encarregado da regencia das mesmas cadeiras, em Dezembro de 1935; professor interino da cadeira de Arquitectura nos anos lectivos de 1937-1938, 1938-1939 e 1939-1940.

Nos mesmos anos lectivos em que tem exercido interinamente o cargo de professor de Arquitectura, tem sido encarre

gado da regencia prática da mesma cadeira.

Primeiramente como Assistente, mais tarde como Chefe de Trabalhos Práticos, e, nos ultimos anos, como professor interino tem demonstrado excepcional profeciencia e dedicação pelo ensino.

Fóra do Instituto a carreira profissional do arquitecto Pardal Monteiro tem sido verdadeiramente notavel.

No ano lectivo de 1932-1933 exerceu o cargo de professor interino da cadeira de Arquitectura da Escola de Belas Artes de Lisboa.

Foi vogal do extinto Conselho Superior de Belas Artes e do Conselho de Estética Citadina, de Lisboa.

Actualmente é vogal do Conselho Superior de Obras Publicas e da Junta Nacional de Educação, nos quais tem sido relator de numerosos processos.

É há quatro anos o presidente do Sindicato Nacional dos Arquitectos e nessa qualidade exerce o cargo de Procurador á Camara Corporativa.

Em Janeiro de 1920 foi nomeado arquitecto-chefe da Secção de Obras e Edificios da Caixa Geral de Depositos, cargo que exerceu até Julho de 1929.

Tem tomado parte em varios congressos internacionais, onde sempre se distinguiu, tendo sido o delegado oficial do Governo Português ao Congresso Internacional de Arquitectos, realisado em Roma em Setembro de 1935. É ainda membro do Comité Permanente dos Congressos Internacionais de Arquitectos e das Reuniões Internacionais de Arquitectos, ambos com

séde em Paris, e é o presidente da secção portuguesa dos mesmos organismos.

Varias colectividades profissionais extrangeiras fizeram-no seu membro honorário.

A sua colaboração tem sido solicitada, com frequencia, pelas principais revistas e publicações nacionais e extrangeiras sobre arquitectura tendo, por vezes, sido transcritas em publicações literarias e de cultura geral artigos seus sobre assuntos da sua profissão.

Tem realisado varias conferencias de caracter didactico, envolvendo assuntos de ordem profissional e de arte em geral e tem sido pela sua obra profissional, pela escrita e pela conferencia o mais activo propagandista da estreita colaboração de engenheiros e de arquitectos na construção civil contemporanea.

É o autor dos projectos de obras importantes de arquitectura monumental, religiosa, escolar, industrial, utilitaria e domestica, dispersa por todo o país, bastando citar entre outros os edificios do Instituto Superior Tecnico, o do Instituto Nacional de Estatistica, a Igreja de Nossa Senhora de Fátima, o edificio do jornal "Diario de Noticias", em Lisboa, os Seminarios Patriarcais de Almada e dos Olivais, a Filial da Caixa Geral de Depositos, Credito e Previdencia, no Porto, ocupando-se actualmente, entre outros dos seguintes trabalhos, todos de excepcional importancia: as novas Gares Maritimas para passageiros, no porto de Lisboa; o novo Ministerio das Finanças; os novos Edificios Universitarios de Lisboa, a nova séde do Banco de Portugal e o monumento a D.João IV

em Vila Viçosa.

Por três vezes lhe foi já atribuido o "Prémio Valmôr", bem como, uma vez o Prémio Municipal, atribuido anualmente á melhor construção particular.

Tem sido premiádo em diversos concursos publicos de arquitectura e em varias exposições.

A comissão em presença do "curriculum vitae" do arquitecto Porfirio Pardal Monteiro é de parecer que este arquiteto seja nomeado professor da cadeira de Arquitectura.

Lisboa, 7 de Agosto de 1940

a a) Antonio Herculano Chaves de Carvalho
Eduardo Valerio Vilaça
José de Mascarenhas Pedroso Belard da Fonseca
Afonso de Melo Cid Perestrelo

Documento 40.05

IST – Identificação de PPM. Lisboa: [Documento dactilografado do Espólio PMA], 1940.

Instituto Superior Técnico
LISBOA

Secção Secretaria
N.º 5678 L.º A/8

Roga-se que na resposta se indiquem a secção, número, livro e a data déste documento



SERVIÇO DA REPÚBLICA

Exmº. Sr. Director do Arquivo de Identificação
de
Lisboa.

Para os devidos efeitos, tenho a honra de comunicar a V.Exª. que o portador do bilhete de identidade B. Nº. 703.433 ,passado pelo Arquivo de Identificação de que V. Exª. é muito digno Director, em 9 de Novembro de 1935, Porfirio Pardal Monteiro nascido em 16 de Fevereiro de 1897, filho de Pedro Manuel Monteiro e de D.Mariana Gertrudes Monteiro, natural de Montelavar, Concelho de Sintra, casado com a Exmª.Snrª.D.Maria Luiza Kopke Pardal Monteiro, morador na Rua Filipe Folque Nº.77 - R/c., exerce neste Instituto as funções de Chefe de Trabalhos Práticos.

A Bem da Nação.

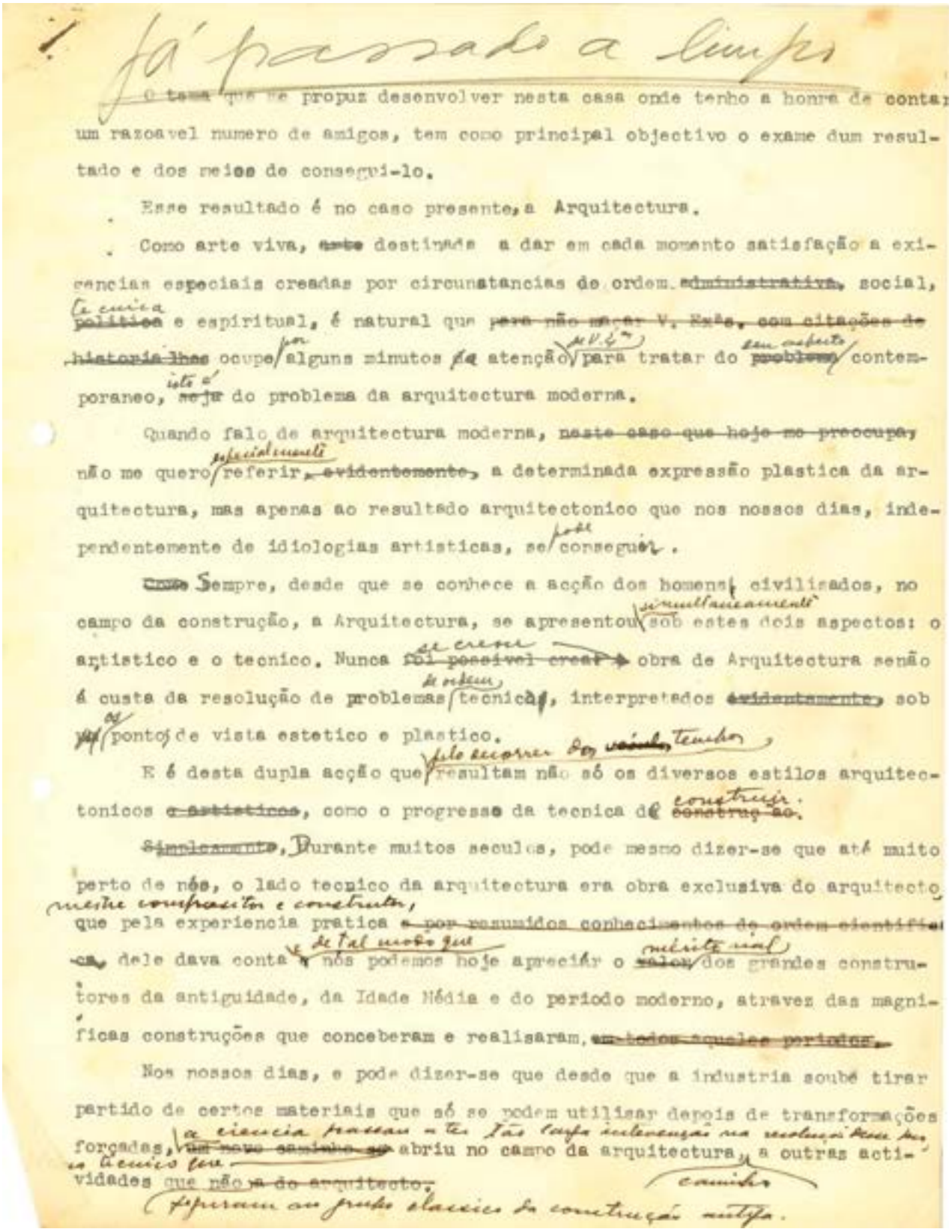
Lisboa, 29 de Outubro de 1940.

O DIRECTOR:

A. Herculano de Carvalho

Documento 40.06

MONTEIRO, Porfírio Pardal – A Colaboração de Arquitectos e Engenheiros na Arquitectura Moderna.. Lisboa: [Documento dactilografado do Espólio PMA], 1940.



já passado a limpo

O tema que me propuz desenvolver nesta casa onde tenho a honra de contar um razoavel numero de amigos, tem como principal objectivo o exame dum resultado e dos meios de conseguí-lo.

Esse resultado é no caso presente, a Arquitectura.

Como arte viva, destinada a dar em cada momento satisfação a exigencias especiais creadas por circunstancias de ordem administrativa, social, politica e espiritual, é natural que para não maçar V. Exªs, com citações de historia lhes ocupe alguns minutos da atenção para tratar do seu aspecto contemporaneo, isto é, do problema da arquitectura moderna.

Quando falo de arquitectura moderna, neste caso que hoje me preocupa, não me quero especialmente referir, evidentemente, a determinada expressão plastica da arquitectura, mas apenas ao resultado arquitectonico que nos nossos dias, independentemente de idiologias artisticas, se pode conseguir.

Sempre, desde que se conhece a acção dos homens civilisados, no campo da construção, a Arquitectura, se apresentou simultaneamente sob estes dois aspectos: o artistico e o tecnico. Nunca se creou obra de Arquitectura senão á custa da resolução de problemas de ordem tecnica, interpretados sob o ponto de vista estetico e plastico.

E é desta dupla acção que vão resultam não só os diversos estilos arquitectonicos, como o progresso da tecnica de construir.

Durante muitos seculos, pode mesmo dizer-se que até muito perto de nós, o lado tecnico da arquitectura era obra exclusiva do arquitecto mestre construtor e construtor, que pela experiencia pratica de tal modo que nós podemos hoje apreciar o merito real dos grandes construtores da antiguidade, da Idade Média e do periodo moderno, atravez das magnificas construções que conceberam e realisaram.

Nos nossos dias, e pode dizer-se que desde que a industria soube tirar partido de certos materiais que só se podem utilisar depois de transformações forçadas, a ciencia passou a ter tão larga intervenção na resolução dos problemas tecnicos que abriu no campo da arquitectura e a outras actividades que não o arquitecto.

(Esperam os frutos classicos da construção antiga.

(2)

Para abordar focar o principal objectivo desta palestra,

Se nos limitarmos a focar o que é o problema de arquitectura dos nossos dias, verificamos que para se realisar a obra é necessaria a solução prévia, teorica, de imumeros problemas, cuja solução não depende apenas da pratica de construir.

Um edificio moderno, isto é, feito á custa de todos os recursos do nosso tempo, compreende por enquanto, todo este conjunto de estudos prévios:

Primeiro, como elemento principal, o projecto geral da composição que estabelece o partido do conjunto e a disciplina da realisação; que debaixo para cada elemento as suas hipoteses, que resolve o problema de conjunto funcional, estetico e estetico. Depois segue-se uma extensa serie de estudos de pormenor, baseados naquele projecto geral, que torna objectivo todo este desenvolvimento.

a obra de fundações

a da estrutura geral

a de electricidade, com todas as suas variadas aplicações

a de alimentação de aguas quentes e frias

a de esgotos

a de ventilação

a de aquecimento

a de condicionamento da atmosfera

a de isolamentos fonicos e anti-vibrateis

A par deste conjunto de estudos que exigem largos conhecimentos cientificos e abrange diversos ramos de especialisação tecnica, a obra necessita ainda de quantidade de pormenores classicos de construção e acabamento, taes como os que respeitam ao trabalho de carpintaria e marcenaria, serralharia, cantaria, sem numero de elementos respeitantes propriamente á decoração e a valorisação estetica do edificio.

É este excepcional grupo de elementos que constitue a parte mais importante dos estudos da obra moderna de arquitectura, mal valendo a pena falar naqueles escritos que os acompanham: Memórias descritivas e justificativas, cadernos de encargos, condições de empreitada, enfim, tudo aquilo que constitue, no fim, o "dossier" da obra.

Perante esta realidade que acabo de referir ~~[illegible]~~

~~Mas o que interessa para o ponto de vista que me prendi desenvol nesta palestra é a competencia do realisador.~~ ~~Todo da intervenção de muitos técnicos, e não vamos nos antijuridas, uma~~

~~O papel do arquitecto~~ (eu julgo que é razoavel perguntar :

~~E para chegar mais rapidamente a conclusões, é razoavel perguntar~~

Quem é, ~~de todos os technicos aqueles~~ for esse mundo fora o arquitecto que está á altura de resolver todos estes problemas ? Eu por mim, e como arquitecto que tem um grande bem profissional, respondo : Não ser que se trate dum génio, ninguem .

~~Haverá algum que seja bastante idoneo para resolver, a todos, com aquela~~ Mas acrescento : a alma de arquitectura moderna ~~é resultado da colaboração~~ desenvolvimento, que só é possivel quando conhecemos profundamente o assunto ~~interpretação de muitos technicos~~ assim como não pode ser realisada só ~~n'~~ a custa de ~~em que nos metamos ?~~ ~~estudo do arquitecto~~, tambem não pode ser á custa apenas ~~de~~ de qualquer outro technico, a mim, como disse, que se trata dum génio .

Julgo que a resposta é simples. Nenhum dos technicos que intervem na ~~obra~~ de arquitectura moderna é o resultado da intervenção de muitos technicos nenhum dos quais obra tem os conhecimentos bastantes para ~~tratar~~ está á altura de tratar com segurança todos os problemas, desde o da concepção geral da obra, passando por todos os pormenores da tecnica até aos acabamentos e á decoração.

Nestas circunstancias ~~Uma~~ colocados perante esta evidencia, dir-se-á : E Ninguem está á altura de poder ~~dirigir o trabalho de todos~~ resolver todos os problemas, e este regressa a ser a torre de muitos o resultado final da obra corre todo o risco de ser o producto duma indisciplina, senão da anarquia imposta pela força das circunstancias.

~~Contudo, bem vistas as coisas, encarados os problemas mais pela sua pro~~ É precisamente porque a Arquitectura é sempre uma coisa complexa ~~plexa mas pode numa vez o resultado da ocasião, pois vale a~~ pena encarar o caso a ~~um~~ qual a ~~tarefa~~ valoração que pode ter ~~ser não seja dificil encontrar o caminho de disciplina que há de assegurar a~~ ~~unidade e a harmonia do conjunto.~~

A primeira condição que ~~[illegible]~~ se faz deve ser a de nunca perder de vista o que é na realidade a Arquitectura. Por mais dependente que ela seja da tecnica, das condições economicas e sociais e até da capacidade de quem a arquitectura foi, é e será sempre essencialmente uma arte. Isto é, o resultado que se obtem por meio da Arquitectura é sempre um resultado artistico, no sentido largo da expressão, sem que nos prendamos com ~~opiniões preconcebidas~~ conceitos particulares sobre ~~expressões~~ o artistico.

Por mais utilitaria , por mais directamente ligada a interesses puramente materiais que seja a obra de arquitectura, ela, bem ou mal, ~~exprime~~ apresenta sempre um resultado plastico, no qual, por mais que se tenha pretendido afastar a idéa "arte" ela subsiste fatalmente de uma forma simples, amador. O que pode ser é de muito mau gosto arte

que é quasi uma instituição nacional.

Não há pois meio de desligar a arquitectura das responsabilidades a que ela vae amarrando cada geração perante o futuro. E nós vemos nos nossos dias como é facil num golpe de vista retrospectivo apreciar a obra realisada pelas infinitas gerações passadas e distinguir imediatamente o bom do mau.

É pois esta automatica expressão de arte, ainda que ainda pobre, simples e modesta, que a arquitectura inevitavelmente toma que pode ajudar a evitar a anarquia dentro da obra de arquitectura.

A arquitectura, como a Musica, que é, como disse Mussolini, uma outra especie de arquitectura, a arquitectura de sons, exige que para se chegar a um resultado seja primeiro concebido esse resultado. Não é possivel fazer arquitectura se pretendermos marchar ao sabor dos precalços, das idéas e das exigencias novas que a todo o momento surgem durante a resolução dos problemas. O resultado a que em tais circunstancias chegaremos será fatalmente o da desordem, o do amontoado de coisas agrupadas sem qualquer sentido de unidade.

Dá-se com a arquitectura o que daria com a Musica se alguem se lembrasse de agrupar sons, á tôa, apenas porque cada um de per si ofsse muito agradavel, sem qualquer intuito de crear harmonia.

Ao simples facto de se agruparem sons não se poderia chamar musica, como ao simples facto de se agruparem elementos uteis da construção se não poderá sempre chamar arquitectura.

Pelo contrario, se o primeiro caso poderia ser a negação da musica o segundo poderia ser a negação da arquitectura.

Julgo pois que não ofereça discussão a concepção da arquitectura arte, por mais que ela viva da larga colaboração da tecnica.

É certo que em Portugal, mais, mas muitissimo mais do que em qualquer outro paiz a cultura artistica da população desceu, do Sec. XVIII para cá a tal ponto que chega a dar ocasião, como caso unico no mundo, a admitir-se a arquitectura ~~como simples obra utilitaria, ou então~~ como simples obra decorativa.

Só em Portugal se ligou á idéa arquitectura a noção da fachada, a pele, do exterior da construção. Quer dizer perdeu-se a noção do que é a arquitectura, a tal ponto, que por ignorancia quasi sempre, e por conveniencia, algumas vezes, algumas pessoas pretenderam considerar como Arquitectura apenas uma parte da concepção da obra.

Arquitectura é a obra total, é o conjunto, é a concepção completa dum todo que como uma partitura, uma composição musical, obedece a uma idéa completa de harmonia, susceptivel de atingir um resultado que há-de crear emoção.

Admitida, como parece razoavel e logico, que a arquitectura é uma arte, pode parecer á primeira vista que quem está á altura de resolver todos os problemas que cabem dentro da obra de arquitectura é o tecnico artista, portanto o arquitecto.

É o que eu julgo que vale a pena ver, e só peço aos que me dão a honra de me escutar que ponham no seu julgamento tanta imparcialidade como a que eu julgo pôr nos raciocinios que vou desenvolver.

Nenhuma preocupação de ordem profissional, ou antes de interesse profissional existe no meu espirito ao tratar deste assunto, pois considero que acima dos interesses profissionais de qualquer classe está o interesse da sociedade onde vivemos e sobretudo da Nação.

Não é necessario frizar a infinidade de conhecimentos de ordem cientifica de que o arquitecto precisaria para que ele fosse hoje, como noutros tempos o unico e universal realisador da obra completa de arquitectura. Seriam tantos, tão extensos e heterogeneos e o seu estudo seria tão moroso, que por maior que fosse a capacidade intelectual do arquitecto, quando este estivesse teoricamente armado com todos os conhecimentos para iniciar os combates da realisação pratica, estaria fatalmente na idade da reforma. Seria portanto um orgão imutil da maquina de producção que é a humanidade.

Era uma roda para deitar fora quando estivesse pronta.

Por outro lado, como só consegue ser arquitecto quem tenha decidida vocação artistica, enfim, o suficiente poder emotivo para crear, imaginar, arquitec-

tar, em suma, soluções artisticas, a todo o momento se verifica esta verdade: é que o artista, tem uma extraordinaria falta de entusiasmo por tudo quanto seja o estudo cientifico, profundo. Perante esta realidade

~~Não quer dizer que o artista, o arquitecto seja aquele individuo, a que~~ ~~o vulgo chama~~ habilidoso, ~~o que quasi sempre envolve o conceito de pouco inteli~~ ~~gente. Não, os artistas, teem outras faculdades que faltam aos homens da ~~cia e mal do mundo se a sensibilidade dos homens fosse a mesma para todos. A~~ ~~não ser que fossem todos genios como Leonardo da Vinci, o mundo seria uma ver~~ ~~dadeira desgraça, duma aridez e dura monotonia insuportaveis. Não valeria a re~~ ~~na viver.~~

Não ha duvidas de que o arquitecto nos nossos dias não pode resolver sozinho todos os problemas que a obra de arquitectura envolve.

— Quem deverá então resolver aqueles que não estão á altura dos recursos cientificos ~~do arquitecto~~?

— Evidentemente que os tecnicos que tenham conhecimentos especiais de determinadas partes do todo, isto é, os diversos executantes da partitura, competentes para tocar, cada um, na perfeição, o seu instrumento.

— Mas haverá entre os ~~tecnicos~~ especialistas, um que possa resolver todos os problemas de ordem tecnica e cientifica desde os ~~da estabilidade~~ até aos da electricidade e da atmosfêra condicionada ? ~~Ou pela~~ A experiencia ~~portuguesa~~ universal diz que não.

~~Pelo contrario~~, são varios, os que teem que intervir no estudo dos diversos problemas. E, neste momento, devo dizer, que os tecnicos que estão á altura de poder resolver todos esses complexos problemas da tecnica, são os engenheiros. Precisamente porque cada parte constitui uma especialidade que ~~não~~ é possivel contar com ~~um~~ engenheiro ~~Já lá vai o tempo dos praticos, dos artifices~~ ~~de veias de inconfessavel valor e ter~~ ~~mente experimentados que empiricamente resolviam alguns dos proble~~ ~~mas complementares da obra de arquitectura.~~

Hoje não é admissivel que um simples trabalho de distribuição de aguas num edificio, seja calculado "a olho" sem se ter em conta o rendimento normal

da alimentação de cada ponto, e muito menos as consequencias da marcha simultanea de diversas fontes.

Estender fios conductores de energia electrica, tambem já não é obra que se possa hoje fazer sem que o calculo intervenha na verificação das instalações.

E tudo o mais, exige que o seu estudo seja feito por especialistas, seriamente preparados cientificamente.

Desta rapida ~~[illegible]~~ verifica-se portanto quanto ~~é já hoje~~ larga ~~a~~ intervenção dos engenheiros ~~na obra de arquitectura.~~

É desta intervenção que resulta a inevitavel colaboração entre arquitectos e engenheiros.

E aqui começa uma das partes mais ~~graves~~ do problema, que me parece no entanto de facilima solução, se todos ~~[illegible]~~ a sua acção mais no sentido de ~~[illegible]~~ obra, ~~[illegible]~~ no conjunto do que de injôr cada um pontos de vista, ainda que ~~[illegible]~~ no absoluto, ~~[illegible]~~ na harmonia que a obra util mas artistica da arquitectura exige.

~~A~~ Arquitectura é arte de sacrificios.

Sacrificios que começam desde as primeiras idéas, durante toda a composição e que se prolongam até á conclusão das obras.

É da limitação de certas partes, do sacrificio ás vezes do perfeito absoluto duma parte, ~~encarada isoladamente~~, que resulta a perfeição, a harmonia, o equilibrio do conjunto. ~~Quantas vezes os arquitectos são forçados, para assegurar a harmonia das proporções a sacrificar uma solução que funcionalmente poderia ás vezes resultar mais perfeita, mas cuja solução plastica seria fatalmente prejudicial ao resultado que o bom senso e até ás vezes o proprio gosto da epoca impõem.~~

A dificuldade, e essa enorme, consiste precisamente em tornar conciliáveis as soluções technicas, praticas, de ordem utilitaria e funcional, com a expressão plastica que um edificio pelo seu destino admite e até exige por vezes.

Ora esta subordinação constante por parte do arquitecto ao resultado plástico funcional da obra, sem prejuizo do seu destino, prolonga-se a tudo quanto de qualquer modo faça parte do conjunto arquitectural.

E quando assim não aconteça estaremos caidos imediatamente na indisciplina na desarmonia e fatalmente no mau resultado.

Assim como o arquitecto enquanto compõe está constantemente sujeito a limitações impostas pela idéa geral, em que as partes principais e essenciais teem fatalmente que dominar sobre as secundarias e acessorias, sem o que nunca se faria obra séria de composição, do mesmo modo todos os que interveem na realisação da obra estão automaticamente sujeitos á mesma disciplina e ás mesmas limitações. Nenhum é senhor de agir livremente sem correr os riscos de prejudicar o objectivo principal.

Para atingir ~~Simplesmente, para se conseguir~~ definir com precisão até que ponto cada um dos problemas pode ser desenvolvido, isto é, ha que estabelecer uma disciplina ~~pode servir~~ de base. Aquela que resulta do projecto de composição geral que define ~~plasticamente~~ cada local, os cheios e os vasios, as proporções de cada parte e de cada elemento, e a expressão geral a atingir. ~~no final~~.

Para assegurar a conservação dessa disciplina o papel ou a acção do arquitecto é constante, pois só ele que concebeu a composição, que escreveu a partitura, está á altura de poder regular até que ponto cada parte pode ser desenvolvida. ~~um pode ir, cada instrumento pode intervir na harmonia do conjunto.~~

É certo que se dirá: mas se o arquitecto não tiver conhecimentos profundos dos problemas ~~da técnica do estudo~~ da estabilidade, da electricidade, do sanitario em geral, dos isolamentos, etc., como poderá ele condicionar a intervenção de cada especialista?

Vejo-me obrigado para esclarecer a recorrer mais uma vez á comparação com a musica. O compositor, o proprio maestro, pode não saber tocar determinados instrumentos, pode na intervenção dos córos falhar por completo como executante se for completamente afónico. E no entanto o compositor, só o é de verdade se souber até que ponto é que cada instrumento é susceptivel de intervir na sua composição.

Assim acontece/ com o arquitecto.

A este, artista da composição, tecnico da idéa geral e da harmonia basta-lhe ter a noção das possibilidades, da função e da parte util do aproveitamento de cada especialidade. E ter a noção não quer dizer que seja conhecer a fundo. Esse conhecimento é para o especialista que perante um programa do resultado a atingir ~~definido pelo arquitecto~~, procurará, em obediência a esse programa, solução pratica para o seu problema parcelar.

E eu posso, por experiencia assegurar que é facilimo conseguir sempre um bom resultado se arquitectos e engenheiros quizerem compreender que é duma séria e leal colaboração que se chegará a bom termo, ~~com honra para todos~~, e que para cada um terá o seu quinhão de glória.

~~Evidentemente que sabe do principio que~~ O que é facil finalmente o arquitecto é estudioso, acompanha o progresso da tecnica e está ao pár quer dos resultados já conseguidos noutras partes quer das possibilidades das proprias especialidades.

~~É que~~ Para que a colaboração seja util há que ~~verificar~~ saber qual a altura em que ela se deve dar para se afastarem tanto quanto possivel as surprezas, para que o resultado seja seguro e perfeito.

Entre nós, até entre aqueles que julgam interpretar bem a colaboração, o problema é frequentemente mal posto.

No geral chega-se a proceder deste modo: O arquitecto prepara o seu projecto em obediência a um programa, procura encontrar a solução que satisfaça sob o ponto de vista utilitario, funcional e plastico e depois de muitos estudos de plantas, de alçados e de cortes, ~~conclue~~ o seu projecto e começa então a procurar ~~solução para~~ quem lhe resolva cada um dos casos que ele não está á altura de resolver totalmente.

Quantas vezes só depois de estudado o projecto ~~geral~~ da composição arquitectural intervêem os engenheiros que hão-de estudar a obra de fundações, a de betão armado e quantas vezes não vai mais longe ~~vai mal~~ pior a intervenção dos engenheiros especialistas.

No que respeita a canalisações, electricidade, ventilação, aquecimento, etc., ~~Nas~~ muitas vezes só durante a marcha da obra é que interveem não já os especia-

listas independentes, mas as proprias casas fornecedoras ou instaladoras que nem sempre teem á sua frente tecnicos suficientemente competentes para que o problema seja estudado com certas garantias de perfeição tecnica.

Deste modo se resolvem muitas vezes as coisas entre nós.

No entanto todos colaboram a fim resultado combinam.

Quanto a mim só há um caminho a seguir para se atingir o bom resultado e esse que corresponde a verdadeira colaboração.

Em meu entender arquitectos e engenheiros podem e devem colaborar por assim dizer quasi desde os primeiros momentos em que as idéas do arquitecto começam a tomar corpo.

Logo que o arquitecto inicie os estudos de interpretação do programa, em que começa a lançar as idéas gerais da composição, digâmos, a esboçar a solução um primeiro engenheiro especialista deve começar paralelamente o estudo geologico do terreno, que se fôr fornecido ao arquitecto a tempo e horas pode vir influir extraordinariamente no partido geral da distribuição dos elementos de estrutura, sobretudo daqueles que hão-de suportar as grandes cargas.

Definidos os estudos do ante-projecto, é chegado o momento de todos os outros engenheiros especialistas intervirem. O ante-projecto define a orientação geral de distribuição, o partido da composição sob o ponto de vista funcional e plastico. Mas está sujeito a todas as correcções derivadas do estudo mais profundo e pormenorizado do problema.

Pelo ante-projecto podem avaliar-se já os espaços cheios e vasios da construção e o encadeado de dependencias, o seu destino e as exigencias especiais que tenham que ter solução conveniente á custa da tecnica cientifica.

Pelo ante-projecto já os engenheiros que hão-de resolver os problemas do betão armado, da alimentação de aguas, dos esgotos, das instalações electricas diversas, do aquecimento, da ventilação e do isolamento fônico e de vibrações, podem ajuizar da amplitude do conjunto e colaborar efectivamente com o arquitecto.

Quantas vezes me tem acontecido, depois de trocar impressões com os meus diversos colaboradores, em face do desenvolvimento das suas concepções sobre

os trabalhos de sua especialidade, ser levado a adoptar para os pormenores da composição soluções diferentes das que inicialmente concebera e que resultam bastante mais praticas, mais economicas e quantas vezes exprimem até plasticamente ~~a nova virtude da nova interpretação que então dou á solução,~~ bem mais progressivas e modernas do que dantes.

Deste modo, se os engenheiros especialistas intervierem com as suas idéas sobre os assuntos em que são bastante mais competentes do que o arquitecto logo que está definido o ante-projecto dá-se sem discussão a colaboração efectiva. E da troca de impressões, da transigencia de parte a parte, resultará com certeza a solução razoavel, ajustada á concepção geral ~~em que a concepção do arquitecto, aquela~~ que há-de exprimir o conjunto e o lado plastico da composição arquitectural, que nunca da acção de todos fatalmente será mais perfeita, mais adequada ao seu fim e dará, sem duvidas, mais satisfação aos que dela tiverem que se servir.

É caso para perguntar se nestas circunstancias é possivel dár-se luta de competencias, dár-se concorrencia no mesmo campo. Eu entendo que não e faço a minha afirmação baseada numa experiencia de mais duma dezena de anos.

Desta colaboração entre o arquitecto e os engenheiros em que tudo quasi desde o inicio é previsto, resulta inevitavelmente caminho seguro para a preparação de todos os elementos necessarios para se proceder sem surprezas á execução das obras. Os orçamentos podem ser ~~preparados~~ calculados com segurança; as obras podem ser executadas sem interrupções provocadas por insuficiencia de pormenorisação tecnica; Os prazos podem ser respeitados e o crédito dos tecnicos é consolidado pelos resultados que se obtêem. ~~em todos os sentidos~~. Não é para desprezar tambem a confiança que ~~há-de~~ resulta destes factos por parte daqueles que supõem que mandar fazer obras é correr todos os riscos duma aventura, pelas incertezas de toda a ordem que ainda hoje por vezes rodeiam grande parte das construções que se farem.

Eu, porque a experiencia mo tem confirmado, porque antes da experiencia tinha esta convicção, ~~luto~~ infatigavelmente (tenho lutado) por uma compreensão tão grande quanto possivel das possibilidades reais de arquitectos e de engenheiros. Combato

prisso mesmo, em todos os campos, os que em vez de provocarem, para bem do nosso grau de civilisação e do prestigio nacional, uma perfeita e leal colaboração, procuram apenas por interesse e inconscientemente, sem qualquer objectivo elevado, estabelecer a confusão, aproveitando-se por um lado de disposições legais imperfeitas, e por outro do baixo grau da cultura nacional.

Estou convencido de que se arquitectos e engenheiros souberem querer contribuir para elevar o nivel da produção nacional no campo da arte e da tecnica, cooperando cada um na obra colectiva ~~agindo cada um, embora em colaboração,~~ com a aspiração ~~objectivo~~ de realisar o melhor e o mais perfeito, ter-se-á, prestado á Nação o melhor dos serviços e cada um terá servido a sua profissão com probidade.

O interesse da colectividade acima do interesse das classes, e o interesse das classes acima do interesse individual, deverão ser o norte que arquitectos e engenheiros teem o dever de seguir.

Por minha parte nunca procurei seguir outro caminho e nesta altura em que já vejo atraz de mim uma obra, embora modesta, mas realisada rigorosamente dentro das doutrinas que acabo de expor só posso recomendar aos meus colaboradores ~~o~~ que procurem, de contemporaneo e de tecnicamente perfeito elas podem alcançar.

~~Eu prefiro em absoluto~~

Documento 41.01

MONTEIRO, Porfírio Pardal - Arquitectura e a Indústria. Conferência no Rotary Club. Lisboa: [Documento dactilografado do Espólio PMA], 1941.

Na ultima palestra que há tempo, há mesmo muito tempo, proferi neste club procurei definir o que é a Arquitectura. Tentei, então, explicar o que é essa grande Arte, a primeira das Belas Artes, e o drama constante do homem que concebe as construções.

Hoje, escolhi um assunto mais terra-a-terra, mas que julgo oportuno é de algum interesse para o club por se integrar naquele espirito de solariedade e de colaboração que é a razao de ser desta colectividade constituida por pessoas amantes de bem servir.

E o tema de hoje vem a ser: a Arquitectura e a Industria.

Para focár o quadro em que nos aparecem reunidas estas duas grandes manifestações da actividade, vou procurar primeiramente esboça-lo nas suas grandes linhas por meio dalgumas noções sumárias.

A Arquitectura é essencialmente uma Arte, é obra de composição, como a Musica, obra que o arquitecto concebe em obediencia a um programa de necessidades reais, procurando integrar-se na razão de ser do edificio, de modo a assegurar-lhe a utilidade que justifica a sua construção e a crear a harmonia plástica, pela beleza das proporções, pela judiciosa escolha dos materiais, pelo "caracter" do conjunto, que constitue a obra de Arte que é sempre a obra de Arquitectura.

Mas embora a Arte seja o objectivo é á custa da matéria, natural ou transformada, que a obra de Arte se realiza. O aproveitamento natural ou a transformação das materias conseguido á custa do esforço intelectual do homem, sirva-se ele, em paralelo, quer da propria fôrça fisica disciplinada, quer da maquina que concebeu ou que comanda não pertence á Arquitectura. É obra da Industria, a quem o Arquitecto vae pedir a colaboração ordenada, utilitária, fria, se quizermos, sem a qual tantas obras magnificas não passariam de concepções traduzidas em papel, sem finalidade apreciável.

Postas estas simples noções gerais se verifica pois a intima ligação da Arquitectura e da Industria, podendo desde já deduzir-se até que ponto o arquitecto precisa de conhecer as possibilidades da Industria, para delas tirar partido e o industrial precisa de conhecer as tendencias da Arquitectura, os seus objectivos e até os seus ideais para lhe poder dar a colaboração que em parte justifica a sua existencia.

É para o bom resultado dessa colaboração que eu procuro contribuir com a minha pequena palestra de hoje.

Esboçado o quadro, vamos agóra apreciá-lo um pouco mais em pormenor.

Para se avaliar até que ponto a Industria,em muitas das suas manifestações marcha em paralelo com a Arquitectura,basta-nos observar a realidade.

Qualquer construção é em regra entregue a um construçtor ou a uma empresa de construção,para a executar. Esta entidade e o primeiro industrial com quem o arquitecto está em contacto;como empreiteiros,sub-empreiteiros,fornecedores,colaboram muitos outros industriais.

Se exceptuarmos a obra de caracter puramente artistico çomo a pintura decorativa e em parte a escultura,quasi tudo quanto é necessário para construir e completar um edificio é obra da industria.

É a qualidade dos materiais ou dos produtos,é a excelencia da fabricação,é o preço a que deve ficar cada peça,é a duração do objecto fornecido,é a perfeita concordancia do pormenor com o espirito arquitectónico da obra,e enfim,tudo o que vae ficar oculto ou á vista obra quasi exclusiva da industria que contribue para o bom ou mau resultado utilitário e quantas vezes para o valor estético do edificio.

Parece pois que está suficientemente demonstrado a que ponto a Arquitectura e a Industria andam ligadas.

Pondo o problema da Arquitectura sob outro aspecto e em pura teoria verifica-se que o que fundamentalmente interessa,por um lado ao artista que concebeu a obra,o arquitecto e por outro á entidade que manda construir,o proprietário,seja este o particular ou o Estado,é que a obra satisfazendo a sua finalidade utilitária,resulte bela,perfeita,sólida,durawel e quanto possivel barata.

Para que resulte bela,pode dizer-se,a principal condição tem de ser satisfeita pelo arquitecto,que,dentro do programa que lhe foi indicado,há-de procurar crear a obra d'Arte que corresponda aos objectivos de quem manda construir e seja digna,ainda que discutivel,como toda a obra d'Arte,de figurar ao lado das outras obras que constituem o património da Naçao.

Para que resulte perfeita,sólida e duravel,ao arquitecto e aos inumeros industriais,engenheiros,artistas,artifices e operários que nela trabalham cabe o dever de realizar a parte de cada um empregando os melhores processos de construir,de fabricar de preparar ou de executar,a parte em que cada um intervem com mais especial conhecimento.

Para que resulte barata,é principalmente á Industria,seja a da propria construção civil,seja a de fabrico ou produçao de materiais e de acessórios que cabe o principal papel.

E finalmente,para se conseguirem estes resultados é lógico que se recorra aquelas industrias e aqueles fornecedores,que apresentam os melhores produtos e os melhores materiais;e lógico parece ainda,no campo da teoria pura,que o bom caminho para atingir o melhor resultado com a obra de Arquitectura,aquela obra que ha-de ir enriquecer o patrimonio artistico,utilitario ou monumental da Nação,será o de deitar mão do melhor,mais belo,mais perfeito,mais sólido e mais durável,que se ofereça ao arquitecto e ao proprietário,sem curar de saber da sua origem. Mas isto passa-se na teoria,ou antes numa teoria egoista que procurasse satisfazer apenas os ideais artisticos do arquitecto e os interesses materiais do proprietário.

Porisso há que ter em conta outro interesse não menos elevado que consiste em dar preferencia,ainda que á custa do sacrificio duma parte do bom resultado,aquilo que se pode produzir, explorar,fabricar ou preparar em Portugal,isto é,recorrendo á produção da industria nacional. Simplesmente as circunstancias podem transformar este ideal prático num ideal puramente teórico.

Essas circunstancias são faceis de prever,se olharmos com um pouco de atenção para o passado e se pensarmos no que pode vir a ser o futuro quasi certo.

O passado,bem proximo,este passado que depois da primeira grande guerra impôz á Arquitectura e ás Industrias uma verdadeira revolução e novos caminhos,mostrou-nos não só o que foi o extraordinário desenvolvimento urbanos de tantos centros populacionais como o que houve de fazer como sacrificios de ordem espiritual e de convenção estética para atender á necessidades finalmente reconhecidas das multidões ávidas de viver uma vida melhor,mais justa e mais humana.

Do que se passou depois da outra guerra quasi se pode dizer que o problema da expansão urbana,de desenvolvimento em volume e em extensão da construção civil,está na razão directa dessa satisfação dessas reinvidicações.

Já nos ultimos anos de paz que precederam a actual guerra se verificava quanto a Arquitectura devia á Industria em materiais novos,acessórios,processos mais perfeito de fabricação;produtos de toda a especie na maior parte de fabricação estrangeira que vinham substituir pelo aspecto,pelo custo e pelo resultado prático,outros materiais nacionais que não podiam suportar a concorrencia daqueles.

Muitas industrias nacionais sofreram a concorrencia dessa invasão de materiais ou de produtos industriais de fabrico estrangeiro a tal ponto que algumas que não morreram tiveram de mudar de rumo.

Este era o facto verificado antes da guerra actual.

Qual será o caminho que as coisas virão a tomar no futuro?

Até que ponto poderemos alimentar o ideal de nos servirmos unicamente da industria nacional?

Ninguem sabe responder,mas parece-me que não será imprudente ter em conta algumas realidades.

As formidaveis e poderosas industrias montadas ou adaptadas para a guerra,não hão-de morrer com a guerra e é provavel que umas se voltem de novo para o ramo que já exploravam beneficiando de todo o aperfeiçoamento tecnico que a guerra provocou e acelerou e que outras se dediquem á produção de coisas para a vida da Paz,utilisando a sua maquinaria e a sua organisação industrial creadas para outro fim.

As multidões de homens de todos os paises atingidos directa ou indirectamente pela guerra a quem os respectivos dirigentes teem feito largas promessas hão-de exigir o seu cumprimento.

Talvez não seja bem sonhar se se admitir que as multidões de soldados desmobilisados hão-de encontrar emprego e consequentemente o pão e a casa,pois não será de crêr que voltem a reviver os antigos exercitos de "chomeurs" miseraveis ou profissionais. Para valer a todos ainda que á custa duma nova sacudidela na distribuição da fortuna,haverá que dar trabalho e não pensões, a milhões de homens.

O mundo empobrecido com a guerra,procurará todavia encontrar o equilibrio que para ser conseguido há-de impôr,entre outras,a necessidade de construir muito,depressa,e se possivel,bem.

E,mau mundo mais pobre com uma humanidade mais exigente, não é de crêr que se possa construir com riqueza,nem com luxo. A obra que se fizer há-de ser fatalmente modesta,utilitária,perfeita como uma maquina,até ao dia em que se possa enobrece-la com alguma coisa mais tendente a exprimir ideais espirituais e de beleza artistica,em oposição a meros objectivos materialistas impostos por necessidades vitais.

Mas antes e depois de atingido esse ideal,para que a obra de arquitectura embora modesta e utilitária resulte concordante com as exigencias e as aspirações humanas é a industria como sempre que cabe a maior tarefa da produção. Industriais,Engenheiros de todas as especialidades,tecnicos de todos os ramos,hão-de contribuir para o barateamento e para o aperfeiçoamento da arte de construir.

Á Arquitectura no entanto há-de convir enquanto o Mundo fôr Mundo,o emprego de boas matérias,daquelas que pela sua nobreza,pela sua duração,pela beleza do seu aspecto,contribuam para tirar á obra utilitária a expressão fria e materialista que resulta em regra das soluções meramente funcionais.

Ao seu emprego podem opôr-se não apenas razões de ordem económica, mas até factores de ordem psicológica com os quais é necessario contar: os que resultam da impressão de luxo e de riqueza que certos materiais produzem sempre, por mais baratos que possam ser na realidade.

E tal impressão tem ás vezes, até sob o ponto de vista politico, tal importancia que para salvar as aparencias pode haver necessidade de dificultar a aplicação de tais materiais.

Para combater esse obstaculo cabe á Industria defender-se por meio duma propaganda explicativa, inteligentemente orientada que será mais de previsão, do que de remedeio, e talvez resulte se fôr preparada antes da invasão dos produtos estrangeiros de concorrencia..

Se os industriais se documentarem capazmente sobre os progressos das varias industrias estrangeiras, sobre o aparecimento de novos produtos ou de novos materiais, nos outros mercados, se tiverem perfeito conhecimento das possibilidades de expansão desses concorrentes e não se fecharem na contemplação das suas felicidades ou das suas desgraças, poderão concerteza aguentar o embate dessa inevitavel concorrencia na medida, é claro, da nossa capacidade industrial e económica, que não se afasta muito tambem da escala das nossas posses e necessidades.

Talvez tambem não seja insensato lembrar á industria que convirá conhecer as aspiraçoes dos proprios arquitectos, que, como artistas, creadores de obras de Arte, sensiveis á novidade que lhes permita resolver melhor e com mais originalidade o seu problema de composição são susceptiveis de se deixarem entusiasmar com as novas possibilidades da Industria.

Mas os arquitectos que tambem são susceptiveis de se deixarem entusiasmar com o que é nosso, se os industriais os souberem compreender, poderão formar com estes o mais forte nucleo da defesa da Arte e da Industria Nacional.

Essa defeza que é necessária em todos os campos e para a qual nós, os portugueses, devemos estar preparados ao iniciar-se o futuro combate da Paz com todas as consequencias que poderá trazer para a humanidade, pode no campo restricto da Arquitectura e da correspondente produção industrial no nosso pais, ser eficaz se o tentarmos ao menos, mas será nula, se nos deixarmos levar ao sabor dos ventos que hão-de soprar de muitos lados.

Documento 42.01

MONTEIRO, Porfírio Pardal - Homenagem ao Mestre Monteiro. Lisboa: [Documento dactilografado do Espólio PMA], 1942.

BOLETIM XI - JOSÉ LUÍS MONTEIRO, por Porfírio Pardal Monteiro



Fig. 1

JOSÉ LUÍS MONTEIRO, POR VARELA ALDEMIRA

BOLETIM-XI

Academia

José Luís Monteiro

POR PORFÍRIO PARDAL MONTEIRO

"Mestre Monteiro". Assim era por todos conhecido o falecido arquitecto e professor José Luiz Monteiro. O seu nome modesto figurava apenas nos documentos oficiais e réro servia, na vida corrente, para identificar o homem excepcional que a morte levou ha poucos meses. É que o título de Mestre que discípulos e não discípulos lhe atribuíam tinha um significado singular que não derivava apenas da convenção da vida escolar, nem da tradição do meio artístico, mas dum sentimento elevado e purissimo de respeito e de admiração pelo saber e pela autoridade profissional do artista que com inexcedivel competência e invulgar dedicação fez o ensino da Arquitectura na Escola de Belas Artes de Lisboa durante quási cincoenta anos.

Tão merecido era o título que se pode dizer, sem desdouro para nenhum mestre, que talvez a ninguem tenha sido atribuido com mais justiça do que o éra ao falecido Mestre Monteiro. Tôda a sua vida exemplar, mesmo quando simples estudante, a sua actividade profissional, depois, todos os seus actos quer publicos quer privados, o seu amor á Arte e á Nação, a nobreza dos seus sentimentos, a simplicidade e a modéstia que caracterisavam a pessoa em todos os casos e em todas as suas circunstancias colocaram Mestre Monteiro no mais elevado grau de hierarquia moral a que um homem pode ascender.

Dêle se pode dizer, com rara propriedade, que fez da sua profissão um verdadeiro sacerdócio, sacrificando ao ensino, voluntáriamente e quási por completo, a sua actividade de arquitecto. Isento de vaidades e de ambições de qualquer ordem, dotado de superior aptidão profissional, até quando o seu saber era requerido para a solução dos problemas correntes da Arquitectura, fosse qual fosse a sua importancia, da sua actuação resultava, sempre, uma lição admiravel para os seus discípulos.

Dir-se-ia que Mestre Monteiro nasceu para ser professor.

Ventura Terra, outro grande arquitecto que a morte levou ainda relativamente novo, artista de excepcionais qualidades de inteligência e o homem a quem, sob o ponto de vista de educação profissional, os arquitectos portuguêses mais devem, quando falava de Mestre Monteiro de quem, aliás, não fôra discípulo, costumava dizer: "eis um grande arquitecto e um grande Mestre".

E no entanto, apesar de todo o seu valor, do seu talento e do prestígio de que gosava, Mestre Monteiro, tinha o horrôr da notoriedade e parecia querer fugir a toda a celebridade. Nunca o seu nome foi apregoado pela crítica, nem publicamente glorificado quando alguma influência isso poderia ter tido na sua vida profissional. Vivia a sua vida, como homem e como artista, procurando apenas bem cumprir o que considerava o seu dever e a satisfação de dar boa conta de todos os seus actos á propria consciencia, desinteressando-se por completo dos juízos alheios. O seu publico, os seus admiradores eram os seus discipulos, os artistas, todos os que com êle tinham relações e que constituiam um núcleo fiél, sempre crescente, de homens sinceramente dedicados, que manifestavam a sua admiração pelo carinho e pelo respeito com que dêle se aproximavam ou dêle simplesmente falavam.

Nunca a personalidade de Mestre Monteiro foi alvo de discussões entre os artistas nem entre os que ao estudo ou á crítica da Arte se dedicam. A sua obra puríssima, perfeita, honesta e correcta, não agitava paixões: era a obra indiscutível, aquela que unicamente se sabe admirar sem restrições. Daí nunca o seu nome ter andado envolvido nas polémicas de partidários e ter, por esse motivo, ficado sempre afastado do conhecimento do público despreocupado dos negócios da Arte.

A própria morte de Mestre Monteiro não foi senão o corolário lógico da sua vida. Aos noventa e cinco anos morre, quási sem sofrimento, lentamente, como uma luz que aos poucos se apaga e vae, depois, a enterrar, acompanhado de todos os seus discípulos e amigos, ignorado da multidão, quási como um desconhecido, sem que ao seu funeral se tenha ligado qualquer manifestação oficial, apenas coberto o caixão com a bandeira do Município que êle servira dedicádamente com a mesma competência e a mesma honestidade com que servira a Nação ensinando sucessivas gerações de arquitectos. O Homem que conquistára o direito á mais alta glorificação nacional e a ser colocado no Panteão ao lado dos mais ilustres portuguêses seguiu na morte o mesmo silencioso caminho que em vida percorrera, dir-se-ia que quási desconhecido da Nação. De simples aprendiz de canteiro consegue elevar-se, sem atropêlos, sem reclamos nem ajudas de qualquer ordem, não sabendo solicitar honras nem lugares, apenas á custa do merecimento e do esforço próprios, ao mais alto cume da sua profissão.

Tal é a lição da sua vida exemplar, na qual se não encontra o mais leve motivo para restrições á admiração e á veneração que lhe consagram todos os que o conheceram.

A personalidade de Mestre Monteiro destaca-se de tal modo de todas as que viveram no seu âmbito, tão grande foi o seu prestígio e por tal forma foi "O Mestre" que, entre os arquitectos portuguêses, mesmo os que não tiveram a felicidade de ter sido seus discípulos, nenhum têve nunca a coragem, nem sequér em pensamento, de o considerar, simplesmente, colega.

Era, para todos, "O Mestre".

Contudo, modestamente, consciente da honestidade do seu ensino, dava o Mestre aos seus antigos alunos a honra de os tratar por colegas; mas nenhum, desde o mais velho ao mais talentoso, ousou retribuir o tratamento. Era esta distância que todos, respeitosamente conservavam, este reconhecimento da superioridade do Mestre, que melhor define a sua verdadeira categoria na hierarquia profissional.

No entanto, deste reconhecimento unânime e natural da superioridade do Mestre, da distancia que todos sinceramente guardavam, não seria justo supôr que as provocasse o orgulho ou atitudes que o merecimento, a consciencia do próprio mérito ou a natural vaidade pudessem justificar. Pelo contrário. Mestre Monteiro era no trato, em todas as ocasiões, o mesmo homem modesto, simples e natural que atraía pela sua cultura, pela inexcedível correcção de atitudes, pela prontidão com que a todos atendia, donde derivava a sua natural simpatia e a amisade, quér dos seus discípulos, quér de quem com êle tivesse simples relações.

Difícil seria reünir noutro homem tantos predicados comos que distinguiram este grande português que pela Arte, e de modo muito particular pela Arquitectura, em Portugal, tanto fêz.

Mestre Monteiro nasceu em 25 de Outubro de 1848, em Lisboa, e foi baptisado em 18 de Novembro, do mesmo ano, na freguesia de S. José. Seus pais, Tomáz Luiz Monteiro, canteiro, e Gertrudes Margarida da Conceição, naturais de Montelavar, conseguiram á custa de grandes sacrifícios que, fora das horas de trabalho da aprendizagem do ofício paterno, frequentasse as aulas da antiga Real Academia de Belas Artes. Dotado de invulgar aptidão artística dominada por uma excepcional disciplina da vontade, imediátamente se distinguiu entre os estudantes que em cursos diurnos e nocturnos freqüentavam as aulas da Academia. Em 1864, ainda nos primeiros anos do curso, obtêve o primeiro prémio entre todos os alunos da Academia, conquistando, depois, até á conclusão do seu curso, altas classificações e inumeros premios.

Em 1871, aberto pela Academia o concurso para pensionista do Estado, em Paris, Mestre Monteiro ganha o direito e ir frequentar a mais célebre e gloriosa escola de Arquitectura, onde terá que submeter-se á dificilima prova de admissão, em concorrencia com candidatos francêses e de muitas outras nacionalidades. Parte para Paris em 1872, onde se prepara durante cêrca de um ano para o concurso de admissão e após ter prestado provas brilhantissimas é admitido á cabeça de todos os candidatos. Durante quatro anos, como discípulo do grande Mestre Pascal, frequenta a Escola de Belas Artes de Paris onde obtem honrosissimas classificações e numerosos premios conquistando brilhantemente o seu Certificado de aptidão que lhe dá o direito a exercer a profissão de arquitecto, que tanto ambicionara, e de, querendo, habilitar-se á conquista do Diploma de Arquitecto pelo Governo Francês, o mais famoso título conferido a arquitectos em todo o Mundo. Mestre Monteiro, que não necessitava de tal diploma para exercer a sua profissão em Portugal, não ignorava que essa prova êra, não apenas a de maior responsabilidade mas aquela que em todo o mundo lhe daria categoria igual á dos melhores e preparou-se para conquistar para Portugal a glória de possuir o primeiro diploma conferido pelo governo francês.

Em 1878 conquista honrósamente o título e o diploma desejados e universalmente reconhecidos como os mais elevados na profissão de arquitecto. Com êles podia Mestre Monteiro ter procurado exercer a sua actividade em qualquer país onde o seu talento e as suas excepcionais qualidades lhe dariam rápidamente fama e fortuna.

Mas o antigo aprendiz de canteiro, o jovem estudante português a quem a cultura francêsa apaixonara e á qual ficava devendo o direito e enfileirar na legião dos mais completos arquitectos de todo o mundo, apesar de convidado e adoptar a nacionalidade francêsa e a vêr, por consequencia, assegurada a abastança, não só recusa como evita tudo o que possa prejudicar a sua total ligação à terra natal.

Português nascera e português seria até á morte. É na terra de seus pais que há-de, ainda que sem desafôgo, fazer a sua vida de arquitecto e é em Portugal que há-de vir a constituír família.

Apesar da ignorancia nacional em materia de Arte, do quási total desconhecimento do que fôsse a Arquitectura, então não apenas realizada por raros arquitectos, mas principalmente por simples práticos e por curiosos, Mestre Monteiro habilitado com um curso brilhantemente feito na mais famosa escola de Arquitectura, sente que é precisamente no meio ignorante da sua terra, quási hostil á Arquitectura, que tem uma missão a cumprir. O patriotismo

deste grande artista não é susceptível de se deixar vencer pela certeza da prosperidade material na terra estranha, apesar das outras certezas -a da incompreensão e da mediania- que na sua terra seriam o prémio maior aos seus incomparáveis méritos.

Embora acanhado e atrasado o nosso meio artístico de então, um organismo que reunia alguns dos mais altos valores intelectuais da Nação -a Real Academia de Belas Artes-, estava ao par dos triunfos do seu pupilo e adivinhava nêle o futuro Mestre de que o País precisava e que pelo seu saber havia de elevar o nível da Arquitectura entre nós, pela preparação que daria aos futuros estudantes de Arquitectura. É nessa certeza a Academia propõe ao govêrno que ao estudante que com tanto brilho conquistara o mais famoso título de Arquitecto se dêsse tratamento igual ao que a França dava ao melhor entre os melhores, em cada ano, mandando-o como a um "Grand Prix de Rome", para Italia. Ali se manteve Mestre Monteiro quási dois anos fazendo estudos analíticos e de reconstituição dos monumentos da Antiguidade clássica, viajando, pintando e preparando "envios" que ainda hoje ornam as dependencias desta Academia e da Escola de Belas Artes. Entre os numerosos trabalhos desta nova fase da sua vida domina o da restauração do templo de Antonino e Faustina, no Forum Romano, que pela perfeição, pelo rigor do desenho, pela excelência da factura se pode colocar ao lado, senão á cabeça, dos melhores envios dos "Grands Prix de Rome" á Escola de Belas Artes de Paris. Finalmente, depois de um estágio de quási oito anos no estrangeiro, regressa a Portugal com a riquíssima bagagem dos conhecimentos adquiridos em França e na Italia.

Em 10 de Junho de 1880 é proclamado, em sessão plenária da Real Academia de Belas Artes, Académico de Mérito. No ano seguinte, por decreto de 23 de Junho, é nomeado por dois anos para a regência da cadeira de Arquitectura e, expirado êste praso, por decreto de 12 de Dezembro de 1883, é definitivamente nomeado para o lugar de professor efectivo daquela cadeira.

Estava traçada, deste modo, a carreira profissional do homem de que Portugal necessitava. Nenhumas das outras ocupações da vida profissional de Mestre Monteiro têve tão larga influência na sua vida e no País, como esta. Todas foram, por assim dizer, secundárias e transitorias.

Na regência da cadeira de Arquitectura se conservou durante quási meio século, até que em 25 de Outubro de 1929, precisamente no dia em que completava oitenta e um anos, têve que abandonar aquêle cargo, por fôrça da legislação que estabeleceu o limite de idade para o exercício de funções públicas.

Durante todo este tempo desempenhou Mestre Monteiro alguns outros serviços públicos, como o de Arquitecto chefe dos serviços de Arquitectura da Câmara Municipal de Lisboa -onde deixou vincada a sua personalidade em numerosas obras municipais espalhadas pelos diversos bairros da capital-, Arquitecto chefe da representação portuguêsa na Exposição Internacional de 1900, vogal e presidente de inúmeros juris de concursos publicos de Arquitectura, Director da Escola de Belas Artes de Lisboa desde 1913 até á data da sua aposentação,etc. Extinta a Real Academia de Belas Artes e criados em sua substituição os Conselhos de Arte e Arqueologia de Lisboa, Porto e Coimbra, foi Mestre Monteiro proclamado presidente de honra do Conselho de primeira circunscrição e, mais tarde, quando da criação da actual Academia Nacional de Belas Artes dela fêz novamente parte como membro honorário.

Tal éra porém o carinho de Mestre Monteiro pela sua escola que, mesmo após a sua aposentação, invariavelmente, sem falha dum só dia, ali ia conviver com os outros professores, quási todos seus antigos alunos, até que a falta de vista e a surdez o obrigaram a abandonar êste habito de tantos anos.

Paralélamente com a sua actividade oficial, no magistério e em vários serviços públicos, exerceu Mestre Monteiro restrita actividade profissional em serviços de outras entidades, para quem concebeu obras que se não são numerosas ocupam todavia lugar proeminente na Arte nacional pelo seu valor artístico.

Deste grupo de realizações não pode deixar de se destacar essa obra prima de arquitectura neo-classica que é o "Avenida Palace Hotel"; a Estação Central dos Caminhos de Ferro -onde apesar do estilo ornamental aplicado ressalta o espírito clássico e académico do grande professor-; o túmulo dos Condes de Tomar, no cemiterio dos Prazeres; a casa Biester, em Sintra; o palacete dos Condes de Castro Guimarães, no Torel; o Palácio da família Santos Jorge, em Rio Frio; as moradias dos Duques de Palmela, em Cascais e da Condessa de Cuba em Paço d'Arcos e inúmeras pequenas obras dispersas pela capital e por tôdo o país.

Em toda esta obra se verifica no entanto a presença do Professor, o artista erudito e sabedor, o Académico ilustre que cria sempre formas puras e imprime a todas as suas criações o mesmo espírito clássico em que todo o seu ensino se baseia.

Mestre Monteiro com a sua incomparavel competência, poderia ter conquistado enorme fortuna, numa altura em que os arquitectos eram raros. Mas, precisamente por esse facto, viciados ou mal acostumados os proprietarios por falsos arquitectos ou curiosos a fazerem submeter esses fazedores de projectos aos seus caprichos e fantasias, muitas oportunidades de trabalhar rejeitou o homem a

quem não podiam servir quaisquer condições, nem sabia adaptar o seu procedimento ás conveniencias próprias ou alheias.

É ainda este exemplo de probidade profissional que contribuí para tornar mais venerada por todos os arquitectos a pessoa do Mestre que nunca transigiu com a tirania do dinheiro e do poder.

Pela sua irrepreensível e rectilínea conduta em todas as circunstancias, pela nobreza do seu caracter, pelo prestígio do seu saber foi Mestre Monteiro muitas vezes objecto de homenagens, a que sempre no entanto se conservou completamente alheio.

Em 10 de Dezembro de 1924 concede-lhe a Câmara Municipal de Lisboa a Medalha da Cidade como homenagem aos seus altos méritos de arquitecto e de antigo funcionário municipal; dois dias depois a Sociedade dos Arquitectos Portuguêses, de que Mestre Monteiro fôra fundador e membro honorário, efectua uma sessão solene para comemorar a homenagem prestada pelo Município e proclama-o seu Presidente de Honra; mais tarde a Câmara Municipal de Lisboa concé-de-lhe a Medalha de Ouro da Cidade, em cerimónia pública realizada nos Paços do Concelho. Mas, modestamente, como sempre, Mestre Monteiro recebe todas estas homenagens sem comparecer ás cerimónias. O seu temperamento não lhe permite qualquer sombra de exibicionismo.

É várias vezes condecorado quér pelo govêrno Português, quér pelos govêrnos estrangeiros mas, sistemáticamente, renuncia a todas essas honras nunca tendo porisso chegado a brilhar qualquer insignia no peito do mais ilustre dos arquitectos portuguêses.

A proposito, é curioso transcrever aqui o ofício que em 19 de Julho de 1928 dirigiu a S.Exa. o Ministro da Instrução, renunciando ao grau de Grande Oficial da Ordem de S. Tiago:

"Exmo. Snr. Ministro da Instrução.

"Ao ter conhecimento da proposta de V.Exa. para me"
"ser conferido o grau de Grande Oficial da Ordem "
"de S.Tiago da Espada, fiquei deveras confundido "
"e penhorado com a extrema bondade de Vossa Exce- "
"lencia para comigo, e aqui manifesto o meu profun"
"do reconhecimento por esse facto.
" Sou, porem, obrigado a declarar a Vossa Excelen-"
"cia, embora contrariado, que, por coerencia com a"
"opinião que sempre professei de não aceitar dis- "
"tinções honorificas -como demonstrei por ocasião "
"de ser agraciado com o grau de Cavaleiro de S:Tia"
"go, e mais tarde com a comenda da mesma Ordem,re-"

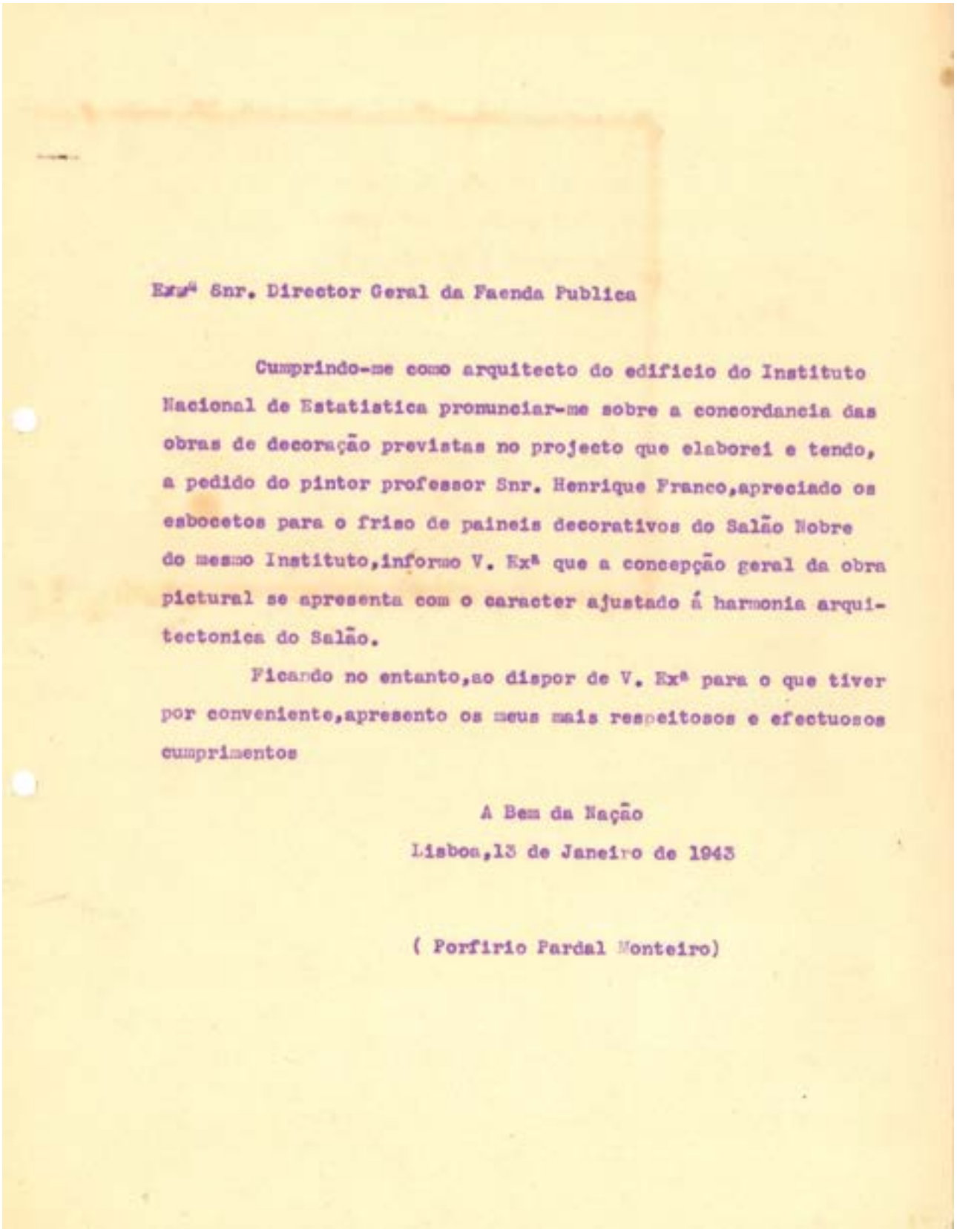
"munciando; e quando agraciado pelo Governo Es-"
"panhol com o grau de Cavaleiro de Isabel a Ca-"
"tólica, e ainda depois pelo Governo Francês "
"com o grau de Cavaleiro da Legião de Honra, dei-"
"xando de requerer em qualquer destes casos au-"
"torização para fazer uso das respectivas insi-"
"gnias- tambem agora renunciei á subida honra "
"que Vossa Excelencia propõe me fosse conferi- "
"da.
" Rogo, pois, a Vossa Excelencia que em vista "
"do exposto se digne desculpar o meu procedimen-"
"to e aceitar os protestos do meu maior respei-"
"to e acatamento."

Tal era o caracter do Homem que foi Mestre dos mestres de Arquitectos, cidadão exemplar cuja recordação é grata a todos quantos tiveram a felicidade de ser seus discípulos, ou simplesmente de com êle privar.

A homens desta envergadura tem a Nação, pelos seus organismos próprios, o dever de prestar as merecidas homenagens, apontando-os como exemplo de virtudes cívicas, exaltando-os como filhos dignos de todo o reconhecimento nacional. É este dever que, na parte que lhe compete, esta Academia cumprirá, em breve, com o apoio do Estado, promovendo a Grande Exposição Nacional de Arquitectura Contemporânea, de que Mestre Monteiro foi o principal obreiro, preparando gerações sucessivas de arquitectos e na qual a sua obra de incomparavel valor pedagógico figurará como fulcro de toda a exposição.

Documento 43.01

MONTEIRO, Porfírio Pardal - Parecer sobre as Obras de Decoração do Instituto Nacional de Estatística. Lisboa: [Documento dactilografado do Espólio PMA],Janeiro de 1943.



Exmº Snr. Director Geral da Faenda Publica

Cumprindo-me como arquitecto do edificio do Instituto Nacional de Estatistica pronunciar-me sobre a concordancia das obras de decoração previstas no projecto que elaborei e tendo, a pedido do pintor professor Snr. Henrique Franco,apreciado os esbocetos para o friso de paineis decorativos do Salão Nobre do mesmo Instituto,informo V. Exª que a concepção geral da obra pictural se apresenta com o caracter ajustado á harmonia arquitectonica do Salão.

Ficando no entanto,ao dispor de V. Exª para o que tiver por conveniente,apresento os meus mais respeitosos e efectuosos cumprimentos

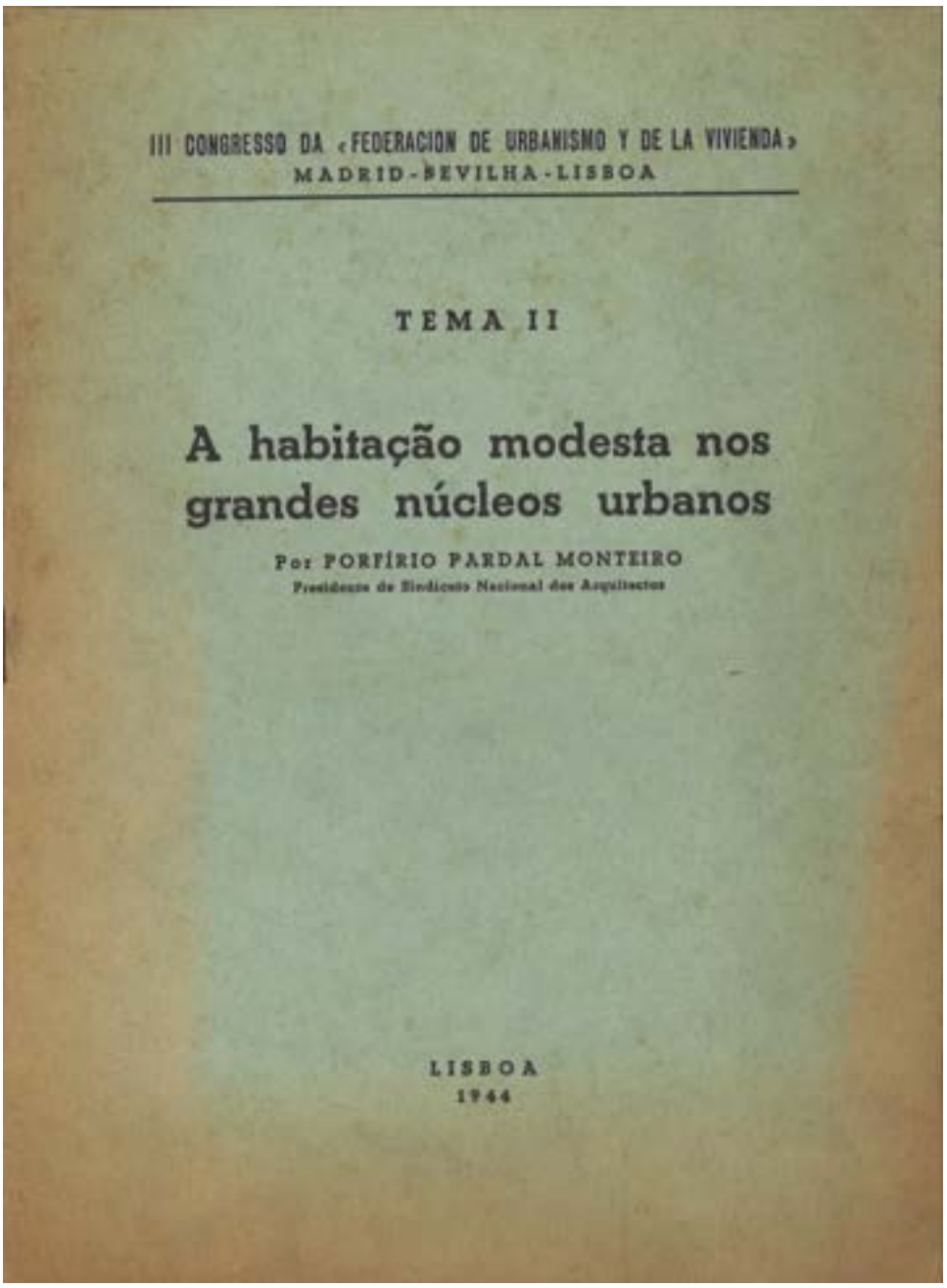
A Bem da Nação

Lisboa,13 de Janeiro de 1943

(Porfirio Pardal Monteiro)

Documento 44.01

MONTEIRO, Porfírio Pardal - III Congresso da «Federação de urbanismo y de la Vivienda» Madrid – Sevella – Lisboa Tema II A habitação modesta nos grandes núcleos urbanos.



III CONGRESSO DA «FEDERACION DE URBANISMO Y DE LA VIVIENDA»
MADRID - SEVILHA - LISBOA

TEMA II

A habitação modesta nos grandes núcleos urbanos

Por PORFÍRIO PARDAL MONTEIRO
Presidente do Sindicato Nacional dos Arquitectos

LISBOA
1944

Duas doutrinas se entrechocam quanto à resolução do problema da habitação para as classes menos abastadas (operários, empregados, pequenos burgueses): Uma, a da construção de grandes blocos de moradias, exclusivamente destinados ao barateamento da habitação; outra, a da construção de moradias individuais e independentes.

Uma e outra, com as suas sérias vantagens e os seus gravíssimos inconvenientes, têem dado ocasião às mais violentas polémicas, parecendo, por vezes, que os defensores de uma e da outra formam mais «partidos» do que opiniões baseadas no estudo largo e humano do problema.

Apontam-se como inconvenientes dominantes na construção dos grandes conjuntos de habitações económicas de carácter colectivo, as condições que tal solução tem para facilitar e desenvolver a promiscuïdade, com todos os perigos de ordem moral e social que dela naturalmente resultam, o que tem, indiscutìvelmente, fundamento.

Muitos dos que combatem aquela solução admitem, no entanto, como solução preferível, a construção de bairros de moradias individuais, dando a cada família a independência relativa que resulta de não ter vizinhos directos que disponham, em comum, de certas zonas do mesmo prédio.

Afigura-se-nos, porém, que também esta não consegue obstar aos mesmos inconvenientes de ordem social nem aos de ordem económica, resultantes do próprio sistema.

Construir bairros, mais ou menos extensos, de moradias isoladas, em zonas que lhes foram especialmente reservadas apresenta, além de muitos outros inconvenientes, o de estabelecer, por assim dizer, uma tal separação das classes sociais que não deixa de prejudicar o principal objectivo.

Parece-nos que agrupar, por exemplo, quinhentas famílias numa pequena superfície, à custa da construção de grandes imóveis com muitos andares ou agrupar as mesmas quinhentas famílias num vasto terreno, parcelado, para comportar quinhentas moradias próximas umas das outras será, do mesmo modo, reünir e aproximar quinhentas famílias, separando-as, no entanto, do resto da população.

Uma e outra solução reúnem, sem dúvida, algumas vantagens e apresentam os mesmos inconvenientes.

É certo que prever, nas zonas próximas dos bairros industriais, as respectivas habitações operárias facilita, por exemplo, o problema dos transportes para os seus habitantes; mas construir bairros de casas económicas ou de rendas baixas nos terrenos da periferia dos grandes centros onde trabalham além de operários, empregados e pequenos burgueses, agrava-lhes por vezes as condições económicas em conseqüência do custo dos transportes, das perdas de tempo nos percursos, às vezes

extensíssimos, e afasta-os do convívio fácil com as outras zonas mais densas de população. E êsse convívio parece-nos de primordial interêsse.

É certo que construir, nas zonas mais povoadas dos grandes centros, bairros de casas económicas, quer isoladas, quer em grandes blocos, é quási sempre inviável, dado o valor dos terrenos e o agravamento que o seu custo constitui no conjunto de um orçamento. Porém, agrupar em zonas afastadas aquêles que vivem num nível de vida inferior ao do alto funcionário, do industrial, do comerciante, do arquitecto ou do médico, não nos parece ser, também, a solução mais perfeita do problema.

Êste afastamento transforma êsses bairros numa nova espécie de «Mourarias».

Parece-nos antes, que, se o problema se baseasse na apreciação de alguns casos reais, se conseguiriam atenuar os inconvenientes de uma e outra das soluções mais correntes.

Um exemplo típico é dado por certos bairros da Lisboa:

Nesses mesmos bairros (Lapa, Trinas, Estrêla, Graça, etc.) habitam, lado a lado, as famílias abastadas, cujos nomes e tradições são honra e glória da História de Portugal, e os operários e empregados da mais modesta condição. Ricos, burgueses e nobres acotovelam-se todos os dias, na mesma rua, no mesmo passeio e no mesmo jardim público, com operários e empregados, cujas condições económicas são bem diferentes das suas. Os filhos de uns e de outros brincam juntos. Todos se conhecem

de há muito, desde pequenos. E conhecem-se precisamente porque moram juntos; porque se vêem, há anos, todos os dias. Êsses homens respeitam-se e cumprimentam-se, e chegam a saber os nomes uns dos outros. Os ricos conhecem as necessidades dos pobres, as suas enfermidades, e uns e outros conhecem as infelicidades e as alegrias dos seus vizinhos.

Conhecem-se, em suma, e dêste conhecimento resulta êste facto curioso: Por mais opostas que possam ser as suas ideologias políticas ou sociais, êstes homens praticam entre si a mais bela das formas de fraternidade humana: estimam-se e sabem respeitar-se.

¿Porque não tentar, portanto, tirar partido desta experiência de que Lisboa nos dá, em parte, um exemplo humaníssimo?

¿Porque não procurar expropriar e demolir nos velhos bairros as moradias infectas e sem condições higiénicas?

¿Porque não destruir em cada rua uma ou outra velha casa ou um grupo de casas sem condições suficientes e substituí-las pura e simplesmente, no mesmo local, por outras mais limpas, mais arejadas, da mesma renda ou, pelo menos, de renda acessível ao seu antigo ocupante?

¿Porque não investir nessa verdadeira obra de cooperação social e de harmonia entre os homens, sejam quais forem as condições económicas em que vivam, uma parte importante dos capitais que se empregariam na compra de terrenos distantes, na construção de arruamentos, de esgotos, de linhas de abastecimento de luz, água e gás,

de vias de comunicação, no alargamento da rêde de transportes e em tantas outras despesas que a construção de bairros novos comporta, sejam êles constituídos por blocos de habitações numerosas ou por moradias isoladas?

¿Porque não deixar, paralelamente, em cada zona de expansão das cidades, trechos, parcelas de terreno destinadas não exclusivamente à construção de casas de rendas baixas, mas à de casas para tôdas as classes, de modo a manter, mesmo nos novos bairros, o contacto directo, constante, entre os homens de tôdas as condições sociais?

¿Não será de crer que, se os homens se conhecerem melhor, se o rico souber porque sofre o pobre, se êste conhecer como labuta, estuda e trabalha aquêle a quem a fortuna favoreceu mais, não se tornem tão agudos os conflitos entre uns e outros, por desigualdade de recursos?

Tècnicamente o problema tem solução; econòmicamente necessita apenas de ser estudado para também a ter.

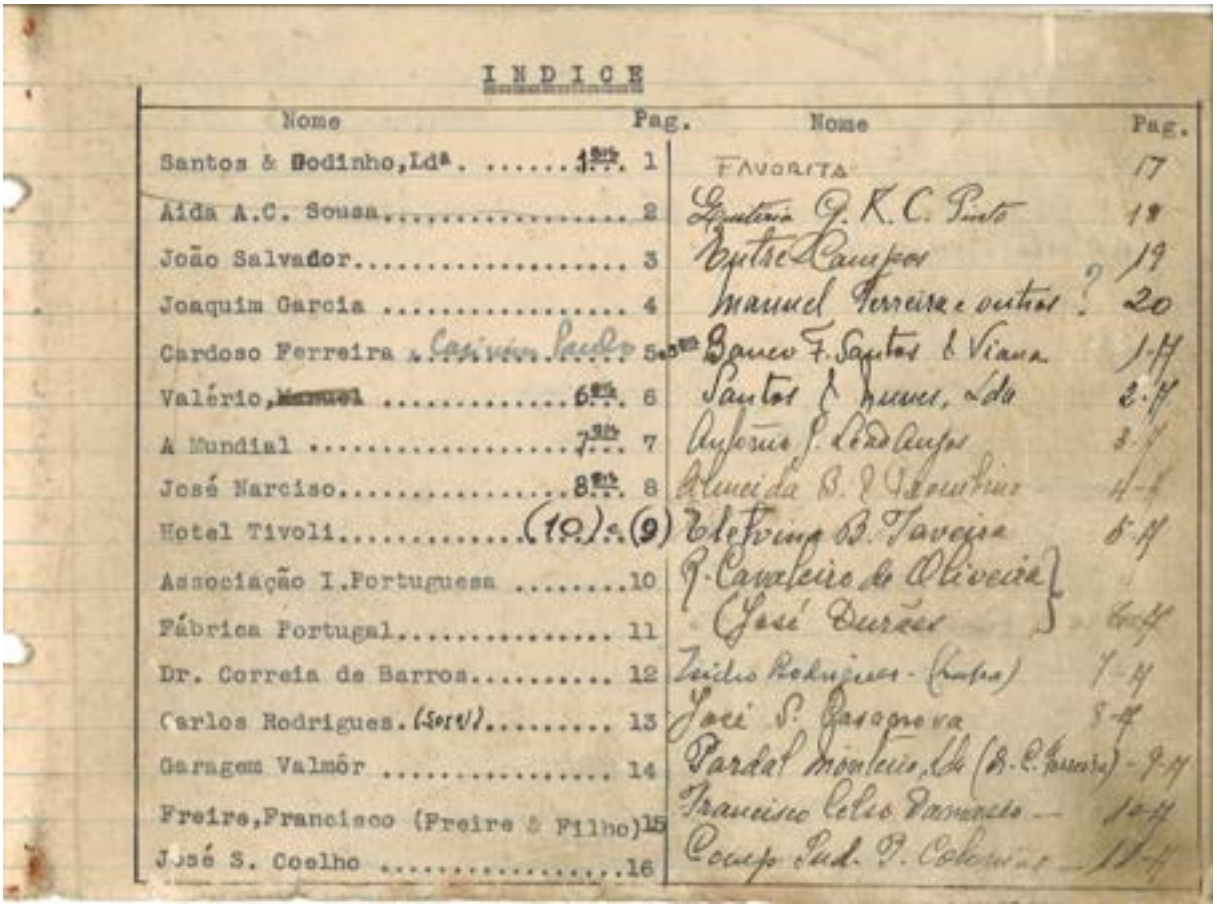
E ainda que não resulte tão perfeita como se desejaria nas primeiras tentativas, o caminho que se percorrer neste sentido conduzirá pelo menos a soluções mais perfeitas, desde que se não afastem do espírito cristão que nos manda amar o próximo como a nós mesmos.

Conhecendo-se melhor, mais próximos estarão os homens, certamente, do melhor entendimento.

PARDAL MONTEIRO
ARQUITECTO—LISBOA

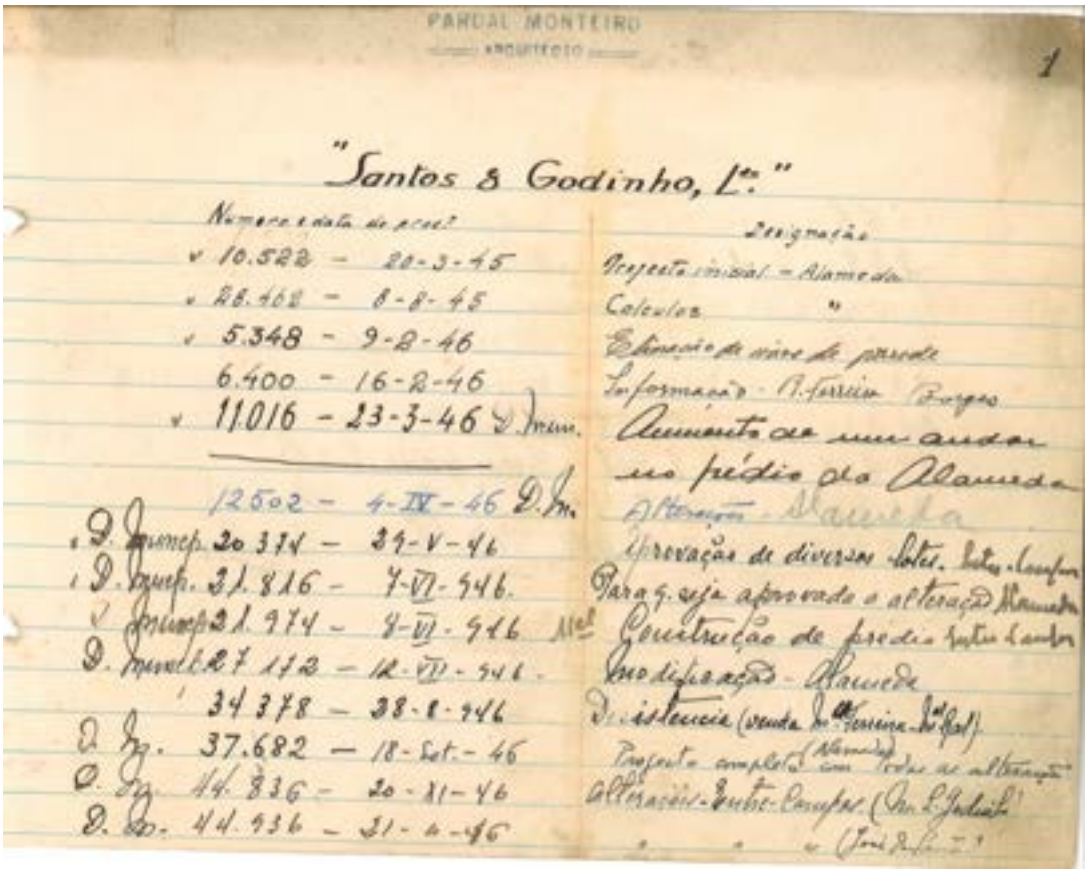
Documento 45.01

MONTEIRO, Porfírio Pardal - Caderno de Projectos com números de processos camarários.. Lisboa: [Documento do Espólio PMA], Iniciado em1945.



INDICE

Nome	Pag.	Nome	Pag.
Santos & Bodinho, Ldª. 1ª	1	FAVORITA	17
Aida A.C. Sousa	2	Fontana J. K. C. Pinto	18
João Salvador	3	Entre Campos	19
Joaquim Garcia	4	Manuel Ferreira e outros ?	20
Cardoso Ferreira ..... Casimiro Paulo	5	2ª Banco F. Santos & Viana	1-A
Valério, ... 6ª	6	Santos & Vieira, Lda	2-A
A Mundial 7ª	7	Antonio J. Dias Campos	3-A
José Narciso 8ª	8	Almeida B. & Fernandes	4-A
Hotel Tivoli ..... (10) e (9)		Eleterino B. Taveira	5-A
Associação I. Portuguesa	10	J. Canteiro de Oliveira	
Fábrica Portugal	11	José Duraes	6-A
Dr. Correia de Barros	12	Teixeira Rodrigues - (Costa)	7-A
Carlos Rodrigues. (Serv.)	13	Jací S. Gasparova	8-A
Garagem Valmôr	14	Pardal Monteiro, Lda (B. C. Lourenço)	9-A
Freire, Francisco (Freire & Filho)	15	Francisco Celio Damasio	10-A
José S. Coelho	16	Campo Sul. J. Colaço	11-A



PARCIAL MONTEIRO
ARQUITECTO

1

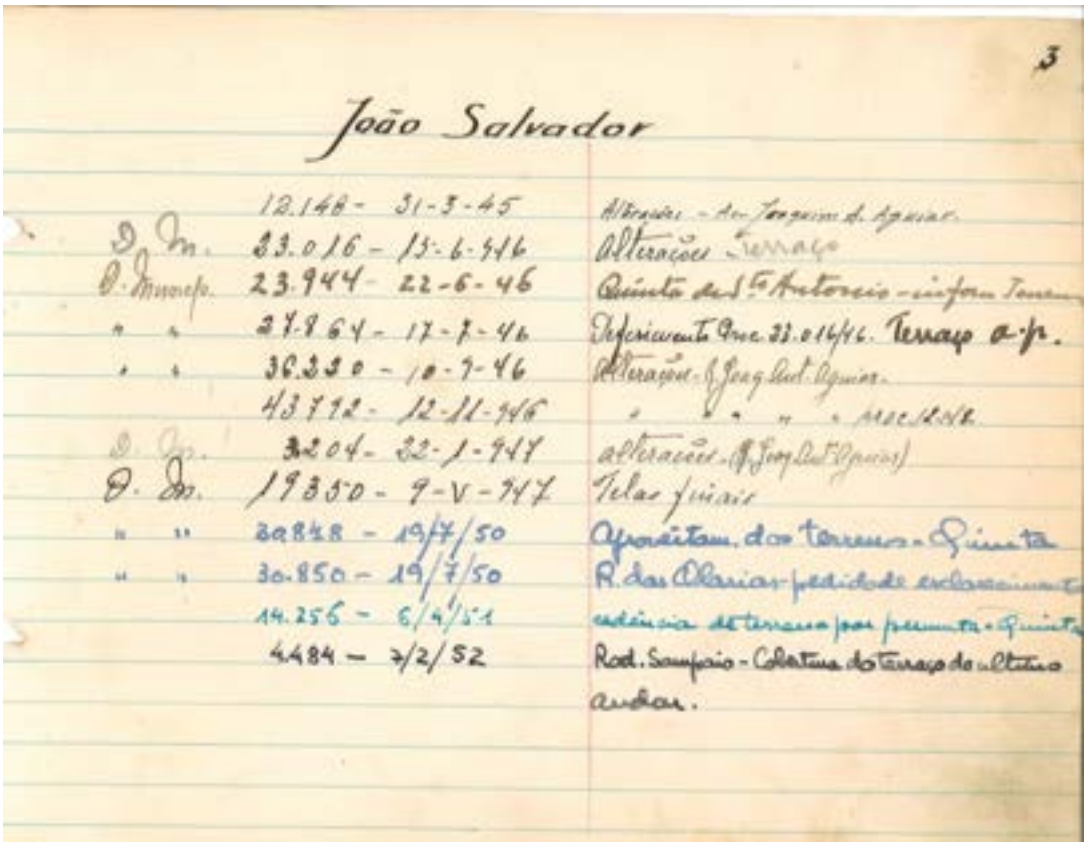
"Santos & Godinho, Lda."

Número e data do acesso	Designação
10.522 - 20-3-45	Projecto inicial - Alameda
28.462 - 6-8-45	Calculos "
5.348 - 9-2-46	Elevação de nível de parede
6.400 - 16-2-46	Informação - A. Ferreira Borges
11.016 - 23-3-46 D. Imm.	Aumento de um andar no prédio da Alameda
12502 - 4-IV-46 D. Jm.	Alteração - Alameda
D. Imunicp. 20 374 - 24-V-46	Aprovação de diversos Lotes. Lotes. Lamp.
D. Imunicp. 21.816 - 7-VI-946.	Para q. seja aprovado o alteração Alameda
D. Imunicp 21.974 - 8-VI-946 Mel	Construção de predio Lotes Lamp.
D. Imunicp 27 112 - 12-VII-946.	Modificação - Alameda
34 378 - 28-8-946	Assistencia (venda Ferreira Jr. Prof.)
D. Jg. 37.682 - 18-Set.-46	Projecto completo Alameda com todas as alterações
D. Jg. 44.836 - 20-11-46	Alteração - Lotes - Lamp. (Av. L. Jardim)
D. Jg. 44.936 - 31-12-46	" " " (José A. Lopes)

2

Aida A. Carreira de Sousa

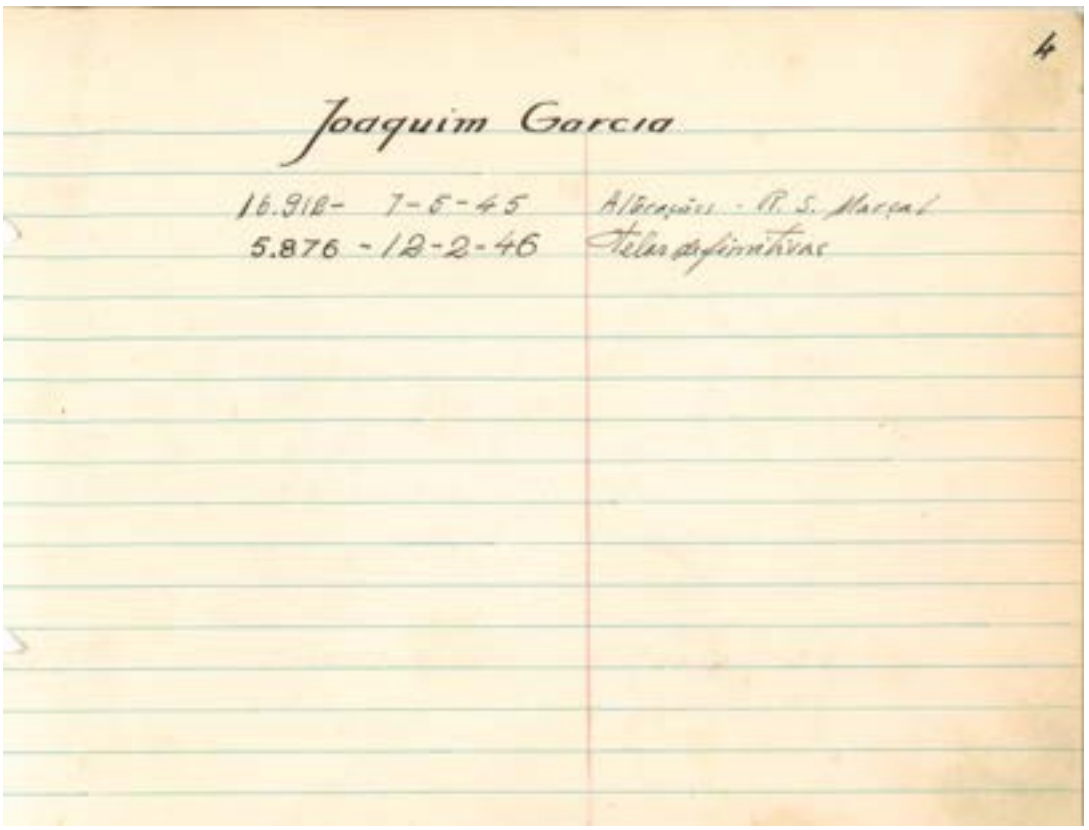
12.068 - 29-3-45	Construção garagem - Cemiterio dos Olivais
27.902 - 2-8-45	" " " "



3

João Salvador

	12.148 - 31-3-45	Alterações - Av. Joaquim d. Aguiar.
D. Fin.	33.016 - 15-6-946	Alterações Terraço
D. Municip.	23.944 - 22-6-46	Quinta de S.ta Antonio - informa Terraço
" "	27.964 - 17-7-46	Deferimento Proc. 33.016/46. Terraço a-p.
" "	36.330 - 10-7-46	Alterações - Av. Joaq. Luiz Aguiar.
	43712 - 12-11-946	" " " " Marechal
D. Fin.	3204 - 22-1-947	alterações - (Av. Joaq. Luiz Aguiar)
D. Fin.	19350 - 9-V-947	Telas finais
" "	30848 - 19/7/50	Aproveitam. dos terrenos - Quinta
" "	30.850 - 19/7/50	R. das Alarias - pedido de exclusão
	14.256 - 6/4/51	exclusão de terreno por permuta - Quinta
	4484 - 7/2/52	Rod. Sampaio - Colocação do terraço do último andar.



4

Joaquim Garcia

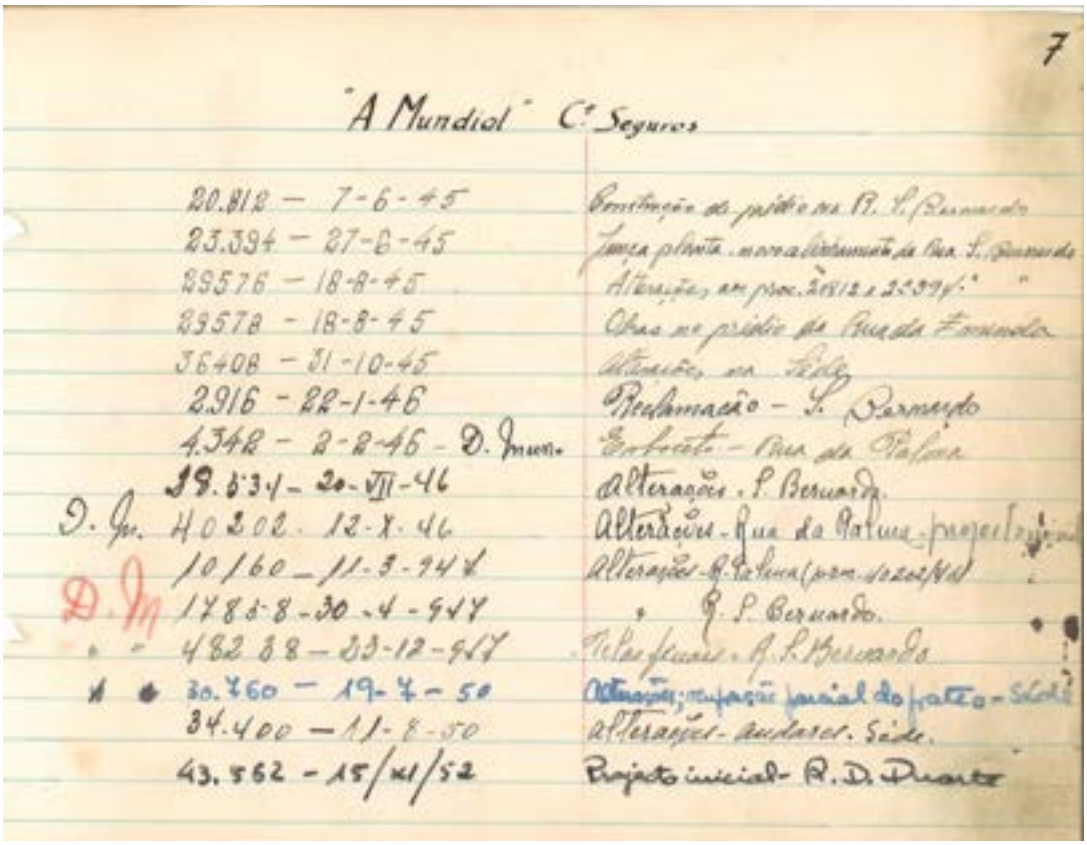
16.918 - 7-5-45	Alterações - R. S. Marçal
5.876 - 12-2-46	Telas definitivas

António Cardoso Ferreira
e Casimiro Antunes Paulo

22320 – 2-6-45	Alterações – R. Rodrigo de Fonseca
37252 – 8-11-45	" " " "
41546 – 18-12-45	" " " "
480 – 1-46	Projecto de pinturas Rodª "
9838 – 15-3-46	Legalização de obras
D.M. 4992 – 3-2-47	Const. Predio (P.D. Telefonica)
D.M. 17910 – 30-4-47	" " " "
D.M. 36482 – 28-6-47	Const. Predio - lote 3 em 4
D.M. 36484 – 29-6-47	" " " " "
6112 – 12-2-948	alteração - lote 4
6110 – " "	" " 3
D.M. 40012 – 29-7-948	Telas finais – lote 3
40014 – " "	" " – " 4
998 – 8-1-49	aproveitamento do lote entre 3 e 4

Manuel Valério = Sousa & Cª

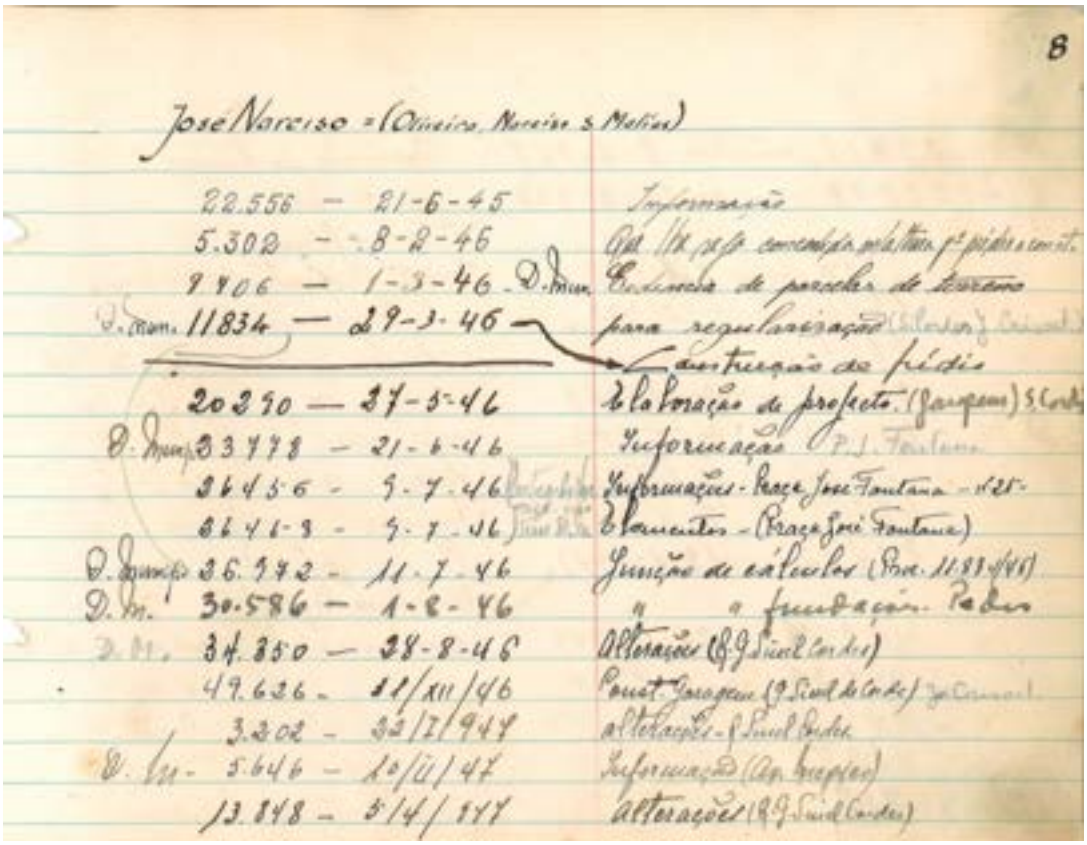
20632 – 5-6-45	Projecto inicial - Parque E. VII
30030 – 23-8-45	" " "
2606 – 19-1-46	Legalização das alterações - R. Jaime Cortesão
10156 – 18-3-46 D.M.	Informação favorável da Direcção Geral da Fazenda Pública
D. M. 33158 – 19-8-46	Const. de predio. Av. Republica (p
D.M. 44258 – 15-11-46	Parque Ed. VII - alteração
D.M. 48950 – 21-11-946	Ocupação de terreno Av. Republica.
D. M. 49628 – 31-XII-946	alterações (Parque Ed VII)
D. M. – 8432 – 28-2-947	projecto final (P.E.Ed.VII)
D.M. – 14936 – 14/4/47	alteração - cave Av. Republic
– 21404 – 22/5/48	Continuação de garagem - Av. J. Cristóvão
24870 – 28/6/48	alterações - Av. Republica
30550 – 30/7/48	J. Antª Bento - Garage, etc.
41104 – 8/10/48	Construção prédio Projecto H. Av. J. Cristóvão



7

"A Mundial" Cª Seguros

20.812 — 7-6-45	Construção de prédio na R. S. Bernardo
23.394 — 27-6-45	Junta planta - nova alinhamento da Rua S. Bernardo
29576 — 18-8-45	Alterações em proc. 20812 e 23394 "
29578 - 18-8-45	Obras no prédio da Rua da Fontinha
36408 - 31-10-45	Alterações na Sede
2916 - 22-1-46	Reclamação - S. Bernardo
4.348 - 2-2-46 - D. Imun.	Entivação - Rua da Palma
39.534 - 20-VII-46	Alterações - S. Bernardo.
D. Jn. 40202 - 12-X-46	Alterações - Rua da Palma - projecto
10160 - 11-3-947	Alterações - R. Palma (proc. 40202/46)
D. Jn 17885-8-30-4-947	" R. S. Bernardo.
" - 48288 - 23-12-947	Telas finais - R. S. Bernardo
" " 30.760 - 19-7-50	Alteração; ampliação parcial do prédio - Sede
34.400 - 11-8-50	Alterações - andares. Sede.
43.562 - 15/XI/52	Projecto inicial - R. D. Duarte



8

José Narciso = (Oficina, Narciso & Matias)

22.556 — 21-6-45	Informação
5.302 — 8-2-46	Que lhe pelo concedido alteração pedida em ref.
9706 — 1-3-46 - D. Imun.	Exclusão de parecer de Serviço
D. Imun. 11834 — 29-3-46	para regularização (Salvador)
	demolição de prédio
20290 — 27-5-46	Elaboração de projecto. (Gaspar) S. Cruz
D. Imun. 33778 — 21-6-46	Informação P. J. Fontinha
36436 - 5-7-46	Informações - Praça José Fontinha - n.º 25
36441 - 5-7-46	Esclarecimentos - (Praça José Fontinha)
D. Imun. 36.772 - 11-7-46	Junção de cálculos (Proc. 11834/46)
D. Jn. 30.586 — 1-8-46	" " fundação. Pedro
D. M. 34.350 — 28-8-46	Alterações (R. J. Sinel Cordes)
49.626 - 11/XII/46	Projecto Garagem (R. Sinel de Cordes)
3.302 - 22/I/947	alterações - R. Sinel Cordes
D. Jn - 5.646 - 10/II/47	Informação (Ag. Gaspar)
13.848 - 5/4/947	alterações (R. J. Sinel Cordes)

9

(Duque Cordeiro e Marques Lª) - "Hotel Tivoli"

25.650 — 14-7-45	Informação
D. M. 11344 — 27-3-46	Tem sanha do Diário Municipal
	Providencias
O. Q. 17046 - 25-4-47	Licença para construção
D. M. 35608 - 24/8/948	auto. projecto (Cinema)
D.M. 29638 - 4-8-52	auto-proj. Hotel
31.049 - /53	licença sondagens
D.M. 29.260 25-5/54	Projecto inicial - 2 fases
7.682 16-2-55	Junção de cálculos
9778 28-2-57	Alteração final da 1ª fase
12402 14-3-57	Telas finais - 1ª fase
55836 11-12-57	Licença p. construção da 2ª fase
63.476 17-12-58	Demolição do quarto
D.M. 7.860 7-2-59	Nova projecto - 2ª fase

10

Associação Industrial Portuguesa

27.904 - 2-8-45	Obras - aumento do edifício
41840 — 19-10-48	Ampliação do edifício - proc. 27904

HOTEL TIVOLI (CONTINUAÇÃO)

40.942 - 12-8-64	Requerimento Plano Ecuménico Hotel 2ª
45134 - 8-9-64	Projecto Hotel 2ª — (Hotel Jardim)
48.748 - 3-10-64	Requerimento - separar aprovação projecto
58.182 - 21-11-64	Requerimento - Não Executar Pilares 1ª Fase
22.974 - 18-5-66	Requerimento pedindo [illegible]
30.298/66	Alteração dos muros de suporte, [illegible] do edifício e do fundo.

11

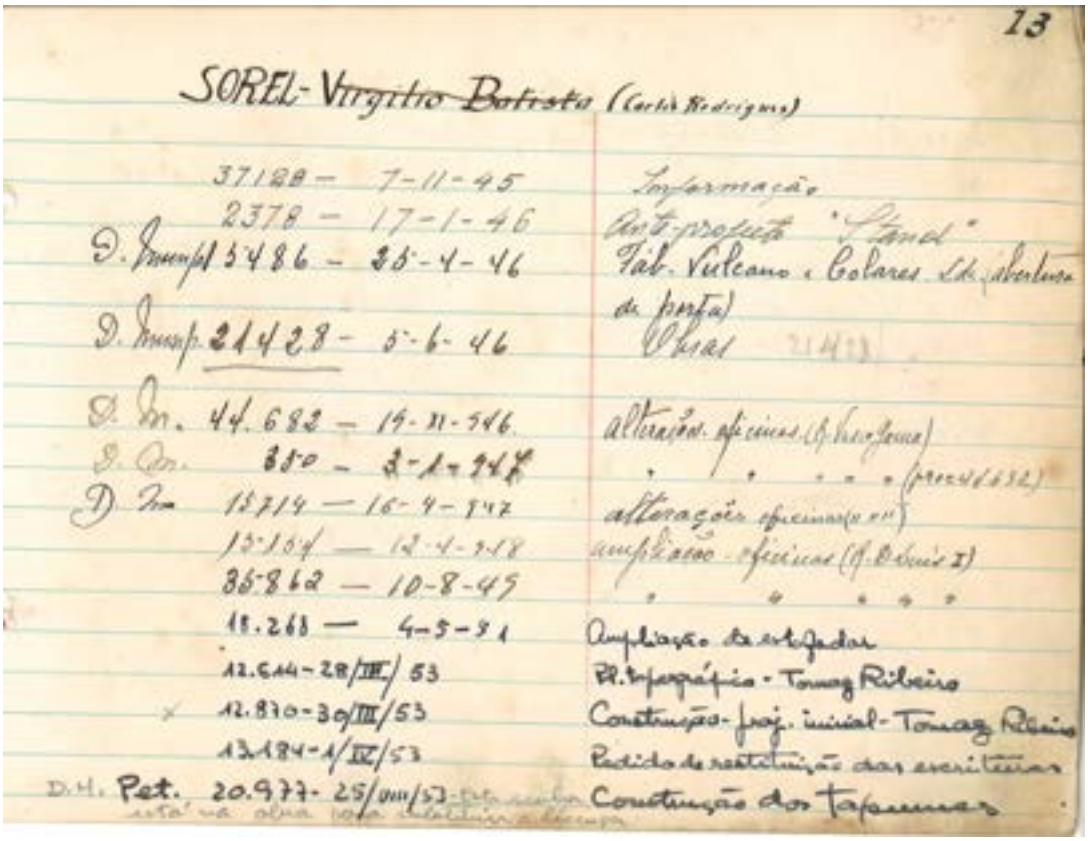
Fábrica Portugal

	34.082 - 10-10-46	Extracto exposição para obras
R. Imposto	21.839 - 7-6-96	Cedencia de lote de terreno
	41/32 - 8-10-948	Despacho no proc. 34.082.
	[illegible]	[illegible]
	[illegible]	[illegible]
D.	27.542 - 4/VII/51	Projecto das instalações
D. M.	3.978 - 6/III/52	Alt. betão armado
	13.264 - 2/4/53	Alt. q. acomp. os telas
	13.266 - 2/4/53	Telas finais.
	30068 - 24/7/53	Vistoria final. Esta vistoria foi feita que ao Sr. Ramone Bento.
	1404 - 11/1/55	Foto Requisição dos Anjos
	16032 - 1/4/55	Obras - Defesa
	51626 - 25/X/55	Foto de transformação

12

Dr. Eduardo Correia de Borros

37.126 - 7-11-45	Informação

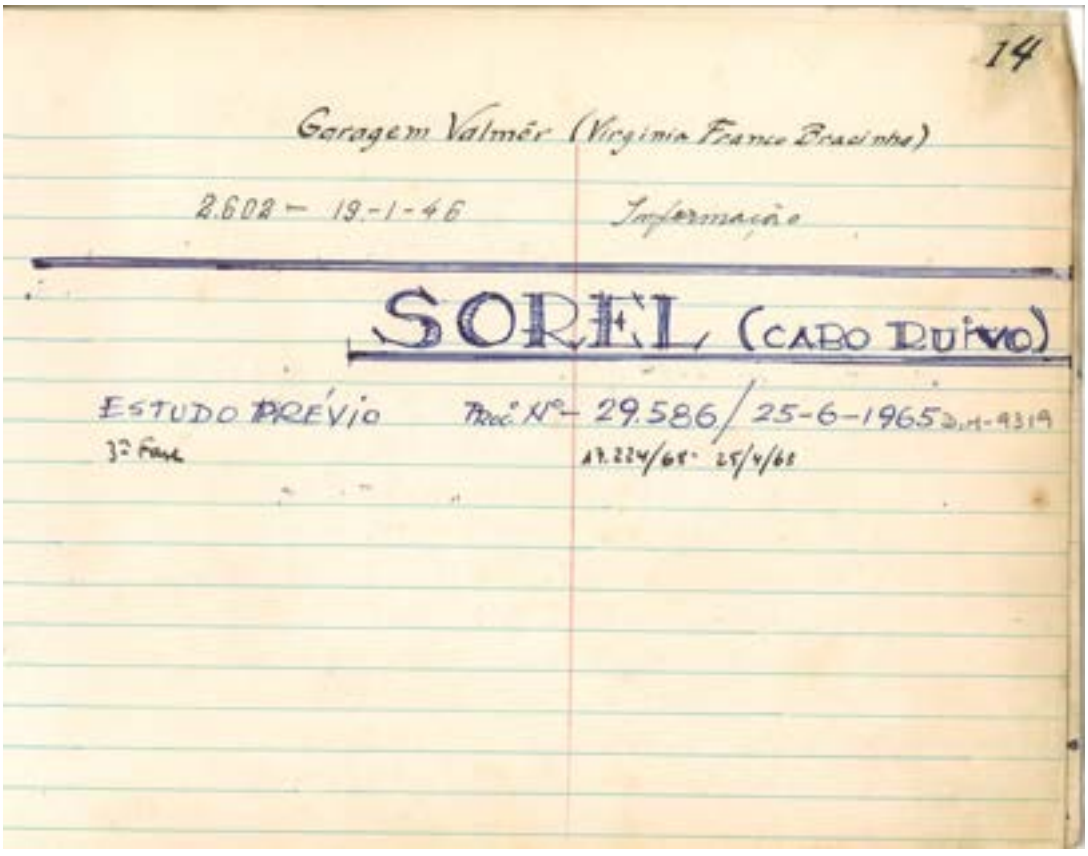


13

SOREL - Virgilio ~~Batista~~ (Carlos Rodrigues)

37.128 — 7-11-45	Informação
2378 — 17-1-46	Ant-projecto "Stand"
D. Insp. 15486 — 30-4-46	Fab. Vulcano e Colares (Alt. abertura de porta)
D. Insp. 21428 — 5-6-46	Obras
D. In. 44.682 — 19-11-946	alterações oficinas (A. Rodrigues)
D. In. 850 — 2-1-947	" " " " (proj 44.682)
D. In. 15714 — 16-4-947	alteração oficinas (n.º)
13.164 — 12-4-948	ampliação oficinas (A. Bebiano I)
36.862 — 10-8-45	" " " "
18.261 — 4-5-51	Ampliação de estufagem
12.614-28/III/53	Pr. topográfico - Tomaz Ribeiro
12.830-30/III/53	Construção - proj. inicial - Tomaz Ribeiro
13.184-1/IV/53	Pedido de restituição das escritórias
D.H. Pet. 20.977-25/VIII/53	Construção dos tapumes

está na obra sob [illegible]



14

Garagem Valmér (Virginia Franco Bracinha)

2.602 — 19-1-46 Informação

SOREL (CABO RUIVO)

ESTUDO PRÉVIO Proc. Nº - 29.586/25-6-1965 D.H. 9319

3ª Fase 17.224/65 - 25/6/65

15

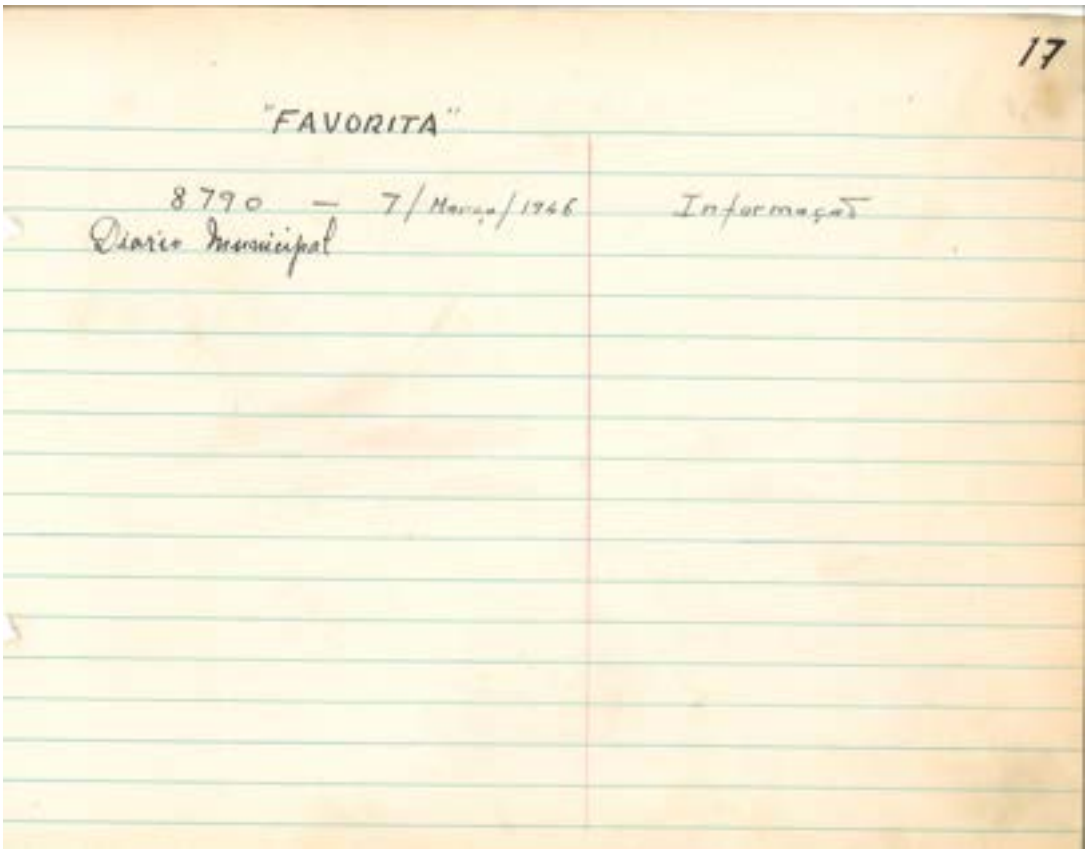
José Francisco Freire (Freire & Fº)

	4.364 - 2-2-46	Construção de prédio - Amoreiras
	8.196 - 28-2-46 D. Imm.	Exposição
D. Im.	3.306 - 22-I-947.	Alterações. (Amoreiras)
	4.882 - 4-2-947	Instalação de elevador
	15.548 - 15-IV-47	Telas Amoreiras

16

José S. Coelho

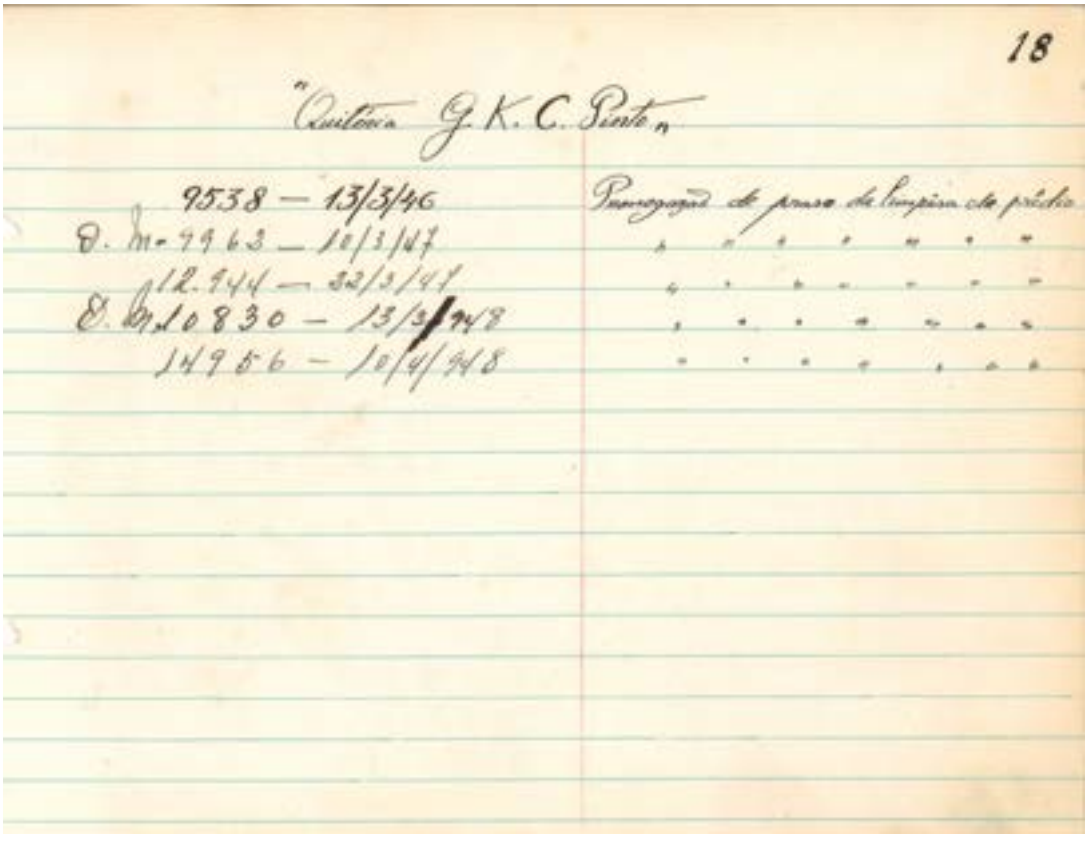
7.922 - 27-2-46. D. Imm. Informação



17

"FAVORITA"

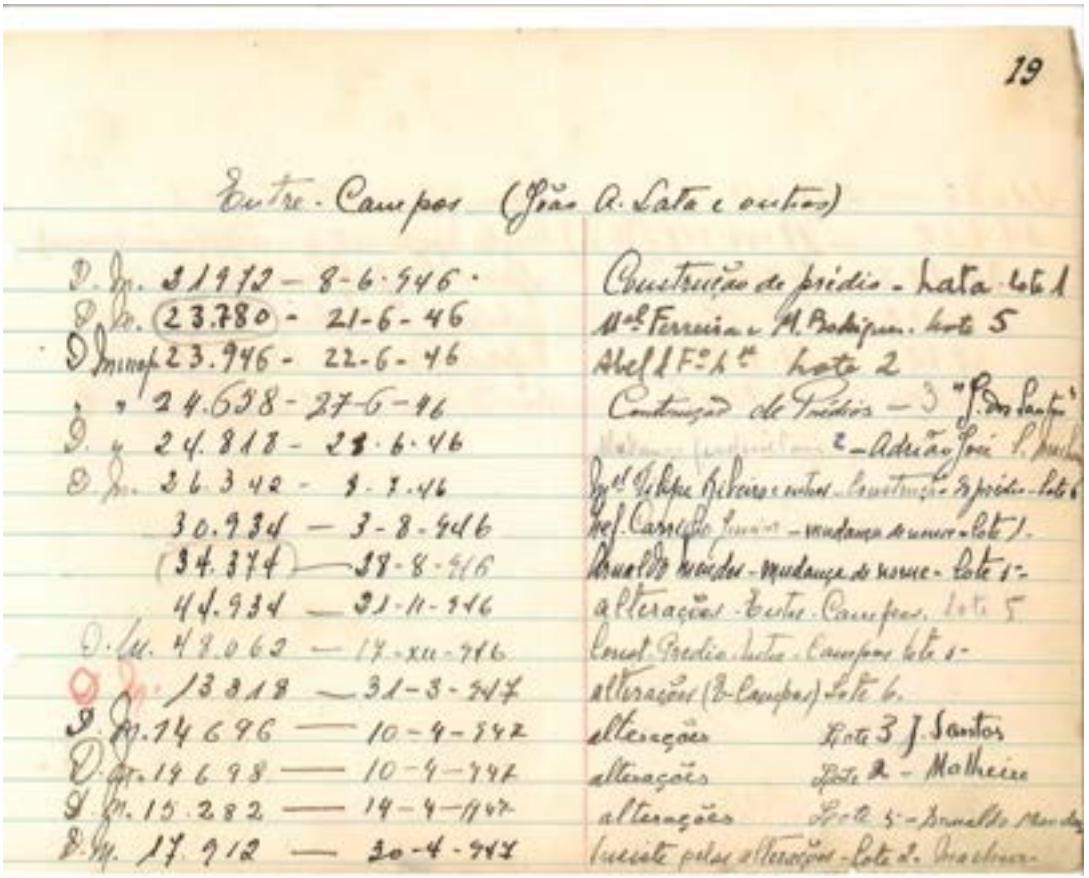
8790 — 7/Março/1946 Informações
Diario Municipal



18

"Quitéria G. K. C. Pinto"

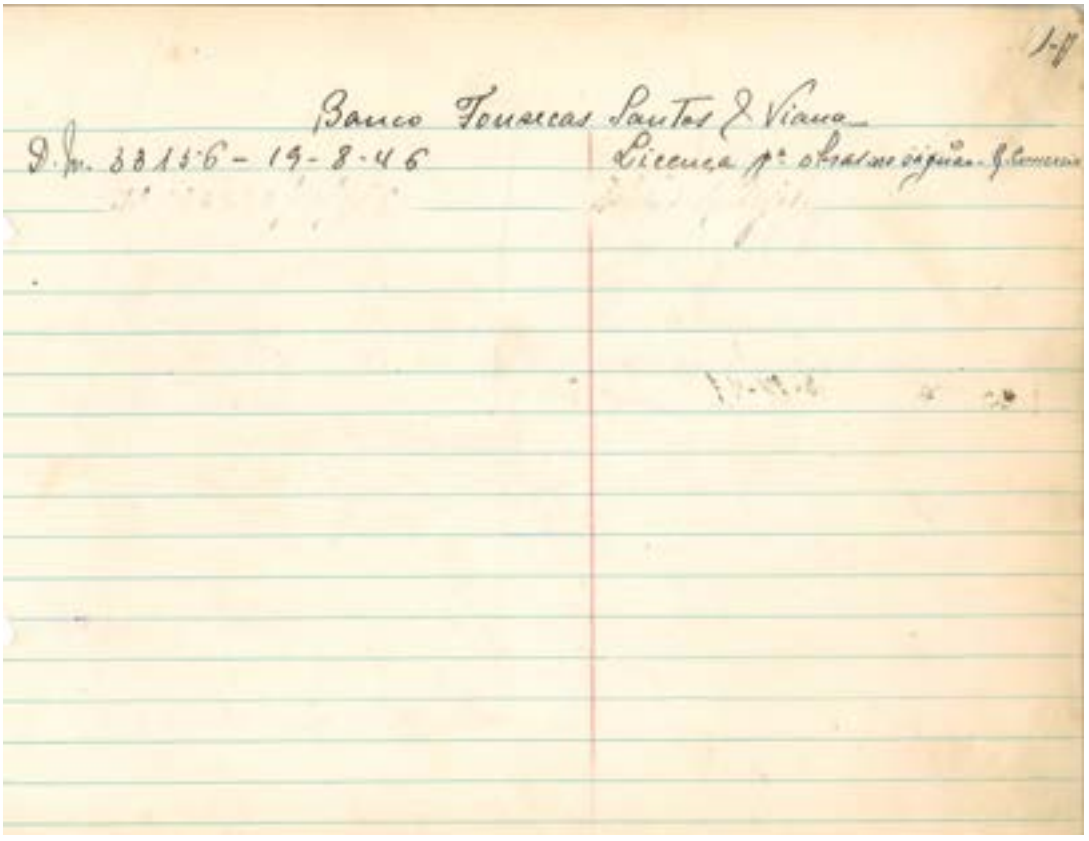
9538 — 13/3/46 Prorrogação de prazo de limpeza de pôrão
8. M-7963 — 10/3/47
12.944 — 22/3/47
8. M-10830 — 13/3/48
14956 — 10/4/948



19

Entre-Campos (João A. Sata e outros)

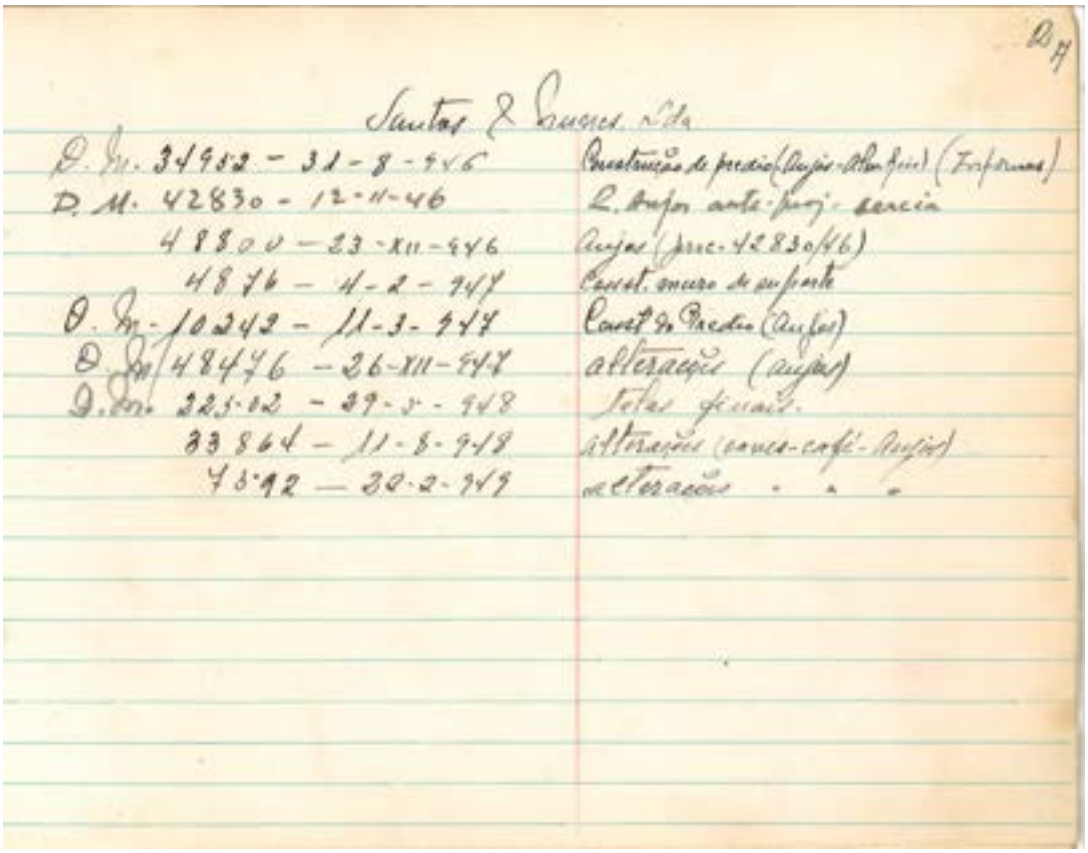
D. Jn. 31972 – 8-6-946	Construção de prédio - Lote 66 1
D. Jn. 23.780 - 21-6-46	Mel Ferreira e M. Rodrigues. Lote 5
D. Inscrip 23.946 - 22-6-46	Abel J F.ª L.da Lote 2
" 24.638 - 27-6-46	Continuação de Prédios – 3.º P. dos Santos
D. " 24.818 - 28-6-46	2 – Adelino José S. Mach
D. Jn. 36342 - 1-7-46	Sr.el Felipe Ribeiro e outros - Construção 2 prédio - Lote 6
30.934 – 3-8-946	Prof. Carvalho Júnior - mudança de nome - Lote 1.
(34.374) – 28-8-946	Arnaldo Mendes - Mudança de nome - Lote 1.-
44.934 – 31-11-946	alterações - Entre-Campos. Lote 5
D. Jn. 48.062 – 17-XII-946	Const. Predio Entre-Campos Lote 1.-
D. Jn. 13818 – 31-3-947	alterações (2-Campos) Lote 6.
D. Jn. 14696 – 10-4-942	alterações Lote 3 J. Santos
D. Jn. 14698 – 10-4-947	alterações Lote 2 - Malheiro
D. Jn. 15.282 – 14-4-1947	alterações Lote 5 - Arnaldo Mendes
D. Jn. 17.912 – 30-4-947	Inscrito pelas alterações - Lote 2. Inacio



1-4

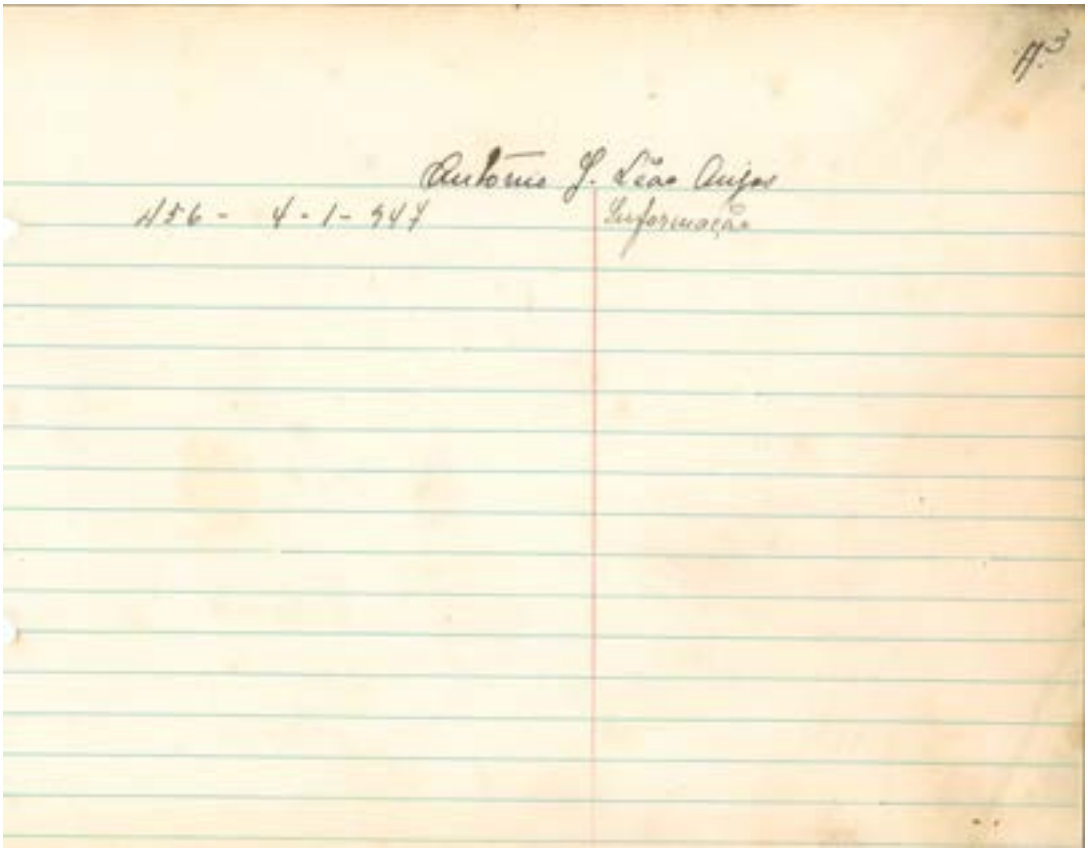
Banco Fonseca Santos & Viana

D. Jn. 38156 – 19-8-46	Licença p.ª obras no Águas. G. Comercio



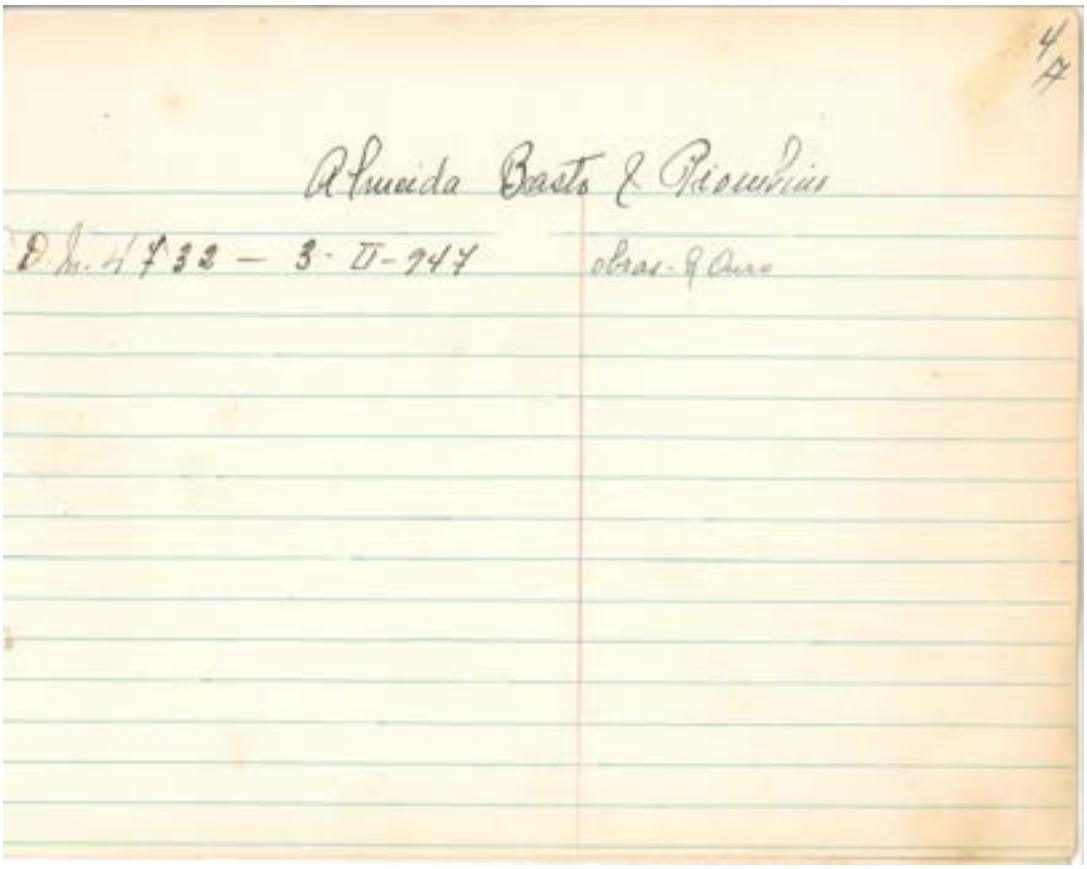
Santos & Soares Lda

D. Jn. 34982 - 31-8-946	Construção de prédio (Anjos - Alm. Jard.) (Informes)
D. M. 42830 - 12-11-46	L. Anjos ante-proj. - certid.
48800 - 23-XII-946	Anjos (proc. 42830/46)
4876 - 4-2-947	Const. muro de suporte
D. Jn. 10243 - 11-3-947	Const. de Predios (Anjos)
D. Jn. 48476 - 26-XII-947	alteração (Anjos)
D. Jn. 225-02 - 29-5-948	Telas finais.
33864 - 11-8-948	alteração (casas-café-Anjos)
7892 - 20-2-949	alteração . . .



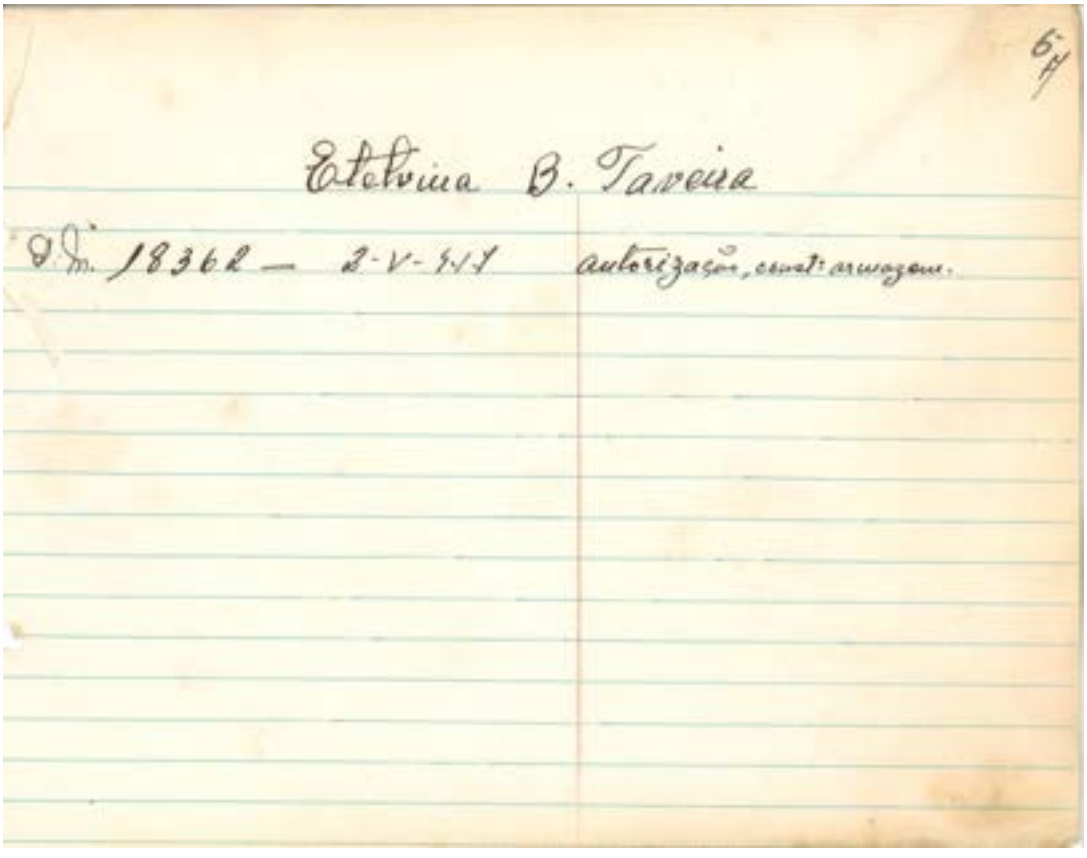
Antonio J. Leão Anjos

456 - 4-1-947	Informação


4/A

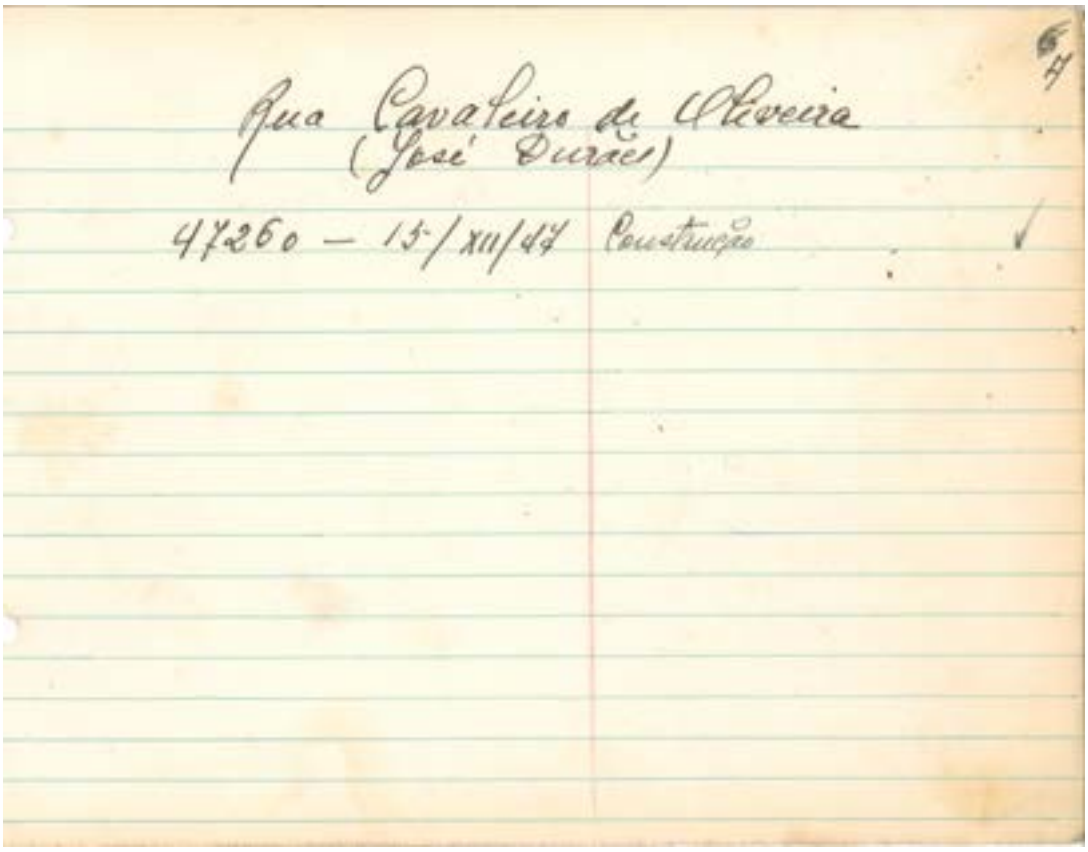
Almeida Basto & Ribeiro

D.M. 4732 — 3-V-947 obras-4 Anos


6/A

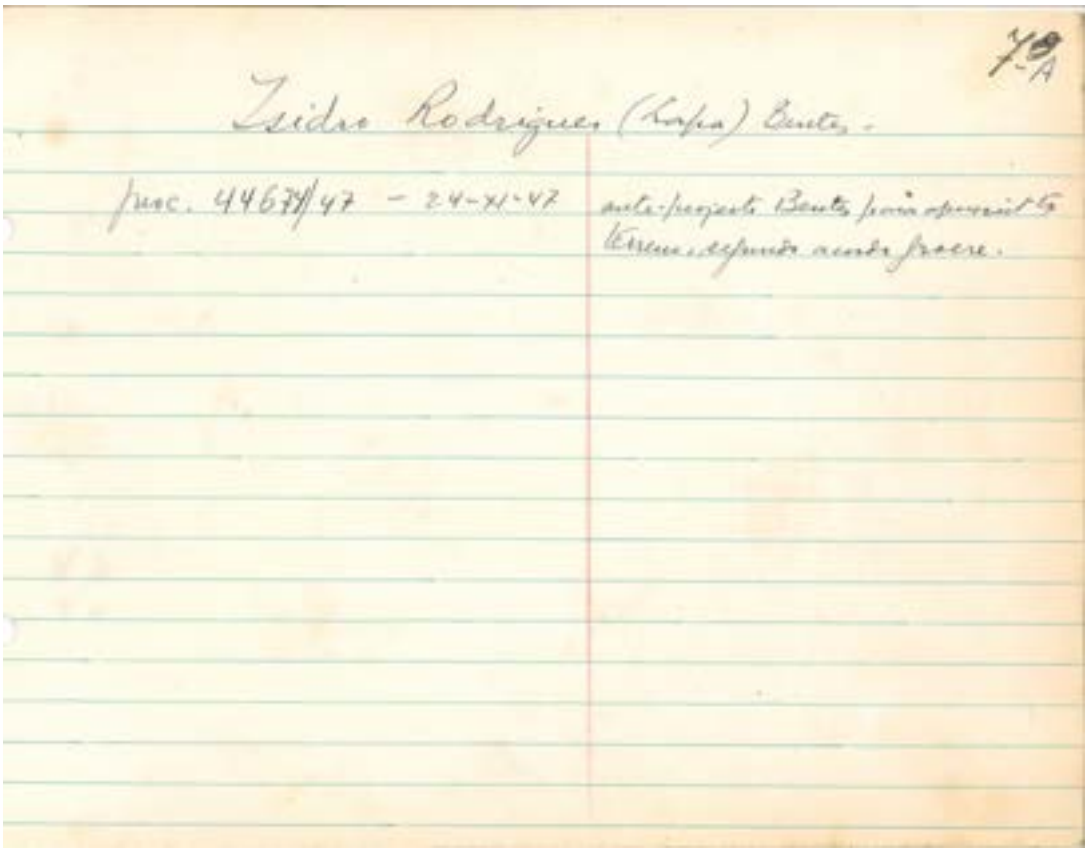
Etelvina B. Taveira

D.M. 18362 — 2-V-947 autorização, const: armazem.



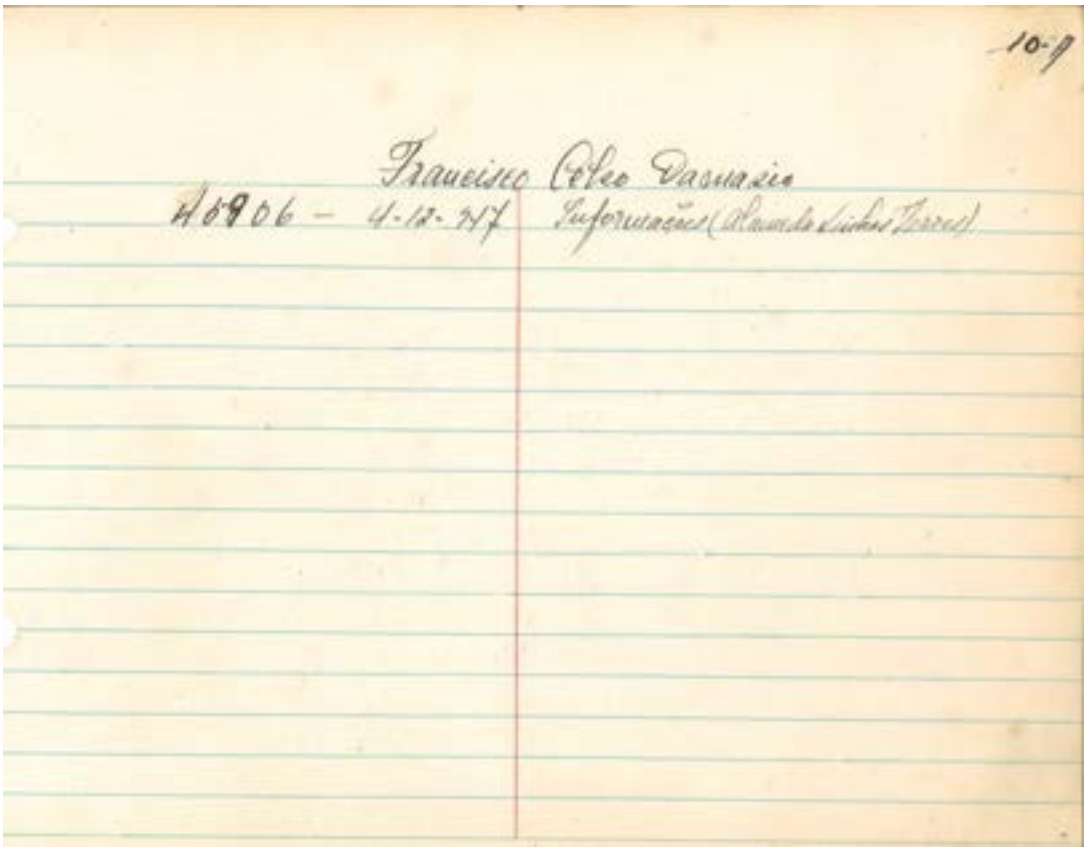
Rua Cavaleiro de Oliveira
(José Duarte)

47260 – 15/XII/47 Construção



Isidro Rodrigues (Lapa) Bento.

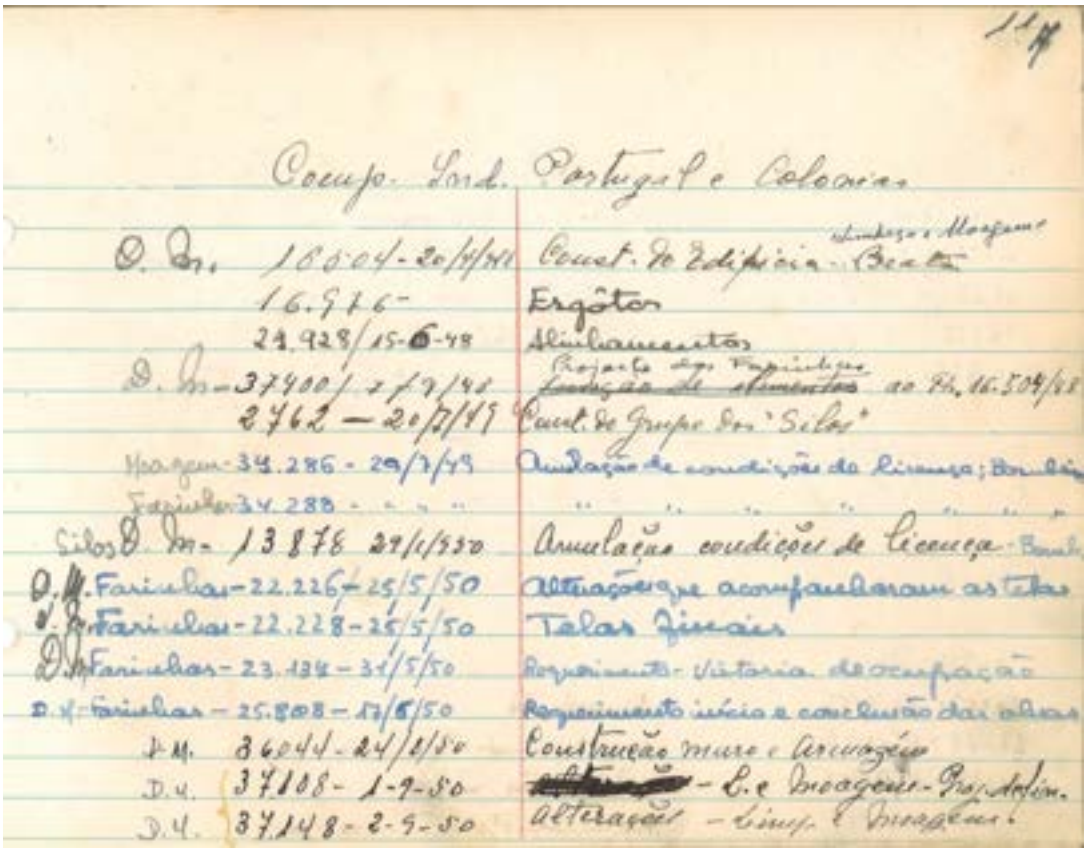
proc. 44673/47 – 24-XI-47 auto-projecto Bento proíbe operários de trabalhar sem prévio exame.



10-9

Francisco Celso Vasconcelos

H6906 – 4-12-947 Informações (Alvará de Licença Provisória)



11-9

Comp. Ind. Portugal e Colonias

O. Br. 16004-20/4/48 Const. de Edificio - Bento Gonçalves e Mosqueiro

16.976 Ergôtor

24.928/15-6-48 Alimentadores

D. Br. – 37400/2/9/48 Projecto dos Reservatórios ~~Ligação de Alimentos~~ ao Pr. 16.504/48

2762 – 20/2/49 Const. de Grupo Res. "Silos"

Hpolis – 34.286 – 29/2/49 Anulação de condições de licença; Bom Jesus

Tapiuba – 34.288 – " " " " " " " "

Silos D. Br. – 13878 29/1/930 Anulação condições de licença - Bom Jesus

D. M. Farinhas – 22.226 – 25/5/50 Alterações que acompanharam as telas

D. M. Farinhas – 22.228 – 25/5/50 Telas finais

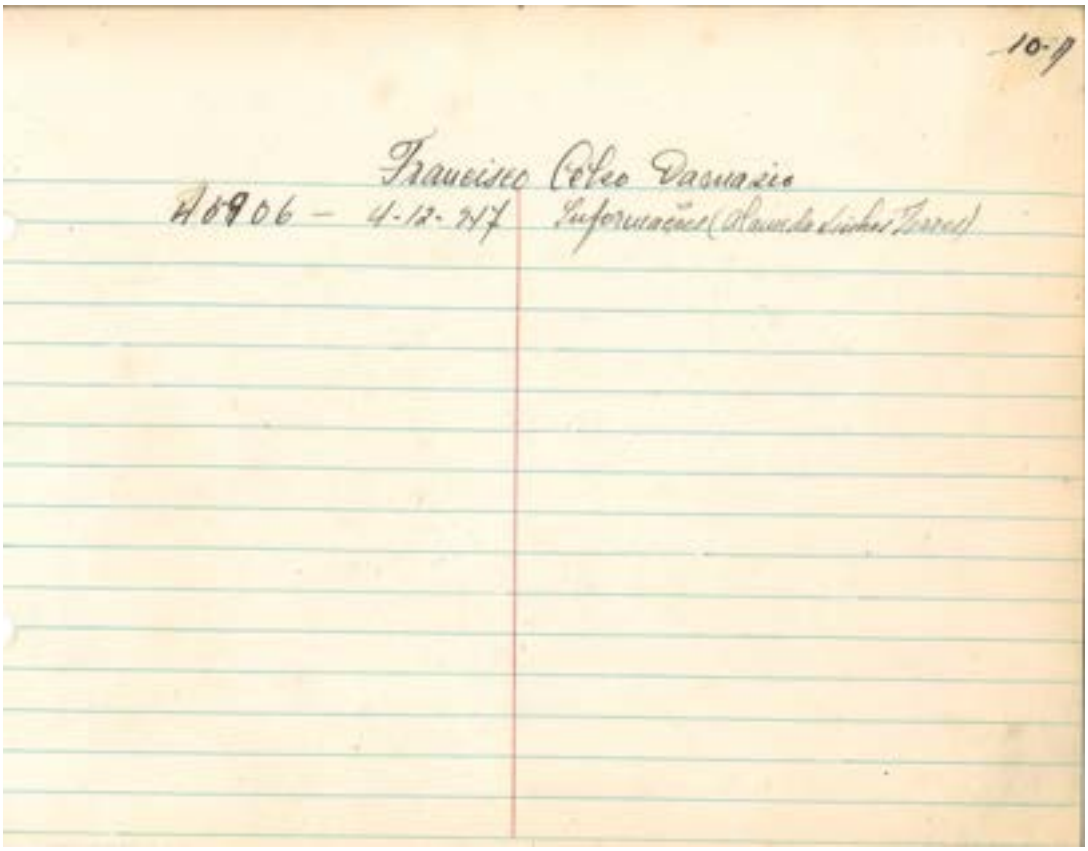
D. M. Farinhas – 23.134 – 31/5/50 Requerimento - Vistoria de ocupação

D. M. Farinhas – 25.808 – 17/8/50 Requerimento início e conclusão das obras

D.M. 36044 – 24/1/50 Construção muro e arcuagem

D.M. 37108 – 1-9-50 [redacted] – L.e Imagens - Proj. definit.

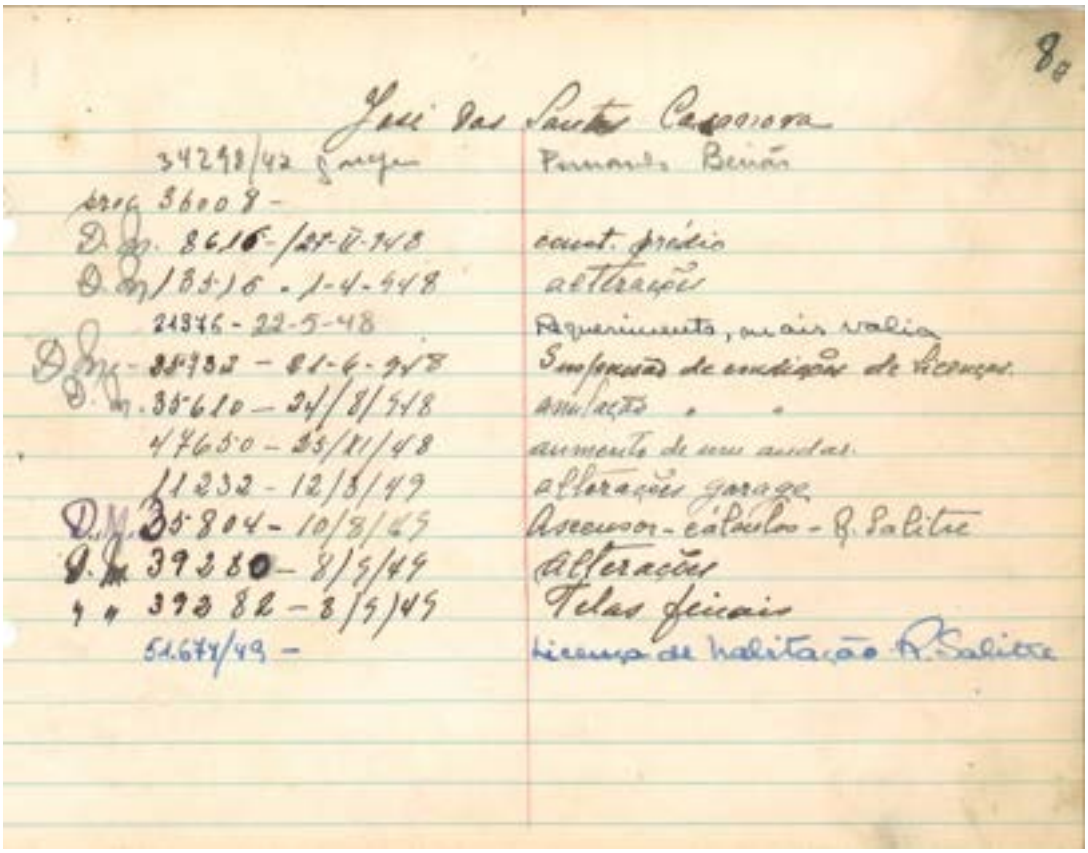
D.M. 37148 – 2-9-50 Alterações – Limp. e Imagens



10-9

Francisco Pedro Vasconcelos

A6906 – 4-12-947 Informações (Rua da Lapa Torre)



8a

José das Santas Cavoeira

34298/42 Arq. Fernando Beirão

proj 36008 –

D. Sr. 8616-/27-8-948 const. prédio

D. Sr/8516 - 1-4-948 alterações

21376 - 22-5-48 Aquecimento, ar cair valia

D. Sr. - 35783 - 21-6-948 Suspensão de condições de licença.

D. Sr. 35610 – 24/8/948 Anulação " "

47650 – 23/11/48 aumento de uma andar.

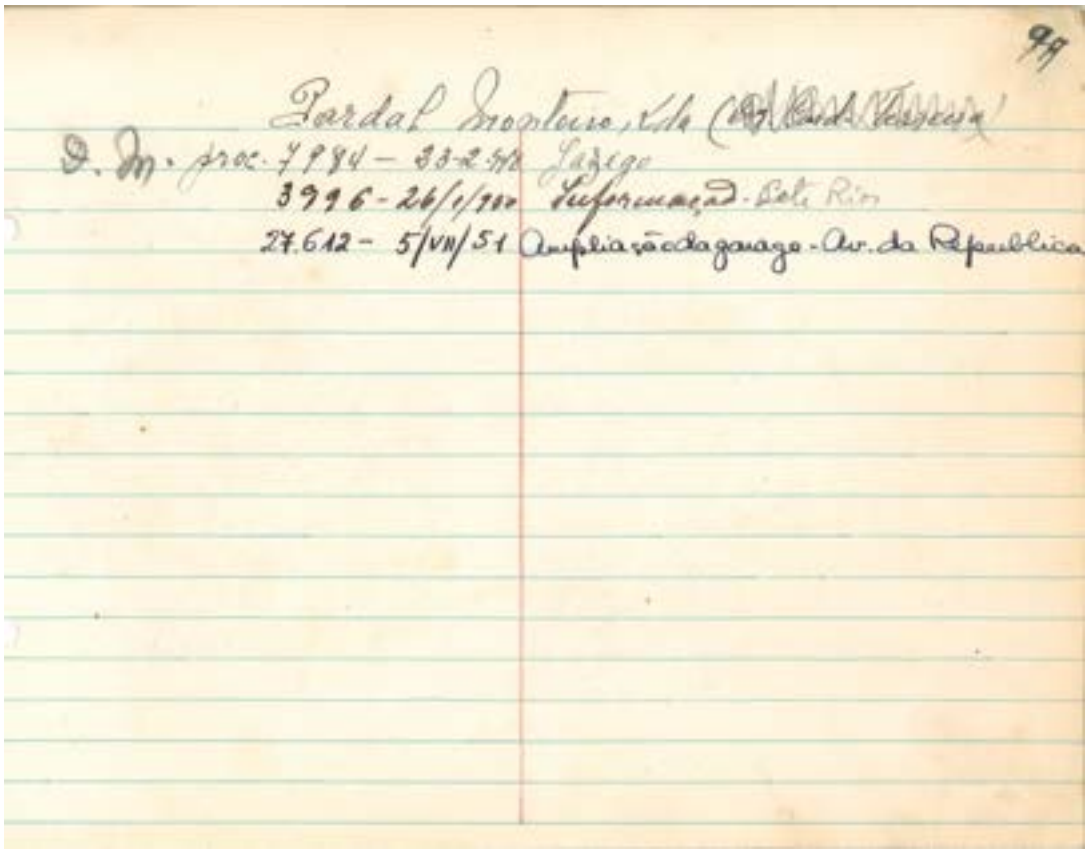
/1232 - 12/3/49 alterações garage

D.M. 35804 - 10/3/49 Ascensor - cálculos - R. Salitre

D.M. 39380 – 8/5/49 alterações

" " 39382 – 8/5/49 Telas finais

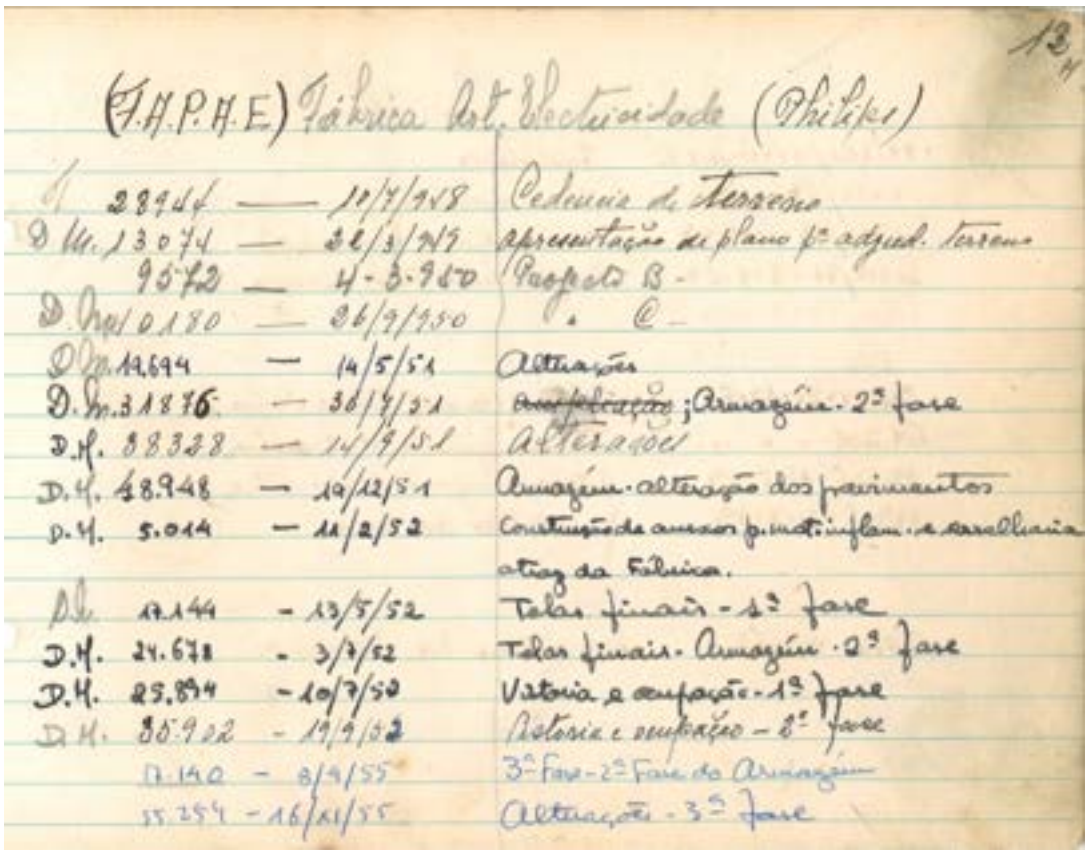
51.674/49 – Licença de habitação R. Salitre



99

Portal Importadora, Ltda (Rua Rodrigo Silva)

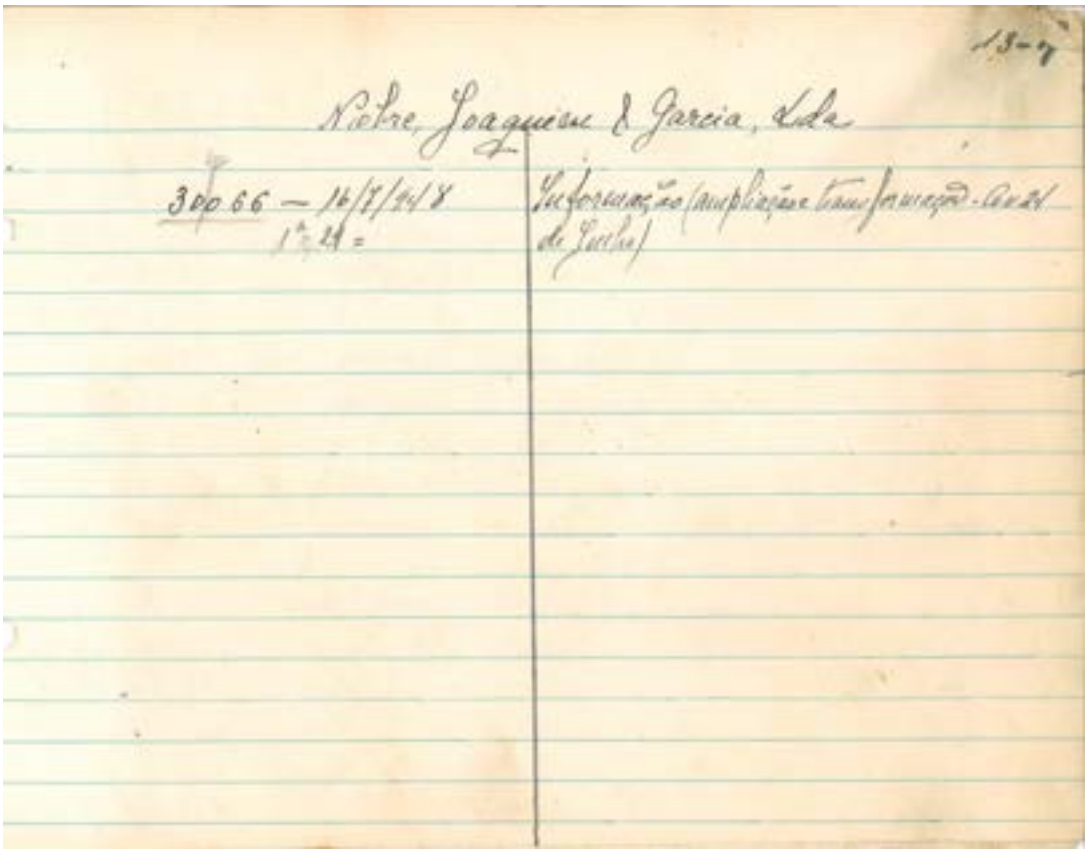
D. M. proc. 7984 – 23-2-942 Lageo
3996 - 26/1/950 Informação - Rua Rio
27.612 - 5/VII/51 Ampliação da garage - Av. da República



13 H

(F.H.P.H.E.) Fábrica Port. Electricidade (Philips)

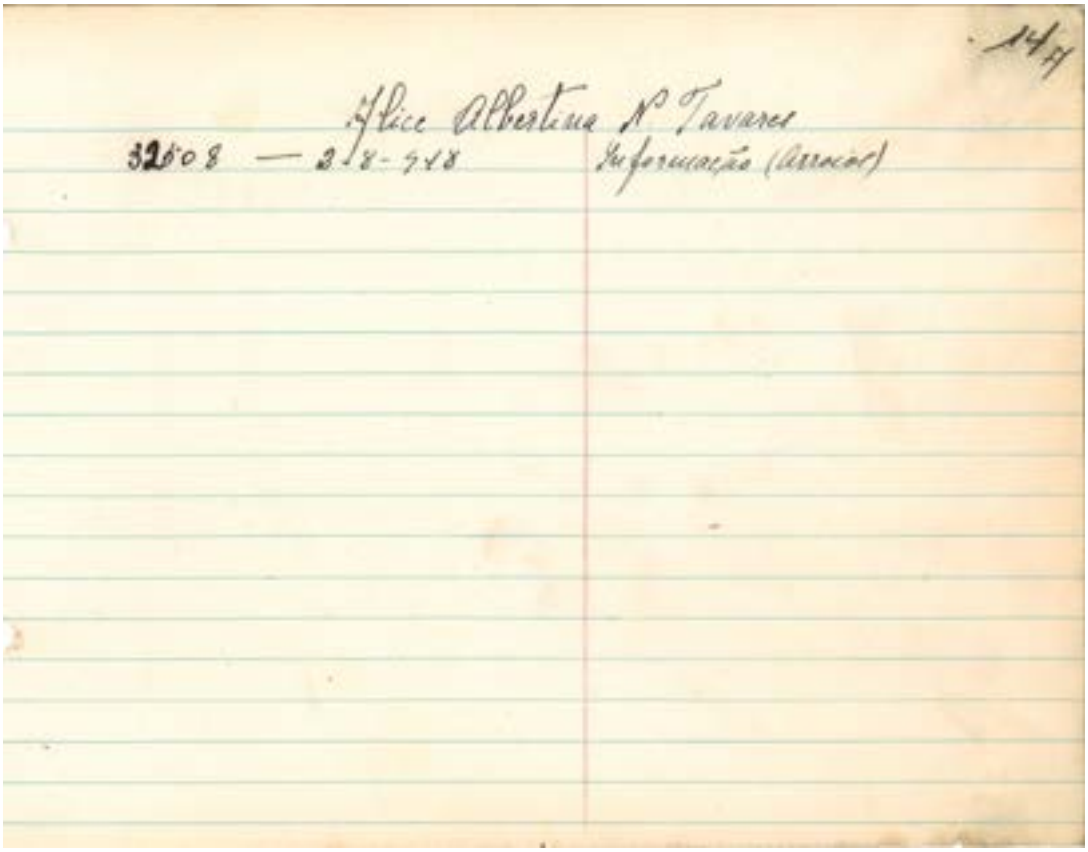
D. 28944 — 10/7/948 Cedencia de terrenos
D. M. 13074 — 22/3/949 apresentação de plano p.ª adjud. terrenos
9572 — 4-8-950 Projecto B -
D. M. 10180 — 26/9/950 " C -
D. M. 19.694 — 14/5/51 Alterações
D. M. 31876 — 30/7/51 ~~ampliação~~ ; Armazém - 2.ª fase
D. M. 38328 — 14/9/51 Alterações
D. M. 48.948 — 19/12/51 Armazém - alteração dos pavimentos
D. M. 5.014 — 11/2/52 Construção de anexos p. instalações e ampliação oficinas da Fábrica.
D. M. 17.144 - 13/5/52 Telas finais - 1.ª fase
D. M. 24.678 - 3/7/52 Telas finais - Armazém - 2.ª fase
D. M. 25.894 - 10/7/52 Vistoria e ampliação - 1.ª fase
D. M. 36.902 - 19/9/52 Vistoria e ampliação - 8.ª fase
D. 140 - 8/9/55 3.ª Fase - 2.ª Fase do Armazém
55.254 - 16/11/55 Alterações - 3.ª fase



13-7

Nobre, Joaquim & Garcia, Lda

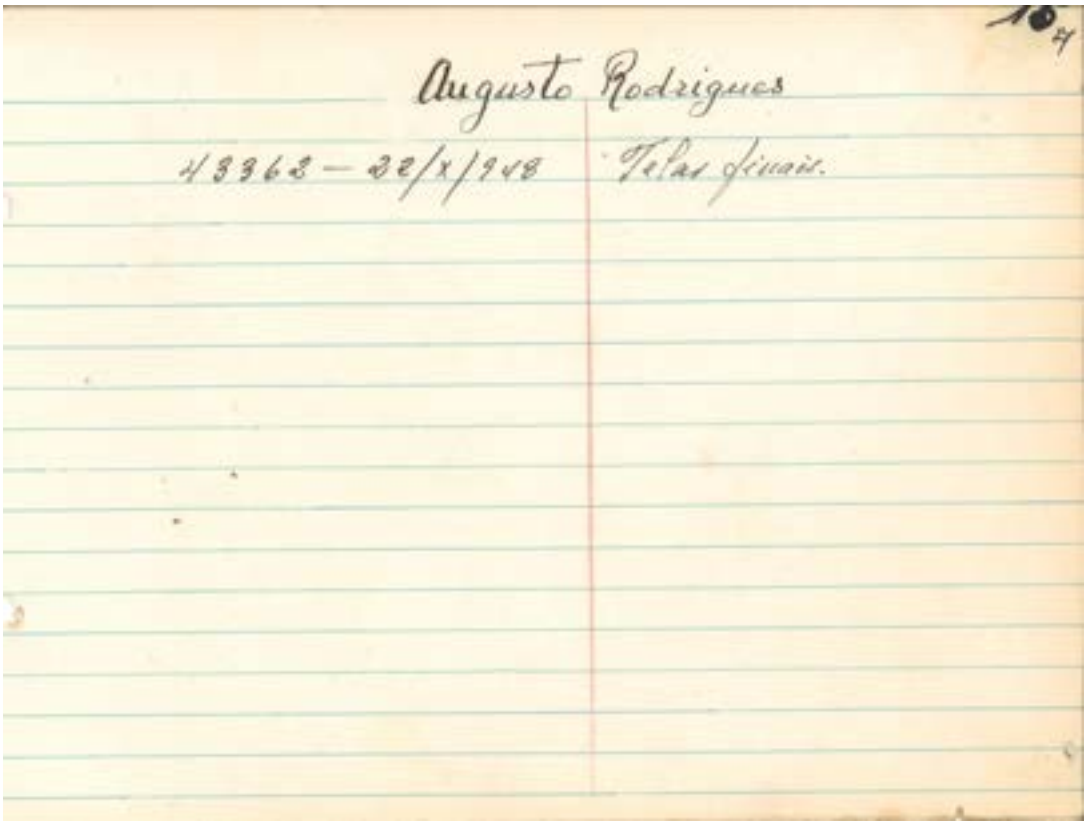
30066 — 16/7/948 1ª 24 =	Informação (ampliação transformação - Av 24 de Julho)



14/7

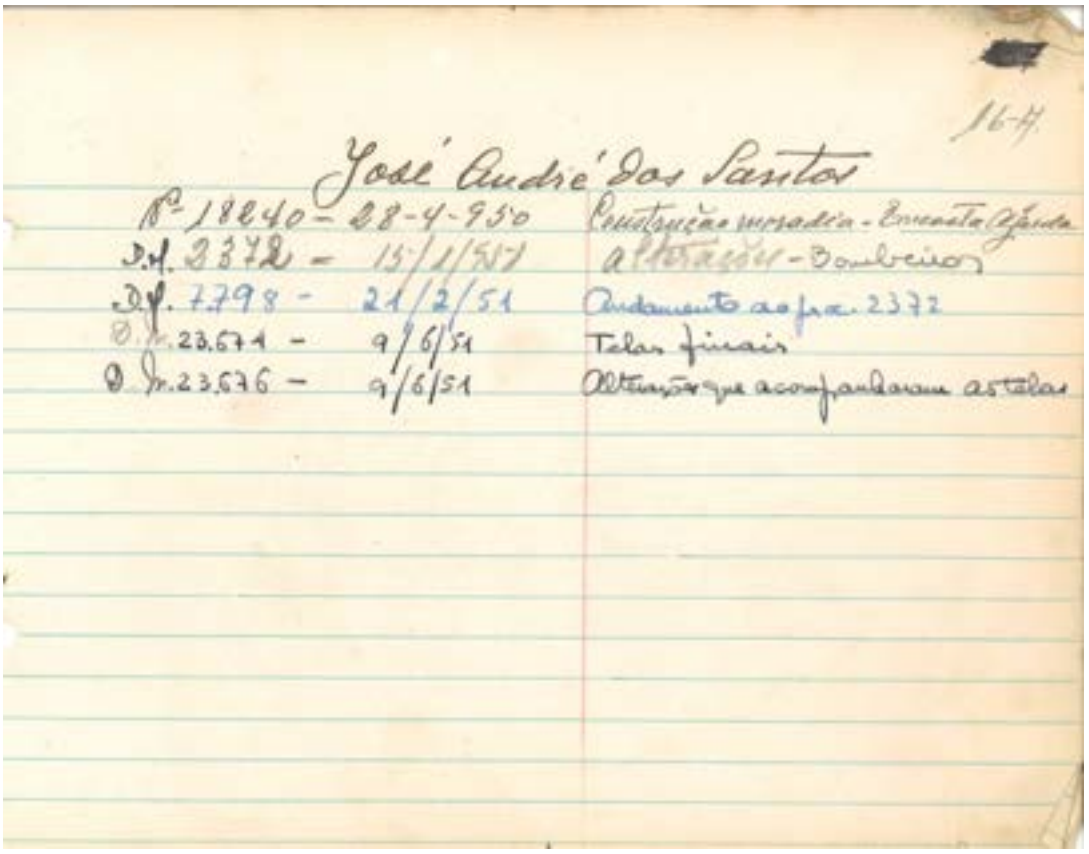
Alice Albertina N. Tavares

32608 — 2/8-948	Informação (arraiais)



Augusto Rodrigues

H 3363 – 22/x/948 Telas finais.



José André dos Santos

B- 18240 – 28-4-950 Construção mesa de ca - Encosta Ajuda

D.H. 2372 – 15/1/51 Alteração - Bombeiros

D.H. 7798 – 21/2/51 Andamento ao proc. 2372

D.H. 23.671 – 9/6/51 Telas finais

D.H. 23.676 – 9/6/51 Alterações que acompanharam as telas

38

PALÁCIO DA ROTUNDA

D. H.	44.760 - 24/XI/52	Auto-projecto
	Pat. 2251 - 23/I/54	Sondagens
	29.288 - 26/6/54	Projecto p/ construção
	30.716 - 4/5/55	Complemento do projecto
	49.586 - 2/11/57	Projecto de acordo c/ o plano da Rotunda.
	55.486 - 57	Tapume e Terraplanagem
	25.204 - 16-5-59	Alteração estrutura F. Cândida
	12.500 - 25-6-59	Depósito colectivo
	38.816 - 25-7-59	Projecto alterações (4 edifícios).
	21.921-62 — 12.913/63	Telas Finais.
	52.832 - 3-11-62	Correcção das Telas finais.
	57.972 - 5-12-62	Novos desenhos alterações e telas -

39

Vale de S. Gião

~~Junta Autónoma de Estradas~~ (Vale)

Guias Nº 193 - 6/3/953

40

GRANDE HOTEL – SODIM

pet. 29.163/54 - 20/X/54	Licença cantoz
D.H. 32.102/?	Projecto (venha em falta da SODIM)
31.932/26-X-55	Alvará do projecto
56.934/55-XI-55	3ª Parte de fundações
D.H. 43.474/56-11-4-56	Retenção das fund. p. alvará
D.H. 16.482/59 - 1-4-59	Alargamento da R. Marquês de Subserra.
10.081 - 6-5-59	Ocupação plena R. Marquês de Subserra
21.830 - 9-5-59	Alargamento da R. Cor. de Fonseca e Av. A. Aguiar
50.110/58	Colocar Ritz
R. da Palma 13.818/58 - 4-8-59	Alargamento R. Castilho
" " 15.547/59 - 3-9-59	Entrada de garage e loteamento do passeio
8.776/61 - 13-2-61	Cópia da tela n.º 3 do projecto

41

FARINHA & PEREIRA

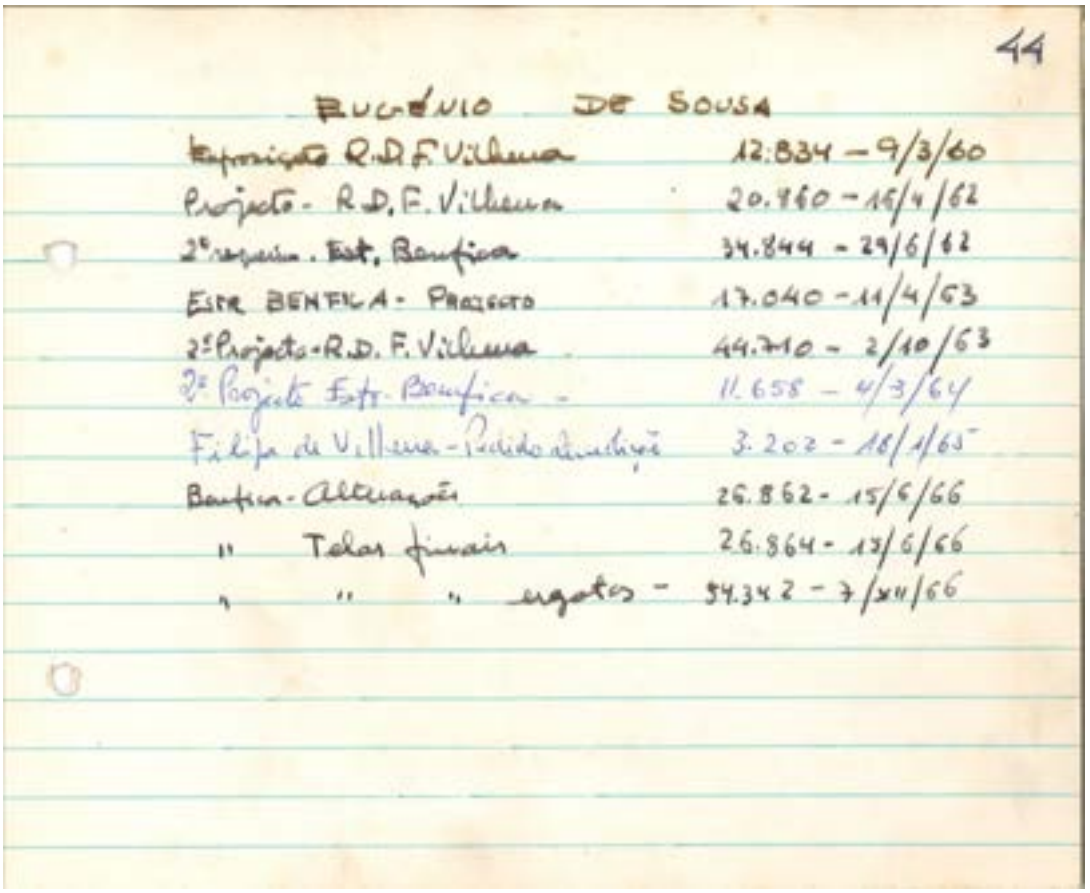
7052/ 12-2-55	Obras
15960 - 31-3-955-	Andaimes e projecto Jose
53.730 - 8-XI-55	Alteração

JOSÉ ALEXANDRE

51.586 - 24/10/55	Projecto inicial
P.n. 9752 - 24/2/56	Alteração estrutura
14.714 - 21/3/56	Alteração pavimentos
23.200 - 10/5/56	Altes. escada
Pet. 17.465/56	Limpeza das fachadas
37.246/56	Alteração fach. Calç. Sacramento
Aprovado 38.314/56-31/7/56	" da escada principal
12.062/57-13/3/57	Andamento de pa. 62164; 62162/56

FERREIRA & FILHOS, L.DA

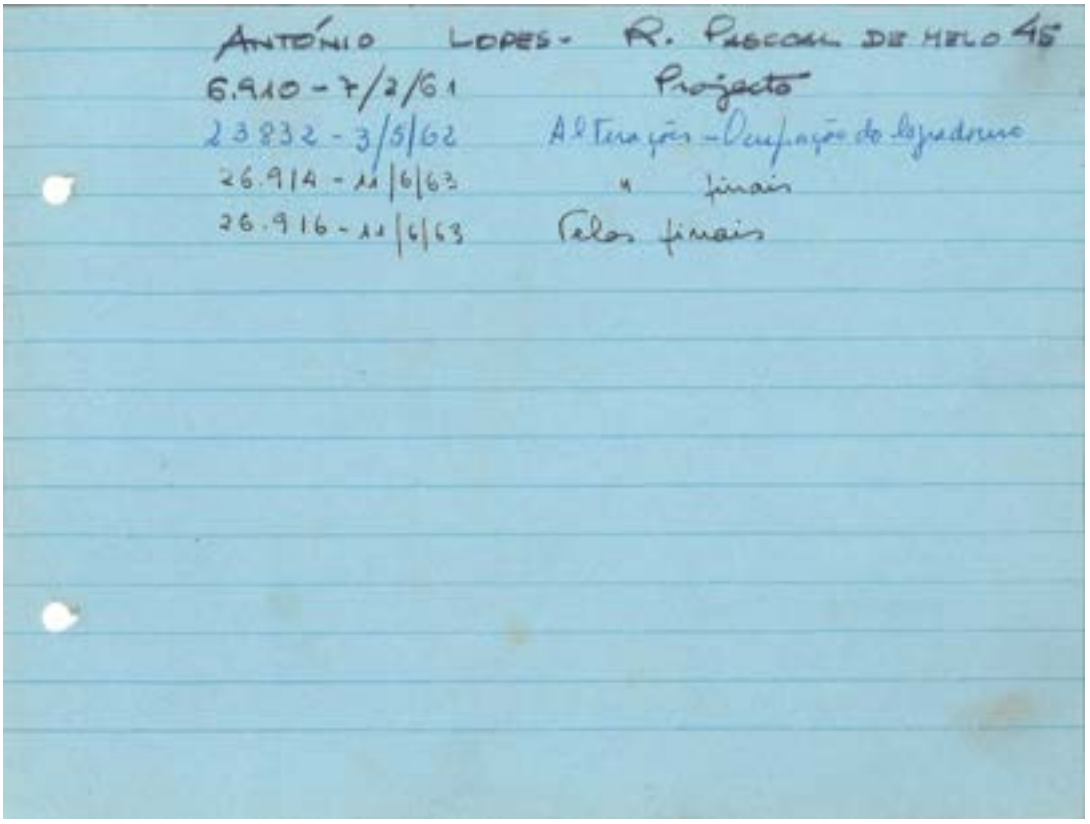
22680 - 7/5/58	Demolições A. A. Aguiar
22.682 - 7/5/58	"
22.684 - 7/5/58	"
26.570 - 26/6/58	ANTE PROJECTO
33.790 - 3/7/58	Aditamento às demolições
60.866 - 17/12/59	Pôr as demolições em andamento
1514 - 11/1/60 ×	Projecto
20.510 - 25/4/60	Pôr as demolições em andamento
28.600 - 7/6/60 ×	Bloco apartamentos S. Sebastião da Pedª
42.430 - 26/8/60	Relaxamento Colector S. Seb. Pedreira
47.688 - 27/9/62	Alterações ao proj. de ventilações -
56.818/62	Bocas de incêndio
36.372/64 (17-7-64)	Alterações finais
36.374/64 (17-7-64)	Telas finais
44.710/65 (19/X/65)	Alteração cave da moradia dos arcos -



44

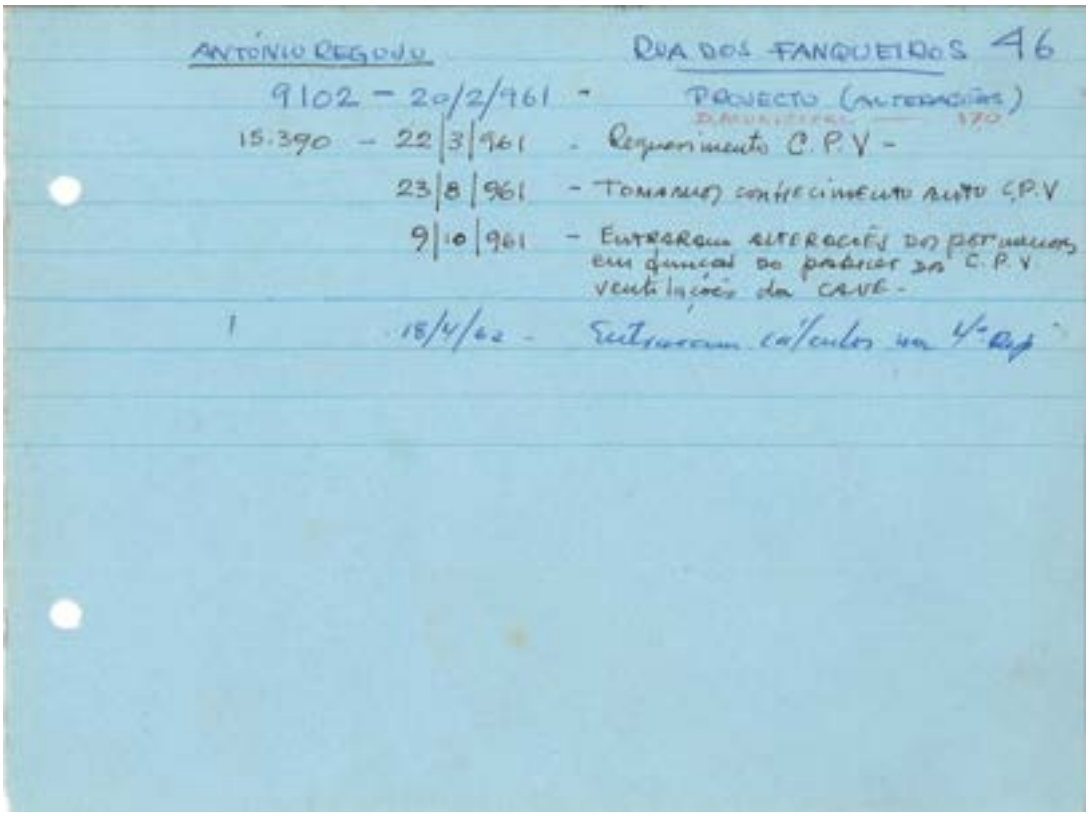
EUGÉNIO DE SOUSA

Exposição R.D.F. Vilhena	12.834 – 9/3/60
Projecto - R.D.F. Vilhena	20.960 – 16/4/62
2º projecto. Est. Benfica	34.844 – 29/6/62
Este BENFICA - PROJECTO	17.040 – 11/4/63
2º Projecto - R.D. F. Vilhena	44.710 – 2/10/63
2º Projecto Est. Benfica –	11.658 – 4/3/64
Filipa de Vilhena - Pedido de vistoria	3.202 – 18/1/65
Benfica - Alterações	26.862 - 15/6/66
" Telas finais	26.864 - 13/6/66
" " " esgotos -	34.342 - 7/XII/66



ANTÓNIO LOPES - R. PROCOPIO DE MELO 46

6.910 – 7/2/61	Projecto
23832 - 3/5/62	Alteração – Ocupação do logradouro
26.914 - 11/6/63	" finais
26.916 - 11/6/63	Telas finais



ANTÓNIO REGO & C.ª — RUA DOS FANQUEIROS 46

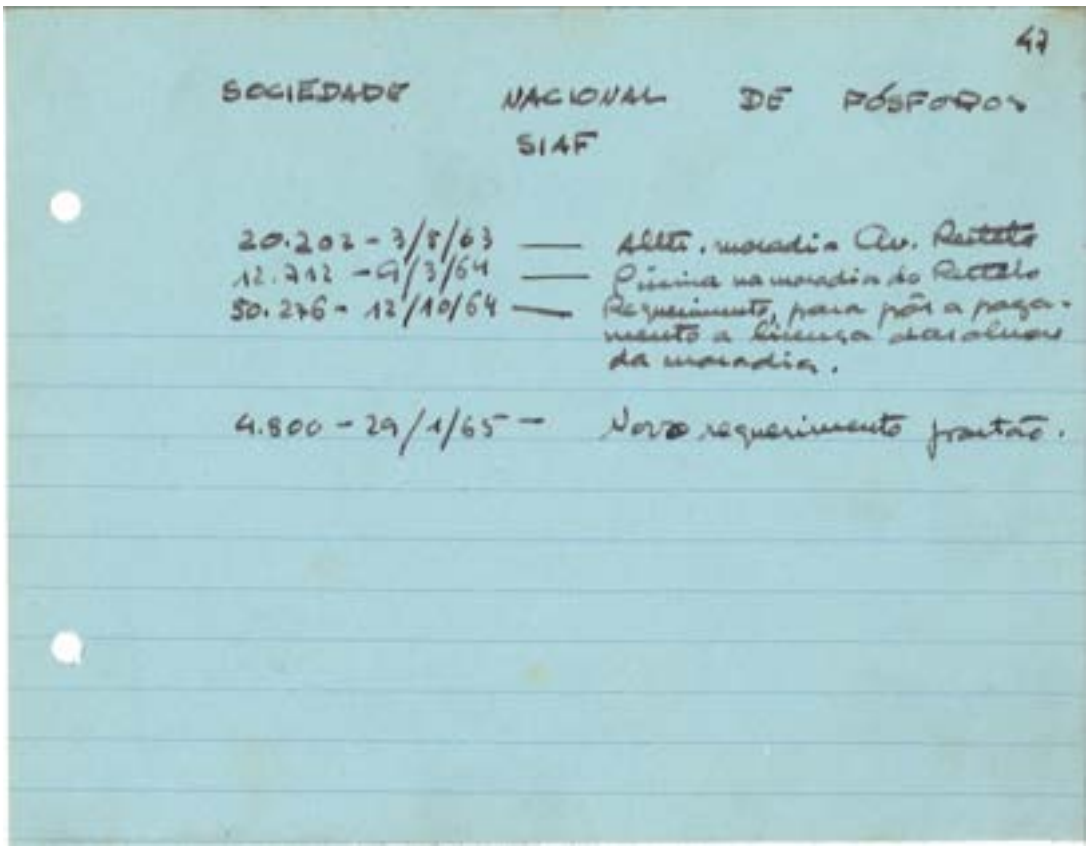
9102 – 20/2/961 – PROJECTO (ALTERAÇÕES)

15.390 – 22/3/961 – Requerimento C.P.V –

23/8/961 – Tomaram conhecimento Auto C.P.V

9/10/961 – Entregam ALTERAÇÕES DO PROJECTO em duplicado do parecer da C.P.V ventilações da CAVE –

1 – 18/4/62 – Entregam cálculos na 4ª Rep.



47

SOCIEDADE NACIONAL DE FOSFOROS

SIAF

20.202 – 3/8/63 — Alter. moradia Av. Restelo

12.212 – 9/3/64 — Piscina na moradia do Restelo

50.276 – 12/10/64 — Requerimento, para pôr a pagamento a licença das alterações da moradia.

4.800 – 29/1/65 — Novo requerimento fraterno.

(49)

* ANGEL VELASCO BARTOLOMÉ *

Requerimento O.P.V. Av. Almirante Reis 212 - 53.294/ 6-11-62

PROJECTO DE AMPLIAÇÃO (D. MUNICIPAL GUIA Nº 1548 ✗) 38.460/19/8/963

PROJECTO DE AMPLIAÇÃO (Direcção Municipal GUIA Nº 6673) 37646/24/1/964

50

* HOTEL - FLÓRIDA *

(CASA DE Srs. ALTIMIR)

ALTERAÇÕES FINAIS - 41.916/12/9/63

TELAS FINAIS - 41.918/12/9/63

FLORINDO	CAETANO
47.332 - 18/10/63	Anulação intimação obras C. Caniche 21-21/C
19.988 - 17-4-64	Auto-projecto Colg. de Caniche.
36.362 - 17-7-64	Requerimento anulação intimação Obras Col. C.

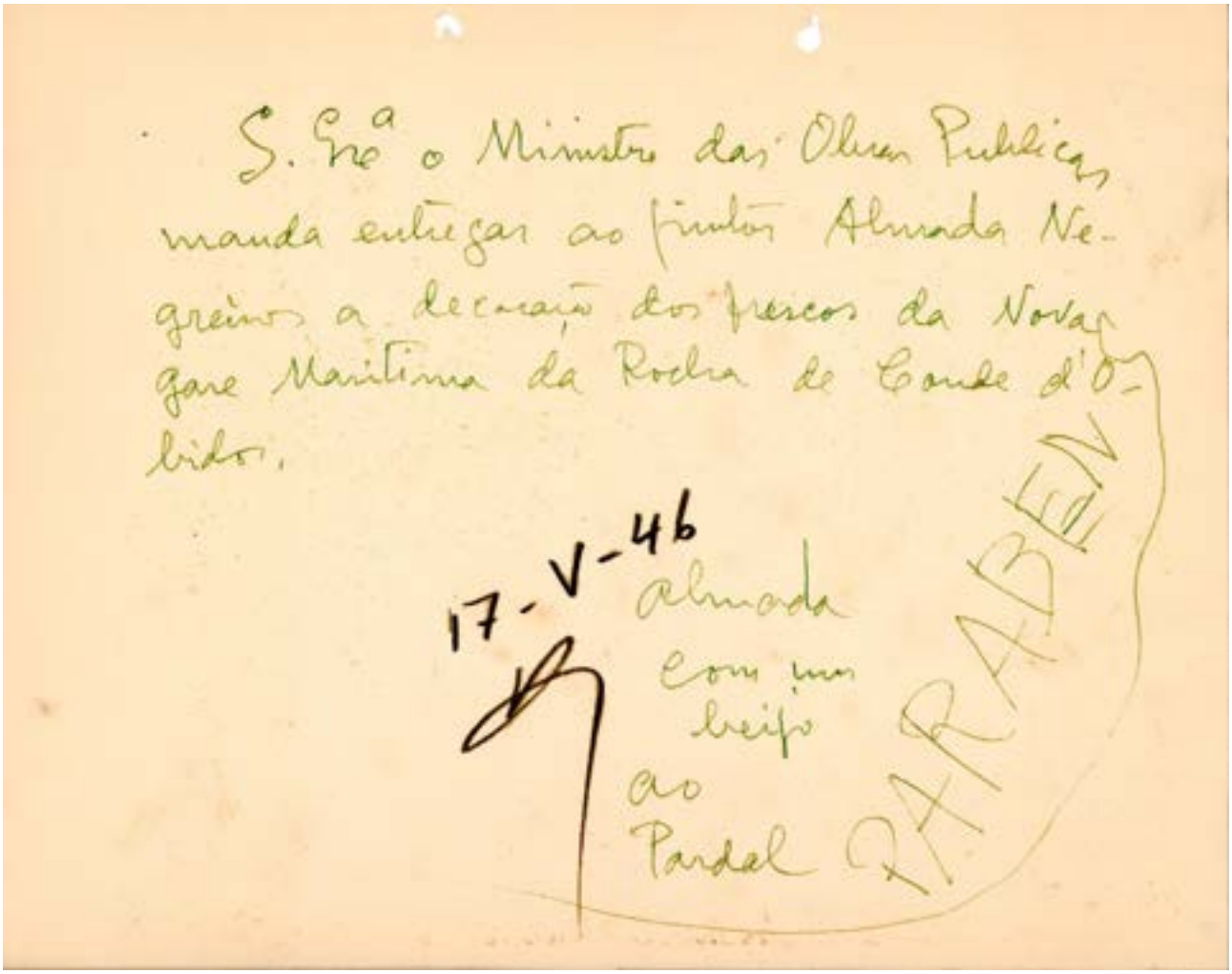
4. DR. NUNO MARIA COSTA DE MORAIS

4.608 - 24/1/1964 - Projecto Av. Barbosa du Bocage 96

54.506 - 4/XI/64 - Ampliação da moradia.

Documento 46.01

NEGREIROS, Almada - Carta com a Indicação de que vai elaborar os frescos da Gare da Rocha do Conde de Óbidos. Lisboa: [Documento manuscrito do Espólio PMA], Maio de 1946


S. Exª o Ministro das Obras Publicas manda entregar ao pintor Almada Negreiros a decoração dos frescos da Nova gare Maritima da Rocha do Conde d'Obidos.

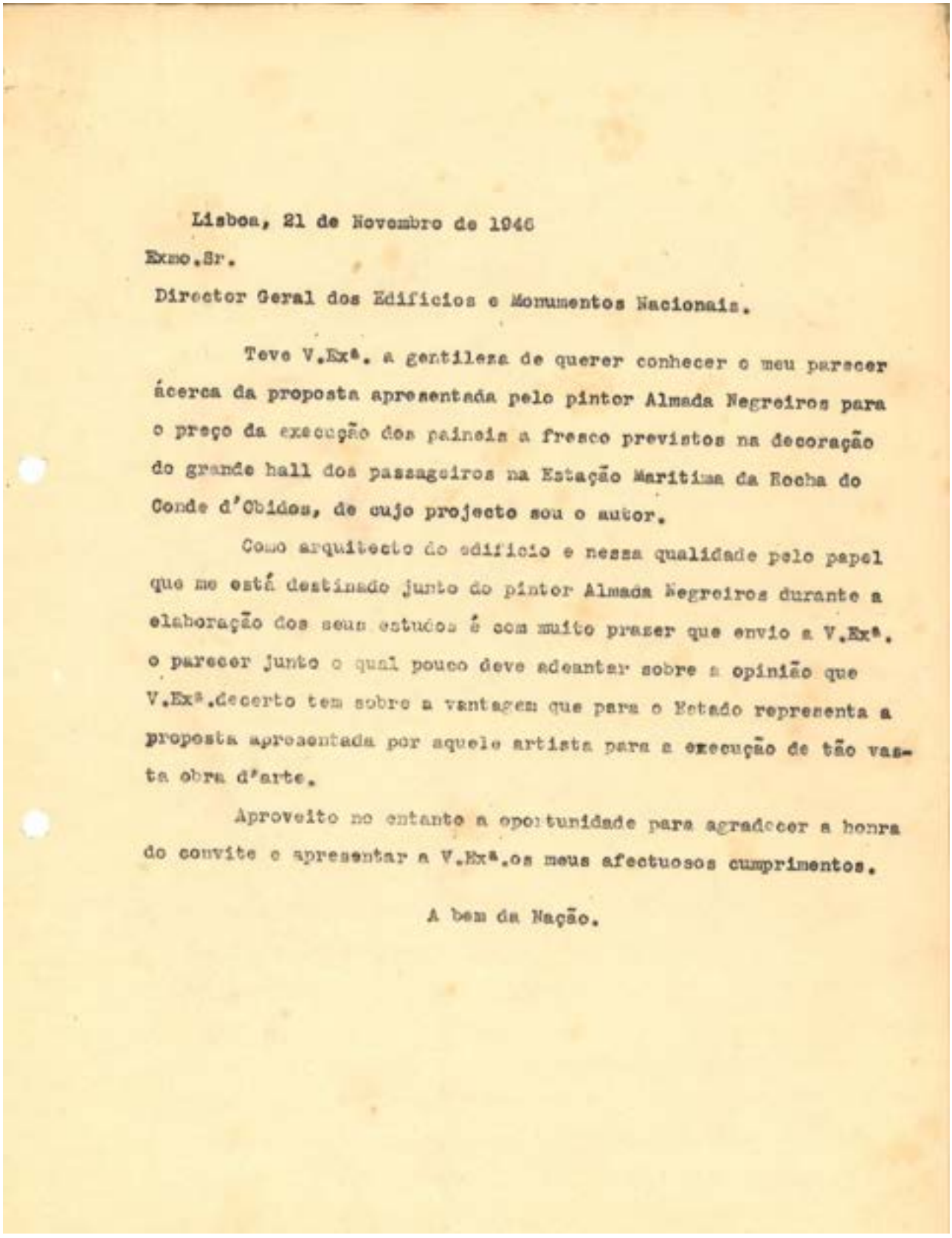
17-V-46

almada

com um beijo ao Pardal

Documento 46.02

MONTEIRO, Porfírio Pardal - Parecer acerca dos painéis pintados por Almada Negreiros. [Documento dactilografado do Espólio PMA],Novembro de 1946.



Lisboa, 21 de Novembro de 1946

Exmo.Sr.

Director Geral dos Edificios e Monumentos Nacionais.

Teve V.Exª. a gentileza de querer conhecer o meu parecer ácerca da proposta apresentada pelo pintor Almada Negreiros para o preço da execução dos painéis a fresco previstos na decoração do grande hall dos passageiros na Estação Maritima da Rocha do Conde d'Obidos, de cujo projecto sou o autor.

Como arquitecto do edificio e nessa qualidade pelo papel que me está destinado junto do pintor Almada Negreiros durante a elaboração dos seus estudos é com muito prazer que envio a V.Exª. o parecer junto o qual pouco deve adeantar sobre a opinião que V.Exª.decerto tem sobre a vantagem que para o Estado representa a proposta apresentada por aquele artista para a execução de tão vasta obra d'arte.

Aproveito no entanto a oportunidade para agradecer a honra do convite e apresentar a V.Exª.os meus afectuosos cumprimentos.

A bem da Nação.

Parecer

ácerca da proposta apresentada pelo pintor Sr.José Almada Negreiros para a execução dos paineis a fresco previstos no projecto para o edificio da Estação Maritima da Rocha do Conde d'Obidos.

= =

Apresentou o pintor Almada Negreiros proposta para a pintura a fresco dos seis grandes paineis do grande hall de passageiros pela quantia de 500 contos, ou seja o preço aproximado de 2.500$00 escudos por metro quadrado.

A categoria do artista, a convicção de que o património nacional será enriquecido com mais um conjunto de obras de arte de grande valor, a qualidade da realização que se póde esperar, deduzida das que consagraram o mérito deste pintor fresquista, parecem-me suficientes para ter como muito vantajosa para o Estado a proposta do pintor Almada Negreiros.

Por um dever de lealdade devo confirmar que tendo sido ha meses consultado por aquele pintor ácerca da quantia que tencionava pedir pelo trabalho a fazer na Estação Maritima de Alcantara lhe dei o meu parecer quanto aos limites que me pareciam razoáveis em face de circunstancias que no nosso meio são muito de atender.

A obra realizada pelo pintor Almada Negreiros será, segundo creio, da que dará maior projecção universal á arte portuguêsa dos nossos dias, pois conhecendo bastantes obras de fresco

executadas em muitos paises por artistas de grande renôme como por exemplo, os italianos Chirico e Achille Funni, os espanhoes Sert, Artetta e Vasquez Diaz, o brasileiro Porttinari, os franceses Maurice Denis e Fernand Leger e tantos outros que em consequencia de circunstancias muito favoráveis são mundialmente conhecidos, vejo na obra de Almada Negreiros motivos que me levam a considerar que Portugal tem hoje um dos maiores pintores decoradores de todo o mundo.

Á obra realizada por este artista na Igreja de N.S. de Fátima, no edificio do "Diario de Noticias" e na Estação Maritima de Alcantara, tenho ouvido referencias de pessoas de incontestável autoridade como artistas e como criticos que reforçam a minha opinião ácerca do valor deste artista português.

O modo como Almada Negreiros apresenta a justificação das suas despesas é de molde a deixar no meu espirito a duvida sobre se o preço será justo, pois não vejo onde esteja a verba de lucro suficiente para permitir criar as necessárias reservas económicas indispensáveis para quem vivendo exclusivamente do trabalho que executa, tenha que fazer face, nas épocas de crise, na velhice ou na incapacidade, ás necessidades inevitáveis da vida.

Honestamente o pintor Almada Negreiros indica, aproximadamente, as verbas que conta aplicar em cada caso e os que sabem como este artista trabalha tambem sabem que durante o tempo em que estudar os paineis para a Estação Maritima da Rocha, Almada Negreiros será escravo da sua obra e dificilmente poderá ocupar-se

doutros trabalhos.

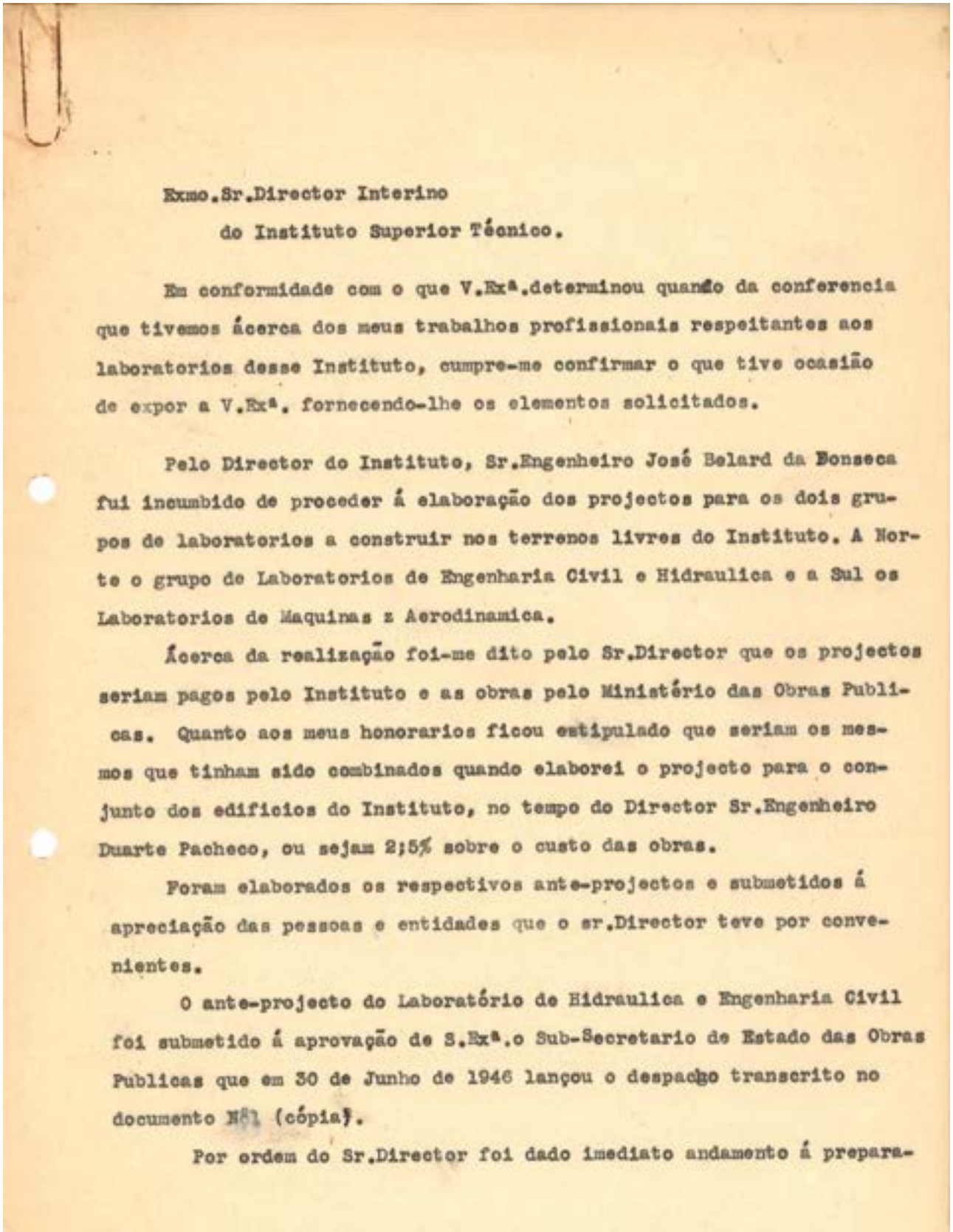
É pois meu parecer que a proposta apresentada é, quanto ao preço, muito vantajosa para o Estado.

Lisboa, 21 de Novembro de 1946

O Arquitecto

Documento 48.01

MONTEIRO, Porfírio Pardal - Indicação de honorários relativos aos projectos do IST. Lisboa: [Documento dactilografado do Espólio PMA], Janeiro de 1948.



Exmo.Sr.Director Interino
do Instituto Superior Técnico.

Em conformidade com o que V.Exª.determinou quando da conferencia que tivemos ácerca dos meus trabalhos profissionais respeitantes aos laboratorios desse Instituto, cumpre-me confirmar o que tive ocasião de expor a V.Exª. fornecendo-lhe os elementos solicitados.

Pelo Director do Instituto, Sr.Engenheiro José Belard da Fonseca fui incumbido de proceder á elaboração dos projectos para os dois grupos de laboratorios a construir nos terrenos livres do Instituto. A Norte o grupo de Laboratorios de Engenharia Civil e Hidraulica e a Sul os Laboratorios de Maquinas z Aerodinamica.

Ácerca da realização foi-me dito pelo Sr.Director que os projectos seriam pagos pelo Instituto e as obras pelo Ministério das Obras Publicas. Quanto aos meus honorarios ficou estipulado que seriam os mesmos que tinham sido combinados quando elaborei o projecto para o conjunto dos edificios do Instituto, no tempo do Director Sr.Engenheiro Duarte Pacheco, ou sejam 2;5% sobre o custo das obras.

Foram elaborados os respectivos ante-projectos e submetidos á apreciação das pessoas e entidades que o sr.Director teve por convenientes.

O ante-projecto do Laboratório de Hidraulica e Engenharia Civil foi submetido á aprovação de S.Exª.o Sub-Secretario de Estado das Obras Publicas que em 30 de Junho de 1946 lançou o despacho transcrito no documento Nº1 (cópia).

Por ordem do Sr.Director foi dado imediato andamento á prepara-

ção do projecto definitivo para os laboratorios de Hidraulica e Engenharia Civil.

Quando este estava concluido fui informado pelo Sr.Director que pelo Ministério das Obras Publicas ía ser criado um novo organismo respeitante ao Laboratorio de Engenharia Civil, cujo programa seria diferente, pelo que ficava sem efeito, de momento, a construção do Laboratorio tal como fora projectado. Em vista desta nova orientação o pagamento dos honorarios devidos pelos trabalhos executados, seria feito pelo Ministério das Obras Publicas, segundo declaração de S.Exª. o Ministro ao Sr.Director.

Em virtude desta resolução pediu-me o Sr.Director para apresentar a nota dos meus honorarios, e que deligenciasse junto do engenheiro civil, meu colaborador incumbido do estudo do correspondente projecto da obra de betão armado para que a presentasse tambem a sua nota de honorarios.

As respectivas notas (doc.nºs 2,3,4,5 e 6) foram entregues ao Sr.Director, para os devidos efeitos.

Estes documentos têm as seguintes datas:

Nº2, 18 de Novembro de 1946; nº3, 5 de Novembro de 1946; nº4, 5 de Novembro de 1946; nº5, 20 de Dezembro de 1946; nº6, 14 de Fevereiro de 1947.

Julgo que o Sr.Director, ao entrar em contacto com o Director do novo Laboratorio, o Sr.Engenheiro Eduardo Arantes e Oliveira, lhe teria entregue a documentação original afim de o assunto ser apresentado ao Ministério das Obras Publicas para a sua liquidação.

Como esta ainda não foi feita e a elaboração do projecto teve encargos importantes, tomo a liberdade de mais uma vez solicitar de V.Exª os seus bons oficios no sentido de ser satisfeira.

Quanto aos Laboratorios de Maquinas e Aerodinamica, que não foram atingidos pela criação do novo Laboratorio de Engenharia Civil, foi pelo Sr.Director pedida a continuação do estudo do respectivo projecto

Em satisfação deste, foram elaborados os respectivos estudos, oportunamente submetidos á aprovação do Sr.Director e das entidades que este teve por bem consultar e em 4 de Junho de 1947, foi entregue oficialmente o respectivo ante-projecto.(Doc.nº7)

Como estivesse desembolsado de importantes quantias com a elaboração deste ante-projecto, solicitei em 2 de Dezembro de 1947 o pagamento da quantia de 50.000$00 escudos por conta dos meus honorarios relativos aos Laboratorios de Máquinas e Aerodinamica (Doc.nº8)

Este pedido tambem ainda não foi satisfeito, embora não dependa senão de resolução de qualquer organismo extranho ao Instituto.

É quanto, Senhor Director, me ocorre expor a V.Exª, como esclarecimento do que se teria passado antes de V.Exª. ser nomeado Director Interino do Instituto e que poderá ser confirmado pelo Sr.Director, Sr.Engenheiro José Belard da Fonseca.

No entanto, se V.Exª necessitar de mais alguns esclarecimentos, estou ao dispor de V.Exª.

Resumindo, portanto, resta-me solicitar os bons oficios de V.Exª. no sentido de obter do Ministerio das Obras Públicas que seja feito o

pagamento dos honorarios devidos pelos trabalhos referentes ao Laboratorio de Hidraulica e Engenharia Civil e que pelo Instituto me seja feito o pagamento solicitado respeitante aos Laboratorios de Maquinas e Aerodinamica.

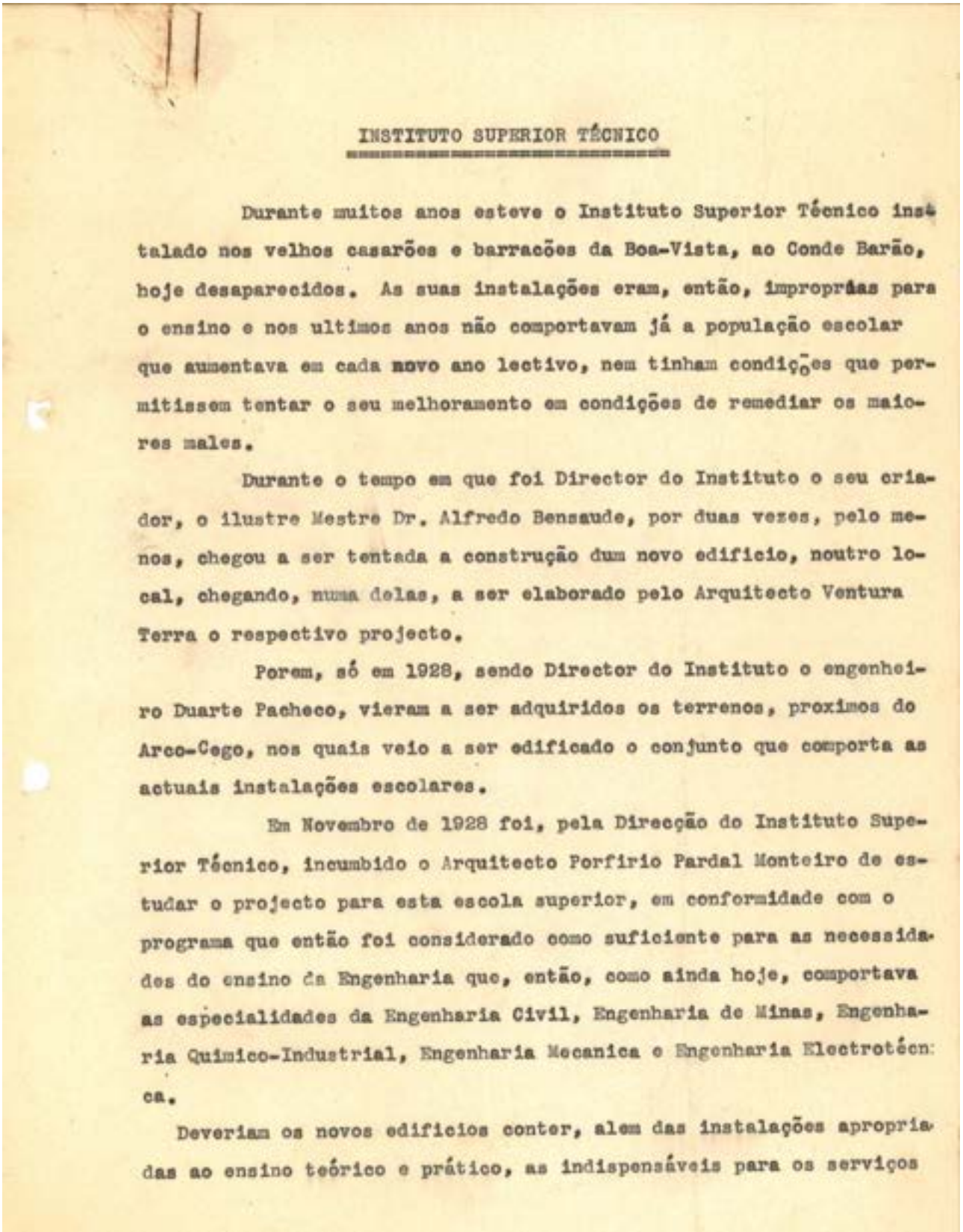
Queira aceitar, Senhor Director, os meus efectuoso cumprimentos.

A bem da Nação.

Lisboa, 5 de Janeiro de 1948.

Documento 48.02

MONTEIRO, Porfírio Pardal - Nota fornecida a Luiz Teixeira sobre a Exposição das Obras Públicas. Lisboa: [Documento dactilografado do Espólio PMA], Novembro de 1948



INSTITUTO SUPERIOR TÉCNICO

Durante muitos anos esteve o Instituto Superior Técnico instalado nos velhos casarões e barracões da Boa-Vista, ao Conde Barão, hoje desaparecidos. As suas instalações eram, então, impróprias para o ensino e nos ultimos anos não comportavam já a população escolar que aumentava em cada novo ano lectivo, nem tinham condições que permitissem tentar o seu melhoramento em condições de remediar os maiores males.

Durante o tempo em que foi Director do Instituto o seu criador, o ilustre Mestre Dr. Alfredo Bensaude, por duas vezes, pelo menos, chegou a ser tentada a construção dum novo edificio, noutro local, chegando, numa delas, a ser elaborado pelo Arquitecto Ventura Terra o respectivo projecto.

Porem, só em 1928, sendo Director do Instituto o engenheiro Duarte Pacheco, vieram a ser adquiridos os terrenos, proximos do Arco-Cego, nos quais veio a ser edificado o conjunto que comporta as actuais instalações escolares.

Em Novembro de 1928 foi, pela Direcção do Instituto Superior Técnico, incumbido o Arquitecto Porfirio Pardal Monteiro de estudar o projecto para esta escola superior, em conformidade com o programa que então foi considerado como suficiente para as necessidades do ensino da Engenharia que, então, como ainda hoje, comportava as especialidades da Engenharia Civil, Engenharia de Minas, Engenharia Quimico-Industrial, Engenharia Mecanica e Engenharia Electrotécnica.

Deveriam os novos edificios conter, alem das instalações apropriadas ao ensino teórico e prático, as indispensáveis para os serviços

de Direcção e Administração do Instituto bem como as de caracter desportivo e cultural destinadas à vida colectiva e associativa dos estudantes.

Seria o novo Instituto a primeira tentiva, em Portugal, da construção duma escola superior dotada de todas as condições apropriadas à preparação dos futuros engenheiros.

Baseados neste programa foram iniciados os estudos do plano de conjunto em Janeiro de 1929 e já em Junho do mesmo ano concluia o arquitecto Pardal Monteiro os projectos definitivos para o Pavilhão Central e para os das especialidades de Minas, Quimica, Maquinas e Electricidade.

Posteriormente elaborou ainda os projectos para o pavilhão da Educação Fisica e para o das Oficinas Escolares.

Os trabalhos de construção foram iniciados pelo Pavilhão Central em Novembro de 1929 e em 27 desse mesmo mês era colocada pelas mãos do engenheiro Duarte Pacheco e do arquitecto Pardal Monteiro a primeira pedra deste edificio.

Prosseguiram os trabalhos, em ritmo acelerado, até á entrada do engenheiro Duarte Pacheco para o Governo a ocupar, pela primeira vez, a pasta das Obras Públicas e Comunicações. Durante a sua permanencia no Governo, outras iniciativas, de todos bem conhecidas, o absorveram, não lhe permitindo dar ás obras do Instituto a assistencia que requeriam.

No entanto logo após a sua saida do Governo as obras retomaram o ritmo da sua primeira fase e no verão de 1936 já algumas das aulas do Curso Geral do Instituto começaram a funcionar nas novas instalações.

No inicio do ano lectivo de 1936-37 todos os cursos, com seus laboratórios e oficinas passaram a funcionar normalmente nos edificios do Arco-Cego.

Alem do arquitecto Pardal Monteiro, autor do projecto do conjunto e dos edificios, prestaram a sua colaboração ao engenheiro Duarte Pacheco, o engenheiro José Belard da Fonseca que calculou toda a obra de betão armado e o engenheiro João Barbosa Corsino que planeou todas as instalações das redes electricas, de distribuição de aguas e de aquecimento central.

"Nota fornecida a Luiz Teixeira, Chefe de Divisão da Exposição de Obras Publicas.

16-XI-48

Documento 48.03

MONTEIRO, Porfírio Pardal - CIPC. Memória Descritiva do conjunto e do Edifício “Limpeza e Moagem”. Lisboa: [Documento dactilografado do Espólio PMA],Novembro de 1948

COMPANHIA INDUSTRIAL DE PORTUGAL E COLÓNIAS

= NOVAS INSTALAÇÕES NO BEATO =

MEMÓRIA DESCRITIVA

do

Conjunto e do Edificio de "LIMPEZA E MOAGEM"

Introduçao

Vae a Companhia Industrial de Portugal e Colónias construir, no Beato, as novas instalaçoes que deverao substituir as que foram há tempo destruidas por um incendio, situadas em Xabregas.

Aproveitando uma oportunidade inesperada que trouxe grandes perturbaçoes á laboraçao industrial, pretende a C.I.P.C. recuperar o seu anterior nível de produçao sem cair no erro frequente de reconstruir pura e simples ente, a sua fabrica destruida.

Como é já de tradiçao nos habitos desta Companhia, procura a C.I.P.C. melhorar em todos os casos nao apenas o seu apetrechamento industrial mas sobretudo a qualidade da sua produçao, adoptando, sempre que possível, os processos mais seguros e modernos para o bom resultado a que visa a industria da moagem.

Neste sentido, pretende a C.I.P.C. construir em local conveniente um novo conjunto industrial no qual possam ser postos em pratica os mais modernos processos de armazenamento de cereais, limpeza de trigo moagem, armazens de farinhas e seu acondicionamento para a distribuiçao á panificaçao.

Entendeu a C.I.P.C. que a sua fabrica de moagem a construir no Beato deveria ser dotada do melhor apetrechamento para que a produçao de farinhas se possa fazer segundo os melhores, mais modernos e mais higiénicos processos de fabricaçao.

Ao mesmo tempo pretende que a fabrica propriamente dita possa, por um lado ser regular e convenientemente abastecida de trigo e por outro que as farinhas possam ser armazenadas em condiçoes convenientes tanto para a sua conservaçao, classificaçao e arrumaçao, como para a sua distribuiçao.

Multiplas são as exigencias dum conjunto industrial da categoria de que a C.I.P.C.vai construir no Beato, exigindo a colaboração de entidades especializadas no sentido de se conseguir o melhor resultado:

Assim recorreu a C.I.P.C., para o estudo da cadeia industrial

e da distribuição lógica das multiplas secções de trabalho, a entidades especializadas de reconhecida idoneidade. Dessa colaboração resultou o estudo da parte industrial das instalaçoes a que tudo o mais não pode deixar de se submeter.

DO PARTIDO

Os engenheiros especialistas ingleses que fizeram o estudo da instalaçao do conjunto tendo em consideraçao a configuraçao e a situaçao do terreno estabeleceram o partido geral da distribuiçao.

Necessita uma instalaçao desta natureza de ser muito bem servida pelos diversos meios de transporte para o trigo e para as farinhas, isto é, os que deverao abastecer de trigo o conjunto fabril e aqueles que deverao conduzir depois os produtos da moagem para o seu destino.

Os transportes terrestres, por camionagem e caminhos de ferro e os transportes marítimos devem poder servir o conjunto em condiçoes praticas e rápidas.

Tem o local condiçoes apropriadas para o fim em vista, podendo o conjunto ser servido por todos estes meios de transporte. Vagoes de caminho de ferro e camioes podem carregar e descarregar junto dos locais a isso destinados ao passo que os barcos serao no futuro descarregados por aspiradores aspiradores pneumaticos e o trigo conduzido do cais, aos silos por transportadores aereos.

Entre os diversos edificios que constituem o conjunto, as ligaçoes, quasi nunca directas, pela conveniencia que há em separá-los sao feitas atravez dum terreiro livre destinado a futuras ampliaçoes da industria, enquadradas pelas construçoes das instalaçoes basilares.

Assim, o conjunto compreende essencialmente três grandes edificaçoes principais e outros de menor valor.

As principais sao: a Fábrica de Moagem com a Secçao de Limpeza; o Armazem das Farinhas e os Silos.

As restantes puramente acessórias, destinam-se a escritórios, serviços técnicos, reserva de materiais, laboratórios, serviços sanitários, refeitórios, vestiário etc. e á instalaçao de alguns serviços gerais de assistencia social, tanto para o reduzido numero de operarios desta fábrica, como para o da que lhe fica fronteira, tambem pertencente á C.I.P.C.

Nao só por necessidade de relacionar este conjunto com outras instalaçoes e serviços da C.I.P.C. como para melhor arrumaçao das que constituem este conjunto, o partido da composiçao estabelece a seguinte posiçao relativa, expressa nos desenhos:

Fabrica da Moagem e Limpeza - No fundo do terreno, junto á Rua do Beato e fronteiro á actual fabrica da mesma Companhia;

Armazem de Farinhas - no extremo Sul do terreno;

Silos - no lado Norte, perpendicular á fábrica de Moagem.

As instalaçoes para os escritorios, serviços tecnicos, laboratórios, reserva de matérias e serviços sanitarios ficam situadas junto da face Leste do terreno, limitando o conjunto pelo lado da Avenida Infante D.Henrique.

Os serviços sociais serão instalados no terreno sobrante, ao lado do Armazem de Farinhas e com acesso facil pelo lado da Rua do Beato.

Todos os edificios ficam afastados do alinhamento das diversas ruas o bastante para se poder fazer a circulaçao, a pé, á volta dela. Na face Sul, junto á Rua do Beato ficará o Posto de Transformaçao das C.R.G.E, destinado a fornecer a energia electrica para o conjunto industrial em condiçoes de assegurar o acesso directo ao pessoal das respectivas Companhias Reunidas, tanto para vigilancia a tratamento da aparelhagem como para a rapida e fácil reparaçao ou substituiçao dos transformadores ou dos seus acessórios.

Dada a importancia do conjunto, o seu custo e a necessidade de activar a construçao das partes mais urgentes, para cumprimento do praso que lhe foi fixado superiormente nao é possivel iniciar-se a construçao de todos os edificios ao mesmo tempo, nem apresentar desde já o seu estudo pormenorizado, na totalidade.

Assim, estudadas as necessidades de cada um dos edificios principais e encontrada a conveniente arrumaçao dos mesmos no terreno, em funçao das exigencias da industria, procurou-se definir as proporçoes com relativo rigor o plano geral, apenas susceptível de correcçoes de pormenor, e dar maior desenvolvimento ao estudo do primeiro edificio a construir: o da Fábrica de Moagem, cujo projecto se apresenta, desde já, completo.

Tambem se procedeu já ao estudo do edificio do Armazem de Farinhas, faltando apenas concluir o estudo de alguns pormenores do grande grupo de Silos, pormenores que deverao ser indicados pela casa ingleza Henri Simon Lda de Steckport, especialista na instalaçao e montagem de aparelhagem propria para edificaçoes desta natureza.

Tambem falta ainda fazer o estudo dos edificios destinados a refeitórios, cantina, vestiários e serviços sanitários mas a sua implantaçao nao poderá deixar de ser a que se indica na planta do conjunto.

Todos os projectos definitivos de cada um dos edificios previstos no conjunto serao no entanto apresentados á medida que forem concluidos.

Por agora, havendo toda a conveniencia em dar inicio ás obras do edificio destinado á Fabrica de Moagem apresenta-se o projecto do respectivo edificio, com caracter definitivo, a fim de ser submetido á aprovaçao municipal, e do qual se apresenta a seguir a correspondente Memória pormenorizada.

Fábrica de Moagem

Este edificio, compreende duas Secçoes: a de Moagem e a de Limpeza.

Abrange o edificio, dadas as necessidades da propria industria sete andares, cada um deles constituido por uma grande nave, dividida pela Torre dos Motores que separa a Secçao de Moagem da Secçao de Limpeza.

5/10

É de grande simplicidade a sua composição, nao só em virtude do destino do edificio, mas das proprias exigencias das instalações que nao admitem em cada andar maior compartimentação.

A separaçao dos serviços é regra feita verticalmente, isto é, de andar para andar, distribuindo-se aqueles em "cascata" como é classico e forçoso para este tipo de industria.

Um edificio desta natureza exige o emprego duma estrutura geral de betão armado, activa, não havendo portanto uma única parede destinada a suportar cargas.

Os pavimento serao, em regra, de madeira, constituidos por solho assente sobre madeiramento de pranchas de diversas espessuras segundo os locais, os tipos de máquinas e as respectivas sobrecargas.

Apenas se empregam lages de betao armado no Torre dos Motores, numa parte do ultimo andar, destinada ás Lavadouras de Trigo e nos terraços da cobertura.

Serão tambem de betão armado, as escadas e os pequenos silos interiores.

As paredes serao em regra, nos pequenos panos que as constituem de alvenaria de pedra ou de tejolo conforme os casos.

As portas e janelas serão, em regra, metálicas. Contudo algumas das janelas serao protegidas por lamelas de betao vibrado ou de ferrocimento reforçado, se a sua produçao for possivel em condiçoes de preço aceitáveis. Destinam-se estas janelas a abrigar as diversas naves da acçao directa dos raios solares, sobretudo ás horas de maior calor, visto haver conveniencia em evitar as grandes elevaçoes de temperatura no interior da fabrica.

Como acabamentos, a definir pormenorizadamente nos respectivos Cadernos de Encargos, serão aplicados para cada caso materias apropriadas quer quanto á sua duração e conservação, quer quanto ao destino especial do edificio.

As obras serão acompanhadas junto dos respectivos empreiteiros pelos técnicos que colaboram na elaboraçao dos projectos das diversas especialidades e os respectivos trabalhos de construção serão feitos em conformidade com os regulamentos e as boas regras da arte e da tecnica.

Lisboa, Novembro de 1948

O Arquitecto

Indc. nº24.

Documento 49.01

MONTEIRO, Porfírio Pardal - Parecer sobre os Frescos de Almada Negreiros. Lisboa: [Documento dactilografado do Espólio PMA],Novembro de 1949

Estação Maritima da Rocha de Conde de Obidos

PARECER

àcerca dos paineis, pintados a fresco pelo pintor

Sr. José Almada Negreiros

Quando o pintor Almada Negreiros acabou o seu ultimo painel na Estação Maritima de Alcantara, concluí o meu parecer àcerca da obra de pintura decorativa realizada por aquele artista no referido edifício,com as seguintes palavras:

" A Arte Nacional ficou mais rica de valores espirituais e o
" património do Estado foi enriquecido com uma obra de mais
" alto valor material.
" O pintor Almada Negreiros realizou na Estação Marítima de Al-
" cantara uma obra de pintura mural,pura, a fresco, das mais
" notáveis de quantas tenho tido a felicidade de poder apreciar
" em toda a Europa.
" Porque me sinto excepcionalmente honrado, como autor do pro-
" jecto do edificio, com a colaboração que me foi dada e orgulho-
"so, como português pelo valor artistico absoluto da obra de
" Almada Negreiros, assim o declaro com a maior emoção, para os
" devidos efeitos."

Agora que o pintor Almada Negreiros concluiu a obra que lhe foi encomendada para a decoração do hall da Estação Marítima da Rocha do Conde de Obidos, poderia repetir, como conclusão, as mesmas palavras que transcrevi àcerca do seu trabalho anterior. Entendo porem que devo acrescentar que neste ultimo trabalho aquele pintor marcou ainda mais acentuadamente a sua personalidade de artista realizando obra de puro sentido decorativo, para a Arquitectura, de extraordinaria expressão e concordancia com o destino.

Mais uma vez o pintor Almada Negreiros contribuiu com o seu talento para enriquecer o património Nacional no campo da Arte, realizando uma obra que embora nem todos compreendam no seu elevado sentido espiritual, constitue sem dúvida um padrão de alto valor artistico no seu convencionalismo decorativo, de grande beleza e harmonia picturais.

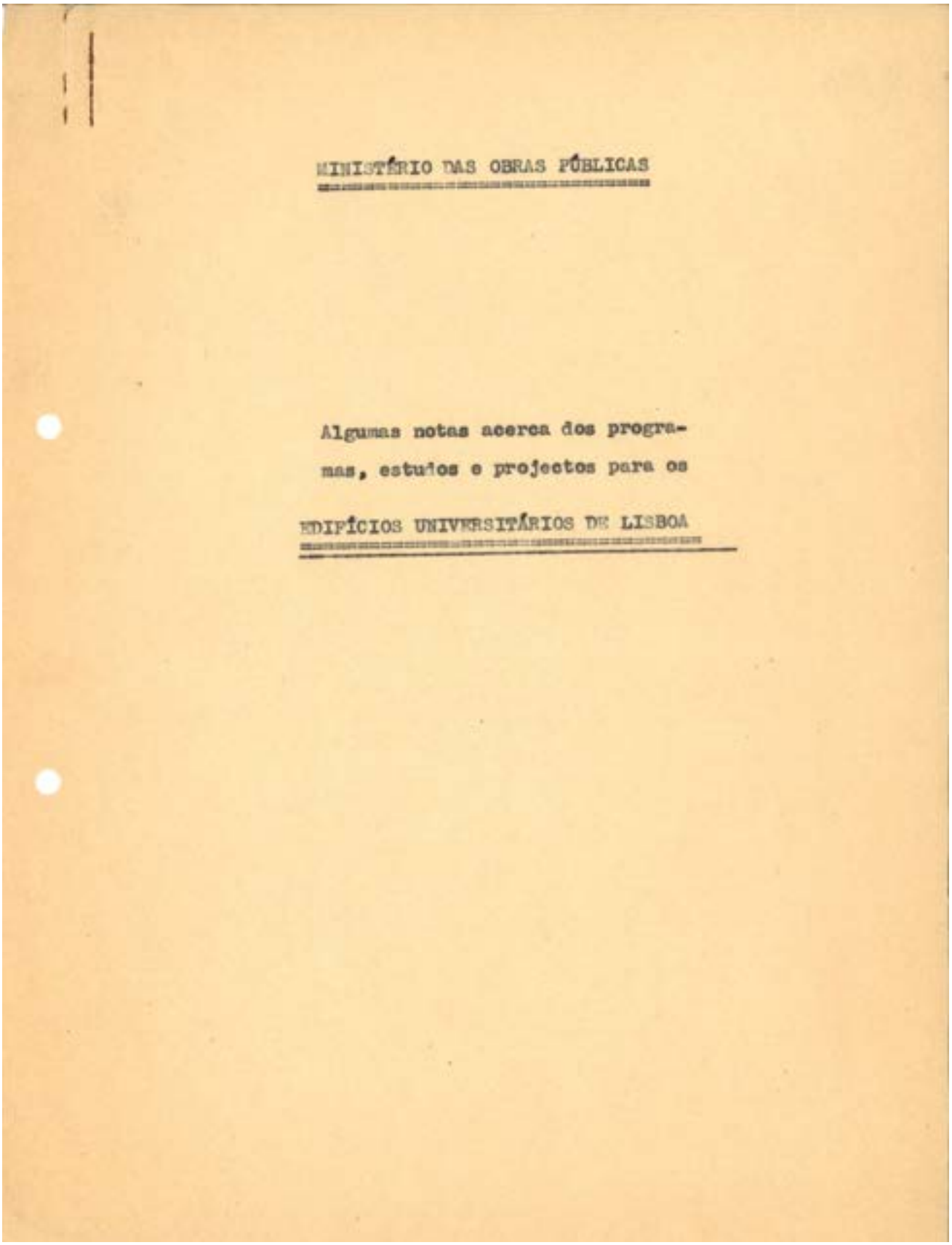
É quanto, como Arquitecto do edificio, se me oferece dizer àcerca do trabalho do pintor Almada Negreiros para a Estação Maritima da Rocha do Conde de Obidos.

Lisboa, 16 de Novembro de 1949

O Arquitecto.

Documento 52.01

MONTEIRO, Porfírio Pardal - Algumas notas acerca dos programas, estudos e projectos para os Edifícios Universitários de Lisboa.. Lisboa: [Documento dactilografado do Espólio PMA], Dezembro de 1952



MINISTÉRIO DAS OBRAS PÚBLICAS

Algumas notas acerca dos progra-
mas, estudos e projectos para os

EDIFÍCIOS UNIVERSITÁRIOS DE LISBOA

PARDAL MONTEIRO
ARQUITECTO
LARGO DO DIRECTÓRIO, 4, 2.º, D. / LISBOA
TELEFONE 25089

EDIFÍCIOS UNIVERSITÁRIOS DE LISBOA

Algumas notas acerca dos programas, estudos e projectos.

I - PROGRAMAS

1 - Em 1935 foram elaborados os primeiros programas para alguns dos edifícios universitários de Lisboa, a erguer nos terrenos situados entre o Campo Grande e Palma.

Estes programas diziam respeito à REITORIA DA UNIVERSIDADE; à FACULDADE DE LETRAS; à FACULDADE DE DIREITO e às INSTALAÇÕES CULTURAIS PARA ESTUDANTES.

2 - Antes de se proceder a quaisquer estudos de projecto foram aqueles programas, ainda em 1935, revistos sofrendo logo algumas reduções.

3 - Posteriormente, novas revisões e reduções se verificaram, durante os estudos dos ante-projectos e do projecto.

4 - Já depois de elaborados os projectos para a REITORIA e para a FACULDADE DE DIREITO, nova revisão dos programas foi feita(1946) de que resulta sensível modificação da composição das Faculdades de DIREITO e de LETRAS.

PARDAL MONTEIRO
ARQUITECTO
LARGO DO DIRECTÓRIO, 4, 2.º, D. / LISBOA
TELEFONE 25059

II - ESTUDOS

1 - Quando fui incumbido de elaborar os projectos para os novos Edifícios Universitários de Lisboa não havia qualquer plano de urbanização definido para a zona entre Palma e o Campo Grande. Apenas existam uns vagos esboços de prolongamento da Avenida Antonio Augusto de Aguiar, da Avenida dos Estados Unidos da América e um tímido ensaio de penetração do eventual prolongamento da então chamada Avenida Alferes Malheiro. A malha interior não estava estudada pelo que não era fácil definir o local e a configuração dos terrenos destinados aos edifícios pelo que, depois de ter percorrido a região na companhia do falecido Ministro Duarte Pacheco, este me incumbiu de fazer um estudo sumário da urbanização que permitisse situar, pouco mais ou menos, o conjunto da Reitoria e Faculdades.

2 - Só muito tempo depois de ter entregue o meu estudo à Comissão Tecnica dos Novos Edifícios Universitários vim a ter conhecimento do plano de urbanização definido pelos serviços competentes e de qual o terreno destinado à implantação dos Edifícios Universitários.

3 - Com base nos programas respectivos (os 2ºs de 1935) fiz os primeiros estudos esquemáticos do conjunto para a Reitoria e Faculdades de Direito e de Letras.

PARDAL MONTEIRO
ARQUITECTO
LARGO DO DIRECTÓRIO, 4, 2.º, D. / LISBOA
TELEFONE 25059

4 - Tendo entretanto surgido dúvidas acerca do programa da Faculdade de Letras foi, a pedido da Comissão Técnica, elaborado o estudo para o edifício da Reitoria, cujo programa não oferecia dúvidas.

Verificado o volume de construção que este edifício exigia foi sugerida a redução das areas previstas no programa e a alteração de algumas determinações no mesmo contidas.

5 - Tempos depois foi organizado o estudo do conjunto das plantas dos três edifícios, os quais provocaram das instancias superiores a sugestão, por parte da Comissão Técnica, de novas reduções que implicaram novos estudos tanto para a Reitoria como para as duas Faculdades.

6 - Submetidos esses estudos à apreciação de S.Exª.o Ministro, este fixou então a verba de 15.000 contos para a construção, o que, por sua vez, obrigou a nova revisão dos programas e consequentemente, à elaboração de novos estudos.

7 - Em Março de 1939 apresentei esses estudos, os quais, com excepção de alguns pormenores, foram aprovados por S.Exª. o Ministro.

8 - Entretanto algum tempo depois, já em plena guerra, a Comissão Técnica sugerindo novas reduções de vária natureza pedia, com insistencia o novo ante-projecto para os edifícios da Reitoria e da Faculdade de Direito (Letras continuava em suspenso).

PARDAL MONTEIRO
ARQUITECTO
LARGO DO DIRECTÓRIO, 4, 2.º, D. / LISBOA
TELEFONE 25059

9 - Em Maio de 1941 foi por S.Exª.o Ministro aprovado o noco ante-projecto e elevada a verba para 17.000 contos, mas determinava que se elaborasse o projecto definitivo com a condição de "se encararem fortes reduções e de se substituir o betão armado por outros materiais, embora recorrendo a uma utilização mais modesta de grandes vãos e à iliminação de coberturas em terraço..."

Estas determinações tinham como consequencia o abandono puro e simples do partido adoptado e aprovado, cujas estruturas, proporções e volumes eram incompatíveis com a satisfação do que nelas se continha.

Mais uma vez o resultado de tantas canseiras, de tantos anos de trabalhos sucessivamente recomeçados e revistos exigia que se voltasse atrás e se organizasse novo estudo de ante-projecto até encontrar a nova possibilidade de conciliação com os programas e as novas condições impostas, sem o que era impossível preparar o projecto definitivo.

10 - Em Novembro de 1941 recebia a Comissão Técnica esse novo ante-projecto, mais concordante com as condições tecnicas estabelecidas superiormente mas muito menos conciliável com o espirito dos programas e a expressividade dos próprios edifícios.

11 - Aprovado este ante-projecto foi, finalmente, elaborado o projecto definitivo dos dois edifícios (Reitoria e Direito) o qual não podia deixar de reflectir as consequencias de tantas e tão variadas restrições, contra cujos efeitos lutei estudando afincadamente o problema procurando bem servir, sem no entanto ter atingido resultado que me desse satisfação.

PARDAL MONTEIRO
ARQUITECTO
LARGO DO DIRECTÓRIO, 4, 2.º, D. / LISBOA
TELEFONE 25059

III - PROJECTOS

1 - Tanto o projecto da Reitoria como o da Faculdade de Direito foram elaborados em pleno periodo da guerra, quando era grande a carência de materiais, sobretudo o ferro, o que obrigou a sacrificios importantes da composição para evitar o emprego do betão armado em todas as partes onde fosse possível. O simples exame das plantas faz ressaltar o exagero das espessuras das paredes, a forma inadequada de certas partes à sua função, a má distribuição de alguns elementos resultante das sugestões superiores e pela necessidade imposta de reduzir a superfície de construção, enfim, defeitos que felizmente não se tornaram irremediáveis por não se terem construido os edifícios.

Além de algumas condições pouco satisfatórias no edifício da Reitoria, quanto à Aula Magna e seus anexos, à Sala dos Doutoramentos, à Biblioteca da Universidade, etc., outras, importantes, se não puderem evitar no projecto da Faculdade de Direito principalmente respeitantes à distribuição de aulas, dos mostruários, do arranjo da sala de Doutoramentos, e principalmente aos acanhados locais de estacionamento dos alunos, iluminação e ventilação das circulações, etc.

PARDAL MONTEIRO
ARQUITECTO
LARGO DO DIRECTÓRIO, 4, 2.º, D. / LISBOA
TELEFONE 25059

IV - NOVOS PROGRAMAS

O estudo comparativo do novo programa elaborado em 1946 com aquele que, em teoria, serviu de base à elaboraçao do projecto definitivo da Reitoria e da Faculdade de Direito apenas apresenta muito sensíveis diferenças quanto a esta Faculdade.

Pelo que diz respeito à Faculdade de Letras a diferença é notável pelo facto de neste novo programa se incluir no conjunto das instalações daquela Faculdade as do Instituto de Orientaçao Profissional.

Do estudo comparativo resulta que nenhuma das Faculdades deve caber, sequer, no contorno da massa prevista para esses edifícios segundo os estudos e projectos que se elaboraram.

Melhor juizo se forma se tomarmos como referencia o quadro a seguir organizado.

PARDAL MONTEIRO
ARQUITECTO
LARGO DO DIRECTÓRIO, 4, 2.º, D. / LISBOA
TELEFONE 25059

QUADRO COMPARATIVO

A - para a FACULDADE DE LETRAS

Anterior programa	Novo programa
6 aulas para 30 alunos	6 aulas para 50 alunos
4 " " 50 "	4 " " 80 "
4 " " 100 "	4 " " 120 (sendo 2 anfiteatro)
4 salas de Mostruário	5 salas de Mostruário
1 sala so Conselho para 15 prof.	1 sala do Conselho para 20 prof.
16 gabinetes, onde for mais comoda a arrumaçao	16 gabinetes junto das aulas respectivas
Vestiário para 75 alunas	Vestiário para 100 alunas
	1 sala para alunos (quantos?)
	1 " a Associaçao Académica
	1 Gabinete " "
	Instalações para o Instituto de Orientaçao profissional para o qual serão precisos mais cerca de 1.500 m2.

PARDAL MONTEIRO
ARQUITECTO
LARGO DO DIRECTÓRIO, 4, 2.º, D. / LISBOA
TELEFONE 25059

B - para a FACULDADE DE DIREITO

Anterior programa	Novo programa
6 aulas para 50 alunos	2 aulas para 50 alunos
2 " " 100 "	8 " " 100 "
1 anfiteatro para 100 alunos	4 anfiteatros para 150 alunos
2 " " 150 "	2 " " 200 "
2 salas para Mostruário	4 salas para Mostruário
1 Vestiário para 50 alunas	1 Vestiário para 100 alunas
	1 sala para alunos (quantos?)
	1 " " Associação Académica
	1 gabinete " "

R E S U M O

REITORIA - Embora os programas não apresentem sensível diferença, ambos reincidem no excesso de preocupação da pretendida semelhança com o que se passa na Universidade de Coimbra onde as instalações foram sendo ordenadas e modificadas com o decorrer dos anos.

Ha quanto a mim, espaços demasiados em certos casos e escacez noutros. Haveria que rever completamente o partido deste edificio cuja realização reputo cara, dadas

PARDAL MONTEIRO
ARQUITECTO
LARGO DO DIRECTÓRIO, 4, 2.º, D. / LISBOA
TELEFONE 25059

9)

as circunstancias que condicionaram a elaboração do projecto.

FACULDADE DE DIREITO - O novo programa obriga a grande aumento da superfície de construção.
Valeria a pena rever o partido de que resultaram em consequencia das compressões, zonas mal distribuidas, circulações deficientemente iluminadas e serviços muito dispersos.

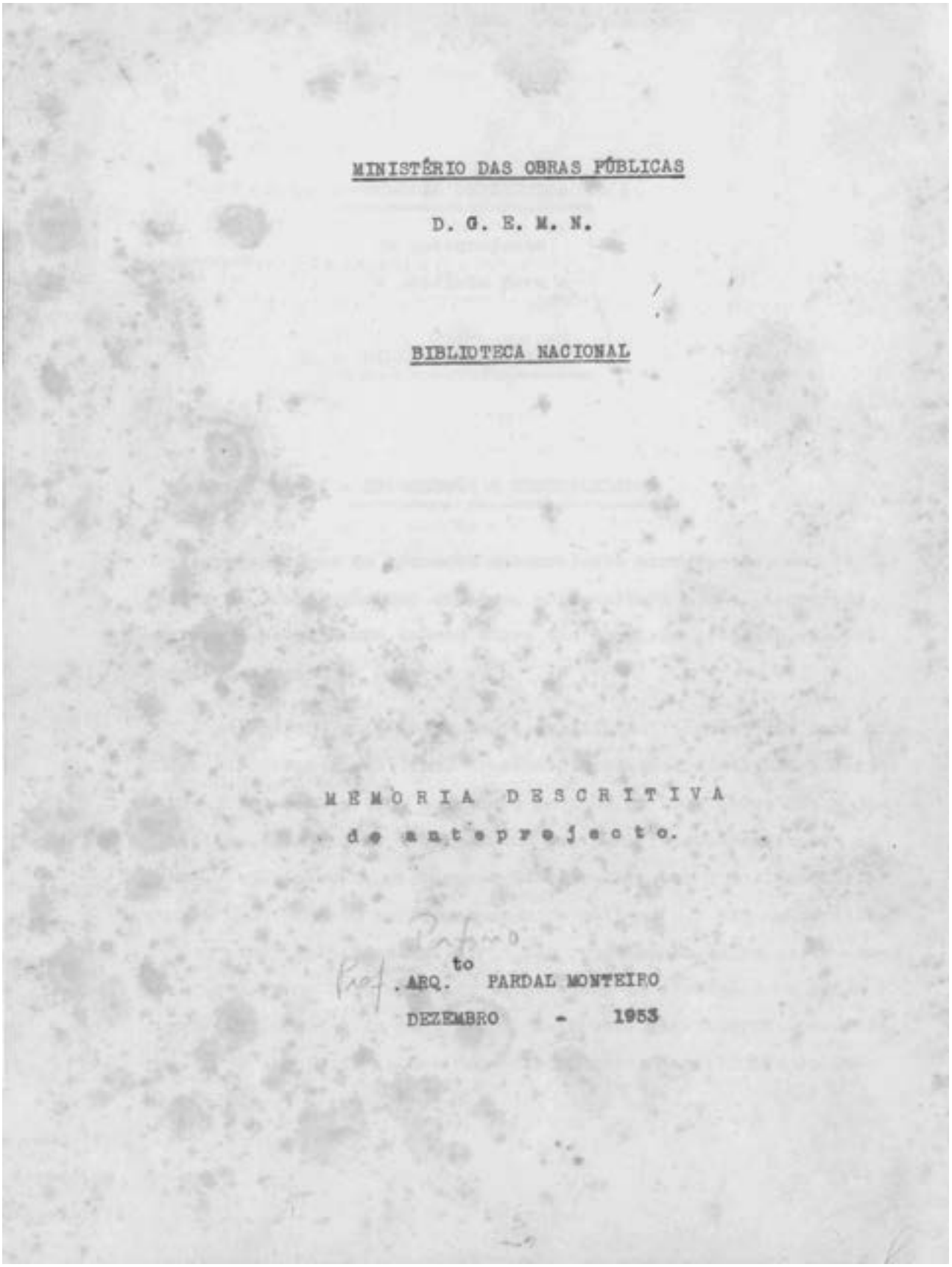
FACULDADE DE LETRAS - Não ha termo de comparação em face do projecto porquanto não chegou a ser elaborado.
Pelo que respeita aos programas é grande o aumento da superfície de construção.

Lisboa, Dezembro de 1952

O Arquitecto

Documento 53.01

MONTEIRO, Porfírio Pardal - Memória Descritiva do Ante - Projecto da Biblioteca Nacional. Lisboa: [Documento dactilografado do Espólio PMA], Dezembro de 1953.



MINISTÉRIO DAS OBRAS PÚBLICAS

D. G. E. M. N.

BIBLIOTECA NACIONAL

MEMORIA DESCRITIVA

do anteprojecto.

Arq.to PARDAL MONTEIRO

DEZEMBRO - 1953

MEMÓRIA DESCRITIVA

do anteprojecto

do edifício para a

BIBLIOTECA NACIONAL

I - INTRODUÇÃO E GENERALIDADES

A organização do presente anteprojecto corresponde, nas linhas gerais da composição que exprime, ao resultado a que, depois de aturado e persistente estudo sobre tão complexo problema, me foi possível chegar.

O estudo que oportunamente fiz visitando algumas das mais afamadas bibliotecas públicas, trocando impressões com bibliotecários e arquitectos de grande nomeada e ouvindo os seus conselhos e judiciosos comentários; a comparação que pude estabelecer entre as grandes bibliotecas, procurando interpretar quer o seu sentido, quer o modo como em certos casos o formalismo e o convencionalismo das modas estéticas influíram nas respectivas soluções, e noutros como foram mais ou menos satisfeitas as condições de ordem funcional próprias da orgânica de tais estabelecimentos, permitiram-me formar juízo acerca da extraordinária importância do problema.

Dessas primeiras visitas e dos resultados colhidos dei conta no extenso e documentado Relatório que, em devido tempo, tive a honra de apresentar à consideração e apreciação superior.

Posteriormente à preparação e entrega do referido Relatório, forneceu-me o Exmo.Sr.Dr.Manuel dos Santos Estevens, ilustre Director da Biblioteca Nacional, o Programa das instalações do novo edifício.

Com base quer nos conhecimentos adquiridos nas visitas de estudo a boas bibliotecas quer no referido Programa, elaborei há tempos o respectivo esquema gráfico da Biblioteca Nacional, o qual também foi submetido oportunamente à apreciação superior e mereceu a honra da concordância de Suas Excelências os Ministros das Obras Públicas e da Educação Nacional.

É do meu dever referir que o estudo do Programa me deu a oportunidade de apreciar um documento que, apesar de elaborado com excepcional desenvolvimento e pormenorização, é de tão grande clareza na sua ordenação e exposição, que me permite classificá-lo como modelar e excelente elemento de trabalho.

Certas conclusões que, da lição colhida nas visitas a numerosas bibliotecas, tivei, vim a encontrá-las, com o mesmo sentido de actualização e progresso técnico e a mesma noção dos limites das possibilidades portuguesas, nas sugestões do Programa organizado pelo Exmo.Sr.Dr.Estevens.

Apenas num ou noutro ponto de ordem puramente arquitectónica ou formal se não verifica a mesma coincidência, o que não quer dizer que do estudo e do conhecimento mais exacto das possibilidades da

construção e da localização e dos possíveis resultados práticos essa simultaneidade não passe a ser total. Alguns dos pontos a que faço referência serão devidamente focados nesta Memória.

Apesar da grande clareza do Programa, é de admitir que, dada a grande complexidade do tema, o estudo do anteprojecto, que foi feito com o maior cuidado e ponderação, não permita dar total e absoluta satisfação a todas as aspirações e ideais, embora a minha maior preocupação tenha sido a de tentar resolver o problema o melhor possível.

Atrevo-me, no entanto, a supor que, pelo menos naquilo que é fundamental, a interpretação dada ao Programa deverá permitir, após o estudo do projecto definitivo, a construção de um edifício público que se ajuste convenientemente à sua função.

De resto, sendo os estudos que tenho a honra de apresentar apenas os de anteprojecto, é minha convicção que, da apreciação e das críticas construtivas a que este der ocasião, devem resultar indicativos que permitam, como é meu maior desejo, melhorar a solução em todo o sentido, nos trabalhos subsequentes.

Devo mesmo referir que, já depois de quase concluídos todos os elementos que constituem o anteprojecto, se verificou [redacted], numa recente troca de impressões com o Sr.Director da Biblioteca Nacional, que se tem gentilmente disposto a acompanhar os meus trabalhos, que será vantajoso suprimir no andar térreo toda e qualquer diferença de nível entre os diversos corpos deste pavimento. Se esta for a conclusão definitiva, deverão ser eliminados todos os

degraus deste andar para que os carrinhos porta-livros possam circular sem dificuldade.

Será um melhoramento que implica a revisão de pés direitos, proporções de algumas salas, etc.,e que será, evidentemente, considerado no estudo do projecto.

Esta modificação, devo dizer, em nada afecta o partido geral da composição

II - DO PARTIDO

Já no esquema gráfico que há tempos foi submetido à apreciação superior se procurava definir, nas grandes linhas, o partido geral da composição.

Esse partido, que parece dar plena satisfação ao Programa e admitir a lógica e racional distribuição dos serviços, cuja independência ou interligação deverão ser respeitadas, depois de muito ponderado e analisado, manteve-se sem grande alteração no anteprojecto, embora tenha sido, como é natural, muito corrigido e afinado nos seus pormenores.

O estudo em profundidade das diversas partes será feito mais desenvolvidamente quando se organizar o projecto definitivo e, para alguns casos, exigirá que novas visitas sejam feitas àquelas bibliotecas onde alguns serviços estejam organizados em melhores condições e com mais afinidades com a solução que se considere mais ajustada às necessidades da nossa futura Biblioteca Nacional.

Para definir o partido expresso no anteprojecto, três elementos fundamentais foram considerados: o Programa, o terreno e a escala das nossas possibilidades técnicas e económicas.

Programa: É, como já referi, por tal forma pormenorizado que, no que tem de essencial, permite deduzir claramente quais os pontos de vista do Sr. Director da Biblioteca Nacional. De resto, depois do que tive ocasião de ver no estrangeiro e da leitura da melhor bibliografia da especialidade, a sua interpretação foi relativamente fácil no que respeita a formar juízo acerca das características de cada uma das partes nele indicadas. A grande dificuldade residiu não nessa interpretação mas no modo de criar a disciplina arquitectural que permitisse dar satisfação prática ao problema sem prejuízo da finalidade útil nem da unidade do conjunto.

Terreno: Muito sérias são as dificuldades que fez surgir, porquanto, supondo inicialmente poder contar com determinadas dimensões que uma primeira planta indicava, houve que, já em pleno desenvolvimento dos estudos, respeitar outras medidas, que chegaram a pôr em risco a possibilidade de se manter o partido anteriormente adoptado como mais ajustado ao Programa.

Também inicialmente se supusera que o terreno seria sensìvelmente de nível e mais tarde, segundo alguns elementos de altimetria não definitivos, obsequiosamente cedidos pela C.A.M.E.U., verificou-se que, entre os dois extremos do mesmo alinhamento, pelo lado Sul a diferença de nível chegava a atingir cerca de 15 metros, e que

seria incompatível com a solução ideal préviamente imaginada.

Tais factos, resultantes da falta duma planta topográfica devidamente actualizada em conformidade com os traçados e projectos adoptados para a urbanização do local pela Câmara Municipal de Lisboa, obrigaram a rever todo o problema do partido geral e da sua adaptação às características do terreno.

É fácil de ver que, devendo um grande número de serviços da Biblioteca Nacional desenvolver-se em cadeia horizontal, o que obriga a prever grandes extensões de edificação, a circunstância de o terreno apresentar declive tão acentuado leva imediatamente a reconhecer que, se não se elevasse o andar térreo de modo a atender àquela circunstância, acabaria o edifício por ficar muito enterrado em relação a algumas das ruas circundantes, sobretudo as de Sul e Poente, com todos os inconvenientes de ordem técnica e estética que tão infeliz solução acarretaria.

Embora não me tenham sido facultados dados rigorosos quanto à altimetria do terreno e das ruas circundantes, julgo que a solução que adoptei é susceptível de dar satisfação, pois dada a distância a que o corpo mais avançado da Biblioteca pode ficar em relação à Rua Ocidental do Campo Grande, permitirá ganhar alguma altura em relação a esta rua, elevação que se vence fàcilmente por meio de escadarias curtas e rampas suaves, e que contribuirá também para dar maior grandiosidade ao edifício.

Esta elevação tem por fim atenuar na parte posterior a diferença de nível entre as ruas e os terrenos interiores que circundam o edifício da Biblioteca, os quais, por sua vez, sobem suavemente

no sentido de frente a fundo. Também para evitar o mau efeito que resultaria de deixar o edifício enterrado em relação às ruas, pareceu-me prudente reduzir a profundidade do grande lote destinado à Biblioteca, criando uma nova rua transversal em relação à qual as diferenças de nível serão menos pronunciadas, circunstância que não pode deixar de ser tomada em consideração ao definir as massas do edifício e ao prever a sua expressão e dignidade.

Julgo poder afirmar que, seguindo a solução que indico, se poderá atingir o resultado conveniente.

Acerca da escala das possibilidades técnicas e económicas e da sua influência no partido geral, direi apenas que foi minha preocupação preferir um partido de grande simplicidade técnica e arquitectónica que permitisse no entanto dar ao conjunto não só o carácter adequado à sua finalidade como à sua qualidade de edifício público, sem recorrer a artifícios de mera sumptúaria.

Considerados os elementos basilares atrás referidos e reunidos todos os que de qualquer modo houvessem de ser considerados no estudo do problema, foi minha principal preocupação definir um partido que pudesse admitir uma distribuição susceptível de corresponder, com clareza, lógica e simplicidade, não só ao encadeado dos diversos serviços essenciais, como à conveniente localização de cada um e à missão fundamental de uma Biblioteca pública moderna.

O partido que adoptei deduz-se fàcilmente do exame do anteprojecto, do qual resulta que as grandes massas da composição se desenvolvem em função do encadeamento dos serviços e do modo como lògicamente os movimentos se devem fazer dentro do edifício, quer estes se refiram aos leitores, aos livros, ou aos próprios funcionários.

Nenhum outro mérito terá a obra que concebi, mas suponho ter dado plena satisfação a esta qualidade indispensável num estabelecimento desta natureza.

Na minha solução o leitor, desde o ingresso no edifício, até ao lugar que irá ocupar, sucessivamente encontrará no seu caminho, seu desvios nem retrocessos, todos os serviços que a boa vigilância, a comodidade e a necessidade aconselharam.

Do mesmo modo o livro, desde a sua entrada na Biblioteca, quer esta se faça em virtude de depósito legal, de oferta, troca ou compra, irá passando pelos locais adequados à sua desinfecção, ao registo, à catalogação, até à armazenagem, onde aguardará a utilização pelos leitores. Recìprocamente, esta utilização obedece à mesma regra de lógico encadeamento, pois desde que o livro é requisitado até chegar ás mãos do leitor a marcha dos documentos, busca, distribuição e entrega é contínua por assim dizer, em circuito fechado até ao seu regresso ao local que lhe corresponde na armazenagem.

Quanto aos funcionários, desde o seu ingresso na Biblioteca, encontram os serviços gerais e comuns dispostos de modo a permitirem, depois, a sua distribuição pelos locais de trabalho e, uma vez este terminado, serem obrigados a passar, sempre pelo mesmo ponto de controle, o que é fundamental numa tal instituição.

Não sendo lógico que se agrupem no mesmo local as entradas dos leitores, do pessoal e dos livros, dada a promiscuidade, a confusão e o sem número de inconvenientes que resultariam de uma tal solução, mas convindo, dadas as razões de ordem económica a considerar, não criar numerosas entradas, prevejo no meu anteprojecto apenas duas entradas importantes: uma para o público e outra para o pessoal e os livros, o que limita a vigilância constante a dois porteiros.

Isto não quer dizer que outros acessos ao edifício não possam ou não devam mesmo ser previstos. Simplesmente esses, dado o seu carácter especial, são dispostos de modo a que todo o contacto com as partes fundamentais da Biblioteca seja, pràticamente, nulo. É o que sucede, por exemplo, com a entrada do público frequentador das conferências, o qual, pela sua acumulação, é, naturalmente, perturbador do silêncio que deve reinar por toda a Biblioteca. Do mesmo modo a Cozinha dos restaurantes necessita de acesso directo do exterior, para que fornecedores, abastecimentos, etc, não tenham que passar pelas zonas de serviço, o mesmo sucedendo com a habitação do guarda. Uma entrada especial está também prevista para os leitores cegos.

É no entanto a partir das duas entradas fundamentais que se desenvolvem as grandes linhas de circulação que condicionam a ordenação conveniente do edifício: a do leitor e a do livro,.

Tal ordenação, que se exprime com a necessária clareza na composição das minhas plantas, pode sumàriamente explicar-se com a descrição que se segue:

a) - Movimento do leitor

Situei a entrada principal num corpo convenientemente caracterizado da fachada principal, frente ao Campo Grande.
Esta serventia é constituída por um Átrio e um Vestíbulo, em frente do qual se desenvolve a Grande Galeria de Circulação que liga directamente à Sala-de-Leitura. Entretanto, no percurso o leitor encontra, à direita, sem qualquer separação da Galeria, o Catálogo, ou seja o local onde em ficheiros estão à sua disposição os catálogos organizados segundo as normas adoptadas na Biblioteca Nacional.

Ao fundo da Sala-do-Catálogo, junto da Sala-de-Leitura, tem o leitor o balcão da Informação Bibliográfica, a que pode recorrer para se elucidar.

Outro balcão do mesmo serviço fica situado já na face voltada para a Sala-de-Leitura, o que facilita ao leitor durante a permanência na Sala a consulta sem necessitar de voltar à Sala-do-Catalogo.

À entrada da Sala-de-Leitura, à esquerda, está situado o serviço de Distribuição dos Livros, isto é, o local onde o leitor requisita as espécies que deseja consultar e recebe a senha indicadora do lugar que irá ocupar na Sala e onde aguardará a entrega das obras requisitadas.

A Distribuição, por sua vez, por meio dum conjunto de comunicações verticais, compreendendo 4 monta-livros e escada que ligam directamente com a Torre dos Depósitos, sob a qual este

serviço está instalado, e ainda por meio de tubos pneumáticos para envio de requisições aos Depósitos, bem como de telefone, ràpidamente atende qualquer leitor, o que é fundamental na organização e no rendimento de trabalho duma grande biblioteca.

Deste modo, está lògicamente, e com a maior simplicidade, estabelecida a cadeia indispensável para um serviço eficiente, cômodo e de fácil contrôle.

O que sucede quanto ao leitor que frequenta a Sala-de-Leitura, o qual constitui a grande maioria da frequência da Biblioteca, passa-se, também quanto aos leitores de especialidades, como, por exemplo, os que em menor número, se dirijam à Sala-das-Publicações Periódicas, ou, ainda em número mais reduzido, aos Reservados e Manuscritos, à Música e aos Microfilmes.

Assim, a Sala-de-Leitura das Publicações Periódicas fica situada, com o seu respectivo Depósito, imediatamente à esquerda do Vestíbulo, sendo directo o acesso dos leitores. As do Reservados e Manuscritos, Música e Microfilmes com seus respectivos depósitos e catálogos, estão instaladas no Andar Superior, cujo acesso directo se faz do Vestíbulo pela escada que no mesmo está situada.

b) - Movimento do livro

Situou-se a entrada na fachada Norte, comum para todo o serviço da Biblioteca que não seja o do leitor. Assim, livros, materiais, encomendas, volumes, fornecimentos de qualquer natureza, mesmo os próprios funcionários, têm acesso por este local.

Pelo que respeita ao livro, e nesta designação genérica compreendendo todas as espécies bibliográficas ou outras, passa à sua entrada por uma pequena Câmara de Desinfecção, disposta precisamente junto do Vestíbulo de Carga e Descarga de Volumes e em ligação com o Vestíbulo da Entrada.

Segundo a sua origem, a espécie bibliográfica segue para os serviços do Depósito Legal, do Empréstimo Nacional ou Internacional, das Compras, Ofertas e Permutas, das Trocas Internacionais, serviços estes que se encontram distribuídos ao longo de uma vasta galeria, por onde os portadores circulam independentes dos outros serviços internos da Biblioteca.

Pela disposição adoptada evita-se todo e qualquer perigo de promiscuidade entre o restante pessoal da Biblioteca e o público e, portanto, possíveis fraudes.

Destes serviços, onde o livro é registado, passa à Catalogação, a qual organiza as respectivas fichas e atribui a numeração que definitivamente lhe corresponderá e, em seguida, o envia para a secção de leitor.

É de fácil dedução, pela leitura das plantas, o modo como todo este movimento se faz com a maior simplicidade.

e) - <u>Movimento dos funcionários</u>- Não tem, evidentemente, a mesma rigidez dos anteriores.
Contudo, centraliza-se num único local a sua entrada e saída, local que, neste caso, é precisamente o mesmo da entrada das espécies bibliográficas, evitando-se deste modo duplicação de serventias e os consequentes serviços de vigilância.

O pessoal, depois de passar pelo Vestíbulo situado a Norte, desce ao Andar Inferior, onde estão agrupados, segundo as respectivas categorias, os Vestiários e Instalações Sanitárias Gerais.

A partir dos Vestiários, distribui-se pelos correspondentes serviços, sem, no entanto, se misturar com o público dos leitores ou dos estranhos que por qualquer motivo devam frequentar a Biblioteca.

Além das grandes sequências resultantes do movimento normal dos leitores, do livro e dos funcionários, há ainda a considerar que não é indiferente a localização de alguns serviços inerentes à Biblioteca, como os Administrativos, a Sala-de-Conferências e os Restaurantes, serviços que, evidentemente, também têm a sua influência no partido.

Quanto aos Serviços Administrativos, é intuitivo que fiquem situados em local fàcilmente acessível às pessoas que com eles devam ter contacto, as quais não são, na maior parte dos casos, nem os leitores, nem os portadores de espécies. Além disso, devem estar localizados de modo que a sua ligação aos restantes seja tão fácil quanto possível, embora convenha afastá-los das duas grandes linhas de movimento anteriormente referidas.

Estes serviços, que abrangem, principalmente, o Gabinete do Director da Biblioteca e os dos seus adjuntos, a Secretaria, a Contabilidade e a Tesouraria, etc, visto que são simultâneamente destinados a atender o público e os funcionários, devem, portanto, ser fàcilmente acessíveis, quer num caso quer no outro. Para dar satisfação

a esta parte do problema, localizei-os na ala direita do andar térreo do edifício, tornando-os assim fàcilmente atingíveis quer do Vestíbulo Principal, quer das grandes circulações internas.

A Sala-de-Conferências é uma parte acessória da Biblioteca, indispensável num conjunto cultural de tão grande importância, mas que, precisamente pelas condições naturais do seu funcionamento, pode ser um elemento perturbador da boa ordem e do silêncio que numa biblioteca são de rigor.

Aproveitar o Vestíbulo Principal e as circulações normais da Biblioteca para serventia desta Sala poderia parecer à primeira vista admissível. Contudo, um simples exame do problema leva imediatamente a rejeitar tal solução. Misturar com o leitor o público que acidentalmente e a determinada hora venha assistir a uma conferência, público que quer antes quer depois da sessão se demora nos locais de passagem ou de estacionamento, conversando, trocando impressões, discutindo por vezes, etc, seria criar as mais favoráveis condições de perturbação da vigilância, do sossego e da disciplina indispensáveis ao funcionamento normal da biblioteca, o qual não pode nem deve ser interrompido pelo facto de se realizar, a determinada hora, uma sessão pública.

Pareceu-me sensato situar a Sala-de-Conferências em local afastado das zonas de trabalho e de leitura, mas fàcilmente acessível ao público e ao mesmo tempo próximo dos Serviços Administrativos, para que o Director da Biblioteca possa, com facilidade, deslocar-se e colaborar na realização das cerimónias. Por isso, dispõe

a Sala-de-Conferências das dependências indispensáveis para o seu funcionamento, como Vestiário, Instalações Sanitárias, Gabinete e Sala-de-Espera para os Conferentes e convidados de alta categoria.

A Sala tem condições para se fazerem não só projecções como exibições de filmes cinematográficos e esta circunstância levou-me a adoptar uma solução que, parecendo-me razoável, deve no entanto ser ainda ponderada, porquanto consiste em situar na Ala Direita do edifício no Andar Superior, a instalação da Filmoteca, para permitir a fácil ligação deste serviço da Biblioteca com a cabina de projecções da Sala-de-Conferências.

A este respeito levanta-se no meu espírito uma dúvida: a de haver ou não inconveniente em localizar a Filmoteca no próprio edifício da Biblioteca.

Resulta a dúvida do receio focado pelo Exmo.Sr.Director da Biblioteca Nacional de haver perigo de incêndio na Filmoteca.

É certo que o filme actual já não apresenta os perigos do antigo, que não só era inflamável como explosivo.

O filme moderno é, pelo menos teòricamente,inflamável,mas a verdade é que até agora não consegui obter informações seguras, suficientes, para me orientarem.

Pareceu-me, no entanto, que, devendo a Filmoteca ser acessível a determinados frequentadores (leitores?) da Biblioteca, deverá ficar instalada em local que permita a fiscalização dos seus movimentos. A par da Filmoteca, outras instalações com características semelhantes, como são as dos Microfilmes e das Microfichas, acessíveis igualmente aos leitores, havia também a considerar na

composição.

Por isso, julguei conveniente agrupá-las o mais longe possível da Torre dos Depósitos, numa Ala do edifício que, tanto no pavimento, como nas paredes, no teste e nas portas, fosse protegida contra a propagação do incêndio, o que reputo relativamente fácil de conseguir.

Além disso, a instalação da Filmoteca pode ser compartimentada por meio de paredes e portas incombustíveis e o conjunto pode ser dotado de condições especiais de defesa contra incêndios.

Enfim, se por um lado me pareceu muito conveniente agrupar todas estas instalações longe dos Depósitos e de locais onde os perigos de incêndio são rigorosamente de afastar, também me pareceu indispensável dispô-las em sítio fàcilmente acessível do interior da Biblioteca aos leitores e em condições de fácil fiscalisação destes.

Se, no entanto chegar à conclusão de que é preferível colocar todos estes serviços fora da Biblioteca, haverá que fazer o respectivo estudo quando da organisação do projecto definitivo.

Permito-me entretanto observar que, se existe perigo, este não se limita apenas à Filmoteca, mas também às instalações de Microfilmes e Microfichas, cuja matéria-prima é sensìvelmente a mesma e cuja existência no interior da Biblioteca parece ser conveniente.

Acerca dos Restaurantes, pede o programa um bar-Restaurante para os leitores e três Refeitórios independentes, respectivamente, para pessoal superior, médio e menor, cada um deles acompanhados da respectiva copa em ligação com a Cosinha Geral.

Para dar satisfação a esta parte do Programa, localizei o Restaurante no extremo Sul do Andar Térreo, isto é, em local acessível aos leitores, mas suficientemente afastado das salas-de-leitura e de trabalho, para não causar qualquer perturbação. Além disso, a localização é a mais favorável para que os ventos dominantes afastem os cheiros do Restaurante ou da Cozinha para fora do edifício.

Quanto aos Refeitórios do Pessoal, situei-os no andar inferior, independentes dos leitores, mas a sua solução definitiva, dadas razoáveis preocupações do Sr. Director da Biblioteca Nacional, deverá ser revista quando do estudo do projecto definitivo, estudo que neste particular não apresenta dificuldades de maior.

Consideradas as premissas e as soluções que no meu anteprojecto lhe correspondem, posso afirmar que o partido geral da composição é uma consequência lógica da preocupação de dar satisfação ao problema, procurando não me deixar influenciar por qualquer ideia preconcebida, nem pelo exemplo de miragens sedutoras, e criar uma composição que possa corresponder em toda a sua pureza, tão perfeitamente quanto possível, ao que são as verdadeiras exigências de uma biblioteca pública moderna.

A própria expressão plástica do conjunto é a tradução franca e rigorosa das determinações das plantas e da ordenação racional dos serviços, tentada no sentido de poder servir-me de soluções técnicas simples, económicas e eficientes e de meios de valorização estética adequados ás estruturas e ao partido geral dos seus elementos fundamentais.

III - DA DISTRIBUIÇÃO

Definido o partido, como síntese do estudo prévio das características de cada serviço e das suas ligações com os restantes, bem como das condições em que o conjunto deve viver, devo esclarecer o modo como se fez a distribuição para dar satisfação ao Programa.

ANDAR TÉRREO

O Vestíbulo principal é precedido de um Átrio, sendo a ligação entre estas duas partes feita por meio de duas fiadas paralelas de guarda-ventos para evitar as correntes de ar.

Em frente deste Vestíbulo ficam situadas, ao centro, a Grande Galeria de Circulação dos leitores; à direita, a entrada para a Sala de-Exposições, e á esquerda, a escada que conduz ao Andar Superior.

À direita do Vestíbulo desenvolve-se a Galeria de Circulação dos Serviços Administrativos e à esquerda a que dá para a Sala-das-Publicações Periódicas e o Restaurante.

Tomando agora cada uma destas linhas de circulação, foram os serviços arrumados como segue:

Percorrendo a Grande Galeria de Circulação temos, à direita a Sala-de-Exposições Periódicas, através da qual se poderá, quando convenha, fazer a passagem para a Galeria, facilitando, assim, ao leitor o contacto com as espécies expostas; à esquerda desta Galeria

em frente da Sala-de-Exposições, fica o Museu de Numismática e Antiguidades; prosseguindo, situou-se, ainda à direita, a Grande Sala-do-Catálogo, onde os ficheiros e mesas de trabalho estão à disposição do público; ao fundo desta Sala, junto à Galeria de Circulação, fica o balcão da Informação Bibliográfica, local que serve ao mesmo tempo para fiscalização da Sala-do-Catálogo.

À esquerda, em frente da Informação Bibliográfica, dispôs-se a Sala-de-Leitura dos Cegos, com o respectivo Depósito. Esta Sala tem, por sua vez, entrada directa do exterior para que os cegos, sobretudo os guiados por cães, não necessitem de passar pelo interior do edifício.

Ingressa-se, em seguida, na Grande Sala-de-Leitura à entrada da qual, do lado esquerdo, fica a Distribuição.

A Sala-de-Leitura comunica, do lado Sul, com um Terraço Alpendrado, para leitura ao ar livre e para os fumadores, terraço que é vigiado do local da Distribuição.

Ainda do mesmo lado desta Sala estão situadas as Instalações Sanitárias, para ambos os sexos, independentes.

À direita da Sala-de-Leitura, ao longo de uma galeria de circulação interna, distribuem-se, em dois andares, numerosos Gabinetes de Estudo para investigadores, estudantes que preparam teses, etc, bem como para os leitores que trabalham com máquinas de escrever.

Entre a Sala-do-Catálogo e a Sala-de-Leitura desenvolve-se, para Norte, um corpo no qual fica instalado o Serviço da Catalogação, directamente ligado ao Catálogo, e, paralelamente a este serviço, o da Informação Bibliográfica e o do Catálogo Colectivo. Qual-

quer destes serviços é interdito aos leitores.

No entanto, a zona da Informação situada junto da Sala-de-Leitura e do Catalógo é destinada ao serviço dos leitores.

Voltando ao Vestíbulo Principal, a ala que se desenvolve à esquerda compreende o Depósito e a Sala-de-Leitura das Publicações Periódicas, o Vestiário Geral, dos leitores e um grupo de Instalações Sanitárias.

Ao fundo desta sala, o Bar-Restaurante e a respectiva Copa.

A ala direita é ocupada pelos Serviços Administrativos, os quais abrangem: a Tesouraria, a Secretaria, a Contabilidade, Gabinete do Secretário, Gabinete do Director Adjunto, Gabinete do Director da Biblioteca, Sala-de-Espera e Gabinete da Secretária-dactilógrafa. Fazem ainda parte deste conjunto um Gabinete de Estudo, a Sala do Conselho, e uma Sala de Aula.

Para além deste corpo, que constitui uma unidade dentro do conjunto, situou-se a Sala-de-Conferências, com seu Vestíbulo, Vestiário Geral, Gabinetes de Espera e dos Conferentes. Uma Escadaria independente conduz ao Andar Superior e outra ao Inferior, nos quais se encontram as instalações anexas a esta sala.

O corpo Norte do edifício, liga com todos os outros serviços por uma ampla Galeria de circulação, ao longo da qual, do lado esquerdo, estão distribuídas diversas dependências destinadas a Gabinetes de Consultores, Biblioteca de Biblioteconomia e Salas-de-Trabalho em Seminário.

Paralelamente a este grupo de instalações, do lado direito da galeria, ficam situadas: a Entrada de Serviço e Cais de Carga e Desga de Volumes; uma Sala de Visitas do Pessoal; o serviço do Depósito Legal, compreendendo a Entrada das Espécies, o Registo e o respectivo Depósito Privativo; o Gabinete do Bibliotecário; o Serviço das Trocas Internacionais, compreendendo a Recepção e Expedição, Registo e Conferência, bem como os Depósitos das espécies a expedir e a distribuição.

Em frente da Entrada de Serviço fica situado o acesso à Catalogação e ao Catálogo Colectivo, servidos por dois grupos de comunicações verticais que ligam directamente com a Torre dos Depósitos. Um destes grupos é constituido por escada, elevador monta-cargas e monta-livros; o outro grupo compreende dois monta-livros.

Próximo da mesma entrada está localizada a escada de acesso aos Vestiários Gerais instalados no Andar Inferior.

No extremo Noroeste do edifício, constituindo como que um corpo separado, embora com a necessária ligação interna, estão dispostas as Oficinas, que neste andar compreendem: Encadernação, Dourador, Restauro e Tipografia.

No topo mais afastado situou-se a estação de Desinsectização, compreendendo as diversas dependências pedidas no Programa.

É este andar o de maior desenvolvimento de todo o edifício, desenvolvimento justificado pelo necessário encadeamento de numerosos serviços no mesmo pavimento.

ANDAR SUPERIOR

No corpo da frente principal do edifício e partindo da zona correspondente ao vazio do Vestíbulo, temos, à esquerda, a Secção de Música, abrangendo o Depósito das Espécies, Sala-de-Leitura, Gabinetes Individuais de Audição, e a Sala-de-Piano.

À direita, sobre os Serviços Administrativos, as secções de Microfilmes, Microfichas e Luzes Especiais, o Depósito de Mieres, a Filmoteca e a respectiva Catalogação.

No prolongamento deste corpo para Norte ficam situados o "Foyer" da Sala-de-Conferências, no qual se podem realizar exposições bibliográficas; este "foyer" dá acesso à parte mais alta do anfiteatro.

Voltando novamente à parte central do edifício, desenvolve-se sobre a zona do Catálogo, à esquerda, uma longa Sala reservada para futura compartimentação, destinada á guarda das Colecções Doadas, e, à direita, o Serviço da Colecção Iconográfica, com sua Sala-de-Leitura e respectivo Depósito.

Ao fundo, os Reservados e Manuscritos, com a correspondente Sala-de-Leitura e Catalogação, por sua vez ligados directamente à Torre dos Depósitos, na qual uma zona deste andar será reservada a esta especialidade.

Completa a planta deste pavimento o corpo correspondente à Torre dos Depósitos.

ANDAR INFERIOR (Cave)

No corpo principal a ala esquerda é ocupada com a Cozinha Geral, os Refeitórios, Sala-de -Estar do pessoal, Instalações Sanitárias, o desdobramento do Depósito das Publicações Periódicas e a Habitação do Guarda.

Na ala direita, sob os Serviços Administrativos, distribuem-se diversos Armazéns destinados a Publicações, Impressos, Material de Expediente e, ainda, o Arquivo Geral da Biblioteca, e instalações sanitárias para o pessoal administrativo.

Na parte central, sob o Catálogo, o Depósito dos Duplicados e ao fundo, sob a Sala-de-Leitura, o Depósito dos Jornais.

Na correspondência da Tôrre dos Depósitos, temos à esquerda um Depósito e à direita, sob a Catalogação, a Casa-forte, Armazém de Fichas, a Sala dos Compressores, Armazém de Material de Dourador, Encadernador, Restauro, Moldagem, Papel de impressão, e Material Fotográfico.

No corpo do Norte, sob o Depósito Legal e as Trocas ficam situados: os Vestiários Gerais do pessoal e as respectivas Instalações Sanitárias, uns e outros divididos por categorias e sexos;os Armazéns de Mobiliário e Caixotaria; os desdobramento do Depósito de Duplicados das Trocas Internacionais.

Na zona correspondente ás Oficinas é este andar ocupado: pela Central de Aquecimento e de Ventilação, Posto de Transformação e Quadro Geral;pela Oficina de Fotografia,compreendendo a Sala-de-Fotografia

Geral, Fotostato, câmaras escuras para revelação e fixação, Depósito de Produtos Químicos e Arquivo de Negativos.

Completam este conjunto as Instalações Sanitárias e Vestiário do Pessoal, Depósito de papel velho, Arrecadação de Material de Obras de Reparação; oficina de Serralharia e Marcenaria e Lavandaria.

TORRE DOS DEPÓSITOS

O estudo profundo do problema, procurando resolvê-lo em função da conveniência dos serviços, levou a varias conclusões acerca desta parte importante da Biblioteca. Sobre todas salienta-se a da necessidade de assegurar a rapidez do serviço por uma ligação boa entre os Depósitos e a Distribuição. A distancia a percorrer pelos empregados que em cada andar devem fazer a busca dos livros e o seu envio à Distribuição, a conveniência de iluminar suficientemente os Depósitos, o recurso aos meios mecânicos mais eficientes e económicos, o modo de arrumar em boas condições de arrumação e pesquisa as espécies, a previsão do modo como se deverá fazer a futura ampliação constituem entre outras, algumas das condições fundamentais a que é forçoso atender na concepção dos Depósitos, sem o que se correrá o risco de cair nos males verificados, com surpreendente frequência, em tantas bibliotecas antigas e modernas.

Se o Catálogo e as Salas-de-Leitura são instalações cuja futura ampliação deve ser prevista, ao que em raríssimos casos se atendeu, no que respeita aos Depósitos essa precaução é fundamental. É por isso quase axiomático que tentasse adoptar uma solução susceptível de per-

mitir a este orgão vital duma Biblioteca Nacional todas as possibilidades de futura expansão, seja qual for o ritmo - aliás imprevisível - do enriquecimento do património a arquivar.

Foi no entanto uma das muitas preocupações que tive desde os primeiros estudos, da qual em grande parte dependeu o partido da nossa Biblioteca Nacional.

Assim, situei o corpo da Torre precisamente ao topo da Sala-de-Leitura, sobre a Distribuição, desenvolvendo-o transversalmente, liberto de corpos de edificação que impedissem o seu futuro desenvolvimento, quer em altura, quer em extensão.

Pareceu-me todavia prudente dotar desde já a Torre com o número de andares e a superfície que garanta a sua boa capacidade de acomodação para um período que reputo suficiente para algumas dezenas de anos, solução que fará com que as primeiras ampliações que houver de fazer nos Depósitos sejam, de preferência em extensão, isto é, prolongando a Torre para Sul, o que admitirá a realização das obras sem a mínima perturbação dos serviços da Biblioteca, pois os novos corpos, uma vez concluídos, ligar-se-ão à parte anterior demolindo apenas uma parede não suportante, aproveitando na sua situação inicial a posição do grupo de comunicações verticais com a Distribuição.

A ampliação em altura, que talvez nem dentro de um século seja necessária, é também possível, mas como tem os comprovados inconvenientes de perturbar mais os serviços e de pôr em risco, por causa das infiltrações e das poeiras, as condições de defesa do depósitos superiores durante as obras, além de exigir o prolongamento de longa-

rinas, cabos e outros elementos dos meios de comunicação vertical, parece ser de considerar como último recurso. Bastará que as fundações a admitam.

Situando, pois, a Torre dos Depósitos no local indicado no anteprojecto e dando-lhe desde já a altura de 10 andares, o que permitirá uma armazenagem superior a dois milhões de volumes, julgo ter resolvido satisfatòriamente este problema vital da Biblioteca.

IV - DAS PARTICULARIDADES

Esclarecida a razão do partido adoptado e descrita a distribuição dos serviços, resta esclarecer alguns pontos de particular interesse.

1 - Serviços cuja ampliação é de prever

Como já foi referido noutro local, os serviços mais sensíveis às necessidades de ampliação devem ser: os Depósitos Gerais, o Catálogo e a Sala-de-Leitura Geral.

Quanto aos restantes, ainda que também sujeitos à mesma contingência, não o estarão tanto que não venha a ser possível, dentro do conjunto projectado, dar-lhes solução em qualquer tempo.

Aqueles, porém, dada a experiência alheia, e a simples observação das realidades, devem ser desde já considerados.

Nesta conformidade, dir-se-à quais foram as precauções tomadas no estudo do anteprojecto.

Torre dos Depósitos - É desnecessário repetir o que anteriormente se descreveu. Assim, resumidamente, dir-se-á que a ampliação se deverá fazer em extensão, dentro dos limites indicados nos desenhos, e só quando estes forem esgotados se deverá recorrer à ampliação em altura.

Catálogo - Indica a planta desta Sala o modo como a sua ampliação poderá vir a ser feita, por escalões.

A disposição dos ficheiros, inicialmente, deve ser tal que, no intervalo entre eles, possam vir a ser colocadas novas fiadas desses móveis, aumentado assim para o dobro a sua capacidade.

A ampliação também se poderá fazer, em último recurso, aumentando o comprimento das fiadas de ficheiros, como também se indica.

Desnecessário será referir que se vier a suceder, um dia, a sala não comportar maior numero de ficheiros, haverá ainda o recurso ao tipo de ficha de menores dimensões, e até, à microficha.

Dado que esta sala tem pé-direito duplo prevê-se ainda a criação dum piso intermédio como continuação da esquerda.

Sala-de-Leitura- Embora a experiência aconselhe a rejeitar as salas-de-Leitura com capacidade para comportarem elevado número de leitores, visto tais salas serem ruidosas, nada nos diz que não haja que vir a encarar-se um dia a necessidade de se ampliar o espaço reservado à leitura.

A solução que adoptei permitirá, por um lado, a ampliação em profundidade, visto que a largura não convirá ser aumentada para que as condições de iluminação natural não sejam pre ju-

dicadas, e, por outro lado, quando por aquele vierem a estar esgotadas as possibilidades, não será impossível erguer sobre a actual uma nova sala-de-leitura, ligada à Torre dos Depósitos pelos mesmos meios de comunicação, aumentados com mais dois monta-livros, ficando assim as duas Distribuições sobrepostas.

2 - Torre dos Depósitos - O grande número de andares previsto é consequência da técnica, hoje generalizada, de dar a cada andar pé direito tal que um homem possa fàcilmente, sem recórrer a qualquer auxílio, colocar ou tirar um livro da prateleira mais alta. Assim, prevejo no anteprojecto a altura média de ~~2,25~~ 2,35 de piso a piso, o que deverá dar ocasião a um pé direito útil de cerca de 2,10. 2.20.

A distribuição dos armários é a mais aconselhada, libertando-os das paredes e dispondo coxias transversais conjugadas com as aberturas de iluminação natural.

As coxias longitudinais serão por consequência três: uma central, mais larga, para circulação dos carros, e duas laterais, estreitas, ao longo das paredes.

3 - Defesa contra incêndios - Ao contrário do que muitos podem supor, não são as bibliotecas instalações que ofereçam grande perigo de incêndio. O livro não é fàcilmente combustível.

No entanto, se da primeira vez a Biblioteca de Lovaina ardeu em consequência dos bombardeamentos, tudo leva a crer que na segunda grande guerra o seu incêndio foi provocado.

Haverá, pois, que prever instalações de defesa, gerais, talvez de neve carbónica, visto a água ser um inimigo do livro tão grande como o fogo.

O problema já citado da Filmoteca das instalações de microfichas deverá ser ponderado, parecendo que neste caso conviria que fossem ouvidas as opiniões de entidades idóneas.

Embora este problema seja de natureza técnica, e portanto devendo ser referido no capítulo seguinte, cito-o neste porquanto das decisões pode resultar a necessidade de modificar parte da composição arquitectónica.

4 - Protecção do edifício - Sendo a edificação feita no interior de um lote circundado por quatro ruas, levanta-se o problema da necessidade de vedar todo o terreno, dados os perigos de assalto fácil ao interior.

A vedação por meio de muros ou de gradeamentos será, neste caso, cara, dada a sua grande extensão, e, em qualquer das hipóteses, é muito duvidoso que a vedação a adoptar seja suficientemente eficaz para evitar a sua escalada pelos gatunos.

Sugere, por isso, o Sr.Director da Biblioteca Nacional que, por exemplo, no corpo das Oficinas se reserve um espaço para instalar uma pequena caserna destinada à Guarda Republicana, à qual poderia ficar confiada a vigilância exterior, permanente, do edifício.

É este um caso que, segundo as instruções superiores, poderá ser considerado no estudo do projecto definitivo.

V- DO PROBLEMA TÉCNICO

Vários são os problemas a considerar, sob o aspecto técnico.

O da construção, pelo que respeita às estruturas não apresenta dificuldades de maior, porquanto se procurou adoptar um partido de composição de grande simplicidade. Apenas dois casos se destacam, como exigindo estudo bastante profundo: o da Torre dos Depósitos e o da Sala-de-Leitura.

Quanto ao resto, a modulação prevista deve ser susceptível de soluções relativamente económicas.

Há, porém, que considerar outros aspectos técnicos que neste edifício têm particular importancia: o da absorpção de vibrações em quase todos os locais, para evitar ressonâncias prejudiciais ao trabalho e à leitura; o do total isolamento da secção de música e sobretudo da Sala-do-Piano; o do aquecimento geral do edifício pelos sistemas adequados a cada caso; o da ventilação dos diversos locais e sobretudo das salas-de-leitura e, muito particularmente, dos Depósitos de livros e das Caves, onde o ar deve ser pelo menos filtrado; o da iluminação artificial dos depósitos e Salas-de-leitura que exige sistemas especiais apropriados; o das comunicações mecânicas, rápidas e silenciosas; enfim, o das defesas contra a acção das humidades de infiltração ou de condensação.

A protecção contra a acção directa da luz solar é de rigor nos depósitos e de aconselhar nas salas-de-trabalho e de leitura, devendo, por isso, serem tomadas precauções neste sentido, sem o que o edifício não reunirá as condições apropriadas à defesa do património nacional.

FIM

A escolha de alguns processos e materiais de construção apropriados será, porém, fixada mais pormenorizadamente quando do estudo do projecto definitivo e será referida nas peças escritas que o acompanharem.

V - CONCLUSÃO

O trabalho que tenho a honra de submeter à apreciação superior apenas pretende definir um partido, uma orientação que me pareceu susceptível de resolver convenientemente o problema da instalação da Biblioteca Nacional.

São demasiado complexos a sua orgânica, o seu programa e o encadeamento dos serviços para que tenha a ilusão de ter concebido uma composição que não apresente defeitos. Procurei, no entanto, que os não tivesse graves nem de falta de lógica na interpretação do tema.

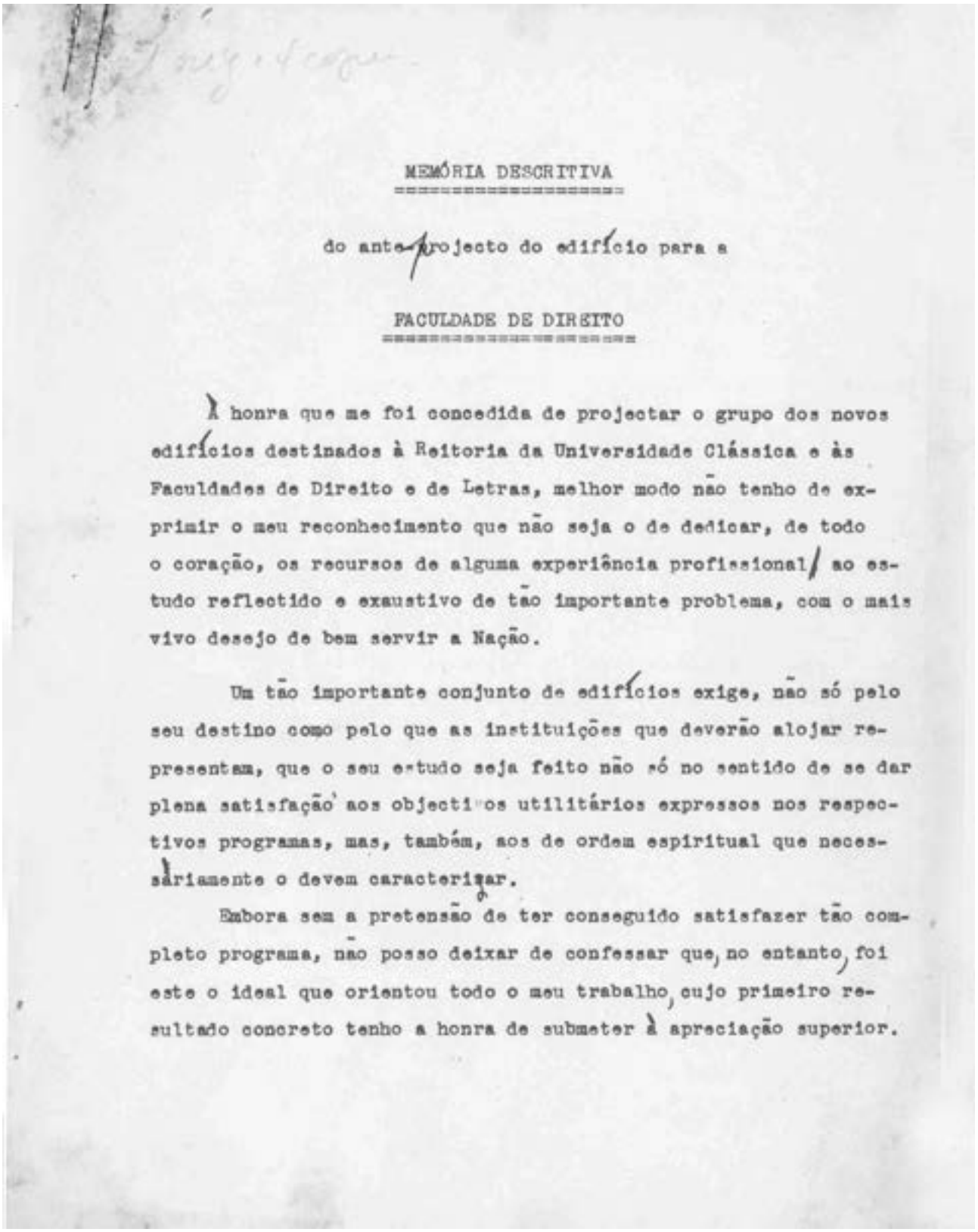
Submeto, por isso, o meu modesto trabalho ao juízo das entidades idóneas, para que das suas críticas construtivas e fecundas me seja permitido corrigir deficiências ao estudar o projecto definitivo, no sentido de servir o melhor que posso quem tanto me honrou confiando-me o estudo de tão difícil, mas apaixonante problema.

Lisboa Dezembro de 1953

O Arquitecto.

Documento 54.01

MONTEIRO, Porfírio Pardal - Memória Descritiva do Ante - Projecto da Faculdade de Direito. Lisboa: [Documento dactilografado do Espólio PMA], [195?]



MEMÓRIA DESCRITIVA

do ante-projecto do edifício para a

FACULDADE DE DIREITO

A honra que me foi concedida de projectar o grupo dos novos edifícios destinados à Reitoria da Universidade Clássica e às Faculdades de Direito e de Letras, melhor modo não tenho de exprimir o meu reconhecimento que não seja o de dedicar, de todo o coração, os recursos de alguma experiência profissional ao estudo reflectido e exaustivo de tão importante problema, com o mais vivo desejo de bem servir a Nação.

Um tão importante conjunto de edifícios exige, não só pelo seu destino como pelo que as instituições que deverão alojar representam, que o seu estudo seja feito não só no sentido de se dar plena satisfação aos objectivos utilitários expressos nos respectivos programas, mas, também, aos de ordem espiritual que necessàriamente o devem caracterizar.

Embora sem a pretensão de ter conseguido satisfazer tão completo programa, não posso deixar de confessar que, no entanto, foi este o ideal que orientou todo o meu trabalho, cujo primeiro resultado concreto tenho a honra de submeter à apreciação superior.

I - DO PARTIDO GERAL DA COMPOSIÇÃO DO CONJUNTO

Desde há muito que pelo Governo fora escolhida a vasta zona de terrenos situada entre Palma e o Campo Grande para a construção dos novos edifícios universitários, dos quais se ergue já, dominando a acrópole de Palma, o da Faculdade de Medicina.

Para o edifício da Reitoria e os das Faculdades de Direito e de Letras foi reservado um grande lote rectangular, contornado por quatro avenidas, situado a meia encosta da referida zona, com declive suave descendo sensivelmente para Leste.

Coincide o eixo transversal deste lote com o prolongamento do eixo longitudinal da Avenida do Brasil, o que não podia de modo algum deixar de ter em consideração ao projectar o partido da composição geral.

Sendo o conjunto destes três edifícios susceptível de ser ordenado de modo a constituir um todo esteticamente equilibrado, lógico se me afigurou, desde o primeiro exame do problema, que esse todo deveria formar como que o remate da citada Avenida do Brasil, que, no seu prolongamento para Oeste do Campo Grande, passo, convencionalmente, a designar por "Alameda da Universidade".

A circunstância de não se considerar a construção de quaisquer outros edifícios no mesmo lote, bem como a de haver evidentes afinidades no destino dos destinados às duas faculdades, apesar de os seus programas se afastarem bastante um do outro, também

contribuiu fortemente para condicionar os estudos a ideia de constituir com aqueles elementos fundamentais de uma grande composição arquitectónica as duas grandes massas arquitectónicas que tivessem como fulcro o edifício da Reitoria da Universidade Clássica, situando este edifício precisamente no eixo de todo o conjunto.

Tais premissas, embora não impostas expressamente no programa, não podiam, porém, deixar de ser consideradas como imperativas, desde que, além da satisfação das exigências de ordem útil, se procurasse criar um conjunto que, pela nobreza da sua concepção, correspondesse aos altos objectivos do Governo e aos sacrifícios que acarreta a realização duma obra de tal envergadura.

Não se justificando neste caso a realização de obras de grande monumentalidade e riqueza arquitectónica, todo o estudo deveria ser conduzido no sentido de se procurar antes valorizar a realização à custa da harmoniosa arrumação dos seus elementos dominantes, pela criteriosa escolha da escala e definição das proporções adequadas a cada parte, de modo a atingir-se, com simplicidade, um resultado que se impunha mais pelo seu equilíbrio clássico do que pela exuberância dos acessórios da Arquitectura.

Tais intuitos não podiam, como é natural, deixar de agravar as dificuldades do problema, o que se refere sem qualquer intuito mesquinho de apregoar trabalhos e esforços, mas como realidade que não seria razoável deixar de ter em consideração nas apreciações do trabalho que tenho a honra de apresentar. É evidente que, sendo

muito diferentes os programas ~~dos edifícios~~ das duas faculdades e desejando-se constituir com ~~eles~~ elas dois elementos susceptíveis de viverem com equilíbrio perfeito em relação ao edifício central da Reitoria, não poucas seriam as dificuldades que deste facto haviam de resultar para o estudo da composição de cada um dos outros dois, ~~outro~~ ~~do~~ ~~do~~.

Ladear tais dificuldades não seria, no entanto, procedimento susceptível sequer de ser adoptado por quem pretendia ter a honra de tentar criar um conjunto que, além de poder resultar harmónico, fosse constituído por edifícios que, considerados cada um de per si, pudessem, no seu arranjo e distribuição, dar inteira satisfação às exigências dos respectivos programas.

A configuração, o relevo e a orientação do terreno, conjugadas com a incidência das grandes linhas de perspectiva e os acessos principais e consideradas as premissas anteriormente referidas, levaram-me a adoptar sem hesitações o partido geral expresso nos desenhos de conjunto: A Reitoria, situada no eixo principal da composição, ao fundo de uma ampla esplanada; a Faculdade de Direito à esquerda, ou seja do lado Sul dessa esplanada, e a Faculdade de Letras, do lado oposto.

As fachadas e entradas principais dos três edifícios ficariam voltadas precisamente para esta esplanada, no topo superior da qual um vasto terreiro, sensivelmente horizontal, permite a boa circulação e o acesso fácil ~~aos três edifícios~~ a cada um deles, centralizando-se assim o maior movimento de estudantes numa zona que, pelo seu arranjo e situação, deverá contribuir para imprimir carácter e animação ao local, como convém.

Embora o contrato que regula os meus serviços profissionais obrigue à apresentação, nesta ocasião, apenas do ante-projecto para o edifício da Faculdade de Direito, e constituindo esta uma parte de um todo, o seu estudo não se pôde, por isso, fazer sem se considerar, em certa profundidade, tanto o da Reitoria como o da Faculdade de Letras, estudos que no entanto se não podem ~~apresentar~~ existir conjuntamente com este ante-projecto, por absoluta impossibilidade de lhes dar conveniente apresentação, mas ~~que o serão~~ se-lo-ão dentro dos prazos convencionados.

No entanto, julguei indispensável apresentar neste momento alguns estudos do partido geral, ~~de conjunto~~, para melhor se poder ajuizar de certas soluções adoptadas para a Faculdade de Direito expressas no ante-projecto, porquanto, dependendo estas da ~~composição arquitectural do conjunto~~ determinação do todo, só como tal podem ser julgadas, como é elementar e próprio de toda a composição arquitectural.

Acompanham por isso o ante-projecto da Faculdade de Direito alguns estudos de conjunto indispensáveis para a explicação e justificação do partido de cada um dos ante-projectos e mesmo dos futuros projectos dos três edifícios. Destes estudos se deduzem as subordinações relativas a cada um, para que se integre na sua função de elemento ajustado à harmonia da composição.

São estes: ~~estudos~~ uma planta do conjunto, na escala de 1:1000, na qual se dá conta da concepção da composição geral prevista para o grande lote de terreno circundado pelas quatro avenidas ; uma

planta, na escala de 1:2000, abrangendo uma mais extensa zona de terrenos próximos do lote reservado aos três edifícios universitários, na qual se indica uma sugestão do arranjo urbano que se poderia adoptar a partir do Campo Grande, de modo a criar o ambiente aconselhável para o bairro que ficará junto da grande ~~conjunto~~ zona universitária; e um ~~estudo~~ desenho de apresentação compreendendo o conjunto ~~dos edifícios~~ dos três edifícios para se avaliar da escala, das proporções e ~~da expressão~~ do carácter adequadas a cada um, bem como do ~~aspecto~~ unidade e do espírito da composição geral.

- -

Mal poderá parecer que antes de descrever o anteprojecto do edifício da Faculdade de Direito exponha alguns pontos de vista que respeitam mais ao carácter subjectivo da ~~composição~~ ideia, na sua expressão exterior, do que às razões de ordem técnica e funcional resultantes da interpretação dos programas.

Atrevo-me, porém, a supor que a prática constante, durante mais de trinta anos, de uma doutrina ~~de fundamento clássico~~ que cada vez reputo mais certa e justa, e que consiste em ~~defender~~ considerar que a obra de Arquitectura, só quando interpretada e criada de dentro para fora, isto é, das plantas para as fachadas, pode atingir os seus elevados objectivos, será suficiente garantia para não se suspeitar que neste caso tivesse seguido caminho oposto ou diferente, do qual resultaria, necessàriamente, prejuízo para a composição.

No entanto, ao justificar o partido do arranjo geral, parece-me oportuno referir-me desde já a certo resultado de ordem subjectiva e sentimental que, embora não tenha condicionado sob nenhum aspecto o

estudo da parte útil das edificações, me preocupou seriamente desde os primeiros momentos: o da expressão plástica a dar aos edifícios.

Os meus sentimentos de artista e de português, discutíveis os primeiros, como tudo o que é meramente individual, têm muitas vezes, e agora mais do que nunca, posto à minha consciencia a dúvida sobre qual o melhor modo de ~~cumprir o meu dever com~~ lhes dar plena satisfação, ~~dentro~~ dos meus sentimentos.

Como simples profissional, estudando, sem descanso, tão profundamente quanto a minha modesta capacidade o permite, os problemas que me são postos, procurando nas melhores fontes da história, da teoria e da filosofia da Arquitectura os indicativos que me orientem, não tenho conseguido chegar a conclusão que melhor satisfaça o meu sentimento de arquitecto que não seja a de que para cada problema a solução justa será a que, dando inteira satisfação aos programas, tanto sob o aspecto funcional como sob o espiritual, se ajuste não só às formas resultantes das possibilidades técnicas de que nos serviremos como as exprima de forma adequada, sem as desfigurar nem atraiçoar. É esta a disciplina que em todos os tempos levou os arquitectos, em todas as partes do mundo sujeitas às mesmas dominantes da civilização, a resultados mais ou menos semelhantes, donde resultaram os estilos que hoje nos permitem, rápidamente, situar no tempo, qualquer obra de arquitectura.

Por isso, hoje como sempre, também a obra que criarmos, pelos mesmos motivos, não poderá deixar de ter as suas afinidades com a que se fizer em qualquer outro país, tão dependentes somos todos da contribuição de cada um.

Como português, porém, não posso deixar de confessar que seria infinitamente grato ao meu sentimento que a Arquitectura do

nosso tempo, realizada em Portugal, pudesse ~~distinguir-~~ distinguir-se, ainda que modestamente, mas com dificuldade, da de qualquer outro país.

Embora reconheça quanto tem de ambiciosa esta aspiração, só ela que me tem feito compreender ~~não posso deixar de confessar que compreendo~~ até certo ponto as boas intenções daqueles que, honestamente, supõem melhor servir a nossa terra e a nossa gente submetendo às vezes os programas e as técnicas actuais a expressões decorativas infelizmente anacrónicas e impuras.

~~É este um caso de consciência que~~ Não me envergonho de pôr este caso de consciência perante quem compreenda o que representa uma vida inteira de trabalho e de estudo unicamente dedicada à causa da arquitectura nacional, sem outras ambições que não sejam as de procurar bem servir a nossa Pátria, confessando que me consideraria o mais feliz dos portugueses se ~~Bem desejaria ser~~ fosse capaz de realizar uma obra ~~que pela sua concepção fosse~~ bem do nosso tempo e ~~pela sua arquitectura fosse~~ caracteristicamente portuguesa. Daria, alegremente, a própria vida em troca de poder atingir a satisfação deste ideal ou, pelo menos, a de conseguir abrir caminho para dar forma a uma tendência da arquitectura que, sem copiar nem imitar a de qualquer tempo passado, fosse concebida com ~~o mesmo~~ espírito de actualidade e reflectisse e exprimisse, pelo seu ~~sim~~ significado, em toda a sua pureza, ~~o~~ sentido renovador de ~~identificação~~ ficação nacional, ~~que caracterize a admiração superior do País.~~

Mas não tenho já a idade das ilusões que me permita ainda aspirar a esse desejado resultado.

No entanto, porque nunca me parece tarde para lançar uma idéia boa, pelo menos em teoria, ousei pô-la em prática tentando no estudo dos novos edifícios universitários, não digo o reaportuguesamen-

to da arquitectura moderna -o que seria não só pretencioso mas incomensuràvelmente superior à minha capacidade ~~de arquitecto~~ - mas uma experiência que, sem pôr em risco o prestígio do Estado, nem a dignidade da realização, nem sequer contrariar as boas regras da Arte de ~~Arquitectura~~ construir, possa, se merecer a honra de ser animada por quem o pode fazer com eficiencia, levar outros arquitectos mais felizes e talentosos a explorar, noutros casos, essa idéia, que julgo poder contribuir para abrir o caminho a uma verdadeira campanha entusiástica por uma nova expressão nacional na arquitectura.

Não receio afirmar que se sob o ponto de vista sentimental a teoria não carece de justificações, quanto ao aspecto técnico a solução ~~ela~~ justifica-se sem necessidade de muitos argumentos, para o que bastará reflectir um pouco acerca de certas consequências das técnicas modernas na Arquitectura.

Ninguém ignora que a arquitectura actual, em virtude ~~consequencia~~ da falta de nobreza dos materiais que constituem as estruturas, vive muito dos revestimentos, caros quando de boa qualidade e geralmente de baixa qualidade quando baratos.

É esta realidade que há muito me tem feito reflectir acerca da possibilidade de tirar partido duma arte e duma indústria de tradições bem portuguesas, fazendo-as renascer e comparticipar com plena justificação na obra contemporânea, sem sobrecarregar excessivamente o seu custo.

Todos sabemos que em Portugal, no século XVII, se fabricavam e aplicavam, abundantemente, na arquitectura, os mais belos azulejos de toda a Europa. Seguindo o mais puro fio da tradição, ins-

pirando-se nas grandes criações do período bizantino (no qual a técnica dos revestimentos atingiu quase a pureza das concepções construtivas da Grécia), os portugueses do sec.XVII revestiram as paredes de inúmeras igrejas e outros imóveis de autênticas tapeçarias de azulejo geométrico, de fácil fabricação e aplicação, barato de custo, cujo resultado artístico e prático ainda hoje se deslumbrantemente admiram em tantos edifícios portugueses.

Tal tipo de azulejo, pela simplicidade das suas composições e pelo sentido decorativo dos motivos que o caracterizam, ajusta-se tão perfeitamente às superfícies da Arquitectura, sem lhes destruir as proporções nem a expressão funcional dos seus elementos, que, pode-se dizer, poucos materiais se prestariam melhor para os valorizar.

É nesta tradição portuguesa, que do sec.XVIII em diante se adulterou por completo, que me inspirei para procurar valorizar algumas das grandes superfícies da minha composição dos edifícios universitários, quebrando-lhes a nudez que da concepção técnica das estruturas e da pureza dos volumes resulta, procurando criar, portanto, à custa de uma interpretação de sabor moderno deste elemento que podemos chamar verdadeiramente "nosso", o sentido que creio poder permitir, sem esconder nem deformar os elementos vitais da composição arquitectónica, tentar uma tendência de nacionalização ou de aportuguesamento da arquitectura moderna.

Esta ideia, que há muitos anos vive no meu espírito e agora me tem absorvido desde que iniciei os estudos dos edifícios universitários, não me permite a ousadia de afirmar que constitua o modo

seguro de se atingir o resultado desejado por todos os que amam a nossa terra, pois apenas representa uma contribuição modesta concebida e estudada com entusiasmo e na esperança de animar outros a conseguirem, sucessivamente, novos e melhores resultados para maior honra e brilho da arte portuguesa.

Foi nesta intenção de bem servir a nossa Pátria que dei ao estudo do conjunto dos três edifícios universitários a expressão que ele inicialmente assumiu e cujos resultados o juízo alheio talvez considere muito afastados do seu bom intento.

São estas, no entanto, as razões de ordem sentimental que me levaram a, antes de justificar o partido do anteprojecto sob os pontos de vista funcional e útil da distribuição e ordenação dos seus elementos fundamentais, referir-me primeiramente a certos aspectos de carácter subjectivo expressos nos estudos do conjunto.

Devo ainda focar outros elementos da composição prevista no arranjo geral, os quais o completam, embora não pedidos nos programas. Refiro-me particularmente ao Auditório ao ar livre, e à Torre do Relógio, cuja presença contribuiria para quebrar um pouco a austeridade resultante do equilíbrio clássico a que pelo destino e carácter dos edifícios se subordinou a sua distribuição. Tanto um como outro se justificam como elementos de valorização da composição,

Para qualquer destes dois acessórios se conceberam soluções extremamente simples, que vivem mais da sua expressão, quase sintética, e da harmonia das suas proporções, do que da riqueza da pormenorização.

O partido do conjunto compreendido no grande lote de terreno abrange também, quanto, nas linhas gerais, pareceu razoável prever acerca da distribuição das zonas de verdura, terreiros livres, parques para estacionamento de automóveis, etc., tendo em conta todos estes elementos e os próprios acessos e circulações, de modo a tentar-se a composição de um todo harmonioso e digno.

II - DO PROGRAMA

Compreende o programa para a elaboração do projecto para o edifício da Faculdade de Direito as seguintes prescrições:

A) - SECRETARIA

Sala do Expediente (com guichê para atender alunos)	40m2
Vestiário e lavabos para o encarregado, com pequeno arquivo	20m2
Arquivo de provas académicas (pode ser na cave), pelo menos	100m2

B) - SALAS DE AULA

1 anfiteatro para 250 alunos (1º ano)	250m2
1 " " 200 " (2º ano)	200m2
1 " " 150 " (3º ano)	150m2
2 anfiteatros " 100 " (4º e 5º anos)	240m2
6 aulas para 60 alunos (provas escritas e aulas práticas	600m2

Todos os anfiteatros e salas de aula deverão ter anexos um gabinete de professor, com lavatório, o que dá lugar a 11 gabinetes 220m2

Nos gabinetes deverá haver estantes para conter livros necessários ao serviço lectivo.

C) - DIRECÇÃO

1 Gabinete do Director, com Vestiário e lavabo	50m2
1 " " professor-Secretário	20m2
1 sala-de-espera, comum aos dois gabinetes	20m2
1 sala do Conselho Escolar, para 25 professores	60m2
1 sala de professores	40m2
2 gabinetes de visitas de professores	40m2

D) - BIBLIOTECA

a)- Instituto Jurídico

5 Salas para 5.000 volumes, cada (40m2) 200m2

cada sala terá anexos:

1)- Um gabinete do Director da Sala (Secçao de Investigaçao) (20m2)..... 100m2

2)- Um gabinete para um investigador(16m2) 80m2

No meio de cada sala haverá mesas com a acomodação para 10 investigadores (Seminário)

b)- Centros e Institutos Especiais

8 salas para 2.500 volumes, cada, para, por exemplo: Direito Comparado, Estudos Ultramarinos, Direito Municipal, Direito Brasileiro, Revista da Faculdade, etc (30 m2).

(Se possível, algumas com gabinete anexo)

C)- Biblioteca ~~D) - BIBLIOTECA~~

Sala de Leitura geral (60 leitores)	200m2
Sala de Manuscritos (existem já alguns centos de caixas)	100m2
Gabinete do professor bibliotecário, com Vestiário e lavabos	30m2
Sala-de-entrada, registo e catalogação, com gabinete para o Conservador da Biblioteca ...	60m2
Sala dos catalogos	40m2
Vestiário e lavabos	30m2
Depósito de duplicados e de exemplares para encadernação e reparação, com capacidade para 5.000 volumes	50m2
Sala ou salas de Depósito para arrumação do Fundo Comum. Capacidade para 50.000 volumes	300m2

E) - DIVERSOS

2 Salas para alunas (cada uma com vestiário e lavabos (Capacidade de 50 alunas cada)	160m2
Sala ampla para alunos	
Associação Académica ou Centro Universitário (com 2 gabinetes para Direcção)	60m2
Gabinete do médico-escolar	20m2
Sala da Mocidade Portuguesa Feminina	20m2
" " " " Masculina	20m2
Sala da Revista	20m2

Sala do Grupo Desportivo	20m2
Vestiário para alunos	100m2
Lavabos para alunos	50m2
Sala do pessoal Menor (com vestiário e lavabos)	30m2
Cabina telefónica	30m2
Amplo Hall (Passos Perdidos)	
Sala do Porteiro	10m2
Residência do Porteiro	

Instalações de aquecimento

Arrecadações diversas

III - DO ANTE-PROJECTO

da

FACULDADE DE DIREITO

Justificada a subordinação deste edifício à disciplina resultante do partido da composição do conjunto, havia que submeter o seu estudo às determinações do respectivo programa, procurando não só dar satisfação quanto ao número, capacidade e outras características expressas naquele documento, como encontrar para cada caso a solução que melhor pudesse dar satisfação às exigências da pedagogia moderna, criando as desejáveis condições de atracção do aluno e do professor à escola e do ambiente que lhes proporcione prazer no estudo.

Além destes objectivos, havia ainda, necessàriamente, que conceber uma solução que, sem deixar de corresponder à importância e à dignidade da instituição, fosse simples, bem ordenada e susceptível de dar ocasião a um tipo de edificação que não obrigasse a exagerados encargos para o Estado.

Acerca do modo como se procurou dar satisfação a todos estes pontos, será feita a respectiva descrição nos capítulos seguintes, pois neste apenas cabe referir que o ante-projecto para este edifício compreende os seguintes desenhos:

1 - Planta do conjunto à escala de 1:2000
2 - planta do conjunto dos edifícios universitários e de situação da Faculdade de Direito à escala de 1.1000
3 - Perspectiva ~~aérea~~ do edifício, visto da Praça da Universidade
4 - " aérea " " "
5 - Planta do Andar ~~Inferior (Cave)~~ Térreo;

6 - Planta do Andar ~~Térreo~~ Superior;
7 - " " " ~~Superior~~ Inferior;
8 - " " Depósito da Biblioteca e das Coberturas;
9 - Fachada sobre a Praça da Universidade (Principal);
10 - Fachada sobre a ~~Rua (Leste)~~; ~~Avenida~~ Leste
11 - " " " ~~(Sul)~~ " Oeste
12 - " " " ~~(Oeste)~~; " Sul
13 11 - Corte por A-B
14 - " " C-D
15 - " " E-F
16 14 - " " G-H

Estes diversos elementos, desenhados os que correspondem aos nºs 5 a 16, na escala de 1:200, apenas podem permitir fazer uma idéia acerca de interpretação do problema, abrangendo os aspectos que se têm por essenciais para se formar o necessário juízo quanto à solução proposta e às características fundamentais do futuro edifício.

IV - DO PARTIDO DA COMPOSIÇÃO

Do simples exame do ante-projecto se deduz que a parte fundamental das instalações da Faculdade de Direito se distribue por dois andares principais: o térreo e o superior.

Uma observação um pouco mais demorada esclarecerá acerca do modo como se procurou agrupar as diversas zonas de serviço, separando as ruidosas das de silêncio, e reunindo as partes afins numa arrumação convenientemente ordenada, que evitará as confusões tão frequentes em edifícios desta natureza.

Não posso deixar de confessar que foi minha preocupação desde os primeiros estudos, aliás já manifestada nos esquemas gráficos que inicialmente submeti à apreciação superior, procurar dar satisfação ao programa de forma clara e simples, procurando tornar compreensível ao primeiro contacto com o edifício a lógica da sua distribuição, preocupação que veio no estudo das plantas todas se sobrepôs ~~durante o estudo do ante-projecto~~ e que ~~que~~ traduz tão claramente quanto me foi possível exprimir.

Dispondo a Entrada Principal da Faculdade no Andar Térreo, sensivelmente a meio do edifício, num dos topos do Terreiro que remata a Esplanada da Praça da Universidade, tal entrada, protegida por portas duplas, dá directamente para o grande "Hall" ou, antes, para a "Sala dos Passos Perdidos" que é, por assim dizer, o local de maior concentração dos estudantes, no interior do edifício, antes e depois das aulas.

Ao fundo desta Sala, desenvolvem-se para a direita e para a esquerda amplas galerias de circulação, ao longo das quais se distribuem, no mesmo andar, todos os anfiteatros e o primeiro grupo de três aulas de trabalhos práticos. Todas estas salas são acompanhadas dos respectivos gabinetes para professores.

Aproximadamente a meio da Sala dos Passos Perdidos, uma outra galeria, de proporções adequadas, dá acesso à zona onde ficam instalados os serviços da Secretaria, Direcção, Conselho Escolar, Salas de Professores, etc, com todas as instalações pedidas no programa. Esta zona, separada da do grande movimento de estudantes, tem, ainda, uma entrada privativa para os Professores, convenientemente distenciada da dos estudantes.

Aproveitando o relevo do terreno, previu-se a Leste da Sala dos Passos Perdidos um amplo terraço ajardinado e arborizado, com acesso exclusivamente por esta Sala, terraço destinado aos estudantes que, assim, dentro da propria Faculdade, dispõem de espaço ao ar livre onde se possam reunir, passear ou estacionar.

Na zona de silêncio, à direita da mesma Sala, também com acesso directo, um amplo Claustro ajardinado presta-se precisamente ao refúgio daqueles que ao ar livre preferam a tranquilidade propícia ao estudo, à meditação ou ao simples repouso.

Para este Claustro procurei também inspirar-me em motivos tradicionais da nossa arquitectura do Sul, protegendo as zonas de parede, entre os elementos activos de estrutura, com rótulas ou grelhagens que, para proteger as galerias de circulação das correntes do ar, são constituídas por painéis pré-fabricados de betão e blocos de

vidro, criando-se assim um ambiente adequado confortável e de carácter português.

No Andar Superior prevê-se no topo Leste um segundo grupo de três salas de Aula de 60 alunos, ligadas directamente ao grupo inferior pela escada que lhes fica próxima, podendo assim isolar-se todo este andar do movimento intensivo dos estudantes e criando-se as convenientes condições de silêncio para as zonas da Biblioteca, do Instituto Jurídico e dos outros Institutos e Centros pedidos no programa, instalações que ocupam quase todo este andar.

A Biblioteca abrange todas as dependências necessárias e previu-se a sua distribuição e instalação em conformidade com as modernas recomendações da biblioteconomia adequadas aos serviços normais de uma escola.

Próximo da Sala-de-Leitura está situada a Sala-dos-manuscritos, o gabinete do Professor-Bibliotecário e o do Conservador, as Salas-de-Catalogação e dos Duplicados, tendo-se reservado para os Catálogos, como convém, o espaço necessário dentro da própria sala-de-leitura, junto ao balcão da Distribuição, e não uma sala especial cuja vigilância seria difícil e dispendiosa.

Tanto o Instituto Jurídico como os restantes Institutos e Centros Especiais dispõem de instalações adequadas à armazenagem dos livros da especialidade e aos trabalhos em Seminário, conforme ~~e indica~~ pede o Programa.

Todas as ~~instalações~~ partes destinadas ao ensino se encontram portanto agrupadas nestes dois andares, o que torna extraordinàriamente fácil a organização e a administração dos serviços.

Gabinete de professores e ~~instalações~~ dependências sanitárias para alunos foram distribuídas nestes andares nos locais mais indicados.

No andar inferior (Cave), e ocupando apenas a zona mais favorável do terreno, ficam instalados os serviços destinados à vida colectiva dos estudantes e a outras instalações indispensáveis.

Embora se trate dum andar teòricamente denominado de Cave, a verdade é que a parte mais importante é quasi de rés-do-chão, como sucede com as dependências destinadas á Associação Académica, à Revista Universitária, aos Centros da Mocidade Portuguesa feminina e masculina, ao Grupo Desportivo, ao Gabinete do Médico e Sala de Tratamentos e Inspecções, etc.

Uma grande Sala, situada ao centro da zona aproveitada, é destinada à vida comum e permanência dos estudantes, embora se prevejam ainda, como é de aconselhar, salas especiais, separadas, reservadas aos alunos e às alunas, bem como Vestiários e Instalações Sanitárias, independentes.

Neste mesmo andar, estão previstas a residência de um guarda e as instalações privativas dos contínuos, uma e outras com entradas directas do exterior.

Sob a Secretaria fica instalado o Arquivo de Provas Académicas, o qual comunica com aquela por meio de escada própria.

Arrecadações gerais e a Central de Aquecimento completam o conjunto das ~~instalações previstas~~ dependências dispostas neste andar, prevendo-se também espaço para o Quadro Geral e Posto de Transformação, se for necessário.

- - - - - - -

Na parte mais elevada do edifício, directamente sobre a cobertura da Sala-de-Leitura da Biblioteca, instalou-se o Depósito de Livros para 50.000 volumes, susceptível de fácil ampliação, organizado segundo os modernos preceitos da armazenagem das espécies bibliográficas.

Acompanham este Depósito uma pequena instalação para a Desinfecção e outra para o Restauro e Encadernação de Livros, se a sua instalação fôr de aconselhar.

- -

É o partido descrito o que me pareceu mais adequado à solução do problema, por ser o que com mais simplicidade permite a lógica distribuição dos serviços, agrupando-os ou separando-os segundo as suas características e finalidades.

A circunstância de ser forçoso atender à subordinação que o edifício deve à unidade e disciplina do conjunto, em nada prejudicou a ~~distribuição~~ ordenação racional das instalações da Faculdade, uma vez que o seu estudo foi feito com o objectivo de procurar dar inteira satisfação a todas as exigências, quer provenientes do plano geral, quer do programa da Faculdade, o que se não conseguiu, evidentemente, se não à custa de estudo cuidado e reflectido e de muito trabalho desenvolvido sem desfalecimento e com o profundo e sincero desejo de ~~dar satisfação a~~ bem cumprir perante quem me deu a honra de confiar na minha dedicação e no ~~meu desejo de bem cumprir~~ minha vontade de bem desempenhar a minha modesta missão.

V - DO PROBLEMA TÉCNICO

É perfeitamente lógico que para se dar boa conta de tão importante empreendimento haverá que lançar mão de todos os recursos de que dispomos, quer quanto às possibilidades da técnica, quer quanto aos materiais que nos permitam escolher o tipo de estrutura mais adequado para cada caso, quer, ainda, quanto aos processos de construção e ao modo de valorizar a expressão geral do edifício, de modo a que, ~~sem exageradas onerações~~, se possa dotar o Património Nacional de mais uma edificação que, correspondendo satisfatòriamente à sua finalidade, se coadune com a escala dos recursos nacionais.

Embora nada se possa por enquanto dizer acerca de fundações, não parece extemporâneo esclarecer que se optou pelo emprego do betão armado na constituição do sistema das superestruturas, evitando o emprego de paredes suportantes, pouco aconselháveis para a boa conservação do edifício e para o comportamento aos efeitos de acção sísmica a que região está, infelizmente, sujeita.

O estudo do projecto permitirá dar ~~mais atenção~~ aos pormenores do problema técnico, devendo no entanto acentuar-se desde já que a construção prevista se fundamenta nos princípios anteriormente expostos, o que se deduz do próprio carácter e da expressão geral da composição definida no anteprojecto.

Não exige este edifício, dada a simplicidade que se conseguiu para a ordenação dos elementos da estrutura, soluções dispendiosas.

Pelo contrário, todo o estudo foi conduzido no sentido de permitir não só soluções de modesta envergadura técnica, como uma modulação, tanto quanto possível constante, que facilitará extraordinàriamente a rapidez da execução das obras desde que o respectivo empreiteiro saiba organizar o trabalho em concordância com as facilidades que o próprio projecto lhe proporciona.

O estudo do projecto confirmará, como espero, a possibilidade de emprego de materiais de acabamento ~~de uso corrente~~, mas a sua pormenorização só ~~depois do seu estudo~~ então efectuada se poderá fazer.

VI - Conclusão

VI - CONCLUSÕES

Duas subordinações fundamentais foram consideradas no estudo deste ante-projecto: a da escala e formas adequadas à unidade do conjunto dos três edifícios agrupados no mesmo terreiro, e a da rigorosa obediência ao programa da Faculdade.

Algumas preocupações dominaram e condicionaram todo o trabalho: a ordenação e distribuição lógica, clara e simples dos diversos serviços, de modo a assegurarem possibilidades de funcionamento eficientes; a participação dos elementos da natureza no ambiente da composição, procurando tornar atraente e agradável a vida escolar; a expressão e o carácter adequados ao destino do edifício com o entusiástico desejo de tentar uma solução que abra o caminho a uma tendência nacional na Arquitectura contemporânea sem atraiçoar a beleza das novas formas nem as normas clássicas da arte de construir, boa tradição como é da tradição.

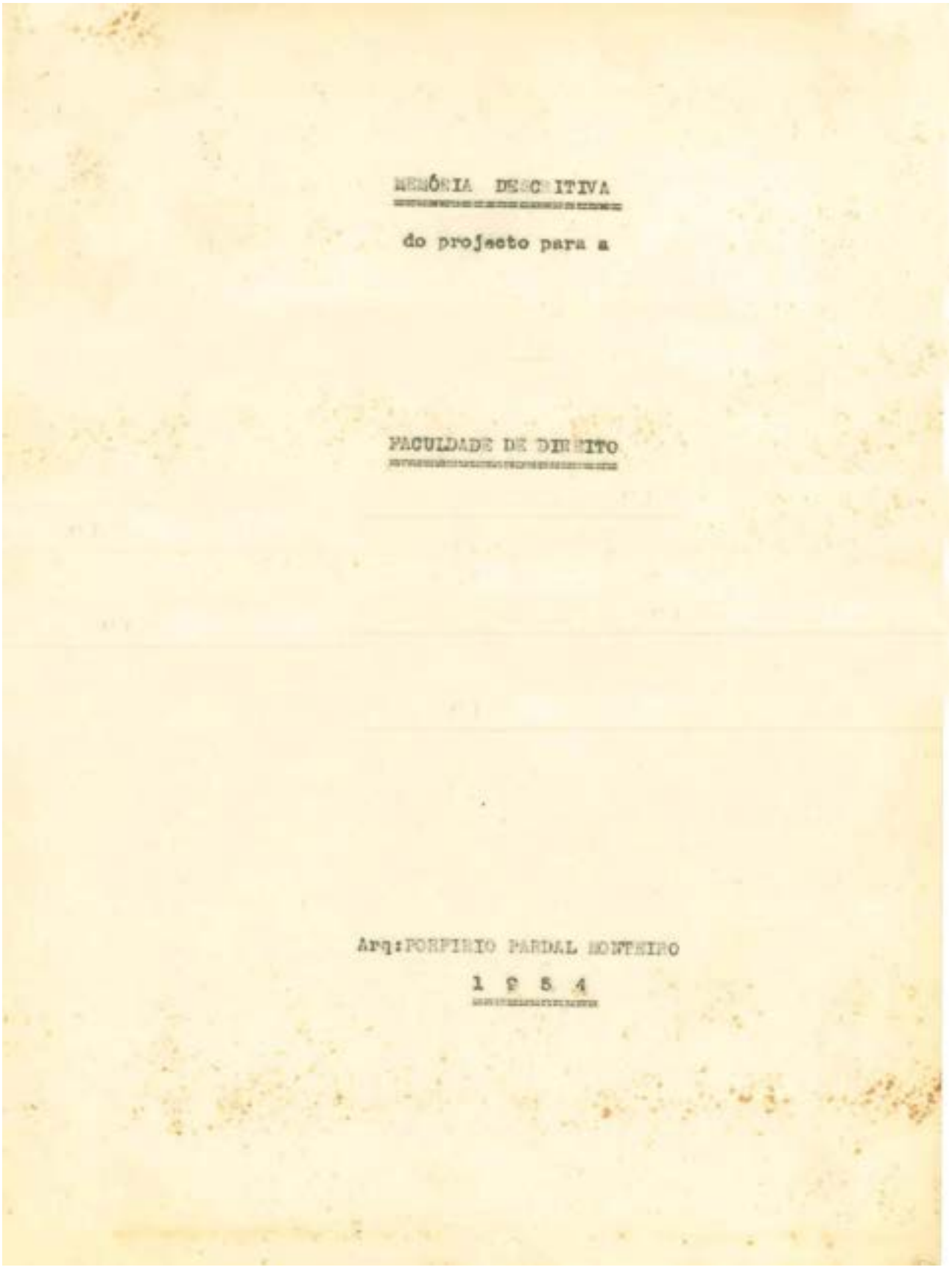
~~para contribuir para o reportuguesamento da obra que todos ambicionamos que fique a assinalar para a Posteridade, com expressão própria a arquitectura do período histórico que temos a felicidade de viver.~~

Para concluir, resta-me afirmar que tudo quanto um homem de boa-vontade, orgulhoso da sua qualidade de português e já sem outras aspirações que não sejam as de bem servir a sua Pátria e aqueles que o honram com a sua confiança, pode fazer dentro da sua modesta aptidão e capacidade de arquitecto, foi tentado sem a menor restrição.

Contudo, da boa-vontade e das boas intenções ao bom resultado vai uma tão grande distância...

Documento 54.02

MONTEIRO, Porfírio Pardal - Memória Descritiva do Projecto da Faculdade de Direito. Lisboa: [Documento dactilografado do Espólio PMA],Novembro de 1954



MEMÓRIA DESCRITIVA

do projecto para a

FACULDADE DE DIREITO

Arq:PORFIRIO PARDAL MONTEIRO

1 9 5 4

MEMÓRIA DESCRITIVA

do projecto para a

FACULDADE DE DIREITO

I - INTRODUÇÃO

1 - O projecto destinado ao edifício da FACULDADE DE DIREITO, exprime o desenvolvimento das ideias definidas inicialmente no Esquema Prévio ou Programa Gráfico e posteriormente no Anteprojecto oportunamente apresentado.

Como complemento do Anteprojecto foram elaborados alguns estudos de correcção resultantes de determinado por Sua Excelência o Ministro das Obras Públicas após o parecer do Douto Conselho Superior de Obras Públicas. Tais estudos, submetidos à apreciação de Sua Excelência o Ministro e acompanhados na sua elaboração pelo digno vogal do referido Conselho, o Professor Engenheiro Antão de Almeida Garrett, constituíram, como os do Anteprojecto, os elementos acerca dos quais Sua Excelência o Ministro lançou o seguinte despacho:

" Concordo com as novas soluções de distribuição, como base para a elaboração do projecto definitivo, que desejaria ficasse concluído com a maior brevidade, se possível em antecipação sobre o prazo limite contratual.

No que se refere à composição dos alçados, tomo as soluções até agora esboçadas como primeiras tentativas feitas por mão competente no sentido de traduzir condignamente a importância do edifício, em si e no grande conjunto formado pelas edificações universitárias desta zona entregues ao autor do estudo.

Não seria de exigir mais em fase de ante-projecto e confia-se nos elevados méritos de seu autor o esforço porfiado a fazer até à conclusão do projecto para se obterem soluções definitivas dignas de plena aprovação".

Os termos deste despacho constituíram o melhor estímulo para o estudo do projecto, na aspiração de tentar atingir os resultados que dentro da nossa capacidade pudessem aproximar-se, quanto possível, do que deveria corresponder às esperanças e à confiança que do texto daquele despacho deduzimos, considerando a sua satisfação como motivo de grande felicidade para nós.

Não nos compete comentar o nosso trabalho, mas cumpre-nos confessar que, se o resultado atingido não corresponder ao que se esperava, a falta não é devida a menos interesse mas apenas a insuficiência para dar plena satisfação ao que de nós, generosamente, se esperaria.

. Procurámos não só atender, como nos competia, a todas as críticas formuladas pelo douto Conselho Superior de Obras Públicas e do seu ilustre representante, corrigindo, dentro dos limites do possível o que disso era susceptível, como rever com o maior cuidado todos os pontos da composição, introduzindo-lhe os aperfeiçoamentos que o estudo e a análise de cada parte e do conjunto nos aconselhou.

2 - Julgamos do nosso dever prestar os esclarecimentos necessários acerca dos resultados a que pudemos chegar no intuito de atender aos reparos formulados no "parecer" do Conselho Superior de Obras Públicas.

Alguns deles já tínhamos procurado resolvê-los nos estudos de correcção a que atrás nos referimos, como os respeitantes ao acesso dos professores aos anfiteatros, ao aumento de capacidade do Anfiteatro do 1º Ano e à simplificação do modo de vencer as inevitáveis diferenças de nível no andar térreo.

Se quanto aos primeiros estamos persuadidos de lhes ter dado plena satisfação, quanto às últimas, confessamos que não nos foi possível chegar ao mesmo resultado. O estudo reflectido do problema confirmou-nos que não seria sem grandes inconvenientes que se poderia suprimir os degraus que vencem as referidas diferenças de nível.

Para conseguir um partido geral de volumes que nos permitisse resolver com a recomendável simplicidade o problema, pareceu-nos muito vantajoso que todo o pavimento do Andar Superior se desenvolvesse no mesmo nível, o que nos permitiria de-

finir para cada parte as proporções adequadas, isto é, dar quer às dependências deste andar quer às do Andar Principal a altura proporcionada às suas outras dimensões, jogando com os tectos do andar superior e com os pavimentos do principal, de modo a conseguir as proporções convenientes.

É evidente que tendo, por exemplo, a Sala dos Passos Perdidos comprimento e largura muito superiores às das numerosas dependências que se desenvolvem ao longo das diversas circulações horizontais, a sua altura não poderia ser a mesma que convém a estas dependências. Daí a necessidade de agrupar nos sítios mais aconselhados os degraus que devem vencer a diferença entre os níveis dos diversos corpos.

Pelo que respeita aos degraus para o exterior, também nos pareceu muito inconveniente suprimi-los, porquanto de tal solução resultaria não podermos iluminar suficientemente certas zonas de andar inferior muito frequentadas pelos alunos, o que não se nos afigura vantajoso.

Solução idêntica adoptámos há anos no Pavilhão Central do Instituto Superior Técnico, sem que até hoje se tenham verificado quaisquer inconvenientes.

No entanto, é com sincera mágoa que confessamos não ter podido dar plena satisfação ao reparo do douto Conselho, por não ter encontrado melhor solução do que a que projectámos.

Nos estudos de correcção oportunamente apresentados, apenas tivemos tempo para tentar atender aos três referidos reparos.

. Quanto aos restantes, só agora, no estudo do projecto, pudemos tentar o seu melhor arranjo.

Se para alguns foi possível adopar soluções que correspondam aos pontos de vista do Conselho, para outros já não fomos tão felizes. Assim, por exemplo, não encontramos possibilidade de aproximar muito mais da entrada principal as Salas de Visitas dos Professores, porque, parecendo-nos conveniente situar as outras instalações dos Mestres longe da zona ruidosa e na mesma ala onde colocamos o gabinete do Director e a Sala do Conselho Escolar, a deslocação daquelas salas para perto da entrada teria não só o inconveniente de as aproximar dos locais mais acessíveis aos estudantes, como o de as separar do grupo de dependências onde com mais frequência os professores se encontram.

Pareceu-nos que o pequeno inconveniente da distância a percorrer pelas visitas seria largamente compensado pelas vantagens de bom abrupamento das dependências afins. Contudo, não podemos deixar de declarar que, não tendo a pretensão de ter atingido a solução mais perfeita, aceitamos reconhecidamente as sugestões que possam contribuir para melhorar a composição.

Quando da apresentação dos estudos de correcção, tivemos a oportunidade de focar as vantagens da solução adoptada para os anfiteatros do 4º e do 5º anos. Agora, durante a preparação do projecto, verificamos que, embora a solução possa ser um pouco

mais cara do que se os corpos salientes tivessem o seu apoio directo nas fundações e no esqueleto geral, a perturbação causada ao arranjo da composição do Andar Inferior, na zona desses anfiteatros, traria inconvenientes que a possível economia feita não compensa. Não só a fachada posterior do edifício resultaria demasiado recortada, com numerosos recantos, como as salas do Andar Inferior ficariam prejudicadas no seu arranjo, com apreciável repercussão desfavorável no carácter e nas proporções daquela fachada. De resto, procurámos conseguir que a saliência não seja demasiada e sugerimos uma solução técnica que, segundo o parecer do engenheiro incumbido do estudo da obra de betão armado, permite resolver o problema em condições razoáveis.

3 - Aos reparos formulados acerca da falta de unidade na composição das fachadas procurámos dar satisfação estudando-as de novo afincadamente, com o maior desejo de acertar.

Esclarecidos pelo ilustre vogal do Conselho, Senhor Professor Antão de Almeida Garrett, acerca do sentido dos reparos feitos, adoptámos nos novos estudos, aliás de acordo com o nosso próprio sentimento, maior simplificação e uniformidade dos elementos, procurando dar maior unidade ao conjunto sem deixar de caracterizar, como é das boas regras da Arquitectura, pelos contrastes justificados, a importância e a escala de cada parte.

Procurando tirar o máximo partido dos próprios elementos da estrutura cuja modulação é aparente e dos acessórios da composição, todo o nosso estudo foi orientado no sentido de respeitar e dar escrupulosa satisfação às críticas justas formuladas no "parecer".

Não ignoramos quanto é falível a boa-vontade de quem se vê a braços com um problema de criação e quanto a nossa capacidade de artista nos obriga a ficar distante dos ideais a que aspiramos, restando-nos apenas a satisfação de nos não termos poupado a trabalhos para cumprirmos o melhor que pudemos.

4 - Sem nunca esquecer que este edifício, embora constituindo uma unidade que deve dar satisfação a um programa concreto e próprio, é, no entanto, apenas uma parcela de um todo de invulgar importância, orientámos o seu estudo, como já tínhamos feito com o Anteprojecto, mantendo sempre no nosso espírito a preocupação de salvaguardar a unidade deste.

O respeito devido a certas dominantes da composição geral obrigou-nos a interromper com frequência a preparação do projecto para verificarmos a repercussão dos seus elementos nos outros dois edifícios que com este emparceiram. Tal circunstância exigiu por vezes paragens temporárias que, longe de representarem atrasos na marcha do trabalho, se traduzem, nos parece, em maior segurança quanto ao projectado, pela prévia certeza da concordância da sua harmonia com os outros dois.

A necessidade de fornecer ao Engenheiro incumbido das estruturas alguns dados que lhe permitissem iniciar os seus estudos muito antes de concluídos os nossos, obrigou-nos, por vezes a interrompe-los para proceder ao arranjo em pormenor de alguns trechos do projecto, interrupções que prejudicaram o ritmo do avanço dos nossos estudos, por só ser possível, em tais circunstâncias, que a solicitada pormenorização fosse feita por quem estivesse inteiramente integrado no espírito de toda a composição, ainda, então, não inteiramente acertada.

No entanto, procurámos, por todos os meios ao nosso alcance, recuperar uma boa parte do tempo que nos tinham tomado, o que em grande parte, felizmente, conseguimos.

II - DO PROJECTO

Não há alteração sensível entre a composição que se exprime pelo Projecto e aquela que se deduzia quer do Anteprojecto quer dos elementos de correcção deste.

Do mesmo modo o edifício se distribui em três andares, dois essencialmente ocupados pelas instalações de carácter didáctico e administrativo e um reservado às privativas dos estudantes, do pessoal e dos serviços acessórios. Um muito pequeno quarto andar, como já fora anteriormente previsto, é ocupado pelo Depósito de Livros da Biblioteca Escolar.

. Compreende o conjunto dois grandes pátios ajardinados, um exterior, participando da composição, confinante com a Praça da Universidade, outro interior, constituindo como que um Claustro propício ao repouso e ao silêncio.

Ambos ladeiam a Sala dos Passos Perdidos, mas o seu arranjo varia de acordo com o Caráter de cada um. Enquanto que o exterior deverá ser um logradouro de ar livre, desafogado, onde os estudantes possam circular e permanecer em contacto com a Natureza, o interior terá características de pátio - envolvido, tratado, tanto na sua pavimentação como no seu arranjo decorativo, no sentido de proporcionar o recolhimento e o sossego.

Embora se trate de simples logradouros, consideramo-los como elementos integrados no conjunto das peças necessárias à vida escolar, nos quais os estudantes se podem reunir quer para a simples convivência quer para o estudo por grupos, sem serem obrigados para esse efeito a permanecer em recintos fechados nem a utilizar locais fora da Faculdade. Ao mesmo tempo constituem zonas de desafogo para os estudantes nos intervalos das aulas.

Em volume procurámos caracterizar particularmente cada uma das partes do todo de acordo com as boas regras da teoria da Arquitectura, acusando a sua existência por meio de proporções e de expressão adequada, para se atingir a necessária harmonia.

Tal como a Música, a Pintura e a Escultura, vive a Arquitectura dos contrastes entre os seus diversos elementos, os quais resultam do modo de definir com clareza e simplicidade a importância e, neste caso, quando possível, a finalidade de cada um.

A reunião criteriosa das diversas partes, sem descurar a escala que lhes corresponda, caracterizando cada uma sem atraiçoar a sua função nem o seu valor justo, procurando relacionar entre si todos os elementos constitutivos do conjunto sem perder de vista que a composição de Arquitectura vem do todo, da ideia geral, para o pormenor, é condição basilar para se atingir a harmonia que imprima carácter e algum merecimento à obra.

Foi essa harmonia que procurámos atingir, simplificando e aparentando, sempre que possível, os elementos susceptíveis de se exprimirem por forma semelhante.

O contraste entre os cheios e os vazios e entre as partes principais e secundárias, foi cuidadosamente estudado, para que o conjunto resulte, na sua expressão e no seu carácter, adequado ao seu destino.

O Projecto para a Faculdade de Direito compreende as seguintes peças desenhadas:

1 - Planta esquemática de localização

2 - Planta do Andar Principal

3 - Planta do Andar Superior

4 - Planta do Andar Inferior

5 - Planta das Coberturas e dos Depósitos

6 - Fachada Principal (Sobre a Praça da Universidade)

7 - Fachada Lateral (Sobre a Avenida D)

8 - Fachada Lateral (Sobre a Avenida F)

9 - Fachada Posterior(Sobre a Avenida A)

10 - Corte por A-B (Passos Perdidos e Anfiteatro do 1º Ano)

11 - Corte por C-D (Agrangendo a fachada lateral dos Passos Perdidos e Biblioteca)

12 - Corte por D-C(abrangendo a fachada posterior do corpo das aulas)

13 - Corte por E-F(abrangendo a fachada dos Passos Perdidos sobre o Claustro)

14 - Corte por G-H(abrangendo a fachada dos Institutos sobre o Claustro)

15 - Corte por I-J(abrangendo os Institutos e o Anfiteatro do 3º Ano)

16 - Corte por L-M(abrangendo o Corpo das Aulas,os Passos Perdidos, o Claustro e o Institutos)

17 - Corte por N-O(abrangendo o Corpo das Aulas, a grande Galeria de Circulação e o Anfiteatro do 2º Ano)

18 - Detalhe do Corpo das Aulas

19 - Detalhe da Fachada Sobre o Pátio Exterior

20 - Detalhe da Grelhagem sobre o Claustro

21 - Detalhe do Corpo dos Institutos.

III - DAS PLANTAS

Entre o que se definiu nas plantas do Anteprojecto e respectivos estudos de correcção e o que se indica agora, com maior precisão, no Projecto, não há diferenças sensíveis de partido, mas, apenas, de pormenor, e todas são consequência do estudo mais profundo do problema, no sentido de melhorar e aperfeiçoar as soluções previstas.

De acordo com o Programa cuja transcrição foi feita na Memória Descritiva do Anteprojecto, cada elemento das plantas foi estudado em rigoroso respeito pelas condições nele estabelecidas, procurando-se dar a cada um as dimensões, a configuração e as características apropriadas à sua finalidade.

Como foi já dito, toda a parte principal do ensino e dos serviços administrativos da Faculdade foram distribuídos pelos dois andares designados no Projecto como Principal e Superior, nos quais estão ordenadas as dependências que a seguir se indicam, assim como a numeração que lhes corresponde.

ANDAR PRINCIPAL

I - Átrio
II - Guarda-vento ou Vestíbulo
III - Sala dos passos Perdidos
IV - Grande patamar
V - Passagem

VI - Passagem
VII - Antecâmara
VIII - Antecâmara
IX - Material Didáctico
X - Sala de Ventiladores

1 - Antecâmara
3 - Gabinete do Professor
5 - Antecâmara
7 - Instalações sanitárias de alunos
9 - W.C.- Alunos
11 - Antecâmara
13 - Gabinete de professor
15 - Antecâmara
17 - Gabinete de professor
19 - Material didáctico
21 - Material didáctico
23 - Cabina de projecções
25 - Material didáctico
27 - Material didáctico
29 - Cabina de projecções
31 - Antecâmara
33 - Instalações sanitárias - Alunas
35 - W.C.- Alunas
37 - Sala de Visitas dos Professores
39 - Sala de Visitas dos Professores
41 - Antecâmara

43 - Vestiário de Professores
45 - Instalações sanitárias de Professores
47 - W.C.- Professores
49 - Sala de Professores
51 - Antecâmara
53 - Vestiário do Director da Faculdade
55 - Instalações sanitárias do Director
57 - W.C- do Director
61 - Gabinete do Director
63 - Antecâmara
65 - Sala de Conselho Escolar
67 - Sala-de-espera
69 - Gabinete do Secretário
71 - Instalações sanitárias do pessoal da Secretaria
73 - W.C. do pessoal da Secretaria
75 - Secretaria
77 - Arquivo
77A- Cabinas Telefónicas
79 - Expediente dos alunos
81 - Chefe do pessoal menor
83 - Arrecadação

2 - Antecâmara
4 - Gabinete de Professor
6 - Antecâmara
8 - Gabinete de Professor

DEPÓSITOS DA BIBLIOTECA

D1 - Depósito Principal

D2 - Depósito Reserva

D3 - Encadernação

D4 - Tratamento

D5 - W.C.

ESCADAS

E1 - Escada principal

E2 - Escada principal

E3 - Escada de serviço

E4 - Escada do depósito de livros

IV - DOS ALÇADOS

Todos os alçados correspondem rigorosamente às plantas dos respectivos corpos, acusando com simplicidade cada uma das partes da composição.

Conforme foi exposto na Memória Descritiva do Anteprojecto, em alguns trechos das fachadas, sobretudo da Principal e dos corpos correspondentes aos anfiteatros, prevê-se que o seu revestimento seja feito com cerâmica, numa tentativa de renascimento da indústria artística do azulejo português.

Seria ocioso reeditar as razões então expostas ao conceber esta ideia, limitando-nos a acentuar a esperança de que, dadas as qualidades próprias deste material, que o justificam como óptimo revestimento, e o sentido decorativo, que se inspira no do azulejo português do século XVII, se possa assim abrir caminho para uma tentativa séria de reaportuguesamento da obra de arquitectura contemporânea, conservando-lhe as características de actualidade que lêgicamente deverão corresponder à obra dos nossos dias.

Não nos pouparemos a esforços junto dos futuros colaboradores que vierem a ser incumbidos da execução quer dos cartões quer do próprio azulejo para se atingir o efeito decorativo que se coadune com a intenção e com a expressão geral da obra.

Em certos locais assinalados nas fachadas prevemos obras de escultura em baixo-relevo ou simplesmente gravada, cuja factura acompanharemos junto dos escultores que vierem ser escolhidos para a execução.

A pedra é, no entanto, o material que predomina em certas zonas da composição, embora outros materiais de mais baixo custo estejam previstos para o revestimento de algumas superfícies.

V - DOS CORTES

A necessidade de definir convenientemente todo o conjunto do edifício levou-nos a preparar os diversos cortes, que não só nos permitiram indicar a configuração e o arranjo interior das peças principais, como esclarecer convenientemente à cerca do arranjo de certas fachadas secundárias dos diversos corpos do edifício.

VI - DA CONSTRUÇÃO

Embora o estudo das estruturas seja feito pelos respectivos engenheiros especialistas, não nos seria possível definir o projecto se não previssemos desde o início o seu tipo.

Assim, consideramos uma estrutura geral de betão armado que admitisse paredes de pequena espessura, não suportantes. Também previmos já a distribuição das juntas de dilatação indispensáveis para assegurarem as boas condições de conservação do edifício definindo no projecto os elementos de suporte necessários, nos pontos de junção ou de convergências dessas juntas. Assim, toda a composição está prevista por forma que não deverá sernecessário introduzir-lhe qualquer modificação sensível em consequência do estudo em profundidade do problema de estabilidade.

A assistência que neste sentido recebemos por parte dos senhores engenheiros da C.A.N.E.U. permitiu-nos definir proporções dos elementos essenciais da estrutura em concordância com as prováveis secções que os cálculos venham a determinar com mais rigor.

É evidente que adoptando-se um sistema em que uma boa parte dos pavimentos suspensos será constituida por lajes do mesmo material, haverá que tomar precauções contra a propagação das vibrações pelo edifício, de modo a não causarem incómodos nem perturbações no funcionamento normal das aulas, das dependências do Instituto Jurídico e em todos os outros locais de estudo ou de trabalho. É de crer que a superfície dos dois andares principais, nas partes em que o pavimento não assenta directamente no solo, será totalmente isolada.

As paredes exteriores, não devendo suportar cargas, serão em regra constituídas por alvenaria de pedra em toda a espessura ou de tijolo em dois panos. Só nos casos onde o estudo da estabilidade aconselhar serão construídas de betão armado.

As divisões interiores serão de tijolo ou, em casos especiais, de materiais que, de acordo com a C.A.M.E.U., forem julgados preferíveis.

As coberturas terão estrutura de betão armado e prevê-se o seu isolamento térmico e contra as infiltrações. Não sendo a maior parte das coberturas destinada a logradouro, o seu acabamento deverá ser feito apenas com os materiais necessários para a protecção das camadas impermeabilizadoras e para a limpeza.

Os acabamentos serão definidos pormenorizadamente em peça técnica especial, como é nosso hábito, peça cuja redacção só póde ser iniciada agora, depois de concluídos os últimos estudos do projecto, mas que será entregue, esperamos, ainda antes de terminados os da obra de betão armado.

VII - CONCLUSÃO

O estudo exaustivo do projecto, a preocupação de satisfazer a todos os reparos formulados pelo Conselho Superior de Obras Públicas e o desejo de bem cumprir perante a Sociedade e a Nação a nossa missão profissional não nos permitiram, como era nosso ardente propósito concluír o nosso trabalho antes do prazo contratual.

O cuidado posto na análise de todas as partes da composição e a previsão do modo como poderiam ser resolvidas, dão-nos, porém, a certeza de que, se o nosso trabalho merecer a honra de ser aprovado superiormente, permitirá organizar a marcha dos trabalhos de modo a admitir a rápida construção do edifício.

A simplicidade do arranjo, a facilidade com que se deduzem as correspondências dos elementos da estrutura e de toda a composição e a unidade de carácter da grande maioria das soluções previstas são factores com os quais muito nos preocupámos, no sentido de conseguir aquele objectivo.

Não queremos, no entanto, terminar esta Memória sem afirmar que procurámos servir o melhor que podemos e sabemos quem nos honrou com a sua confiança,não nos poupando a trabalho para cumprirmos o nosso dever no máximo da nossa capacidade.

Bem haja quem nos fizer a justiça de reconhecer a nossa vontade de acertar.

Lisboa, Novembro de 1954

O Arquitecto.

Documento 54.03

MONTEIRO, Porfírio Pardal - Memória Descritiva do Ante - Projecto do Ritz. Lisboa: [Documento dactilografado do Espólio PMA], Dezembro de 1954.

MEMÓRIA DESCRITIVA

do

ANTEPROJECTO

para o

GRANDE HOTEL DE LUXO

a construir pela SODIM junto ao

Parque Eduardo VII

I - INTRODUÇÃO

1 - A importância e a natureza da obra que a SOCIEDADE DE INVESTIMENTOS IMOBILIÁRIOS, abreviadamente "SODIM", vai realizar justificam o caráoter desta Memória àceroa do problema e da solução que se projecta para a construção do GRANDE HOTEL e do modo oomo foram consideradas as suas numerosas premissas.

A iniciativa e os altos objectos da SODIM ao serviço da Cidade e da Nação, o programa das instalações, a viabilidade da exploração do Hotel, as condições particulares do local destinado à edificação e a aspiração de conseguir encontrar um partido susceptivel de permitir a realização de uma obra que oorresponda oabalmente ao seu destino e valorize o nosso patrimó-

nio, constituiram os dados dominantes que comandarem o estudo do Anteprojecto.

Aos numerosos casos consequentes daqueles dados se fará referência nesta Memória, no intuito de dar conta do modo como foram enaarados e resolvidos, de harmonia com a escala da sua importância e influência na composição ou da sua subordinação à unidade da obra.

Fiel a uma doutrina de acção profissional que resulta do respeito pelas regras definidas pelos grandes mestres da Arquitectura, não foi sem sofrimento nem angustiosas dúvidas que, para muitos casos deste complexo problema, optámos por determinadas soluções eleitas entre inúmeras idéias, sucessivamente analizadas e ponderadas, por nos parecerem mais concordantes com os princípios basilares da Teoria da Arquitectura.

Arte de concessões e de sacrificios, na qual o mérito do conjunto resulta não do valor absoluto dos seus pormenores, mas da escala justa que a cada um deve corresponder para assegurar a harmonia do todo, impõe a quem a pratica a missão de conciliar o que tem de subjectivo com o destino útil que a justifica e a distingue das outras artes maiores.

Longe de pretendermos ter conseguido satisfazer inteiramente estes dois fundamentais aspectos na obra que agora temos a honra de submeter à apreciação de quem de direito, não hesitamos, todavia, em afirmar que procurámos estudá-la tão extensa e profundamente quanto as nossas humanas forças permitiram, respeitando humildemente, como nos competia, os inúmeros condicionamentos do programa, no desejo de corresponder à confiança com que nos honram incumbindo-nos da resolução de tão difícil como absorvente

problema.

Dentro do limitadissimo prazo que nos foi concedido, não podemos realizar mais nem melhor, porquanto nem todo o tempo decorrido desde a adjudicação do terreno à SODIM pôde ser aproveitado para o estudo do Anteprojecto. Primeiro, porque o programa das instalações só foi definido posteriormente à escolha da entidade a quem viria a ser concedida a exploração do Hotel; depois, porque todo o estudo da distribuição dos numerosos serviços previstos naquele programa só se apresentou em condições de prosseguir utilmente após as criticas e as sugestões daquela entidade, não residente em Portugal, e, finalmente, porque, ao fim de alguns meses de exaustivo trabalho, houve que abandonar uma solução concebida no sentido de rigorosa e satisfatória subordinação a certas condições naturais do local, para se adoptar outra que respondesse a novas aspirações da SODIM.

Por mais paradoxal que possa parecer, preferimos elaborar alguns dos estudos do Anteprojecto na escala de 1:100, e não na escala de 1:200, como é corrente, porquanto, sendo ainda mais curto o tempo concedido para o estudo e a organização do Projecto definitivo, do Caderno de Encargos e outros elementos necessários à construção, procurámos deste modo ganhar tempo, sem o que seria humanamente impossível cumprir os prazos estabelecidos oficialmente.

2 - Longe de pensar na possibilidade de virmos a ter algum dia que estudar o projecto para a edificação de um grande hotel em Lisboa, há muitos anos que, no entanto, insistiamos, em pura tese, na necessidade da resolução desse problema, da mais premente

necessidade para a Capital, dada a confrangedora e desprestigiante insuficiência, quer em quantidade, quer em qualidade, da sua capacidade hoteleira.

Há já cerca de vinte anos, ou mais, um dos nossos mais conceituados hoteleiros adquiriu a propriedade do Conde de Sabrosa, na Rotunda, para no local construir um grande hotel, iniciativa de que veio a desistir em virtude de circunstâncias que aqui não interessa referir, acabando por vender o terreno às Companhias Reunidas de Gás e Electricidade, a qual chegou a projectar para ali a sua sede.

A construção, posteriormente, noutros locais da Cidade, de alguns pequenos hotéis e a adaptação a este fim de edifícios concebidos com destino bem diverso não conseguiram, apesar de tudo, atenuar sequer o cada vez mais acentuado agravamento das necessidades de hospedagem provocado pela corrente turística que, de modo crescente, convergе para Lisboa, esgotando durante quase todo o ano a capacidade de alojamento de que dispomos.

Se num ou noutro caso as novas edificações ou as adaptações foram orientadas com algum sentido do que são as condições a que deve satisfazer uma conveniente e digna instalação hoteleira, na maior parte, apesar dos esforços do antigo Conselho Superior do Turismo e da boa colaboração do Secretariado da Propaganda Nacional e ultimamente do Secretariado Nacional de Informação, o que se tem feito está não só longe de servir convenientemente as necessidades do turismo, como também de corresponder à mais elementar noção da técnica da hotelaria.

E esta deficiência verifica-se tanto no que respeita às acomodações como aos serviços.

3 - Depois da última guerra, diversas circunstâncias têm provocado tal desenvolvimento das correntes de turistas, que mesmo os países mais afamados pela excelência da sua organização hoteleira têm reconhecido a necessidade de melhorar as condições de exploração dessa importante indústria.

Quer com o auxílio do Estado, quer apenas pela iniciativa particular, a par da construção de muitos novos hotéis, tem-se feito, por toda a Europa livre, a reforma e a modernização dos velhos, adaptando as suas antiquadas instalações aos hábitos e ao gosto dos viajantes de hoje e criando, portanto, as indispensáveis condições de atracção susceptíveis de assegurar bons resultados.

A par de hotéis de grande luxo, muitos outros de mais modesta categoria têm sido construidos, por tal forma excelentemente apetrechados e bem concebidos, que deixam a perder de vista - e quantas vezes vazios - numerosos antigos e famosos hotéis, que, por detrás da sua falsa e ostentosa monumentalidade, apenas oferecem ao hóspede as mais precárias condições de conforto e de higiene. Não são poucos os casos em que as administrações de velhos "Palaces" têm procurado, sem êxito, a salvação baixando os preços das diárias a tarifas por tal modo incompatíveis com os elevados encargos resultantes de instalações desactualizadas, que acabam por fechar as portas por não poderem acompanhar a concorrência dos hotéis que satisfazem aos novos costumes e às novas exigências de quem hoje viaja.

É um facto por toda a parte verificado que, a par de uma grande corrente de turistas de médios recursos económicos que procura os hotéis de preço compatível com os seus meios, mas não dispensa um mínimo de comodidade, uma outra corrente de viajan-

tes endinheirados, sobretudo vindos dos outros Continentes, enche por toda a Europa os hotéis de grande luxo, nos quais as condições de atracção tenham sido concebidas com o intuito de dar plena satisfação a tal categoria de hóspedes.

4 - Com a construção de um grande hotel de luxo não ficará, evidentemente, resolvido o problema hoteleiro de Lisboa. Mas é fora de toda a dúvida que pelo menos se preencherá uma enorme lacuna e será dudo um largo passo para a melhoria sensível das condições de hospedagem na Capital, dotando-a com um estabelecimento capaz de servir a corrente abastada de modo semelhante ao que lhe é oferecido em muitas outras partes e de estimular a realização de outros de mais modesta categoria.

Foi, sem dúvida, por um conjunto de circunstâncias favoráveis que um grupo de homens amantes da Nossa Terra se decidiu levar a efeito, com espirita de servir a Nação e a Cidade, a construção de um grande hotel adequado às necessidades de Lisboa.

Honrando-nos com o seu convite para os coadjuvar na realização deste generoso empreendimento, proporcionou-nos uma oportunidade de tentarmos por nossa parte colaborar dedicada e afincadamente na corporização de uma idéia que em simples tese tantas vezes tínhamos desenvolvido. Deste modo nos considerámos desde o primeiro dia ligados pelo mesmo sentimento patriótico, ao serviço do qual, sem desfalecimento e com desprezo pela nossa precária saúde, temos procurado pôr toda a nossa experiência profissional e a mais decidida vontade de corresponder à confiançaoom que nos honraram.

II - PRELIMINARES DO ESTUDO DO PROBLEMA.

1 - A nossa primeira intervenção neste problema deu-se a título meramente consultivo e particular, e consistiu na escolha do local adequado ao fim em vista. Recaiu a nossa escolha precisamente no terreno que veio, por fim, a ser adquirido pela SODIM.

O local afigurou-s8-nos ser, sem dúvida, o mais apropriado ao fim em vista, concorrendo para a preferência uma série de circunstâncias que dificilmente se verificariam tão favoràvelmente em qualquer outro: situado junto do belo Parque Eduardo VII, hoje valorizadissimo pelo seu primoroso arranjo; ladeado pela rua que conduz directamente à Auto-Estrada e aos Estoris; afastado da zona mais ruidosa da Cidade, mas a poucos minutos do seu principal centro comercial, seja qual for o meio de transporte utilizado; próximo das avenidas que levam ao Aeroporto; dotado de excepcionais condições de desafogo que permitirão dotar o hotel de vastos logradouros; enfim, liberto de quaisquer edificações cuja desocupação pudesse causar atrazos à realização do objectivo.

Que não teria sido desacertada a escolha confirmam-no as decisões do Governo e da Câmara Municipal destinando-o precisamente à construção de um grande hotel de luxo.

Adquirido o terreno pela SODIM, embora não tenha sido possível dar logo início ao estudo do Anteprojecto, imediatamente procurámos coordenar idéias e conhecimentos adquiridos e reunir os elementos de trabalho que, uma vez escolhida a entidade a quem seria confiada a exploração do hotel e a quem competiria estabelecer o programa das instalações, nos permitissem, no momento oportuno, marchar com relativa segurança e cumprir os prazos que

à SODIM tinham sido impostos pelas condições de arrematação do terreno.

2 - Um velho hábito de estudioso nos permitiu formar juízo, desde há muito, àoeroa dos problemas desta natureza. Nas muitas viagens que fizemos oom o objeotivo de alargar conheoimentos sobre a infinidade de problemas que podem ser postos a um arquiteoto, sempre que nos hospedávamos em hotéis que, pela sua importânoia ou aparente perfeição dos serviços, se afiguravam oomo bons exempios prátioos, aproveitámos a oportunidade para visitar e observar as suas instalações, donde oonoluímos que, no geral, o hóspede que, pelo simples facto de pagar o que lhe pedem, se oonsidera no direito de ser prontamente atendido, não faz a menor idéia do que se passa para lá das paredes mais ou menos deooradas das zonas que lhe são especialmente reservadas, nem de que meios é preoiso lançar mão para o satisfazer.

Toda a organização de que resulta a efioiência dos serviços e o bem-estar do hóspede esoapa à sua observação e, no entanto, constitui, em regra, a parte mais importante e mais impressionante, pela sua oomplexidade, duma instituição hoteleira.

Proporcionar ao hóspede oomodidade e agrado desde que este se apresenta no hotel até que se instala e ali passa a viver, ainda que temporàriamente, exige toda uma organização ouja téonioa e ooncepção demandam, além de altas qualidades de coordenação por parte de quem dirige, instalações dispostas em perfeita oonoor - dância oom a sua finalidade no oonjunto, ordenadas racionalmente para assegurar quer a boa qualidade, quer a facilidade, quer, até, a rapidez dos serviços.

Como tantas vezes nos tem sucedido - por mais paradoxal que pareça - temos aprendido mais nas visitas às más instalações do que às boas. Os defeitos ou saltam à vista ou são assinalados nos comentários feitos pelos que sofrem as consequências dumamáconcepção do projecto, e a sua verificação constitui advertência que não é fácilmente esquecida.

3 - As condições de exploração dum hotel, mais do que da riqueza dos seus salões ou do luxo dos aposentos, dependem essencialmente do racional encadeamento dos seus numerosos serviços e do cuidado com que tenham sido concebidas e realizadas as suas instalações.

O hóspede que se inscreve num hotel e vai ocupar o seu quarto não dá conta, em geral, das diligências e movimentos que o pessoal é obrigado a fazer para o servir ràpidaniente e bem.A simples prontidão ou a demora em receber no seu quarto a bagagem que abandonou à entrada são muitas vezes motivos para uma primeira satisfação ou um primeiro aborrecimento e, consequentemente,para a formação de um estado de espírito que o leva imediatamente a considerar como bom ou como mau o hotel que escolheu.

A boa impressão colhida ao entrar num quarto,irrepreensivel de asseio e de arrumação, cujos m6veis e adornos cuidadosamente limpos pareçam novos, dando ao cliente a sensação de que ele é a "primeira pessoa a ocupar aquele local, tem no seu espirito uma tal influência que o predispõe à simpatia e ao agrado e até à tolerância para quaisquer pequenas falhas ulteriormente constatadas.

A facilidade de orientação dentro do hotel, a rapidez com

que for atendido em todos os casos, a prontidão com que qualquer ordem ou encomenda for satisfeita, são condições basilares para provocar agrado no espírito do hóspede.

No entanto, para que tôdas estas e tantas outras condições favoráveis à simpatia do hóspede se verifiquem, é absolutamente indispensável que os meios de o conseguir tenham sido considerados ao elaborar-se o projecto e previstos e ordenados os diversos e numerosos serviços com segure conhecimento de toda a organização de um hotel.

Para cúmulo das dificuldades de composição é de todo o ponto necessário que o hóspede mal suspeite da localização de todas aquelas instalações ,que, embora indispensáveis e vitais, lhe tirariam a ilusão de viver num local de prazer, se as tivesse debaixo da vista.

As numerosas e barulhentas cozinhas, com todos os seus serviços acessórios, as suas reservas e armazéns; as centrais de produção de água quente, de beneficiação do ar, de aquecimento, de arrefecimento, de ventilação, de energia eléctrica, de bombagem; as dependências do pessoal, as redes de abastecimento e de esgoto, as oficinas de reparação; os depósitos de roupas, de móveis e utensílios, de colchoaria, de loiças, de talheres, de vidros; a lavandaria, a engomadaria e a rouparia, o tratamento e evacuação dos detritos; os servj.ços de abastecimento; os administrativos e, enfim, um sem número de acomodações indispensáveis, ocupando por vezes espaços consideráveis e exigindo uma perfeita e racional arrumação que assegure o mínimo de desperdícios de espaço e de tempo, constituem uma parte tão importante do conjunto como aquela que está à vista e serve para desfruto directo do

hóspede.

Se se tiver bem em oonta, portanto, que a principal razão de ser do hotel é servir o seu cliente, não se pode deixar de oonsiderar oomo fundamental, no estudo do projeoto, que a distribuição dos serviços só resultará efiQiente quando oonoebida de modo a que todos oontribuam para aquele fim nas condições mais úteis e favoráveis. Para oonsegui-lo, há que ter não só a noção da importânoia e da função de oada elemento do programa, como da relação entre todos, e conheoer e oompreender quais os movimentos quer do hóspede quer do pessoal dentro do hotel, sem o que será impossivel estabeleoer na oomposição das plantas o encadeamento e a escala dos numerosos looais e serviços de modo satisfatÓrio.

III - DO PROGRAMA DAS INSTALAÇOES

1 - Escolhida pela SODIM a empresa a quem viria a ser confiada a exploração do novo hotel, à qual daqui em diante designaremos genèricamente por "EXPLORAÇÃO", foi por esta definido o programa das instalações que serviu de base aos primeiros estudos do Ante projecto.

Consideramos que este elemento basilar define pormenorizadamente o ponto de vista de pessoas largamente experimentadas na indústria, às quais não foi posta a mínima restrição por parte da SODIM.

A nós, como arquitecto, cumpria-nos interpretá-lo e procurar dar-lhe inteira satisfação nos nossos trabalhos.

Devemos mesmo confessar que sem a cooperação daquela entidade bem diferente seria o serviço que prestaríamos à SODIM. Por mais que o problema nos não fosse estranho e nos parecesse que à custa do nosso método de trabalho poderíamos assumir a responsabilidade de o resolver convenientemente, não nos sentimos decididos a iniciar o seu estudo sem que a SODIM, no seu próprio interesse e como já referimos, tivesse escolhido a entidade idónea que nos deveria dar a assistência necessária.

O contacto com inúmeros hoteleiros demonstrara-nos quanto as concepções de exploração podem variar e os riscos que os interes ses da própria SODIM poderiam correr no caso de esta sociedade fazer aquela escolha somente depois de cooo truído o edifício.

Temos que reconhecer que com este escrúpulo agravámos seriBmente as nossas responsabilidades perante a SODIM,porCluanto, logo que iniciámos os nossos estudos, verificámos que tinhamos pe-

rante nós alguém tão ambicioso de leVar a efeito a construção de um hotel ideal., que nos mais insignificantes pormenores correspondesse aos seus pontos de vista bem definidos não apenas quanto à orgânica mas até à configuração, às dimensões,á posição relativa e às características funcionais dos mais insignificantes eleméntos do todo, que chegámos, por vezes, a arrepender-nos de tais escrúpulos, por tal forma nos parecia impossível dar cabal satisfação a muitas das exigências formuladas.

Apoiando-nos, porém, na concepção da Arquitectura e da acção profissional que sempre nos serviu e que a experiência nos tem comprovado ser a que pode permitir a qualquer arquitecto dar boa conta da sua missão, ou seja não nos deixarmos influenciar por idéias preconcebidas e, pelo contrário, tentar, embora à custa de muito sofrimento, dar plena satisfação às condições do progra ma, ainda que por via de soluções nunca imaginadas, não foi sem muito trabalho, muito desassossegp, muitos desânimos, por vezes, que atingimos, devido à cooperação e amparo entusiástico de dedicados colaboradores, para quem as dificuldades eram como que um estimulo, resUltados que, embora não isentos de defeitos, como tudo quanto é humano, respondem, dum modo geral, correcta e rigorosamente, ás aspirações da Exploração.

IV - DO PARTIDO GERAL DA COMPOSIÇÃO

1 - Uma vez definido o programa das instalações e tendo à nossa disposição um terreno livre com a área aproximada de 13.000 metros quadrados, rodeado por quatro ruas, foi nossa principal preocupação reunir e considerar simultâneamente o conjunto dos outros dados cuja influência na concepção do partido da composição não podia ser descurada, tais como: o relevo do terreno, que, entre dois dos seus vértices, considerados ao nível das ruas circundantes, apresenta um desnivelamento de cerca dos quinze metros; a vizinhança do Parque Eduardo VII; a impertinência dos ventos dominantes no local; os panoramas de Lisboa e, dada a importância e o volume do futuro edifício, a sua implantação de modo a contribuir para valorizar a zona da cidade onde iria ser construído.

Deve-se ainda acrescentar que, das discussões sobre o Programa, resultou estabelecer-se, como princípio fundamental, que cada um dos andares destinados aos aposentos dos hóspedes deveria comportar cerca de trinta quartos, número conveniente para se poder assegurar o bom rendimento de trabalho por parte do respectivo pessoal.. Deste princípio resultou portanto a fixação om próprio programa de dez andares só para este fim.

2 - Tendo em consideração todas as premissas anteriormente referidas, procurámos definir, em esboceto, um primeiro partido de composição que a todas pudesse satisfazer.

Procurámos dGsde logo encontrar solução que não só se odaptasse logicamente às condições naturais do terreno e às cotas de nível dos arruamentos, como permitisse tirar bom partido de uma

série de circunstâncias que deviam favorecer a valorização do hotel, pela impressão causada no espirito do hóspede desde a sua entrada até se instalar.

Da observação atenta do local e do estudo ponderado da sua situação concluimos, ainda antes de ter esboçado qualquer idéia de composição, que a entrada principal do hotel não se deveria fazer, como à primeira vista poderia parecer razoável, pelo lado da Rua Castilho, nem sequer pelo da Rua Joaquim António de Aguiar. No primeiro caso, a entrada, com todos os seus numerosos serviços e anexos, teria que se desenvolver em penetração no terreno, portanto em subterrâneo profundo em relação às ruas Rodrigo da Fonseca e Marquês de Subserra, causando desde logo má impressão a circunstância de se entrar num local forçosamente vasto ,que viveria permanentemente de luz artificial, a não ser que se criassem rampas de forte declive, portanto ruidosas, que,além dos incómodos que causariam, obrigariam a retalbar o terreno com sério prejuizo dos futuros logradouros, tirando toda a grandeza ao conjunto.

Neste caso, o hóspede, ao chegar, entraria no hotel precisamente de costas para o melhor panorama do local, o do Parque Eduardo VII e os montes da cidade a Leste do terreno ,perdendo-se, assim, uma oportunidade de lhe proporcionar uma primeira impressão agra.dável.

No segundo caso, a circunstância de ser a Rua Joaquim António de Aguiar a de maior intensidade de tráfego e a de maior declive de todas as que circundam o terreno desaconselhava que por ela se fizesse a entrada, dadas as perturbações constantes que tal solução traria quer para o trnnsito normaJL e intenso que hoje se

faz por essa artéria, quer para o próprio acesso ao hotel. Neste caso, também, a entrada teria de ser feita a cota muito baixa em relação a outras partes do perímetro, com os inconvenientes apontados anteriormente e a agravante de ficar excessivamente distante da parte central do terreno.

Pelo lado da Rua Marquês de Subserra salta imediatamente à vista que são demasiado desfavoráveis as condições para a entrada principál, não só em virtude da rampa muito acentuada desta rua, como também por ficar voltada precisamente de face aos ventos dominantes.

Sempre se nos afigurou como solução preferível dispor a entrada principal do lado da Rua Rodrigo da Fonseca,não apenas por exclusão de partes, dados os inconvenientes que as outras artérias apresentam, mas porque um conjunto de circunstâncias favoráveis assim o aconselha. De todas as ruas, esta é não só a de rampa menos acentuada, mas sobretudo a que permite em melhores condições o acesso à parte mais elevada do quarteirão.

Prevendo a entrada por este lado, podemos não *só* abrigá-la dos ventos dominantes, como dispor o encadeamento do Vestíbulo e o do Grande Salão (Hall), amplamente rasgados para o exterior,de modo a que, desde a entrada, o hóspede que chega depare com os belos panoramas do Parque e da Cidade.

Na referida solução, indicada no GRÁFICO NO. 1, previamos a composição do edifício abrangendo um corpo a toda a altura, disposto perpendicularmente à Rua Castilho, e outro que, desenvolvendo-se primeiro paralelamente àquela rua, curvava depois para o Sul. Deste modo todos os quartos ficariam voltados a Sul, Leste e Sueste, com excepção de um pequeno número, que ficaria ex-

posto a Sudoeste, mas todos mais ou menos abrigados do vento; do qual também ficava protegida uma importante zona dos logradouros do hotel.

A cota da entrada permitia, neste caso, aproveitar as diferenças de nível locais para dispor, abaixo do pavimento daquela entrada, um outro andar destinado aos Restaurantes, Sala-de-Festas, Cozinhas e outros serviços, e, ainda, debaixo deste, outro que seria ocupado pela garagem e pelos serviços industriais, com acesso ao nível da Rua Castilho.

Tivemos, porém, que abandonar esta solução ,por ter sido considerado demasiado longo o corpo principal dos quartos, o que constituiria, segundo a Exploração, um inconveniente para o bom rendimento dos serviços.

Novo caminho foi tentado, procurando-se portanto atender às oríticas bem fundamentadas feitas ao anterior.

3 - No GRÁFICO NO. 2 indicam-se, também esquemàticamente,as suas características, cujo partido, depois de analizado, discutido,e, por fim, aprovado quer pela SODIM quer pela Exploração, foi desenvolvido e estudado em profundidade durante mais de seis meses.

Nesta solução, o arranjo geral, diferindo bastante do da primeira sob certos aspectos, conservava, no entanto,algumas caracteristicas daquela, por corresponderem a resultados que nos pareciam de manter. Assim, a entrada pelo lado da Rua Rodrigo da Fonseca e o trecho de quartos perpendicular à Rua Castilho subsistiam. O corpo mais extenso tomava não só diferente configuração, como era orientado de maneira um pouco diversa da anterior. Esta massa de construção desenvolvia-se agora quase pnralelamen-

te à direcção dos ventos dominantes e libertava-se de qualquer preocupação de paralelismo com as Ruas Castilho e Rodrigo da Fonseca.

A grande superfície do terreno e o afastamento dos corpos mais elevados em relação às ruas circundantes permitiam aquela falta de paralelismo sem inconvenientes para a estética urbana e com vantagem para a defesa natural do edifício - sobretudo dos quartos - contra os ventos.

Também nesta solução se mantinham, além do andar correspondente à entrada principal, os dois andares inferiores, isto é, um ocupado pelos Restaurantes, Cozinhas e Serviços anexos, e outro, abaixo deste, ocupado pela Garagem e pelos Serviços Industriais do hotel. A Sala-de-Festas e Banquetes, que teria entrada independente pela Rua Joaquim António de Aguiar, ficava neste caso situada a meia altura entre o piso da entrada principal e o nível do andar dos Restaurantes e do Grande terraço e jardins de cobertura da Garagem.

O seu partido que se adaptava logicamente ao terreno e às condições particulares do local e respondia a todas as premissas do programa, chegou a ser estudado com grande desenvolvimento, inclusivamente até a elaboração de todas as suas plántas na escala de 1:100, pouco faltando para se completar com todos os elementos o respectivo anteprojecto, que deveria ser apresentado até 20 de Agosto último.

Apesar do grande avanço dos trabalhos, resolveu a SODIM, no intuito de procurar dar satisfação a aspirações de alguns dos seus sócios, que, sem prejuízo desta solução, que poderia vir a ser retomada, se suspendesse o seu estudo e se tentasse a possi-

bilidade de encontrar outra que admitisse a distribuição num único andar de todos os serviços de entrada, Salões, Restaurantes, Sala-de-Festas, etc., além das dependências directamente ligadas a todos estes locais, tais como as diversas Cozinhas e outros.

Tal resolução correspondia a ter que se retomar o estudo do problema desde o princípio, com todo o cortejo de dificuldades e de tormentos que caracterizara o da solução anterior. As conclusões a que chegáramos e a noção adquirida da superfície que forçosamente ocupariam num único andar todas as partes mais vastas do programa, logo nos fizeram ver que só à custa de uma prorrogação do prazo concedido seria de admitir a suspensão dos trabalhos do Anteprojecto anterior, pois haveria que se adoptar novo partido inteiramente diferente, o que eXigiria um mínimo de tempo susceptível de permitir o seu estudo.

Ao provável abandono da nova solução, no caso de não se conseguir partido satisfatório, corresponderia a necessidadede concluir os trabalhos do Anteprojecto anteriormente suspenso.

Procurando libertar-nos das influências que necessariamente os anteriores resultados exerciam no nosso espírito,atraindo-nos para arranjos então conseguidos após porfiado e meticuloso estudo de cada caso, mas sem abandonar nem esquecer certos princípios que do exame das condições do local tínhamos estabelecido como fundamentais, fosse qual Losse a solução preferida, lançámo-nos na pesquisa da composição que quanto possível respondesse às novas aspirações da SODIM.

Dela resultou a 3ª. solução, a que corresponde nesta Memória o GRÁFICO NO. 3, e, mais desenvolvidamente, o Anteprojecto que com esta Memória se apresenta à apreciação superior.

V - DO PARTIDO ADOPTADO

1-Ocioso seria dizer que se trata de um partido bem diferente dos anteriores, com algumas vantagens sobre aqueles.

Não admitiu, porém, esta nova solução nem a conservação do corpo de quartos perpendicular à Rua Castilho, o qual constituia só por si a principal barreira aos ventos dominantes,protegendo não só o resto do hotel com uma boa parte dos seus terraços e jardins, nem a disposição da parte principal no sentido da razante daqueles ventos.

No entanto, permite que se distribua num único andar tudo quanto se desejava, de que resulta a diminuição do volume dos de soterras o que, não constituindo de modo algum o objectivo em vista, em parte compensa o encargo resultante do sensível aumento da superficie coberta anteriormente prevista.

O inconveniente do vento não podia deixar de ser considerado, para o que foi forçoso adoptar uma solução cuja influência no carácter das fachadas é grande e reside em razões de necessidade e não, como se poderia supor, em fútil intenção de seguir qualquer moda estética meramente formal.

É, de resto, fàcilmente compreensivel que, não se tendo podido orientar o corpo dos quartos no sentido da rasante dos ventos, havia que prever os meios de defesa contra este inconveniente, o qual consista, neste caso, na construção de varandas protegidas por paredes que abrigam cada quarto individualmente.

Quer a SODIM quer a Exploração deram a sua plena aprovação a esta nova solução, cujas características se descrevem tão pormenorizadamente quanto possível nesta Memória e ressaltam da sim-

ples observação do Anteprojecto.

2 - Já foram anteriormente focadas as razões que levaram a tirar do terreno o partido mais favorável à valorização do hotel e do local e a adoptar determinadas soluções de que resulta o espírito da distribuição geral das massas da edificação: escolha do ponto mais apropriado à entrada principal; exposição mais favorável em relação aos panoramas; adaptação ao relevo do terreno e às cotas das ruas circundantes> etc ••

Também não podiam deixar de ter séria influência no desenvolvimento das idéias sobre a composição a conveniência de por um lado dar satisfação aos desejos particulares da SODIM já referidos e por outro a de situar o bloco correspondente aos quartos o mais afastado possível dos alinhamentos das ruas da periferia.

A preocupação de valorizar o local criando um conjunto arquitectónico que, pela sua expressão e pelo seu carácter, pudesse contribuir para dar algum interesse a esta zona da Cidade fez, desde os primeiros ensaios, parte importante do grupo de dados que não podiam deixar de ser considerados como elementos complementares do programa útil.

Em resumo, pode-se dizer que o partido da composição é definido pela previsão de um grupo de dois andares de grande superfície, nos quais se agrupam todas as instalações comuns, sobre uma parte dos quais se ergue uma massa de construção,constituindo o outro grupo, de menor superfície, desenvolvendo-se em altura, destinado às dependências privadas ou individuais, um e outro nltidamente acusados, como, em boa teoria, convém.

O primeiro compreende o Andar Principal e o Andar Inferior.

Nele, porém, deve ser ainda considerado o Andar Intermédio;resultante do aproveitamento, numa zona limitada, da grande altura do Andar Principal.

Se não esquecermos que o nível do piso do Andar Inferior se eleva ainda bastante acima do pavimento da Rua Castilho, compreende-se a razão do aproveitamento de um outro andar, sensìvelmente ao nivel desta rua, aproveitado para a instalação da Garagem para recolha e estacionamento de automóveis, andar que fica,portanto, abaixo das grandes superfícies de terraços e jardins que se desenvolvem na frente do hotel.

O segundo grupo é constituído essencialmente por dez andares comportando cada um trinta quartos e os respectivos serviços.

Faz ainda parte deste grupo um Andar Técnico, situado sobre o Andar Principal, de pequena altura, não habitável, destinado ùnicamente à distribuição e inspecção das redes de esgotos,águas, electricidade, ventilação, condicionamento do ar, etc..

Da conjugação racional dos numerosos elementos destes dois grupos de andares resulta portanto o partido geral da composição, cuja expressão so procurou traduzir com clareza e simplicidade e se define por meio dos elementos técnicos que acompanham esta Memória.

3 - Embora estejamos habituados a verificar, com tristeza, que muitas vezes se chegue a formar juizo àcerca das qualidades dum projecto de Arquitectura principalmente atravéz da expressão das suas fachadas, não queremos, como é nosso costume, largamente comprovado, fugir às boas regras da ética profissional e do respeito pelos mais elementares princípios da teoria e da filosofia

da Arquitectura.

Começamos portanto por descrever e justificar as plantas da nossa composição como elementos basilares da tradução do programa que nos foi proposto e do qual procurámos tirar o partido que a nossa capacidade de interpretação e de expressão permitiu.

Embora todas as plantas tenham entre si a relação que resulta da interdependência dos numerosos serviços e instalações distribuídos pelos diversos andares, três delas têm primordial influência na expressão do conjunto: a do Andar Principal, a do Andar Inferior e a dos Andares dos quartos.

Enquanto que as duas primeiras abrangem todos aqueles serviços que se estendem em superficie, a terceira comanda o desenvolvimento do edificio em altura.

Servir o hóspede, proporcionar-lhe a máxima comodidade, facilitar o seu acesso a todas as partes que lhe são especialmente reservadas, assim como ordenar os Serviços de maneira que o pessoal possa cabalmente desempenhar a sua missão, são condições basilares que nos obrigam a prever a sua ordenação de modo que o bom objectivo não seja perdido nem sequer prejudicado. por isso, como é das boas regras, a composição só poderá apresentar condições de satisfação desde que se procure distribuir as necessárias e numerosas dependências não com o intuito preconcebido de obter efeitos de mero pitoresco, de monumentalidade ou de luxo, mas ùnicamente de dispô-las com lógica e bom sentido,tentando, evidentemente, tirar delas, depois, o partido estético que as valorize e ao conjunto à custa da expressão e do carácter adequados à sua função e à sua importância.

Ainda que sem a pretensão de ter conseguido atingir a satis-

fação destes bons e puros princípios da composição arquitectural, resta-nos a certeza de nos não termos poupado a esforços para o alcançar. A distância a que ficámos somente exprime o grau da nossa insuficiência.

4 - Para esclarecer àcerca do partido faremos primeiramente a descrição da nossa composição segundo o arranjo correspondente a cada andar.

ANDAR PRINCIPAL

Situando a Entrada Principal do lado da Rua Rodrigo da Fonseca, à cota 93,00, procurou-se facilitar o acesso dos automóveis até junto desta, de modo que os hóspedes possam entrar no hotel e sair protegidos pelo Abrigo projectado.

Um primeiro Átrio, defendido por duas filas de guarda-ventos, defende o Grande Vestíbulo e todo o interior da parte central do hotel das correntes de ar.

No Grande Vestíbulo estão distribuídos os seguintes serviços:

à direita a Recepção e a Caixa;

á esquerda: o Porteiro; as Informações; a Venda de jornais e Revistas e a Agência de Viagens.

Em directa ligação com a Recepção fica, por detrás, o Gabinete do Director e o da sua Secretária e em contacto com a Caixa estão dispostos o serviço de Cofres-Fortes e o escritório da Conta, este comunicando também com a Recepção.

Do lado oposto, o local do Porteiro, disposto de modo que este possa observar tudo quanto se passa no Vestíbulo, liga directamente com o Serviço de Bagagens, o qual está sob sua fiscali -

zação.

Ao fundo do Vestíbulo, do lado oposto à entrada, rica situado o Grande Salão, largamente aberto sobre o Parque Eduardo VII e os panoramas da Cidade.

Entre o Vestíbulo e o Grande Salão, dois grupos de Ascensores dando directamente para o Vestíbulo ligam este com os diversos andares do hotel. Ainda entre aquelas duas grandes dependências desenvolvem-se à direita e à esquerda amplas Galerias de Circulação: a da esquerda serve o Vestiário, as Instalações Sanitárias comuns, a Sala-dos-Pequenos-Almoços, a Pequena Sala-de-Banquetes e a escada de acesso ao Andar Inferiar e aos Terraços e Jardins; a da direita, liga aos Telefones, ao Boteguim, às Lojas, ao Barbeiro e ao Cabeleireiro, à Escada Principal, à Escada de Acesso ao Salão-de-Exposições e ao Grande Terraço Coberto.

O Grande Salão, peça central cuja larga e extensa varanda se debruça sobre os terraços e os jardins do hotel, liga através de uma Jardineira com o Restaurante. Este, voltado ao Sul, tem na sua frente uma vasta varanda coberta que liga por sua vez com a do Grande Salão e, como esta, se sobrepõe aos Terraços e Jardins.

No topo deste corpo, a Sala-de-Festas desenvolve-se,com frente para o Parque Eduardo VII, tendo sobre a Rua Castilho uma larga varanda-terraço.

O acesso à Sala-de-Festas é feito por dois lados: directamente da rua e também do interior do hotel. Dada a grande diferença de nível entre o piso da Sala-de-Festas (o mesmo de todo este andar), a sua entrada pelo lado da rua faz-se no andar inferior e será descrita pormenorizadamente mais adiante.

O ingresso na Sala-de-Festas pelo interior do hotel faz-se

passando do Grande Salão pela Jardineira à Galeria elevada que corre ao longo do tardoz do Restaurante, sobre a zona das Cozinhas.

A razão destas duas entradas é exigência do programa e reside na circunstância de pretender a Exploração que esta Sala possa servir quer para cerimónias que convenha tornar completamente independentes do movimento normal do hotel, quer para outras que, pelo contrário, contribuem para animar as suas Salas e Salões.

A restante superfície deste andar é ocupada pelos serviços que, não sendo frequentados pelos hóspedes, não podem deixar de estar ligados às dependências que lhes são reservadas. Assim, o Restaurante, a Sala-de-Festas, a Pequena Sala-de-Banquetes e a Sala-dos-Pequenos-Almoços são servidas directamente pelas diversas cozinhas situadas ao mesmo nível, as quais, por sua vez, exigem que junto delas sejam distribuídas numerosas instalações indispensáveis para que o pessoal possa preparar e servir com facilidade, rapidez e eficiência.

Deste encadeamento forçoso, inteiramente satisfeito nos nossos estudos, resulta que a zona de Serviços instalada neste andar compreende: a Cozinha Quente, a Cozinha Fria; a Cafetaria e Cozinha do Leite; a Pastelaria e a Padaria; a Adega do Dia; as Câmaras Frigoríficas; as Reservas; as Lavagens; o Economato, etc.

Além destas instalações e ainda na mesma zona ficam a Entrada de Serviço com o Posto de Fiscalização das entradas e saídas do pessoal e das mercadorias, a Contabilidade e o Posto Médico.

No local mais conveniente situámos a Copa Geral dos Quartos ("Room-Service"), da qual partem os quatro monta-cerros que ligam directamente as diversas dependências anteriormente descritas

com as Copas de Serviço dos andares para a distribuição dos pequenos almoços ou outras refeições servidas nos aposentos dos hós pedes.

ANDAR INFERIOR

É assim designado aquele que fica imediatamente abaixo do Andar Principal.

Apesar de situado a uma cota relativamente inferior à da entrada principal (88,50), o seu pavimento fica, no entanto, bastante elevado em relação à Rua Castilho.

A este andar corresponde, aproximadamente, o nível dos grandes terraços e jardins que se desenvolvem na frente do hotel.

Nele estão instalados o Restaurante dos Grelhados ("Grill - -Room"), o Restaurante Típico ("Dancing"), o Jardim de Inverno e o Grande Salão-de-Exposições, bem como as entradas independentes de qualquer daqueles Restaurantes e da Sala-de-Festas, para a clientela adventícia que venha directamente do exterior, sem atravessar o hotel.

No entanto, todas aquelas dependências importantes têm, como já foi dito, acesso directo também do interior, podendo neste caso serem utilizadas as escadas ou os elevadores respectivos.

As restantes partes da superfície coberta deste andar são ocupadas pelos Vestiários e Instalações sanitárias do pessoal, bem como pelos denominados Serviços Industriais, que abrangem as centrais de Aquecimento e de produção de Água Quente, a Central Eléctrica de Socorro, a central de Tratamento de Águas, o Posto de Transformação, o Quadro Geral, as Centrais de Ventilação e de Condicionamento do Ar, a Central do Frio, a Lavandaria, a Roupa-

ria, a Incineração dos Lixos, as Oficinas de canalizador, electricista, marceneiro, estofador, etc., enfim, todas as instalações indispensáveis a uma instituição deste género.

ANDARES DOS QUARTOS

Já anteriormente foi referido que, segundo a opinião autorizada da Exploração, o número de quartos servidos por uma equipa de pessoal (criados e criadas de quarto e criados de mesa) deve andar por cerca de trinta que a experiência terá demonstrado ser o conveniente para assegurar perfeita assistência aos hóspedes e o bom rendimento do trabalho.

Como condição fundamental para promover aquele bom resultado, a perfeita e rápida ligação vertical entre as Cozinhas e as Copas dos andares é de rigor, o que foi inteiramente conseguido na nossa solução.

É evidente que, ao empregar a designação genérica de QUARTO, queremos evitar a denominação francesa, hoje adoptada universalmente, de "appartement", repugnando-nos o galicismo napartamenton usado pelos brasileiros e já adoptado em muitos casos em Portugal.

Portanto, quando nos referimos a quartos, consideramos todo o APOSENTO constituido pelo conjunto normal destinado a cada hóspede, abrengendo, pelo menos, além do Dormitório ou quarto de cama propriamente dito, um Antecâmara, Armários encastrados nas paredes ou em compartimento próprio e um grupo de Instalações Sanitárias compreendendo, em peças separadas, a Casa-de-Banho com banheira, chuveiro e dois lavatórios, o Duche e a Retrete.

Nos aposentos de maior luxo a instalação abrange ainda um Salão Particular. Neste caso estão os do centro do edificio e os

do topo Sul, dada a sua situação privilegiada em relação aos panoramas.

Cada aposento tem ainda uma ampla varanda privativa aberta para o exterior, a qual foi prevista, como já foi referido, para constituir a barreira de protecção dos quartos contra a acção dos ventos dominantes.

Desde os primeiros estudos, considerámos como solução conveniente aquela em que todos os quartos, sem excepção, pudessem ter janelas para o exterior, e quanto possível sobre os panoramas da Cidade, rejeitando toda e qualquer outra em que fossem aqueles dispostos voltados para pátios interiores, solução que é de admitir nos casos correntes, quando a superfície do terreno seja excessivamente acanhada, o que não acontece agora.

Também considerámos como solução ideal aquela em que a distribuição dos quartos se fizesse de modo que de qualquer deles se não pudesse fàcilmente devassar, através das janelas, o que se passa nos outros.

Dada a latitude de Lisboa e a agressividade dos ventos dominantes, os aposentos voltados apenas a Norte deveriam, senão evitar-se, pelo menos ser reduzidos a um número mínimo e, neste caso, seria indispensável prever as possíveis cooo ições de defesa contra aquele inconveniente.

O partido indicado na respectiva planta demonstra dentro de que limites foram satisfeitas as condições desejáveis.

Em cada andar, 19 têm frente para o Parque Eduardo VII e 11 para o lado oposto, e, destes últimos, todos os situados do 4º. andar para cima deverão ficar completamente libertos da barreira constituída pelos prédios vizinhos.

Os previstos nos dois topos de cada andar têm frente para dois e, nalguns casos, para três lados, sendo, no entanto, os situados no topo Sul os que constituem os conjuntos de maior luxo, dada a sua situação excepcional.

Em cada andar está previsto um grupo de dependências destinadas aos diversos serviços do pessoal, dominando entre todas a Copa do Andar ("Room-Service"), onde estão instalados os ascensores transportadores dos carros para a distribuição dos pequenos almoços e outras refeições nos quartos. As restantes dependências destinam-se à Governante, às Criadas e Criados de Quartos, às Reserves de roupas, às Bagagens, à escada de serviço e às instalações sanitárias do pessoal.

O modo como foram distribuidos os principais aposentos permite criar "sequências" ou "suites" que podem abranger desde dois até seis quartos e um salão privativo e admitir, dentro destes limites, numerosas conjugações segundo a conveniência dos hóspedes. Deve-se esclarecer que na contagem do número de quartos (300) estão compreendidos os respectivos salões como quartos independentes, visto que em casos de extremanecessidade estes podem ser utilizados como quartos ligados ao principal do respectivo grupo.

ANDAR INTERMÉDIO

É o de menor superfície, em relação a qualquer dos outros, e corresponde ao aproveitamento de uma parte do pé direito necessário para o Andar principal, do qual alguns salões e outras dependências exigem altura que não seria razoável generalizar a todas as que o compõem.

Neste andar intermédio está instalado um grupo de algumas sa

las que convinha afastar da zona de maior bulício, como asde Leitura e Correspondência, Jogos, Conferências, Gabinetes de Dactilograria, etc•• Este conjunto de salas e gabinetes pode, quando da realização de congressos, servir para nelas se instalar ores pectivo Secretariado, bem como as comissões de trabalho e,em certos casos, para a realização de reuniões.

Uma ampla galeria, servida pela escada principal e pelos elevadores, dá acesso a todas estas dependências destinadas aos hóspedes;.

Uma vasta varanda coberta, situada no topo Sul do edifício, remata o referido grupo.

Além das dependências indicadas, ficam ainda situadas neste andar as Residências do Director do Hotel e do Director do Restaurante.

No topo Norte estão instalados os Refeitórios dos criados dos hóspedes ("Courriers") e do pessoal do hotel, os quais têm serventias próprias.

Em corpo destacado, ligado quer ao interior do hotel, quer à entrada de serviço, estão distribuidos os quartos do pessoal dos clientes e do hotel, rigorosamente separados dos aposentos dos hóspedes e das dependências comuns a estes reservadas.

Também neste andar estão previstas grandes zonas destinadas à instalação das grandes reservas de roupas, aparelhos e acessórios.

ANDAR TÉCNICO

Nada tem de particular este andar quanto à sua composição. Foi previsto come um elemento indispensável para se poder resol-

ver com perfeição quer o problema da distribuição das diversasre des necessárias, quer para assegurar em boas condições a conservação das mesmas, sem perturbação para os serviços nem incómodos para os hóspedes.

Bastará reflectir um momento sobre as características normais da composição de um hotel para imediatamente se concluir quanto é perigoso adoptar qualquer sistema diferente daquele que concebemos.

O simples facto de dispor as salas e outras grandes dependências no andar térreo, sobre o qual se devem acumular em muitos andares outras em grande número servidas por densas redes de canalizações de toda a espécie, é suficiente para se fazer idéia dos inconvenientes que qualquer simples separação pode acarretar para o funcionamento dos serviços do hotel, se não tiver sido previsto o modo de os evitar.

A circunstância de a maior parte das instalações sanitárias estarem situadas na faixa central dooorpo dos quartos, bem como os comprovados perigos resultantes da simples existência das descargas dos respectivos esgotos junto dos pilares ou das paredes interiores, aconselham que se procure desviá-las para fora das zonas onde passem causar perturbações ou deteriorar, em casos de rotura ou de má vedação e das cbnsequentes reparações, o arranjo decorativo dos locais frequentados pelos hóspedes.

A prudência recomenda que se procure não só facilitar a inspecção permanente das tubagens como tomar as precauções adequadas para que qualquer trabalho possa ser feito sem necessidade de deteriorar qualquer parte da edificação.

Certos de que valeria a pena ponderar este aspecto técnico

do problema até encontrar solução que permitisse o bom resultado prático desejado, chegámos à conclusão de que o melhor meio seria o de criar uma grande caixa geral de visita e inspecção com a altura apenas suficiente para que dentro dela o pessoal pudesse trabalhar em qualquer ocasião, de que resultou o arranjo que designámos por Ardar Técnico.

Trata-se, em rigor, de um grande vazio ocupando toda a superficie da base do corpo dos aposentos, ao longo do qual se faz a distribuição horizontal de todas as redes de alimentação e de esgoto, bem como das grandes condutas do ar condicionado e de ventilação das principais salas do andar principal e dos quartos e instalações sanitárias.

Quer dizer: é deste andar técnico que partirão, quer para cima quer para baixo, muitos dos numerosos ramais principais das diversas redes das instalações necessárias indispensáveis.

Se se observar a composição dos aposentos agrupados nos dez andares, constata-se que foram previstas numerosas fugas ou chaminés verticais, visitáveis, destinadas a comportarem todas as tubagens de alimentação e de evacuação. Estas condutas (»couretes«) partem do tecto deste andar técnico e terminam abertas na parte superior da cobertura do terraço do edificio.

O pé direito deste grande vazio permite que as canalizações de esgoto, logo que deixem a vertical, possam ser distribuidas com a inclinação suficiente, para o ponto mais favorável à sua descida até às caixas de visita da rede geral de evacuação. Deste modo, quer ao longo das linhas verticais quer no percurso dentro do andar técnico toda a tubagem ficará à vista, tornando-se fácil a sua reparação a todo o momento.

Do mesmo modo as condutas de ventilação e de distribuição do ar condicionado, as densas redes de canalizações de água quente e fria, dos condutores de electricidade para luz e força, das instalações telefónicas, do aquecimento, etc., ficam acessíveis em quase toda a sua extensão.

A nossa concepção dá lugar às condições que permitem não só inspeccionar constantemente o estado das redes, como fazer a maior parte das reparações ou modificações sem incomodar os hóspedes nem perturbar os serviços do hotel.

ANDAR DA GARAGEM

A configuração e o perfil do terreno permitem que abaixo do nível dos grandes terraços e jardins, correspondentes ao denominado Andar Inferior, se disponha ainda de altura suficiente para instalar nos baixos do hotel um local destinado à recolha e guarda dos automóveis dos hóspedes.

Esta garagem, dotada de todas as condições para poder ser prestada a necessária assistência aos clientes, embora tenha a sua entrada pelo lado da Rua Castilho, terá também uma ligação interior, por meio de uma Galeria que conduz às colunas dos ascensores e dos monta-bagagens, o que constitui uma apreciável comodidade para o hóspede que conduza ele próprio o seu carro, pois poderá assim dirigir-se dos seus aposentos à garagem, ou vice-versa, sem ter necessidade de sair à rua.

Na planta correspondente à garagem está indicada a situação e a serventia da Adega Geral, bem como a entrada do Restaurante de Grelhados e do "Dancing" pelo lado da Rua Castilho.

Quanto à Adega, considerou-se vantajoso situá-la em local on

terrado, que assegurará a invariabilidade de temperatura conveniénte para a boa conservação dos vinhos, sem necessidade de recorrer a processos mecânicos. Esta Adega é servida por uma Galeria que liga directamente à entrada de serviço por meio de uma escada e de um monta-cargas.

A entrada dos Restaurantes, embora se faça a um nível superior ao da entrada e do piso de Garagem, indica-se na planta deste andar, porquanto constitui desdobramento indispensável para se definir mais rigorosamente a situação do Vestiário respectivo.

VI - PARQUES DE ESTACIONAMENTO

Dada a grande superfície do terreno, foi o edifício concebido de modo a afastar do alinhamento das ruas da periferia os corpos correspondentes às zonas frequentadas pelos hóspedes.

Da solução adoptada resulta a previsão de amplos espaços livres destinados a parques de estacionamento. Os principais estão situados próximo da entrada principal do hotel, por ser o local onde há maior probabilidade de acumulação de automóveis.

VII - TERRAÇOS, JARDINS E COBERTURAS

No partido da composição está previsto e indicado o espírito do aproveitamento de uma grande parte das superfícies descobertas, que constituirão nalguns casos logradouros do hotel e elementos de valorização do seu conjunto, e noutros as simples coberturas dos diversos corpos.

A parte mais importante dos logradouros é constituída pela cobertura da garagem e pelos terrenos livres confinantes com a Rua Castilho e a Rua Joaquim António de Aguiar, na qual, além de grandes zonas pavimentadas e compostas de modo a constituírem um belo tapete decorativo, se prevêem tanques e espelhos de água e partes ajardinadas dispostas em vários socalcos adaptados ao relevo do terreno devidamente arranjado.

O terreno livre confinante com a Rua Rodrigo da Fonseca é em parte ajardinado e em parte pavimentado, não só para permitir o conveniente acesso à entrada principal do hotel, como para constituir parques de estacionamento de automóveis, próximos dessa entrada.

A cobertura da parte correspondente às Cozinhas, Restaurante e Sala-de-Festas será revestida de modo a formar um tapete cuja vista das varandas dos quartos seja agradável, mas não se prevê que deva constituir logradouro para os hóspedes. De resto, por não estar protegido com corpos de edificação elevados, do lado da Rua Marquês de Subserra, fica este local muito exposto aos ventos dominantes, o que será bastante para desaconselhar o seu aproveitamento.

O corpo correspondente ao bloco dos quartos é coroado por um

terraço coberto, tendo a respectiva cobertura a finalidade de o abrigar do sol e de permitir que as condutas de ventilação das retretes se prolonguem acima dela, de modo que os cheiros não impeçam a sua utilização como logradouro dos mais apreciados ,dados os admiráveis panoramas que dele se podem desfrutar quer sobre a cidade quer sobre as regiões que a rodeiam.

É de crer que neste terraço venha em qualquer ocasião a ser instalado Um pequeno Restauranije de luxo, bem defendido dos ventos, o qual constituirá, dada a sua situação privilegiada, uma atracção do maior interesse para a Cidade e para a exploração do hotel. A solução será relativamente fáCil, porquanto quer as escadas quer um ou dois dos elevadores se prolongam já até ao nível conveniente.

VIII - DAS CIRCULAÇÕES

A ligação entre os numerosos serviços e dependências do hotel exige a previsão de uma importante rede de circulações, tanto para uso dos hóspedes oomo para o trabalho do pessoal. A sua distribuição, dado que tal rede oonstitui um pesado agravamento da área de construção, obrigou a estudo muito ouidado no sentido não só de o reduzir ao mínimo, evitando percursos desnecessários, como de tornar fácil e claramente compreensível o acesso a qualquer das partes da edificação.

Ao profundar este aspecto do problema, não nos esquecemos que do modo como fosse concebido o encadeamento de todas as partes desta imensa rede, poderia resultar, em grande escala, o bom ou o mau rendimento dos serviços. Por isso procurámos ordenar a distribuição das circulações de maneira a torná-la clara, simples e tão ajustada quanto possível às necessidades do programa das instalações, sem nos deixarmos seduzir por qualquer preocupação de efeito meramente decorativo, antes procurando tirar de cada elemento, justificado na sua função útil, o partido que contribuisse para a valorização estética da composição.

O simples exame do esquema que preparámos para pôr em destaque o conjunto das circulações esclarece àcerca do desenvolvimento e da razão de ser do sistema previsto, tanto para os hóspedes como para o pessoal.

As circulacões horizontais compreendem, segundo os casos, galerias mais ou menos amplas, corredores e patamares, devendo também considerar-se nelas abrangido o próprio Vestibulo Geral do hotel, como local de grande movimento, do qual partem as princi-

pais linhas, tanto da rede horizontal como da vertical.

Nas zonas reservadas aos hóspedes, as galerias, quer pelas suas proporções quer pelo seu arranjo, são tratadas de modo a valorizarem o conjunto. Nas de serviço as circulações limitam-se às medidas ajustadas com suficiente desafogo à função que a cada trecho compete.

Nos andares dos aposentos, as galerias, que se desenvolvem em dois braços a partir do grande patamar central servido pelos ascensores, mantêm largura constante nos corpos em que os quartos se distribuem dos dois lados de cada braço e alargam na extensão correspondente aos Serviços, para que nesta parte o movimento de entradas e saídas do pessoal nos diversos locais não perturbe a livre passagem dos hóspedes.

As circulações verticais são constituídas por grupos de ascensores, monta-bagagens, monta-cargas, monta-carros e por escadas.

O modo como se prevê o abastecimento da energia eléctrica ao edifício, quer de duas fontes da rede pública quer da central privativa, assegura a possibilidade da boa eficiência dos meios mecânicos de comunicação vertical.

Afastada toda e qualquer possibilidade de expansão de incêndios, dado o tipo de construção que se adoptará,e prevista, dentro de certos limites que se afiguram razoáveis, a defesa contra os tremores de terra, nada justifica a instalação de um número de escadas superior ao indicado, pois constituiriam sem dúvida um peso morto, absolutamente teórico, na edificação,porquanto está demonstrado que em regra, nos hotéis, raríssimas são as pessoas que se servem das escadas, até mesmo para descer. Quando

muito, utilizam-nas entre dois andares.

As circulações verticais por meios mecânicos compreendem:

4 ascensores para os hóspedes, servindo todos os andares;

1 ascensor de acesso à Sala-de-Festas;

1 ascensor de serviço para o pessoal;

2 monta-bagagens;

1 monta-cargas na zona industrial e de serviço;

4 monta-carros para serviço dos criados dos quartos;

2 monta-pratos entre as Cozinhas;

1 monta-garrafas;

1 ascensor de acesso à Adega Geral.

As circulações verticais por meio de escadas abrangem:

duas escadas a toda a altura (principal e de serviço);

uma escada servindo o Jardim de Inverno, o Restaurante dos Grelhados e o Restaurante Típico;

uma escada de acesso à Sala-de-Festas;

uma escada de acesso à Galeria da mesma Sala;

uma escada ligando ao Salão-de-Exposições;

uma escada ligando a zona de Serviços ao andar industrial e aos dois andares dos quartos de pessoal;

uma escada ligando as Cozinhas dos dois andares;

uma escada de acesso da entrada de serviço à Adega Geral.

Deve-se esclarecer que o número de elevadores e de escadas, bem como a sua situação no edifício, é justificado não só pelas necessidades do serviço, o que é lógico, como pelas concepções da Exploração quanto à fiscalização do movimento das pessoas que devam frequentar o hotel.

Conhecida a rede de circulações, fácil é de verificar como

todas as deslocações, quer dos hóspedes quer do pessoal,se fazem sem retrocessos e, sempre que necessário, simultâneamente.

Assim, por exemplo, para o hóspede que chega ao hotel, logo que toma o ascensor que o conduz ao andar do seu aposento, pode marchar em paralelo o monta-bagagens que lhe permitirá receber as suas malas no momento de se instalar.

Do mesmo modo, quando, já acomodado, pedir o seu pequeno almoço ou, a qualquer hora do dia ou da noite, uma bebida ou refeição, o dispositivo dos respectivos serviços, com seus monta-carros e com directa ligação às Cozinhas e Adegas, imediatamente posto em marcha, dar-lhe-á ràpidamente satisfação.

Nas suas deambulações por todo o hotel não terá motivos para hesitar sobre o caminho que o conduz aos Salões, aos Restaurantes, aos Jardins, aos Terraços, ao Botequim, aos Cabeleireiros, enfim, a qualquer local, tão claras e simples se procuraram definir as circulações respectivas.

Ainda que outros problemas excepcionalmente difíceis tenham sido resolvidos de modo a darem satisfação ao programa, este foi dos que nos mereceram especial cuidado, porquanto reconhecemos, par experiência própria, quanto a clareza de distribuição das comunicações pode contribuir para tornar agradável ou não a vida dentro dum hotel onde nos instalemos pela primeira vez.

IX - DOS ACESSOS AO HOTEL

1 - Em teoria, pode-se dizer que um hotel apenas deve ter duas entradas: uma para os hóspedes e outra para o pessoal, fornecedores, abastecimentos, etc., bem separadas de modo a não se interferirem.

Na prática, circunstâncias particulares podem impor a necessidade de mais algumas, segundo as condições especiais a que haja que atender.

No caso presente, é fora de dúvida que as duas entradas fundamentais têm importância dominante, mas certas realidades levaram a prever outras em virtude de determinadas razões que se expõem.

Para simplificar, diremos que no Anteprojecto, de acordo com as exigências do programa e com as características do terreno, tivemos que considerar as seguintes: a principal, a de serviço, a da Sala-de-Festas, a dos Restaurantes de Grelhados e Típico, a do Salão-de-Exposições, a da Garagem e a do Posto-de-Transformação da energia eléctrica.

A principal e a de serviço não carecem de qualquer justificação especial.

2 - A da Sala-de-Festas obedece a uma determinação particular do programa, porquanto se pretende, como já foi referido, que, para determinado género de actos ou de cerimónias que nela se possam dar, há conveniência em separar as pessoas que nelas tomarem parte dos hóspedes e do interior do hotel. Para este fim o acesso foi previsto precisamente por baixo da respectiva sala, aprovei-

tando a diferença de nível entre o piso desta e a Rua Castilho.

3 - A entrada do Restaurante dos Grelhados e do Restaurante Típico, que também servirá de "Dancing", justifica-se pela necessidade de assegurar a estas instalações uma certa independência do resto do hotel, facilitando, no primeiro caso, o seu acesso às pessoas que venham directamente da rua apenas para almoçar ou jantar e não desejem atravessar os salões, e no segundo,porque,funcionando o Típico principalmente bastante tarde e até altas horas da noite, há todo o interesse em que a sua clientela não perturbe a vida normal do hotel.

Isto não quer dizer, no entanto, que qualquer destes dois restaurantes não tenha também acesso directo do interior do edifício para os hóspedes que queiram frequentá-los.

4 - O Salão-de-Exposições necessita duma serventia própria, não só para a entrada do material ou dos artigos que forem expostos (automóveis, mobiliário, obras de arte, artigos de artesanato regional, modas, etc.), como para, quando conveniente, se facilitar a visita do público sem que este tenha que circular pelo interior do hotel. Também, como nos casos anteriores, o acesso dos hóspedes ao Salão-de-Exposições está assegurado.

5 - A entrada da garagem não necessita de justificação e a do Posto de Transformação é imposta pelos próprios regulamentos da companhia concessionária.

6 - É facto que quanto maior número de aberturas houver, maiores

encargos acarreta a sua fiscalização. Contudo, deverá observar-se que tanto a entrada principal como a de serviço, bem como ainda a da garagem e a dos Restaurantes têm os seus guardas próprios. As da Sala-de-Festas e do Salão-de-Exposições apenas necessitam de pessoal fiscalizador quando eventualmente funcionem, o que está compensado por esse simples facto, pois a utilização dos locais produz receita extraordinária.

X - CARACTERÍSTICAS TÉCNICAS

1 - Teve a SODIM o cuidado, ao confiar-nos a resolução deste problema, de convidar ao mesmo tempo alguns técnicos especialistas, a quem entregou o estudo em profundidade de diversas partes técnicas nele abrangidas.

Assim, quer para a obra de betão armado, quer para a das instalações de aquecimento, de ventilação, de condicionamento do ar, do frio, dos isolamentos, da electricidade, nas múltiplas aplicações de correntes fracas e correntes fartes, do saneamento, da aparelhagem mecânica especial das cozinhas, lavandaria, engomadoria, etc., rodeou-se de um núcleo de engenheiros experimentados, que se ocupam dos trabalhos das suas especialidades com o mesmo afinco e amor com que nos temos dedicado, com o auxílio inapreciável dos nossos directos colaboradores, ao estudo do problema arquitectural em toda a extensão, todos dominados pelo mesmo desejo de bem cumprir, não só perante a SODIM, como,é natural, mas perante a própria Nação.

Às aspirações da SODIM de mandar construir um hotel digno do esforço e dos sacrifícios de vária ordem que um tal empreendimento representa têm procurado todos os meus excelentes colaboradores corresponder com a maior dedicação, sem desfalecimentos, para que o resultado se não afaste muito daquele que todos ambicionam, para honra da técnica portuguesa e de quem lhe proporciona, mais uma vez, excepcional oportunidade de dar conta de si.

2 - Será a construção do edifício baseada numa estrutura geral de betão armado concebida e estudada de modo a assegurar não só

as boas condições normais de estabilidade, como a de poder resistir, dentro de certos limites, à acção imprevisível dos abalos sísmicos.

O exame geológico do terreno permitirá fixar as condições fundamentais para o tipo das infra estruturas e das superestruturaso

Dum modo geral, nenhuma das paredes suportará cargas, desempenhando apenas funções de mera compartimentação.

3 - É, sem dúvida, da maior importância, dado o tipo das estruturas e as condições de conforto e de comodidade a proporcionar às pessoas que se hospedem ou vivam e trabalhem no hotel, que o edifício seja construído por forma a serem evitados os inconvenientes da sonoridade e da transmissão de ruídos e de vibrações. Para esse efeito, segundo os desejos da SODIM, serão os respectivos estudos feitos oportunamente por especialistas e os trabalhos respectivos executados em rigorosa observância das suas determinações.

Pretende-se que cada aposento, por exemplo, constitua um compartimento estanque ao som e às vibrações produzidas em qualquer outro local do hotel, pelo que serão empregados os meios para o conseguir dentro dos limites das possibilidades técnicas actuais.

4 - Todas as instalações correspondentes às diversas redes, bem como às centrais de vária natureza, serão executadas segundo os mais eficazes processos e sistemas de que se possa fazer uso,para que o hotel fique apetrechado em condições condignas da sua catogoria,

Assim, além do estudo pormenorizado das redes de distribuição de águas quente e fria, de luz, de telefones, de aquecimento, de esgotos, etc., não poderá deixar de se ter em consideração que a circunstância de ser conveniente dispor algumas dependências importantes em zonas interiores implica a necessidade da instalação de um perfeito sistema de ventilação artificial. É, por exemplo, o caso das cozinhas, em que a existência de janelas ou de qualquer outro sistema de ventilação natural, em contacto directo com o exterior, provocaria fatalmente a expansão dos cheiros por todo o hotel, o que seria grave. A criação duma zona de franca depressão da atmosfera à custa da aspiração forçada do ar provocará a necessária corrente, que obstará àquele inconveniente, desde que a situação das cozinhas seja a justa.

Do mesmo modo, a distribuição do ar filtrado e tratado, injectado nos locais frequentados pelos hóspedes, contribuirá para tornar agradável o ambiente, sem cheiros nem poeiras.

Em certos casos, a atmosfera será possìvelmente condicionada de modo a assegurar onde for necessário não só o grau de temperatura como o higrométrico próprios.

XI - DO CARÁCTER E DA EXPRESSÃO DO EDIFício

1 - Pretender justificar o porquê do carácter ou da expressão duma obra de arquitectura, quanto ao seu lado subjectivo, é tarefa de que o autor nunca se pode desempenhar pelos mesmos meios de que se sirva para demonstrar e esclarecer o porquê das soluções úteis, práticas ou técnicas que tenha adoptado.

Será tão absurdo para o arquitecto procurar explicar por meio de palavras justas e claras aquilo que já não é produto da sua inteligência ou do seu bom-senso, mas da sua sensibilidade, como o seria pretender que, por parte do pintor, do poeta ou do músico' fosse possível descrever a justeza e a razão das suas criações de ordem puramente espiritual ou sentimental.

É certo que, pelo que respeita à Arquitectura, esta não se compreende se não corresponder a uma finalidade útil e interessada, mas também não se poderá classificar como tal aquela que não exprima pelo seu carácter, pelo seu aspecto plástico, algo mais do que a simples finalidade utilitária.

No entanto, se não é possível explicar e justificar o porquê da expressão subjectiva de uma concepção Arquitectural, já ornes mo não sucede quanto às razões que orientaram ou dominaram o espírito do artista para tentar atingir um resultado muitas vezes para ele próprio imprevisto.

Tais razões filiam-se nas leis imutáveis que regem a criação de obra de Arquitectura: o partido, a composição, as proporções, a escala, a actualidade, os valores e a situação, e finalmente a execução técnica, razões que procuraremos expor tal como as compreendemos.

2 - O partido é, por assim dizer, a exteriorização da concepção. Tal como na vida corrente', tomar um partido é deixar de tergiversar e decidir-se a actuar, escolhendo entre os ideais e as concepções possíveis o que nos pareça melhor e dar-se-lhe inteiramente com toda a nossa inteligência e o nosso coração.

Se o bom partido não é suficiente para criar uma boa arquitectura é, no entanto, condição sem a qual nunca se conseguirá realizar obra aceitável.

3 - A composição é o acto de exprimir o partido eleito, agrupando os seus elementos constitutivos harmòniosamente, dando a cada um a importância que lhe deve corresponder, sem prejudicar a que compete aos outros ou ao conjunto.

Compor um quadro, uma sinfonia, um romance ou uma peça de teatro, tal como compor uma obra de Arquitectura, é dispor inteligentemente diversas partes do todo, sem esquecer que se o assunto exige que uma delas domine sobre as outras, a nossa atenção seja atraída para essa realidade, procurando caracterizá-la na medida justa.

Em Arquitectura há tanta diferença entre a obra que é composta ou criada e aquela que é apenas de imitação ou de pasticho como na química existe entre uma combinação e uma mistura, pois enquanto que nesta os vários corpos conservam as suas qualidades próprias sem formar um todo homogéneo, na combinação, ao contrário, as moléculas dos corpos aglomeram-se intimamente para formar um corpo novo, diferente dos outros.

Do mesmo modo, na Arquitectura é da composição apenas que pode nascer, como do composto químico, a verdadeira criação.

4 - Quanto às proporções, as suas leis são, de todas as que regem a criação arquitectural, as mais subtis e as mais misteriosas, por que dimanam muito mais do sentimento que da razão e resultam essencialmente do que se convenciona chamar o gosto, faculdade individual que apenas, dentro de certos limites, se pode educar ou aperfeiçoar, mas nunca ensinar ou transmitir. O estudo analítico dos belos monumentos do passado demonstra-nos, no entanto, que ter gosto, em arte, é ter o sentido do equilíbrio, o sentimento da justa medida, o amor da ordem e da ponderação, o culto da sinceridade na expressão.

E quando se compreende e se sente a Arquitectura como alta manifestação do espírito, por meio da qual, na sua constante renovação, se tem enriquecido o património da humanidade civilizada, concluímos que o encanto de tantos poemas arquitecturais resulta da harmonia das suas proporções, por mais variadas e opostas que sejam de estilo para estilo, de civilização para civilização.

Só no século passado e em parte deste, porque se pretendeu ensinar regras de proporções que, à falta de melhor justificação, se baptizavam, sacrilegamente, de clássicas, se ergueram edifícios aos quais falta o sentido das proporções, mascarado pelo anacronismo e a ênfase dos motivos aos quais cabe substituir pelo engano a boa ordem e a medida razoável.

5 - A escala é uma qualidade absolutamente diferente da composição e da proporção, mas completa-as para dar à obra a sua fisionomia humana. Uma obra de arquitectura pode ser bem composta e bem proporcionada e estar absolutamente fora de escala. É o

caso conhecidíssimo de S. Pedro de Roma. No entanto, ao contrário, na nossa Batalha todos os seus pormenores, molduras, estátuas, gárgulas, grelhagens, etc., têm tal medida que o homem não se sente diminuido, pois todos os elementos do monumento são como que pontos de referência com os quais pode confrontar a sua própria estatura.

Esta qualidade desempenha pois papel primordial em toda a composição arquitectónica, porquanto a noção da grandeza duma obra é função da sua escala e não das suas dimensões. Por isso sucede tantas vezes o espirito do homem sentir-se elevado dentro de um edifício imenso, enquanto que noutros casos se sente esmagado por mais que a riqueza o deslumbre. No primeiro caso, há harmonia entre a escala humana e a do edifício, ao passo que no segundo a obra *foi* realizada sem respeito por essa relação.

6 - A actualidade em Arquitectura não é evidentemente a novidade nem a originalidade, nem muito menos a moda.

É, pelo contrário, o resultado do estudo ponderado e sério de um todo que pela sua concepção corresponda na forma e no sentido às possibilidades de execução e ao modo de expressão do nosso tempo, umas e outro tomados pelo seu lado mais puro, mais elevado e mais nobre. Só assim a obra se integrará no espirito da tradição da nossa civilização cristã.

Por mais paradoxal que pareça, devemos o erro das concepções de tradição na Arquitectura, em grande parte, à má interpretação de muitos àcerca dos altos serviços que devemos à arqueologia, por não saberem destrinçar do conhecimento científico da obra do passado a sua contribuição erudita da ditáctica.

E, no entanto, é um facto exuberantemente demonstrado que no dia em que os homens foram induzidos, pelo resultado do trabalho admirável dos arqueólogos, a voltar os olhos para as formas maravilhosas e sedutoras da arte do passado, a arquitectura deixou de ser actual, como sempre o foi em todos os tempos.

Vinte séculos de Cristianismo, no entanto, moldaram por tal forma a nossa sensibilidade, que não é sem surpreza nem pasmo que vemos tantas vezes os homens esquecerem que, do facto de terem deixado de construir abrigos para a imagem pagã da divindade mitológica e passarem a erguer edifícios para eles próprios se agruparem na prática do culto de Deus, resultou a mais extraordinária revolução nos conceitos da Arquitectura.

Ensinou-nos o Cristianismo como os homens aprenderam e ensinaram durante estes vinte séculos a criar obra sempre actual, sempre nova, na sua constante preocupação de honrar a Deus dedicando-lhe, em cada dia, todo o seu saber, o seu talento criador, a sua inteligência e o seu amor.

Ensina-nos a história da própria Arquitectura Cristã como o homem passa constantemente das velhas para as novas técnicas e das consequentes formas duma para as das outras, em tantos exemplos que só a ignorância ou a paixão se atrevem a pretender negar.

Saltar das formas pesadas, maciças, atarracadas, estáticas, do Românico, para as ligeiras, rasgadas, ascensionais e quase aéreas do Gótico, é um contraste tão pronunciado como o passar das formas da construção de pedra e de tijolo do século passado, sem estilo, para as que resultam das possibilidades técnicas do betão armado. A passagem quase brusca das formas racionais, cuda-

ciosas, dinâmicas do Gótico para as convencionais e formalistas da Renascença neo-pagã não representa menor contraste. Pelo contrário. E, no entanto, julgando defender a Tradição, quantas vezes os homens se recusam a procurar compreender que a estão atraiçoando. Românticamente negam-se a ver que mais uma vez dispomos de novas e prodigiosas possibilidades criadas pelo conhecimento das ciências puras e aplicadas, que nos permitem resolver em condições excelentes problemas que com os recursos antigos não teriam solução, e que, por consequência, a Arquitectura de hoje só poderá ser digna de emparceirar com as de tantos estilos passados quando for actual, isto é, inteiramente concordante nas formas e na expressão com essas possibilidades, como é da verdadeira tradição.

7 - Quanto aos valores e à situação, é fora de dúvida que uma obra de arquitectura constitui um valor quando se situa bem no local para onde foi criada.

Um edifício que se enquadra num alinhamento, entre outros, ou que vive isolado das construções próximas não poderá nunca apresentar as mesmas características de composição, de proporções e de forma.

Enquanto que no primeiro caso constitui parte de um todo que tem a sua disciplina própria, no segundo liberta-se da moldura e impõe-se por si, dominando o que o rodeia.

Que se enquadre no terreno, que constitua numa peça una, apreciável sob todos os ângulos, será a sua maior virtude.

O Parténon e o Erecteon são dois admiráveis exemplos clássicos que nos esclarecem até que ponto a lógica adaptação ao ter-

rena comanda o partido da obra de arquitectura. Situados a poucos passos um do outro na impressionante Acrópole de Atenas, o primeiro ergue-se imponente no seu estilóbato nivelado como sólio do ensoleiramento sobre o qual se ergue toda a maravilhosa harmonia duma arquitectura rítmica em que o pórtico períptero comanda toda a concepção plástica do monumento, sem um acidente que destrua a uniformidade impressionante da composição.

No segundo, os acidentes do terreno levaram o arquitecto a adoptar partido diametralmente oposto ao do Parténon, implantando os diversos corpos no nível mais favorável a cada um, criando massas de construção à primeira vista independentes umas das outras.

À serenidade, à uniformidade, à expressão estática e durável que caracteriza o Parténon, corresponde no Erecteon o sentido da variedade, do pitoresco e da graça.

Embora com outro objectivo, é da fusão destes dois sentidos aparentemente opostos da expressão arquitectural que resulta todo o interesse da arquitectura Cristã Medieval.

Estas lições do passado não podem ser nem ignoradas nem sequer indiferentes ao arquitecto dos nossos dias.

Tentar criar um valor real, uma peça com unidade e harmonia cuja expressão traduza clara e sinceramente o seu destino, o seu tempo e os objectivos a atingir, é, bem sabemos, tarefa ingrata e dolorosa, tantas vezes premiada com a injustiça e a incompreensão.

Mas não seria digno de emparceirar com os que amam a arte aquele que por sutserviência ou pelo desejo de lucros se deixasse desfalecer no cumprimento do mais sagrado dever que como artista

lhe cabe.

8 - Saindo da pura teoria para o caso concreto de que tratamos, suspeitamos que a alguns críticos poderá parecer despropositada, por exemplo, a altura do edifício que projectámos. Já explicámos as razões de ordem funcional e útil que a justificam. Cabe portanto dar aqui alguns esclarecimentos de outra ordem.

É um facto correntemente constatado que raros são os artistas estrangeiros que têm visitado Lisboa, sobretudo arquitectos e urbanistas, que não tenham manifestado a sua estranheza pela impressão de achatamento que as massas dos aglomerados urbanos da Capital apresentam.

Apesar do seu acidentado terreno, das ladeiras e dos vales que caracterizam Lisboa, o perfil da Cidade não apresenta qualquer recorte arquitectónico apreciável além do que resulta modestamente, e pela força das condições topográficas, do amontoadodo casario que se agrupa nas encostas e no cimo dos montes abrangidos na zona urbanizada.

"Lisboa é uma cidade sem torres, sem cúpolas, sem recortes, que quebrem a monotonia da sua chateza", dizem todos os que nos visitam.

E é esta uma realidade contra a qual nada podemos objectar, mas que nos compete combater, não negando o que é evidente, mas procurando corrigir o que é, indiscutivelmente, um defeito.

A construção: em locais distanciados, de edifícios altos, de volumes que se ergam acentuadamente acima da massa dominante das edificações, valorizaria, sem dúvida, o perfil e o carácter de Lisboa. Uma parte do ar de modéstia e de pobreza da nossa Capi-

tal resulta não tanto da carência de edifícios de boa arquitectura, como da modéstia de contrastes no seu desenvolvimento em altura.

Como confirmação do quanto a nossa Cidade beneficiaria se nos dispuzéssemos a corrigir esta sua insuficiência, basta que lembremos a que ponto os raros casos de acentuado contraste verificados no seu perfil a valorizam, como, por exemplo, o da Basílica da Estrela, o da Igreja da Memória, o de S. Vicente, e até o das torres que faziam parte dos pavilhões da Exposição do Mundo Português, em Belém.

A obra que projectámos não foi concebida com o propósito de se destacar, nem de corrigir aquele defeito, mas, pela força das necessidades, eleva-se acima das construções vizinhas a ponto de ser visível de muitos pontos da cidade. Porque previamos que esse destaque viria a dar-se, procurámos tirar dele o possivel partido de bom ajustamento local, afastando dos alinhamentos das ruas circundantes o corpo que mais se ergue, de modo a não afrontar as edificações vizinhas.

Cremos por isso que, como solução urbanística, contribuirá para valorizar a Cidade e o bairro.

9 - -Àcerca das possibilidades técnicas, é axiomático que nenhuma obra de arquitectura resultará perfeita se não for realizada segundo os melhores e os mais adequados meios técnicos.

A execução será a consequência da intervenção de muitos: arquitectos, engenheiros, artistas das mais diversas especialidades, operários de todas as profissões de construção civil e das que lhe são afins.

A disciplina da realização depende porém do projecto geral, por mais que o arquitecto tenha que confiar a outros a sua fabricação directa. O arquitecto não pode, portanto, deixar de se considerar ligado não apenas à sua concepção, mas a todos os seus colaboradores directos e indirectos, sem o que a obra de arte, que é, no final, a de Arquitectura, por mais utilitário que seja o seu destino, nunca poderá exprimir a unidade e a harmonia que corresponda ao seu pensamento.

10 - Tratando-se, no caso concreto que justifica esta Memória, apenas da descrição e justificação dos elementos técnicos que constituem o Anteprojecto, é possivel que se considerem despropositadas todas as considerações de carácter puramente teórico e filosófico que acabamos de expor.

No entanto, com elas apenas pretendemos fornecer aos julgadores elementos sérios de ponderação àcerca do que para nós representou o estudo consciencioso deste problema e dos conceitos que nos nortearam.

Colocados perante um programa de tão grande envergadura e de excepcional dificuldade, por mais que a algum espírito simplista possa parecer à primeira vista o contrário, considerámos como indeclinável dever o de ponderar a sua satisfação tão profundamente quanto as nossas faculdades e a nossa saúde o permitissem.

Embora a nossa posição fosse sobretudo a de termos que dar a quem em nós confiara plena satisfação, cumprindo escrupulosamente todas as condições aceitáveis que nos forem postas, não nos consideramos nunca alheios à responsabilidade que assumiamos também para com a Cidade e a Nação.

Foi, portanto, perfeitamente integrados no papel que nos cumpria desempenhar e conscientes das nossas obrigações que trabalhámos afincada, cuidadosa e ponderadamente no estudo do problema, procurando fundamentar em conceitos sérios a obra que apresentamos.

Isto não quer, porém, dizer que a nossa boa-vontade e o nosso grande desejo de bem servir nos tenham permitido atingir os resultados que ambicionamos.

XII - DO ESTUDO DO ANTEPROJECTO

Não será razoável, nem justo, concluir este trabalho sem fazer referência ao modo como pôde ser organizado o estudo do Anteprojecto.

O desenvolvimento do programa, a vastidão da obra a realizar, as condições particularíssimas do local, e enfim, todos os dados ácerca dos Quais já foi feito largo relato nesta Memória, constituíram para nós motivos de sérias apreensões e preocupações. Apreensões sobre as nossas possibilidades perante a grandeza da obra e preocupações quanto à satisfação a dar a quem em nós confiara.

Será inconcebivel admitir que um trabalho de tão vasto desenvolvimento pudesse ser o produto apenas da acção pessoal de quem por ele é responsável. Tal como em toda a parte do mundo sucede com qualquer arquitecto a quem cabe dar conta de obras de grande envergadura, servimo-nos, como é normal, da nossa organização técnica, constituída por numerosos colaboradores das mais diversas categorias: arquitectos, engenheiros, tirocinantes, estagiários e estudantes de Arquitectura e desenhadores profissionais.

Coube-nos a tarefa de definir a disciplina e o partido da composição que desse satisfação ao programa, a orientação superior da concepção e do seu espirito, bem como a direcção activa de todo o trabalho, sob todos os aspectos, para se atingir o resultado que corresponda à nossa interpretação pessoal do proble-

Mas aos nossos dedicados colaboradores, que no estudo do problema puzeram todo o entusiasmo da sua juventude, toda a compre-

ensão das nossas idéias, das nossas apreensões e preocupações e nos deram a mais grata das cooperações devemos em larga escala a possibilidade de atingir o resultado que pretendíamos, quer em relação à entidade perante quem somos responsáveis, quer quanto às nossas concepções da Arquitectura e do dever profissional.

Não ficaríamos, pois, de bem com a nossa consciência se não frisássemos desde já quanto devemos à boa e leal ajuda destes dedicados auxiliares, dos quais o País, a seu tempo, virá a receber o produto das próprias obras que o seu talento criará, então em plena liberdade, sob sua exclusiva responsabilidade e orientação.

Se ao cooperarem no estudo desta obra nem sempre terão podido realizar o que ao seu espírito seria talvez mais grato-e esse é o tributo da subordinação - as qualidades de disciplina e de respeito que souberam demonstrar pelas nossas concepções, interpretando-as, desenvolvendo-as e contribuindo muitas vezes com idéias próprias que melhoraram o resultado que pretendíamos, são provas de qualidades que muito apreciámos e nos é grato registar com o mais enternecido reconhecimento.

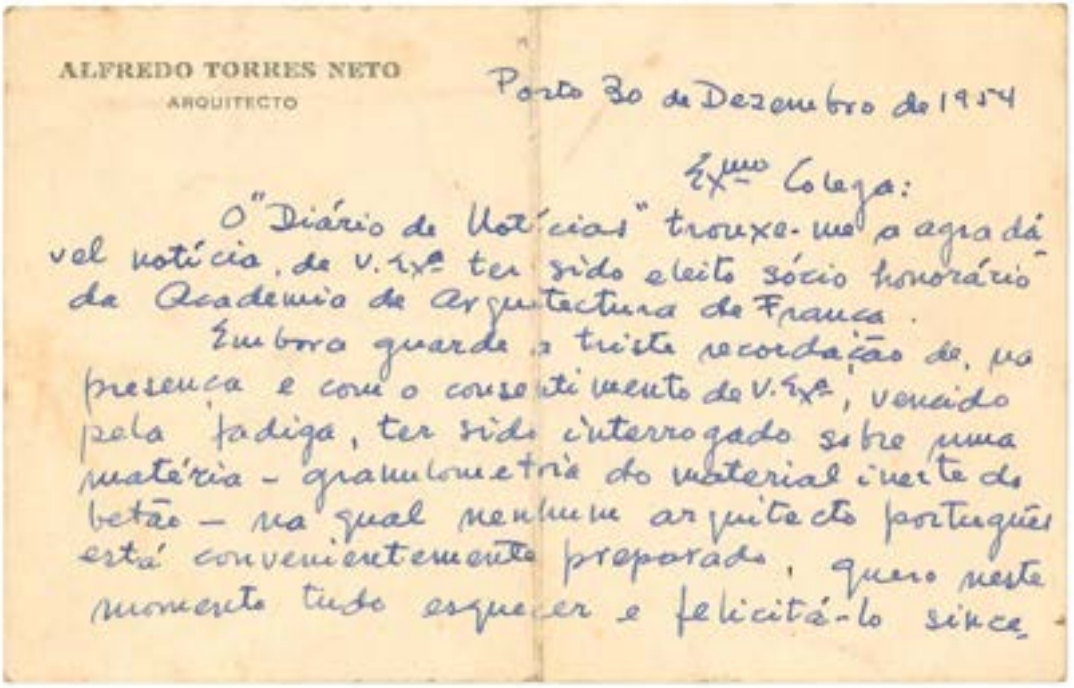
Se o Destino nos não permitir levar até ao fim esta obra resta-nos a certeza de que ela não deixará de ser concluida com o mesmo espírito e o mesmo sentido que previmos, porque entre os nossos colaboradores estão os que nos poderão substituir em condições de garantir a unidade da concepção, pois a viveram tão intensamente como nós.

Lisboa, Dezembro de 1954.

O Arquitecto.

Documento 54.04

TORRES, Alfredo Torres - *Cartão de parabéns a PPM.* Porto: [Documento do Espólio PMA], Dezembro de 1954.



ALFREDO TORRES NETO
ARQUITECTO

Porto 30 de Dezembro de 1954

Exmo Colega:

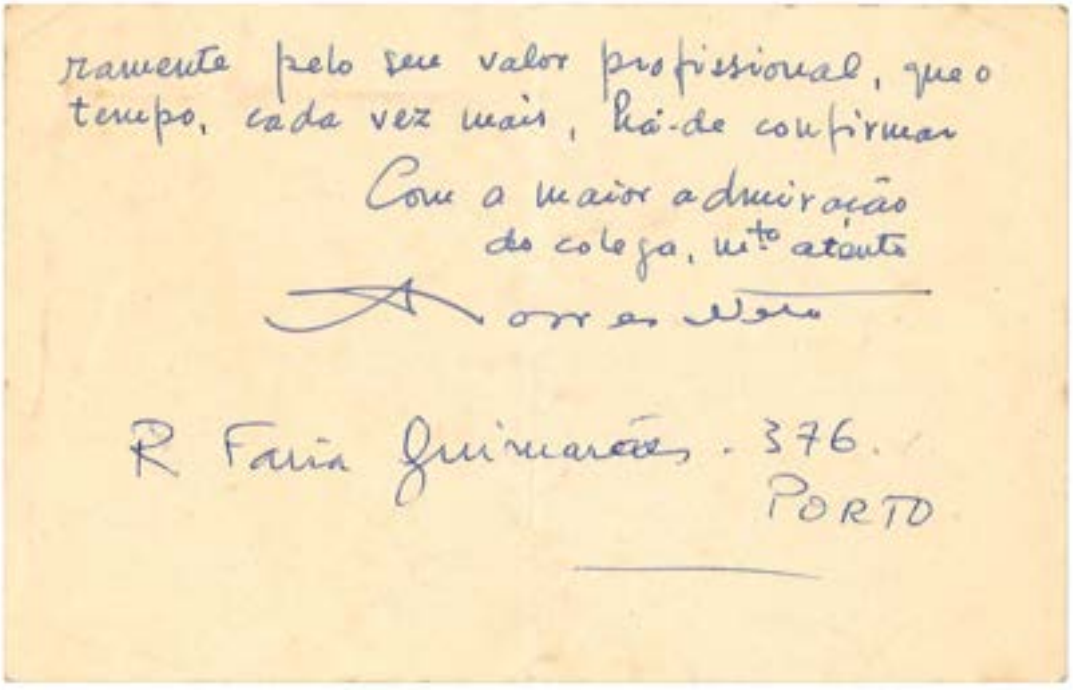
O "Diário de Notícias" trouxe-me a agradável notícia, de V. Exª ter sido eleito sócio honorário da Academia de Arquitectura de França.

Embora guarde a triste recordação de, na presença e com o consentimento de V. Exª, vencido pela fadiga, ter sido interrogado sobre uma matéria - granulometria do material inerte do betão - na qual nenhum arquitecto português está convenientemente preparado, quero neste momento tudo esquecer e felicitá-lo sinceramente pelo seu valor profissional, que o tempo, cada vez mais, há-de confirmar

Com a maior admiração
do colega, mto atento

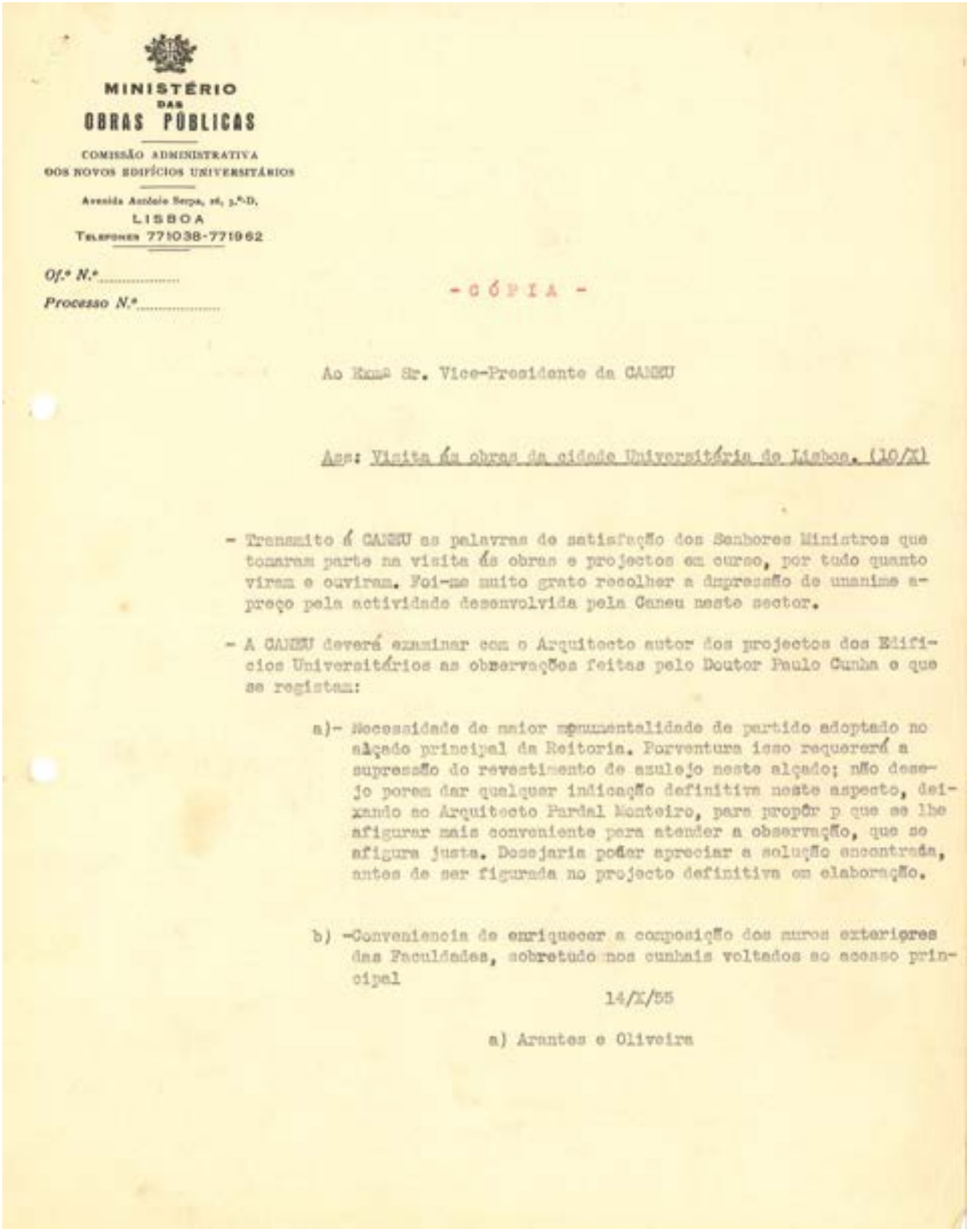
Torres Neto

R Faria Guimarães . 376.
PORTO



Documento 55.01

OLIVEIRA, Arantes e - Visita ás Obras da Cidade Universitária de Lisboa por parte dos Senhores Ministros. Lisboa: [Documento dactilografado do Espólio PMA], Outubro de 1955.



MINISTÉRIO
DAS
OBRAS PÚBLICAS

COMISSÃO ADMINISTRATIVA
DOS NOVOS EDIFÍCIOS UNIVERSITÁRIOS

Avenida Antônio Serpa, nº, 3.º-D,
LISBOA
Telefones 771038-771962

Of.º N.º.....
Processo N.º.....

- CÓPIA -

Ao Exmº Sr. Vice-Presidente da CAUSU

Ass: Visita ás obras da cidade Universitária de Lisboa. (10/X)

- Transmito á CAUSU as palavras de satisfação dos Senhores Ministros que tomaram parte na visita ás obras e projectos em curso, por tudo quanto viram e ouviram. Foi-me muito grato recolher a impressão de unanime apreço pela actividade desenvolvida pela Caneu neste sector.

- A CAUSU deverá examinar com o Arquitecto autor dos projectos dos Edifícios Universitários as observações feitas pelo Doutor Paulo Cunha e que se registam:

a)- Necessidade de maior monumentalidade de partido adoptado no alçado principal da Reitoria. Porventura isso requererá a supressão do revestimento de azulejo neste alçado; não desejo porem dar qualquer indicação definitiva neste aspecto, deixando ao Arquitecto Pardal Monteiro, para propôr o que se lhe afigurar mais conveniente para atender a observação, que se afigura justa. Desejaria poder apreciar a solução encontrada, antes de ser figurada no projecto definitivo em elaboração.

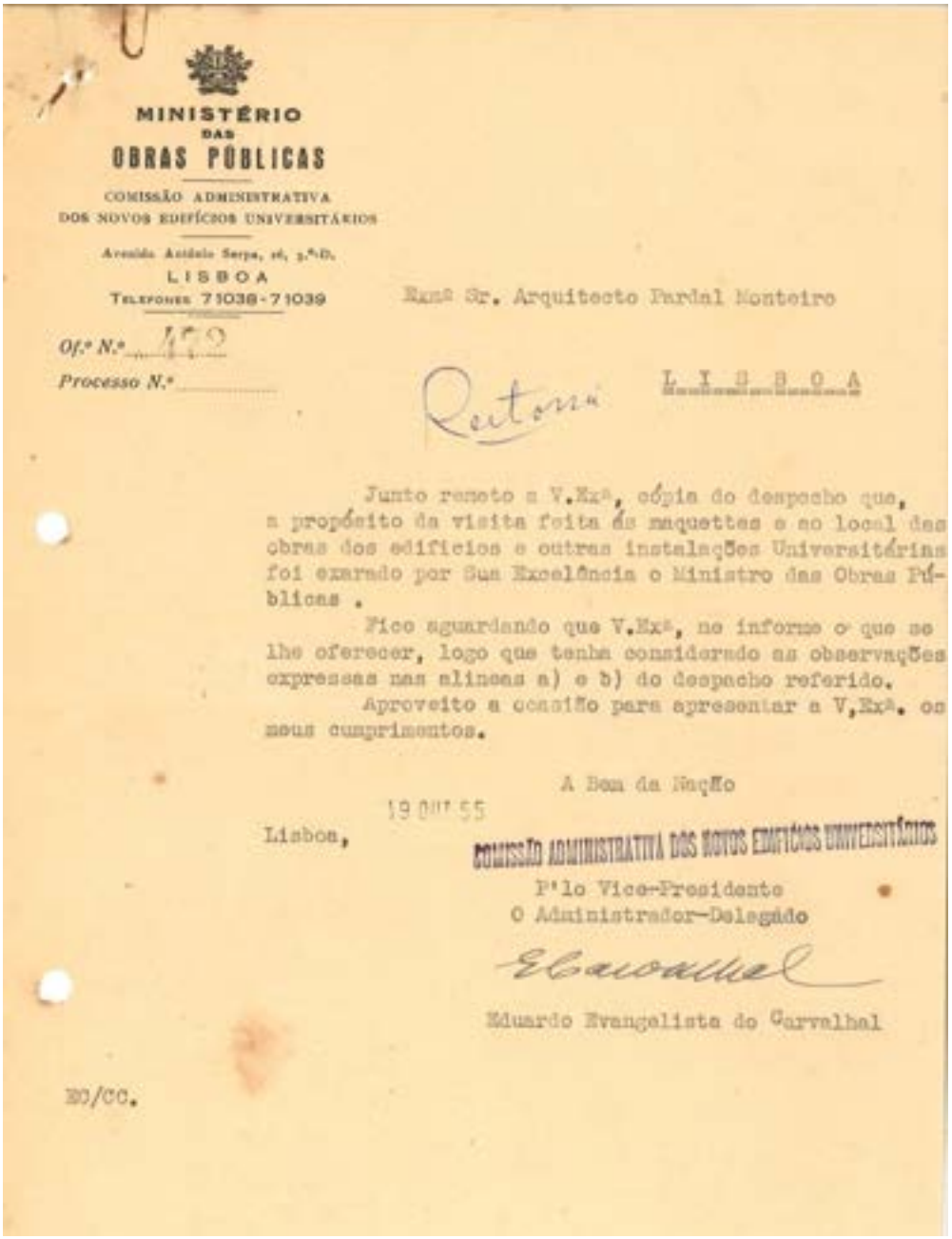
b) -Conveniencia de enriquecer a composição dos muros exteriores das Faculdades, sobretudo nos cunhais voltados ao acesso principal

14/X/55

a) Arantes e Oliveira

Documento 55.02

CANEU - Despacho sobre as observações feitas á visita feita ás obras da Cidade Universitária. Lisboa: [Documento dactilografado do Espólio PMA], Outubro de 1955



MINISTÉRIO
DAS
OBRAS PÚBLICAS

COMISSÃO ADMINISTRATIVA
DOS NOVOS EDIFÍCIOS UNIVERSITÁRIOS

Avenida António Serpa, nº 3, 5º-D.
LISBOA
TELEFONES 71038-71039

Ofº Nº 459
Processo Nº

Exmº Sr. Arquitecto Pardal Monteiro

Reitoria

L I S B O A

Junto remeto a V.Exª, cópia do despacho que, a propósito da visita feita ás maquettes e ao local das obras dos edificios e outras instalações Universitárias foi exarado por Sua Excelência o Ministro das Obras Públicas .

Fico aguardando que V.Exª, me informe o que se lhe oferecer, logo que tenha considerado as observações expressas nas alineas a) e b) do despacho referido.

Aproveito a ocasião para apresentar a V,Exª. os meus cumprimentos.

A Bem da Nação

Lisboa, 19 OUT 55

COMISSÃO ADMINISTRATIVA DOS NOVOS EDIFÍCIOS UNIVERSITÁRIOS
P/lo Vice-Presidente
O Administrador-Delegado

Eduardo Evangelista do Carvalhal

EC/CC.

Documento 55.03

MONTEIRO, Porfírio Pardal - Estudo das alterações ao Projecto da Reitoria. Lisboa: [Documento dactilografado do Espólio PMA], Dezembro de 1955.

Lisboa 20 de Dezembro de 1955

Exmo.Sr.
Engenheiro Com do Vale
Dig^mo Administrador Delegado da CANEU
Av.Antonio Serpa 26-3ºDº

LISBOA

Com a presente faço entrega a V.Exª. dos estudos de alteração do projecto em elaboração para o edificio da REITORIA da Universidade de Lisboa.

Estes estudos foram feitos em satisfação dos desejos manifestados por Sua Excelencia o Ministro das Obras Públicas quando da sua visita às obras e à exposição das maquetes dos três edifícios universitários a meu cargo.

Manifestou Sua Excelencia o desejo de se atingir maior monumentalidade na fachada principal da Reitoria.

Constam estes estudos das zonas das plantas de que resulta o partido da fachada principal, bem como de um esboço da mesma e uma vista em perspectiva.

Devo chamar a atenção de V.Exª. para a circunstancia de me parecer conveniente para o fim em vista que os pilares do grande pórtico sejam de granito rosado, de Sintra, polido, o que, a ser aprovado, implicará a necessidade de se construirem os das entradas das Faculdades de Direito e Letras com o mesmo material e acabamento.

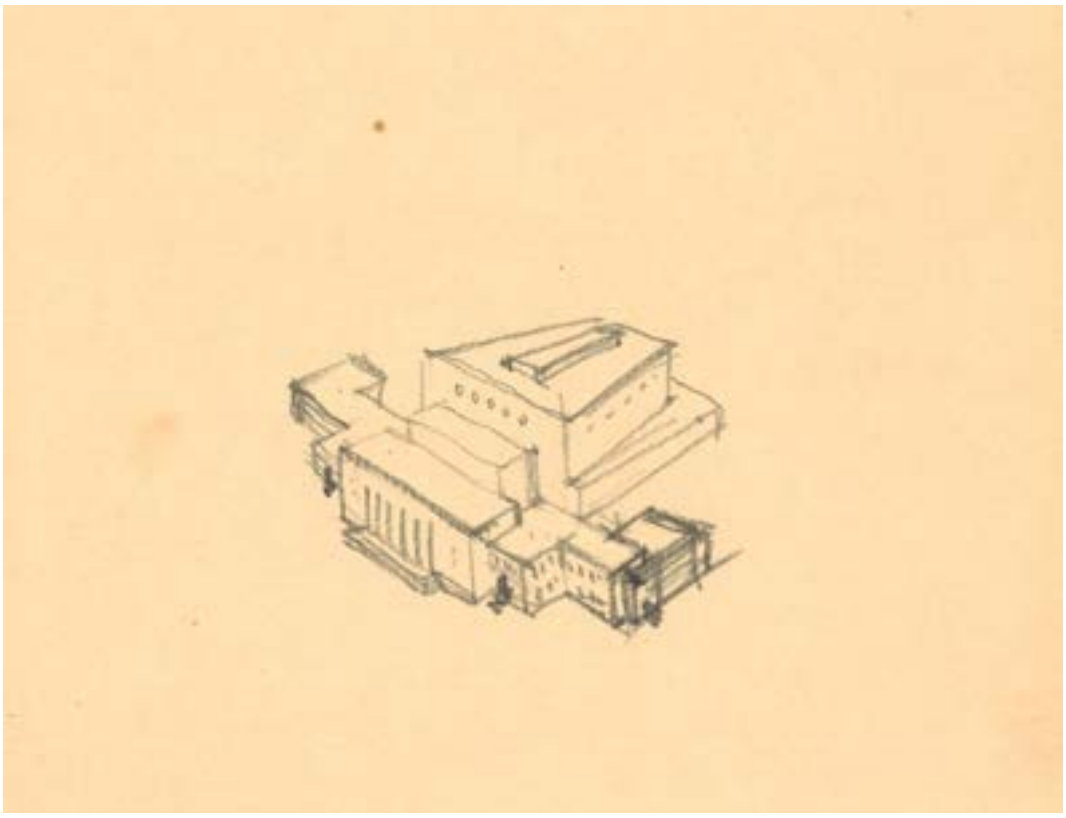
Limitei ao minimo de extensão possível os corpos que ladeiam o corpo principal da Reitoria para assegurar a indispensável ligação aos edificios das Faculdades e a necessária unidade do conjunto.

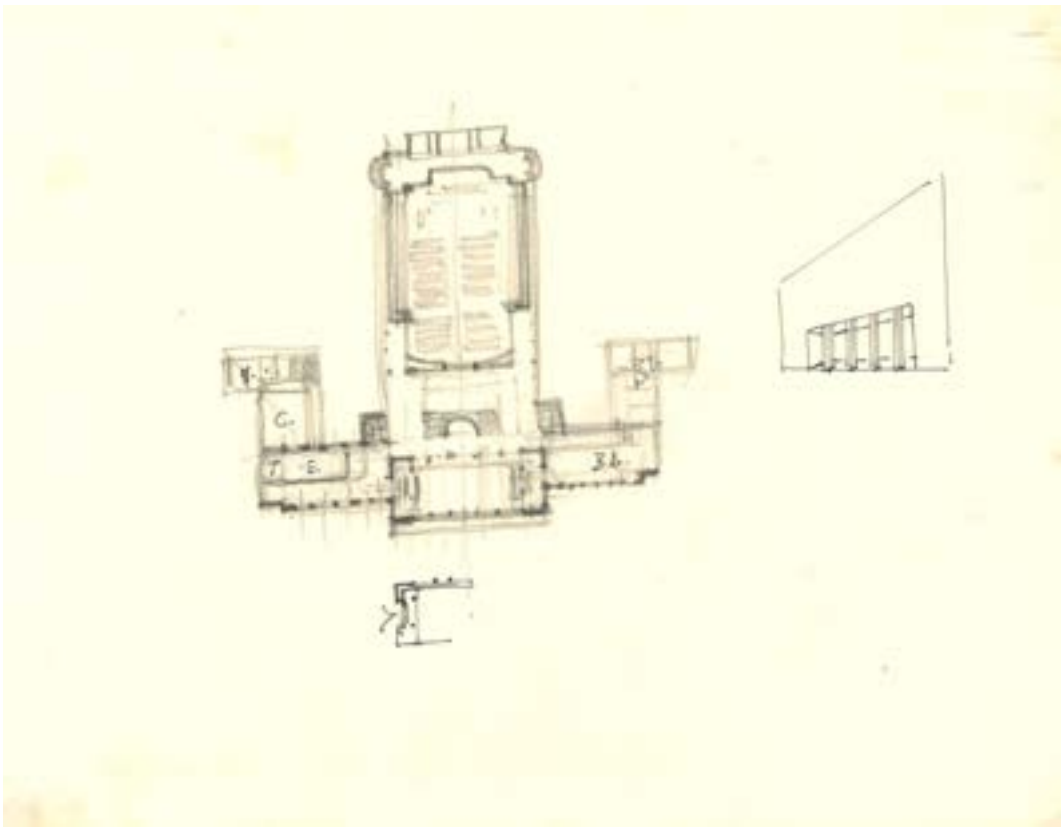
Penso porém que na Reitoria os materiais podem ser mais ricos que naqueles edifícios.

Aguardo as instruções de Vª.Exª. para prosseguir no estudo do projecto da Reitoria.

Entretanto apresento-lhe os mais afectuosos cumprimentos.

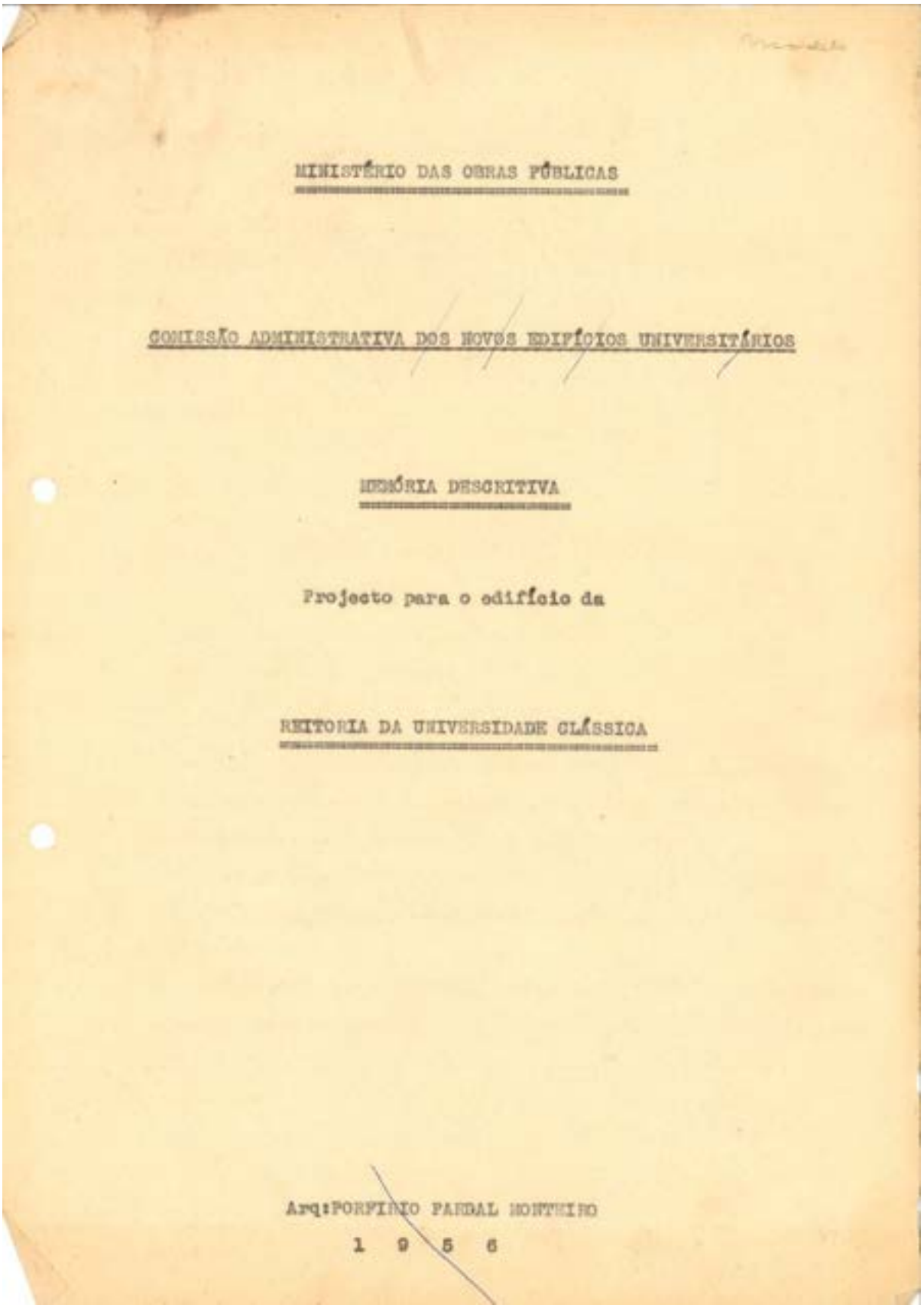
A Bem da Nação





Documento 56.01

MONTEIRO, Porfírio Pardal - Memória Descritiva do Projecto para o edifício da Reitoria da Universidade Clássica. Lisboa: [Documento dactilografado do Espólio PMA], Junho de 1956.



MINISTÉRIO DAS OBRAS PÚBLICAS

COMISSÃO ADMINISTRATIVA DOS NOVOS EDIFÍCIOS UNIVERSITÁRIOS

MEMÓRIA DESCRITIVA

Projecto para o edifício da

REITORIA DA UNIVERSIDADE CLÁSSICA

Arq:PORFIRIO PARDAL MONTEIRO

1 9 5 6

MINISTÉRIO DAS OBRAS PÚBLICAS

COMISSÃO ADMINISTRATIVA DOS NOVOS EDIFÍCIOS UNIVERSITÁRIOS

MEMÓRIA DESCRITIVA

Projecto para o edifício da

REITORIA DA UNIVERSIDADE CLÁSSICA

Ao apresentar os estudos prévios para o conjunto dos novos edifícios universitários de Lisboa, constituído pela Reitoria, Faculdade de Direito e Faculdade de Letras, focámos as razões que nos levaram a adoptar o seu partido geral.

Na memória do anteprojecto de cada um dos referidos edifícios, procedemos de igual modo, expondo as justificações de tal partido.

Importuno se nos afigura voltar a insistir no mesmo assunto, tomando como pretexto a entrega do projecto para a Reitoria.

Recordamos apenas que, no que respeita ao geral, este edifício constitui a peça central da composição, ou seja a parte principal de um todo que exige atento cuidado na definição da escala dos variados elementos e subordinações que atestem a disciplina e assegurem, nas devidas proporções, a unidade do conjunto.

Pelo que respeita ao particular, confirmamos a preocupação de atingir o nível estético adequado ao destino e à importancia deste edifício, no qual se situa a sede da Reitoria da Universidade, preocupação que nos dominou tanto no estudo mais profundo do arranjo e da distribuição, como no da tradução das massas arquitectónicas que, com a possível simplicidade, clareza e dignidade, traduzam o conteúdo do imóvel, segundo as boas regras da composição arquitectural.

DO PROGRAMA

Do conjunto destes três edifícios universitários foi, sem dúvida, o programa da Reitoria o que mais alterações sofreu durante o estudo da sua composição.

Assim, o Anteprojecto, organizado em devido tempo em obediência ao programa então estabelecido, considerava, além das instalações pròpriamente destinadas às funções normais da Reitoria, um conjunto de dependências destinadas ao funcionamento dos refeitórios dos professores e dos alunos das diversas Faculdades.

Tal determinação inicial foi, em boa hora, posteriormente corrigida em obediência ao parecer do douto Conselho Superior de Obras Públicas e ao despacho de Sua Excelência o Ministro das Obras Públicas de 27 de Dezembro de 1954.

O estudo de remodelação do Anteprojecto , feito sob as indicações do Exmo Senhor Reitor da Universidade quanto ao destino a dar à zona que anteriormente abrangia as dependências destinadas aos citados refeitórios, estudos que, conforme resolução superior, foram apreciados e acompanhados pelo digno vogal do Conselho Superior de Obras Públicas, o Exmo Senhor Professor Engenheiro Antão de Almeida Garrett, foram apresentados, em 23 de Fevereiro de 1955, à Exma Comissão Administrativa dos Novos Edifícios Universitários.

Após a correspondente aprovação por Sua Excelência o Ministro das Obras Públicas, foi, então, iniciado o estudo do projecto definitivo, no qual se teve na devida consideração não apenas o que resultava das citadas alterações, como quanto fora sugerido no douto parecer do Conselho Superior das Obras Públicas.

DO ESTUDO DO PROJECTO

Já o espírito da composição definida no Anteprojecto acusava de modo bem saliente a dificuldade do problema quanto à lógica arrumação dos seus elementos fundamentais, dado o seu destino e as consequentes necessidades intrínsecas de cada um. A coordenação num conjunto que, por todos os motivos, se pretende que resulte grandioso, harmónico e digno, de dependências de grande volume com outras cujas dimensões resultam necessàriamente insignificantes em relação àquelas, mereceu o maior cuidado para que, sem prejuízo duma distribuição concordante com as necessidades, a composição pudesse resultar valorizada em virtude do partido que se tirasse de tais contrastes.

Julgamos ter conseguido criar, na concepção das nossas plantas e na tradução dos volumes correspondentes, um todo em que nada se sacrifica a meros efeitos decorativos, tendo-se, à custa de tormentoso e persistente estudo, procurado construir o edifício de dentro para fora, dando a cada uma das suas partes as proporções e a expressão adequadas à sua função e à sua importância.

Se o conjunto dos três edifícios universitários já tinha sido concebido no sentido de criar uma obra subordinada à intenção de exprimir, talvez com certo formalismo, uma ideia de espírito clássico, pelo seu equilíbrio e simetria, quisemos, no caso particular da Reitoria, acentuar ainda mais essa intenção, dada a especial natureza da instituição.

A posição que conscientemente tomámos desde há muitos anos, na defesa de uma nova expressão plástica da Arquitectura, procurando criar novas formas que se ajustem aos novos processos de construção e a tantas outras circunstâncias que constituem inevitáveis condicionamentos de que o Arquitecto de hoje não pode alhear-se, nunca teve outro objectivo que não fosse o de tentar reconduzir a Arquitectura para o verdadeiro espírito clássico que se fora perdendo, em virtude da aplicação sistemática de elementos imitados dos estilos clássicos, paradoxalmente utilizados como simples motivos acessórios e postiços.

O culto de uma ideia que só podia parecer nova aos olhos dos ignorantes, porquanto era velha como a nossa civilização, nasceu precisamente da necessidade de fazer regressar a Arquitectura à sua feição clássica, isto é, à pureza das concepções pela concordância de todos os elementos da composição com a ideia geral e com os meios de realização.

Não fomos nunca um revolucionário que ignorasse ou pretendesse esquecer a obra do passado dominado pela ambição fútil e ridícula de fazer diferente. Pelo contrário. Reconhecíamos que o verdadeiro espírito clássico que ressalta dos grandes estilos históricos fora sistemàticamente destruído sobretudo desde o Barroco e conquistara, pela exuberância das formas ornamentais, divorciadas da Arquitectura, o favor de tantos que se deixavam tentar pelo deslumbramento do espectáculo sem indagar da verdade em que se baseasse.

O erro de muitos consiste em ter como clássico não o que é puro e verdadeiro, mas o que imita certas formas próprias dos estilos chamados clássicos adaptadas como mera indumentária de empréstimo para cobrir uma estrutura que a não justifica. Toda a chamada decadência da Arquitectura vem precisamente deste erro em que insistiram, por comodidade ou por inconsciência, umas quantas gerações, e que ainda encontra, nos nossos dias, não só apreciadores, como, o que é mais grave, cultivadores responsáveis, que nele buscam um modo fácil já não apenas de ganhar a vida, mas de dar conta dos problemas que não sabem ou não têm ânimo para resolver com o espírito de sacrifício que o sério exercício da profissão exige.

Embora muitas vezes incompreendidos e até injustamente julgados, mas conscientes da distância que separa a nossa capacidade das nossa aspirações de bem cumprir uma missão que temos como sagrada, nunca desanimámos na luta pela dignificação da Arquitectura à custa de trabalho e estudo constantes procurando contribuir para fazê-la regressar à pureza clássica.

No estudo do projecto do edificio da Reitoria, procurámos sintetizar o nosso modo de compreender a finalidade e a essência da Arquitectura.

Sem falsa modéstia confessamos que as deficiências da posição apenas resultam da nossa insuficiências para realizar melhor.

DO PROJECTO

Compreende o projecto da Reitoria da Universidade Clássica os seguintes elementos:

Nº1 - Planta esquemática da implantação
2 - " do Andar Principal (R/C)
3 - " " " Superior (1ºAndar)
4 - " " " Inferior (Cave)
5 - " dos sótãos
6 - " das Coberturas
7 - Fachada sobre a Praça da Universidade
8 - " " a Avenida F. (entrada da Aula Magna)
9 - " lateral Norte (a Sul é egual e inversa)
10 - Corte longitudinal 1 - 2
11 - " " 3 - 4
12 - " " 5 - 6
13 - " transversal A - B
14 - " " C - D
15 - " " E - F
16 - " " G - H
17 - " " I - J
18 - " " L - M

19 - Corte Parcial 7 - 8
20 - " " 9 - 10
21 - " longitut. 11-12
22 - " transvers. M- O
23 - " " P- Q

DA SOLUÇÃO ADOPTADA

Tal como se indicara já nos estudos anteriores, compreende o partido de composição dois andares principais e dois acessórios.

Nos dois andares principais se concentram as dependencias mais importantes exigidas no Programa.

Assim, no Andar Principal (andar térreo) estão situados os grandes acessos às partes de maior vulto do edificio, os serviços administrativos e as dependencias comuns destinadas a diversos fins.

No Andar Superior (1ºAndar) dispusemos as instalações do Reitor, as Salas de Recepção, o Senado Universitário e a ligação à Aula Magna, a qual, práticamente pelo seu volume e configuração, participe, simultâneamente, deste andar e do anterior.

Na Cave instalámos os arquivos, a habitação do guarda, as diversas centrais e outras dependencias de serviço secundário.

No Andar dos Sótãos, apenas figuram os arquivos do Reitor e alguns locais de serviço.

Mais pormenorizadamente, as partes previstas em cada andar são as que a seguir se indicam com a nomenclatura que adoptaremos no Orçamento Descritivo como parte do futuro Caderno de Encargos.

ANDAR PRINCIPAL

1 - Escadaria exterior
2 - Átrio
3 - Murete de pátio à inglesa
4 - " " " "
5 - Acesso à entrada de serviço
6 - Murete do pátio à inglesa
7 - Acesso à escada da Secretaria
8 - Murete de pátio à inglesa
9 - Acesso ao Vestíbulo posterior Norte
10 - " " " " Sul
11 - Grande Vestíbulo Principal
12 - Galeria do Vestíbulo Principal
13 - Antecâmara - Professores
14 - Ante-sala-professores
15 - Sala de reunião dos júris de concursos
16 - Antecâmaras de instalações sanitárias -Professoras
17 - Toilette - Professoras
18 - Retretes - Professoras
19 - Antecâmaras instalações sanitárias - Professores
20 - Lavabos - Professores
21 - Retretes- Professores
22 - Ascensor
23 - Vestiário - Professores
24 - Antecâmara telefones
25 - Cabinas telefónicas
26 - Passagem
27 - "
28 - Copa
29 - Entrada de serviço.

30 - Antecâmara da sala de Cursos Estrangeiros
31 - Sala de Cursos [illegible] Estrangeiros
32 - Sala de Comissões
33 - Galeria
34 - Vestíbulo Posterior (Norte)
35 - Galeria do vestiário (Norte)
36 - Vestiário (Norte)
36A- Alçapão da ligação à casa das caldeiras
37 - Gabinete
38 - Antecâmaras das instalações sanitárias-homens
39 - Lavabos-homens
40 - Retretes-homens
41 - Antecâmaras das instalações sanitárias-senhoras
42 - Toilette - senhoras
43 - Retretes - senhoras
44 - Galeria das inscrições
45 - Secretaria
46 - Sala de registo da correspondência
47 - Tesouraria
48 - Contabilidade
49 - Serviços reservados
50 - Galeria
51 - Vestíbulo posterior (Sul)
52 - Fornecedores
53 - Galeria do Vestiário (Sul)
54 - Vestiário (Sul)
55 - Cabinas telefónicas
56 - Antecâmara- instalações sanitárias-homens
57 - Lavabos-homens

58 - Retretes-homens
59 - Antecâmara e Vestiário-senhoras
60 - Toilette-senhoras (Sul)
61 - Retretes-senhoras
62 - Galeria sul da Aula Magna
63 - " norte da " "
64 - Antecâmara do estrado
65 - Átrio de Aula Magna
66 - Vestíbulo da Aula Magna
67 - Vestiário P. Perdidos
68 - Arrecadação
69 - "
70 - Acessos às Bancadas
71 - Antecâmara instalações sanitárias-homens
72 - Lavabos-homens
73 - Retretes-homens
74 - Antecâmara retrete-senhoras
75 - Toilette-senhoras
76 - Retretes-senhoras
77 - Ascensores

DEPENDÊNCIAS PRINCIPAIS

I - Sala dos Passos Perdidos
II - Grande Escadaria de Honra
III - "Foyer" da Sala de Recepções e Festas (1ºAndar)
IV - Sala de Recepções e Festas (1ºAndar)
V - Aula Magna

ANDAR SUPERIOR

101 - Antecâmara da Sala do Senado
102 - Sala do Senado Universitário
103 - Copa
104 - Antecâmara-instalações sanitárias-homens
105 - Lavabos-homens
106 - Retretes-homens
107 - Antecâmara toilette-senhoras
108 - Toilette-senhoras
109 - Retretes-senhoras
110 - Galeria do Senado
111 - Galeria do Reitor
112 - Gabinete do Reitor
113 - Antecâmara do Reitor
114 - Vestiário do Reitor
115 - Lavabos do Reitor
116 - Retrete do Reitor
117 - Gabinete do secretário
118 - Sala-de-espera
119 - Lavabos de secretário
120 - Retrete do secretário
121 - Antecâmara do Reitor
122 - Vestíbulo superior da Aula Magna

ANDAR INFERIOR

01 - Refeitório-pessoal administrativo
02 - Lavabos-pessoal administrativo
03 - Cozinha do pessoal
04 - Despensa
05 - Passagem
06 - Arrecadação
07 - Corredor
08 - Copa
09 - Arrecadação
010- Vestiário-pessoal menor
011 - Lavabos-pessoal menor
012 - Refeitório " "
013 - Entrada do porteiro
014 - Cozinha " "
015 - Casa-de-banho do porteiro
016 - Quarto do porteiro
017 - " " "
018 - Sala comum "
019 - Arrecadação "
020 - Galeria da Casa das Caldeiras
021 - Casa das Caldeiras
022 - Casa dos Motores dos Ascensores da Aula Magna
023 - Galeria do Arquivo Universitário
024 - Depósito de publicações universitárias
025 - Arquivo de documentos
026 - Corredor

026 - Corredor
027 - Gabinete do Arquivista
028 - Lavabos do Arquivista
029 - Retrete do Arquivista
030 - Quadro geral
031 - Arquivo Geral

SÓTÃOS

S.1 - Arquivo do Reitor
S.2 - Casa do motor do Ascensor da Reitoria
S.3 - Galeria de manobra sobre o estrado da Aula Magna
S.4 - Passagem
S.5 - Bombeiro
S.6 - Cabina de projecção
S.7 - Depósito
S.8 - Vazio do tecto da Aula Magna

ESCADAS

E.1 - Escada de vigilancia
E.2 - " de Serviço
E.3 - " do Reitor
E.4 - " de acesso à galeria sobre o estrado da Aula Magna
E.5 - " de acesso à casa dos motores dos Ascensores da Aula Magna.

E.6 - Escada de acesso às tribunas da Aula Magna
E.7 - " " " " " " " "
E.8 - " " " ao Arquivo do Reitor
E.9 - " " " à Cabina de projecção da Aula Magna.

PÁTIOS

P.1 - Pátio interior - Sul
P.2 - " " - Norte
P.3 - " à inglesa - Nordeste
P.4 - " " " - Norte
P.5 - " " " - Sudeste
P.6 - " " " - Sul

I - SALA DOS PASSOS PERDIDOS

Situada entre a grande Escadaria de Honra e a Aula Magna.

Serve de local de concentração de alguns convidados que aguardam a formação do Cortejo Universitário e de ligação às Galerias de acesso à Aula Magna, Vestiários etc.

É ao mesmo tempo o grande patamar de acesso à Escadaria por ocasião das Recepções e Festas Universitárias que não tenham lugar na Aula Magna, mas sim na respectiva Sala-de-Festas.

O seu arranjo decorativo está previsto de modo a contribuir para a dignidade das manifestações universitárias.

II - GRANDE ESCADARIA DE HONRA

Quer do grande Vestíbulo Principal, quer do Vestíbulo da Aula Magna, estão previstos os acessos à Sala dos Passos Perdidos donde parte esta grande Escadaria.

Está esta situada no eixo da entrada principal da Sala de Festas e Recepções e do estrado de honra da Aula Magna. Esta situação permite dar grandiosidade ao desfile do Cortejo Universitário.

Prevê-se o seu arranjo à custa de materiais nobres, de bom efeito decorativo, procurando-se tirar o melhor partido dos diversos elementos da composição.

III - "FOYER" DA SALA DE RECEPÇÕES E FESTAS

É, particularmente, uma ampla galeria que antecede a Sala referida e serve ao mesmo tempo de desafogo por ocasião das festas universitárias e de zona de distribuição para o acesso à Sala-de-Festas, às instalações do Reitor e ao Senado Universitário.

O seu arranjo estará em relação com o das dependências contíguas e com a sua função particular.

IV - SALA-DE-RECEPÇÕES E FESTAS

Esta vasta sala está concebida de modo a poder ser fàcilmente reduzida no seu comprimento pela compartimentação indicada na planta.

Amplos e pesados reposteiros de bom tecido podem correr transversalmente de modo a limitar o espaço reservado a qualquer cerimónia em concordância com o número de pessoas que nela devam participar.

Quando toda a sala for ocupada pode ainda formar corpo com o Gabinete do Reitor e com a zona do Senado Universitário, o que com o "foyer" anteriormente referido permite formar um conjunto de vastas dimensões, susceptível de permitir as realização de grandes reuniões.

V - AULA MAGNA

Como foi já dito, esta sala está situada a um nível por assim dizer intermédio em relação aos dois andares principais, pois embora participe do Andar Térreo, também faz corpo com o Andar Superior, aparecendo representada nas duas respectivas plantas.

Acessos - Estão distribuídos por forma a se ajustarem ao serviço que lhes corresponde.

Assim, o Cortejo Académico, depois de organizado na Sala-de-Recepções e Festas e de desfilar pelo respectivo "foyer" e ao longo da grande escadaria de honra, uma vez atravessada a Sala dos Passos Perdidos, entra na Aula Magna cruzando a ampla porta que dá para o Estrado de Honra.

Por sua vez, o público ingressa na Aula Magna pela parte posterior desta, para o que se previram amplos vestíbulos e "foyers", escadarias e elevadores que permitem assegurar em boas condições a distribuição dos assistentes às cerimónias universitárias.

Distribuição - Do modo como se previram os acessos se deduz a preocupação de separar inteiramente o Cortejo Académico do público, solução que se nos afigurou ser a mais apropriada à dignidade e imponência das grandes cerimónias universitárias.

Assim, uma vez alojados os convidados nos lugares que lhes são destinados, todos colocados de frente para o grande estrado de honra, abre-se, a toda a altura do fundo, a grande porta de ligação à Sala dos Passos Perdidos, permitindo que de quase todos os lugares da Aula Magna se possa assistir ao desfile do cortejo académico desde que este sai da Sala-de-Recepções e Festas.

À medida que os catedráticos e outros componentes do cortejo entram na Aula Magna, vão ocupando quer os "doutorais", situados à esquerda e à direita do estrado de honra, quer os lugares da zona que lhes é especialmente reservada imediatamente em frente deste estrado.

Terminado o desfile do cortejo e ocupados os lugares da mesa de honra, correm automàticamente os painéis que constituem a porta de entrada, bem como o grande repositeiro que serve de fundo ao estrado, ficando a Aula Magna fechada por este lado.

Os lugares dos convidados desenvolvem-se em anfiteatro e têm os acessos distribuídos de modo a dividir a massa dos assistentes em condições convenientes, tanto para a entrada como, principalmente, para a saída.

Algumas grandes tribunas ao fundo da Sala são reservadas a convidados que se queira especialmente distinguir.

VESTÍBULO PRINCIPAL: SECRETARIA

O Vestíbulo Principal desempenha no conjunto a sua função normal, a partir do qual se faz a distribuição das diversas circulações principais.

Assim, do lado oposto à entrada, desenvolve-se os acessos à Sala dos Passos Perdidos, à Aula Magna, à escadaria de Honra e à Sala-de-Recepções e Festas, bem como às instalações do Reitor e do Senado Universitário. À direita, liga com as Salas destinadas aos Professores, aos cursos estrangeiros, etc. À esquerda comunica com o hall da Secretaria.

Devemos aqui esclarecer que no Anteprojecto tínhamos previsto que a Secretaria comunicasse por um topo com este Vestíbulo, para o qual teria um grupo de "guichets", de modo que, na epoca das matrículas, dada a grande afluência de estudantes em certos dias, o grande Vestíbulo pudesse servir para instalação das mesas onde os estudantes preencheriam os documentos a apresentar. Evitava-se deste modo

a construção de um grande "hall" destinado exclusivamente às matrículas, de utilidade apenas em limitadíssimo número de dias.

Entendeu o douto Conselho Superior de Obras Públicas que melhor seria criar ao longo da Secretaria, espaço suficiente para o efeito, evitando-se a existência dos "guichets" dando para o Vestíbulo, o que se procurou satisfazer não só nos estudos de correcção a que já nos referimos como, agora, no do projecto.

INSTALAÇÕES PARA PROFESSORES

Na ala Norte do conjunto distribuíram-se, no rés-do-chão, as diversas dependências destinadas aos professores. Trata-se de salas de reunião, de recepção de mestres estrangeiros, de júris de concursos, etc, podendo também servir para a reunião de comissões e de delegações por ocasião de congressos.

Além da entrada pelo Vestíbulo Principal, têm estas instalações entrada pelo lado Poente desta ala do edifício.

SERVIÇOS ADMINISTRATIVOS

Na ala Sul do edifício foram agrupados os principais serviços administrativos abrangendo a Secretaria, a Contabilidade, a Tesouraria, etc.

Estes serviços, dispondo de salas com a capacidade para comportarem o número de funcionários e o mobiliário apropriado, segundo os dados colhidos na actual organização da Reitoria da Universidade Clássica, estão, por sua vez, ligados às instalações do Reitor e do Secretário, bem como às dos Arquivos, agrupadas respectivamente no Andar Superior na Cave.

F A C H A D A S

Como parte do conjunto arquitectónico de que participam os edifícios das Faculdades de Letras e de Direito, não podia este da Reitoria deixar de apresentar as necessárias afinidades de expressão com aqueles.

É, sem dúvida, pelo seu destino, o mais importante dos três, embora em superfície e em volume não chegue a atingir os limites dos outros dois.

No entanto, procurou-se jogar com os elementos da composição, de modo a dar mais importância arquitectónica ao da Reitoria, fazendo dominar as suas massas mais expressivas, sem esquecer a necessidade de estabelecer a indispensável correspondência entre as partes que assegurem a unidade do conjunto projectado.

O emprego de materiais nobres é proporcionalmente mais largo neste edifício do que nos das Faculdades, o mesmo sucedendo quanto à previsão de obras de arte, sobretudo de escultura, como motivos superiores de valorização estética.

Lisboa, Junho de 1956

O Arquitecto

Documento 56.02

MONTEIRO, António Pardal; MONTEIRO, Pedro Pardal - Memória Descritiva do projecto para a "Nova Fábrica de Massas e Bolachas". Lisboa: [Documento dactilografado do Espólio PMA], Julho de 1956.

PEDRO PARDAL MONTEIRO
ENGENHEIRO
LARGO DO DIRECTÓRIO, 4, 2.º, D./LISBOA
TELEFONE 2 50 59

MEMÓRIA _ DESCRITIVA_

de Projecto para a "Nova Fábrica de MASSAS e BOLACHAS" que a Companhia Industrial de Portugal e Colónias pretende construir no Beato.

-/-/-/-/-/-/-/-/-/-/-/-

I - CONSIDERAÇÕES GERAIS

Pretende a C.I.P.C. fazer a sua concentração industrial na zona do Beato. Para isso planeou a substituição das antigas fábricas, espalhadas por vários pontos da cidade, por novas fábricas apetrechadas com tudo o que haja de mais moderno e eficiente no domínio técnico, preocupando-se, ao mesmo tempo, com a construção de edifícios que, em combinação com a modernísima maquinaria, possam vir a constituir conjuntos industriais modelares.

Temos neste caso o conjunto formado pelos Novos Silos, Moagem e Armazém de Farinhas, com o qual se iniciou este grandioso plano, que é já sobejamente conhecido e apontado na Europa como instalação dos mais perfeitos que se têm realizado.

Como continuação deste plano, além dum novo Grupo de Silos já em construção, pretende esta Companhia construir um novo e vasto edifício destinado à instalação da "Nova Fábrica de Massas e Bolachas", para o qual se submete à aprovação da digníssima Câmara o presente projecto.

II - DO PROGRAMA

Deve este novo edifício conter simultaneamente duas fábricas - a Fábrica de Massas e a Fábrica de Bolachas - e ainda uma secção de empacotamento de farinhas.

Cada uma destas fábricas funcionará em separado, mas mantendo determinado número de serviços em comum.

PEDRO PARDAL MONTEIRO
ENGENHEIRO
LARGO DO DIRECTÓRIO, 4, 2.º, D./LISBOA
TELEFONE 2 50 59

A Fábrica de Massas pode-se subdividir em quatro secções distintas a saber

a) - Recepção e Depositos de Materia Prima,
b) - Fabrico,
c) - Embalagem,
d) - Armazenagem e expedição.

Paralelamente prevê-se uma secção para fabrico e armazenagem de embalagens.

Dentro de cada uma das secções apontadas, há a considerar vários serviços que passam a ser descriminados.

a) - Recepção e de Depósitos de Materia Prima
1 - armazém de farinha ensacada,
2 - Silos para farinha

b) - Fabrico
1 - Uma sala fabrico, onde serão instaladas, prensas, secadores e tegões de massa seca,
2 - Depósito de cama e formas
3 - Lavagem " " "
4 - Pequena oficina do serralheiro
5 - " " electricista
6 - Pequeno laboratório
7 - Gabinete do encarregado de fabrico
8 - Moagem de restos de massas (Recuperação de massas partidas)
9 - Arrecadação de material de limpeza.

c) - Embalagem
É constituida por uma grande sala onde estarão colocadas, tanto as máquinas de embalar, como as mesas de embalagem manual.

d) - Armazenagem e expedição
1 - Armazém
2 - Cais de expedição
3 - Escritório da expedição

PEDRO PARDAL MONTEIRO
ENGENHEIRO
LARGO DO DIRECTÓRIO, 4, 2.º, D./LISBOA
TELEFONE 2 50 59

Completando este conjunto houve que prever:
- Serviços de entrada e saída distintos, para pessoal masculino e feminino,
- Instalações sanitárias e vestiários.

A Fábrica de Bolachas subdivide-se, também em várias secções, a saber:

a) - Recepção e armazenagem de matéria prima,
b) - Fabrico
c) - Embalagem
d) - Armazenagem e expedição.

Quanto à subdivisão destas secções temos:

a) - Recepção e armazenagem de matéria prima.
1 - Cais de recepção
2 - Armazem de Farinha ensacada, comum com a fábrica de massas,
3 - Armazem da restante matéria prima.

b) - Fabrico
1 - Laboratório de preparação das massas,
2 - Sala de fabrico
3 - Deposito de formas
4 - Lavagem " "
5 - Pequeno Laboratório de verificação
6 - Gabinete do encarregado de fabrico
7 - Raspagem de tabuleiros.

c) - Embalagem
1 - Camara de reserva
2 - Sala de embalagem

d) - Armazenagem e expedição
Em conjunto com a fábrica de massas.

PEDRO PARDAL MONTEIRO
ENGENHEIRO
LARGO DO DIRECTÓRIO, 4, 3.º, D./LISBOA
TELEFONE 2 50 59

Em paralelo, e tal como acontece com a fábrica de massas, houve que prever as instalações para o fabrico e recuperação de embalagens, as quais compreendem os seguintes serviços:

1 - Armazem de taras devolvidas
2 - Lavagem e secagem
3 - Oficina
4 - Forragem
5 - Armazem

Completam o conjunto das instalações desta fábrica:
- Serviços de entrada e saída para pessoal masculino - em comum com os mesmos da fábrica de massas;
- Serviços de entrada e saída para pessoal feminino - estes completamente separados dos mesmos da fábrica de massas;
- Instalações Sanitárias e Vestiários.

Além das dependências anteriormente previram-se os seguintes serviços comuns às duas fábricas:
- Caldeiras de água quente,
- Posto transformador
- Escritórios
- Refeitórios distintos para pessoal masculino, feminino e encarregados, com capacidade prevista para servir simultaneamente o pessoal da fábrica projectada, e ainda o pessoal dos Silos, Moagem e Armazém de Farinhas,
- Posto médico, constituido por Sala de espera, consultório, sala de tratamentos e instalações sanitárias.

III - DO PROJECTO

Em face do programa exposto concebeu-se um edifício com três pisos totais e dois pisos intermédios.

Duma maneira genérica faz-se a seguinte distribuição:

1º. - Pavimento - Armazens Gerais, embalagem de massas, fabrico e armazenagem de embalagens para massas, empacotamento de

PEDRO PARDAL MONTEIRO
ENGENHEIRO
LARGO DO DIRECTÓRIO, 4, 2.º, D. / LISBOA
TELEFONE 2 5059

farinha, serviços de entradas e saídas,

2º. Pavimento - Armazens de farinha e grande nave de fabrico de massas;

3º. - Pavimento - A cadeia completa da fábrica de bolachas.

No pavimento intermédio inferior localizaram-se os escritórios e o refeitório do pessoal feminino. O Pavimento intermédio superior é constituido por pequenas areas, destinadas a acesso aos silos e a casas de motores de ascensores

No pequeno corpo que se estende no prolongamento da fachada Norte instalaram-se, em cave, o posto transformador, e nos vários andares, o posto médico e os refeitórios de pessoal masculino.

O principal movimento de veiculos de carga é o que se destina ao cais de expedição. Foi este localizado sobre o logradouro Norte, por ser o único que beneficia de duas entradas, o que muito vem facilitar o serviço, dado que se prevê um movimento constante durante as horas de funcionamento da fábrica.

O movimento para o cais de recepção anexo ao de expedição, é bastante mais reduzido e destina-se apenas à entrada de parte da matéria prima para a fábrica de bolachas, a qual sobe pelo ascensor aí colocado.

Na fachada Sul criou-se um pequeno cais destinado ao serviço de fabrico de embalagens para massas, cais este que terá um movimento bastante pequeno, sendo, por consequência, suficiente o arruamento previsto.

Os acessos do pessoal foram localizados de forma a diminuir o mais possível os trajectos, tendo-se conseguido que os operários, tanto homens como mulheres cheguem directamente aos locais de trabalho, sem necessidade de atravessarem secções estranhas ao seu serviço.

As instalações sanitárias e vestiários foram localizadas à entrada dos locais de trabalho, dos grupos de pessoal a que se destinam.

PEDRO PARDAL MONTEIRO
ENGENHEIRO
LARGO DO DIRECTÓRIO, 4, 2.º, D. / LISBOA
TELEFONE 2 5059

Quanto ao numero das instalações sanitárias, é esto suficiente para o pessoal previsto, tendo sido ultrapassadas, em numero, as disposições regulamentares.

No 3º. Pavimento, deixou-se uma vasta área disponível destinada a uma futura expansão da fábrica de bolachas, e ainda à localização de vários serviços que a C.I.P.C. aí pretende instalar num futuro próximo.

No que se refere ao caracter arquitectónico, procurou-se projectar um edifício que, embora à custa de um partido diferente, consequência de um programa diferente, pudesse harmonizar-se com os restantes edifícios já construidos.

Concebeu-se um edifício de linhas sóbrias, em que transparecesse claramente o partido adoptado, pretendendo-se marcar os volumes, por forma a obter uma construção de linhas harmoniosas, que se impusésse pela sua simplicidade e grandeza.

IV - DA CONSTRUÇÃO

Acerca das fundações não se faz aqui qualquer especificação, uma vez que o seu estudo foi entregue a um técnico competente.

A super estrutura será em betão armado, cujo projecto será oportunamente apresentado à digníssima Camara.

Todas as paredes serão em alvenaria de tijolo, tendo sómente a função de divisórias, não suportando por conseguinte qualquer carga.

Os envidraçados serão assentes em caixilharia de Betão no que se refere a grandes vãos e em caixilharia metálica nos pequenos vãos.

Nos acabamentos empregar-se-ão materiais de primeira qualidade dando-se preferência à indústria nacional.

Nos acabamentos exteriores procurar-se-ão aplicar os materiais empregados nos edificios já construidos.

As coberturas serão constituidas por laje de betão armado devidamente impermeabilisada e protegida termicamente.

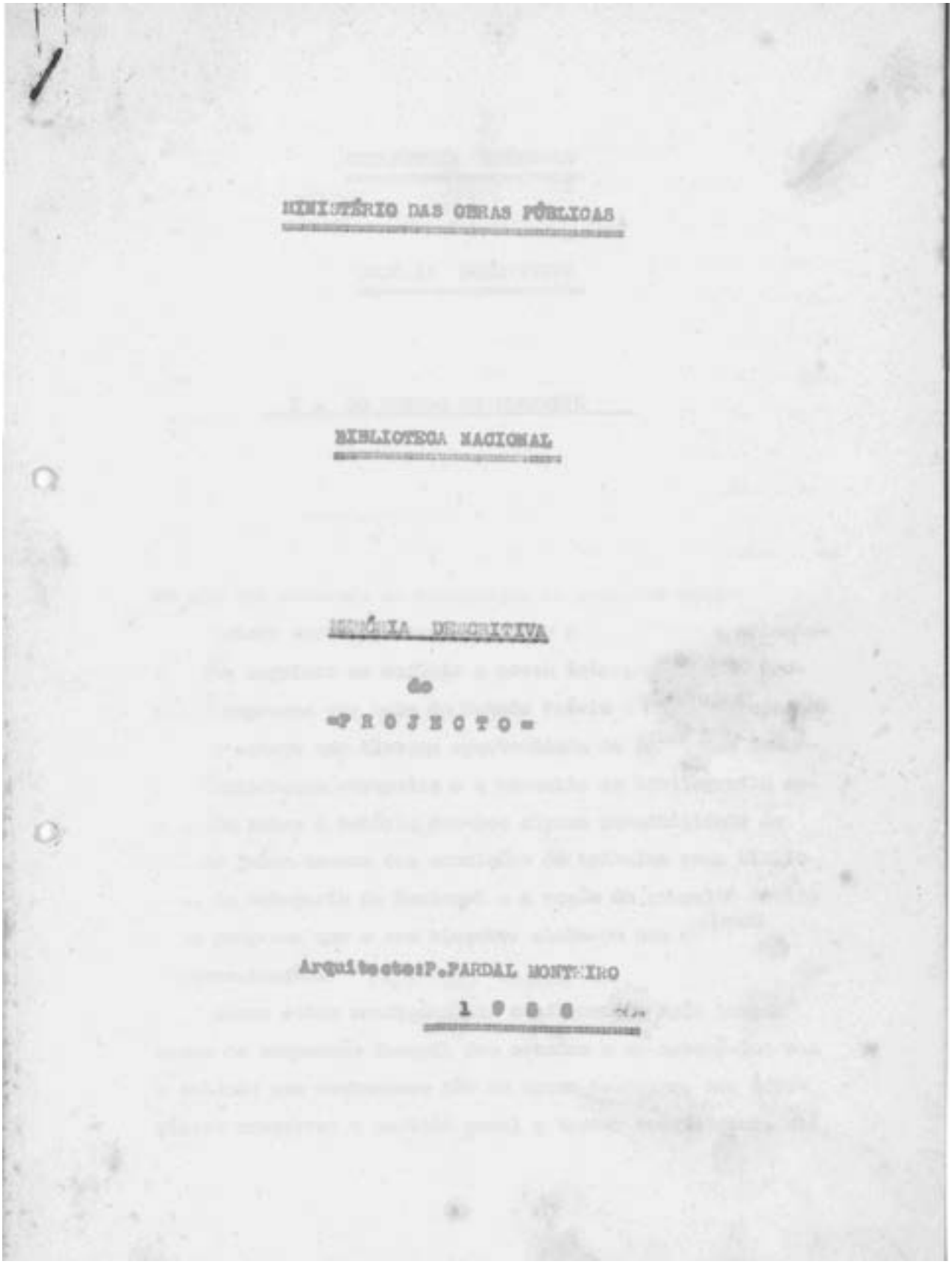
PEDRO PARDAL MONTEIRO
ENGENHEIRO
LARGO DO DIRECTÓRIO, 4, 2.º, D. / LISBOA
TELEFONE 2 5059

Em tudo o que esta memória for omissa seguir-se-ão as regras da boa construção e as normas regulamentares em vigor.

Lisboa, 23 de Julho de 1956

Documento 56.03

MONTEIRO, Porfírio Pardal - Memória Descritiva do Projecto da Biblioteca Nacional. Lisboa: [Documento dactilografado do Espólio PMA], Agosto de 1956.



MINISTÉRIO DAS OBRAS PÚBLICAS

BIBLIOTECA NACIONAL

MEMÓRIA DESCRITIVA

do

"P R O J E C T O"

Arquitecto: P. PARDAL MONTEIRO

1 9 5 6

BIBLIOTECA NACIONAL

MEMÓRIA DESCRITIVA

I - DO ESTUDO DO PROJECTO

A concepção do partido expresso no Anteprojecto aprovado não foi alterada na elaboração do projecto definitivo.

Ocioso seria, portanto, voltar a justificar a orientação que seguimos ao definir a nossa interpretação do programa expressa por meio do Estudo Prévio e do Anteprojecto.

O estudo que tivemos oportunidade de fazer das inúmeras bibliotecas europeias e a consulta da bibliografia conhecida sobre a matéria deu-nos alguma possibilidade de formar juízo acerca das condições do trabalho numa biblioteca da categoria da Nacional e a noção do respeito devido a um programa que o seu Director elaborou com excepcional pormenorização.

Ambas estas condições nos confirmaram, após longos meses de suspensão forçada dos estudos e ao retomá-los com o cuidado que costumamos pôr no nosso trabalho, que deveríamos conservar o partido geral e tentar aperfeiçoar, até

onde nos fosse possível, a solução particular de cada serviço e de cada elemento da composição, de modo a projectar o edifício em condições de bem satisfazer à sua finalidade.

Deficiências e até mesmo erros de interpretação não temos a pretensão de que não sejam notados no nosso trabalho. Mas uns e outros não se poderão com justiça atribuir a menos cuidado ou a desinteresse por um problema que, precisamente pela sua excepcional complexidade, nos tem apaixonado. À nossa incapacidade de realizar melhor se devem atribuir tais faltas que, mais do que ninguém, lastimamos.

Definidas nos estudos anteriores as grandes divisões da instituição, restava-nos analisar uma a uma todas as premissas do programa e verificar a conveniente situação relativa de cada parte e de cada serviço. Necessário foi observar se as respectivas condições comportáveis no conjunto da edificação seriam de molde a permitirem a sua conveniente utilização. É do nosso dever porém confessar que por mais que nos esforçassemos, nem sempre conseguimos atingir o nível de perfeição que desejávamos, o que é proprio da arte de compor, a qual exige sacrifícios de toda a sorte para se atingir o equilíbrio e o justo valor de todo e com frequência o abandono da perfeição absoluta de pormenor em benefício da harmonia do conjunto. É evidente, no entanto, que está bem longe do nosso espírito a ilusão de termos conseguido ser perfeitos em qualquer sentido. Referimo-nos naturalmente ao limite que a nossa capacidade atinge.

II - DOS ELEMENTOS ESSENCIAIS

Tal como fizemos ao definir o partido geral, quer no Estudo Prévio quer no Anteprojecto, mantivemos sempre a preocupação de ajustar a solução aos dados do programa arrumando as diversas partes da composição em concordância com o seu destino, as suas afinidades e a sua função.

As grandes linhas de circulação dos leitores e das espécies, a separação e a interligação dos serviços afectos à leitura, à manipulação e à armazenagem, a relativa independência das zonas de serviços técnicos e administrativos, enfim, a acomodação das diferentes partes do todo de modo a assegurar, tanto quanto possível, a eficiência de cada uma e do conjunto foram não só respeitadas, mas, onde possível, melhoradas.

Duma maneira simples e sumária podemos considerar os serviços da Biblioteca Nacional como constituindo duas partes essenciais: a que é especial e directamente reservada aos leitores e a que compreende os serviços técnicos, onde o leitor, em regra, não tem acesso.

Quanto á primeira abrange:

Salas de Leitura, de Catalogos, de Exposição, de Conferências e de Convivio, além de Gabinetes de estudo para trabalhos individuais.

A segunda compreende não só os numerosos depósitos, como todos os serviços de recepção, catalogação, tratamento e conservação das espécies, e ainda os diversos serviços técnicos e administrativos puramente funcionais.

Pelo que respeita aos leitores, procurámos assegurar as linhas de circulação que facilitem o acesso ás diversas salas-de-leitura e de estudo, desde as de carácter mais geral e comum, às mais especiais e reservadas, sem interferências de qualquer ordem, para que todo aquele que careça de consultar qualquer espécie, desde o simples leitor curioso ou ocioso até ao investigador, encontre com facilidade o caminho para o local ou o departamento que lhe interessa.

Assim, a partir do Vestíbulo Principal, único local de entrada dos leitores na Biblioteca, sem distinção de categorias, reconhece-se imediatamente o caminho que os conduzirá aos diversos locais que normalmente lhes são acessíveis.

É certo que não agrupámos no mesmo andar todas as Salas-de-Leitura, dada a necessidade de dispor, na proximidade de cada uma, os respectivos depósitos das espécies.

Mas, embora dispondo-as em andares diversos, procurámos fazer concentrar num único local de distribuição os acessos aos locais procurados. Assim, galerias de ligação directa à grande Sala-de-Leitura geral e a Sala-dos-Periódicos (os locais mais frequentados) partem do Vestíbulo Principal em frente e á esquerda, no Andar Térreo, ao passo que, por meio de circulações verticais(escada e elevador) se chega directamente ás Salas de Leitura de menor frequência, distribuídas nos Andares Superiores.

O leitor não tem assim que atravessar zonas que lhe não sejam especialmente reservadas.

Do mesmo modo, o movimento da entrada das espécies, tanto do Depósito Legal como das Aquisições, Trocas, Ofertas, etc se mantém afastado das zonas de frequência dos leitores, em directa ligação com todos os serviços técnicos da Biblioteca e com a respectiva Administração e Direcção.

III - DO PROJECTO

Compreende o projecto arquitectónico do edifício da Biblioteca Nacional as seguintes peças:

Nº1 - Planta do conjunto e situação
2 - Andar Principal (Anterior)
3 - " " (Posterior)
4 - " Inferior (Anterior)
5 - " " (Posterior)
6 - Andar Intermédio (Anterior)
7 - " " (Posterior)
8 - " Superior (Anterior)
9 - " " (Posterior)
10 - Coberturas (Anterior)
11 - Andar tipo dos Depositos (Torre)
12 - Andar Técnico
13 - Cobertura do Depósito (Torre)
14 - Alçado principal (Nascente)
15 - " posterior (Poente)
16 - " lateral (Norte)
17 - " " (Sul)
18 - Corte por A.B.
19 - " " C.D. e D.C. (parcial)
20 - " " E.F.
21 - " " F.E.
22 - " " G.H.
23 - " " I.J.
24 - " " L.M.
25 - " " N.O.
26 - " " P.Q.
27 - " " R.S. e S.R. (parcial)

Por meio destas peças julgamos ter conseguido definir o nosso pensamento acerca das formas e dos elementos que caracterizam o novo edifício a encorporar no património nacional.

A noção das nossas responsabilidades e o desejo de bem cumprir o nosso dever, quer como simples profissional quer como português, forçam-nos a reconhecer que a incompatibilidade entre a excepcional complexidade do problema e os prazos concedidos para o seu estudo podem levar à revisão de alguns pormenores da composição, para cuja solução será certamente necessário fazer, oportunamente, novas visitas a outras instalações congéneres.

Estamos, no entanto, persuadidos de ter definido, com suficiente justeza, a localisação, a expressão, a forma as proporções e o carácter de cada parte da instituição, com o desenvolvimento possível nos limites dum projecto.

IV - DA DISTRIBUIÇÃO POR ANDARES

Conforme já foi anteriormente referido, o projecto da Biblioteca Nacional compreende vários andares. Uma grande parte das dependências distribui-se por dois, três ou quatro andares, em superfície, enquanto que a zona especialmente reservada aos depósitos de livros se distribue em altura, compreende um corpo de 10 andares com a mesma composição, coroados por um Andar Técnico, no qual se instala toda a maquinária dos aparelhos elevatórios e outros.

Na zona da Torre dos Depósitos o edifício abrange, na totalidade, quatorze andares.

As plantas dos andares que se desenvolvem em superfície tiveram que ser desenhadas, cada uma, em duas folhas, não só por não se fabricar papel apropriado, com as dimensões que permitisse desenhá-los numa única peça, como por não ser humanamente possível efectuar o estudo prático convenientemente numa única folha de desenho de tão grandes dimensões.

Assim, a cada andar correspondem duas folhas, uma relativa à zona mais proxima da fachada principal, designada por "ANTERIOR", e outra referente à zona mais recuada, designada por "POSTERIOR".

Para identificação de cada dependência adoptámos uma numeração diferente por cada andar, de modo a permitir, durante a execução das obras, referenciar o projecto com as discriminações correspondentes no Caderno de Encargos, sobretudo no que se refere à descrição dos acabamentos de cada parte do edifício.

A numeração adoptada é a seguinte:

ANDAR PRINCIPAL (Anterior)

P.1 - Patamar da Entrada
P.2 - Guarda-ventos
P.3 - Vestíbulo Geral ou Principal
P.4 - Grande Patamar
P.5 - Vestiário Geral
P.6 - Galeria de circulação
P.7 - Arrecadação
P.8 - Cabines telefónicas
P.9 - P.B.X.

P.10 - Gabinete
P.11 - Sala-de-Leitura de Periódicos
P.12 - Patamar do Restaurante
P.13 - Restaurante
P.14 - Lavabos
P.15 - Toilette-senhoras
P.16 - Retretes-senhoras
P.17 - Lavabos-homens
P.18 - Retretes-homens
P.19 - Copa
P.20 - Bar
P.21 - Museu de Numismática
P.22 - Exposições temporárias
P.23 - Gabinete do Conservador das Exposições
P.24 - Arrecadação e Preparação das Exposições
P.25 - Arrecadação
P.26 - Passagem
P.27 - Galeria de circulação
P.28 - " "
P.29 - " "
P.30 - Tesouraria
P.31 - Arquivo
P.32 - "
P.33 - "
P.34 - Secretaria
P.35 - Contabilidade
P.36 - Arquivo
P.37 - Corredor

P.38 - Gabinete do Secretario
P.39 - Instalações sanitárias
P.40 - Antecamara do Director
P.41 - Gabinete do Director Adjunto
P.42 - Arquivo
P.43 - Gabinete da dactilografa-secretária
P.44 - " do Director
P.45 - Arquivo do Director
P.46 - Antecâmara
P.47 - Instalações sanitárias do Director
P.48 - Sala do Conselho
P.49 - Sala-de-sala
P.50 - Patamar da entrada para o Anfiteatro
P.51 - Vestíbulo do Anfiteatro de Conferências
P.52 - Acesso ao Vestiário
P.52A- " ao Anfiteatro Baixo
P.53 - Vestiário
P.54 - Antecâmara das instalações sanitárias
P.55 - Lavabos - homens
P.56 - Retretes- Homens
P.57 - Arrecadação
P.58 - Lavabos-senhoras
P.59 - Retretes-senhoras
P.60 - Arrecadação
P.61 - Salão
P.62 - Gabinete de conferentes
P.63 - Camarim
P.64 - Vestiário

P.65 - Instalações sanitárias-conforentes

P.66 - Arrecadação

P.67 - "

P.68 - Acesso ao estrado

P.69 - Cabina do estrado

P.70 - Estrado

P.71 - Anfiteatro (vidé andar intermédio)

P.72 - Galeria de circulação (V.f.Posterior)

P.73 - " " (V.f.Posterior)

P.74 - Trocas Internacionais - Recepção

P.75 - " " - Deposito de espécies a distribuir

P.76 - Trocas Internacionais - Gabinete do Conservador

P.77 - " " - Registo das espécies

P.78 - " " - Depósito de espécies a expedir

P.79 - Empréstimo

P.80 - Compras, ofertas e permutas (Depósito)

P.81 - " " " (Secretaria)

P.82 - Sala-de-espera

P.83 - Gabinete do Bibliotecário das entradas

P.84 - Depósito Legal - Registo e Conferência (V.f.posterior)

P.85 - Sala de Seminário

P.86 - " "

P.87 - " "

P.88 - Gabinete do Superintendente

P.89 - Sala de Conselheiros e Assistentes

P.90 - Biblioteca de Biblioteconomia

P.91 - Sala de Catalogo (V.f.posterior)

ANDAR PRINCIPAL (Posterior)

P.92 - Leitores cegos - Entrada

P.93 - " " - Instalações sanitárias

P.94 - " " - Sala-de-leitura

P.95 - " " - Depósito e catalogação de livros e discos.

P.96 - Informação bibliográfica - Sala-de-trabalho

P.97 - " " - Informação (lado catalogo)

P.98 - " " - " (lado Sala-de-leitura)

P.99 - Sala de Leitura - Controle dos leitores

P.100- Sala-de-Leitura Geral

P.101- Distribuição

P.102- Sala-de-fumo

P.103- Terraço coberto

P.104- Antecâmara das instalações sanitárias (Homens)

P.105- Lavabos-homens

P.106- Retrete-homens

P.107- Antecâmara das instalações sanitárias(Senhoras)

P.108- Lavabos-senhoras

P.109- Retretes-senhoras

P.110- Arrecadação

P.111- Corredor de acesso aos Gabinetes

P.112- Gabinete para investigadores

P.113- " " "

P.114- " de dactilografia

P.115- Catálogo colectivo

P.116- Corredor

P.117- Catalogação - Entrada

P.118 - Catalogação - Sala de trabalho
P.119 - " - Classificação
P.120 - " - Cotação
P.121 - " - Máquinas
P.122 - " - Saída
P.123 - Arrecadação
P.124 - Depósito legal
P.125 - Sala de espera
P.72A - Galeria de circulação
P.73A - " "
P.126 - Patamar e Cais
P.127 - Arrecadação
P.128 - Galeria de circulação
P.129 - Gabinete do Bibliotecário
P.130 - Oficinas - Encadernação
P.131 - " - Dourador
P.132 - " - Laboratórios de Ensaios
P.133 - " - Restauração e moldagens
P.134 - " - Museu de Restauração e Moldagens
P.135 - " - Electricista
P.136 - " - Tipografia
P.137 - " - Arrecadação da Tipografia
P.138 - Desinsectização - Entrada
P.139 - " - Limpeza
P.140 - " - Depósito de carros
P.141 - " - Motores
P.142 - " - Passagem
P.143 - ") Câmara de desinsectização

ANDAR INFERIOR (Anterior)

I.1 - Galeria de circulação
I.2 - Sala de espera do Médico
I.3 - Gabinete do Médico
I.3A - Exame médico
I.4 - Arrecadação
I.5 - Habitação do Guarda - Despensa
I.6 - " " - Cosinha
I.7 - " " - Quarto
I.8 - " " - Quarto
I.9 - " " - Corredor
I.10 - " " - Armários
I.11 - " " - Casa-de-banho
I.12 - Lavabos - pessoal médio
I.13 - Refeitório do pessoal médio
I.14 - Aquecimento " "
I.15 - Sala-de-estar " " - mulheres
I.16 - " " " " - homens
I.17 - Antecâmara - " Superior
I.18 - " do Refeitório
I.19 - Lavabos-pessoal superior
I.20 - Sala-de-estar do pessoal superior
I.21 - Refeitório pessoal superior
I.22 - Lavabos pessoal menor
I.23 - Refeitorio-pessoal menor
I.24 - Aquecimento " "
I.25 - Cosinha geral - Entrada

I.26 - Cosinha geral - Vestiário-homens
I.27 - " " - Lavabos-homens
I.28 - " " - Retretes-homens
I.29 - " " - Duches-homens
I.30 - " " - Vestiário-mulheres
I.31 - " " - Lavabos-mulheres
I.32 - " " - Retretes-mulheres
I.33 - " " - Duches-mulheres
I.34 - " " - Reserva
I.35 - " " - Sala de trabalhos
I.36 - Depósito de duplicados
I.37 - Corredor
I.38 - Sala de reuniões do pessoal
I.39 - Armazém de impressos
I.40 - " de material de expediente
I.41 - Arquivo geral da Biblioteca
I.42 - Patamar
I.43 - Antecâmara das instalações sanitárias-senhoras
I.44 - Lavabos-Senhoras
I.45 - Retretes-Senhoras
I.46 - Antecâmara instalações sanitárias-homens
I.47 - Lavabos-homens
I.48 - Retretes-homens
I.49 - Arrecadação
I.50 - Galeria de circulação
I.51 - Armazém de publicações
I.52 - " de caixotaria

I.53 - Armazém de móveis

I.54 - " de material de limpeza

I.55 - Depósito das trocas internacionais

I.56 - Vestiário Geral do pessoal medio e menor

I.57 - Galeria de circulação

ANDAR INTERIOR (Posterior)

I.50A - Galeria de Circulação

I.57A - " "

I.57B - Corredor

I.58 - Depósito de jornais

I.59 - Compressores e Ventiladores

I.60 - Armazém de material de encadernação

I.61 - " " papel de impressão

I.62 - " " fichas

I.63 - Central de aquecimento

I.64 - Arrecadação ou saída do Toboggan

I.65 - Arrecadação

I.66 - Lavabos pessoal menor-mulheres

I.67 - Instalações sanitárias pessoal menor-mulheres

I.68 - Duchas pessoal menor-mulheres

I.69 - Retretas " " - "

I.70 - Lavabos pessoal menor-homens

I.71 - Instalações sanitárias pessoal-menor-homens

I.72 - Duchas pessoal menor-homens

I.73 - Retretes pessoal menor-homens
I.74 - Lavabos " médio- "
I.75 - Instalações sanitárias pessoal menor-homens
I.76 - Duches pessoal médio-homens
I.77 - Retretes " " - "
I.78 - Lavabos " " -mulheres
I.79 - Instalações sanitárias pessoal médio-mulheres
I.80 - Duches pessoal médio-mulheres
I.81 - Retretes " " - "
I.82 - Anteesâmara
I.83 - Vestiário pessoal superior-mulheres
I.84 - Instalações sanitárias pessoal superior-mulheres
I.85 - Duches pessoal superior-mulheres
I.86 - Retretes " " - "
I.87 - Vestiário " " - homens
I.88 - Instalações" " - "
I.89 - Duches " " - "
I.90 - Retretes " " - "
I.91 - Galeria de circulação das oficinas
I.92 - Arrecadação de material
I.93 - " " "
I.94 - "Hall" da fotografia
I.95 - Fotografia-armazém de produtos químicos
I.96 - " -arquivo de negativos
I.97 - " -foto-state
I.98 - " -fotografia geral
I.99 - " -câmaras escuras
I.100- " -Anteesâmaras

I.101 - Sala de estar do pessoal menor-mulheres
I.102 - " " " " -homens
I.103 - Acesso ao pátio
I.104 - Armazém de papel velho
I.105 - " " "
I.106 - " de obras
I.107 - Oficina de carpintaria
I.108 - Lavandaria

ANDAR ENTRESSÓLIO (Anterior)

L.1 - Depósito de periódicos
L.2 - Grande patamar
L.3 - Passagem
L.3A - Galeria do Catalogo
L.4 - Arrecadação
L.5 - Corredor
L.6 - Lavabos - senhoras
L.7 - Retretes- senhoras
L.8 - Arrecadação material limpesa
L.9 - Instalações sanitárias-homens
L.10 - Retretes-homens
L.11 - Sala das colecções doadas
L.12 - Arrecadação
L.13 - Galeria de circulação
L.14 - Depósito de microfilmes

L.15 - Depósito de microfilmes
L.16 - " "
L.17 - " "
L.18 - " "
L.19 - " da filmoteca
L.20 - " "
L.21 - " "
L.22 - " "
L.23 - " "
L.24 - Depósito das Trocas Internacionais
L.25 - Depósito Legal
L.26 - Anfiteatro - Grande patamar
L.27 - " - Arrecadação
L.28 - " - "
L.29 - " - pequenas exposições
L.30 - " - " "
L.31 - " - cabine de projecções
L.32 - " - Sala de Conferências

ANDAR INTERMÉDIO (Posterior)

L.33 - Depósito de livros
L.34 - " "
L.35 - Colecções especiais
L.36 - " "
L.37 - " "
L.38 - " "
L.39- Galeria de circulação
L.40 - Depósito de Reservados
L.25A- Depósito Legal
L.41 - Depósito da Sala-de-Leitura

ANDAR SUPERIOR (Anterior)

S.1- Grande Patamar
S.2- Cartografia
S.3- Circulação
S.4- Depósito de música impressa
S.5- Antecâmara
S.6- Sala-de-Leitura de Música
S.7- Gabinete de audição individual
S.8- Discoteca
S.9- Gabinete do Bibliotecário
S.10-Sala do piano
S.11- Gabinete
S.12- "
S.13- "
S.14- Circulação
S.15- "
S.16- Arrecadação da cartografia
S.17- Filmoteca - Microfilmes, microfichas,luzes
S.18- " - Catalogação
S.19- " - Sala-de-projecções
S.20- " - Gabinete de projecções
S.21- " - Depósito de filmes
S.22- " - " "
S.23- " - " "
S.24- " - " "
S.25- " - " "
S.26- " - " "

S.27 - Arrecadação

S.28 - Antecâmara das instalações sanitárias

S.29 - Corredor " " "

S.30 - Lavabos - senhoras

S.31 - Retretes- senhoras

S.32 - Lavabos - homens

S.33 - Retretes- homens

S.34 - Iconografia

S.35 - Reservados e Manuscritos - Sala-de-Leitura

S.36 - " " - Passagem

S.37 - " " - chefe de serviço

S.38 - " " - catalogação

S.39 - " " - "

ANDAR SUPERIOR (Posterior)

S.40 - Reservados e manuscritos - depósito

S.41 - Retrete e lavabos do depósito

TORRE DOS DEPÓSITOS

D. - Depósito

D.I - Instalação sanitária do Depósito

ANDAR TÉCNICO

A.T. - Andar Geral
A.T.1 - Casa dos Motores
A.T.2 - " "
A.T.3 - " "
A.T.4 - " "

ESCADAS

E.1 - Escada principal
E.2 - " da cosinha
E.3 - " secundária
E.4 - " das trocas
E.5 - " principal do Anfiteatro
E.6 - " de serviço do Anfiteatro
E.7 - " dos depósitos (norte)-geral
E.8 - " secundária
E.9 - " principal dos Depósitos baixos
E.10 - " dos Depósitos (Sul)-geral
E.11 - " " periódicos
E.12 - " de vigilância da Sala-de-Leitura
E.13 - " do Depósito legal
E.14 - " da Filmoteca
E.15 - " da casa dos motores C.2
E.16 - " dos reservados
E.18 - " da cobertura da Torre dos Depósitos
E.20 - " do motor-elevador principal C.1

ELEVADORES

A.1 - Ascensor principal
A.2 - " de pessoal
A.D.1- Ascensor dos Depósitos
A.D.2- " " "
M.P. - Monta-pratos (restaurante)
M.L.1- Monta-livros das Trocas Internacionais
M.L.2- Monta-livros da Catalogação
M.L.3- " " distribuição-Depósito
M.L.4- " " dos Periódicos

EXTERIORES

T.1 - Acesso à cosinha habitação do guarda
T.2 - " à Sala-de-Leitura dos cegos
T.3 - Pátio à Inglesa do Claustro Central
T.4 - " " Norte
T.5 - " pequeno das oficinas
T.6 - " Grande " "
T.7 - Grande pátio posterior
T.8 - Pátio à inglesa dos jornais
T.9 - Claustro
T.10 - Grande pedestal do Anfiteatro

COBERTURA

T.11 - Cobertura do Restaurante
T.12 - " dos anexos do Anfiteatro
T.13 - " do Alpendre da Sala-de-Leitura
T.14 - " dos Gabinetes da " " "
T.15 - " das Oficinas
T.17 - " do Corpo Norte (entradas)
T.18 - " da Sala-de-Leitura
T.19 - " do topo poente da Sala-de-Leitura
T.20 - " do corpo da Entrada Principal
T.21 - " dos corpos principais anteriores
T.22 - " do Anfiteatro
T.23 - " da Torre dos Depósitos

Devemos esclarecer que o projecto não indica qualquer sistema de vedação do terreno destinado à Biblioteca Nacional, problema que não chegou a ser suficientemente esclarecido com as entidades interessadas.

Também não foi projectada a pequena caserna ou instalações destinadas á Guarda Republicana, por não ter sido considerado conveniente prevê-la encorporada no próprio edifício.

Tanto o problema da vedação como o da guarda exterior estão intimamente ligados e serão resolvidos logo que ideias concretas sejam definidas acerca do modo mais apropriado de lhes ser dada satisfação.

Pelo que respeita à instalação de Casas Fortes, não chegaram a ser concretizadas as suas condições práticas, isto é, superfície e número de volumes a guardar, pelo que se não pôde ainda definir no projecto o seu desenvolvimento. É, no entanto, seguro que nas caves dos edifícios se dispõe de espaço abundante para quando se julgar oportuno construir-se a casa-forte desejável.

Muito têm divergido as opiniões acerca da construção de "Tobogans" para a rápida evacuação dos depósitos pelo que, dada a urgência na conclusão do projecto nos limitamos a prever os locais onde estes poderão, eventualmente, ser instalados, à custa evidentemente, de alguns sacrifícios.

Todos estes casos se nos afiguram no entanto, de solução relativamente fácil, mas só poderão ser definidos em projecto após completa concretização das suas necessidades, possibilidades e eficiência.

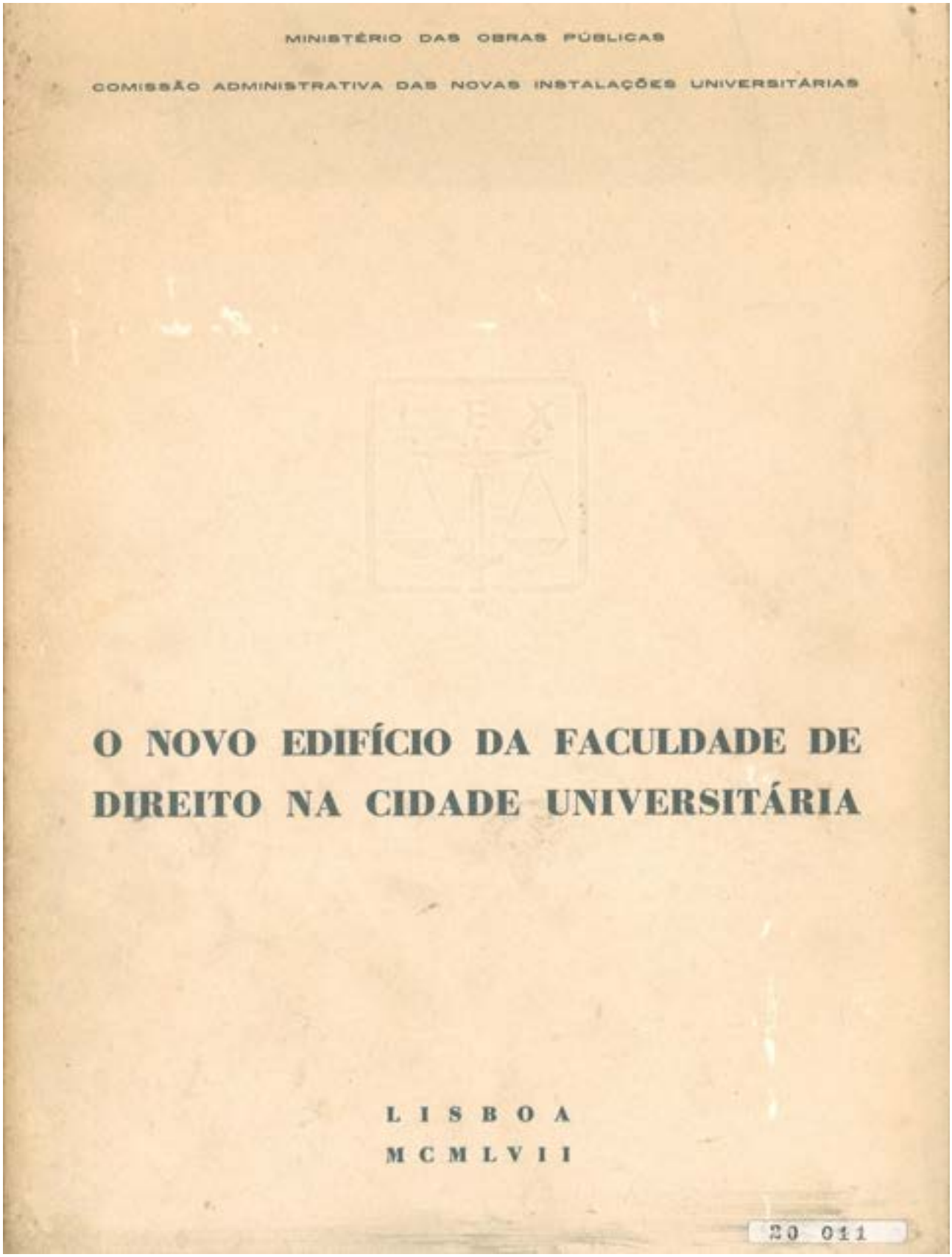
Lisboa, Agosto de 1956

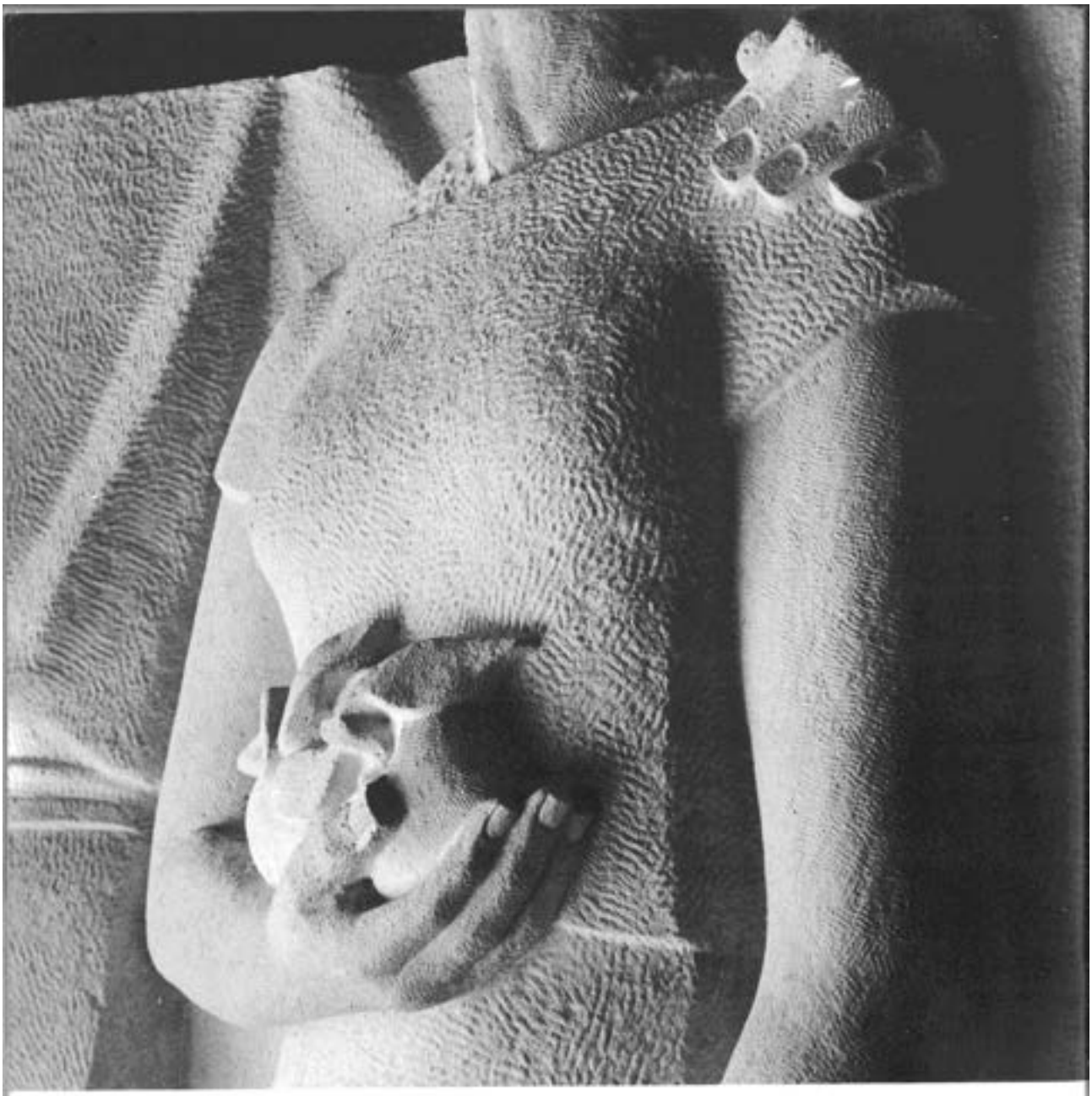
O Arquitecto

(P. Pardal Monteiro)

Documento 57.01

MINISTÉRIO DAS OBRAS PÚBLICAS, COMISSÃO ADMINISTRATIVA DAS NOVAS INSTALAÇÕES UNIVERSITÁRIAS - *O Novo Edifício da Faculdade de Direito da Cidade Universitária,* Lisboa: [s.n.], 1957.





pormenor do painel escultórico
de ANTONIO DUARTE

O actual projecto da Cidade Universitária de Lisboa abrange uma área de cerca de 150 hectares constituindo um vasto Parque arborizado, já hoje em realização, dentro do qual e no centro mais representativo da Vida Escolar (que será a Praça da Universidade), se situam a Reitoria e as Faculdades de Direito e de Letras.

Depois de terem sido construídos e estarem em pleno funcionamento a Faculdade de Medicina (em conjunto com o Hospital de Santa Maria), o Estádio Universitário e alguns Campos Desportivos, a Cidade Universitária de Lisboa vai pouco a pouco tomando forma constituindo a inauguração da Faculdade de Direito, cujas instalações eram reconhecidamente insuficientes, mais um testemunho do interesse do Governo em proporcionar aos Universitários, professores e estudantes, boas condições de trabalho em ambiente propício.

A inauguração desta Faculdade seguir-se-á dentro de curto período a da Faculdade de Letras cuja construção já está muito adiantada.

A presente publicação é dedicada a assinalar a data festiva que é para a Universidade de Lisboa a inauguração das Novas Instalações da sua Faculdade de Direito.



pormenor do painel escultórico de ANTONIO DUARTE

A FACULDADE DE DIREITO NA UNIVERSIDADE DE LISBOA

A fundação da Universidade de Lisboa, em 1911, teve o duplo carácter do preenchimento de uma inexplicável lacuna e da restituição à Cidade de um organismo que havia começado, como todos sabem, por lhe pertencer, em plena Idade Média. O lugar escolhido por D. Diniz para a sua memorável criação em nada diminuia as tradições por tantos títulos famosas e já três vezes seculares dessa mesma Universidade, no seu segundo e aliás também renovado poiso — do mesmo modo que os pergaminhos de Coimbra, ainda que esta não houvesse de os partilhar com Lisboa, nunca seriam bastantes, como os de qualquer outra cidade que adrede os pudesse invocar, para ostentar, no interior dos seus muros, em detrimento da Capital, o exclusivo da presença excelsa que é sempre a da Universidade.

A Cidade Universitária de Lisboa, que dentro de pouco já deve aparentar à sua realidade magnífica — é a resposta concludente, dada no seu nível próprio de grandeza e a meio século de distância, no que toca a felicidade e ao acerto da primeira decisão que, no capítulo, se tomou.

A criação da Faculdade de Direito de Lisboa, posta a funcionar no fim de 1913, era o complemento necessário da fundação da nova Universidade: porque se as escolas superiores (Letras, Politécnica, Medicina), dispersas mas existentes já na Capital, forneciam três dos grandes pilares de toda a Universidade Clássica — e para mais com o seu não superado prestígio — um quarto lugar, pertença legítima e usual do Direito, estava clamorosamente vago. Em Lisboa — não se ensinava O Direito. Como justificar, em tese — a sua exclusão de um quadro universitário que nos moldes da tradição clássica precisamente se instituira? E, na hipótese, como privar da feição social culminante dos seus ensinamentos o centro, de longe, o mais populoso do país e a Cidade-chave dos seus transcendentes destinos?

Grande foi dest'arte o serviço prestado, em 1913, com a criação da nova Faculdade.

Só lhe não deram a Casa: quer dizer, o condicionamento básico do serviço lectivo — e a própria fachada

Levou essa Casa quarenta e quatro anos a fazer?

Marquemos só no relógio a hora propícia em que nos aparece feita.

E o segundo grande serviço que vem completar o primeiro.

Porque, desfalcada de uma instalação condigna durante quase meio século, metida primeiro e esquecida depois num prédio onde tudo lhe faltava, foi preciso que valesse à nova instituição um concurso excepcional de factores e circunstâncias felicíssimas, para lhe assegurar a carreira que fez o prestígio que tem. É fácil destacar para uma tão árdua e honrosa resultante, convertida em benigno pendor: a autoridade ganha em concurso de provas públicas pelos seus primeiros professores; a própria recordação dessas mesmas provas para vedar o acesso ao magistério a quem as não houvesse prestado; o zêlo e a mocidade dos novos mestres que nesse propósito garantiram por árduas acumulações a regência integral das cadeiras e cursos da Faculdade; o oportuno chamamento que pode fazer-se de antigos professores de Direito, vivendo em Lisboa; a atracção exercida pela Capital para que de Coimbra solicitassem a transferência algumas figuras de relevo no seu magistério; o recrutamento, finalmente, que pode começar a fazer-se e foi prosseguindo de entre os próprios alunos da Escola, dinastia de notório brilho que aos poucos foi constituindo o novo corpo docente, hoje exclusivamente formado com elemento dessa origem.

Não faltaram, pois, trabalhos (e trabalhos acrescidos pela falta de Casa, onde apropriadamente trabalhar) no longo intervalo que mediou entre a criação da Faculdade e a construção do edifício que, finalmente, se vai inaugurar.

Esses trabalhos posso sintetisá-los numa palavra: criar o espírito da Escola, na sua unidade, e na sua irradiação. Ou se quiserem, uma alma digna de habitar — e capaz de encher e transbordar da Casa Nova.

Essa alma — temos a consciência de a haver formado. Pobres de meios, tudo, no entanto foi posto a funcionar em nível adequado: altitude do ensino, zêlo docente, entendimento entre os mestres, equilibrada disciplina, amor da instituição — e seu corolário natural, o adquirido respeito alheio.

Há notícia de Casas grandes, onde só feitos diminutos se registam. A razão está — em que são corpos sem alma.

Não é o caso da Faculdade de Direito.

A formação da *alma* antecedeu a construção da *casa*.

A valiosa outorga que se lhe faz é deste modo — uma merecida prova de confiança.

FERNANDO EMYGDIO DA SILVA

Antigo Director da Faculdade de Direito da Universidade de Lisboa e seu professor desde a fundação



O NOVO EDIFÍCIO DA FACULDADE DE DIREITO DA UNIVERSIDADE DE LISBOA

arquitecto: Pardal Monteiro

Realização da Comissão Administrativa das Novas Instalações Universitárias

Para a realização deste edifício foram estudados em pormenor os seguintes pontos:

O seu projecto em função do programa estabelecido; as suas estruturas; a sua construção; os seus acabamentos; a sua iluminação e aquecimento; o seu equipamento; e as suas obras de arte.

Os estudos prévios orientaram-se no sentido de formar com a Reitoria e as Faculdades de Letras e de Direito um conjunto equilibrado e harmónico que constituisse o fundo da Praça da Universidade.

O projecto da Faculdade de Direito que hoje se inaugura foi estudado tendo em vista dar plena satisfação ao programa superiormente aprovado, não só quanto ao número de dependências, capacidade e outras exigências expressas naquele documento, como adoptar para cada caso a solução que possa corresponder às exigências da moderna pedagogia não esquecendo a necessidade de criar um ambiente propício ao ensino e estudo e por conseguinte ao bom desenvolvimento intelectual.

Além deste objectivo foi necessàriamente concebida uma solução que, sem deixar de corresponder à importância e dignidade pretendidas, fosse bem ordenada, simples e conduzindo a encargos compatíveis com as verbas superiormente autorizadas.

Os diversos elementos desenhados, elucidam quanto à solução adoptada e às características fundamentais do edifício.

A parte mais importante da Faculdade de Direito distribui-se por dois andares; o principal e o superior; uma segunda parte mas de menor representação distribui-se por outros dois andares ocupados parcialmente: o inferior e o dos depósitos de livros.

A observação do projecto esclarecerá àcerca do modo como se agrupam as diversas zonas de serviço, notando-se a separação das ruidosas das do silêncio e reunindo as partes afins em núcleos ordenados que evitam cruzamentos de serviços de diferente natureza.

Consultando as plantas observamos que a entrada principal está situada num dos topos do terreiro remate da esplanada da Praça da Universidade que, tendo como seguimento os Passos Perdidos, dá um acesso franco não só aos anfiteatros e aulas, como aos Serviços de Secretaria que por si constituem um núcleo bem definido e localizado.

Os Passos Perdidos, local de grande circulação de estudantes, no interior do edifício, antes e depois das aulas, prolongam-se naturalmente para dois pátios ar-



borizados e ajardinados formando um variado e agradável recinto de passeio e estacionamento, susceptível de oferecer alternativas em relação ao meio (interior e exterior) ou ao maior ou menor recolhimento.

Com entrada privativa e com possibilidades de comunicação directa com a Secretaria, observa-se a zona onde ficam instalados os Serviços de Direcção, Conselho Escolar e Salas de Professores.

No andar superior existe no topo Norte um segundo grupo de três Salas de Aula, ligadas directamente com o andar inferior por uma escada independente, isolando o movimento interior dos estudantes das zonas onde é de exigir mais socego — Biblioteca e Institutos —.

A Biblioteca abrange todas as dependências necessárias e junto à sua Sala de Leitura estão instaladas a Sala dos Manuscritos, o Gabinete do Professor Bibliotecário, o do Conservador e as Salas de Catalogação e Duplicados.

Os Institutos formam dois núcleos absolutamente independentes e estão integrados nas zonas de maior recato.

sala de leitura



No andar inferior, ficam instalados os Serviços destinados à vida colectiva dos estudantes e a outras instalações indispensáveis: duas grandes Salas de Estar para alunos e para alunas, Salas para Reuniões, a de Venda e Impressão de Folhas, as do Grupo Desportivo e as Instalações do Posto Médico, e também dois amplos vestiários e as respectivas instalações sanitárias.

No mesmo andar estão previstas a Residência dum Guarda e as instalações privativas dos contínuos, uma e outra com entradas privativas.

É também neste andar que está instalada a Central de Aquecimento, quadro geral e um grande depósito de livros complementar do da Biblioteca que se situa na parte mais elevada do edifício.

Junto a este depósito situam-se as instalações para a desinfecção, restauro e encadernação.

A estrutura deste edifício foi totalmente projectada e executada em betão armado.

Devido às grandes dimensões em planta, do edifício, foi necessário dividi-lo em treze corpos separados por juntas de dilatação.

A estrutura de cada corpo é constituída por pórticos transversais ligados por vigas longitudinais que também formam pórticos com os pilares.

Os pavimentos e a cobertura são constituídos por lages maciças ou aligeiradas.

As paredes divisórias sem função resistente, são de alvenaria de tijolo; os panos exteriores de enchimento em geral com 0,40 cm. de espessura são constituídos por dois panos de tijolo separados por uma caixa de ar para protecção térmica e acústica.

Nos cálculos, elaborados de acordo com o regulamento de Betão Armado, foram considerados, além das solicitações devidas aos pesos próprios e sobre cargas verticais, as solicitações devidas a sismos.

Como o terreno se apresenta bastante resistente e homogéneo, todas as fundações foram de tipo directo por maciços de fundação em betão simples.

Os muros de suporte, no piso inferior, foram considerados como lages apoiadas nos pilares dos pórticos.

A estrutura dos pavimentos em degrau, dos anfiteatros foi também executada em betão armado.

Para defender a construção de humidade, nos muros de suporte e massames usaram-se betões impermeabilizados; todas as paredes exteriores ficaram com caixa de ar e foram rebocadas com argamassas impermeabilizantes; os terraços foram isolados com produtos betuminosos armados com tela de alumínio e protegidos com tijoleira furada.

Para protecção contra o calor as paredes ficaram com caixa de ar e os terraços levaram recobrimento de betão celular e tijoleira furada.

Finalmente foram ainda tidos em consideração os dois seguintes problemas: isolamento sonoro e condicionamento acústico.

Para o isolamento sonoro adoptaram-se paredes duplas, caixilharia estanque, portas isolantes com as juntas vedadas e pavimentos flutuantes, nas zonas onde foi considerado necessário.

O condicionamento acústico, tendo em vista a obtenção das condições óptimas de audição (período de reverberação, coeficientes de absorpção etc.) foi obtido à custa da forma e volume das salas e da utilização de materiais absorventes e reflectores no revestimento das várias superfícies.

Estas precauções foram principalmente tomadas em galerias, salas de aula, anfiteatros, salas de leitura e sala do Conselho.

No que se refere a acabamentos, a escolha dos materiais foi condicionada por numerosos factores entre os quais devemos destacar: a durabilidade, fácil conservação e limpeza, aspecto agradável e preço admissível.

Os paramentos exteriores têm sócos e guarnecimentos de cantaria branca, sendo todas as restantes superfícies revestidas de marmorite de tijolo lavado.

Os vãos são fechados por caixilhos e portas de alumínio anodizado, largamente envidraçados.

No interior a variedade de tipos de revestimento é grande.

Os pavimentos são de pedra ou marmorite nas zonas de circulação, mosaico nas instalações sanitárias, tacos de madeira nos gabinetes e linoleum nos anfiteatros e sala de leitura; o Gabinete do Director e a Sala do Conselho são alcatifados. Alguns depósitos e armazéns de menor importância têm apenas betonilha afagada.

As paredes são geralmente estucadas ou guarnecidas a massa de areia. As zonas de circulação têm altos lambris de marmorite lavada; nos sanitários os lambris são de azulejo de côr.

Algumas são enriquecidas e protegidas por pintura.

Nas escadas, aulas e anfiteatros a consideração dos problemas de acústica obrigou ao emprego de uma série de materiais especiais.

Os tectos são estucados, com ou sem pintura.

A instalação eléctrica compreende os seguintes pontos:

a) — Iluminação: — Na generalidade é feita por focos incandescentes e fluorescentes, com armaduras de ornamentação e difusão de luz. Os focos fluorescentes nos Passos Perdidos e anfiteatros são difundidos por armaduras em «plastiluxa».

Nas salas de aula e anfiteatros foram feitos estudos luminotécnicos.

b) — Sinalização: — Obedece ao seguinte: Nas salas onde se prevê a chamada, existe um botão de chamada; sobre a porta da sala há uma lampada de sala e lateralmente está instalado um relais de retenção mecânica. Nos corredores existem lampadas de grupo. Existe também um relógio principal e vários secundários de comando eléctrico e um dispositivo de sinalização para a entrada e saída das aulas.

c) — Projecções: — Todos os anfiteatros estão preparados com cabines de projecção e ecrans.

O obscurecimento das salas é feito por cortinas, as quais são comandadas eléctricamente da cátedra.

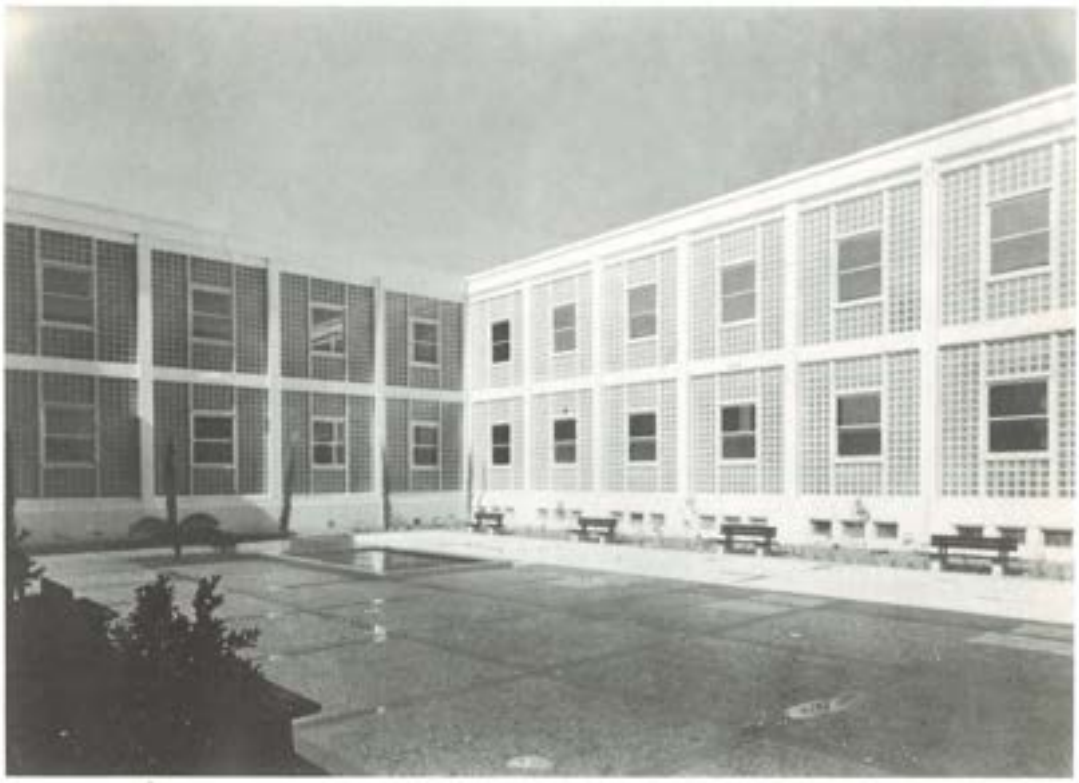
d) — Monta-livros: — Existem dois monta-livros um destinado aos depósitos para os Institutos e outro para a sala de leitura.

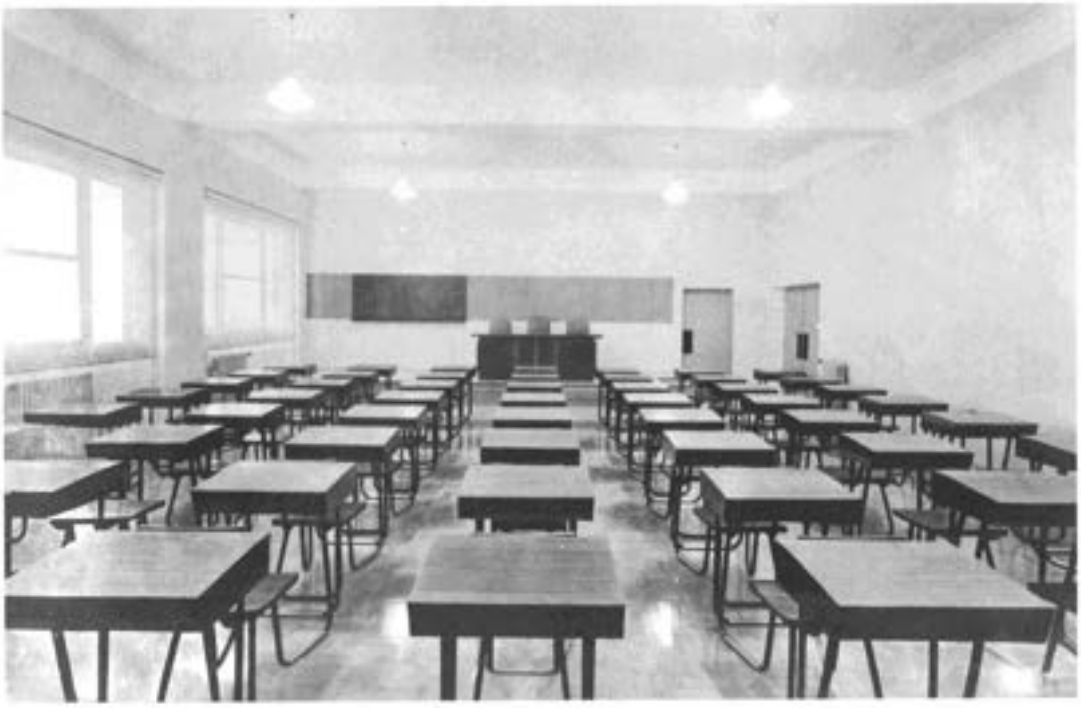
A instalação de aquecimento é feita por irradiação e convecção, sendo o veículo transportador das calorias, a água.

A Casa das Máquinas está montada com duas caldeiras preparadas para queimar fuel-oil.

O mobiliário foi todo desenhado especialmente tomando sempre em consideração a simplicidade do seu traçado sem que este facto podesse prejudicar o aspecto plástico.

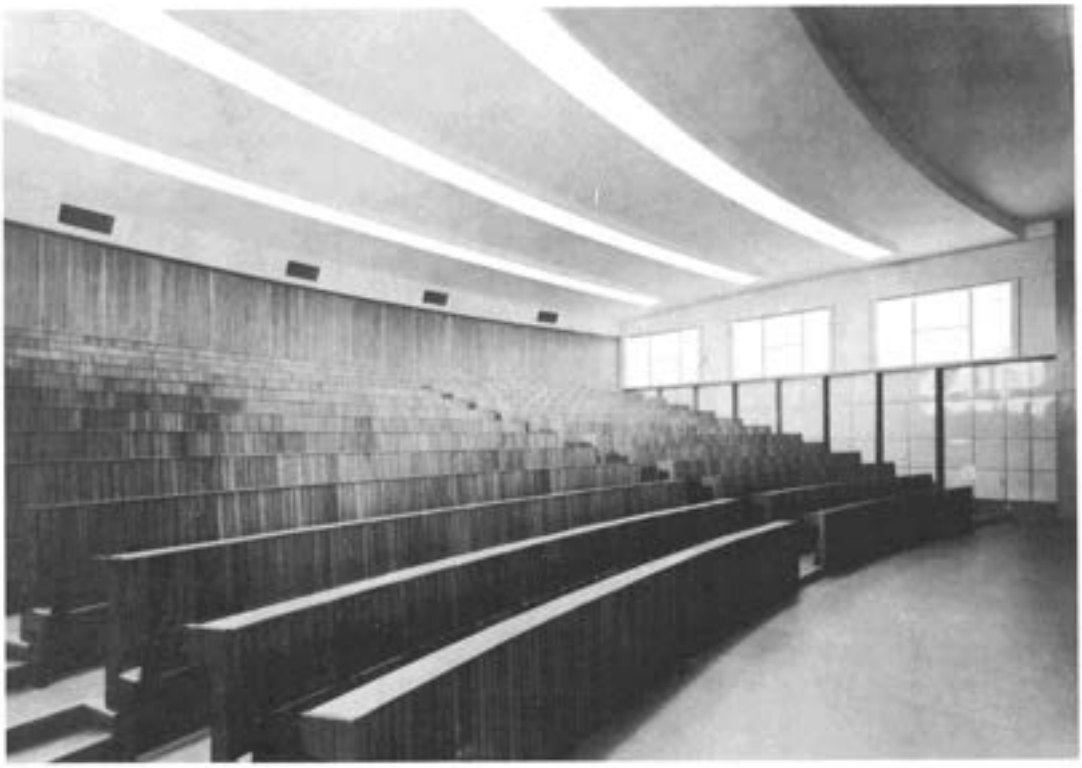
Houve a preocupação de apetrechar todos os compartimentos de acôrdo com as características do seu funcionamento.





sala de aula ▲

▼ *anfiteatro - 1º ano*





pormenor do painel escultórico de BARATA FEYO

A importância do desenho e a riqueza deste foram sempre condicionadas às dependências a que se destinavam podendo deste modo observar-se a variedade dos materiais aplicados no que diz respeito a madeiras, estofos, linoleuns, metais, pedras e plásticos.

As obras de arte que decoram o edifício são as seguintes:

1 — *Visão Histórica do Direito* — Autor Almada Negreiros — (ainda não executada).

Composição gravada por incisão na pedra que reveste as paredes do portico da Faculdade, dividida em quatro partes que são:

Origens;
Concepção transcendente do Direito;
Construção Romana do Direito;
Transição; O Direito Português e a sua História através de grandes Figuras representativas.

2 — *Baixo relevo do topo do Corpo das Aulas* — Autor Barata Feyo —.

Simboliza a Lei, a Paz, a Dignidade e a Glória.

3 — *Baixo relevo do corpo lateral da fachada principal* — Autor António Duarte —.

Simboliza o Direito Natural, a Antiga Lei Escrita e a Justiça.

4 — *Painel cerâmico da parede de fundo dos Passos Perdidos* — Autor Lino António —.

Representa a fundação da Universidade de Lisboa em 1290, pelo Rei D. Diniz, e uma aula de Direito da mesma época.

5 — *Tapeçaria mural decorativa do Gabinete do Director* — Autor Lino António —.

Execução — Manufactura de Tapeçarias de Portalegre —.

Representa o juramento das *Ordenações* pelo Rei D. Manuel.



Cartão de LINO ANTONIO para o painel cerâmico da parede de fundo dos Passos Perdidos. Representa a fundação da Universidade de Lisboa em 1290 pelo Rei D. Diniz e uma aula de Direito na mesma época.


GAIVS
INSTITUTIONES
REGULAE
SENTENTIAE
QUESTIONES ET RESPONSA
INSTITUTIONES
CODEX
DIGESTA
NOVELLAE CONSTITUTIONES
IVSTINIANO



Alguns esbocetos de ALMADA NEGREIROS destinados à decoração linear incisa na pedra de revestimento do pórtico da Faculdade.




DEO IN CELO TIBI AUTEM IN MUNDO
DEO IN CELO TIBI AUTEM IN MUNDO

Cartão de LINO ANTONIO para a tapeçaria mural destinada ao Gabinete do Director da Faculdade. Representa o Juramento das Ordenações pelo Rei D. Manuel I





Aspectos do painel cerâmico de LINO ANTONIO e da tapeçaria do mesmo artista, já executados e colocados.

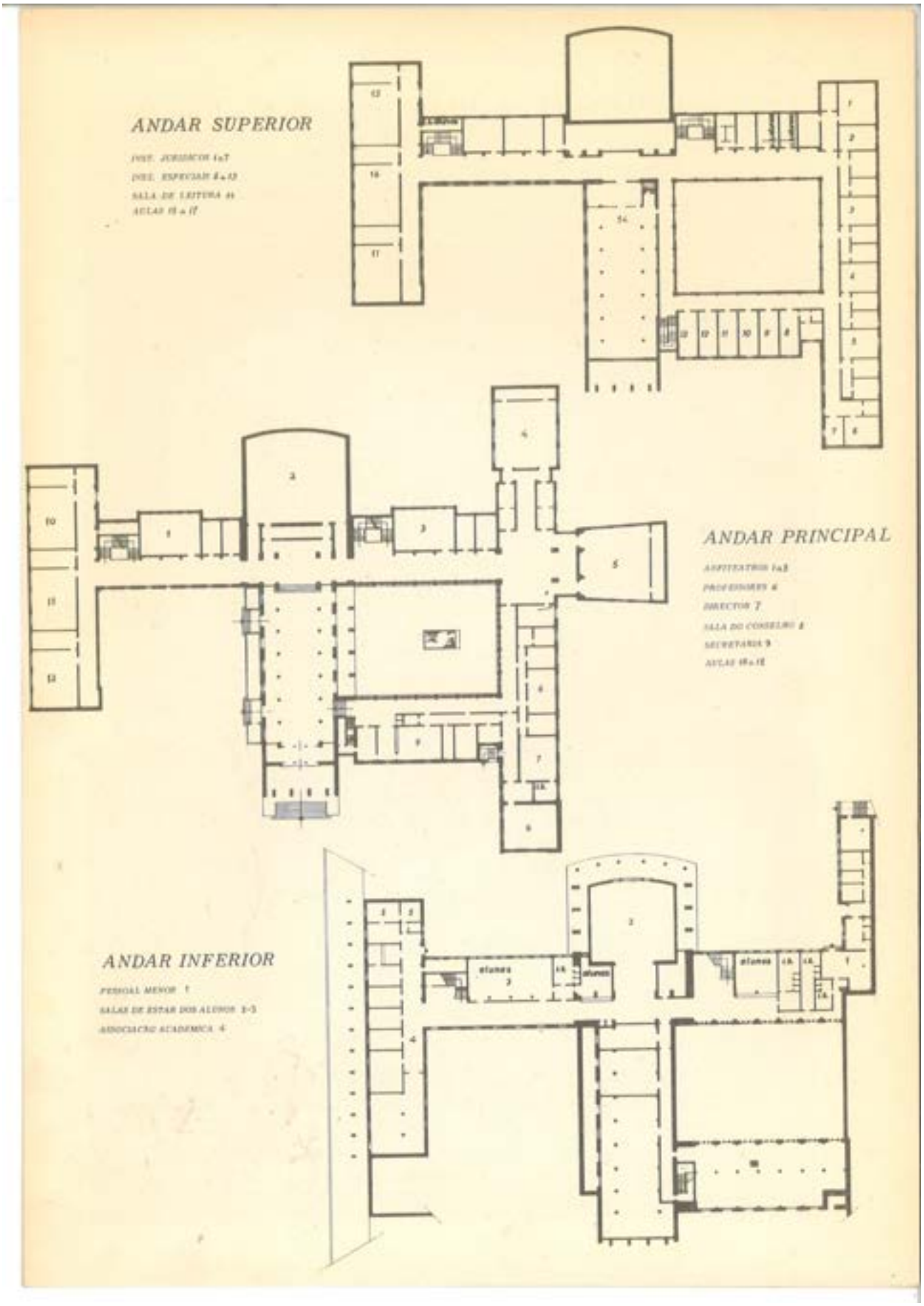


ESTUDO DE CONJUNTO DA CIDADE UNIVERSITÁRIA DE LISBOA

PLANTA GERAL



FACULDADE DE DIREITO


ANDAR SUPERIOR
ANDAR PRINCIPAL
ANDAR INFERIOR

COMISSÃO ADMINISTRATIVA DAS NOVAS INSTALAÇÕES UNIVERSITÁRIAS

Vice Presidente

Engenheiro Insp. Superior de Obras Públicas Fernando Galvão Jácome de Castro

Administrador Delegado

Professor Engenheiro Manuel Guilherme Tavares Cardoso

Vogal Secretário

Dr. Eduardo Perestrêlo de Oliveira

Desempenhou também o cargo de Administrador-Delegado desde a constituição da Comissão até ao dia 10 de Dezembro de 1955 — data em que atingiu o limite de idade — o Engenheiro Eduardo Evangelista do Carvalhal

Os técnicos desta Comissão que tiveram principal intervenção na construção do Edifício da Faculdade de Direito, foram os seguintes:

Engenheiro Civil Ignácio Constantino de Menezes Oom do Valle, Director dos Serviços das Obras das Novas Instalações Universitárias
Engenheiro Civil António Teixeira de Sampayo, Director da Obra
Engenheiro Civil Fernando Galvão Ivens Ferraz Jácome de Castro, adjunto
Engenheiro Civil Joaquim Fausto Janela Lucas, adjunto
Arquitecto Tirocinante Carlos Manuel Toscano Homem de Sá
Arquitecto Paisagista António Facco Vianna Barreto
Agente Técnico de Engenharia Civil Georgino da Nova
Domingos José Cunha e Joaquim Ligeiro, fiscais da construção civil
Franklim Piedade Gomes, fiscal da instalação eléctrica

Os empreiteiros da construção do edifício, foram:

José da Conceição Lopes e Manuel Lopes

que tiveram como principais colaboradoras as seguintes firmas:

Felix Carreira — Carpintaria
Pardal Monteiro, Lda. — Cantarias
Luís Bandeira, Lda. — Instalação eléctrica e aquecimento
Sociedade de Pavimentos e Isolamento, Lda. — Isolamentos hidrófugos e de pavimentos, lambris em marmorite
João Rodrigues Parente — Estuques
Mário Mendes da Silva — Pinturas
João Gonçalves Costa & Filhos — Caixilharia de Alumínio
Sociedade de Estores Metálicos — Estores interiores

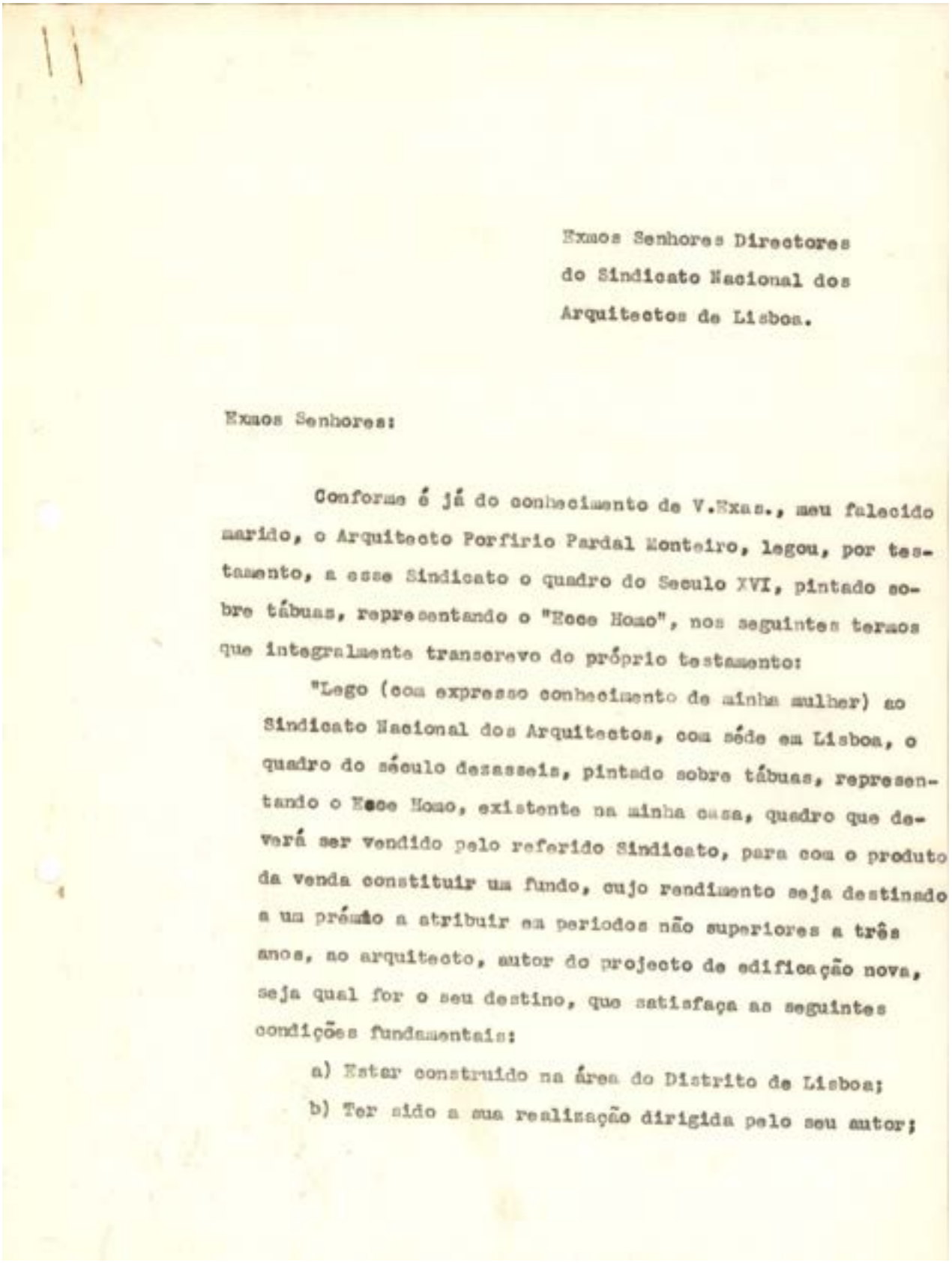
Os adjudicatários do equipamento e das obras complementares foram:

Viúva de João Ferreira & Filhos — Mobiliário
Centro Técnico Hospitalar — Mobiliário
Móveis Aséta — Mobiliário

Fábricas de Tapeçarias Sultão — Tapetes e alcatifas
Mesquita, Lda. — Arranjos Exteriores
Viveiros do Falcão — Jardinagem e Arborização

Documento 58.01

MONTEIRO, Mª Luisa Kopke Pardal – Nota sobre quadro deixado em testamento de PPM ao SNA. Lisboa: [Documento dactilografado do Espólio PMA], [195?].



Exmos Senhores Directores
do Sindicato Nacional dos
Arquitectos de Lisboa.

Exmos Senhores:

Conforme é já do conhecimento de V.Exas., meu falecido marido, o Arquitecto Porfirio Pardal Monteiro, legou, por testamento, a esse Sindicato o quadro do Seculo XVI, pintado sobre tábuas, representando o "Ecce Homo", nos seguintes termos que integralmente transcrevo do próprio testamento:

"Lego (com expresso conhecimento de minha mulher) ao Sindicato Nacional dos Arquitectos, com séde em Lisboa, o quadro do século dezasseis, pintado sobre tábuas, representando o Ecce Homo, existente na minha casa, quadro que deverá ser vendido pelo referido Sindicato, para com o produto da venda constituir um fundo, cujo rendimento seja destinado a um prémio a atribuir em periodos não superiores a três anos, ao arquitecto, autor do projecto de edificação nova, seja qual for o seu destino, que satisfaça as seguintes condições fundamentais:

a) Estar construido na área do Distrito de Lisboa;

b) Ter sido a sua realização dirigida pelo seu autor;

c) ser no parecer do respectivo juri considerada a mais bela obra de arquitectura de sentido e espírito moderno e progressivo e a mais digna de ser destacada entre as consideradas em cada julgamento.

Deixo ao Sindicato Nacional dos Arquitectos toda a liberdade para regulamentar a administração do fundo a selecção das edificações e a atribuição do prémio, manifestando, contudo o desejo de que se não perca de vista que os principais objectivos do prémio devem ser os de galardoar o arquitecto, em virtude do merito da obra que tiver concebido e realizado e do seu procedimento em conformidade com as boas regras do exercício da profissão.

Como simples sugestão que não obriga portanto o Sindicato reconhecendo eu que, dada a exiguidade do prémio, este não poderá representar para os arquitectos a quem vier a ser atribuído, mais do que um simples valor moral, poderia a respectiva quantia ser aplicada na compra, ou em subsídio para a compra de um trabalho de pintura ou de escultura, escolhido pelo premiado".

Na qualidade de testamenteira, venho cumprir o legado, enviando a V.Exas.o referido quadro, agradecendo, ao mesmo tempo a V. Exas., o favor de me acusarem a recepção do mesmo quadro, ficando-lh também muito grata, pela melhor execução que V.Exas.queiram dar às aludidas disposições de meu falecido marido.

Sem mais, subscrevo-me, com a melhor consideração

De V.Exas.

Mtº. Atº. e Obgdº.

Documento 58.02

LEMOS, Reitor Victor Hugo de – *Algumas observações acerca do projecto do edifício da Reitoria da Universidade de Lisboa*. Lisboa: [Documento dactilografado do Espólio PMA], [195?].

UNIVERSIDADE DE LISBOA

SECRETARIA

ALGUMAS OBSERVAÇÕES ACÊRCA DO PROJECTO DE EDIFÍCIO DA REITORIA DA UNIVERSIDADE DE LISBOA

I

SALA DAS SESSÕES SOLENES

A sala do ante-projecto é semelhante à aula magna da Faculdade de Medicina, que tem servido em sessões solenes de abertura das aulas nos últimos anos. Verifica-se, porém, que este tipo de sala não tem condições para actos desta natureza ou para solenidades semelhantes.

Salas semelhantes à sala dos capelos da Universidade de Coimbra, às antigas salas de actos finais das Faculdades de Medicina, de Direito e de Letras, têm disposição mais adequada a actos solenes (doutoramentos, conferências de grande interesse, sessões de abertura de congressos, etc.).

Contra esta configuração de salas é apresentado frequentemente o argumento de terem pequena lotação.

Parece, assim, poder-se concluir que a solução mais própria consistiria em aproveitar a área actualmente projectada, dispondo-a pràticamente no mesmo nível e rodeando-a de galerias onde existissem duas ou três ordens de balcões, cada uma com três ou mais filas de cadeiras. Elementos de resistência do tipo colunas dividiriam os balcões em sectores que poderiam ser fechados por reposteiros que se correriam quando fosse necessário reduzir os efeitos de uma lotação exagerada contra um número reduzido de pessoas presentes.

UNIVERSIDADE DE LISBOA

SECRETARIA

A lotação da sala, mediante um alargamento relativamente pequeno, com o correlativo aumento da frente de tardoz, e com a implantação das diversas ordens de balcões, fàcilmente duplicaria a sua lotação.

Este aumento de lotação corresponde a uma necessidade imperiosa, pois que o número sempre crescente de alunos faz prever para daqui a alguns anos uma frequência da ordem dos 10.000 alunos.

A acrescentar a estas razões há que ter em conta que a concentração das diversas Faculdades na Cidade Universitária provocará um maior interesse e uma consequente maior ocorrência dos alunos aos grandes actos universitários.

Assim, pois, será de desejar que a lotação da sala possa contar com uma assistência aos actos solenes de cerca de 2.000 pessoas.

a) NÚMERO E DISPOSIÇÃO DAS DOUTORAIS

Parece não ser aconselhável, a colocação de doutorais por detrás da mesa da presidência. Estas devem desenvolver-se em hemiciclo como prolongamento dessa mesa, e o seu número não pode ser inferior a 100.

Conviria, a fim de que se não afastassem demasiadamente da presidência, que fossem dispostas em duas filas.

./.

UNIVERSIDADE DE LISBOA

SECRETARIA

b) **PORMENORES A TER EM CONTA NA SALA**

Nesta sala devem existir:

1) - Cabines Para imprensa, rádio e televisão

2) - Cabines para traduções simultâneas

3) - Aparelhagem telefónica para audição directa nas línguas traduzidas.

II

MODIFICAÇÃO DA FRENTE DE TARDOZ

O alargamento da sala das sessões solenes permitiria que um jogo de colunas semelhantes ao da frente principal desse à actual frente de tardoz uma grandeza semelhante à da frente principal.

Deixaria, por assim dizer, de haver uma só frente principal.

A localização actual da Faculdade de Medicina e a que outras Faculdades virão a ter, evitaria que essas Faculdades tivessem posições secundárias em relação às que têm as Faculdades de Letras e de Direito.

III

CONSTRUÇÃO DE SALAS NAS SUPERFÍCIES QUE CORRESPONDEM À PARTE DOS EDIFÍCIOS EM QUE HÁ UM PISO A MENOS

Aumentando o volume da construção, o que só de si valori

./.

UNIVERSIDADE DE LISBOA

SECRETARIA

za notàvelmente o edifício, sem necessidade de aumento sensível da superfície de implantação, consegue-se com poucos encargos que um novo piso apareça na parte central do projecto.

De um dos lados ficariam galerias com cerca de 3 metros e meio de largura que, bem iluminadas naturalmente, serviriam para realizar exposições científicas, literárias e artísticas.

As salas interiores poderiam servir para conferências, concertos, reuniões, e mesmo para exposições, incluindo as de instrumentos e aparelhos.

A Universidade teria assim condições próprias para actividades de extensão cultural e científica semelhantes às que se encontram noutras capitais.

Do outro lado, construir-se-ia uma residência que poderia ser ocupada normalmente pelo Reitor e que ainda tivesse condições para instalar hóspedes de categoria universitária que temporàriamente nos visitassem.

A sala dos banquetes seria também deslocada para esse espaço, saindo consequentemente do rés-do-chão e ficando no andar mais conveniente, que parece ser o andar nobre do edifício.

./.


Victor Hugo de Lemos - ...
... seus ... remete o
... relativo ...
... Reitoria
P.C.S.
R. de S. Marçal 2, 1º - Telf. 20477 Lisboa

IV

MODIFICAÇÕES NA DISTRIBUIÇÃO DAS SALAS DO RÉS-DO-CHÃO

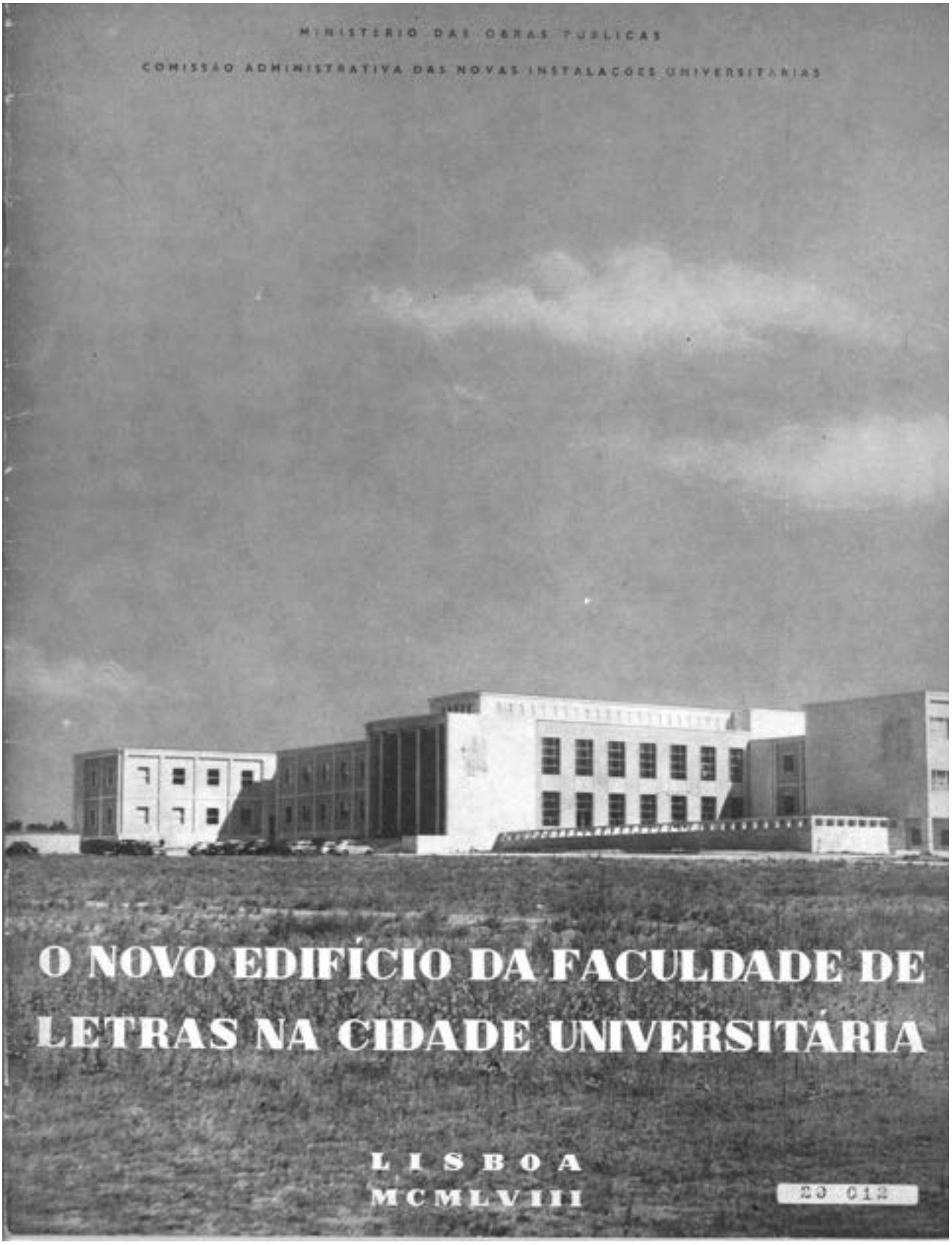
O espaço destinado a reuniões de júris, transformar-se-ia numa sala de conferências, projecções, etc..

A cabine dos telefones deslocar-se-ia para a vizinhança dos Serviços, saindo da esquerda do edifício para a direita.

A sala que no projecto se destina a banquetes, passaria a ser uma sala de leitura e consulta das obras, de uma peque na biblioteca privativa da Reitoria em que existisse um conjunto de publicações especiais que tivessem interesse directo na vida e administração da Universidade, tais como anuários, fotografia, planos, relatórios e estatísticas de outras Universidades, quer nacionais quer estrangeiras. Essa sala poderia também estar disposta por forma a servir para reuniões de comissões, de júris, etc..

Documento 58.03

MINISTÉRIO DAS OBRAS PÚBLICAS, COMISSÃO ADMINISTRATIVA DAS NOVAS INSTALAÇÕES UNIVERSITÁRIAS - *O Novo Edifício da Faculdade de Letras da Cidade Universitária,* Lisboa: [s.n.], 1958.



Pretende a presente publicação esclarecer acerca das Novas Instalações da Faculdade de Letras de Lisboa, e assinalar a sua inauguração.

É esta mais uma das muitas realizações previstas para o conjunto da Cidade Universitária de Lisboa, que abrange uma área de cerca de 150 hectares onde os edifícios aparecem integrados num vasto parque arborizado.

As construções da Cantina Universitária e da Reitoria seguir-se-ão dentro das realizações previstas, tendo sido já adjudicada a obra da Cantina, e estando a concluir-se o projecto da Reitoria.

Todos estes factos e agora em especial a inauguração da Faculdade de Letras, constituem mais um testemunho do interesse do Governo em proporcionar aos Universitários, professores e estudantes, boas condições de trabalho em ambiente próprio.



Tapeçaria Mural decorativa do gabinete do Director.

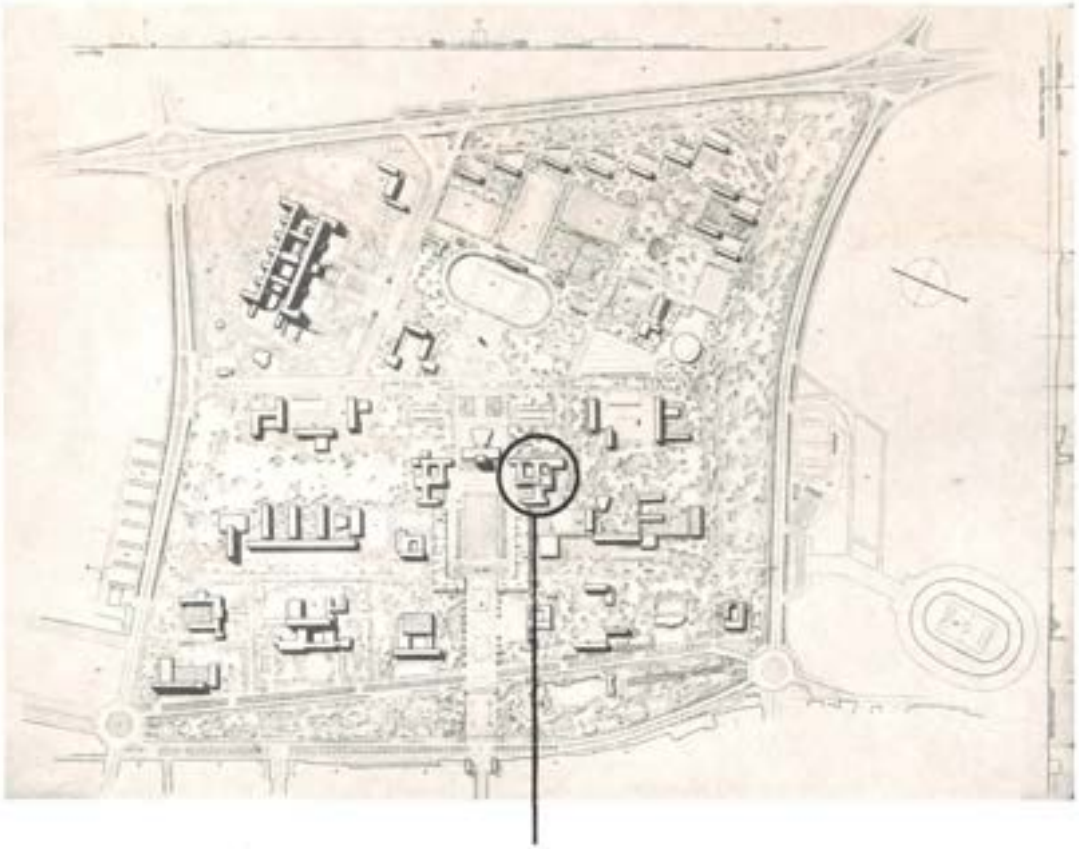
Autor — MANUEL LAPA

Execução — Manufactura de Tapeçarias de Portalegre.

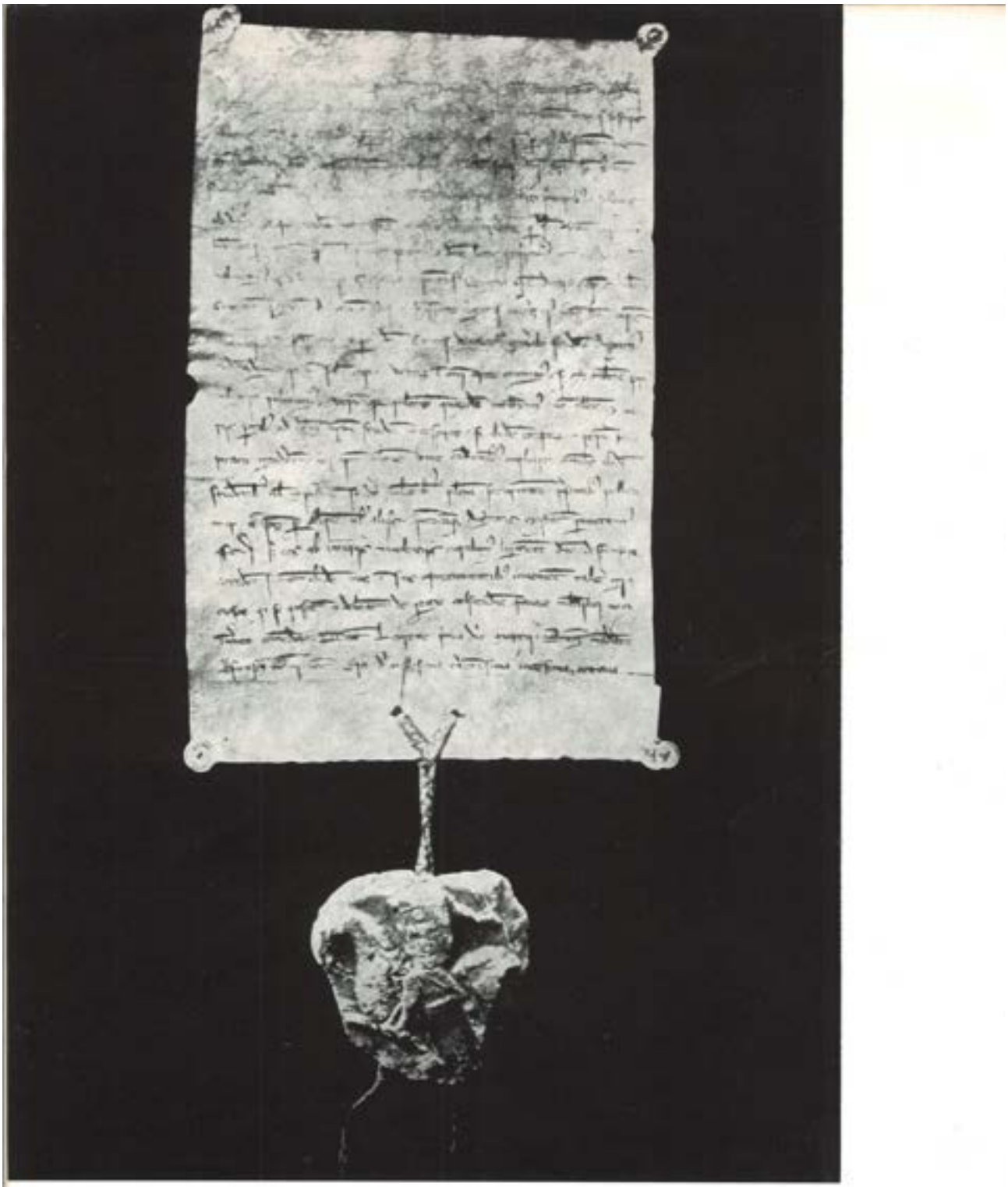
Representa: O Rei D. Dinis. A fundação da Universidade em 1290 e a sua primeira deslocação para Coimbra em 1308.

ESTUDO DO CONJUNTO DA CIDADE UNIVERSITÁRIA DE LISBOA

Planta Geral



FACULDADE DE LETRAS



Diploma da fundação do Estudo Geral de Lisboa — 1 de Março de 1290

Vniuersis ad quos presentes littere peruenerint. Dionisius dej gratia Rex Portugalie & Algarbij. Salutem.

Scientia thesaurus mirabilis qui dum plus dispergitur incrementum maioris suscipit ubertatis mundum spiritualiter & temporaliter dignoscitur illustrare quoniam per ejus adquisitionem nos omnes catolicj deum creatorem nostrum cognoscimus & in eiusdem filii domini nostri ihesu xpisti nomine fidem catolicam amplexamur cum etiam nobis ipsius ministris ac alijs principibus a subditis obeditur ex quorum obedientia uita ipsorum ministerio iusticie tradite per ipsam scientiam informatur, hanc itaque ut cum propheta loquamur pecijmus a domino, hanc requiremus ut in domo dominj habitemus ejus autem precioso Thesauro cupientes Regna nostra ditare apud vlixbonensem ciuitatem regiam ad honorem dej & beatissime uirginis matris ejus necnon beati martiris vincentij cuius sanctissimo corpore dicta ciuitas decoratur generale studium duximus ordinandum quod non solum copia doctorum in omnj arte munimus sed etiam multis priuilegijs roboramus. verum quia relatione quorundam intelleximus non nullos ex uarijs partibus ad dictum nostrum studium accessuros si ibidem corporum & rerum securitate gauderent nos ipsum uolentes bonis conditionibus ampliare omnibus ibidem studentibus uel in posterum studere uolentibus plenam securitatem presentibus pollicemur nec ipsos per aliquem uel aliquos quantecunque dignitatis existent permittemus offendj sed eos ab iniurijs & uiolentijs curabimus largiente domino deffensare. accedentes autem ibidem nos in suis oportunitatibus inuenient taliter graciosos quod se possint & debeant de regie celsitudinis fauore multiplicj non immerito comendare.

Datae Leyrene. prima die martii. Rege mandante Alfonsus martinj notauit. Era millesima trecentesima uicesima octaua.

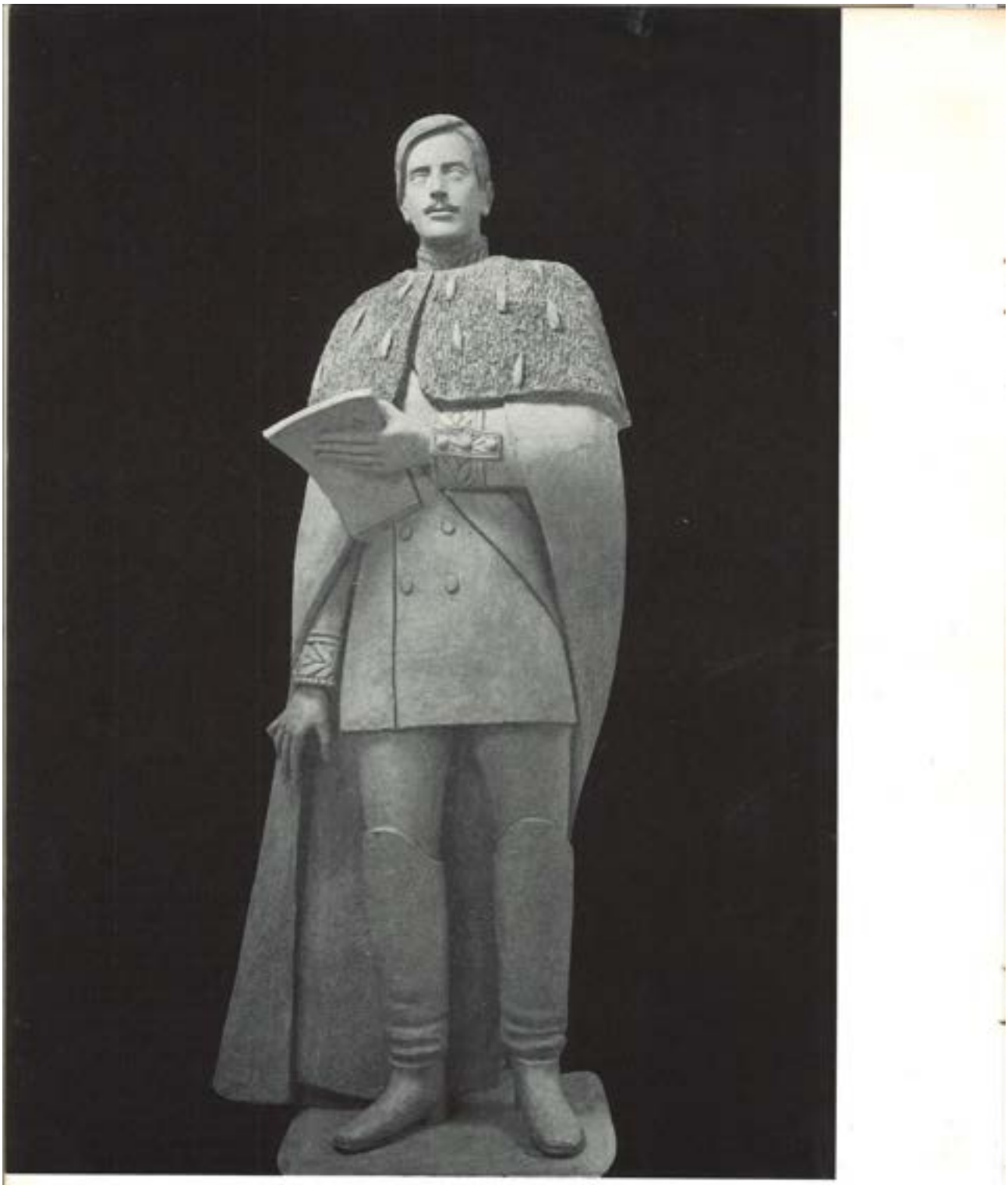
(L. ✣ S.)

D. Dinis, pela graça de Deus, Rei de Portugal e do Algarve, a quantos a presente carta virem, muito saudar.

Reconhece-se que aquele admirável tesouro de ciência, que, quanto mais se derrama, mais aumenta sua uberdade, ilumina espiritual e temporalmente o Mundo, porque, com a sua aquisição, todos nós, os católicos, conhecemos a Deus nosso Criador, e em nome de seu Filho Nosso Senhor Jesus Cristo abraçamos a fé católica e também porque, sendo Nós e os outros príncipes, seus servos, obedecidos de nossos súbditos, a vida destes é, por virtude dessa ciência, informada com a ministração da Justiça ensinada por aquela ciência. Por isso, para dizermos com o Profeta, a pedimos ao Senhor, Rogar-lhe-emos, para habitarmos em Sua morada. Ora, desejando Nós enriquecer nossos Reinos com este precioso tesouro, houvemos por bem ordenar, na Real Cidade de Lisboa, para honra de Deus e da Santíssima Virgem Sua Mãe e também do Mártir S. Vicente, cujo santíssimo corpo exorna a dita cidade, um Estudo Geral, que não só munimos com cópia de doutores em todas as artes, mas também roboramos com muitos privilégios. Mas, porque das informações de algumas pessoas entendemos que alguns virão de várias partes ao nosso dito Estudo, se gozarem de segurança de corpos e bens, Nós, querendo desenvolvê-lo em boas condições, prometemos, com a presente carta, plena segurança a todos os que nele estudam ou queiram de futuro estudar, e não permitiremos que lhes seja cometida ofensa por algum ou alguns de maior dignidade que sejam, antes, com a permissão de Deus, curaremos de os defender de injúrias e violências. Além disso, quantos a ele vierem nos acharão em suas necessidades de tal modo generosos, que podem e devem fundadamente confiar nos múltiplos favores da Alteza Real.

Dada em Leiria, a 1 de Março. Por mandado d'El-Rei a notou Afonso Martim. Era de 1328 (1290 d. C.).

(L. ✣ S.)



ESTATUA DO REI D. PEDRO V

Autor — MARTINS CORREIA

FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DE LISBOA

Em 1290 El-Rei D. Dinis fundou a Universidade de Lisboa, instituindo-a desde logo com a Faculdade das Artes, antecessora longínqua da actual Faculdade de Letras.

Naquela Faculdade das Artes ensinaram professores eminentes, herdeiros directos de uma cultura que havia culminado na gigantesca figura de Pedro Hispano, o celebérrimo professor da Escola Catedral de Lisboa, mais tarde Papa João XXI.

Grande foco de ciência e humanismo, recebeu a Universidade especial protecção de D. João I e seus sucessores e ainda do Infante D. Henrique, o Navegador. Em ambiente tão propício, logo projectou a sua enorme influência espiritual nas novas gerações, a dos ínclitos e altos Infantes e a daqueles outros Portugueses que espalhariam as luzes do espírito por toda a Europa e pelo mundo.

Mesmo depois do funcionamento da Universidade em Coimbra, no reinado de D. João III, não desapareceram de Lisboa, completamente, os estudos superiores. Mantêm-se na Capital do Reino os gérmenes que hão-de frutificar mais tarde em escolas de grande relevo e prestígio.

A Reforma Pombalina da Universidade de Coimbra, tão vantajosa para o ensino em alguns aspectos, revelou, porém, uma lacuna lamentabilíssima. Dominando na época, de forma absorvente, preocupações de profunda renovação científica, os estudos humanísticos deixaram de cultivar-se na única Universidade portuguesa então existente.

Fortemente impressionado por este facto, que se manteve até meados do século XIX, decidiu El-Rei D. Pedro V criar em Lisboa, a suas expensas, em 1858, o Curso Superior de Letras. Foi esta Escola a antecessora imediata da nossa Faculdade. Nela se iniciaram nos tempos modernos em Portugal, os estudos superiores históricos, filológicos e filosóficos, que constituem o núcleo de todos os estudos humanísticos.

Personalidades notáveis de professores, quer na primeira, quer na segunda fase da história desse Curso, imprimiram-lhe nível excepcional e orientações verdadeiramente originais, capazes de restaurar o pensamento que havia impregnado a Universidade de Lisboa no período áureo da nossa História.

Nomes significativos de esse primeiro período: Rebelo da Silva, António José Viale, Lopes de Mendonça, Sousa Lobo, Levy Maria Jordão, Augusto Soromenho, Pinheiro Chagas, Mendes Leal e Jaime Moniz, que prepararam o advento dos professores do segundo período, muitos dos quais transitaram para a Faculdade de Letras, ou o daqueles que entrando directamente para esta Faculdade continuaram o espírito dos seus predecessores. Referiremos alguns deles, em conexão com as respectivas especialidades: Adolfo Coelho, Epifânio Dias, José Leite de Vasconcelos, José Maria Rodrigues, José Joaquim Nunes, nos Estudos Filológicos; Consiglieri Pedroso, José Leite de Vasconcelos, David Lopes e Queiroz Veloso, nos Estudos Históricos; Adolfo Coelho e Silva Cordeiro, nos Estudos Filosóficos e Pedagógicos; Teófilo Braga, na Filosofia e na História da Literatura e Cultura Portuguesas; Silva Teles, na Geografia. Com esta enumeração apenas desejamos indicar os professores já falecidos, notáveis não só pelo valor e originalidade dos trabalhos escritos, como ainda pela circunstância de terem criado, à sua volta, autênticas escolas de discípulos, que continuaram ou continuam ainda, o trabalho dos grandes mestres.

Nessa atmosfera de profunda renovação intelectual e mental surgiram algumas especialidades que ainda hoje podem considerar-se peculiares da Universidade de Lisboa. O estudo do sânscrito, onde Vasconcelos de Abreu e Monsenhor Dalgado revelaram profunda competência e vastíssima erudição. O estudo do árabe, onde David Lopes, em trabalhos notáveis, alcançou posição de relevo entre os arabistas da Europa. Os Estudos Camonianos que, graças à iniciativa de José Maria Rodrigues e ao seu saber e erudição extraordinários, estimularam um mais profundo conhecimento da obra do nosso poeta maior e em especial da sua epopeia. Pôde assim o estudo desta epopeia ganhar amplitude e sentido verdadeiramente nacionais. Por fim, a criação da cadeira de Estudos Brasileiros, inaugurada e regida pela primeira vez por Oliveira Lima, constituiu o início de um entendimento entre Portugal e Brasil, a que mais tarde o Acordo Ortográfico, o Tratado de Amizade e Consulta e o subsequente Acordo Cultural, haveriam de dar projecção e significado extraordinário no campo das relações entre os povos.

Durante um século, primeiro o Curso Superior de Letras até 1911, depois a Faculdade de Letras até 1958, funcionaram por empréstimo gracioso em anexos do edifício da Academia das Ciências. Esta circunstância foi, por assim dizer, a marca concreta da união íntima que existiu sempre no plano nacional e da cultura entre as duas famosas instituições.

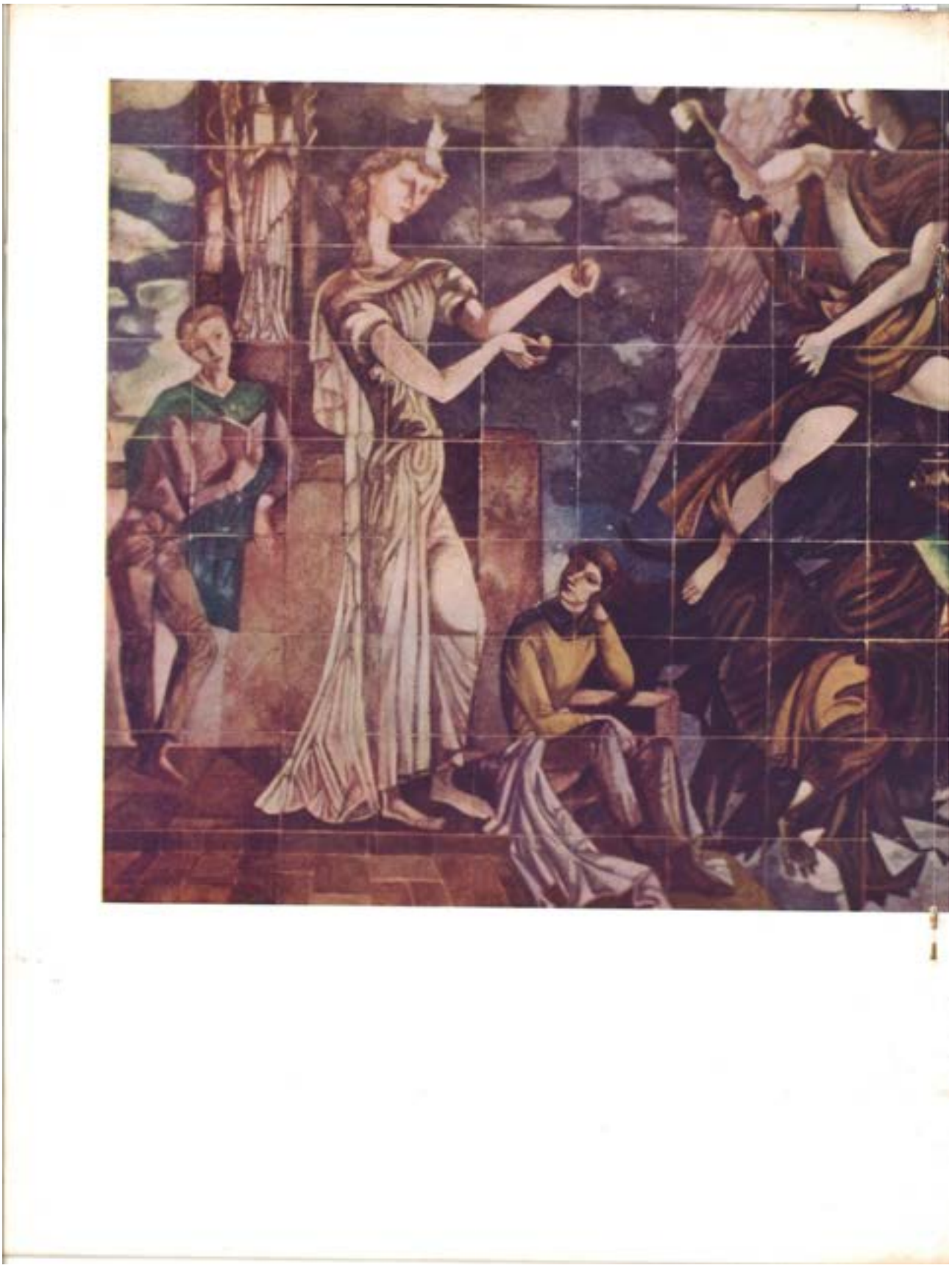
Decorridos tantos anos foi possível ao Governo da Nação construir um edifício próprio para a Faculdade de Letras, integrado na Cidade Universitária de Lisboa. Foi ele concebido para satisfazer as necessidades complexíssimas de cursos muito diversificados (Filologia Clássica, Filologia Românica, Filologia Germânica, Arqueologia e História, História da Arte e Estética, Filosofia, Geografia, Etnografia, Pedagogia, Estudos Brasileiros e respectivas técnicas de investigação e ensino) actualmente seguidos por cerca de dois mil alunos — o que torna esta Faculdade a mais frequentada do País.

No edifício de empréstimo, onde funcionou até agora, a Faculdade corria o risco de morrer sufocada por falta de meios e de espaço. É, pois, para todos os seus professores e alunos e todos os que se interessem verdadeiramente pela cultura nacional, motivo de incomparável alegria e satisfação, a entrega de um edifício especialmente construído para aquele fim e oferecendo tão excelentes condições de trabalho. Esta dádiva é sobretudo de apreciar num momento em que se promulga uma reforma das Faculdades de Letras, verdadeiramente revolucionária, que coloca as ciências humanísticas num lugar de real e indiscutível proeminência. Graças às novas instalações e respectivo apetrechamento e equipamento, os professores da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa encontram-se pela primeira vez em condições de poder cumprir a grande missão que a esta Escola compete, seja no plano universitário estricto, seja no plano nacional mais amplo. E tem particular relevo este último. Não devemos, de facto, esquecer que, pela posição especial em que Portugal se encontra entre as grandes comunidades humanas de hoje, dilaceradas por idealismos antagónicos e irredutíveis, a lição do humanismo português, que às Faculdades de Letras cumpre aprofundar e divulgar, pode ter um mérito internacional único e valor inapreciável.

Colaborou a Universidade de Lisboa e directamente contribuiu de maneira poderosa para a empresa dos Descobrimentos marítimos, o que o mesmo é dizer, para o descobrimento do mundo e a criação da vasta comunidade Lusíada. Os actuais professores da Faculdade de Letras de Lisboa estão plenamente conscientes de que existe para o Portugal contemporâneo uma magnífica oportunidade de se afirmar no campo das ideias e dos sentimentos, no sentido de uma dignificante aproximação dos povos, das raças e dos indivíduos. No passado, unimos o mundo sob o ponto de vista geográfico: no presente, poderemos aproximar os espíritos, unir as almas num convívio social onde os valores supremos sejam reconhecidos e respeitados, como em nenhuma outra parte pode ser observado ou visto. Eis por que os professores e alunos desta Escola se sentem tão profundamente reconhecidos ao Governo da Nação, por lhes ter proporcionado com o novo edifício, as condições materiais que tornam possível contribuir de maneira eficaz para a realização de tão alto objectivo espiritual.

DELFIM NOBRE SANTOS

Director da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa e Professor Catedrático de Filosofia





Painel cerâmico da parede de fundo dos Passos Perdidos.

Autor — JORGE BARRADAS.

Simboliza: A Cultura e a Civilização, na figura ao alto do lado esquerdo. A figura branca representa a inteligência. A da esquerda da figura branca representa a curiosidade e a necessidade de saber. A figura alada representa o espírito do esclarecimento expulsando o espírito mau da ignorância do obscurantismo. À direita ergue-se uma figura majestosa personificando a cultura.

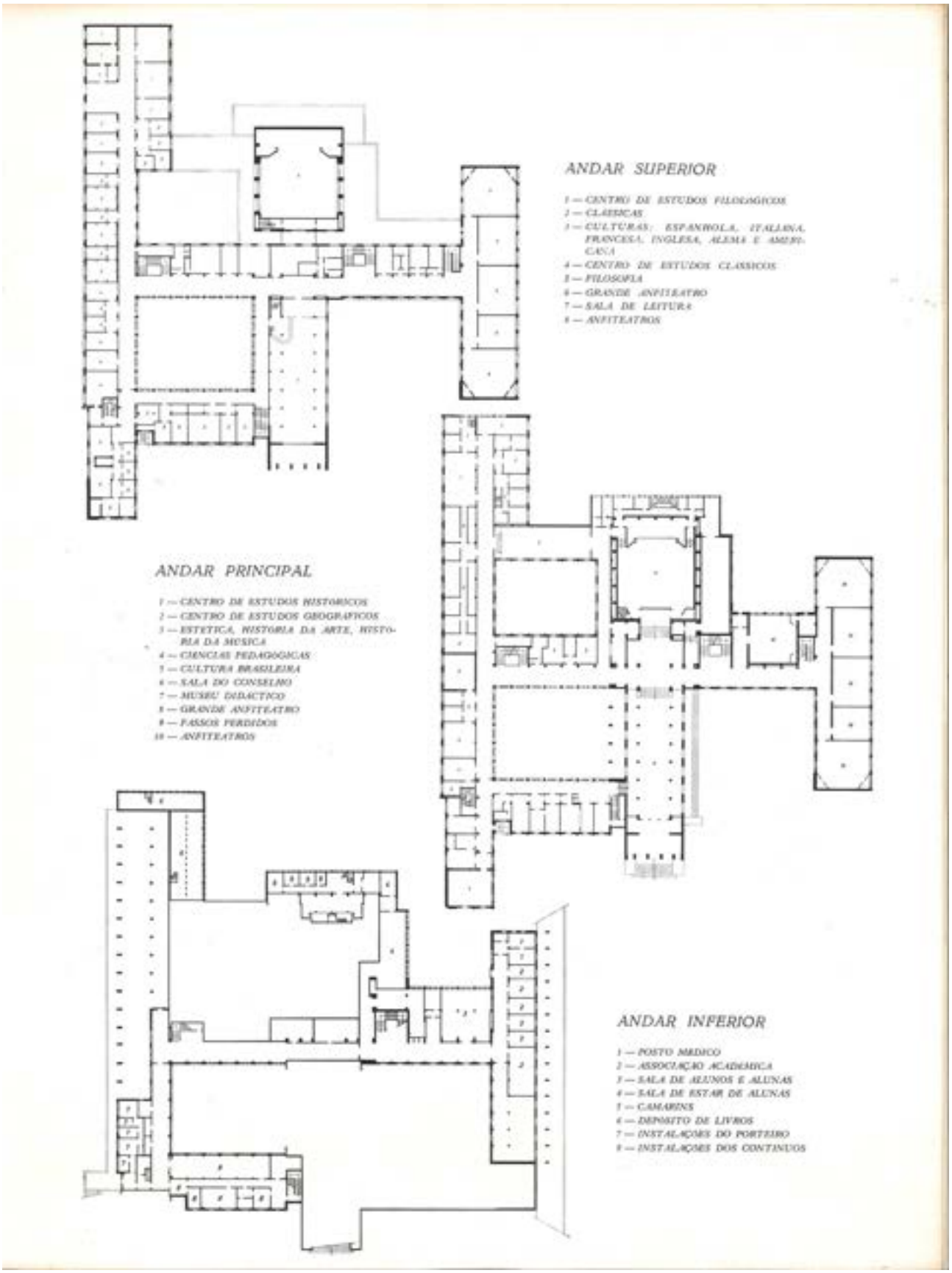
O NOVO EDIFÍCIO DA FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DE LISBOA

arquitecto, Pardal Monteiro

Realização da Comissão Administrativa das Novas Instalações Universitárias

PASSOS PERDIDOS




ANDAR SUPERIOR
1 — CENTRO DE ESTUDOS FILOLOGICOS
2 — CLASSICAS
3 — CULTURAS: ESPANHOLA, ITALIANA, FRANCESA, INGLESA, ALEMA E AMERICANA
4 — CENTRO DE ESTUDOS CLASSICOS
5 — FILOSOFIA
6 — GRANDE ANFITEATRO
7 — SALA DE LEITURA
8 — ANFITEATROS
ANDAR PRINCIPAL
1 — CENTRO DE ESTUDOS HISTORICOS
2 — CENTRO DE ESTUDOS GEOGRAFICOS
3 — ESTETICA, HISTORIA DA ARTE, HISTORIA DA MUSICA
4 — CIENCIAS PEDAGOGICAS
5 — CULTURA BRASILEIRA
6 — SALA DO CONSELHO
7 — MUSEU DIDACTICO
8 — GRANDE ANFITEATRO
9 — PASSOS PERDIDOS
10 — ANFITEATROS
ANDAR INFERIOR
1 — POSTO MEDICO
2 — ASSOCIAÇÃO ACADEMICA
3 — SALA DE ALUNOS E ALUNAS
4 — SALA DE ESTAR DE ALUNAS
5 — CAMARINS
6 — DEPOSITO DE LIVROS
7 — INSTALAÇÕES DO PORTEIRO
8 — INSTALAÇÕES DOS CONTINUOS

Este edifício foi estudado em ligação com o da Faculdade de Direito, já construído, e o da Reitoria, que brevemente vai ser executado, formando um conjunto equilibrado e harmónico que se enquadra na Praça da Universidade.

Baseado no programa estabelecido, estudaram-se com pormenor e em íntima ligação as suas estruturas, a construção, os acabamentos, o condicionamento acústico, a iluminação e aquecimento, e, finalmente, o mobiliário e as obras de arte.

Na elaboração do projecto, tendo em atenção o programa superiormente aprovado que fixava o número de dependências seu destino e capacidade, houve a preocupação de se escolher para cada grupo de dependências funcionalmente ligadas, a solução que melhor satisfizesse às imposições da moderna pedagogia, dando-lhes a forma e disposição mais adequadas a um ambiente propício ao ensino e estudo, para facilidade das missões dos professores e dos alunos.

Na solução escolhida não foi esquecido o desejo de que quer nas proporções adoptadas, quer nos acabamentos, se obtivesse um edifício equilibrado, agradável para a permanência dos professores e alunos, simples em planta, bem ordenado e com a dignidade indispensável a uma escola superior da Universidade de Lisboa.

O limite superiormente fixado para o custo do edifício, foi um forte condicionamento a que teve de se atender em todos os estudos e soluções elaboradas.

As plantas e as fotografias que se apresentam esclarecem suficientemente quanto à solução adoptada e características do edifício.

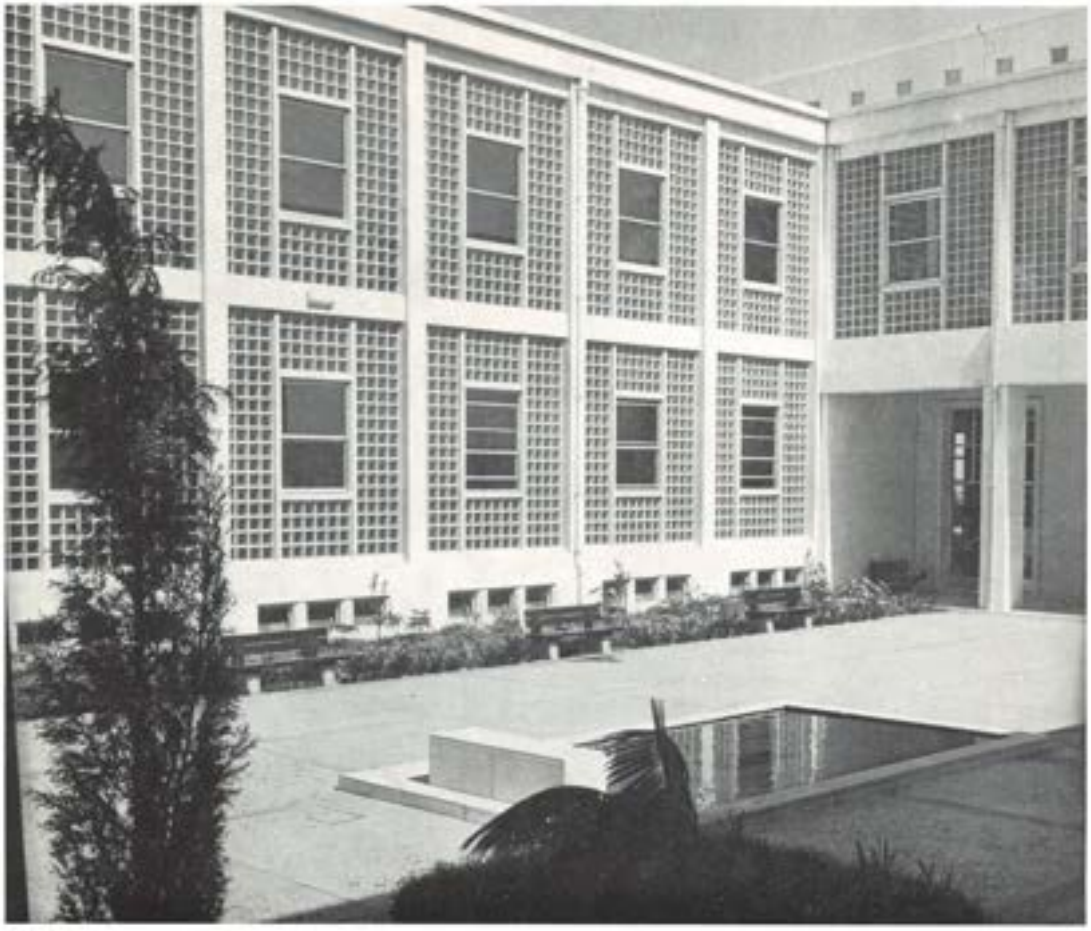
A Faculdade de Letras distribui-se por 4 pisos, destinando-se o piso principal e o superior às funções mais importantes da Faculdade e os restantes, o inferior e o quarto piso, que só são ocupados parcialmente, a funções de menor representação.

Pela leitura das plantas reconhece-se que os vários serviços da Faculdade, se encontram agrupados em zonas distintas, evitando cruzamentos, bem localizados quanto à missão que desempenham, afastadas as zonas mais ruidosas das aulas, institutos, biblioteca e salas de estudo, onde é indispensável o silêncio e tranquilidade para a concentração intelectual.

A entrada principal está situada num dos topos do arruamento, remate da Praça da Universidade, e defronte da entrada da Faculdade de Direito.

Em ligação com a entrada encontram-se os «Passos Perdidos», que dão acesso franco aos anfiteatros, aulas e serviços de secretaria, salas de exposições e museu didáctico.

PÁTIO INTERIOR





SALA DE CONSELHO

O pessoal docente tem uma entrada especial para a zona que lhe é própria: Direcção, Conselho Escolar, salas de Professores, em ligação fácil com os serviços da secretaria.

Os «Passos Perdidos» são ladeados por 2 pátios arborizados e ajardinados, constituindo agradáveis recintos que os estudantes podem ocupar, quando as condições climáticas o permitirem. Neste conjunto dos «Passos Perdidos», largamente dimensionado, e dos pátios, podem os alunos estacionar no intervalo das aulas, tomando conhecimento das comunicações que a Secretaria lhes transmita por meio de avisos e pautas fixados nos quadros e vitrinas apropriados.

Dos «Passos Perdidos» junto à entrada do edifício podem atingir-se os serviços de secretaria, com a sala para o público, secretaria, gabinete do Secretário e gabinete de trabalho do Director.

No topo dos «Passos Perdidos» situa-se o grande anfiteatro, que, funcionando normalmente como aula ou sala de conferências e para sessões solenes, está preparado para sala de projecções, possuindo todas as condições exigidas num teatro. Para este efeito existe um palco, com dimensões superiores às de alguns dos teatros de Lisboa, duas ordens de camarins e completo equipamento para a representação de peças clássicas.

A escolha dos materiais de decoração desta sala, obedecendo às imposições do seu condicionamento acústico, constituiu uma tarefa de difícil resolução, agravada, como foi, pela pequena quantidade de materiais apropriados existentes no nosso País e pelas verbas de que se podia dispor.

A circunstância de esta sala dever servir para aula ou para representações obrigou a um judicioso estudo de disposição e escolha de materiais, de forma a que, quer como aula, quer como teatro, o seu ambiente fosse o mais adequado a cada uma das suas missões.

Na ala nascente, no andar principal e no superior, situam-se a aulas com uma escada própria ligando os dois pisos e um segundo anfiteatro.

Este conjunto necessàriamente mais ruidoso durante os intervalos das aulas está afastado da biblioteca e dos institutos, onde é de exigir maior silêncio.

Na parte poente e no piso principal localizam-se os institutos destinados ao estudo das Ciências Pedagógicas, da Estética, da História da Arte e da História da Música, assim como o Centro de Estudos Geográficos, o Centro de Estudos Históricos e Cultura Brasileira.

No andar superior desta mesma ala poente estão situados os Estudos de Filosofia, Estudos Clássicos, Cultura Americana, Inglesa, Alemã, Francesa, Italiana e Espanhola e ainda o Centro de Estudos Filológicos.

A biblioteca encontra-se na parte central do piso superior, com a sala de leitura em lugar de destaque, bem iluminada e com uma localização central de fácil acesso para os estudantes e professores. Em ligação com a sala de leitura e nos pisos superiores, estão os armazéns de livros e, em compartimentos separados, a sala dos manuscritos, gabinetes do Bibliotecário e do Conservador, salas de catalogação e de duplicados. Junto dos depósitos, há o compartimento para expurgo dos livros, casa forte para arrecadação de livros raros e oficina de encadernação. Um monta-livros eléctrico estabelece a ligação entre a sala de leitura e os depósitos.

Entre outros serviços especializados que a Faculdade possui para o desempenho das suas missões, citam-se o laboratório fotográfico e o especialmente destinado ao estudo da Fonética.

No andar inferior estão instalados os serviços destinados à vida colectiva dos estudantes, duas grandes salas de estar

para alunos e alunas, salas para reuniões, Grupo Desportivo, instalação do posto médico e vestiários. Neste mesmo piso encontram-se os serviços industriais e, afastado da zona dos alunos, a residência do guarda, bem como as instalações privativas dos continuos com entradas independentes.

Num último piso superior e em ligação por escada e por ascensor eléctrico com as dependências da Filosofia estão instalados os depósitos de animais.

A estrutura deste edifício foi totalmente projectada e executada com betão armado.

Devido às suas grandes dimensões em planta, foi necessário dividi-lo em corpos separados por juntas de dilatação.

A estrutura de cada corpo é constituída por pórticos transversais ligados por vigas longitudinais que também formam pórticos com os pilares.

Os pavimentos e a cobertura são constituídos por lajes maciças ou aligeiradas.

As paredes divisórias sem função resistente são de alvenaria de tijolo; as paredes exteriores, em geral com 0,40 cm de espessura, são constituídas por dois panos de tijolo separados formando uma caixa-de-ar para protecção térmica e acústica.

Nos cálculos elaborados de acordo com o regulamento de betão armado, foram consideradas, além das solicitações devidas aos pesos próprios e sobrecargas verticais, as devidas a sismos.

Como o terreno se apresenta bastante resistente e homogéneo, todas as fundações foram do tipo directo por maciços de fundação de betão simples.

Os muros de suporte no piso inferior foram considerados como lajes apoiadas nos pilares dos pórticos.

A estrutura dos pavimentos em degraus nos anfiteatros foi também executada com betão armado.

Para defender a construção da humidade, nos muros de suporte e massames usaram-se betões impermeabilizados; todas as paredes exteriores ficaram com caixa-de-ar e foram rebocadas com argamassas impermeabilizantes; os terraços foram isolados com produtos betuminosos armados com tela de alumínio e protegidos com tijoleira furada.

Para protecção contra o calor as paredes ficaram com caixa-de-ar e os terraços levaram recobrimento de betão celular e tijoleira furada.

Finalmente foram ainda tidos em consideração os dois seguintes problemas: isolamento sonoro e condicionamento acústico.

Para o isolamento adoptaram-se paredes duplas, caixilharia estanque, portas isolantes com as juntas vedadas e pavimentos flutuantes, nas zonas onde foi considerado necessário.

O condicionamento acústico, tendo em vista a obtenção das condições óptimas de audição (período de reverberação, coeficientes de absorpção, etc.), foi obtido à custa da forma e volume das salas e da utilização de materiais absorventes e reflectores no revestimento das várias superfícies.

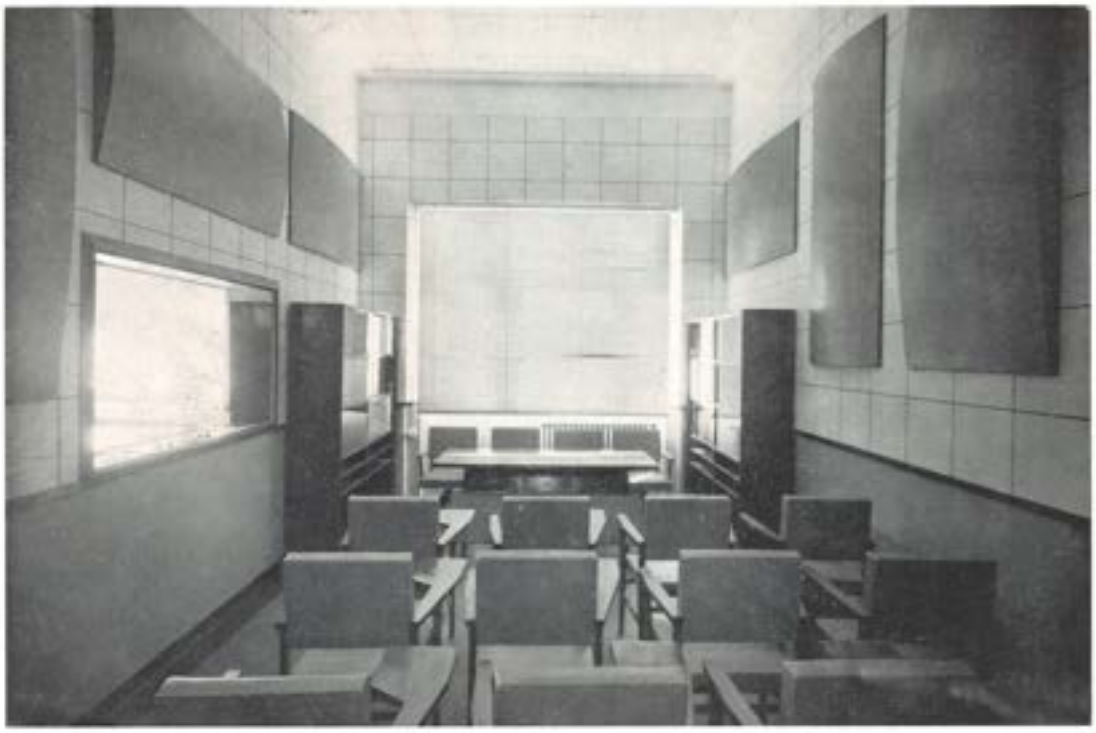
Estas precauções foram principalmente tomadas em galerias, salas de aula, anfiteatros, salas de leitura e sala do Conselho.

No que se refere a acabamentos, a escolha dos materiais foi condicionada por numerosos factores entre os quais se devem destacar: durabilidade, fácil conservação e limpeza, aspecto agradável e preço admissível.

Os paramentos exteriores têm socos e guarnecimentos de cantaria branca, sendo todas as restantes superfícies revestidas de marmorite lavada.

SALA DE AULAS





SALA DE FONÉTICA

Os vãos são fechados por caixilhos e portas de alumínio anodizado, largamente envidraçados.

No interior a variedade de tipos de revestimento é grande.

Os pavimentos são de pedra ou marmorite nas zonas de circulação, mosaico nas instalações sanitárias, tacos de madeira nos gabinetes, linóleo e cortiça respectivamente no grande anfiteatro e sala de leitura; o gabinete do Director e sala do Conselho são alcatifados. Alguns depósitos e armazéns de menor importância têm apenas betonilha afagada.

As paredes são geralmente estucadas ou guarnecidas a massas de areia; nas zonas de circulação têm altos lambris de marmorite lavada; nos sanitários os lambris são de azulejo de cor. Algumas são enriquecidas e protegidas com pintura.

Nas escadas, aulas e anfiteatros a consideração dos problemas de acústica obrigou ao emprego de uma série de materiais especiais.

Os tectos são estucados com ou sem pintura.

A instalação eléctrica compreende os seguintes pontos:

a) Iluminação — Na generalidade é feita por focos incandescentes e fluorescentes, com armaduras de ornamentação e difusão de luz. Os focos fluorescentes nos «Passos Perdidos» e anfiteatros são difundidos por armaduras em «plastilux».

Nas salas de aula e anfiteatros foram feitos estudos luminotécnicos.

b) Sinalização — Nas salas onde se julgou necessário, existe um botão de chamada: sobre a porta da sala há uma lâmpada de aviso e lateralmente está instalado um «relais» de retenção mecânica. Nos corredores estão instaladas lâmpadas de grupo. Existe também um relógio principal e vários secundários de comando eléctrico e um dispositivo de sinalização para a entrada e saída das aulas.

c) Projecção — Os anfiteatros estão preparados com cabines de projecção e «écrans».

O obscurecimento das salas é feito por cortinas, as quais são comandadas eléctricamente da cátedra.

d) Ascensores — Existe um monta-livros ligando a sala da biblioteca aos depósitos de livros e um ascensor para transporte de animais.

e) Telefones — As principais dependências estão ligadas por uma rede de telefones interna de onde se podem estabelecer ligações para a rede da cidade de Lisboa.

A instalação de aquecimento é feita por irradiação e convecção, sendo a água o veículo transportador das calorias.

A casa das máquinas está montada com três caldeiras preparadas para queimar «fuel-oil».

O mobiliário foi todo desenhado especialmente tomando sempre em consideração a simplicidade do seu traçado sem que este facto pudesse prejudicar o aspecto plástico.

Houve a preocupação de apetrechar todos os compartimentos de acordo com as características do seu funcionamento e cuidou-se especialmente da decoração da sala do Conselho Escolar, gabinetes do Director e dos Professores e grande anfiteatro.

Nos móveis a importância do desenho e escolha dos materiais está em íntima relação com as dependências a que se destinam e houve a preocupação do bom aspecto, robustez e emprego sempre que possível de materiais nacionais, aliados a uma forma simples, em íntima ligação com a missão a que se destinam.



Baixo relevo do alçado lateral do corpo da entrada principal

Autor — ALVARO DE BREE

Representa: As três Musas, ERATO simbolizando a poesia lírica, CLIO representando a história e CALIOPE representando a eloquência e a poesia heróica



Baixo relevo do topo do corpo das aulas

Autor — LEOPOLDO DE ALMEIDA

Representa: Apolo cavalgando Pegaso, prendido ao Corrilho das Musas

COMISSÃO ADMINISTRATIVA DAS NOVAS INSTALAÇÕES UNIVERSITÁRIAS

Vice Presidente

Engenheiro Insp. Superior de Obras Públicas Fernando Galvão Jácome de Castro

Administrador Delegado

Professor Engenheiro Manuel Guilherme Tavares Cardoso

Vogal Secretário

Dr. Eduardo Perestrêlo de Oliveira

Os Técnicos desta Comissão que tiveram principal intervenção na construção do Edifício da Faculdade de Letras, foram os seguintes:

Engenheiro Civil Ignácio Constantino de Menezes Oom do Valle, Director dos Serviços das Obras das Novas Instalações Universitárias
Engenheiro Civil António Teixeira de Sampayo, Director da Obra
Engenheiro Civil Fernando Galvão Ivens Ferraz Jácome de Castro, adjunto
Engenheiro Civil Joaquim Fausto Janela Lucas, adjunto
Arquitecto Tirocinante Carlos Manuel Toscano Homem de Sá
Agente Técnico de Engenharia Civil Georgino da Nova
Domingos José Cunha e Joaquim Ligeiro, fiscais da construção civil
Franklim Piedade Gomes, fiscal da instalação eléctrica

Os empreiteiros da construção do edifício, foram:

José da Conceição Lopes e Manuel Lopes

que tiveram como principais colaboradoras as seguintes firmas:

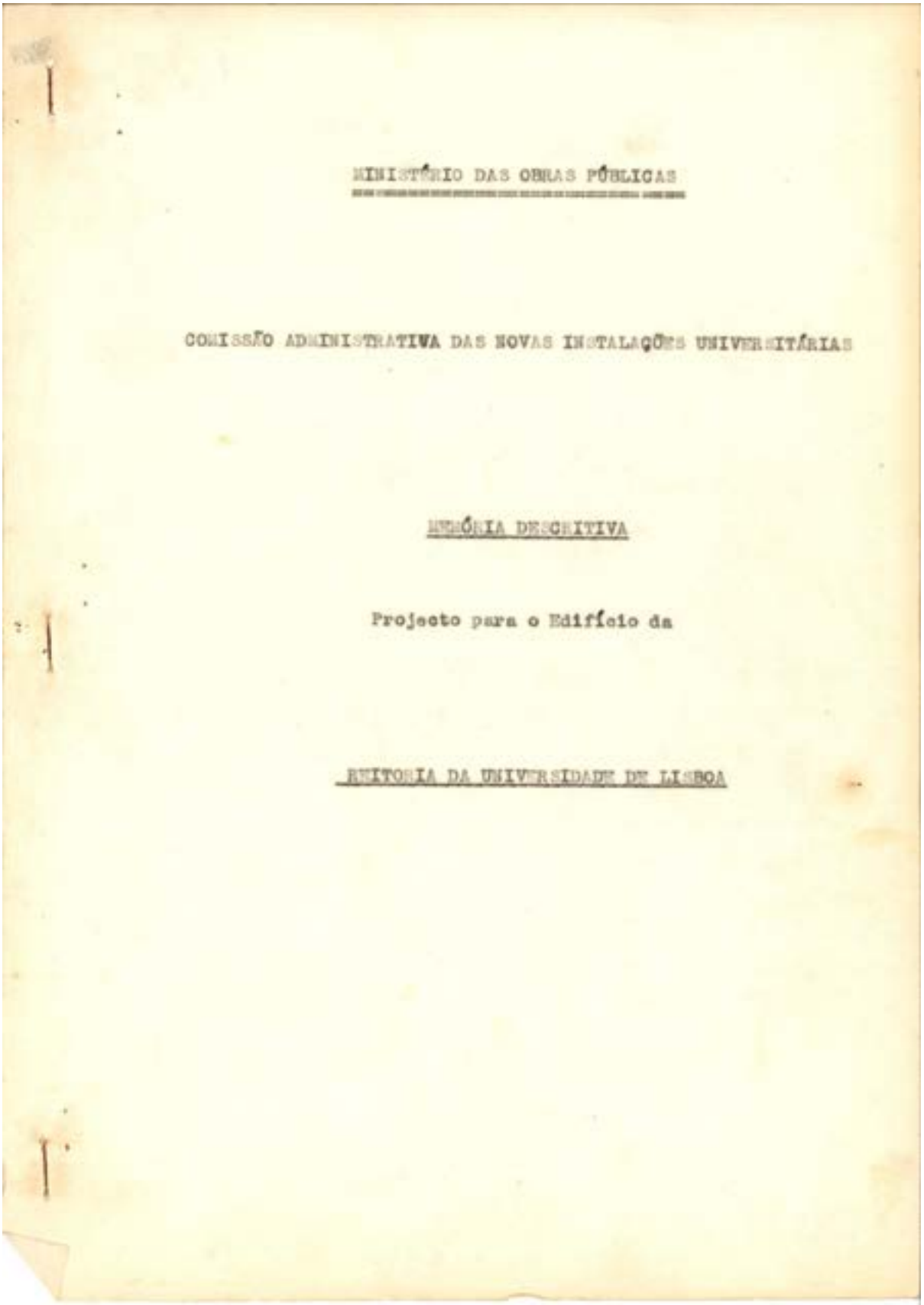
Félix Carreira — Carpintaria
Mármores e Cantarias de Trajouce, Lda. — Cantarias
José Jacinto Tomé — Instalação Eléctrica
Sitel, Lda. — Aquecimento
Sociedade de Pavimentos e Isolamento, Lda. — Isolamentos hidrófugos e de pavimentos, lambris em marmorite
H. Vaultier — Tratamentos fónicos
Mário Mendes da Silva — Pinturas
João Gonçalves Costa & Filhos — Caxilharia de Alumínio
Sociedade de Estores Metálicos — Estores interiores

Os adjudicatários do equipamento e das obras complementares foram:

Viúva de João Ferreira & Filhos — Mobiliário
Centro Técnico Hospitalar — Mobiliário
Móveis Asêta — Mobiliário
Osório de Castro — Mobiliário
Fábrica de Tapeçarias Sultão — Tapetes e alcatifas
Jardim Primavera — Jardinagem

Documento 59.01

MONTEIRO, António Pardal – Memória Descritiva do Projecto de Alterações edifício da Reitoria. Lisboa: [Documento dactilografado do Espólio PMA], Março de 1959.



MINISTÉRIO DAS OBRAS PÚBLICAS

COMISSÃO ADMINISTRATIVA DAS NOVAS INSTALAÇÕES UNIVERSITÁRIAS

MEMÓRIA DESCRITIVA

Projecto para o Edifício da

REITORIA DA UNIVERSIDADE DE LISBOA

MINISTÉRIO DAS OBRAS PÚBLICAS

COMISSÃO ADMINISTRATIVA DAS NOVAS INSTALAÇÕES UNIVERSITÁRIAS

MEMÓRIA DESCRITIVA

Projecto para o Edifício da

REITORIA DA UNIVERSIDADE DE LISBOA

Este projecto corresponde a uma profunda alteração que se pretende introduzir ao elaborado pelo falecido arquitecto Porfírio Pardal Monteiro.

O estudo prévio e o ante projecto correspondentes à alteração pretendida e motivada por novos programas elaborados pelas entidades correspondentes foram oportunamente elaborados e sancionados superiormente pelo Senado Universitário e aprovados por despacho de Sua Excelência o Ministro das Obras Públicas.

Na elaboração deste projecto, houve que atender principalmente ao facto deste edifício continuar a constituir a peça central de uma composição, com importantissimas exigências de subordinação, pelo que deverá continuar atestando uma disciplina e assegurar uma unidade de conjunto, cujas directrizes principais aparecem bem vincadas com as construções das Faculdades de Direito e de Letras e o partido a respeitar perfeitamente definido no projecto do arquitecto Porfirio Pardal Monteiro.

DO PROGRAMA

Fundamentalmente, pretendia-se que sem um aumento sensível da superfície de implantação fossem criados espaços para a realização de exposições cientificas, literárias e artistícas ou ainda reuniões, de forma a dotar a Universidade de condições próprias para actividades de extensão cultural e científica semelhantes ás que se encontram noutras capitais.

Desejava-se ainda que a Sala de banquetes fôsse deslocada para êsse espaço, julgando-se possível a resolução deste aspecto do programa, projectando-se um primeiro andar, sobre os dois corpos laterais do edifício já projectado.

No rez-do-chão, o espaço destinado a reuniões de juris, transformar-se-ia numa sala de conferencias, projecções etc.

A central de telefones deslocar-se-ia para a vizinhança dos Serviços, saindo da esquerda do edifício para a direita.

A Sala que no projecto se destina a banquetes, passaria a ser uma Sala de leitura e consulta das obras de uma pequena biblioteca privativa da Reitoria, com um conjunto de publicações especiais com interesse directo na vida e na administração da Universidade, tais como anuários, fotografias, planos, relatórios e estatísticas de outras Universidades, etc.

Essa Sala poderia no entanto dispôr-se de forma a servir para reuniões de comissões, de júris, etc.

Pretendia-se igualmente, o aumento da lotação da Sala das Sessões Solenes (AULA MAGNA) de forma a permitir uma assistência de cêrca de 2.000 pessoas.

Considerar-se-ia, tambem um número de doutoais de cêrca de 100.

Esta grande sala deverá comportar ainda:-

-Cabines para imprensa, rádio e televisão.

-Cabines para traduções simultaneas.

-Aparelhagem telefónica para audição directa nas linguas traduzidas.

DO PARTIDO GERAL

Da observação cuidadosa do projecto inicial e do novo programa das alterações que se pretende introduzir resultou ter-se considerado primeiramente, a necessidade de em qualquer circunstância, se tentar continuar a solução já encontrada e definida pelo Arq^{o}.Pardal Monteiro.

Não se poderá esquecer a subordinação existente entre este edifício e os edifícios das Faculdades de Direito e de Letras, a necessidade de manter pela correspondencia dos elementos de ordem plástica a completa unidade do conjunto , mas principalmente, a forçosa imposição de um partido geral nos aspectos funcional e arquitectónico ao qual porem, gostosamente nos submetemos, pela admiração e respeito que o mesmo nos merece.

Dentro destes principios, a maior dificuldade surgiu, evidentemente, na articulação de todas as principais peças do edifício, que definiam já no projecto anterior, a caracteristica fundamental da solução funcional adoptada.

Referimo-nos à posição relativa do Grande vestíbulo de entrada, da Sala de Recepções e Festas, e da Aula Magna, de forma a continuar dando inteira satisfação, ao desejo de tornar possível ainda a prática da velha tradição universitária, que consiste em, com a devida solenidade, se realizar o desfile do Cortejo Universitário e o seu acesso directo à Aula Magna.

A muito maior lotação requerida agora para esta Sala dos Actos Grandes da Universidade, com a consequente alteração imposta no perfil da grande bancada para o público, demarcaram as principais directrizes a considerar na resolução deste problema.

Houve assim necessidade de trazer agora para o mesmo nível, o Vestíbulo de entrada, os Passos Perdidos e a entrada da Aula Magna e de conjugar devidamente os maiores comprimentos existentes entre a entrada da Sala de Recepções e Festas(inicio do cortejo) e os diferentes locais para publico na referida Aula Magna.

A escadaria nobre, tem agora um traçado diferente, vencendo uma maior altura constituindo porém juntamente com os Passos Perdidos que a enquadram, um elemento de maior dignidade, pelas suas proporções e pelo facto atrás referido, de terem sido eliminados os degraus anteriormente existentes nas duas passagens que a ladeavam.

Verifica-se assim que todo o pavimento do andar térreo se encontra agora num mesmo nível que corresponde à cota 90,80, à excepção naturalmente do vestíbulo dá entrada, mantido na cota 90,20.

Os dois páteos existentes aproximadamente ao nível do R/chão, foram aumentados um módulo, como reflexo do maior comprimento necessário nas alas laterais, norte e sul, imposto pelo novo programa.

As referidas alas Norte e Sul, foram agora completadas em altura, à custa do desenvolvimento adquirido pelo andar nobre, o qual se projecta sobre o R/chão em toda a sua extensão.

Foi necessário igualmente, modificar a escada existente no lado Norte, pelo facto de passar a servir também o andar nobre.

Na Aula Magna embora respeitando-se a intenção dominante anteriormente definida relativamente à efectivação do Cortejo Académico, houve que rever integralmente a solução, porquanto a sua muito maior lotação (cerca de 2.000 pessoas) condiciona evidentemente os aspectos principais de acessos, distribuição, forma, proporções relativas dos diferentes elementos de decoração, integração adequada das diferentes instalações técnicas; luz, som, ar condicionado, radio, televisão, etc.

Houve ainda que considerar determinadas exigências do novo programa, como seja a possibilidade de em certos actos se limitar a lotação desta grande sala.

Quanto aos aspectos fundamentais da alteração introduzida ao projecto inicial, há ainda a referir, a eliminação dos pátios à inglesa existentes naquele, na fachada principal(nascente) e nas laterais(norte e sul).

Tal alteração que não nos fôra proposta, pelo que não foi considerada nos estudos realizados a quando do estudo prévio e do ante-projecto, foi no entanto oportunamente apreciada em ante-projecto,merecendo naturalmente a sua aprovação.

Os referidos pátios, projectados no projecto inicial para se conseguir a iluminação natural de diferentes instalações situadas na Cave do edifício, e absolutamente necessários para tal fim, dados os condicionamentos que eram impostos, pelos edifícios das Faculdades de Direito e de Letras(níveis dos diferentes pavimentos), pelos arruamentos confinantes e pelo programa a considerar, eram no entanto, sem a menor dúvida, elementos de reduzido valor arquitectónico e estético, evidentemente que integrados de forma forçada, no espírito de grandiosidade procurado para um edifício desta categoria e caracter.

Desta forma atentos à primeira oportunidade que se nos deparasse, o aumento dos dois pátios interiores do edifício, como consequencia do novo programa, permitiu-nos encarar o problema no sentido de uma melhor solução.

Os novos pátios, pelas suas actuais proporções sugeriram-nos a possibilidade de um rebaixamento dos níveis dos pavimentos dos mesmos de forma a permitir que através deles, fôsse conseguida a iluminação das instalações em cave.

Para tal foi necessário revêr por completo a solução deste pavimento (cave), de forma a atender à exigência de iluminação natural, em paralelo com a melhor solução funcional a considerar na interligação das diferentes instalações.

A solução encontrada, resolvendo de forma ajustada os referidos aspectos a considerar, permitiu consequentemente a possibilidade da eliminação dos pátios à inglesa anteriormente julgados necessários, contribuindo-se assim estamos certos, para a obtenção de um todo, arquitectónica e estéticamente de maior unidade e imponencia.

DO PROJECTO

Compreende o novo projecto da Reitoria da Universidade de Lisboa, os seguintes elementos:

Nº1 - Planta esquemática da implantação
2 - Planta do Andar Principal (R/C)
3 - Planta do Andar Superior (1º Andar)
4 - Planta do sotão (aproveitamento)
5 - Planta do Andar inferior (cave)
6 - Planta das coberturas
7 - Planta do andar principal (Aula Magna)
8 - Planta do andar superior (Aula Magna)
9 - Planta da Aula Magna(Instalações do público)
10- Planta dos Sótãos (Aula Magna)
11- Planta da cave (Aula Magna)
12- Fachada sobre a Praça da Universidade
13- Fachada sobre a Avenida P -(Entrada Aula Magna)
14- Fachada lateral Norte (a Sul é igual e inversa)

Nº15 - Corte	longitudinal	1-2
16 - Corte	"	3-4
17 - Corte	"	5-6
18 - Corte	"	7-8
19 - Corte	"	9-10
20 - Corte	"	11-12
21 - Corte	transversal	A-B
22 - Corte	"	C-D
23 - Corte	"	E-F
24 - Corte	"	I-J
25 - Corte	"	N-O

26 - Memoria Descritiva

DA SOLUÇÃO ADOPTADA

Tal como se indicou já nos estudos anteriores, compreende o partido da composição, dois andares principais e dois acessórios.

Nos dois andares principais se concentram as dependencias mais importantes exigidas no Programma.

Assim, no Andar Principal (andar térreo) estão situados os grandes accessos às partes de maior vulto do edifício, os serviços Administrativos, a bibliotheca, a sala de pequenas conferencias e as dependencias communs, destinadas a diversos fins, etc.

No Andar Superior (1ºAndar) dispusemos as instalações do Reitor, as salas de Recepção, o Senado Universitário, as salas de exposições, a sala de pequenos banquetes, etc.

A ligação à Aula Magna faz-se a partir deste Andar, descendo-se uma escadaria de elevada grandiosidade e fazendo-se a sua entrada ao nível do Andar principal, podendo considerar-se que a grande sala de actos, participa, pelo seu volume e configuração, simultaneamente, daqueles dois andares principais do edifício.

Na Cave instalaram-se os arquivos, habitação do guarda, as diversas centrais, o posto de transformação, os refeitórios e instalações para o pessoal, cozinha, copas, etc.

No Andar dos Sótãos, apenas figuram os motores de ascensor e uma arrecadação.

A Aula Magna e as instalações que a servem, estão distribuidas por três niveis principais.

No primeiro indicado na planta do andar principal (Aula Magna), encontra-se, a Grande ligação às restantes instalações da Reitoria, a entrada principal privativa da Aula Magna, a poente do edifício com os seus acessos por meio de vestíbulos, galerias, escadarias, e ascensores, vestiários, instalações sanitárias para ambos os sexos, arrecadações,etc.

Neste andar, ao nível geral do andar principal da Reitoria, encontra-se a "CATEDRA" cujo fundo fecha por meio de portas de correr de expressão monumental e cortinados de tapeçaria que constituem o fundo próprio do local.

Imediatamente a seguir à "Catedra" estão distribuidos , lateralmente,os lugares para os Doutorais em número aproximado a 100, e ainda as primeiras bancadas para os convidados de honra.

Num nível mais elevado, indicado na planta do andar superior (Aula Magna), aparecem ainda amplos acessos por meio de galerias, escadarias e ascensores, instalações sanitárias para ambos os sexos, bar, copa, arrecadações etc.

Nesta planta indica-se um segundo grupo de bancadas para público.

Num terceiro nível, indicado na planta geral da Aula Magna, aparecem novos amplos acessos, com grande Hall, galerias, escadas e ascensores, situando-se ainda novos grupos de instalações sanitárias para ambos os sexos, arrecadações etc.

Nesta planta aparecem completadas as instalações para o público, com um terceiro grupo de bancadas, e algumas amplas tribunas que ocupam o fundo da Sala no seu plano mais elevado.

As instalações da Aula Magna, completam-se ainda com três níveis secundários.

Sobre a galeria transversal das bancadas, que dá acesso ao ultimo grupo destas, como que suspenso do teto e a toda a largura da Sala, situaram-se as instalações destinadas à imprensa, rádio e televisão, tradutores, cabine de projecções, bombeiros etc.

Sobre o plano posterior da "cátedra", situou-se uma galeria que serve de comando e inspecção do ecran ou qualquer quadro a instalar.

Em cave, situam-se a "caixa do palco" sob a "cátedra", algumas arrecadações e instalações sanitárias.

Num nível diferente, mas ainda em cave, existem as casas dos motores dos ascensores de público da Aula Magna.

Mais pormenorizadamente, as partes previstas em cada andar são as que a seguir se indicam, relativas a cada uma das plantas do projecto.

ANDAR PRINCIPAL

1 - Escadaria principal
2 - Átrio
3 - Entrada lateral (Secretaria)
4 - Entrada Lateral (Biblioteca)
5 - Entrada Posterior (Lado Norte)
6 - Entrada Posterior (Lado Sul)

7 - Grande Vestíbulo principal
8 - Galeria do Vestíbulo principal
9 - Ante-camara - professores
10 - Ante-sala - professores
11 - Ante-camara - telefones
12 - cabines telefónes
13 - Instalações do P.B.X.
14 - Toilette professoras
15 - W.C. professoras
16 - Antecamara das inst.sant.professoras
17 - " " " " professores
18 - Lavabos-professores
19 - W.C.- professores
20 - Monta-pratos
21 - Ascensor
22 - Ante-sala
23 - Pequenas conferências
24 - Vestíbulo da Biblioteca
25 - Secretaria
26 - Registo de correspondencia
27 - Galeria das inscrições
28 - Tesouraria
29 - Galeria sul
30 - Contabilidade
31 - Ante-camara da Contabilidade
32 - Sala de reservados
33 - Sala de fornecedores
34 - Vestibulo posterior (lado sul)
35 - Telefones

36 - Vestiário
37 - Galeria do vestiário
38 - Ante camara inst.sant.-homens
39 - W.C.- homens
40 - Lavabos homens
41 - Ante camara inst.sant.-senhoras
42 - W.C. - senhoras
43 - Toilette senhoras
44 - Arrecadação
45 - Vestíbulo da galeria da Aula Magna(Sul)
46 - Grande Hall central
47 - Vestíbulo da Galeria da Aula Magna (Norte)
48 - Vestiário
49 - Galeria do vestiário
50 - Ante camara das inst.sanit.-senhoras
51 - W.C.-inst.sant.-senhoras
52 - Toilette-senhoras
53 - Alçapão de ligação à casa das caldeiras
54 - Ante camara inst.sanit.-homens
55 - W.C.- homens
56 - Lavabos-homens
57 - Telefones
58 - Vestíbulo posterior (lado Norte)
59 - Gabinete do bibliotecário
60 - Biblioteca-pequena sala
61 - Biblioteca- grande sala
62 - Galeria Norte

ANDAR SUPERIOR

101 - Salão de recepções e festas
102 - Vestíbulo do salão
103 - Antecamara do salão
104 - Monta-cargas
105 - Ascensor
106 - Senado Universitário
107 - Galeria
108 - Vestiário
109 - Lavabos-homens
110 - W.C.-hômens
111 - Galeria
112 - Sala de espera
113 - Antecamara do gab.do reitor
114 - Gabinete do secretário do reitor
115 - Gabinete do reitor
116 - Arquivo
117 - Vestiário do reitor
118 - Inst.sanit. do reitor
119 - Salão
120 - pequenos banquetes
121 - Copa
122 - Arrecadação
123 - "
124 - Antecamara
125 - Arrecadação
126 - Exposições

127 - Galeria das exposições
128 - Galeria
129 - Lavabos,-homens
130 - W.C.-homens
131 - toilette -senhoras
132 - W.C. - senhoras
133 - Antecamara inst.sanit.-homens
134 - antecamara " " -senhoras
135 - Galeria
136 - Corredor
137 - Inst.sanitinárias
138 - Sala de espera
139 - Gabinete do secretário
140 - Salão
141 - Antecamara do Salão
142 - Arrecadação
143 - Antecamara do salão de recepções

ANDAR INFERIOR

01 - Arquivo de academicas
02 - Galeria
03 - Arrecadação
04 - Quarto do porteiro
05 - " " "
06 - Corredor do porteiro
07 - Casa de banho do porteiro

08 - Arrumos do porteiro
09 - Sala comum do porteiro
010 - Cozinha do porteiro
011 - Galeria
012 - Arrecadação
013 - Copa
014 - Refeitório pessoal menor
015 - Lavabos pessoal menor
016 - Ante camara
017 - Lavabos pessoal administrativo
018 - Ante camara W.C. pessoal administrativo
019 - Mictórios pessoal administrativo
020 - W.C. pessoal administrativo
021 - Refeitório pessoal administrativo
022 - Despensa
023 - Cozinha
024 - Copa
025 - Monta pratos
026 - Vestiário - mulheres - cozinha
027 - Toilette - mulheres - cozinha
028 - W.C.- mulheres - cozinha
029 - Vestiário - homens - cozinha
030 - Lavabos - homens- cozinha
031 - W.C. - homens- cozinha
032 - Galeria
033 - Alçapão
034 - Ligação caixa palco Aula Magna
035 - Caixa do palco

036 - Galeria
037 - Toilette senhoras, representações Aula Magna
038 - W.C. " " " "
039 - Arrecadação
040 - Lavabos homens, representações Aula Magna
041 - W.C. " " " "
042 - Casa das Caldeiras
043 - Arquivo
044 - Arquivo
045 - Arquivo
046 - Arquivo
047 - Arquivo
048 - Arquivo
049 - Arquivo
050 - Galeria - arquivo
051 - Vestíbulo
052 - Posto de transformação
053 - Alçapão
054 - Depósito de publicações universitárias
055 - Gabinete do arquivista
056 - Vestiário pessoal menor - mulheres
057 - Toilette " " "
058 - W.C. pessoal menor - mulheres
059 - Duches " " "
060 - Lavabos " " - homens
061 - W.C. " " - "
062 - Duches " " - "

063 - Pequena arrecadação

064 - " "

065 - Vestiário pessoal menor - homens

066 - Galerias motor ascensor

067 - Motor ascensor

068 - Galerias motor ascensor

069 - Motor ascensor

S Ó T Ã O S

S.1 - Casa do motor do ascensor

S.2 - Lanternin iluminação andar superior

S.3 - " " " "

S.4 - Arrecadação

S.5 - Comando e inspecção écran

S.6 - Cabine projecções

S.7 - Bombeiros

S.8 - Televisão

S.9 - Rádio

S.10- Tradutores

S.11- Imprensa

S.12- Galeria

S.13- Vazio Aula Magna

ANDAR PRINCIPAL (AULA MAGNA)

63 - Cátedra
64 - Doutorais
65 - Doutorais
66 - Lugares de convidados de honra
67 - Galeria
68 - Arrecadação
69 - Toilette senhoras
70 - W.C. Senhoras
71 - Antecamara inst.sanit. senhoras
72 - arrecadação
73 - Vestiário arrecadação
74 - Vestiário - zona de público
75 - " " "
76 - Vestibulo da Aula Magna
77 - Átrio
78 - Ascensor
79 - Ascensor
80 - Vomitorio de acesso Aula Magna
81 - " " " " "
82 - Arrecadação
83 - 1ª Ante camara inst.sanit. - homens
84 - 2ª " " " " - "
85 - Lavabos - homens
86 - W.C. "
87 - Arrecadação
88 - Galeria
89 - Quadro electrico Aula Magna - conductas

ANDAR SUPERIOR (AULA MAGNA)

144 - 1º Grupo de bancadas
145 - arrecadação
146 - W.C.- senhoras
147 - Toilette - senhoras
148 - Antecamara inst.sanit. senhoras
149 - Galeria
150 - Lavabos - homens
151 - W.C. - homens
152 - Arrecadação
153 - Vestíbulo- galeria
154 - Bar
155 - Copa
156 - Ascensor
157 - Ascensor
158 - Ante camara, vestiário pessoal
159 - Vestiário pessoal
160 - W.C. pessoal
161 - Arrecadação
162 - Lavabos - homens
163 - W.C. - homens
164 - Galeria
165 - Antecamara inst. sanit. - senhoras
166 - Toilette - senhoras
167 - W.C. - senhoras
168 - Arrecadação

AULA MAGNA

201 - Arrecadação
202 - W.C. - senhoras
203 - Toilette - senhoras
204 - Ante camara inst. sanit.-senhoras
205 - Galeria
206 - Lavabos - homens
207 - W.C. - homens
208 - Vestíbulo
209 - Ascensor
210 - Ascensor
211 - Tribuna central
212 - Tribuna
213 - "
214 - "
215 - "
216 - "
217 - "
218 - 2º Grupo de bancadas
219 - Lavabos - homens
220 - W.C. - homens
221 - Galeria
222 - Antecamara inst.sanit.- senhoras
223 - Toilette - senhoras
224 - W.C.- senhoras
225 - Arrecadação

E S C A D A S

E.1 - Escada de serviço (Norte)
E.2 - " " " (Sul)
E.3 - Escada de pessoal =Entre R/C e cave)
E.4 - Grande escadaria nobre
E.5 - Escada do pátio Norte
E.6 - Escada do pátio Sul
E.7 - Escada de acesso à caixa do palco, sob a "cátedra" e ao comando e inspecção do écran
E.8 - Escada de serviço da Aula Magna (Norte)
E.9 - " " " " " " (Sul)
E.10- Escada do público-Aula Magna (Norte)
E.11- " " " " " (Sul)

P Á T I O S

P.1 - Pátio Norte
P.2 - Pátio Sul

DAS DEPENDÊNCIAS PRINCIPAIS

As dependencias principais deste edifício,como sejam: O Hall da Escadaria de honra, a Grande Escadaria de Honra, a Sala de Recepções e Festas e muito principalmente a Aula Magna, mantêm-se nos seus diferentes e mais importantes aspectos, as caracteristicas descriminadas nas memórias descritivas que antecederam esta.

De resto a simples observação dos desenhos que constituem o actual projecto, bastará para a completa elucidação das caracteristicas, quer nos aspectos funcional ou arquitectónico, quer ainda quanto ao seu plano de acessos ou de distribuição dos elementos que constituem cada uma das referidas dependencias.

Julgamos no entanto, que oportunamente deverá considerar-se a necessidade de, muito especialmente no que diz respeito à Aula Magna, se realizar um cuidadoso estudo de pormenor, devidamente integrado num projecto de decoração sem o qual, só muito dificilmente se poderá obter a unidade arquitectónica e plástica que uma Sala desta importancia e de proporções tão monumentais requere.

FACHADAS

A alteração efectuada e atrás descriminada, impôz um novo estudo das fachadas, mantendo-se porém, integralmente, a fachada principal projectada anteriormente.

Mantem-se,como era necessário,a afinidade de expressão com as fachadas principais,dos edifícios das Faculdades de Direito e de Letras.

No entanto, sinceramente convictos, de que o conhecimento adquirido pela observação dos mesmos edifícios já construidos, poderá servir para se constatar, da insuficiência de expressão e de acabamento que resultaria ,mantendo-se os mesmos, nos corpos laterais voltados para a praça que enquadram o grande peristilo da entrada,deste importante edifício, tomamos a liberdade de, com o devido respeito por todos aqueles com pontos de vista diferentes, indicar os paineis que envolvem as janelas dos referidos corpos, revestidos a azulejo artistico, tal como fôra idealizado pelo Arquitecto Pardal Monteiro.

Honestamente e com a devida modestia, julgamos ainda sêr esta a única expressão conveniente e possível, dada a modulação, proporção e espírito de composição, existente nos referidos corpos,caracteristicas que deverão ainda manter-se para completa integração na expressão do conjunto a obter com os edifícios das Faculdades já construidos.

Nas restantes fachadas do edifício, procurou-se tanto quanto possível, embora todas elas dentro de uma proporções novas e de maior grandiosidade, a subordinação ao espírito anteriormente definido para o edifício, subordinação essa que resulta ainda da expressão arquitectónica da fachada principal, já referida.

Lisboa 31 de Março de 1959

Os Arquitectos

Documento 59.02

MONTEIRO, António Pardal – Nota dos Trabalhos de carácter artístico do edifício da Reitoria.. Lisboa: [Documento dactilografado do Espólio PMA], Maio de 1959

ANTÓNIO PARDAL MONTEIRO arquitecto
PEDRO PARDAL MONTEIRO engenheiro
ANSELMO FERNANDEZ arquitecto

Lisboa 8 de Maio de 1959

Exmo Sr.
Engenheiro Ignácio Com do Valle
Dig^mo Chefe dos Serviços da C.A.N.I.U.
Av. Antonio Serpa 26-3ºDº
LISBOA

Exmo Senhor

Junto envio nota dos trabalhos de caracter artístico previstos para o edifício da REITORIA DA UNIVERSIDADE DE LISBOA, com indicação dos nomes dos artistas que julgo mais indicados para a sua execução.

Dado o grande número e diversidade de trabalhos a executar para este edifício, houve a preocupação de fazer uma distribuição de tarefas que contemplasse artistas das mais diversas correntes, tendo no entanto, o cuidado de fazer esta distribuição de modo que o edifício também daí possa tirar benefício.

ÁTRIO PRINCIPAL - Desenho gravado, por incisão na pedra, com as mesmas caracteristicas dos já executados no Átrio da Faculdade de Direito.

Artista proposto: Pintor Almada Negreiros.

LISBOA · LARGO DE S. CARLOS, 4 - 2º Dº TELEF. 23029

ANTÓNIO PARDAL MONTEIRO arquitecto
PEDRO PARDAL MONTEIRO engenheiro
ANSELMO FERNANDEZ arquitecto

ÁTRIO DA AULA MAGNA - Desenho gravado por incisão na pedra com caracteristicas identicas às dos motivos previstos para o Átrio Principal.

Artista proposto: Pintor Almada Negreiros.

FACHADAS LATERAIS DA AULA MAGNA - Prevê-se um desenho sobre a pedra, conseguido à custa, quer de elementos salientes, quer de elementos reentrantes, sem que contudo, seja usada uma técnica que se assemelhe a do baixo-relevo. Pretende-se um desenho sobre o paramento de pedra que pelas suas dimensões e enquadramento não poderá ser obtido, somente à custa de traço inciso.

Artistas propostos: Escultores Rocha Correia e Lagôa Henriques.

ENTRADAS DE SERVIÇO,LATERAIS - Duas estátuas sobre os dados que ladeiam as escadas de acesso.

Artistas propostos: Escultores Leopoldo de Almeida e Joaquim Correia.

GRANDE VESTIBULO PRINCIPAL - Cinco paineis de mosaico esmalte, tipo bizantino.

Artista proposto: Pintor Antonio Lino Pedras.

GALERIA DO VESTIBULO PRINCIPAL - Três paineis de mosaico de-malte, tipo bizantino.

Artista proposto: Pintor Julio Rezende.

LISBOA LARGO DE S. CARLOS, 4-2º DT. TELEF. 23059

ANTÓNIO PARDAL MONTEIRO arquitecto
PEDRO PARDAL MONTEIRO engenheiro
ANSELMO FERNANDEZ arquitecto

Quatro vitrais, preenchendo os vãos sobre os páteos interiores.

Artista proposto: Pintor Lino Antonio.

VESTIBULO INFERIOR DA AULA MAGNA - Painel central em ceramica policroma.

Artista proposto: Pintor Querubim Lapa

VESTIBULO SUPERIOR DA AULA MAGNA - Desenho gravado sobre mármore polido, formando um painel envolvente da porta de acesso ao camarote principal. Este desenho deverá ser formado por traço cavado no mármore, e preenchido com mosaico de várias cores.

Artista proposto: Rolando Sá Nogueira.

SALA DOS PASSOS PERDIDOS - Dois paineis de pintura a fresco, encimando as portas laterais.

Artistas propostos: Pintores Frederico George e Manuel Lapa.

Dois elementos de escultura decorativa ladeando a grande porta da Aula Magna, em bronze patinado a ouro velho.

Artista proposto: Escultor Barata Feyo.

Pintura lacada decorativa, duma grande simplicidade, a executar nas portas de entrada na Aula Magna.

Propõe-se que este trabalho seja executado por um grupo de jovens artistas, possivelmente actuais alunos da Escola de Artes Decorativas Antonio Arroio, superiormente dirigido pelo pintor Lino António.

LISBOA LARGO DE S. CARLOS, 4-2º DT. TELEF. 25059

ANTÓNIO PARDAL MONTEIRO arquitecto
PEDRO PARDAL MONTEIRO engenheiro
ANSELMO FERNANDEZ arquitecto

4)

Motivo escultorico decorativo, constituindo a guarda da Grande Escadaria Nobre, um bronze patinado a ouro velho , tal como os elementos que ladeiam a grande porta da Aula Magna.

Artista proposto: Escultor José Farinha.

PORTA DA SALA DE RECEPÇÕES E FESTAS - Pintura lacada decorativa, na porta de acesso à Sala de Recepções e Festas, com as mesmas caracteristicas, já indicadas para as portas da Aula Magna. A sua execução seria entregue aos mesmos artistas.

SALA DE RECEPÇÕES E FESTAS - Dois paineis a fresco.

Artistas propostos: Pintores Maria Keil e Daciano Costa.

Prevê-se a aplicação de elementos decorativos nas ombreiras das portas desta sala, constituidos por madeira entalhada e patinada. Também se prevêm elementos decorativos nas alhetas que separam as três grandes pilastras que ladeiam a entrada.

Artista proposto: Pintor José Farinha.

SALÃO DE RESERVA - Duas tapeçarias, nas paredes laterais, sobre os lambris.

Artista proposto: Pintor Julio Pomar.

LISBOA LARGO DE S. CARLOS, 4-2º DT. TELEF. 23039

ANTÓNIO PARDAL MONTEIRO arquitecto
PEDRO PARDAL MONTEIRO engenheiro
ANSELMO FERNANDEZ arquitecto

5)

GABINETE DO REITOR - Uma tapeçaria na parede de fundo.

Artista proposto: Pintor Jorge Barradas.

SALA PRIVATIVA DO REITOR - Uma tapeçaria.

Artista proposto: Pintor João Reis.

Com a mais elevada estima e consideração subscrevo-me

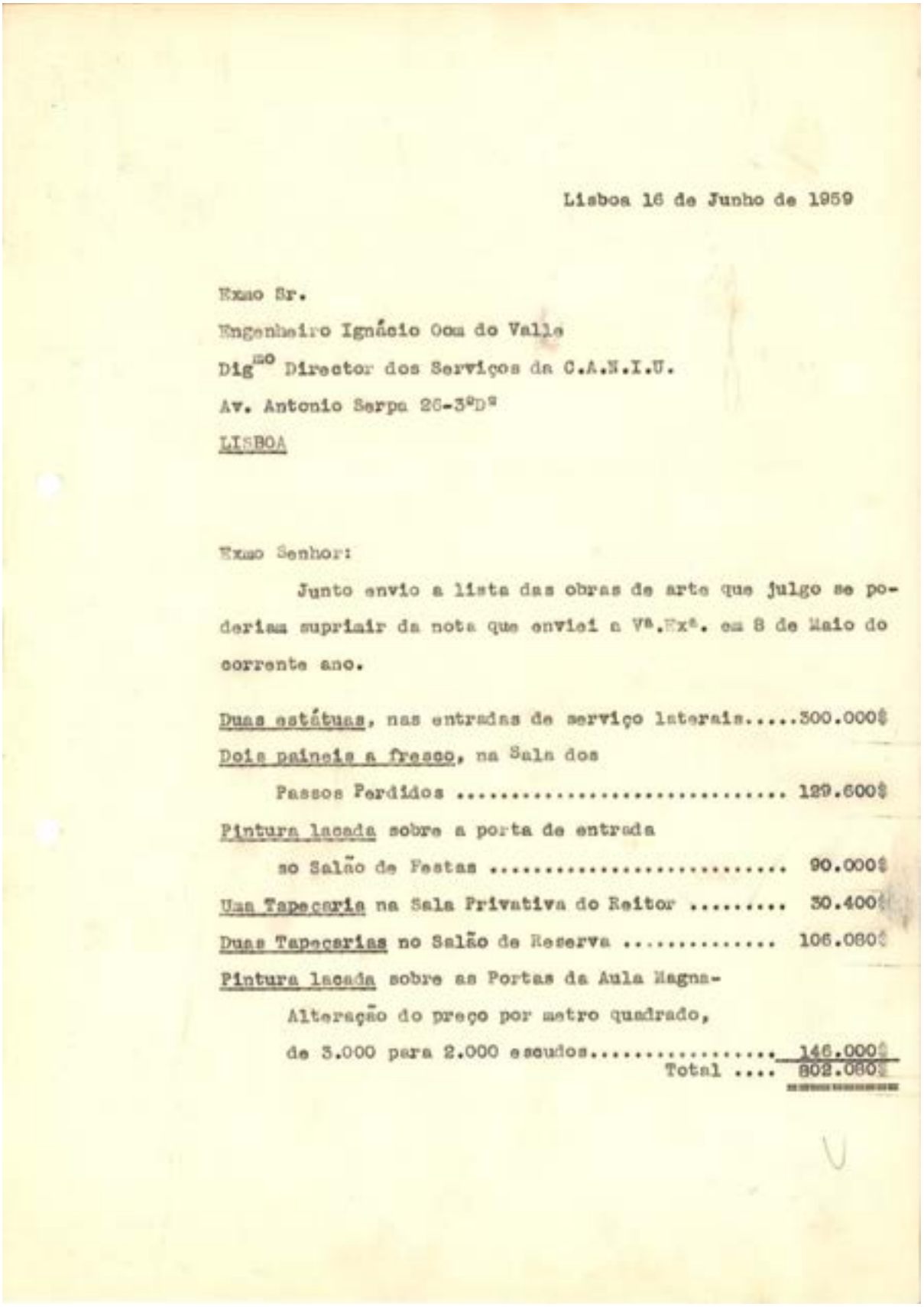
De Vª.Exª.

Muito Atenciosamente.

LISBOA LARGO DE S. CARLOS, 4-2º DTº TELEF. 23089

Documento 59.03

MONTEIRO, António Pardal – Lista de obras de arte a suprimir na Reitoria. Lisboa: [Documento dactilografado do Espólio PMA], Junho de 1959.



Lisboa 16 de Junho de 1959

Exmo Sr.
Engenheiro Ignácio Oom do Valle
Dig^mo Director dos Serviços da C.A.N.I.U.
Av. Antonio Serpa 26-3ºDº
LISBOA

Exmo Senhor:

Junto envio a lista das obras de arte que julgo se poderiam suprimir da nota que enviei a Vª.Exª. em 8 de Maio do corrente ano.

Duas estátuas, nas entradas de serviço laterais.....300.000$
Dois painéis a fresco, na Sala dos
Passos Perdidos ..... 129.600$
Pintura lacada sobre a porta de entrada
ao Salão de Festas ..... 90.000$
Uma Tapeçaria na Sala Privativa do Reitor ..... 30.400$
Duas Tapeçarias no Salão de Reserva ..... 106.080$
Pintura lacada sobre as Portas da Aula Magna-
Alteração do preço por metro quadrado,
de 3.000 para 2.000 escudos..... 146.000$
Total .... 802.080$

A verba obtida corresponde à redução que poderia ser feita sem grande prejuizo para o edifício em questão.

Mas como o número assim obtido está muito aquem do que foi estipulado, sugiro que se retirem as duas obras de escultura sobre as fachadas laterais embora firmemente convencido do enorme prejuizo que tal supressão acarreta para o edifício.

Além das obras mencionadas não vejo, mais possibilidades de redução sem prejudicar seriamente o conjunto diminuindo-lhe a grandeza e a dignidade, que este edifício deve ter.

Teríamos assim uma redução total de cerca de 1.200 contos, o que elevaria de 5 para 6% a percentagem a atribuir para obras de arte, o que na minha modesta opinião não me parece em nada exagerado dada a função representativa que este edifício vai desempenhar.

Sem outro assunto, de momento, subscrevo-me com toda a estima e consideração.

De Vª.Exª.

Muito Atentamente.

Documento 60.01

MONTEIRO, António Pardal - Memória Descritiva do Projecto da Ferreira e Filhos. Lisboa: [Documento dactilografado do Espólio PMA], Janeiro de 1960.

ANTÓNIO PARDAL MONTEIRO arquitecto
PEDRO PARDAL MONTEIRO engenheiro
ANSELMO FERNANDEZ arquitecto

MEMÓRIA DESCRITIVA DO PROJECTO

Para o conjunto de edificações que a firma, Empresa Predial Ferreira & F.os S.A.R.L., pretende edificar no seu terreno sito em Lisboa, na Avenida António Augusto de Aguiar, 62-64, com frentes para a Rua Filipe Folque e de S.Sebastião da Pedreira, 55, freguesia de S.Sebastião da Pedreira .....
.....
em conformidade com o anteprojecto elaborado e aprovado pela Digma. Câmara - Processo N.º 26.570/58.

I - ANTECEDENTES

1 - A firma proprietária, e os autores deste projecto, tomaram a seu devido tempo conhecimento das condições do deferimento, relativas ao anteprojecto elaborado para este conjunto - Processo n.º 26.570/58.

2 - Assim, naturalmente, o presente projecto definitivo, foi orientado no sentido de se dar satisfação às referidas condições, o que julgamos ter sido realizado em absoluto.

De uma maneira geral, os condicionamentos impostos, devidamente considerados, podem ser verificados pela simples apreciação dos elementos desenhados deste projecto.

LISBOA LARGO DE S. CARLOS, 4-1º DTº TELEF. 32087

ANTÓNIO PARDAL MONTEIRO PEDRO PARDAL MONTEIRO ANSELMO FERNANDEZ
arquitecto engenheiro arquitecto

No entanto, nesta Memória Descritiva se justificarão as soluções encontradas para as condições que constam da aprovação do referido anteprojecto.

3 - Tendo-se elaborado a quando do mesmo anteprojecto, a correspondente Memória Descritiva e ainda um Aditamento à mesma, os quais definiam com bastante minúcia, diferentes aspectos do empreendimento que se pretende levar a cabo, julgamos conveniente, fazer-se a transcrição rigorosa de grande parte dos mencionados documentos, completando-se esta memória com as alterações agora introduzidas ao elaborar-se o projecto definitivo e ainda com a descrição mais pormenorizada dos diferentes elementos que constituem os edifícios deste conjunto.

II - LOCALIZAÇÃO

4 - Os edifícios que se pretende construir, ficarão localizados no terreno sito na Av. António Augusto de Aguiar, 62 e 64, com frentes também para a Rua Filipe Folque e de S.Sebastião da Pedreira, 55.

5 - No local existe actualmente uma moradia, com entrada pela Av. António Augusto de Aguiar e algumas pequenas construções anexas à mesma.

Todas estas construções serão demolidas oportunamente.

LISBOA LARGO DE S. CARLOS, 4-2º DT. TELEF. 32052

ANTÓNIO PARDAL MONTEIRO arquitecto
PEDRO PARDAL MONTEIRO engenheiro
ANSELMO FERNANDEZ arquitecto

R.C. 6

III - DO EMPREENDIMENTO

6 - A firma proprietária, pretende levar a cabo neste terreno, um programa constituido essencialmente por um conjunto de habitações de elevada categoria.

7 - Pretende-se ainda a construção de estabelecimentos comerciais de idêntico nível e de alguns escritórios de igual categoria.

8 - Aproveitando a diferença de nível existente entre a Av. António Augusto de Aguiar e a Rua de S.Sebastião da Pedreira, pretende-se também a construção de garagens e de zonas para automóveis ligeiros.

9 - A firma proprietária, ao estabelecer o programa destas instalações, considerou especialmente a excepcional importância da zona da cidade em questão, na qual se encontra o mais elevado ambiente habitacional e comercial.

10 - A firma proprietária, ao tomar esta iniciativa, pretende contribuir da melhor maneira para a continuidade e até melhoria, se possível, do referido nível social, dentro ainda das mais razoáveis regras das edificações urbanas.

IV - DOS CONDICIONAMENTOS

11 -Ao elaborar-se este projecto, impôs-se naturalmente a observação dos seguintes condicionamentos: a)-topografía do terreno; b)-situação no plano da cidade;

LISBOA LARGO DE S. CARLOS, 4-3º DT. TELEF. 2304

c)-plano de urbanização; d)-orientação do terreno; e)-regulamentos municipais em vigor; f)-princípios urbanísticos; g)-programa estabelecido; h)-condições impostas pela Câmara Municipal de Lisboa na aprovação do respectivo anteprojecto.

12 - Consideradas nacuralmente em conjunto todas estas directrizes, cremos desnecessário expor pormenorizadamente, quanto cada uma delas condicionou a solução que se apresenta, porquanto, julgamos suficiente a descrição e a justificação do partido a que foi dada a preferência, pelos técnicos e pelos proprietários.

V - DA COMPOSIÇÃO

13 - Devidamente ponderados os condicionamentos referidos, obtivemos a solução apresentada, fortemente influenciada por aqueles e resultante natural de diversos estudos.

14 - Foi considerado inicialmente o facto do terreno em questão não poder ser aproveitado em toda a área que hoje possui, porquanto, o plano marginal da Rua de S.Sebastião da Pedreira, deverá recuar em relação ao actual cerca de 6,50 m, do que resultam aproximadamente, 600 m2 de área não aproveitável.

15 - A orientação do terreno levou-nos ainda durante a elaboração do anteprojecto, à solução encontrada, orientada principalmente no sentido de obtermos um

grande bloco habitacional com os maiores planos expostos a nascente, a sul e a poente.

16 - Com esta solução, conseguiu-se obter um bloco de habitações de proporções grandiosas, na medida do possível, com frente para a principal artéria, a Av. António Augusto de Aguiar.

17 - Por se tratar dum terreno que constitui o extremo de um importante quarteirão da cidade, o bloco único com toda a frente principal a corresponder ao comprimento máximo do terreno sobre a Av. António Augusto de Aguiar, destacando-se livremente em toda a sua largura, no topo sobre a Rua Filipe Folque, virá constituir certamente, um volume de proporções adequadas à importância do local.

18 - Este bloco tem o seu plano principal - sobre a Avenida - recuado 3 m, numa extensão de cerca de 20 m, a partir do cunhal com a Rua Filipe Folque, e em toda a frente sobre a mesma Avenida, ao nível do oitavo andar de habitações.

19 -Este corpo tem como que adossado um outro com três metros de espessura, de forma a continuar o plano marginal da Avenida António Augusto de Aguiar, permitindo assim a obtenção de uma mais grandiosa solução das diferentes plantas até ao 7.º andar do edifício principal.

20 - Esta solução permite ainda poder-se observar toda a Avenida desde qualquer janela do edifício princi-

ANTÓNIO FARDAL MONTEIRO arquitecto PEDRO FARDAL MONTEIRO engenheiro ANSELMO FERNANDEZ arquitecto

pal (no 8.º andar, varandas-terraços), sem se abdicar da intenção de se obter do bloco "A" a importância e o volume desejados.

21 - O referido corpo, deverá assentar sobre pilares, cobrindo assim a faixa de passeio ao longo dos estabelecimentos comerciais, cujas frentes se projectam, num plano recuado cerca de 4 m do plano marginal da Avenida.

22 - A referida faixa de passeio, continuará coberta, até ao cunhal com a Rua Filipe Folque, por uma placa que terá o balanço de aproximadamente 4 m, e que é acusada com continuidade, mesmo em toda a frente do mesmo corpo, como remate superior dos pilares que o sustentam.

23 - A frente do bloco principal, sobre a Rua Filipe Folque, assentará igualmente sobre pilares, de forma a cobrir também a zona de público, nessa frente de estabelecimentos, alinhados estes, aproximadamente, com a frente principal de um bloco mais baixo que consideraremos, obloco sobre a Rua Filipe Folque. Esta solução, libertando os cunhais do bloco principal, permite, além da solução plástica resultante e da solução funcional exposta, a visibilidade necessária aos veículos que tornejam o cunhal Avenida António Augusto de Aguiar - Rua Filipe Folque.

24 - Este conjunto, constituído pelo bloco principal (frente principal sobre a Avenida António Augusto de Aguiar) e pelo bloco sobre a Rua Filipe Folque, definem dois edifícios; o primeiro com entrada pe-

LISBOA LARGO DE S. CARLOS, 4-2º DT. TELEF. 7503

R.C.R = 7

la Avenida António Augusto de Aguiar, com estabelecimentos em Rez-do-chão, e em s/loja e oito andares de habitação; o segundo edifício com entrada pela Rua Filipe Folque, também com estabelecimentos comerciais em rez-do-chão, e com oito andares de habitação no bloco da Avenida e seis andares de habitação no bloco sobre a Rua Filipe Folque.

25 - O bloco sobre a Rua Filipe Folque, previsto no anteprojecto com rez-do-chão e 7 andares, tem agora menos um andar por determinação Camarária expressa nas condições da aprovação do respectivo anteprojecto.

A solução por nós anteriormente projectada parecia-nos sob diversos aspectos mais equilibrada, por razões que foram a seu tempo devidamente expostas e ponderadamente defendidas.

Porém, a Excelentíssima Câmara certamente que de maneira razoável, também, mas em defesa de outros princípios que respeitosamente acatamos, condicionou a altura do bloco em questão da maneira que neste projecto se verifica.

Daqui resultaram para nós, certas dificuldades na composição arquitectónica do conjunto constituído pelos dois citados blocos, no que se refere às suas fachadas, consistindo tais dificuldades fundamentalmente no princípio anteriormente estabelecido, de se procurar obter "um todo" com idêntica expressão plástica nas suas diferentes partes e não um grande bloco (Avenida António Augusto de Aguiar) com um pequeno bloco normal ao primeiro (Rua Filipe Folque).

ANTÓNIO PARDAL MONTEIRO arquitecto
PEDRO PARDAL MONTEIRO engenheiro
ANSELMO FERNANDEZ arquitecto

Na solução agora apresentada, preferiu-se ainda o mesmo princípio, se bem que naturalmente, se tenha obtido uma menor unidade volumétrica, quanto à nós, preferível ainda do que a distinção bem demarcada dos dois blocos, pelo facto do mais pequeno ser de reduzida frente e constituir ainda como que um fim de quarteirão pela sua separação e independência absolutas das construções que existem no mesmo lado da referida Rua Filipe Folque.

26 - No primeiro edifício, projectaram-se sete grandes estabelecimentos comerciais, constituídos por loja, armazém e instalações sanitárias.

A compartimentação definitiva deverá realizar-se em função do ramo de exploração a que corresponda cada um deles.

Os andares, 1.º a 7.º têm todos as seguintes dependências: hall, vestiário, biblioteca, salão, sala de refeições, lavabo e instalações sanitárias da zona de recepção e estar, hall dos quartos com armários roupeiros, quatro quartos de dormir, duas casas de banho com ante-câmara, cozinha, copa, vestíbulo de serviço, duas despensas, quarto de criadas com ante-câmara e casa de banho, lavadouro estendal, Como se verifica na planta dos andares deste projecto, todas estas dependências são de grandes dimensões.

27 - Os andares de habitação do edifício principal têm de uma maneira geral a solução em planta apresentada no anteprojecto.

LISBOA LARGO DE S. CARLOS, 4-2º DT.º TELEF. 3308

9

Porém considerou-se possível melhorar certos aspectos da solução do anteprojecto, modificando a localização de algumas casas de banho, criando-se locais para lavar roupas e para estendais em amplas varandas fechadas com "grelhas", projectando armários roupeiros em certos quartos que os não tinham, e nalguns outros elementos de pormenor, de fácil verificação na leitura das respectivas plantas.

28 - O oitavo andar deste edifício primitivamente recuado sòmente em relação ao plano marginal da Avenida, projécta-se agora também recuado em relação ao plano da empena, a sul, tal como determinam as condições impostas pela Câmara na aprovação do anteprojecto.

As habitações deste andar constam das mesmas dependências existentes nos andares inferiores, no que respeita ao lado direito do andar; no lado esquerdo existem três quartos de dormir em vez de quatro, tendo a segunda casa de banho sòmente duche e lavabo.

Como é evidente a menor área das duas habitações deste andar, é consequência dos recuos sobre os dois planos sul e poente já mencionados.

29 - Neste edifício, projecta-se ainda uma grande sobreloja, como aproveitamento do acentuado trainel da Avenida António Augusto de Aguiar.

Esta sobreloja foi projectada como ampliação de uma das lojas do rez-do-chão, como solução considerada mais razoável. Poderá porém de futuro prever-se qualquer outra solução, em conformidade com as

ANTÓNIO PARDAL MONTEIRO arquitecto
PEDRO PARDAL MONTEIRO engenheiro
ANSELMO FERNANDEZ arquitecto

conveniências da exploração destes estabelecimentos comerciais.

30 - Ao nível desta sobreloja, foi localizada a habitação do porteiro desteedifício, constando de cozinha, dois quartos, despensa e casa de banho.

31 - No segundo edifício (com entrada pela Rua Pilipe Folque, projectaram-se dois grandes estabelecimentos, constituídos também por loja, armazém e instalações sanitárias, com compartimentação definitiva a definir conforme o ramo de exploração de cada um deles.

32 - Neste edifício, as habitações são de dois tipos.

O lado esquerdo, fazendo parte ainda do grande bloco da Avenida António Augusto de Aguiar, no qual cada habitação é constituída pelas seguintes dependências: hall, pequeno vestiário, salão, sala de refeições, lavabo e instalações sanitárias da zona de recepção e estar, hall dos quartos com armários roupeiros, quatro quartos de dormir, duas casas de banho, cozinha, copa, vestíbulo de serviço, despensa, quarto de criadas com ante-câmara e armário roupeiro, casa de banho das criadas, lavadouro-estendal.

O sétimo e o oitavo andares deste lado do edifício, embora mantendo o mesmo programaatrás descrito, têm uma solução diferente, na zona de serviços, pelo facto destes dois andares não terem continuidade para o outro lado do edifício o qual é constituído pelo referido bloco da Rua Filipe Folque, que possui menor altura (sexto andar, em vez de oitavo).

LISBOA LARGO DE S. CARLOS, 4-3º DT TELEF. 2 5 0 5 9

ANTÓNIO PARDAL MONTEIRO arquitecto
PEDRO PARDAL MONTEIRO engenheiro
ANSELMO FERNANDEZ arquitecto

33 - Nos andares 1.º a 6.º do referido lado esquerdo deste edifício (com frente ainda para a Avenida António Augusto de Aguiar), a solução da zona de serviços é diferente da apresentada no anteprojecto, com o fim de se melhorar as condições de luz natural das copas e das cozinhas, conforme as condições de aprovação do anteprojecto.

34 - Também neste lado do segundo edifício, se introduziram outras alterações de pormenor à solução do anteprojecto, com o fim evidente de se melhorarem as habitações.

Assim e por exemplo, todos os quartos de dormir se projectaram agora com armários roupeiros.

35 - O lado direito deste edifício, com a frente principal para a Rua Filipe Folque, constitui o bloco mais pequeno deste conjunto que se projecta normalmente ao bloco principal e recuado sobre o plano marginal da Rua Filipe Folque, seis metros no seu extremo mais próximo da Avenida e oito metros no seu cunhal nascente junto da ponte sobre a Rua de S.Sebastião da Pedreira.

36 - O recuo deste corpo tem em vista, simultâneamente, o melhor arranjo urbanístico da ligação da Rua Filipe Folque com a Avenida António Augusto de Aguiar; a melhor perspectiva de conjunto que se obtém, apreciando os dois blocos desde a Rua Filipe Folque, caminhando em direcção à Avenida António Augusto de Aguiar; a melhor solução plástica para o bloco principal, ao libertar-se do plano marginal do outro bloco; uma altura de edificação para o bloco

LISBOA LARGO DE S. CARLOS, 4-2º DT. TELEF. 2224

ANTÓNIO PARDAL MONTEIRO arquitecto
PEDRO PARDAL MONTEIRO engenheiro
ANSELMO FERNANDEZ arquitecto

mais pequeno que permite obter-se um conjunto de edifícios de maior grandeza e mais de harmonia com a elevada categoria desta zona da cidade.

37 - As habitações deste lado deste edifício, têm as dependências mencionadas para o lado esquerdo, completadas ainda com uma pequena biblioteca, junto ao hall de entrada e com ligação directa ao salão.

Nestas habitações, foram igualmente introduzidas várias alterações em pormenor, sempre com o fim de melhorar na medida do possível a solução do anteprojecto.

38 - Ao nível do andar térreo deste edifício, do lado da entrada principal do mesmo, projectou-se uma ampla passagem de serviço, de ligação ao grande terraço logradouro deste conjunto, o qual poderá ser acessível a toda a população dos dois edifícios.

Este terraço logradouro, debruçado sobre a Rua de S.Sebastião da Pedreira, deverá possuir o melhor ambiente, prevendo-se um ajardinamento de belo efeito, pela arrumação procurada de artísticos canteiros de grandes dimensões na sua maioria de forma circular e de diferentes alturas.

Este logradouro, considerado desde os primeiros estudos como um dos elementos principais de toda a composição, influenciou de forma acentuada o partido a que foi dada preferência, e de tal forma que veio estabelecer o princípio de não se projectar nenhum volume de construção, ao longo da Rua de S.Sebastião da Pedreira, acima do nível do referido terraço, muito embora a largura prevista para este arruamento, permita maior altura de edificação

LISBOA LARGO DE S. CARLOS, 4-3º DT. TELEF. 32[illegible]

do que a apresentada neste projécto.

39 - A habitação do porteiro deste edifício foi localizada no andar térreo, junto das entradas principal e de serviço e é constituída por, cozinha, dois quartos, dispensa e casa de banho.

40 - O edifício principal, é servido por uma escada e por três ascensores, sendo um deles de serviço.

O edifício com entrada pela Rua Filipe Folque, terá igualmente escada e três ascensores, dos quais um será também de serviço.

41 - Em qualquer dos edifícios, preve-se a instalação de depósitos para lixos, que servirão para armazenamento dos mesmos, até ao seu transporte para o exterior dos edifícios através do referido logradouro.

42 - Em todas as habitações deste conjunto, prevê-se a instalação de aquecimento eléctrico, bem como de rádio, televisão e telefones.

43 - Do lado da Rua de S.Sebastião da Pedreira, abaixo do grande terraço-logradouro, prevê-se a localização de alguns escritórios, com frente só para a referida rua. A entrada para este andar de escritórios será ainda feita pela Rua de S.Sebastião da Pedreira. A compartimentação definitiva será função da futura ocupação destes escritórios, os quais terão como se verifica no projecto instalações sanitárias privativas.

ANTÓNIO PARDAL MONTEIRO arquitecto
PEDRO PARDAL MONTEIRO engenheiro
ANSELMO FERNANDEZ arquitecto

14

44 - O acesso a este grupo de escritórios é feito por meio de uma ampla escada e de dois ascensores.

45 - Aproveitando a diferença de nível existente entre a Rua de S.Sebastião da Pedreira, a Avenida António Augusto de Aguiar e a Rua Filipe Folque, criou-se uma ampla garagem com a entrada principal ao nível da Rua de S.Sebastião da Pedreira, desenvolvendo-se ainda em outros dois pavimentos, um inferior e outro superior ao da entrada.

46 - Os três pavimentos que constituem esta garagem, poderão ser aproveitados para qualquer espécie de automóveis ligeiros e julga-se que de qualquer maneira, poderemos considerar feliz possibilidade, a contribuição para a resolução, nesta importante zona da cidade, do grave e momentoso problema do estacionamento e recolha de aqueles veículos.

47 - Os proprietários e os autores deste empreendimento, conscientes da importância de tal problema, sentem-se naturalmente satisfeitos ao apresentar uma solução de amplas proporções, como previsão das necessidades de hoje ou dum futuro muito próximo e indo, desde já, ao encontro das determinações actuais da Câmara Municipal.

48 - Para a mais perfeita resolução deste problema, no caso que se apresenta, prevê-se uma entrada em rampa descendente para estes andares de garagem, pelo extremo sul do bloco principal, na Avenida António Augusto de Aguiar.

LISBOA LARGO DE S. CARLOS, 4-3º DT.º TELEF. 2 3 6 3 7

ANTÓNIO FARDAL MONTEIRO arquitecto
PEDRO FARDAL MONTEIRO engenheiro
ANSELMO FERNANDEZ arquitecto

49 - No extremo sul-nascente deste terreno, numa pequena superfície e além dos limites do terraço-logradouro da principal composição deste anteprojecto já definida, projectou-se um pequeno edifício de apartamentos, em três andares e algumas lojas no andar térreo.

Os apartamentos são cada um deles constituídos por: hall, sala comum, quarto, cozinha e casa de banho. Os estabelecimentos, em número de cinco, são constituídos por, loja, pequeno armazém e instalações sanitárias.

50 - Os três andares de garagem e estacionamento, já referidos, ocupam cada um deles, toda a área do terreno, excepto a que corresponde ao pequeno bloco de apartamentos, sobre a Rua de S.Sebastião da Pedreira.

51 - O acesso ao primeiro destes andares é feito por uma rampa, de traçado curvo, com entrada pela Avenida António Augusto de Aguiar, no extremo sul deste terreno.

Foi preferida a solução de se entrar para o referido parque de estacionamento, pela Avenida António Augusto de Aguiar, depois de se terem observado cuidadosamente os diferentes problemas de trânsito que surgiriam, para qualquer das soluções possíveis.

Devidamente, foram ponderados os diferentes factores a atender, como sejam o local em questão, de elevado nível social e urbanístico e todos os pormenores que estabelecem as boas regras de trânsito.

LISBOA LARGO DE S. CARLOS, 6-2º DTº TELEF. 23037

ANTÓNIO FARDAL MONTEIRO arquitecto
PEDRO FARDAL MONTEIRO engenheiro
ANSELMO FERNANDEZ arquitecto

Assim, em relação à zona da cidade em questão, tratando-se de uma artéria com as características e a importância da Avenida António Augusto de Aguiar e até mesmo da Rua Filipe Folque, teríamos tentado inicialmente que o acesso ao referido parque, fosse feito pela artéria de menor importância, a Rua de S.Sebastião da Pedreira.

Observando-se porém, que as grandes distâncias que seria necessário percorrer, para desde qualquer ponto, nas imediações do local, quer na Avenida António Augusto de Aguiar, quer na Rua Filipe Folque, se atingir o referido parque de estacionamento, através da Rua de S.Sebastião da Pedreira, constituiria, certamente, gráve impedimento para a aceitação da solução, por parte daqueles que dela desejariam beneficiar, abandonámos tal solução, evidentemente condenável e na prática certamente inutilizável.

Assim, a solução apresentada neste projecto, parece-nos a mais certa sobre muitos aspectos e evidentemente a mais cómoda e funcional para os beneficiários dos locais de estacionamento projectados.

Consiste a referida solução, na localização de um parque de estacionamento para automóveis do tipo ligeiro, num pavimento abaixo do nível da Avenida António Augusto de Aguiar, com uma capacidade superior a 120 veículos e como se disse, com o acesso em rampa descendente, pelo extremo de cota mais baixa da referida Avenida.

A fim de se evitarem os inconvenientes que resultam para o trânsito, da existência de uma entrada para um parque, numa artéria de tal movimento e

LISBOA LARGO DE S. CARLOS, 4-3º DT. TELEF. 2 0 0 3 7

ANTÓNIO PARDAL MONTEIRO arquitecto
PEDRO PARDAL MONTEIRO engenheiro
ANSELMO FERNANDEZ arquitecto

17

importância, de forma alguma será permitida a saída de veículos do "pavimento parque" para a Avenida, devendo a mesma ser feita por um plano inferior, ao nível já da Rua de S.Sebastião da Pedreira, por meio da continuação da rampa, com um traçado constituído por troços helicoidais.

Por esse motivo, a referida rampa de descida para o parque, logo após o amplo patim de nível exigido pelos regulamentos, e para facilitar a rápida manobra de desvio da Avenida para a entrada do parque, terá largura para um único carro e só permitirá um único sentido - o da descida.

Para garantir tal princípio, que consideramos fundamental, a entrada para a referida rampa faz-se em curva traçada a favor do único sentido de entrada, de forma a bem definir o impedimento pretendido quanto às saídas do parque.

Porém, para se garantir a absoluta observância desta importante regra, prevê-se desde já, além do controle a realizar por pessoal do parque, a instalação curiosa e muito simples, no pavimento da referida rampa, de um dispositivo mecânico, constituído por umas chapas metálicas com um dos seus bordos levantado em relação ao pavimento e o outro articulado ao nível do mesmo de forma a adaptar-se à inclinação da rampa no movimento de descida e constituir na subida obstáculos impossíveis de transpor.

Julgamos ainda, que pelo princípio exposto e pela solução projectada, por nós preferida, o trânsito na Avenida António Augusto de Aguiar não será de forma alguma dificultado, porquanto, pelo declive da Avenida, a manobra de desvio à direita, em subida, para entrada no referido parque, poderá sim-

LISBOA LARGO DE S. CARLOS, 4-3º DT. TELEF. 2503

plesmente obrigar a uma diminuição de velocidade e a umas precauções, não superiores aquelas que provocariam, a existência nesse mesmo ponto, de uma rua transversal à mesma Avenida.

Trata-se ainda de um longo quarteirão, com início na Avenida Fontes Pereira de Melo, no qual o referido acidente (a entrada para o parque) fica no caso mais desfavorável, ainda distante cerca de 60 metros da transversal mais próxima (a Rua Filipe Folque) pelo que se pode considerar assegurado o trânsito ascendente da Avenida em questão.

Qualquer solução de acesso ao parque de estacionamento pela Rua Filipe Folque nunca foi admitida, não só pela muito maior diferença de nível existente entre a Rua e o Parque de estacionamento, mas fundamentalmente por se verificar que esta rua pelo seu traçado e movimento, com uma única faixa de dois sentidos, e ainda pelo congestionamento já hoje existente devido às várias estações de serviço e garagens ali existentes, não reune de facto as condições mínimas necessárias para uma aceitável solução.

O referido parque de estacionamento, possui ainda instalações sanitárias e escritórios para a administração e o controle de entradas e saídas do parque.

52 - Em dois andares inferiores ao do parque atrás descrito, cada um deles com área total do terreno, projectou-se uma grande garagem de recolha que poderá igualmente servir de ampliação do parque de estacionamento.

Todos os três andares referidos, são ligados entre si por meio da mencionada rampa de traçado helicoidal, e possuem igualmente instalações sanitárias e escritórios.

A entrada e a saída para os dois andares inferiores é feita pela Rua de S.Sebastião da Pedreira, porém como se verifica, a entrada poderá fazer-se pela Avenida António Augusto de Aguiar através da referida rampa que liga os três pavimentos entre si.

Ao nível da Rua de S.Sebastião da Pedreira, projectou-se em penetração sob o edifício, uma ampla zona que permite o descongestionamento da rua nos movimentos de entrada e de saída de veículos facilitando as manobras e que além disso demarca a entrada principal do edifício das garagens.

VI - DAS FACHADAS

53 - O estudo das fachadas deste importante conjunto, foi evidentemente realizado em função das soluções encontradas para os diferentes sectores das respectivas plantas, de forma a caracterizar as suas zonas mais importantes, habitação, estabelecimentos, escritórios, apartamentos, em relação ainda com a maior ou menor importância de cada uma das fachadas.

Plàsticamente, o seu estudo foi orientado no sentido de se assegurar um espírito em que se observe a dignidade que deve corresponder a um edifício desta natureza, situado nesta importante zona da cidade, através de um equilíbrio de elementos e de um acertado emprego de materiais, que traduzam ainda a indispensável unidade.

ANTÓNIO PARDAL MONTEIRO arquitecto
PEDRO PARDAL MONTEIRO engenheiro
ANSELMO FERNANDEZ arquitecto

20

As fachadas sobre a Avenida António Augusto de Aguiar e sobre a Rua Filipe Folque foram evidentemente tratadas com maior interesse devido à importância daquelas duas artérias.

Todas as varandas existentes nestas duas fachadas serão revestidas a granito polido.

Os vãos de janelas, todos de grandes dimensões, deverão possuir caixilharias em alumínio anodizado, devendo ainda ter guarnecimentos em pedra de primeira qualidade.

As grades das sacadas serão também em alumínio anodizado.

Os cunhais mais importantes dos dois blocos serão revestidos a pedra de muito boa qualidade também.

No cunhal do bloco principal, prevê-se que a referida pedra contenha inciso um motivo de acentuado valor artístico em cerâmica policromada de pequeno volume sobre o referido fundo inciso.

A zona dos estabelecimentos é caracterizada principalmente pela grande galeria em alpendre ao longo de todo o conjunto e pelas grandes superfícies envidraçadas das montras com caixilharias ricas em alumínio anodizado.

Como se verifica fàcilmente pela leitura deste projecto, quer as entradas principais dos edifícios como ainda todos os outros elementos que entraram na composição das fachadas, são acabados com materiais de primeira qualidade, que nos abstemos de pormenorizar por nos parecer desnecessário.

LISBOA LARGO DE S. CARLOS, 4-3º DT. TELEF. 2525

ANTÓNIO PARDAL MONTEIRO arquitecto
PEDRO PARDAL MONTEIRO engenheiro
ANSELMO FERNANDEZ arquitecto

VII - DA CONSTRUÇÃO

Toda a estrutura deste conjunto de edifícios será em betão armado.

As paredes de enchimento ou as divisórias serão em tijolo com as espessuras indicadas no projecto e conforme os casos.

Nos diferentes elementos construtivos ou de revestimento, serão utilizados sempre materiais de muito boa qualidade e efeito, tais como, granitos polidos, pedras, mosaico cerâmico, azulejos de 1.ª qualidade, madeiras em lambris ou em tacos de muito boa qualidade para pavimentos, alumínio anodizado em grades, portas de ascensores, etc.

Os tectos e as paredes que não forem revestidos com os materiais atrás descritos, serão rebocadas, estucadas e pintadas a óleo.

Todos os terraços deste conjunto, serão devidamente isolados contra a variação de temperaturas e perfeitamente impermeabilizados, devendo os seus pavimentos acessíveis serem revestidos de pedra de boa qualidade ou em certos casos de mosaico cerâmico. Todos os demais acabamentos ou pormenores em que esta memória for omissa serão tal como prescrevem os Regulamentos em vigor.

Lisboa, 8 de Janeiro de 1960

OS ARQUITECTOS

LISBOA LARGO DE S. CARLOS, 4-3º DT. TELEF. 2303

Documento 61.01

MONTEIRO, António Pardal – Notas sobre o Mobiliário da Sala de Professores, Ante-Sala, Sala de Conferências e Gabinete Conferente.. Lisboa: [Documento dactilografado do Espólio PMA], Fevereiro de 1961.

REITORIA DA UNIVERSIDADE DE LISBOA

Nota do Mobiliário a prever para a Sala de Professores, Ante-Sala, Sala de Conferências e Gabinete do Conferente

SALA DE PROFESSORES

Esta dependência deverá ter função de sala de estar, para o que se prevê o seguinte mobiliário:

1 sofá de quatro lugares
1 " " três "
1 móvel estante
1 mesa baixa
3 "maples"
4 cadeiras estofadas

Igualmente se deverá prever a existencia de um grande tapete.

ANTE - SALA

Este compartimento é zona de passagem para quem, vindo do Vestíbulo Principal se dirige para a Sala de Professores ou para a Biblioteca.

Pretende-se aqui instalar a exposição e venda das publicações da Reitoria.

Mobiliário previsto

1 balcão "vitrine"
2 estantes que sirvam para exposição e deposito de publicações.
5 cadeiras

SALA DE CONFERÊNCIAS

Esta sala deverá ter mobiliário que possibilite diversas funções.

Assim prevê-se que além de sala de Conferências possa servir como Sala de Estar, ou como prolongamento natural do Salão de Festas.

Para a função "Sala de Conferências" existiria grande número de pequenas cadeiras fácilmente empilháveis de forma a poderem, quando não são necessárias, ser guardadas, quer na zona de cátedra, (que para o feito teria o respectivo reposteiro corrido) quer nas dependências que lhe ficam por detrás.

Para a função "Sala de Estar" prever-se-ia mobiliário vário que seria fácilmente transportado para o vestíbulo anexo da Escada Sul, quando se fizesse uma conferência, não perdendo a sua utilidade em qualquer dos casos.

A hipótese de esta sala também servir para Exposições seria fácilmente resolúvel com a criação de alguns paineis tipo "Biombo", fácilmente arrecadáveis nas dependências que se situam atrás da cátedra, ou mesmo, caso o elevado número de cadeiras a prever para as conferências o não permitir, na arrecadação situada entre o Salão de Festas e a Sala do Senado Universitário.

As peças de mobiliário a considerar seriam as seguintes para cada caso:

<u>Sala de Conferências</u>

1 Mesa de presidência

1 cadeira estofada para o Presidente

2 " " " os Membros da presidência

1 Mesa para o conferente

1 cadeira estofada para o conferente

170 cadeiras para a assistência

Sala de Estar

1 sofá de 4 lugares

1 " de 3 "

4 "Maples"

4 cadeiras estofadas

1 mesa pequena

Sala de Exposições

6 biombos com estrutura de madeira revestidos a pano.

GABINETE DO CONFERENTE

1 secretária

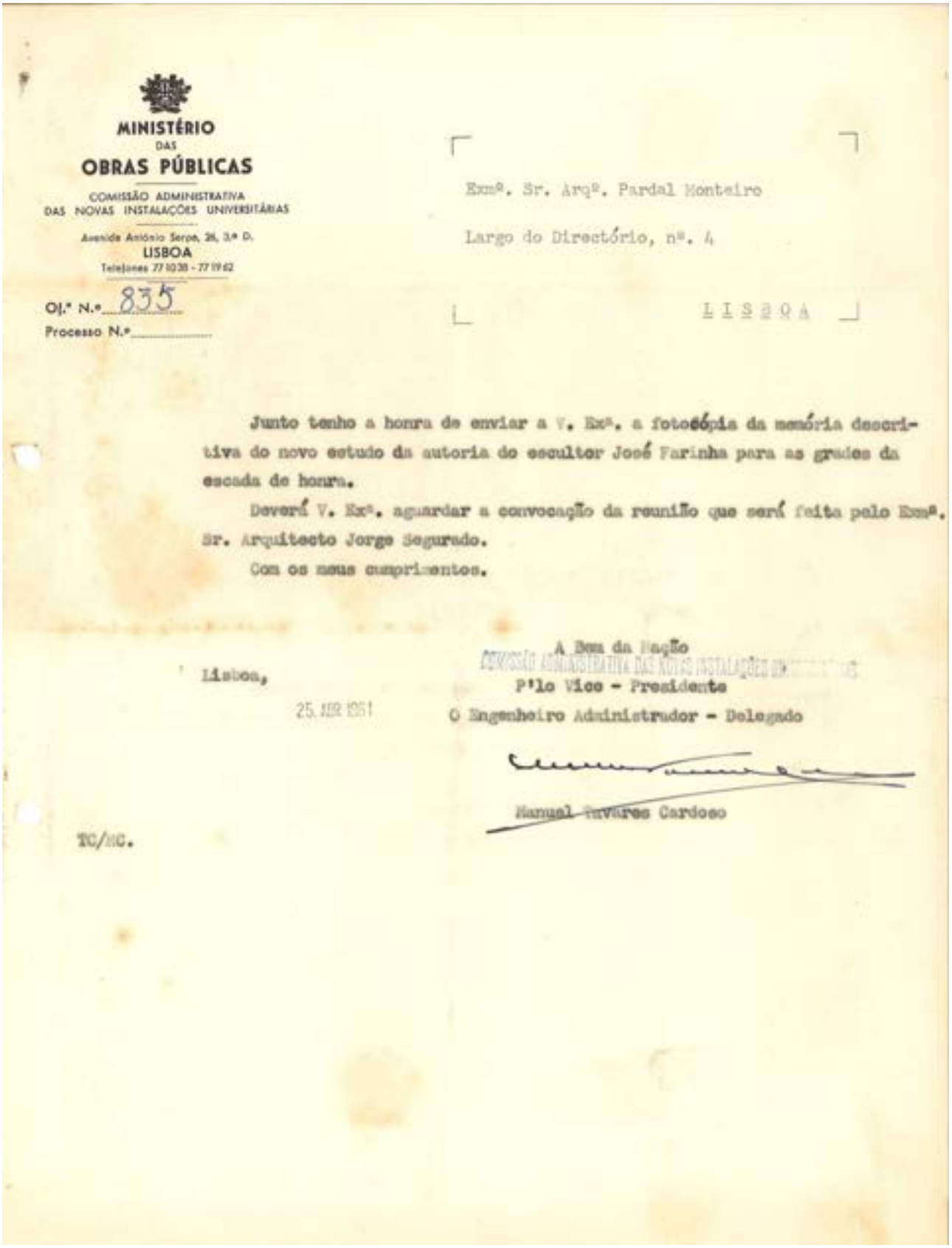
1 cadeira para a secretária

1 "maple"

Lisboa, 17 de Fevereiro de 1961

Documento 61.02

FARINHA, José – memória Descritiva das Grades da Escadaria. Lisboa: [Documento do Espólio PMA], Abril de 1961.



MINISTÉRIO
DAS
OBRAS PÚBLICAS

COMISSÃO ADMINISTRATIVA
DAS NOVAS INSTALAÇÕES UNIVERSITÁRIAS

Avenida António Serpa, 26, 3.º D.
LISBOA
Telefones 77 1038 - 77 1962

Of.º N.º 835
Processo N.º

Exmº. Sr. Arqº. Pardal Monteiro

Largo do Directório, nº. 4

LISBOA

Junto tenho a honra de enviar a V. Exª. a fotocópia da memória descritiva do novo estudo da autoria do escultor José Farinha para as grades da escada de honra.

Deverá V. Exª. aguardar a convocação da reunião que será feita pelo Exmº. Sr. Arquitecto Jorge Segurado.

Com os meus cumprimentos.

A Bem da Nação
COMISSÃO ADMINISTRATIVA DAS NOVAS INSTALAÇÕES UN[illegible]
P'lo Vice - Presidente
O Engenheiro Administrador - Delegado

Manuel Tavares Cardoso

Lisboa, 25 ABR 1961

TC/MC.

a. JOSÉ FARINHA
A R Q U I T E C T O
Av. de Roma 34, 3º Dto
Telef. 72032 LISBOA

No estudo definitivo de todos os motivos poderá ver necessidade de introduzir alguns pormenores de composição.

Esses pormenores destinar-se-iam não só a valorizar os motivos, mas também e principalmente a harmonizá-los no estudo de coordenação.

Lisboa, 24 de Abril de 1961.

JOSÉ FARINHA
ESCULTOR
Av. 5 de Outubro, 35 - 6.º Dto
Telef. 72 06 32 LISBOA

RELEVO ESCULTÓRICO PARA A ESCADARIA

Principal da Reitoria da Universidade

De Lisboa

Dimensões : $35^{m} \times 0{,}70^{m}$

Material : Bronze patinado

Tema dado : "A caravela e os corvos das armas de Lisboa".

A decoração da guarda da escada será constituida por pequenas composições baseadas no tema indicado pela Reitoria da Universidade de Lisboa:

"A caravela e os corvos das armas de Lisboa".

Os motivos escultóricos serão em volume total.

Destinando-se a decoração a um local de trânsito, a visão dos motivos será completada com o movimento de deslocação do observador.

Na maqueta executada, de que se apresenta uma fotografia, figura apenas o essencial como composição, de forma a poder indicar o partido adoptado.

Documento 61.04

MINISTÉRIO DAS OBRAS PÚBLICAS, COMISSÃO ADMINISTRATIVA DAS NOVAS INSTALAÇÕES UNIVERSITÁRIAS - *O Novo Edifício da Reitoria da Universidade de Lisboa.* Lisboa: [s.n.], 1961.





VESTÍBULO DA ENTRADA PRINCIPAL

A Comissão Administrativa das Novas Instalações Universitárias publica este pequeno folheto na oportunidade da inauguração do novo edifício destinado à instalação da Reitoria da Universidade de Lisboa.

Se motivos imperiosos levaram por determinação de Sua Excelência o Ministro das Obras Públicas a dar preferência à construção das Faculdades de Direito e de Letras, a verdade é que, desde o início dos seus trabalhos, procurou esta Comissão definir e preparar a construção de maior representação entre todos os edifícios universitários e, aliás, reconhecidamente indispensável — «a Reitoria».

Se se examinar cuidadosamente quanto se fez neste sentido, ver-se-á a extraordinária evolução que o correspondente e indispensável programa sofreu durante largo período, obrigando a demorados estudos antes da elaboração de quaisquer projectos.

Foi preocupação constante desta Comissão tornar bem claro quanto importava que este novo edifício tivesse a dignidade correspondente ao nível dos serviços que nele se viriam a instalar devendo, por isso, dar-lhe dignidade e valorização tais, que embora se não pudesse impôr pelo seu volume de construção em presença de outros grandes edifícios universitários, se destacasse, apesar de tudo, pela sua traça, localização e apresentação.

Este edifício teria ainda que ser concebido de modo a permitir a instalação conveniente de serviços, quer de natureza puramente funcional e burocrática, quer de natureza muito mais complexa, como são os que lhe correspondem como Órgão Superior de Cultura exercendo as suas funções em campos múltiplos — do ensino à investigação — tanto no âmbito nacional como na sua projecção no plano internacional.

Havia, pois, que dar a um tal edifício condições muito especiais e resolver enormes dificuldades, o que só foi possível mercê da constante e superior orientação, estímulo, e palavra de ordem que Sua Excelência o Ministro das Obras Públicas com inexcedível carinho e superior critério sempre deu a esta Comissão Administrativa.

Tornou-se assim possível levar a bom termo esta obra em perfeita colaboração com a correspondente Comissão Técnica que, desde o início dos primeiros estudos, nos prestou sempre o seu valioso, esclarecido e indispensável apoio.

Dessa Comissão Técnica — de que sempre fizeram parte representantes das Faculdades de Direito e de Letras e alguns dos mais altos valores da Universidade de Lisboa — cumpre-me destacar os nomes dos ilustres

Professores Carneiro Pacheco, infelizmente já falecido, e Caeiro da Mata que a ela presidiram bem como o do Professor Paulo Cunha que, com o seu entusiasmo e saber, muito contribuiram para que o problema evoluísse no sentido que todos desejávamos.

Houve sempre perfeito entendimento entre a nossa Comissão e os representantes da Universidade quer nos contactos directos que regularmente se mantinham quer nas sessões de trabalho que com frequência se realizavam sob a presidência dos Senhores Ministros das Obras Públicas e da Educação Nacional.

Aos ilustres Professores que desempenharam o alto cargo de Reitor desta Universidade de Lisboa deseja a Comissão agradecer reconhecidamente as preciosas indicações fornecidas, lamentando profundamente que a morte prematura do Professor Vítor Hugo de Lemos tenha impedido que assista agora aos resultados a que se chegou e para os quais tão dedicadamente contribuiu.

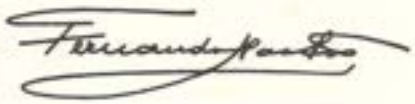
Ao Ilustre actual Reitor, Professor Marcello Caetano que, acompanhado pela Senado Universitário também tanto contribuiu para que se levasse a bom termo tão difícil empreendimento, desejo na minha qualidade de Vice-Presidente em exercício, testemunhar a minha gratidão, retribuindo assim as palavras de incitamento e louvor que dedicou à Comissão na pessoa do seu engenheiro Director Delegado, Professor Manuel Tavares Cardoso, que, com notável dedicação e competência soube sempre vencer as muitas dificuldades que se apresentavam.

Não desejaria terminar esta despretensiosa nota de abertura sem uma palavra de reconhecimento ao Governo da Nação que tornou possível esta grande obra do mais alto interesse nacional e também uma palavra de saudade pelos que não puderam acompanhar-nos até ao fim, ou porque a morte os levou — como ao Professor João Corrêa, primeiro representante da Faculdade de Letras e ao Arquitecto Por-

fírio Pardal Monteiro, ilustre autor dos projectos que os seus directos e dilectos colaboradores ultimaram — ou porque razões de outra ordem os forçaram a afastar-se — como ao Engenheiro Eduardo Evangelista do Carvalhal — que durante tantos anos dedicou o melhor do seu esforço e grande valor ao desempenho das suas funções de engenheiro delegado da Comissão para os Edifícios Universitários e Engenheiro Oom do Valle que durante bastante tempo desempenhou o cargo de director da obra com excepcional competência e dedicação.

Quanto à maneira como decorreram os trabalhos e às dificuldades que houve que vencer, não desejo agora pronunciar-me, mas julgo poder afirmar que, mercê do valor e dedicação dos autores dos projectos e dos seus colaboradores e de todos os técnicos que neles intervieram — e antes e acima de tudo da permanente supervisão, esclarecido incitamento e carinhoso apoio de Sua Excelência o Ministro das Obras Públicas — se conseguiram, para o edifício que agora se inaugura um equilíbrio, uma dignidade e uma grandeza que a todos honrará, honrando o País.

E se um voto me é permitido exprimir, seja o de que, nas suas novas instalações, a Reitoria da Universidade de Lisboa possa desenvolver toda a acção que dela se espera, a bem da Cultura Nacional, a bem da Nação.



ENGENHEIRO FERNANDO GALVÃO JÁCOME DE CASTRO
Inspector Superior de Obras Públicas
Vice-Presidente da Comissão Administrativa das Novas Instalações Universitárias



DESENHO INCISO
Pintor Almada Negreiros



MOSAICO DO TIPO BIZANTINO
António Lino Pedras

Constituída por diversas escolas, a Universidade não pode afirmar convenientemente a sua unidade e desempenhar cabalmente a sua função cultural sem uma sede em que tenham lugar os seus órgãos representativos (Reitor, Senado Universitário, Assembleia Geral), onde funcionem os seus serviços centrais (secretaria, contabilidade, tesouraria, biblioteca, arquivos...) e na qual se celebrem os actos académicos — quer para recrutamento do pessoal docente e outorga dos graus superiores, quer para solenizar acontecimentos.

Compreende-se, pois, que a Universidade de Lisboa tenha reclamado a partir de 1911 a construção do edifício da sua Reitoria, conjuntamente com os destinados a instalar as Faculdades que não tinham casas próprias: — a de Letras, que desde 1859 funcionava por empréstimo nas dependências da Academia das Ciências de Lisboa, e a de Direito, alojada no palacete do Campo dos Mártires da Pátria, arrendado aos herdeiros do Visconde de Valmor.

Foi em 1918 que pela primeira vez o Governo, ao qual presidia Sidónio Pais, nomeou, por portaria de 4 de Julho, uma comissão para escolher o terreno e apresentar no mais curto prazo o projecto e o orçamento dos edifícios destinados à Reitoria e às Faculdades de Letras e de Direito da Universidade de Lisboa, tarefa que considerava urgente. Dessa comissão faziam parte o Arquitecto Raúl Lino e o Engenheiro Augusto Vieira da Silva. Os acontecimentos políticos que se seguiram

no agitado período de 1919-1926 não permitiram, porém, que esta tentativa de resolução do problema surtisse qualquer resultado.

Nem por isso a Universidade deixou de insistir na satisfação daquilo que considerava a sua mais instante e fundamental necessidade, sendo raro o ano em que o Reitor não formulasse públicamente o pedido aos Poderes Públicos para que a dotassem das instalações indispensáveis.

Em 1925 foi apresentada ao Governo e às duas Câmaras que então constituiam o Congresso da República uma exposição do Senado Universitário «sobre a urgente necessidade de um edifício destinado à Reitoria e serviços centrais, Faculdades de Letras e de Direito». Resultou daí uma proposta de lei que não teve seguimento parlamentar.

Só em 1932 veio a ser publicado o Decreto-Lei n.º 21 683 de 23 de Setembro que instituia «uma junta com o fim especial de estudar e propor no mais curto prazo de tempo um plano de conjunto para a conveniente instalação de todos os serviços da Universidade de Lisboa», incluindo «instalação anexa da residência dos estudantes, provida de campos de jogos e de todos os elementos integrantes das mais modernas instituições similares». No relatório do diploma esclarecia-se que a execução do plano deveria ser iniciada pela construção do edifício destinado a Reitoria e serviços centrais, Faculdades de Letras e de Direito: pensava-se então num edifício único com três corpos, dispostos na posição que ocupam actualmente os três edifícios distintos.

Pelo Decreto-Lei n.º 24 776 de 13 de Dezembro de 1934 foi o Governo autorizado a «fazer construir novos edifícios para a instalação da Reitoria da Universidade de Lisboa e das Faculdades de Letras e de Direito da mesma Universidade». Esse decreto criou a «Comissão Administrativa dos Novos Edifícios da Universidade de Lisboa», junto da qual funcionavam

duas comissões técnicas: a dos hospitais escolares e a dos edifícios da Reitoria e Faculdades.

Providenciava-se nele também sobre a inscrição no Orçamento Geral do Estado das verbas necessárias aos estudos e construções.

Referendava o diploma o Ministro das Obras Públicas, Engenheiro Duarte Pacheco, a quem a Universidade de Lisboa ficou a dever relevantíssimos serviços, e que no Governo tinha por colega o Professor José Caeiro da Mata, Ministro dos Negócios Estrangeiros e prestigioso Reitor da academia olisiponense.

A Portaria de 9 de Janeiro de 1935 nomeou a Comissão Técnica dos edifícios da Reitoria e das Faculdades, à qual ficou a presidir o Vice-Reitor da Universidade, em exercício, Professor António Faria de Carneiro Pacheco, que durante anos e anos (já o movimento de 1925 fora obra sua) consagrara porfiados esforços à realização da justíssima pretensão universitária.

Data de então a incumbência dada ao Arquitecto Porfírio Pardal Monteiro de elaborar os ante-projectos dos três edifícios.

Parecia assim definitivamente encaminhada a solução do problema das instalações da Universidade de Lisboa, a qual dispunha de alguns terrenos adquiridos em tempos, quando as Faculdades possuíam autonomia financeira, pelas Faculdades de Medicina (180 000m²) e de Farmácia (38 000m²), nas proximidades do Campo Grande.

O Decreto-Lei n.º 27 262 de 24 de Novembro de 1936 providenciou àcerca das expropriações de mais terrenos necessários para a construção dos edifícios universitários de Lisboa e Porto.

No artigo 2.º desse diploma lê-se o seguinte: «Para efeito da expropriação dos prédios cuja reserva se declara e que venham a ser necessários quer para as futuras instalações dos hospitais escolares de Lisboa e Porto, quer para as das novas Reitoria e Faculdades

de Letras e de Direito da Universidade de Lisboa, *se for ordenada a sua execução...»*

As expropriações fizeram-se, mas os projectos pararam, dando-se primazia às obras relativas à Universidade de Coimbra, então incluídas no programa das comemorações do Duplo Centenário de 1940. Apenas prosseguiu o projecto do Hospital Escolar, concebido como Hospital-Faculdade, instituição universitária portanto, mas que veio a transformar-se no Hospital de Santa Maria dependente do Ministério da Saúde, onde funciona hoje a Faculdade de Medicina. E a Comissão dos novos edifícios da Universidade de Lisboa passou a chamar-se «das novas instalações universitárias» deixando, a breve trecho, de contar com representantes da Universidade.

Só em 1952, tempos depois do ingresso no Governo do Professor Paulo Cunha, ao tempo Vice-Reitor da Universidade, e sendo Ministro das Obras Públicas o Engenheiro José Frederico Ulrich, se retomaram os trabalhos que conduziram à inauguração, em 1957, do edifício da Faculdade de Direito, seguida dois anos depois pela da Faculdade de Letras, os quais, com a construção da Reitoria, neste ano de 1961, constituem a realização da parte essencial do programa da Portaria de 4 de Julho de 1918, reproduzido no Decreto n.º 21 683 de 23 de Setembro de 1932.

Está a Universidade de Lisboa de parabéns. As próprias dificuldades e demoras em ver satisfeita a sua necessidade básica vieram a encarecer o valor do benefício obtido. E, afinal, há males que vêm por bem. Construídos há trinta anos, os edifícios já hoje seriam mesquinhos, tamanho tem sido o desenvolvimento que as escolas e os seus serviços registaram durante este período. Com a sua população de 7000 estudantes, a Universidade de Lisboa apresenta em 1961 necessidade e perspectivas que em 1932 estava longe de se supor. A Reitoria foi delineada com os olhos postos no futuro e mesmo assim ninguém dirá que os 1800

lugares do seu anfiteatro principal sejam demasiados para as grandes cerimónias académicas já nos nossos dias, ou que as suas salas de Actos grandes e de conferências tenham lotações de harmonia com as previsões do progresso da instituição. Apesar de só conter no seu seio cinco das escolas superiores duma capital que é hoje, de longe, o maior centro de ensino do País, a Universidade de Lisboa não tardará que, acompanhando o ritmo do crescimento das populações estudantis em todos os países civilizados, atinja e ultrapasse a dezena de milhar de alunos.

Está a Universidade profundamente grata ao Governo por ter resolvido mais este problema nacional — o da sua instalação condigna, de modo a permitir-lhe cumprir as suas obrigações, não só docentes, mas culturais, em todo o sentido. Seja-me permitido especificar o ilustre Ministro das Obras Públicas, Engenheiro Eduardo de Arantes e Oliveira, que desde o início da sua gerência da pasta tem acompanhado as obras com inexcedível atenção e solicitude, revelando neste pormenor as excepcionais qualidades que o distinguiram e impuseram à consideração e ao respeito do País inteiro.

A Comissão Administrativa das Novas Instalações Universitárias correspondeu plenamente aos desejos da Universidade e revelou a alta qualidade dos seus membros e colaboradores: ao seu ilustre Administrador-Delegado, Professor Tavares Cardoso, e aos restantes vogais e técnicos se exprime aqui o profundo reconhecimento da instituição.

Como ficou dito, o conjunto dos edifícios que se vai erguendo na Cidade Universitária destinava-se inicialmente apenas a instalar a Universidade de Lisboa — vulgarmente chamada «clássica», embora sem qualquer fundamento legal e apenas para a distinguir da Universidade Técnica.

Foram as suas escolas que compraram os primeiros terrenos, foi com destino a ela que foram expropriados

outros, foi para ela que a lei traçou o programa, abrangendo residências de estudantes, campos de jogos, etc.

A Universidade, com a sua personalidade moral, ia encontrar assim a expressão material da sua unidade na diversidade e complexidade das várias actividades escolares, culturais e circum-escolares.

Infelizmente este designio inicial, não apenas das autoridades universitárias mas do próprio legislador, foi obliterado.

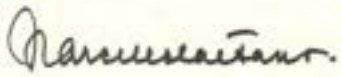
Não só se inverteram prioridades, construindo algumas vezes o acessório antes do principal, como se permitiu que se instalassem no perimetro reservado à Universidade de Lisboa entidades não universitárias, embora usurpando essa designação.

Nos últimos anos tem a Reitoria da Universidade procurado, conjuntamente com os Ministros da Educação Nacional e das Obras Públicas, restituir o projecto à sua intenção. O edifício agora inaugurado não teria sentido se ficasse no meio dum conjunto de instalações heterogéneas, pertencentes a entidades subtraídas à jurisdição universitária. O bairro que se está a erguer tem que corresponder a uma unidade de orgânica e de espírito. Tanto mais que a Universidade carece ainda de muitas mais construções. A Faculdade de Ciências não poderá permanecer por longo tempo no edifício, que foi excelente, da Rua da Escola Politécnica; a Escola de Farmácia encontra-se precàriamente instalada; os Museus universitários (de Etnografia, de Zoologia, de Mineralogia) têm de vir para junto da juventude, e outras escolas e institutos precisam de ser criados para corresponder às necessidades do País e às aspirações da gente nova.

É pois à Universidade de Lisboa que «a cidade universitária» pertence. Os magníficos edifícios que estão já erguidos honram o País que os construiu e a cidade que vieram enriquecer. Deles se orgulha a Universidade, com a consciência plena das responsabilidades que lhe advêm da posse de tão úteis instru-

mentos de trabalho — pois que é sobretudo pela obra que neles se realizar, pelo espírito que os homens neles fizerem viver, que se valorizarão e cumprirão o seu destino.

Que seja um antigo aluno da Universidade, no exercício da Chefia do Estado, que inaugura os Paços representativos da unidade e da autoridade universitária — eis o que nos dá a consolação de já termos feito alguma coisa ao serviço da Nação, preparando o seu escol. Constitui tão honroso facto incentivo para os novos trabalhos, decerto cada vez mais árduos, que no futuro nos esperam.



PROFESSOR DOUTOR MARCELLO ALVES CAETANO
Magnífico Reitor da Universidade de Lisboa



VITRAL
Pintor Lino António

O NOVO EDIFÍCIO DA REITORIA DA UNIVERSIDADE DE LISBOA

O estudo do projecto do edifício da Reitoria da Universidade de Lisboa foi feito em conjunto com o das Faculdades de Direito e de Letras e concebido no sentido de se criar uma obra subordinada à intenção de exprimir, talvez com certo formalismo, uma ideia de espírito clássico, pelo seu equilíbrio e simetria, acentuando-se ainda mais essa intenção no caso particular da Reitoria, dada a especial natureza da Instituição.

O espírito da composição definida no projecto acusa de modo bem saliente a dificuldade do problema quanto à lógica arrumação dos seus elementos fundamentais, dado o fim a que se destina e as consequentes necessidades intrínsecas de cada um. A coordenação num conjunto que por todos os motivos, se pretendia que resultasse grandioso, harmónico e digno, de dependências de grande volume com outras cujas dimensões resultam necessàriamente insignificantes em relação aquelas, mereceu o maior cuidado para que, sem prejuízo duma solução concordante com as necessidades, a composição pudesse resultar valorizada em virtude do partido que se tirasse de tais contrastes.

Podem-se considerar neste edifício duas zonas perfeitamente distintas, com características bem diferenciadas, mas perfeitamente interligadas.

Na zona anterior, constituída por dois andares principais e um acessório, localizaram-se as dependências relacionadas com as funções administrativas e de representação da Reitoria.

Assim, no andar principal (andar térreo) estão situados os grandes acessos às partes de maior vulto do edifício, os serviços administrativos, a biblioteca, as salas de estar e dependências destinadas a diversos fins.

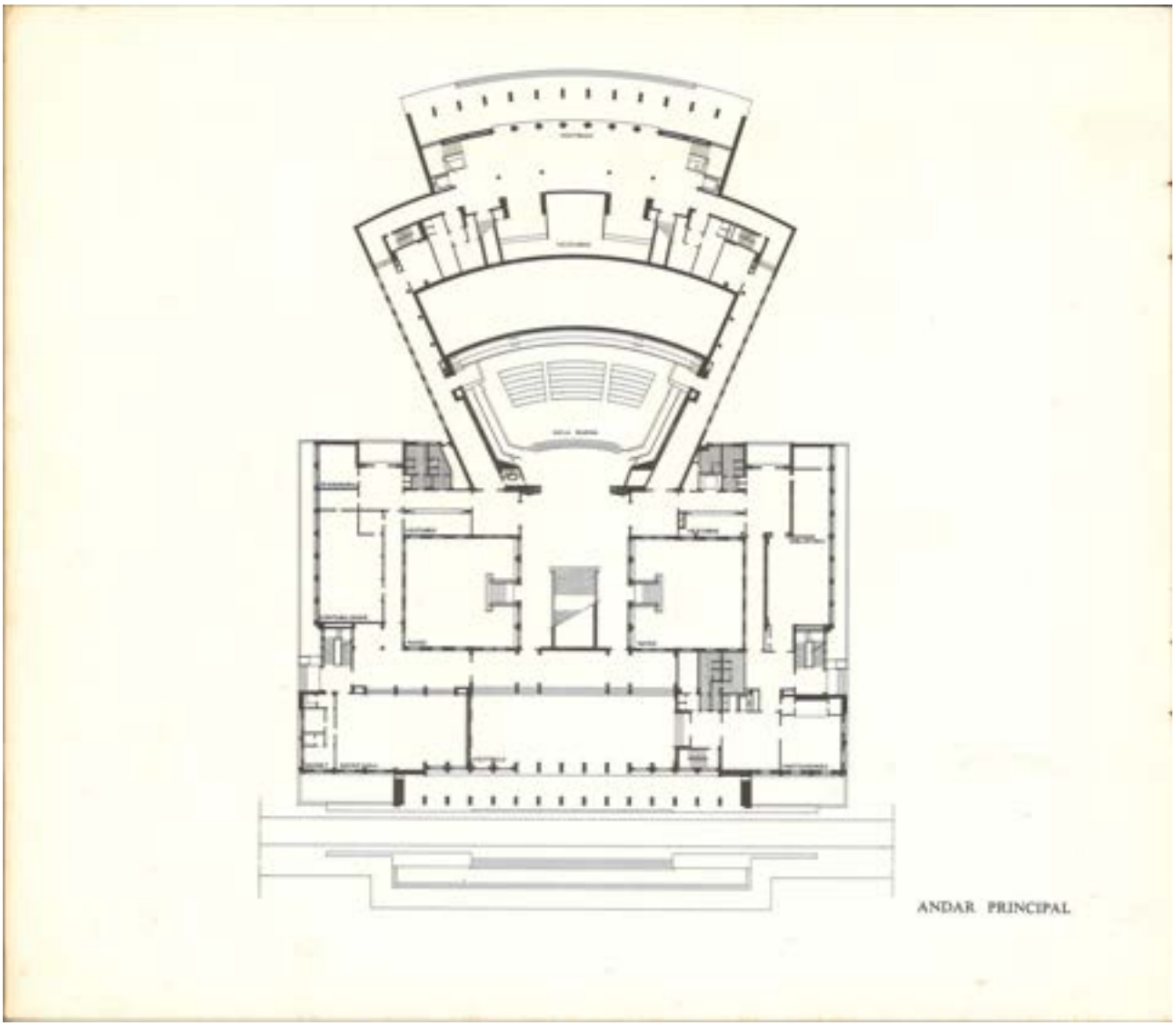
No andar superior (primeiro andar) encontram-se o grande salão de recepções e festas, a sala do Senado Universitário, a sala de reuniões e conferências e as instalações do Reitor, compostas de um conjunto de salas e gabinetes, entre as quais se destaca uma pequena sala de banquetes de reduzida lotação.

Ainda neste andar e ocupando a sua ala sul localizou-se um pequeno anfiteatro destinado a «actos grandes» — que, por diversos motivos, não convenha que se realizem na «aula magna» — com uma lotação de 156 lugares, além dos destinados aos convidados de honra e membros do juri.

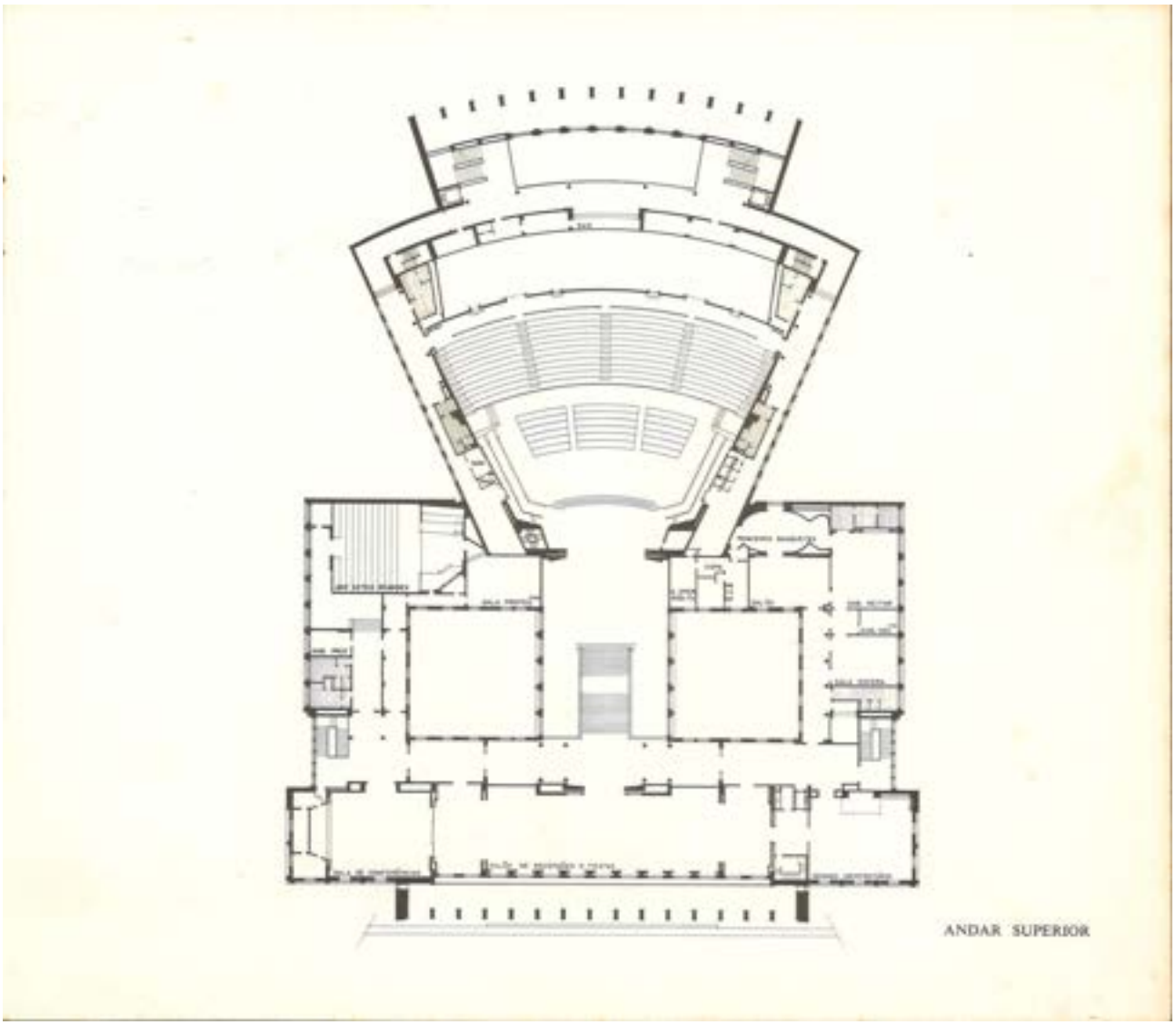
A ligação à «aula magna» faz-se a partir deste andar, por uma escadaria e fazendo-se a sua entrada ao nível do andar principal, podendo considerar-se que aquela aula participa, pelo seu volume e configuração, simultâneamente daqueles dois andares principais do edifício.

No andar inferior (cave) instalaram-se os arquivos, a habitação do guarda, os serviços centrais, os refeitórios, e instalações para o pessoal, cozinha, copas, etc..

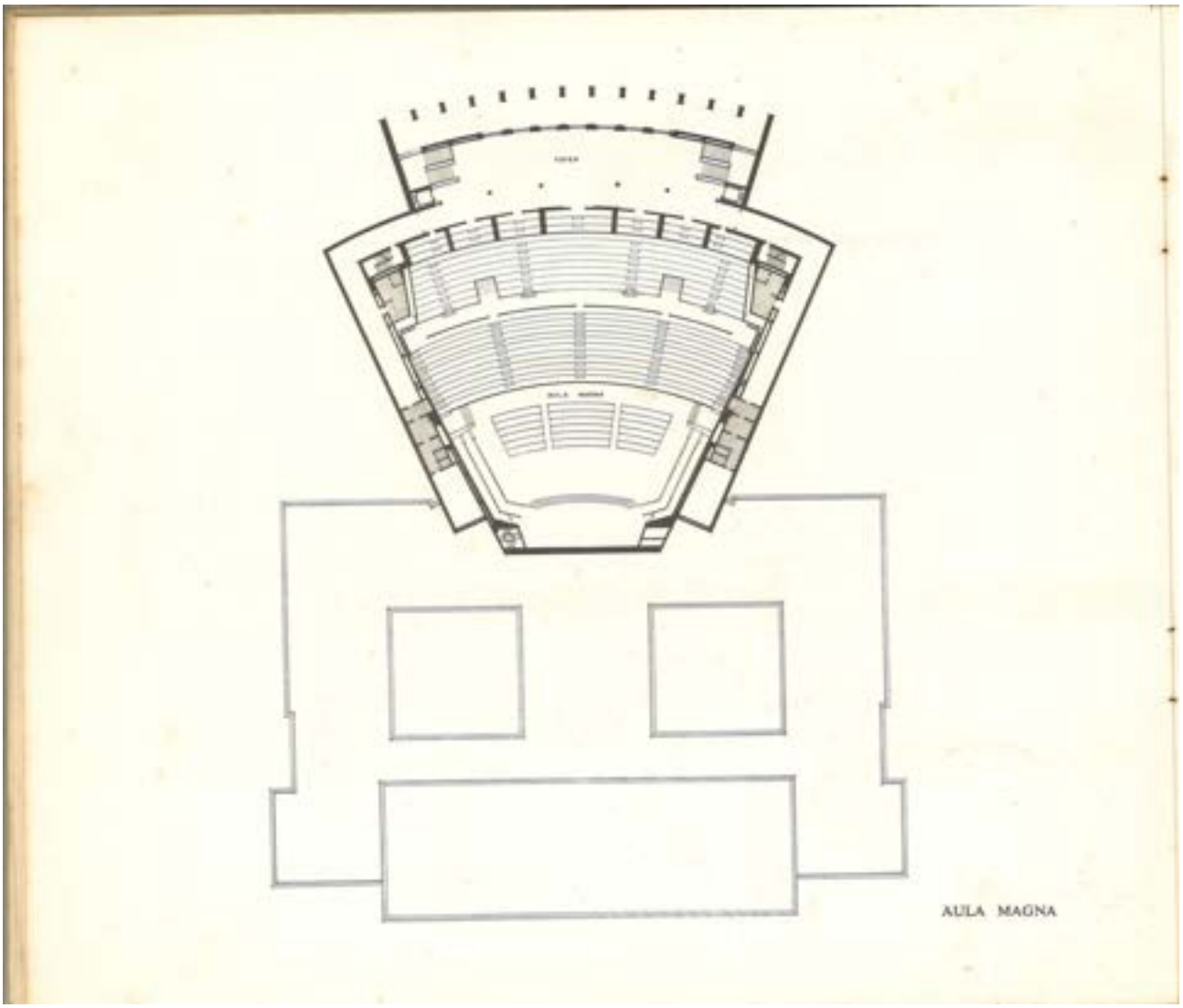
A zona posterior é totalmente ocupada pela «aula magna»



ANDAR PRINCIPAL



ANDAR SUPERIOR


AULA MAGNA



ESCADARIA DOS PASSOS PERDIDOS

e instalações que a servem, sendo este conjunto distribuído por três pisos principais.

No primeiro, encontram-se as grandes ligações às restantes dependências da Reitoria e a entrada principal privativa da «aula magna», a poente do edifício, com os seus vestíbulos, galerias, escadarias, ascensores, etc.

Ainda ao nível deste andar principal encontram-se, dentro da «aula magna», o estrado presidencial, fazendo conjunto com as zonas laterais destinadas aos «catedráticos», assim como um grupo de cadeiras destinadas para convidados de honra.

No piso imediatamente superior encontram-se os principais acessos do público, constituídos por amplas galerias, escadarias e ascensores, bem como as instalações sanitárias para ambos os sexos, bar, copa, etc.

Finalmente, no terceiro piso, localizam-se novos amplos acessos, com grande vestíbulo, galerias, escadas e ascensores, dando acesso aos últimos lugares, constituídos por um conjunto de tribunas que ocupam todo o fundo da grande «aula magna». Completam as instalações deste andar novos grupos de instalações sanitárias para ambos os sexos, arrecadações, etc.

No seu conjunto a grande «aula magna» tem uma lotação de 1597 lugares dos quais 147 destinados aos convidados de honra.

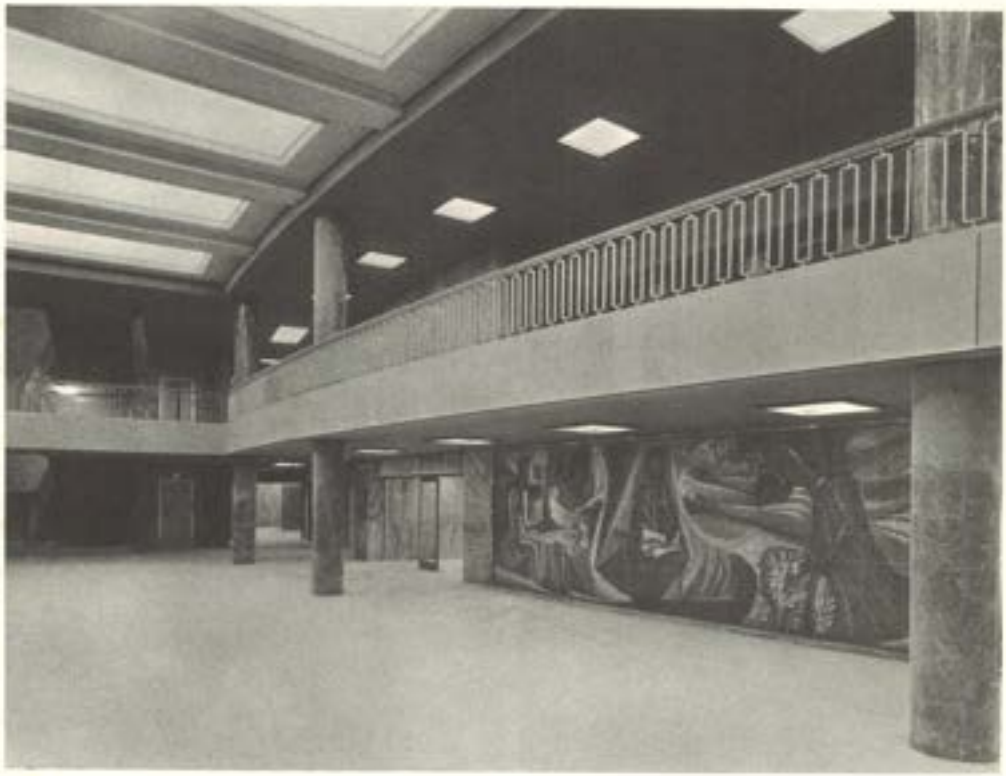
As instalações desta «aula magna», completam-se ainda com três pisos secundários.

Na galeria superior que em toda a largura atravessa a sala situam-se as instalações destinadas à imprensa, rádio, televisão, cabine de projecções e bombeiros.

As instalações para tradutores e televisão foram colocadas lateralmente e poderão funcionar em coordenação com as da galeria transversal acima referida.

Dada a especial natureza da Instituição que neste edifício deverá ter a sua sede, houve um cuidado muito especial no estudo e execução de todos os seus pormenores, por forma a que a construção traduzisse um espírito de grandiosidade e austeridade perfeitamente de acordo com a sua elevada função. Colaborando nesta intenção executaram-se várias obras de arte, quer escultóricas, quer pictóricas, que se indicam, assim como os respectivos temas e autores.

Assim, na fachada principal, Almada Negreiros traçou, em desenho inciso policromo, a alegoria à cidade de Lisboa, metrópole do «Mundo que o português criou» nos ardentes trópicos a todo o redor do globo.



VESTÍBULO DA AULA MAGNA





AULA MAGNA



ANFITEATRO PARA «ACTOS GRANDES»



SENADO UNIVERSITÁRIO

Entrando-se no átrio encontram-se oito painéis, em mosaico do tipo bizantino, executados pelo pintor António Lino Pedras, e que representam as diversas ciências: à esquerda a partir do conhecimento do Universo (Astronomia), vem o conhecimento da Terra (Geografia) e dos seus elementos (Física-Química); à direita, o conhecimento da vida (Biologia) e do Homem (Antropologia); em frente, o conhecimento da vida social em todos os seus aspectos (Sociologia, em sentido amplo) e a síntese dos conhecimentos (Filosofia), enquadram a alegoria à vitória do Espírito que «renovará a face da Terra».

Ainda no átrio há quatro vitrais, da autoria de Lino António, dois representando o escudo nacional numa composição heráldica de sabor quinhentista e dois com a insígnia da Universidade.

No salão de recepção do andar nobre o pintor Daciano Costa pintou dois frescos alusivos à divisa da Universidade, *Ad lucem*: um, exprime o deslumbramento do homem pela luz que desvenda os mistérios do Universo; outro, representa a sucessão das gerações no mesmo anseio de luz que a tradição comunica e a juventude prossegue.

Nesse andar, no gabinete do Reitor, uma tapeçaria de Portalegre, sobre cartão de Rogério Ribeiro, assinala a conjuntura mundial em que o edifício foi construído, — no limiar da Idade Atómica, — com todas as suas dilacerantes interrogações e angústias, que se não sabe se conduzirão à ascensão ou à desagregação do homem.

Do salão de recepções, no primeiro andar, desce-se para a «aula magna» pela larga escadaria cuja guarda, devida ao escultor José Farinha, é decorada com os elementos da insígnia da Universidade, a caravela e os corvos, e em louvor de S. Vicente, padroeiro da escola, regista a data da trasladação do corpo do santo, desde o Cabo que hoje tem o seu nome até Lisboa.

A grande porta da «aula magna» tem nesta face, outra vez, a insígnia da Universidade, e, na face virada para o anfiteatro, vários motivos decorativos, tudo em pintura lacada, executada pelos alunos da Escola de Artes Decorativas António Arroio, sob a direcção do pintor Lino António.

Entrando pela fachada posterior para a «aula magna», encontram-se no pórtico novos desenhos incisos de Almada Negreiros. As duas gigantescas figuras de Minerva e de Apolo — a sabedoria, a juventude e a beleza — com o mocho e o galo, servem de centro a uma representação de mestres e estudantes irmanados na vida escolar.

Ingressando no edifício, há no vestíbulo inferior um painel em cerâmica policromada da autoria de Querubim Lapa, a representar a glorificação do trabalho intelectual.



GABINETE DO REITOR



SALÃO DO REITOR

No vestíbulo superior, no mármore negro, está um desenho inciso de Rolando Sá Nogueira, alegórico à corporação universitária.

Os azulejos dos corpos laterais da fachada principal são desenho de Fred Kradolfer.

O edifício foi dividido em vários corpos separados por juntas de dilatação.

Em esquema a referida estrutura é constituída por lajes de betão armado à cota dos pisos para suporte das sobrecargas, por vigas, também à cota dos pisos, para suporte das lajes e das paredes e por pilares que conduzem as solicitações dos elementos anteriores à fundação.

Todas as ligações entre vigas e pilares se consideram rígidas excepto em alguns elementos cuja função secundária permitiu a adopção de outros graus de encastramento. Em cada um dos corpos do edifício há a considerar pórticos transversais e longitudinais. Esta estruturação em duas direcções perpendiculares com rigidez aos deslocamentos horizontais tornava-se necessária no presente caso para salvaguardar a segurança da estrutura a solicitações horizontais (sísmicos e de vento).

Dado o carácter anti-sísmico que se impõe para a estrutura do edifício as juntas de dilatação foram dimensionadas com uma espessura superior à que é habitual, como aliás é de norma para estruturas deste tipo. Note-se, no entanto, que não se julgou razoável fazer juntas com espessura variável, tendo em conta as dificuldades construtivas inerentes.

Além das lajes e pórticos anteriormente citados, há ainda a considerar na estrutura do edifício outros elementos tais como, lajes, vigas e pilares secundários, escadas e muros de suporte. As fundações, pelas razões que mais adiante se apresentam, são constituídas por maciços de betão simples, onde descarregam os pilares dos pórticos.

No que se refere a muros de suporte adoptou-se a solução de lajes de betão armado ligados à estrutura, sendo interiormente revestidas, por uma parede de tijolo ao cutelo deixando caixa de ar. Esta solução permite a absorção dos impulsos pela estrutura e é eficaz quanto à impermeabilização.

Quanto às paredes previu-se a utilização de tijolos leves, tanto em paredes exteriores (dois panos com caixa de ar) como em paredes interiores. É necessário no entanto ter em atenção que tais paredes não se destinam a suportar cargas. Em tais



SALA DE JANTAR DO REITOR

casos, como por exemplo em paredes de suporte de escadas, projectaram-se paredes de tijolo normal a uma vez de espessura.

O problema mais importante a resolver foi o da cobertura da «aula magna» e seus suportes e, portanto, a estruturação deste elemento que foi considerado em primeiro lugar. Postas de parte, por razões arquitectónicas, as hipóteses de estrutura geral em casca de betão ou de cabos tendidos, restava a solução duma série de elementos, rectilíneos, principais, de suporte, sobre os quais apoiam como secundários os elementos que constituem propriamente a cobertura.

Dada a configuração do anfiteatro, aproximadamente com forma de trapézio isósceles, em que a base maior tem um comprimento superior à altura, impôs-se, a fim de evitar elementos de suporte com resistências — e portanto com configurações muito dispares, — fazer a estruturação no sentido radial e não no sentido transversal. A diferente configuração dos vários elementos da estrutura traduzir-se-ia num aumento de preço, além do que o elemento na parte posterior do anfiteatro (junto à base maior do trapézio), como teria que sustentar a cabine de projecção, receberia uma carga que, para o vão em causa, conduziria a secções praticamente incomportáveis.

Criaram-se, assim, de acordo com os arquitectos autores do projecto arquitectónico, uma série de pilares na parte extrema do anfiteatro onde apoiam os elementos principais de suporte da cobertura que, na outra extremidade, vão apoiar-se numa viga lançada entre as duas caixas de escada que ladeiam a entrada do anfiteatro.

Definida assim a concepção geral da estrutura, verificou-se que os materiais com possibilidades de constituir os elementos principais seriam apenas o betão pré-esforçado e o aço. O betão armado foi desde início posto de parte, dada a grandeza dos vãos em causa.

Quanto ao betão pré-esforçado, a solução mostrou-se tècnicamente possível, mas por cálculos sumários concluiu-se que não poderia competir economicamente com a solução metálica. Foi por isso esta última a solução encarada e que a seguir se descreve.

Assim a estrutura principal do anfiteatro consiste numa série de vigas metálicas longitudinais e com disposição radial que na parte posterior se apoiam em pilares de betão armado e na parte anterior numa outra viga metálica, que se apoia por sua vez na estrutura de betão armado da caixada escada. Dado o grande comprimento das vigas longitudinais é necessário que possuam dilatação livre e por isso foram-lhe criados apoios de rótula na



SALÃO DE FESTAS

parte anterior sobre a viga metálica e de deslizamento na parte posterior sobre os pilares de betão armado.

As vigas longitudinais têm assim individualmente o seu apoio de deslizamento.

Seguidamente impunha-se definir as estruturas secundárias e o material de cobertura.

No que se refere às estruturas secundárias a condição essencial a exigir-lhe, bem como a do material de cobertura, seria a leveza, pois que, para os vãos em causa, tal factor tem uma importância económica preponderdial. De todas as hipóteses encaradas foi resolvido optar-se pela solução do emprego de pranchões de chapa de aço galvanizado dobrado formando nervuras (0,7m), solução aliás muito comum no estrangeiro, havendo mesmo variadíssimos tipos com formas especiais e para vãos e sobrecargas diferentes. O peso próprio duma solução desse tipo, compreendendo um isolamento térmico com aglomerado de cortiça e um impermeabilizante semelhante aos encarados para as soluções em betão, é de 30 kg/m². Estes pranchões têm 2 metros de vão, sobre os quais foi colocado aglomerado negro de cortiça 1 1/2" (110 a 130 kg/m³) coberto de mastiques, de feltros saturados e «ruberoide» mineral branco.

Quanto às fundações, atendendo a que não havia prospecção na zona de implantação da Reitoria, foi necessário proceder à abertura de poços de sondagem que atingiram profundidades variáveis entre 1,20 m e 4,50 m. Esta variação da profundidade deve-se a que se procurou sempre atingir camadas de terreno que permitissem a adopção de tensões de segurança razoáveis tanto mais que os terrenos encontrados são semelhantes aos que serviram de fundação aos edifícios das Faculdades de Direito e de Letras.

Quanto à acção dos sismos considerou-se a estrutura funcionando como um conjunto estrutural a três dimensões.As forças devidas à acção dos sismos foram, portanto, determinadas para cada um dos corpos que constituem o edifício e a sua distribuição



SECRETARIA

pelos diversos pisos foi feita atendendo às prescrições da regulamentação americana já seguida nos anteriores projectos.

O edifício da Reitoria não levantou problemas especiais quanto a isolamentos de ruídos dada a distância a que se encontra das vias de comunicação de trânsito intenso e à mancha de arborização existente a poente.

Para tratamento fónico consideram-se:

1 — Todos os acessos e zonas circundantes de salas importantes, tais como «aula magna», sala dos Actos Grandes, Senado Universitário, sala de pequenas conferências, instalações do Reitor, etc., foram previstos com amortecimento nos tectos e com pavimentos macios, para atenuar o ruído dos passos, com o emprego de passadeiras em algodão, borracha ou plástico, ou pavimentos de cortiça ou similares.

2 — Gabinetes de trabalho mais importantes.
Tectos sem amortecimento, pavimento com tapetes ou alcatifas, reposteiros e cortinados nos vãos das portas e janelas.

3 — Grandes corredores e galeria de acesso:
Tectos com amortecimento e pavimentos com passadeira plástica ou similar.

Para o tratamento fónico dos tectos dos locais acima referidos empregaram-se materiais absorventes de elevado coeficiente de redução de ruído, como por exemplo os do tipo «Plagex», de fabrico nacional.

Quanto às condições acústicas das diversas salas que requerem tratamentos especiais consideraram-se dois aspectos diferentes:



FOYER DO PEQUENO ANFITEATRO



CASA DAS CALDEIRAS

— *o das formas*, que se refere à propagação das ondas sonoras e ao seu melhor aproveitamento.
— *o dos materiais*, que diz respeito ao tempo de reverberação, de que depende em especial a inteligibilidade da palavra.

Na orientação seguida procurou-se sempre atingir as condições consideradas óptimas, o que nem sempre foi fácil por impossibilidade de harmonizar os requisitos da acústica com as imposições de ordem estética que tiveram de ser respeitadas. Assim, foi necessária uma série de ajustamentos de que resultaram soluções de compromissos, as quais, embora se afastem, em alguns casos das soluções ideais, são, todavia, de molde a conduzirem a resultados práticos satisfatórios.

Os tempos de reverberação previstos para as várias salas estão todos muito próximos dos valores aconselhados pelas maiores autoridades em acústica para casos semelhantes e o seu cálculo foi feito a partir do método de Sabine, que, para estes casos, nos dá uma aproximação suficiente.

Os materiais absorventes recomendados foram escolhidos de entre os que se encontram no nosso mercado e os que temos utilizado com pleno êxito noutros trabalhos.

As formas da «aula magna» não se desviaram das consagradas para estes casos, uma vez que são as mais vantajosas, tanto do ponto de vista acústico como do da visibilidade. Foi, portanto, adoptada a forma de leque, tão generalizada em anfiteatros e salas de conferências.

Dadas as grandes dimensões da sala que, com os seus 14 000 m³, ficará sendo a maior do País, e a grande área do auditório a cobrir, o aproveitamento do som reflectido mostra-se insuficiente para uma audição confortável. Houve, pois, que recorrer a uma instalação sonora auxiliar, recomendada para volumes superiores a 2000 m³. No entanto, a observância dos princípios básicos da acústica arquitectural permitirá que quase se não venha a notar



TAPEÇARIA «NO LIMIAR DA IDADE ATÓMICA»
Pintor Rogério Ribeiro

a existência dessa instalação e se evite o aparecimento de ecos sempre desagradáveis.

A configuração original da sala não foi alterada, visto que a disposição das paredes laterais se aproxima bastante da mais adequada para o reforço do som nas zonas média e de trás.

Estas paredes devem ser de superfície lisa e rígida a fim de orientarem convenientemente os raios sonoros para as zonas mais desfavorecidos do auditório. O cálculo da reverberação demonstrou a necessidade de absorção das frequências baixas, o que obrigou ao emprego nestas paredes de painéis ressonantes de madeira que, absorvendo os sons graves, reflectam as restantes frequências.

A forma da parede de fundo da sala, que é uma superfície côncava, não é geralmente aconselhada pelo facto de poder originar fenómenos de focalização. Apesar da sua curvatura pouco acentuada, foi prevista com elevado poder absorvente, e tem uma inclinação de 6 %, para evitar completamente o aparecimento de quaisquer ecos, mesmo a baixo nível, na zona da presidência, caso ponderado muito cuidadosamente dadas as grandes dimensões da sala.

O perfil do tecto foi estudado de forma a permitir uma orientação conveniente dos raios sonoros para as últimas filas do auditório.

O plano do tecto, por cima da zona da presidência, rebaixado e devidamente inclinado, foi previsto com o objectivo de o tornar mais eficaz como elemento reflector do som oriundo dos oradores e de assegurar uma projecção conveniente dos raios sonoros para a zona do auditório.

A localização da cabine de projecção impediu que se rebaixasse, tanto quanto seria necessário, a altura do tecto para se obter uma proporção mais conveniente. O volume por lugar ficou assim um pouco excessivo.

A zona da presidência e a parte mais próxima do auditório foram previstas para a realização de debates, congressos e conferências, podendo um grande cortinado limitar uma zona do auditório.

O estudo geométrico das formas da sala levou a orientar convenientemente os planos reflectores do tecto, tendo em vista a compensação dos níveis fónicos nas zonas mais afastadas da origem do som, em virtude do seu decrescimento quadrático com a distância.

A «aula magna» destina-se inicialmente à audição da palavra, e, por conseguinte, foi para esta finalidade que foi ajustado o seu tempo de reverberação.

Nesta sala foi prevista a colocação de um grande cortinado que a divide e reduz, para actos em que o público seja sensivelmente mais limitado. Assim, o cálculo do tempo de reverberação foi feito para os casos da sala sem cortinado e com o cortinado corrido.

Como materiais de correcção acústica, foram aplicados os seguintes:

a) Painéis ressonantes compostos
b) Réguas dinamarquesas
c) Poltronas estofadas
d) Alcatifas e reposteiros

Disse-se atrás que para uma boa audição nesta sala se torna indispensável recorrer a uma instalação sonora auxiliar.

Para o efeito, foi feito o estudo do sistema de amplificação sonora a instalar.

A instalação eléctrica do edifício compreende as instalações de iluminação, tomadas de corrente, sinalização, som, relógios, inter-comunicadores, telefones, ascensores e monta-pratos.

Do quadro geral de distribuição, directamente alimentado por um posto de transformação instalado no edifício, saem 7 colunas gerais que alimentam 7 quadros parciais principais, convenientemente localizados, a partir dos quais se alimenta toda a instalação, directamente ou através de outros quadros parciais secundários.

A iluminação das várias dependências foi estabelecida de acordo com os resultados dos cálculos luminotécnicos efectuados e tendo em atenção as soluções arquitectónicas e decorativas adoptadas, pelo que foi projectada, de um modo geral, uma iluminação por lâmpadas fluorescentes, quer indirecta em tancas, quer directa ou mista por armaduras com difusores plásticos embebidos nos tectos ou neles justapostos. Apenas no andar inferior se empregaram armaduras suspensas, algumas delas com lâmpadas incandescentes.

Para serviço de vigilância nocturna, previu-se uma iluminação suplementar reduzida nos átrios, vestíbulos e corredores, com circuitos independentes da iluminação geral, directamente comandados dos quadros parciais.

A instalação de sinalização compõe-se simplesmente de botões de campainha, quadros de alvos e bezouros, por não se justificar outro tipo mais complexo.

Além de inter-comunicadores que facilitarão conversações entre as dependências de ocupação permanente, a instalação telefónica prevista permite também estabelecer comunicações internas e com o exterior, através de todos os aparelhos e de 8 cabines para serviço do público.

A instalação de relógios eléctricos compreende um relógio principal que comanda vários relógios secundários montados em locais adequados.

Dos três ascensores de pessoas, um estabelece ligação entre o andar principal e o andar superior do corpo principal e dois servem os vestíbulos da «aula magna».

Estes ascensores são para 8 pessoas e dispõem de portas automáticas.

Os quatro monta-pratos destinam-se, dois ao serviço do salão de festas e dois ao serviço da sala de pequenos banquetes.

A instalação alimenta ainda diversa aparelhagem como seja, as máquinas de projecção os motores do «écran», das cortinas e da grande porta de ligação da «aula magna» aos «passos perdidos» e, ainda, os termo-acumuladores de água montados na cozinha, copa, bar e instalações sanitárias.

Como instalações de som, evidencia-se que a «aula magna» dispõe de uma instalação de reforço de som, por intermédio de 4 colunas de alti-falantes e de microfones, ligados à aparelhagem de amplificação e de regulação de som montada em dependências apropriadas e que nas cabines destinadas à imprensa, radiodifusão e televisão e nos vestíbulos da «aula magna» foram instalados altifalantes para transmissões de cursos e conferências que sejam proferidos aos microfones montados na «aula magna».

Foi também considerada nesta sala a instalação de um sistema de tradução de conferências em cinco idiomas, para o que foram previstas as necessárias tubagens para o enfiamento de condutores e para a montagem de microfones em cada duas cadeiras dos doutorais. A recepção dos discursos e conferências poderá ser feita, em qualquer de cinco idiomas e em qualquer local, por intermédio de auscultadores de rádio. Para o efeito, foi instalada uma antena no pavimento da sala e existem cabines apropriadas para os tradutores e para a aparelhagem de amplificação de som e de sinalização.

O aquecimento das dependências principais do edifício é feito por painéis radiantes montados no pavimento, constituídos por serpentinas de tubos de ferro da série reforçada, percorridas por água quente a baixa temperatura. No andar inferior o aqueci-



MEDALHA COMEMORATIVA
Escultor Álvaro de Brée

mento é feito por convectores de água quente a alta temperatura.

A instalação funciona automàticamente e foi estudada para se obterem as mesmas condições de conforto em todo o edifício durante o inverno, mesmo tendo presente a diversidade dos revestimentos dos pavimentos, respondendo o sistema imediatamente a qualquer oscilação da temperatura exterior eliminando-se a sua inércia.

O edifício foi dividido em 7 zonas, quatro correspondentes às dependências expostas a norte e a sul e aos dois tipos de pavimentos, e três correspondendo à zona de aquecimento por convectores, à zona da sala dos Actos Grandes e à da «aula magna».

A instalação de ventilação da «aula magna» foi prevista para funcionar com aquecimento durante o inverno, tendo sido estudada para, numa segunda fase, se proceder à montagem de equipamento de regularização e respectiva aparelhagem de «controle», de forma a obter-se o condicionamento completo de ar, tanto de verão como de inverno, segundo as soluções técnicas mais perfeitas.

O sistema adoptado foi o de insuflação do ar pelo tecto que é o mais aplicado, por ser aquele que conduz a melhores resultados; o grande número de pontos de insuflação do ar dispostos em locais convenientes permite uma distribuição uniforme do ar, além do que se facilitou a montagem das condutas e se tornou fácil o seu acesso para futura inspecção e para o equilíbrio do sistema.

As condutas de ar com os seus registos, reunem-se na sala dos ventiladores, isolada acústicamente, onde se comanda toda a instalação.

COMISSÃO ADMINISTRATIVA DAS NOVAS INSTALAÇÕES UNIVERSITÁRIAS

VICE-PRESIDENTE

Engenheiro Inspector Superior de Obras Públicas Fernando Galvão Jácome de Castro
(em efectividade de serviço até 20 de Junho de 1961)

ADMINISTRADOR-DELEGADO

Professor Engenheiro Manuel Guilherme Tavares Cardoso

VOGAL-SECRETÁRIO

Dr. Eduardo Eugénio Perestrelo França de Oliveira

TÉCNICOS DA COMISSÃO

Engenheiro Ignácio Constantino de Menezes Oom do Valle
(em exercício até 31-12-60)
Engenheiro António Teixeira de Sampayo
(Director das Obras)
Engenheiro Joaquim Fausto Janela Lucas
Arquitecto Carlos Manuel Coelho de Sampaio Toscano Homem de Sá
Agente-técnico de engenharia civil Georgino da Nova
Agente-técnico de engenharia civil José Francisco de Sales da Silva
Chefe de desenhadores Manuel Barata de Almeida

FISCAIS

Franklim Piedade Gomes; Joaquim Martins Ligeiro; Domingos José da Cunha

TÉCNICOS CONSULTORES

Professor Engenheiro Agrónomo André Navarro
Arquitecto Jorge Segurado
Escultor Mestre Leopoldo de Almeida
Pintor Mestre Varela Aldemira

AUTORES DOS PROJECTOS

O edifício da Reitoria é da autoria do falecido arquitecto Porfírio Pardal Monteiro, tendo sido seu continuador o arquitecto António Pardal Monteiro
Engenheiros Civis José Marecos e João d'Arga e Lima — Cálculos de estabilidade
Engenheiros Electrotécnicos Mário Carlos Araújo Leal e Vítor Emanuel Simões Sampaio — Instalações eléctricas, aquecimento e ventilação
Engenheiro civil António Teixeira de Sampayo — Instalações de águas frias, quentes e esgotos
Engenheiro Electrotécnico Manuel Bivar — Instalações de isolamentos acústicos e condicionamento fónico
Pintor Daciano Costa — Decoração e mobiliário das salas especiais
Arquitecto Carlos Manuel Coelho Sampaio Toscano Homem de Sá — Mobiliário geral

OBRAS DE ARTE

Pintor José Almada Negreiros — Decoração das fachadas principal e posterior
Pintor Lino António — Vitrais das janelas do vestíbulo principal e Pintura lacada da porta da «aula magna» com a colaboração dos Alunos da Escola António Arroio
Pintor António Lino Pedras — Execução de painéis de mosaico de esmalte
Pintor Querubim Lapa — Painel de cerâmica policromada destinada ao vestíbulo da «aula magna»
Pintor Rolando Sá Nogueira — Composição para gravar por incisão em granito polido
Pintor Daciano Costa — Frescos no salão de recepção e festas
Pintor Rogério Ribeiro — Tapeçaria mural destinada ao Gabinete do Reitor
Pintor Fred Kradolfer — Painéis de azulejo para o revestimento da fachada principal
Escultor Álvaro de Brée — Medalha comemorativa da inauguração do edifício da Reitoria
Escultor José Farinha — Execução em bronze dos motivos decorativos da guarda da escada

EMPREITEIROS E FORNECEDORES

Empresa de Construções Lopes (Irmãos), Lda. — Empreitada de construção do edifício com a colaboração de:

Engenheiro José Salvado Bizarro Saraiva
Agente-técnico de engenharia Pelágio Costa Mota

e das seguintes firmas:

Sociedade Industrial Metalúrgica — cobertura da «aula magna»; Félix Carreira, Ldª. — carpintarias; Pardal Monteiro, Lda. — cantarias; Cooperativa dos Pedreiros — granitos polidos; Serralharia Artística do Corvo — caixilharia de alumínio; Electro Mecânica do Monte — serralharias; João Marques Jordão — serralharias; Luís Bandeira, Lda. — iluminação, aquecimento, ventilação, águas quentes e frias; João Rodrigues Parente — estuques; Hilário da Silva Tavares — pinturas; Moprim — revestimentos plásticos; Empirel — revestimentos plásticos; Espelhos «A União» — vidros; Fábrica de Louças de Sacavém — louças sanitárias; Sociedade Portuguesa de Ascensores Schindler — elevadores e monta-cargas; Sociedade de Estores Metálicos — estores; Jardim Primavera — ajardinamentos.

SALAS ESPECIAIS

Joaquim Pedro & Manuel Martins, Lda. — toscos
Bernardim Inácio — fundição da guarda da escada
Afonso Capela e Lucínio Batista Vicente — estuques e pinturas
Vicente Joaquim Esteves — caixilhos para vitrais
Viúva Lamego — cerâmicas
João Soares Júnior — toalheiros
Secca, Lda. — candeeiros
Rogério Frazão de Sousa — porta-papéis, porta-canetas, cabides e espelhos

Custódio Ferreira Lino — cinzeiros e cestos para papéis
Fábrica Pátria — candeeiros e cinzeiros
Pardal Monteiro, Lda. — passagem à pedra dos desenhos de Almada Negreiros
Mármore e Cantarias Pero Pinheiro, Estremoz, Lda. — cantarias
Sampaio & Laginha, Lda. — estuques e pinturas
Nucel — Núcleo Electrotécnico, Lda. — instalação eléctrica
Luís Bandeira, Lda. — instalação eléctrica
Vátio, Lda. — instalação eléctrica
Fábrica de Tapeçarias Seitão, Lda. — alcatifas
Companhia União Fabril — alcatifas
Figueirôa Rego, Lda. — cortinados e reposteiros
Baptista Azevedo & C.ª — extintores
José Ribeiro — arranjos exteriores

MOBILIÁRIO E ACABAMENTOS ESPECIAIS

José Olaio & C.ª (Filho)
José Alcobia
Móveis Sousa Braga
Fábrica de Móveis Aséta
Soares da Costa, Lda.
Móveis e Adornos, Lda. — Moval
Metalúrgica da Longra, Lda.
Centro Técnico Hospitalar
Viúva de João Ferreira & Filhos
Armando Filinto Pinto Barbosa

Documento 63.01

MONTEIRO, António Pardal - Memória Descritiva do Projecto do prédio Eugénio de Sousa.. Lisboa: [Documento dactilografado do Espólio PMA], Setembro de 1963.

MEMÓRIA DESCRITIVA

do projecto de um prédio de rendimento que o Ex.mo Senhor Eugénio Meleiro de Sousa, pretende mandar construir no terreno de que é proprietário, sito na Rua D. Filipa de Vilhena, nº. 30, com frente também para a Rua do Arco do Cego, freguesia de S. Sebastião da Pedreira, em Lisboa.

O terreno em questão, possui uma frente de 16,32 m sôbre a R. D. Filipa de Vilhena, com orientação a poente.

Os limites laterais (empenas) são normais à referida frente e medem respectivamente 24,00 m (empena sul) e 22,60 m (empena norte).

A configuração do terreno e a sua área, resultam actualmente de permutas realizadas entre o requerente e a C.M.L., porquanto, pretendendo-se a construção no terreno de que há muitos anos o requerente é proprietário, foi a certa altura imposta a obrigatoriedade de um novo recorte.

Realizados os necessários contactos com a C.M.L., aceitou o requerente as condições que a C.M.L. lhe definui, tornando-se assim possível a elaboração de um projecto (procº. nº. 20.860/62). Porém, por incluir o edifício projectado um andar recuado, perfeitamente

de admitir em função das razões que se expunham na Memória Descritiva correspondente, e embora o projecto em questão tivesse dado endrada na C.M.L., antes de se ter criado o Edital 101/62, foi o referido projecto indeferido.

Em face daquela decisão Camarária, o requerente, viu-se forçado a mandar elaborar um novo projecto, esperando que possa, agora, corresponder às normas em vigor à data da sua apreciação.

O edifício projectado destina-se à habitação, porém, no rez-do-chão situar-se-á a instalação da padaria existente no actual edifício, embora, naturalmente, segundo as modernas características da industria em questão.

- O edifício consta de rez-do-chão e de cinco andares.
- No Rez-do-chão, além da referida instalação industrial, situam-se as entradas do prédio, a habitação da porteira, e um pequeno logradouro privativo da porteira.
- A padaria possui duas frentes para a Rua D. Filipa de Vilhena, havendo a considerar fundamentalmente as seguintes instalações: Amassaria, secção de fôrno, fôrno, armazem de farinhas, armazem geral, estabelecimento, expedição, instalações sanitárias, vestiários, etc..
- A habitação da porteira conta de: entrada, cozinha, quarto, despensa e casa de banho.
- O logradouro referido, ilumina e ventila a habitação da porteira, servindo ainda para apoio da ventilação da padaria e da iluminação de algumas das suas zonas.

- A perfeita ventilação da instalação industrial mencionada, prevê-se assegurada com entradas e saídas de ar nas partes superiores do estabelecimento e da zona de expedição e em fendas existentes no logradouro ao nível do 1º andar.

- Nos andares, 1º, 2º, 3º, 4º e 5º, projectaram-se duas habitações por andar, cada uma delas com as seguintes instalações: Hall, sala comum, dois quartos com antecamara e casa de banho, cozinha, quarto de creada com casa de banho privativa, despensa e armários roupeiros.

- As casas dos motores do ascensor principal e do montacargas, situam-se sobre o 5º andar, debaixo do telhado de cobertura do edifício.

- A escada é iluminada superiormente, por meio de lanternim em vidro, existindo sob o mesmo um sub-ceu horizontal reflector da luz natural.

- As fachadas projectadas, traduzem, na medida do possível, as características funcionais das diferentes zonas, e foram compostas com a evidente preocupação de se obter equilibradas proporções, num conjunto de suficiente interesse arquitectónico a estético.
No seu acabamento prevêm-se materiais de boa qualidade tais como: cantarias, elementos cerâmicos vidro e alumínio anodizado no envasamento do edifício; cantarias, no revestimento dos elementos principais de todos os vãos dos andares e nas varandas; caixilhos com perfis especiais; elementos cerâmicos de pequenas dimensões e pinturas da melhor qualidade.

- Da construção -

As fundações do edifício serão em betão armado - pilares, sapatas e vigas de travamento.

A superestrutura será igualmente em betão armado, incluindo as lajes dos pavimentos.

As paredes terão apenas a função de divisórias e serão em alvenaria de tijolo, nas espessuras indicadas no projecto, sendo as exteriores constituídas por panos duplos com caixa de ar.

Os pavimentos serão revestidos de pedra, mosaico ou tacos de madeira, conforme os casos.

As paredes das cozinhas, zonas de serviço e casas de banho, levarão lambris de azulejo de 1ª qualidade.

As restantes paredes e os tetos, serão rebocados e estucados, devendo as paredes de algumas instalações ser ainda pintadas com tinta de emulsão.

As coberturas serão em telha, assente sobre estrutura de madeira.

Os técnicos autores deste projecto, acompanharão a construção deste edifício até à sua conclusão.

Em tudo o mais em que esta Memória fôr omissa, seguir-se-ão os Regulamento em vigor e as boas regras de construção.

Lisboa, 24 de Setembro de 1963

OS ARQUITECTOS

Documento 67.01

MONTEIRO, António Pardal - Memória Descritiva da PHILIPS. Fábrica de Matrizes.. Lisboa: [Documento dactilografado do Espólio PMA], Outubro de 1967.

A. PARDAL MONTEIRO
ARQUITECTO

PHILIPS PORTUGUESA - S.A.R.L.

EDIFÍCIO PARA ARMAZÉNS NA OUTURELA - CARNAXIDE

NOTA SOBRE OS PRIMEIROS ESTUDOS

O presente estudo baseia-se no programa gráfico fornecido pela Philips e nas considerações que sobre êle se fizeram, numa primeira reunião de trabalho em que se definiram os principais condicionamentos a observar.

Fundamentalmente, o programa gráfico define um vasto edifício de um só piso, destinado a armazém, que será dividido em três grandes naves. As instalações complementares dos armazéns encontram-se, no referido programa gráfico, distribuidas ao longo das suas zonas marginais, e no mesmo piso, com excepção de um pequeno nucleo que seria alojada numa reduzida área em cave.

Define-se também uma modulação básica de 5,00x x5,00 m. que permite uma estrutura de suporte de cobertura com vãos de 10,00 e 15,00 metros.

Na reunião de trabalho, atrás referida, foram sugeridas alterações ao programa gráfico, e fornecidas indica-

A. FARDAL MONTEIRO
ARQUITECTO

ções complementares, indispensáveis à elaboração do projecto, que se descriminam:

1 - As instalações localizadas em cave - casa de caldeiras e instalações sanitárias e vestiários do pessoal - deverão ser situadas ao nivel do piso dos armazéns.

2 - Convirá criar, ao longo da fachada Sul do edifício, uma zona em primeiro andar, que se destinará a alojar os serviços administrativos, os quais englobarão, além das dependências destinadas a "Order Office", "Stock Control" e "Stores Manager", referidas no mencionado programa gráfico, um Gabinete de Director, ficando a área sobrante destinada a futura ampliação destes serviços.

3 - Foi definido o número e categorias do pessoal que trabalhará nesta instalação, o qual se repartirá da forma que se indica.

a) Trabalhando nos armazéns:

Operários	- 59
Encarregados	- 6
Mulheres	- 5

b) Na zona administrativa:

Director	- 1
Homens	- 10
Mulheres	- 3

Relativamente às mulheres, não se prevê, de início, a sua presença, pelo que a respectiva instalação sanitária poderá destinar-se a eventuais visitas.

4 - O edifício deverá dispor de uma cantina, trabalhando em regime de "Sel-service", podendo fornecer refeições completas a todo o pessoal.
Além desta cantina dever-se-á prever a existência de uma pequena cafeteria.

5 - No programa gráfico, prevê-se a existência de dois amplos cais de embarque e desembarque de mercadoria. Estes cais, integrados no edifício, deverão situar-se a uma distância tal do plano de fachada que permita a existência de um espaço onde caibam os camiões, que assim passarão a dispor de garagem. Previu-se, ainda, que esta zona, que servirá de garagem, seja encerrada por portas.
Ainda em relação a estes cais, foi sugerida a possibilidade de se suprimirem os pilares marcados no estudo gráfico, de modo a ser possível dispor de um vão único de acesso.

Através do estado agora apresentado pretende-se esquematizar uma solução em que houve o cuidado de traduzir, o mais fielmente possível, o pretendido.

Manteve-se a modulação base de 5,00x5,00 m., com apoios distanciados de 10,00 e 15,00 m. em cada sentido, No entanto, concebeu-se uma diferente distribuição dos pontos de apoio, de modo a se diminuir o número de pilares dentro de cada um dos armazéns. Com efeito, no programa gráfico, cada armazém, com 30,00 m. de largura, tinha uma ordem central de pilares e duas laterais, ficando estas últimas afastadas 5,00 m. das paredes laterais; a solução que se apresenta, divide transversalmente cada armazém em três vãos de 10,00 m., o que possibilita a existência de apenas duas ordens de pilares, em vez de três.

Com esta solução, é possivel diminuir o número de pilares, substancialmente. De facto, no programa gráfico prevê-se a existência de 13 ordens de pilares, no sentido Norte-Sul, com vãos de 5,00 e 10,00 m., na solução que se apresenta, neste mesmo sentido, preveem-se apenas 11 com vãos uniformes de 10,00 m., constituindo excepção o modulo junto à fachada Sul, de 5,00 m., para suporte do primeiro andar.

De acordo com o definido, alterou-se a distribuição das diversas implantações complementares a situar ao nível do piso dos armazéns.

Ao longo da fachada Nascente, e na zona entre o cais localizado nesta fachada e o topo Norte, situaram-se a Casa de Caldeiras, o Posto de Transformação e a Sala de Carga de Baterias, dispondo de acesso directo, a partir do exterior, tanto a Casa de Caldeiras como o Posto de Transformação.

Ao lado da Casa das Caldeiras, com acesso pela fachada Norte, situa-se a Garagem de Reparações, com zona de oficina integrada.

Ainda ao longo da fachada Nascente, entre o cais e a fachada Sul situam-se as dependências de Controle de Qualidade, Embalagem, Polimento e o conjunto das que formam o Posto Médico que inclue uma pequena Sala de Espera, um Gabinete para Médico e uma Sala de Tratamentos.

Por esta fachada Nascente, na sua extremidade Sul, situa-se a Entrada principal e respectivo vestíbulo, aí tendo início a escada que conduz aos serviços administrativos, localizados no primeiro andar; junto a este Vestíbulo situa-se ainda a Recepção onde trabalhará a telefonista - recepcionista.

Na fachada Sul, ao centro, encontra-se o segundo cais de embarque e desembarque de mercadoria, o qual está delineado de acordo com os mesmos princípios enunciados para o primeiro. Entre este cais e a zona da Entrada Principal, ocupando uma faixa de 5,00 m. de largura, colocaram-se as

diversas instalações sanitárias e vestiários do pessoal que trabalhará no piso de armazéns, os quais são divididos por categorias e sexos - operários, encarregados e mulheres - sendo o número de cacifos vestiários, retretes, chuveiros, urinois e lavabos determinado em função da legislação em vigor.

Junto ao cais, entre este e as instalações sanitárias do pessoal, ficará o escritório de Expedição.

No extremo Poente desta fachada Sul ficará a segunda escada de acesso ao primeiro andar, a qual terá por principal função conduzir à cafeteria e cantina; por ela se fará todo o movimento do pessoal da cozinha. A entrada que liga a esta escada situa-se na fachada Sul, de modo a ser possível, futuramente, ampliar o edifício para Poente, sem que daí resultem problemas.

Abrangendo todo o desenvolvimento da fachada Sul, criou-se um corpo eleveado, em primeiro andar, onde se localizarão, com acesso a partir da Escada Principal (Nascente), os serviços administrativos em que se englobam, além do Gabinete do Director, com Ante-Camara e Instalação Sanitária privativa, as dependências destinadas a "Order Office", "Stock Control" e "Stores Manager", as quais são completadas com as Instalações Sanitárias e Vestiários do pessoal que aí trabalhará.

Também neste primeiro andar, com acesso a partir da Escada Secundária (Poente), se localizará a Cantina e respectiva Cozinha, e a Cafetaria. Esta Cozinha, dado que se destina à preparação de refeições completas, apresenta um certo desenvolvimento, tendo-se previsto uma pequena Despensa, zonas de Preparação de alimentos e de lavagem, zona central para fogão e ainda uma pequena Instalação Sanitária para o pessoal que lhe ficará afecto.

Entre a área ocupada pela Cantina e dependências com ela relacionadas e a ocupada pelos serviços administrativos ficará uma zona que se destinará a ampliações futuras.

Como se pretendeu cingir a largura deste corpo em primeiro andar, ao módulo inicial de 5,00 m., houve necessidade de o projectar para o exterior, em consola, de modo a possibilitar a criação de uma ampla galeria com 1,50 m. de largura, e de salas ou gabinetes com dimensão proporcional à sua função.

O problema da cobertura das grandes naves destinadas a armazéns está neste momento em estudo.

Como princípio básico, pretende-se uma cobertura que, permitindo uma iluminação zenital, geral, difusa, seja

constituída por uma lage de betão armado, que, evite percas de calor, visto todo o edifício vir a beneficiar de um sistema de aquecimento central.

Presentemente estão em estudo soluções em betão armado normal e pré-esforçado, os quais, uma vez concretizados, o que esperamos em breve prazo, serão sugeitas a apreciação.

Resta-nos afirmar que, apesar de pormos no estudo deste problema o melhor do nosso esforço e conhecimentos, esperamos que da sua crítica resultem observações que certamente nos permitirão corrigir quaisquer deficiências involuntárias e prosseguirmos os trabalhos com a certeza de obtermos uma solução final amplamente satisfatória.

Lisboa, Outubro de 1967

O Arquitecto

Documento 90.01

MONTEIRO, António Pardal – Texto sobre a Faculdade Letras e a Reitoria da Universidade de Lisboa. Lisboa: [Documento digital do Espólio PMA] [199?].

FACULDADE DE LETRAS

Em 1952 é feita ao arquitecto Porfírio Pardal Monteiro a encomenda do projecto do conjunto dos seguintes edifícios, que se pretendia erigir ao Campo Grande, nos terrenos destinados à Cidade Universitária de Lisboa:

- Reitoria
- Faculdade de Direito
- Faculdade de Letras

Encomenda que, praticamente, reiniciava os trabalhos que lhe haviam sido cometidos em Outubro de 1935.

À data do seu falecimento – Dezembro de 1957 – apenas se encontrava executado o edifício da Faculdade de Direito.

A partir de 1958 a responsabilidade da assistência técnica a prestar às obras da Faculdade de Letras foi oficialmente cometida ao arquitecto António Pardal Monteiro, na sequência de uma tarefa que este vinha a desempenhar desde o início da construção da Faculdade de Direito, então como representante de seu tio, o falecido arquitecto Porfírio Pardal Monteiro, e como elemento do seu gabinete que participara na elaboração dos estudos e projectos dos três edifícios, desde os primeiros esboços.

REITORIA

O primeiro projecto de execução do edifício para a Reitoria, da responsabilidade do arquitecto Porfírio Pardal Monteiro foi entregue em meados de 1956, apresentando uma configuração diferente da actual, ressaltando o facto de a Aula Magna estar, então, prevista para uma lotação apenas excedendo os 800 lugares, em vez dos actuais mais de 1500, e os seus corpos laterais apenas se limitarem ao r/chão.

O Prof. Victor Hugo de Lemos, na sua qualidade de Reitor, convocou o arquitecto António Pardal Monteiro, na qualidade de colaborador principal do falecido arquitecto Porfírio Pardal Monteiro, para uma reunião em que lhe deu conta das observações que o projecto apresentado para o edifício da Reitoria lhe suscitava, entre as quais avolumava o facto de considerar a lotação prevista para a Aula Magna extremamente exígua, propondo o seu aumento para 1800 lugares, mas considerando-se a possibilidade da sua subdivisão, para as situações em que aquela lotação se revelasse excessiva.

Com base nestes novos dados programáticos foram elaborados estudos que só não prosseguiram por entretanto ter ocorrido o falecimento do Reitor.

Com a tomada de posse do Prof. Marcelo Caetano, o prosseguimento dos estudos do projecto do edifício para a Reitoria foi retomado, tendo aquele professor reformulado o programa das instalações que, contemplando as aspirações do seu antecessor, lhes acrescentava um novo conjunto de instalações entre as quais as destinadas ao próprio Reitor, englobando, basicamente, o seu gabinete, salas de visitas e de espera e uma sala de refeições privativa, bem como a criação de um novo anfiteatro destinado a actos grandes, com lotação para cerca de 200 pessoas, este último como alternativa à hipótese de subdivisão da Aula Magna.

Estes acréscimos ao programa antecedente reflectiram-se num aumento do volume da construção que, traduzindo-se por uma forte presença da Aula Magna, permitiram, também, a criação de novos pisos nos corpos laterais.

Relativamente à concepção inicial, da autoria de Porfírio Pardal Monteiro, manteve-se o partido geral e, integralmente, a fachada do edifício sobre a Praça da Universidade. Todos os corpos situados para além

desta fachada foram totalmente remodelados assumindo dimensões francamente superiores ao primitivamente gizado,

O novo projecto, da total responsabilidade de António Pardal Monteiro, foi desenvolvido com bastante celeridade, graças a um diálogo eficaz e constante estabelecido entre o arquitecto e o Reitor.

Dada a iniludível representatividade que se pretendia atribuir ao edifício, foi, por sugestão do arquitecto, integrado na equipa projectista o "designer" Daciano Costa, passando a ser sua incumbência o arranjo interior das dependências de maior importância.

O edifício foi inaugurado em 1961.